

Talitta Tatiane Martins Freitas

Organizadora



São Paulo-SP

2014

GT Nacional de História Cultural
Universidade de São Paulo - USP

Caderno de Resumos

VII Simpósio Nacional de História Cultural
História Cultural: Escritas, Circulação, Leituras e
Recepções

De 10 a 14 de Novembro de 2014

São Paulo-SP

2014

FREITAS, Talitta Tatiane Martins. (Org). **Caderno de Resumos - VII**
Simpósio Nacional de História Cultural: *História Cultural: Escritas,*
Circulação, Leituras e Recepções, São Paulo, de 10 a 14 de novembro de
2014, Universidade de São Paulo. 631p.

ISBN: 978-85-67476-08-7

VII Simpósio Nacional de História Cultural

GT Nacional de História Cultural

Coordenadora Geral

Prof.a Dr.a Rosangela Patriota Ramos

Comitê Científico

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos

Prof. Dr. Antonio Herculano Lopes

Prof.a Dr.a Maria Izilda S. de Matos

Prof.a Dr.a Monica Pimenta Velloso

Prof.a Dr.a Nádia Maria Weber Santos

Prof.a Dr.a Rosangela Patriota

Prof.a Dr.a Sandra Jatahy Pesavento (in memoriam)

Comissão Organizadora da Universidade de São Paulo - USP

Prof. Dr. Marcos Antonio da Silva (USP) - Coord. da Comissão

Organizadora Local

Prof. Dr. Maurício Cardoso

Prof. Dr. José Antonio Vasconcelos

Prof. Dr. Marcelo Candido da Silva

Prof.^a Dr.^a Sylvia Bassetto

Secretaria Executiva

Prof.a Ms. Talitta Tatiane Martins Freitas

Apoio

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa

Sumário

| | |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO..... | 07 |
| PROGRAMAÇÃO GERAL..... | 09 |
| CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS..... | 10 |
| SALAS IMPÓSIOS TEMÁTICOS | 13 |
| SIMPÓSIOS TEMÁTICOS – PROGRAMAÇÃO..... | 18 |
| PÔSTERES DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PROGRAMAÇÃO..... | 132 |
| RESUMOS | |
| SIMPÓSIOS TEMÁTICOS..... | 139 |
| PÔSTERES DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA..... | 612 |

Apresentação

Se em encontros anteriores temas como Sensibilidades, Sociabilidades, Imagens, Linguagens, Representações, Paisagens e/ou as Escritas da História foram os eixos norteadores, nessa sétima edição, o Simpósio Nacional de História Cultural, por decisão do Comitê Científico do GT, se propõe a esquadrihar, de maneira aprofundada, uma temática de grande interesse para os historiadores, a saber: **HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES.**

Esse tema central permite muitas possibilidades de trabalho que poderão ser contempladas pelos proponentes e participantes dos Simpósios Temáticos, a saber: História do Livro, História da Leitura, Estética da Recepção, Livrarias e Círculos de Leitura (circulação dos livros), História de Editoras e/ou Biografias de Editores, etc. Vale à pena destacar que essa temática norteadora não está limitada a uma determinada temporalidade, ou seja, pesquisadores de História Antiga, Medieval, Moderna, contemporânea ou de História do Tempo Presente poderão ser incorporados às atividades dos Simpósios Temáticos. Por outro lado, embora os livros sejam a nossa preocupação mais importante, isso não elimina reflexões a respeito de outras formas de texto escrito ou de leitura desses textos. Em outros termos: os participantes dos Simpósios Temáticos poderão falar de suas pesquisas sobre Revistas, Jornais, Obras científicas e/ou literárias, Histórias em Quadrinhos, Folhetos de Cordel, Panfletos, etc. Por fim, até mesmo as Imagens (Pictóricas, Fotográficas, Cinematográficas, etc) fazem parte das preocupações centrais do VII Simpósio Nacional de História Cultural, na medida em que elas (as Imagens) também podem ser pensadas a partir dos eixos da circulação, leitura e recepção.

Com efeito, os problemas centrais VII Simpósio oferecem a oportunidade para refletir acerca das diferentes maneiras de produzir, fazer circular, ler, receber e apropriar-se de textos e imagens, seja no âmbito propriamente teórico, num diálogo com ideias e conceitos que tem ampliado, nas últimas décadas, os horizontes investigativos e de pesquisa

do Historiador Cultural, seja em sintonia com os temas e objetos privilegiados pelos historiadores que se voltam para esse campo. Em suma: o propósito do VII Simpósio Nacional de História Cultural é o de enfrentar tanto desafios teóricos e interpretativos, quanto analisar procedimentos e práticas atinentes ao ofício do historiador que se volta para a História Cultural.

Por fim, cabe esclarecer: o VII Simpósio organiza-se, à semelhança das edições anteriores, em torno de Conferências, Mesas Redondas, Simpósios Temáticos e apresentação de painéis de Iniciação Científica. Com isso, o Comitê Científico do GT e a Comissão Organizadora Local pretendem oferecer as condições básicas para que pesquisadores diversos e em momentos diferentes de suas formações possam se encontrar e debater de maneira produtiva suas propostas e ideias.

Comissão Organizadora

Programação Geral

| | | Segunda 10/11/2014 | Terça 11/11/2014 | Quarta 12/11/2014 | Quinta 13/11/2014 | Sexta 14/11/2014 |
|----------------------------------|----------------------|---|-------------------------|---|--|--|
| Manhã 9:00 às 12:00 hs | | | Simpósio Temático | Simpósio Temático | Simpósio Temático | Simpósio Temático |
| Tarde | 14:00 às 16:00 hs | Credenciamento | Mesa Redonda 01 | Mesa Redonda 03 | Painel de Iniciação Científica | Painel de Iniciação Científica |
| | | | | Mesa Redonda 04 | | |
| Tarde | 16:30 às 18:30 hs | Credenciamento | Mesa Redonda 02 | Mesa Redonda 05 | Mesa Redonda 07 | Mesa Redonda 08 |
| | | | | Mesa Redonda 06 | Reunião do GT de História Cultural (das 16:30 às 17:30 hs) | |
| Noite | 19:00 às 20:00 hs | Cerimônia de Abertura e Prêmio Sandra Jatahy Pesavento em História Cultural | Programação Cultural | Lançamento de Livros (Até as 20:30) | Exibição do Documentário | Conferência de Encerramento |
| | 20:00 às 21:00 hs | Conferência de Abertura | | | | Prêmio Destques Iniciação Científica e Encerramento |

Conferências Mesas Redondas

CONFERÊNCIAS

ABERTURA: (Dia 10/11/2014 - Horário: 20:00 às 21:00 hs)

Sociologia da Cultura e História Intelectual: Vias Divergentes?

Prof.^a Dr.^a Maria Arminda do Nascimento Arruda - USP

(**Local:** Anfiteatro - História e Geografia. Av. Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

ENCERRAMENTO: (Dia 14/11/2014 - Horário: 19:00 às 20:00 hs)

Prof.^a Dr.^a Maria Izilda Santos Matos - PUC-SP

(**Local:** Anfiteatro - História e Geografia. Av. Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

MESAS-REDONDAS

MESA 01: (Dia 11/11/2014 - Horário: 14:00 às 16:00 hs)

(**Local:** Anfiteatro - História e Geografia. Av. Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

A Leitura como Prática Social e Exercícios de Representação

Prof.^a Dr.^a Chiara Vangelista - UNIGE

Prof.^a Dr.^a Esmeraldo Blanco - USP

Prof. Dr. Antonio Herculano Lopes - FCRB

MESA 02: (Dia 11/11/2014 - Horário: 16:30 às 18:30 hs)

(**Local:** Anfiteatro - História e Geografia. Av. Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

Informar, Divulgar e Circular - Jornais, Semanários, Suplementos Literários e Culturais

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Costa - UFMT

Prof^a. Dr^a. Cléria Botelho da Costa - UNB

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Ugarte - UFAM

MESA 03: (Dia 12/11/2014 - Horário: 14:00 às 16:00 hs)

(**Local:** Anfiteatro - História e Geografia. Av. Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

Interpretar o Passado, Recriar Sensibilidades: Memórias, Memorialistas e Histórias de Si

Prof. Dr. Jacques Leenhardt - EHESS

Prof^a. Dr^a. Nádia Maria Weber Santos - UnilaSalle

Prof^a. Dr^a. Mônica Pimenta Velloso - FCRB

MESA 04: (Dia 12/11/2014 - Horário: 14:00 às 16:00 hs)

(**Local:** Auditório do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, na Rua da Reitoria, 160, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

História e Quadrinhos: Leituras Risíveis do Real

Prof. Dr. Marcos Antonio da Silva - USP

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Arruda - UFRN

Prof. Dr. Gilberto Maringoni - UNIFESP

MESA 05: (Dia 12/11/2014 - Horário: 16:30 às 18:30 hs)

(**Local:** Auditório do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, na Rua da Reitoria, 160, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

Lendo Imagens: produção e recepção da imagem pictórica e filmica

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos - UFU

Prof^a. Dr^a. Irene Vaquinhas - Univ. de Coimbra

Prof. Dr. Edgard Vidal - CNRS

MESA 06: (Dia 12/11/2014 - Horário: 16:30 às 18:30 hs)

(**Local:** Anfiteatro - História e Geografia. Av. Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

A Leitura como Prática Social e Exercícios de Representação

Prof. Dr. Júlio Pimentel - USP

Prof^a. Dr^a. Angela Grillo - UFRPE

Prof^a. Dr^a. Verónica Sierra Blas - Univ. de Alcalá

MESA 07: (Dia 13/11/2014 - Horário: 16:30 às 18:30 hs)

(**Local:** Anfiteatro - História e Geografia. Av. Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

Estética da Recepção/História da Leitura: questões teóricas

Prof. Dr. José Antonio Vasconcelos - USP

Prof. Dr. Durval Muniz Albuquerque Jr. - UFRN

Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta - UFMG

MESA 08: (Dia 14/11/2014 - Horário: 16:30 às 18:30 hs)

(**Local:** Anfiteatro - História e Geografia. Av. Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP)

Disseminando Ideias: Editoras, Editores e Formas de Circulação do Conhecimento

Prof. Dr. Antonio Castillo - Univ. de Alcalá

Prof^a. Dr^a. Rosângela Patriota - UFU

Prof. Dr. Anibal Bragança - UFF

Salas
Simpósios Temáticos

| | |
|-------------|---|
| Simpósio 02 | Sala 10 (Geografia e História) |
| Simpósio 03 | 12/11 - Poli - Engenharia Civil Sala T-42 13/11 - Poli - Engenharia Civil Sala T-42 14/11 - ECA - Sala 16 - Prédio do Departamento de Relações Públicas, propaganda e Turismo - CRP |
| Simpósio 04 | Sala 12 (Geografia e História) |
| Simpósio 05 | Sala 16 (Geografia e História) |
| Simpósio 06 | ECA - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo - CRP - Sala 21 |
| Simpósio 08 | ECA - Prédio da Música 11/11 - Sala 09 12/11 - Sala 12 13/11 - ECA - Prédio do Departamento de Relações Públicas - Sala 20 |
| Simpósio 09 | Sala "Caio Prado" (Geografia e História) |
| Simpósio 10 | 12/11 - Poli - Engenharia Civil - Sala T-09 13/11 - Poli - Engenharia Civil - Sala T-09 14/11 - ECA - Sala 09 - Departamento de Música |
| Simpósio 11 | Poli - Engenharia Civil - sala S/18 |
| Simpósio 12 | Sala "Edgard Carone" (Geografia e História) |
| Simpósio 13 | Sala 07 (Geografia e História) |
| Simpósio 14 | Sala Ilana Blaj (Geografia e História) |
| Simpósio 15 | Poli - Engenharia Civil - Sala s/20 |
| Simpósio 16 | Faculdade de Educação 11/11 - Sala 108 - Bloco B Superior Ala A 12/11 - Sala 120 - Bloco B Superior Ala B e C 13/11 - Sala 108 - Bloco B Superior Ala A |
| Simpósio 17 | Poli - Engenharia Civil - Sala s/21 |
| Simpósio 18 | Faculdade de Educação 11/11 - Sala 110 - Bloco B Superior Ala A 12/11 - Sala 124 - Bloco B Superior Ala A e B |

13/11 - Sala 110 - Bloco B Superior Ala A

| | |
|-------------|---|
| Simpósio 19 | 11/11 - Faculdade de Educação - sala 104 - Bloco B Superior Ala A - 12/11 - Poli - Engenharia Civil - sala s/24 13/11 - Poli - Engenharia Civil - sala T-40 |
| Simpósio 21 | Sala "Nelson Werneck Sodré" (Geografia e História) |
| Simpósio 22 | Sala Reinaldo Xavier Carneiro" (Geografia e História) |
| Simpósio 23 | Sala 06 (Geografia e História) |
| Simpósio 25 | Sala de Reunião da ANPUH (Geografia e História) |
| Simpósio 26 | Sala 08 da Geografia - (Bloco: Geografia e História) |
| Simpósio 28 | Sala do LEMAD (Bloco: História) |
| Simpósio 29 | Sala de Reunião Casa de Cultura Japonesa |
| Simpósio 30 | 11/11 - ECA - Prédio da Administração - Sala 201 - 2º Andar - Ala A 12/11 - ECA - Prédio da Administração - Sala 202 - 2º Andar - Ala A 13/11 - ECA - Prédio do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo - CRP - Sala 30 |
| Simpósio 31 | 11/11 - 13/11 - 14/11 - Ciências Sociais sala 109 12/11 - Ciências Sociais - sala 110 |
| Simpósio 34 | Colmeia - CRUSP - Sala 13B |
| Simpósio 35 | 11/11 - Faculdade de Educação - Sala 103 - Bloco B - Superior Ala A 12/11 - ECA - Prédio da Administração - Sala 204 - 2º Andar - Ala A 13/11 - Faculdade de Educação - Sala 121 - Ala B |
| Simpósio 36 | Sala "Joaquim Barradas de Carvalho" |
| Simpósio 38 | Sala 19 (sala pequena) |
| Simpósio 39 | ECA - Prédio do Departamento de Relações Públicas, Propagandas e Turismo - Sala 20 |
| Simpósio 40 | CINUSP |
| Simpósio 42 | Sala 21 (sala pequena) |

| | |
|--|---|
| Simpósio 43 | 11/11 - Faculdade de Educação - sala 109 - Bloco B Superior Ala A 12/11, 13/11 e 14/11 - MAC - Sala de Reuniões - Gabinete de Papel |
| Simpósio 45 | Sala Cátedra Jaime Cortesão (Bloco: História e Geografia) |
| Simpósio 46 | Sala IRI (2º Andar) |
| Simpósio 49 | Sala de Vídeo (História) |
| Simpósio 50 | Sala do Instituto Oceanográfico |
| Simpósio 51 (na quinta-feira o simpósio precisa acabar as 11h30, pois haverá atividade do <i>Diversitas</i> na sequência) | Sala de Reunião do Núcleo <i>Diversitas</i> (subsolo) |
| Simpósio 52 | 11/11 e 12/11 - IAG - Auditório 1 13/11 - IAG - Auditório 2 |
| Simpósio 53 | Sala de estudos do CAPH (História e Geografia) |
| Simpósio 54 | 11/11 - Faculdade de Educação - sala 107 - Bloco B Superior Ala A 12/11 - Auditório do MAC 13/11 - Faculdade de Educação - sala 123 Ala B |

Endereços

Casa de Cultura Japonesa: Avenida Lineu Prestes, 159.

CINUSP - Rua do Anfiteatro, 181 - Colmeia - Favo 4 - Crusp.

Colmeia - CRUSP: Rua do Anfiteatro, 181.

ECA - Escola de Comunicações e Artes: Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443.

Faculdade de Educação: Av. da Universidade, 308.

Geografia e História: Avenida Professor Lineu Prestes, 338

IAG - Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas: Rua do Matão, 1226.

Instituto Oceanográfico: Praça do Oceanográfico, 191.

IRI - Instituto de Relações Internacionais: Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, s/n, travessas 4 e 5.

Letras, Filosofia e Ciências Sociais: Avenida Professor Luciano Gualberto, 403 / 315.

Poli - Engenharia Civil: Escola Politécnica da USP - Av. Prof. Luciano Gualberto, travessa 3 n° 380.

MAC - Museu de Arte Contemporânea: Rua da Reitoria, 160.

Simpósios Temáticos

Programação

IMPrensa E LITERATURA: APROPRIAÇÕES E LUTAS COTIDIANAS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 02

Coordenadores
Ana Gomes Porto - Unicamp
Daniela Magalhães da Silveira - UFU

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

José de Alencar e Machado de Assis

1ª sessão:

Dayana Façanha

Ruína e nostalgia: o enredo de O tronco do ipê, de José de Alencar, e os debates em torno da emancipação escrava entre 1870 e 1871

Raquel Campos

A unidade pelo nome próprio: crítica e sátira do Romantismo em Machado de Assis

Priscila Salvaia

O folhetim em meio ao jornal: algumas observações sobre as possibilidades de recepção do romance Helena (1876), de Machado de Assis, através das páginas do Globo

2ª sessão:

Daniele Maria Megid

De Botafogo à Tijuca: sobrevivência e autonomia feminina nas Várias Histórias de Machado de Assis

Ana Paula Cardozo de Souza

Singular amor: imprensa, polícia e homossexualidade em crônicas machadianas

Daniela Magalhães da Silveira

Os "telegramas" dos jornais oitocentistas: Machado de Assis e a pouca confiabilidade da imprensa sua contemporânea

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Imprensa, recepção e crítica

1ª sessão:

Rafaela Gomes Lima

O livro nos jornais: a recepção de obras literárias na imprensa de Fortaleza (1890-1900)

Cláudia Adriana Alves Caldeira

Justiniano José da Rocha e o exercício da crítica literária e teatral (1833-1837)

Adriana Dusilek

Ridendo Castigat Mores: O propósito da crítica literária às avessas na Semana Ilustrada

2ª sessão:

Jeferson Cano

Literatura e política na imprensa do Rio de Janeiro no final do século XIX

Jean Bastardis

O plágio como dispositivo de atribuição estética na literatura brasileira oitocentista

Orna Messer Levin

O teatro nos folhetins da imprensa fluminense: reações e apropriações da opereta francesa

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Circulação de impressos

1ª sessão:

Anderson Francisco Ribeiro

Revistas eróticas e pornográficas na ditadura militar: a afirmação das identidades do homem moderno

Ana Lorym Soares

Produção, circulação e recepção da “literatura espírita” no Brasil - anos 1930-1940

Maria Angélica Zubarán

Narrativas étnico-raciais e de gênero na campanha ao monumento da “Mãe Preta”: pedagogias da imprensa negra (O Exemplo - 1920)

2ª sessão:

Alina Vitor Ribeiro

Pai Tomás e Tom Brasileiro: Circulação e tradução Cultural de A Cabana do pai Tomás no Brasil na segunda metade do século XIX

Ana Gomes Porto

Emile Gaboriau, os homens de letras e os editores (França-Brasil, décadas de 1860 e 1870)

Márcia Azevedo de Abreu

A leitura de romances no contexto da circulação transatlântica dos impressos

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Espaços jornalísticos

1ª sessão:

Patrícia Trindade Trizotti

O rez-de-chaussée no jornal: notas de pesquisa

Lígia Cristina Machado

Julia Lopes de Almeida folhetinista: “A família Medeiros” nas páginas da Gazeta de Notícias

Bruna Grasiela da Silva Rondinelli

As “Publicações à Pedido” nos Periódicos do Rio de Janeiro: opiniões e manifestações dos espectadores teatrais

2ª sessão:

Danilo Wenseslau Ferrari

Uma reportagem contra Vargas: a análise da entrevista entre Joel Silveira e Monteiro Lobato

Josilene Silva Campos

Anticolonialismo, literatura e imprensa em Moçambique

Jussara França de Azevedo

O Periódico O Industrial na Luta pela Indústria Fabril no Império do Brasil 1881-1882

HISTÓRIA DA POLÍCIA, DO CRIME E DA JUSTIÇA CRIMINAL

SIMPÓSIO TEMÁTICO 03

Coordenadores
Andre Rosenberg - USP
Marcos Luiz Bretas - UFRJ

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

André Luís de Almeida Patrasso

A cultura do crime e as perspectivas científicas da polícia carioca em princípios do século XX

André Rosemberg

Da "finta ao comércio" ao QSA: uma história cultural do abuso da farda

Cassi Ladi Reis Coutinho

Ocorrências policiais: a perseguição aos ciganos na República

Lis de Araújo Meira

Técnicas e simbologias no processo de recrutamento militar na Paraíba Oitocentista (1840-1860)

Antonio Henrique Ferreira da Silva

A relação dos juristas e a sociedade através da Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife (RAFDR)

Deivy Ferreira Carneiro

Norbert Elias e a História da Violência no Brasil

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Angela Teixeira Artur

Relatos sobre a presença de mulheres nos cárceres brasileiros: a primeira metade do século XX

Maíra Ines Vendrame

O poder na aldeia: práticas de justiça entre os imigrantes italianos da ex-Colônia Silveira Martins, RS

Nayara Elisa de Moraes Aguiar

Debatendo o “mal necessário”: os discursos científicos acerca da prostituição e sua influência sobre a prática policial na cidade de Curitiba (1928-1937)

Vanuza Souza Silva

A arte de andar nas ruas: as mulheres e as práticas criminosas em Campina Grande-PB

Mônica Maria Lopes Lage

Sedução, amor e violência nos seringais do Amazonas

Sandra Izabele de Souza

Civilizando o amor: o namoro e as normas higiênicas ao casamento na cidade do Recife (1900-1912)

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Felipe Santos Magalhães

Arlindo Pimenta: o Rei do Crime

Gisele da Silva Rezk

Os mágicos do amor

Jordan Luiz Menezes Gonçalves

“O Poderoso Chefão” da Baixada Fluminense - A cobertura da “sucessão” política/violência da Baixada Fluminense

Marília Rodrigues de Oliveira

Entre Sherlock e Reiss: as personagens do romance judiciário e os saberes da polícia científica na obra de Elysio de Carvalho

André Jacques Martins Monteiro

A violência na imagem de um lugar: o crime nas narrativas do passado

Diego A. Galeano

O teatro do dinheiro: vigaristas e falsários no Brasil, 1900-1930

REPÚBLICA: HISTÓRIA CULTURAL E NARRATIVAS VISUAIS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 04

Coordenadores
Andrea Casa Nova Maia - IFCS-UFRJ
Silvana Seabra Hooper - Mackenzie

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Denise Adôrno de Britto Guimarães

A cidade do samba - paisagem musical e construção imaginária da cidade do Rio de Janeiro de 1930 a 1945

Ingrid Hötte Ambrogi

A Cidade e a Escola: uma leitura dos edifícios escolares como marcos do crescimento da cidade de São Paulo. (1889-1949)

Luciana Verônica Silva Moreira

Subúrbios e suburbanos de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro no início do século XX: da identificação à negação

Maurício Silva

Título da Comunicação: Vestígios da estética art nouveau na imprensa brasileira pré-modernista

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Marcelo Gonçalves Ramos

Avante, soldados: para trás, o avesso da retirada. O Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados e o texto de Deonísio da Silva

Izabelle Lúcia de Oliveira Barbosa

Do Divórcio ao Desquite: Um estudo sobre as relações de gênero no Recife entre os anos 1926-1937

Rennan Pinto de Oliveira

Entre fotos e notícias: formas de celebrar Senhora Sant'Ana a Excelsa Padroeira

Vaner Sílvia Soler Bianchi

A importância da imagem para os estudos de História Cultural

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Pedro Krause Ribeiro

Raul Pederneiras beletrista e a cidade moderna: uma análise dos seus contos e dos livros Nós pelas costas (1930) e Musa Travessa (1936)

Rogério Souza Silva

Política e costumes na obra humorística de Raul Pederneiras

Thiago Herzog

O teatro brasileiro em panorama: a história e o teatro em Panorama do teatro brasileiro

Veruschka de Sales Azevedo

A Baronesa e seu Diário: A recepção do 1º Cinema nas “terras do Café” 1889-1930

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Wagner Pinheiro Pereira

“Getúlio Vargas em cena: as representações do regime varguista no cinema brasileiro (1930 - 2014)”

Ana Carolina de Moura Delfim Maciel

“Catarina, Ina, China”, considerações sobre uma experiência audiovisual”

Cecilia Nuria Gil Marino

Identidades "for export". Clichés nacionais, latinos e pan-americanos na conformação de um mercado regional para a indústria do cinema argentina e brasileira dos anos trinta e quarenta

Andrea Casa Nova

Os trabalhadores, a República e a Imprensa Ilustrada: representações nas revistas ilustradas da Belle Époque carioca

**GÊNERO, CULTURA E ESPAÇOS SOCIAIS: AS
FEMINILIDADES, AS MASCULINIDADES E AS
(RE)DEFINIÇÕES DE ESPAÇOS SOCIAIS**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 05

Coordenadores
Rosemeri Moreira - UNICENTRO
Andréa Mazurok Schactae - UEPG/NEG-UFPR/FAFIT

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Alcileide Cabral do Nascimento

Movimentos Feministas em Pernambuco: imprensa, cultura política e cidadania (1927 - 1932)

Helisangela Maria Andrade Ferreira

“Nem a mulher boneca, nem a mulher soldado”: a inclusão das mulheres pernambucanas no movimento de extrema Direita na década de 1930

Bianca Sotero de Menezes

As mulheres e o Movimento Abolicionista no Amazonas provincial

Morgani Guzzo

Luta e conquista de espaço e representatividade: uma análise da atuação do Movimento de Mulheres da Primavera, de Guarapuava-PR

Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik

Virginia Woolf e a autoria feminista na constituição de subjetividades modernas

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira

Gênero em revista: ilustrando masculinidades

Rosemeri Moreira

O gênero do crime: masculinidade e violência

Patrícia Carla Mucelin

Corpos sensuais: uma análise dos anúncios de Lycra nas revistas Nova Cosmopolitan e Playboy de 1978

Jorge Luiz Zaluski

Rosemeri Moreira

De Noivas à Gestoras Sociais: a formação de meninas para o lar e a harmonia da sociedade guarapuava na década de 1980

Bruno Sanches Mariante da Silva

Maternidade e papéis sociais femininos em Londrina - PR (1933 - 1968)

Raquel da Silva Guedes

José Valmi Oliveira Torres

"Você vai prestar vestibular para engenharia?" a participação feminina na Escola Politécnica da Paraíba (1952-1974)

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Cristiane de Assis Portela

Contextos de violência na construção da nova Capital: ocorrências policiais registradas por mulheres em Brasília nos anos de 1957 e 1958

Fernanda Arno

Relações de gênero e de poder: uma análise sobre Chapecó a partir de inquéritos policiais (1970-1980)

Andréa Mazurok Schactae

Vestir a Farda: a Constituição de um Espaço para o Feminino na Polícia Militar do Estado do Paraná (1977-2000)

Antonio Emilio Morga

Mundo do Seringal: masculinidade e violência

Michelle Silva Borges
Rosana de Jesus dos Santos
Os álibis para a violência de gênero

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Margarete Almeida Nepomuceno
Os vestidos de Laerte: A estética da resistência por outra ética da existência

Mirtes de Moraes
Histórias Veladas

Simone Aparecida Dupla
Quem irá arar minha vulva?: Religiosidade e erotismo na literatura mesopotâmica

Jaqueline Gonçalves Araújo
Ciberfeminismos e discursos históricos

Marcela Boni Evangelista
O aborto dos homens: limites da participação masculina na decisão sobre o aborto voluntário

O LUGAR DO OUTRO: CULTURA E CLASSES POPULARES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

SIMPÓSIO TEMÁTICO 06

Coordenadores
Antônio Clarindo Barbosa de Souza - UFCG
Luiz Felipe Falcão - UDESC

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Bruno Nery do Nascimento

Mulheres recifenses em suas relações com médicos, educadores e poder público no governo Sérgio Loreto (1922 - 1926)

Caroline de Souza Rodrigues

Entre sátiras e lascívia: devassando as zonas devassadas de Manaus (1901-1920)

Keila Nascimento Alves

Na festa e depois da festa: “mulheres de vida livre” em momentos de lazer na cidade de Jacobina- BA (1933-1934)

Laiana Lindozo Barros Cutrim

“Mulheres que dão no couro”: as caixeiras do Divino e o papel da mulher nos festejos ao Divino Espírito Santo na cidade de São Luís - MA

Magno de Oliveira Cruz

(Re)Construindo uma cidade: experiências urbanas em Feira de Santana/BA nas primeiras décadas do século XX

Erichsen Fernandes Sabóia Izídio

Ritmos variados. Moralidade convencional e controle social: os populares fortalezenses e os discursos reguladores, 1937-1945

Heloisa de Faria Cruz

Comunicação Popular como espaço de construção de identidade social: movimentos sociais e populares de São Paulo 1970/1990

Leicy Francisca da Silva

Refúgio dos rejeitados? A lepra e o leproso da cidade de Anápolis-Goiás nas imagens dos jornais e revistas locais

Rosana Maria dos Santos

Reflexões sobre o carnaval do Recife (1972 - 1979)

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Carlos Alberto Cortez Minchillo

Corpo, mente, discurso: descentramento identitário e refiguração social na ficção de André Sant'Anna

João Augusto Neves

Cultura digital e periferia: Sentimentos e subjetividades das classes populares no “funk ostentação” e no ciberespaço

José Maria Vieira de Andrade

Cidadania e questões raciais na produção intelectual de Clovis Moura

Luiz Carlos do Carmo

Práticas sócio culturais: estratégias educacionais, leituras políticas e a construção de uma sociedade

Caroline Trapp de Queiroz

Educação e infância nas narrativas radiofônicas de Walter Benjamin

Silvana Bagno

Memórias e Narrativas de moradores de uma favela carioca e sua representação no imaginário social

Venize Nazaré Ramos Rodrigues

Ser vaqueiro no Marajó: ofício, épica e ancestralidade

Marina Simões Galvanese

As construções discursivas acerca do lugar do emigrante no Portugal do pós-Segunda Guerra Mundial (1947-1974)

Jocimara Rodrigues de Sousa

Mídia, Cultura Periférica e a Nova Agenda Cultural

Luiz Felipe Falcão

Alguns temas sobre memória, História Oral e resistência à ditadura brasileira

USOS DA CORRESPONDÊNCIA COMO FONTE HISTÓRICA

SIMPÓSIO TEMÁTICO 08

Coordenadores
Beatriz Polidori Zechlinski - UFPR
Carla Rodrigues Gastaud - UFPel

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Luiz César de Sá Júnior

O epistolário de Damião de Góis do ponto de vista de suas técnicas retóricas

Bruna Dutra de Oliveira Soalheiro Cruz

As cartas jesuítas e os usos da correspondência como fonte histórica: prudentia, iudicium e crítica documental

Beatriz Polidori Zechlinski

A correspondência entre homens e mulheres de letras na França, no século XVII

Anadir dos Reis Miranda

Fontes epistolares e a análise das amizades e das trocas intelectuais que conformaram o Iluminismo na Inglaterra

Jamaira Jurich Pillati

Cartas avulsas ao Senhor Bispo de Beja: aspectos do projeto pedagógico português do século XVIII na escrita epistolar de letrados

Patrícia Aparecida Guimarães de Souza

Retratos femininos nas missivas de um poeta: as mulheres nas cartas de Álvares de Azevedo

Renata Rufino da Silva

Disputa de projetos modernistas: a troca de cartas entre Sérgio Milliet e Mário de Andrade

Marcio Roberto Pereira

Biografias oblíquas: a correspondência entre Jorge de Sena e Vergílio Ferreira — (1950-1975)

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Carla Rodrigues Gastaud

Práticas epistolares e cultura escrita

Cristiéle Santos de Souza

Escritas, guardados e memórias: um estudo dos Copiadores de Cartas de Dom Joaquim Ferreira de Mello

Carina Mirelli Dias

Madre Basilea Schlink: discipulado cristão através das cartas destinadas a Irmandade Evangélica de Maria

Eliane Marta Teixeira Lopes

Maria Tereza Mendes de Castro

Não te esqueça da tua Constancinha...

Nelly de Freitas

Escrever para manter os laços: as correspondências dos imigrantes madeirenses em São Paulo

Paulo Fernando de Souza Campos

Cartas para Esther: história, sentimento e escrita epistolar (1910-1919)

Pâmela Cervelin Grassi

Tudo que ela “expoz” na carta é ela que sente: as relações amorosas nos recônditos femininos entre 1946 e 1952 em Caxias do Sul

Maristela Bleggi Tomasini

Minha Querida Lysia

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Debora Cristina Alexandre Bastos e Monteiro de Carvalho

Uso de correspondências e biografia: a pesquisa sobre D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho

Danielle Machado Cavalcante

Cartas para Portugal: fontes para a história da Bahia entre os anos de 1821 - 1824

Leonildo José Figueira

Observação, testemunho, descrição do Brasil em Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai, por Richard Francis Burton entre 1865 e 1868

Vítor Fonseca Figueiredo

Cartas na República: a utilização de correspondências nos estudos de história política do Brasil republicano (1889-1930)

Cícera Patrícia Alcântara Bezerra

Letras que (re)inventam um Ceará folclórico: A fundação da Comissão Cearense de Folclore nas correspondências de Renato Almeida, Henriqueta Galeno e Florival Seraine

Gustavo Tiengo Pontes

“Do presidente ao Marechal Stálin”: análise da correspondência trocada entre Franklin D. Roosevelt e Joseph Stálin entre 1941 e 1945

Camila Gonçalves Silva Figueiredo

Por onde andam os comunistas? O monitoramento do PCB através das correspondências do DOPS em Minas Gerais (1950-1970)

HISTÓRIA CULTURAL RUSSA: UM DESAFIO BRASILEIRO

SIMPÓSIO TEMÁTICO 09

Coordenadores
Bruno Barretto Gomide - USP
Sonia Branco Soares - UFRJ

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Arlete Cavaliere

Gênese da cultura russa contemporânea: pressupostos teóricos e estéticos

Anastassia Bytsenko

A pintura e a literatura russa do século XIX - início do XX

Giuliana Teixeira de Almeida

A Rússia oitocentista e a encruzilhada (auto)biográfica

Priscila Quintana

Evguéni I. Zamiátin e a Rússia dos séculos XIX e XX

Deise de Oliveira

Anna Akhmátova e a reconstrução do mito de Púchkin

Daniela Mountian

As cadernetas de Daniil Kharms

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Ana Carolina Huguenin Pereira

“Um prazer satânico”: volúpia e melancolia em Memórias do Subsolo e Memórias Póstumas de Brás Cubas

Tiago Guilherme Pinheiro

O demônio da literatura: Dostoiévski e Nietcháiev se encontram em The Master of Petersburg de J. M. Coetzee

Gabriel Salvi Philipson

Alguns aspectos do nietzschianismo russo a partir de uma interpretação de O Mestre e Margarida de M. Bulgákov

Anna Clara Versolato Razvickas

A figura humanista em Uma anedota desagradável, de Dostoiévski

Graziela Schneider Urso

Romance e história em Speak Memory, de Nabókov

Gabriela Soares da Silva

Moskvá-Petuchki: uma jornada em direção ao aniquilamento

Bruno Barretto Gomide

Dostoiévski na Rua do Ouvidor

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Erivoneide Marlene de Barros Pereira

Aleksandr Niévski de Serguei Eisenstein: uma cinecrônica

Fabiola Bastos Notari

A recepção do cinema de Serguei M. Eisenstein no Brasil: um estudo de caso, a VI Bienal de São Paulo (1961)

Neide Jallageas

Andrei Rublióv (o filme), ou Tarkóvski lendo a Rússia do Século XX

Thaiz Carvalho Senna

A nova mulher e os limites das representações femininas nos pôsteres de propaganda soviéticos (1917-1930)

Odomiro Barreiro Fonseca Filho

“A Questão Feminina”, uma bandeira do Nihilismo Russo e suas reverberações literárias

Mariana Inácio Reis

Gueroi rok-n-rolla - Uma breve história do rock russo no período soviético

Bárbara Pelissaro

O escudo de chumbo contra as letras do leste

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Rafael Ribeiro de Andrade

A Tolerância Religiosa no Império Russo como um Projeto Cultural Catarino

Lucas Ricardo Simone

Dmitri Likhatchov e a cultura da Rússia Antiga

Maria Petrova

As bruxas na obra de Nikolai Gógol: uma evolução da imagem folclórica

Edelcio Américo

A representação das capitais russas, do tema ao problema

Ekaterina Vólkova Américo

História e cultura na obra e Iúri Lotman

Priscila Nascimento Marques

Resenhas de L. S. Vygótski sobre dança: entre o clássico e o contemporâneo

**AGENCIAMENTOS DO PASSADO NO CAMPO
CINEMATOGRAFICO**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 10

Coordenadores
Carlos Eduardo Pinto de Pinto - PUC-Rio
Francisco das C. F. Santiago Júnior - UFRN

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Anna Lorena Morais Silva

Sob os holofotes: análise de cinejornais produzidos no contexto da construção de Brasília

Juliana Mastelini Moyses

Ana Carolina Ribeiro

O jornalismo à sombra dos acontecimentos: uma análise fílmica de Boca de Ouro

Cláudia Santos Duarte

Marinês Andrea Kunz

Quanto Vale ou é Por Quilo?: reflexões possíveis acerca da ficção e da História

Laércio Teodoro da Silva

Cinema (in)direto, Super 8 e cultura histórica no campo cinematográfico paraibano (1979-1986)

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Carlos Vinícius Silva dos Santos

O Cinema de Hollywood e a construção representacional da juventude

Érika Rachel Guimarães Soares Alves

A construção de um modelo de comportamento segundo os desenhos animados Disney: “Branca de Neve e Os Sete Anões” (1937) e “A Bela e a Fera” (1991)

Tiago Gomes da Silva

Taxi Driver: de Nova York à Nova Hollywood

Oscar José de Paula Neto

A dessintonia entre críticos de cinema e a chanchada: a negação de um gênero e a tentativa da criação de uma cultura cinematográfica na década de 1950

Jaison Castro Silva

Autonomia e cinema nacional: a V Rassegna e o cinema novo

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Francisca Kalidiany de Abrantes Lima

Tomando o passado como mito: O Cangaceiro e a invenção do Nordeste no cinema

Rodrigo Capistrano Carmurça

A cidade e o cinema: um olhar sobre Fortaleza

Carlos Eduardo Pinto de Pinto

Mais que alegoria: o passado em Os inconfidentes (1972)

Francisco das C. F. Santiago Júnior

A mobilização modernista: o passado como “utopia negra” em Quilombo

Renato Kleibson da Silva

A memória como uma ilha de edição, o narrador no cinema de Eduardo Coutinho: uma análise do documentário Cabra Marcado para Morrer

IMAGEM, FOTOGRAFIA E HISTÓRIA CULTURAL

SIMPÓSIO TEMÁTICO 11

Coordenadores
Charles Monteiro - PUC-RS
Solange Ferraz de Lima - MP-USP e FFLCH/USP)

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Mesa: Circulação de imagens e as representações do outro

Ivete Batista da Silva Almeida

O outro como espetáculo. Imagens da África e Amazônia na Revista O Cruzeiro - 1930-1950

Marlise Regina Meyrer

Paraíso e Inferno: a construção dos estereótipos da nação brasileira na mídia

Rafael Luis dos Santos Dall'olio

Representações da Paisagem Brasileira por lentes francesas: um estudo de caso

Eric Danzi Lemos

Representações fotográficas do Brasil na Feira Mundial de Nova York (1939-1940)

Mesa: Fotografia e seus usos políticos em movimentos sociais

Carlos Alberto Sampaio Barbosa

As fotomontagens de Josep Renau e sua atuação nas revistas Orto e Outubro na Espanha da década de 1930

Carolina Martins Etcheverry

Fotografias da Ditadura em livros didáticos: um estudo de memória e de cultura visual

Caroline Poletto

Um único dia, múltiplos traços: imagens do 1º de Maio na imprensa anarquista argentina e espanhola em princípios do século XX

Elson de Assis Rabelo

Os usos geopolíticos da imagem técnica: as intervenções no rio São Francisco na era do desenvolvimentismo autoritário

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Mesa: Fotografias e fotógrafos: percursos e sociabilidades

Camila Nascimento Azevedo

Colecionando Cartões-postais: Da Imagem Fotográfica à Escrita Epistolar

Déborah Rodrigues Borges

A prática do retrato em três momentos de popularização da fotografia no Brasil: cartão de visita, lambe-lambe e fotopintura

Frantieska Huszar Schneid

Francisca Ferreira Michelin

Vestindo memórias: a indumentária da noiva do século XX através de fotografias de casamento

Aryanny Thays da Silva

Prática fotográfica e sociabilidades: convivências e circuitos na fotografia de Alcir Lacerda

Fabiana Beltramim

Vincenzo Pastore no circuito do retrato em Potenza: Vestígios de uma prática fotográfica errante

Rogério Pereira de Arruda

Cultura fotográfica e itinerância em Minas Gerais no século XIX

Rafaella Sudário Ribeiro

Retratos de família: Usos e funções da fotografia e os regimes de visualidade da sociedade goiana (1889 - 1979)

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Mesa: Fotografias, acervos, coleções: do arquivo ao circuito das artes plásticas

Guilherme Talarico

O Acervo Alois Feichtenberger: estudo de caso sobre a preservação, inventário e difusão de acervos fotográficos e documentais

Maria Teresa Villela Bandeira de Mello

Fotografias de arquivo e cultura visual

Luísa Kuhl Brasil

O Barroco: fotografia e sobrevivências

Monique Ferreira dos Santos

Fotoclubismo, fotografia e arte nos Boletins dos Fotoclubes (1940-1960)

Paula Cabral Tacca

A fotografia expandida no Acervo Fotográfico do Museu de Arte Moderna de São Paulo

Rosana Horio Monteiro

Imagens médicas e a partilha do sensível

Mesa: Questões de método e teóricas

Ivo Canabarro

Fotógrafos historiadores

César Bastos de Mattos Vieira

Contribuição à metodologia de Boris Kossoy

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Mesa: Fotografia e imagens urbanas

Cecília de Sousa Reibnitz

Imagens de uma modernidade desejada para Florianópolis: fotografias nas páginas da revista Terra (1920-1921)

Higina Teixeira Marques

A cidade idealizada: Ribeirão Preto nos Álbuns, Revistas e Almanques

Luciana Cavalcanti Mendes

Diários fotográficos de bicicleta em Pernambuco: os irmãos Ulysses e Gilberto Freyre na documentação de cidades na década de 1920

Márcia Juliana Santos

Fotografia e cinema em “São Paulo de ontem, São Paulo de hoje”, do fotocinegrafista B. J. Duarte (1943)

Maria Clara Lysakowski Hallal

A construção da cidade moderna: imagens de Brasília na revista O Cruzeiro

Rosa Claudia Cerqueira Pereira

"Carimbos Fisionômicos Urbanos: produzidos por José Girard e Valério Vieira no início do século XX" Sonia Umburanas Balady

Vanessa Costa Ribeiro

O Parque Dom Pedro II pelas lentes de seus usuários (1920-1950)

Gutemberg Araújo de Medeiros

Teatralidade do espaço no fotojornalismo brasileiro: cidade e apagamento de papéis sociais na Primeira República

**PELO DIREITO À CIDADE: VIVER E SENTIR A HISTÓRIA E A
MEMÓRIA DOS ESPAÇOS URBANOS NO BRASIL
REPUBLICANO**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 12

Coordenadores

Claudia Cristina da Silva Fontineles - UFPI

Marcelo de Sousa Neto - UESPI

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Anna Carolina Vieira Cavalcante Medeiros

O LAZER DA FINA FLOR DA SOCIEDADE LUDOVICENSE: Um estudo sobre a sociabilidade das elites clubísticas no período da Belle Époque Tropical. (1889-1930)

Arrovani Luiz Fonseca

Os Últimos Acordes da Belle Époque: o Almanack Annuario de São Carlos, SP, 1928

Dayane Ponciano de Lima

Para “Salvar” o Mereto, Chamem o Bom Pastor

José Maria Almeida Neto

O reinventar das táticas e das estratégias no cotidiano dos sujeitos da cidade: um estudo sobre os usos da Praça de Pelotas (1880 -1920)

Juliana Pegoraro Kus

A cidade em disputa: entre leis, códigos, regulamentos e páginas do jornal em Ponta Grossa - PR no ano de 1914

Natália Maria da Conceição Oliveira

Entre o Sagrado e o Profano: A prostituição na rua Santo Antônio no século XX

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Daniela Reis de Moraes

A questão do policentrismo urbano: a cidade como espaço de disputas em Londrina-PR

Maria Dalva Fontenele Cerqueira

O TREM PEDE PASSAGEM: a ferrovia (re)criando paisagens na cidade de Parnaíba-PI

Marcelo Silva Cruz

O QUE A “GELEIA” GEROU NA CIDADE? Artistas atuantes nos festivais de música popular da cidade de Teresina (1970 e 1980)

Renato Mesquita Rodolfo

A instalação e expansão da Universidade Federal do Ceará entre o Benfica e a Gentilândia, disputas espaciais e mnemônicas (1956-1967)

Rodrigo de Oliveira Soares

“Goiânia: A cidade que você vê, é sim a cidade que você vive”

Tatiane Vieira da Silva

Nos embalos de domingo a noite: memórias e saudades dos Bailes do Palanque em Umbuzeiro - PB

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Bárbara Bruma Rocha do Nascimento

A. Tito Filho, o enamorado de Teresina: história, cidade e literatura na década de 1970

Laís Regina Casquel

Associação Feminina: As Relações de Poder e o Levante Comunista em Fernandópolis/SP (1949)

Claudia Cristina da Silva Fontineles

Teresina e as seduções do “Jorro Efetivo da Novidade” (década de 1970)

Thiago Venícios de Sousa Costa

Lima Barreto e os Robinsons suburbanos da Primeira República

Rebecca Guimarães Enke

Rio Grande: a cidade e a modernidade no final do século XIX e início do XX

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Marcelo de Sousa Neto

NASCE UM BAIRRO, RENASCE A ESPERANÇA, RESISTE A CIDADE: História e memória de moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde (Teresina-PI, décadas de 1970 e 1980)

Paulo Tiago Fontenele Cardoso

Nas Paredes e Fissuras da Memória: história, arquitetura e preservação em Piracuruca-PI

Pedro Pio Fontineles Filho

Nos traçados da escrita e da cidade: história, memória e cidade na narrativa de O. G. Rego de Carvalho

AS CIDADES NA HISTÓRIA: LITERATURA E CIÊNCIAS OU UMA INTERSECÇÃO DE SABERES NO MUNDO GLOBALIZADO

SIMPÓSIO TEMÁTICO 13

Coordenadores
Claudia Musa Fay - PUCRS
Vanessa Costa e Silva Schmitt - UNIVERSITÉ DE GENÈVE

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Anthony Beux Tessari

Lavoro e progresso: trabalhadores urbanos na visão da burguesia industrial da antiga região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (1896-1940)

Antonio de Ruggiero

Um olhar literário sobre a Porto Alegre dos imigrantes italianos

Claudia Musa Fay

De Lisboa ao Rio pelos ares: A travessia do Atlântico por Gago Coutinho e Sacadura Cabral

Cristina Helou Gomide

Rio Vermelho como referência cultural/patrimonial na Cidade de Goiás - uma discussão entre a literatura e as fontes impressas

Leonardo de Oliveira Conedera

Bernardino Frescura: a narrativa do geógrafo vêneta sobre o Rio de Janeiro

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Danielle Heberle Viegas

A cidade como um organismo doente, o Urbanismo como a cura: os usos do sanitarismo na busca pela construção de uma cidade metropolitana industrial no Sul do Brasil

Geneci Guimarães de Oliveira

As representações das cidades do Vale do Itajaí nas fontes literárias

Ronualdo da Silva Gualiume

Os cem anos da Praça Frei Capinzal, suas mudanças e permanências nas práticas de sociabilidades na cidade de Santo Antônio da Platina - PR

Haroldo Ceravolo Sereza

Arte erótica, ciência e histeria no naturalismo brasileiro

Juan Manuel Fernández

João do Rio em Buenos Aires, a Cidade Espelho do Gaúcho Histórico

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Janete da Rocha Machado

O veraneio de antigamente: Ipanema, tristeza e os contornos de um tempo passado na zona sul de Porto Alegre

Paula Joelsons

Amforp em Porto Alegre (1928 e 1959): multinacional norte-americana de energia elétrica

Vanessa Costa e Silva Schmitt

O lugar e o papel do hospital em Soeur Philomène (1861) dos irmãos Goncourt: instituição do patológico e clínica da miséria na Paris de 1860

Henrique Helms

A disseminação de doenças entre as grandes cidades

Eduardo José Silva Lima

O Corpo feminino e os limites sociais nas práticas esportivas

LITERATURA: DIMENSÕES IMAGÉTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 14

Coordenadores
Cléria Botelho da Costa - UnB
Sainy C. B. Veloso - UFG

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Evander Ruthieri S. da Silva

História e literatura: apontamentos teórico-metodológicos sobre a pesquisa histórica em fontes literárias

Ana Rita Santos Tabosa

O Romance Gótico e o cinema de horror: o que podem nos ensinar as imagens do medo

Anderson Galvão

O romance O Cortiço e a cultura popular no final do século XIX

Flavio Dantas Martins

Literatura dos Sertões do São Francisco: folclore, identidade e modernização nos escritores beiradeiros dos anos 1930

Gisele Pereira de Oliveira

A poetisa Educadora e o pacifista santo: convergências ideológicas e literárias entre Cecília Meireles e Mahatma Gandhi no pós-guerra

Sainy Coelho Borges Veloso

A imagética de Ulisses em José Emílio Burucúa. Performances desterritorializadas e migrações transnacionais contemporâneas

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Felipe Alves Paulo Cavalcanti

O negativo da memória: poesia e espacialização da memória em “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira

Davi Machado da Rocha

Imagens do suicídio em romances oitocentistas: Rio de Janeiro (1838-1900)

Liliane Carneiro dos Santos Ferreira

A imprensa e ópera italiana nos primeiros anos da República (Rio de Janeiro - 1889-1898)

Karina Helena Ramos

A revista Mensagem: Uma perspectiva política sobre o discurso literário angolano (1951-1952)

Rafaela Cobbe Dias

O tempo que se fragmenta, memórias que se distendem e a história que persiste

Iza Vanessa Pedroso Freitas Guimarães

Treze tiros: violência e crime em Clarice Lispector

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Priscila Kaufmann Corrêa

Escritas femininas: o diálogo de três escritoras de literatura infanto juvenil com as novas gerações

Tarine Castro de Oliveira

Dante Alighieri: a representação de mulher na obra Divina Comédia

Eliete Lucia Tiburski

A experiência de tempo em suas relações com a história e literatura no Brasil (1870-1930)

Poliana do Santos

História e subjetividade em contos machadianos

Maria Helenice Barroso

“Ceilândia, cidade em flor”: Imagens da cidade em Manoel Raimundo, um cordelista do DF

Eloísa Pereira Barroso

Mário de Andrade e Walter Benjamin: Paralelismos na compreensão da cidade moderna

Marina Procópio Rodrigues da Cunha
Representações da Guerra dos Mil Dias em Cem Anos de Solidão

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Daniel Eveling da Silva

A “Lenda negra” em Stendhal: uma leitura da representação contrária a Bonaparte

Maria Célia da Silva Gonçalves

Culto Mariano no noroeste de Minas: representações dos romeiros da festa de Nossa Senhora da Abadia do Andrequicé

Flávio Carreiro de Santana

Luire Freire Monteiro

A civilidade (n)do espaço doméstico brasileiro: indícios do “bem morar” no cotidiano privado oitocentista

Rilton Ferreira Borges

Émile Zola e as percepções do tempo em Germinal.

William Garcia dos Santos

A formação dos postulados da poesia concreta: uma análise de Lygia Fingers

Gilberto Gilvan Souza Oliveira

A escrita do tempo e o tempo da escrita N’O Quinze de Rachel de Queiroz.

**TENSÃO, SOCIABILIDADE E TRABALHO NO MUNDO
ESCRAVO**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 15

Coordenadores
Danilo Luiz Marques - PUC/SP
Paulo Marcelo Cambraia da Costa - PUC/SP

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Danilo Luiz Marques

Quilombo: a arte da memória negra sobre Palmares nas Alagoas Oitocentista

José Luiz Xavier Filho

Identidade negra no contexto pós-colonial: construção do sujeito negro

Diego Fernando Rodrigues Azorli

Orixás: Memória e Esquecimento

Juliana Resende Bonomo

A origem das quitandas mineiras: uma análise das influências portuguesas, negras e indígenas

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Yves Samara Santana de Jesus

Breve histórico sobre família escrava e sociabilidades na freguesia de São José das Itaporocas, Feira de Santana, (1785-1826)

Francisca Raquel da Costa

Expostos assim à privação e à miséria, tornar-se-ão um bando de criminosos: a Lei do Ventre Livre e a criação da Colônia Agrícola de São Pedro de Alcântara para o trabalho e educação dos libertos das Fazendas Nacionais do Piauí

Surya Aaronovich Pombo de Barros

Ser escravo, ser livre: as ambiguidades em ser negro na Parahyba do Norte oitocentista à luz dos conceitos de estratégias e táticas

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Paulo Marcelo Cambraia da Costa

O perigo é essa Capitania ficar sem escravos: fugas de pretos escravos e formação de mocambos entre o Grão-Pará e a Guiana Francesa (1790-1810)

Fagno da Silva Siores

Escravos do Caravão: micro-histórias e identidades de trabalhadores em Açailândia no tempo presente

Fernando Bueno Oliveira

A formação de quilombos brasileiros: trajetórias e consolidação

Jorge Antonio Dias

As Companhias de Aprendizizes Marinheiros: um projeto profissional para a Marinhagem Nacional (1840-1889)

CULTURA VISUAL: LEITURAS DA IMAGEM, ESCRITAS DA HISTÓRIA

SIMPÓSIO TEMÁTICO 16

Coordenador
Daniel de Souza Leão Vieira - UFPE

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Ianick Takaes de Oliveira

Warburg apud Wind: Reflexões sobre o conceito de símbolo warburguiano

Helyom Viana Telles

História da Cultura e o Lúdico: Uma História Cultural do Videogame?

Daive Cristiano Lopes de Freitas

Salles Douner - a estética do desamparo

Wagner Souza e Silva

O documento fotográfico digital: possibilidades de narrativas frente à abundância de imagens

Rainer Gonçalves Sousa

Fotografias e conceitos: uma reflexão a partir da Educação Histórica

Renata Pitombo Cidreira

O indivíduo contemporâneo como visibilidade consumível

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 08:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Letícia Gonçalves Alfeu de Almeida

Imagens, imaginação e introspecção na leitura devota proposta aos simples (século XV)

Rivadavia Padilha Vieira Jr.

MAIORA TIBI: Triunfo dinástico de Filipe II na alegoria da Batalha de Lepanto (c. 1573-1575), de Ticiano Vecellio

Alberto Baena Zapatero

Deixando os biombos falar: a identidade das elites mexicanas (s. XVII-XVIII)

Fábio Francisco Feltrin de Souza

A invenção do deserto: o espaço e o discurso visual na Argentina do século XIX

Luciana Coelho Barbosa

Imaginando a nação uruguaia: pintura e história sob a perspectiva de Juan Manuel Blanes

Liane Maria Nagel

Leituras sobre as Missões Jesuíticas através de obras artísticas do séc. XX e XXI

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Rayssa Andrade Carvalho

As imagens em livros didáticos de história: leituras de representações de mulheres negras

Ana Caroline de Bassi Padilha

Marinês Ribeiro dos Santos

A construção da identidade social da “rainha do lar”: imagens femininas e tecnologias domésticas na Revista Casa & Jardim (anos 1950 e 1960)

Samara Elisana Nicareta

As marginais, as perdidas, as honestas e as desejadas: as categorias da imagem feminina na imprensa curitibana nos anos 1980

Camila Noemia Rener Santos Bastos

Imagens da família de Jeová: representações, pertencimento e identidade

Mara Rubia Sant’Anna

A liberdade em corpos nus, a publicidade de moda e os seus sentidos

Isabelle Cristine de Almeida Souza

Um olhar sobre as Representações iconográficas das populações indígenas em livros didáticos

IMPrensa, LITERATURA E CIDADES NAS ENCRUZILHADAS DA HISTÓRIA

SIMPÓSIO TEMÁTICO 17

Coordenadores
Denilson Botelho - UNIFESP
Francisco Alcides do Nascimento - UFPI

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Elielton Benedito Castro Gomes

“Adeus maio! salve junho!”: festa junina e imprensa em Belém do Pará nos anos de 1950

Fábio Nadson Bezerra Mascarenhas

Do passado glorioso ao presente sufocante: A escrita sobre Parnaíba no Jornal Inovação

Mayra Izaura de Moura

O futebol e a Invenção da metrópole: A imprensa esportiva e a sociedade teresinense na primeira metade da década de 1970

Audrey Maria Mendes de Freitas Tapety

Apropriações cotidianas de Oeiras(PI) nas correspondências de Possidônio Queiroz e na Revista do Instituto Histórico de Oeiras nas décadas de 1980 e 1990

Rômulo José Francisco de Oliveira Junior

Recife aos olhos literários: cotidiano, urbanização e práticas de sociabilidade (1870-1910)

Francisco Alcides do Nascimento

A cidade das crônicas

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Pedro Eurico Rodrigues

Expectativas na ordem do dia: utopias, distopias e expectativas na imprensa brasileira entre as décadas de 1970 e 1990

Luciana Almeida das Chagas

E o jornalismo, para que serve? A persistência do mito da imparcialidade à luz da literatura e da história

Daniel Alencar de Carvalho

Entre o “Asilo dos Deuses Inválidos” e as Cidades Mortas: Os tempos da nação nos escritos de Monteiro Lobato (1914-1927)

Silvia Cristina Martins de Souza

“A crise mais formidável que se conhece nos fatos econômicos do Brasil”: a quebra da Casa Souto e as relações entre história, música e política (Rio de Janeiro, segunda metade do século XIX)

Gabriela de Oliveira Nery Costa

Às voltas com a liberdade: apontamentos sobre a experiência de Graciliano Ramos no Rio de Janeiro durante o ano de 1937

Wesley Garcia Ribeiro Silva

A cidade entre o real e a ficção: intelectuais, imprensa e imagens sobre o urbano

Denilson Botelho

Numa e a Ninfa: a história de um “romance da vida contemporânea” de Lima Barreto

**QUADRINHOS E SUAS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS
COMO DOCUMENTO E ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO ENSINO
DE ARTES E HISTÓRIA**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 18

Coordenadores
Edgar Silveira Franco - UFG
Ademir Luiz da Silva - UEG

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Ademir Luiz da Silva

Diálogo entre (linhas) crítica e poética: O pós-humano em Star Wars e na obra quadrinística de Edgar Franco

Adriana Aparecida Mendonça

“Do Morrer” e “do Nascer”: Fanzines poéticos como base de experimentação de gravura/desenho em um processo de pesquisa e criação poética

André Moreira de Oliveira

É um mundo estranho, vamos mantê-lo assim: sobre a apropriação de conceitos científicos pela história em quadrinhos “Planetary” de Warren Ellis e John Cassaday

Carlos Henrique de Castro Assis

Desbravando os infernos de John Constantine na revista Hellblazer (1988-1991)

Daniela dos Santos Domingues Marino

A crítica política e social nas tiras de Armandinho: um retrato da atualidade brasileira.

Danielle Barros Silva Fortuna

Adaptação de uma HQ Poético-filosófica para Performance Transmídia: Da HQ “Borbopoemas” à Performance “O Selvagem”.

Edgar Indalecio Smaniotto

Por uma antropologia do Ciberpajé: Misticismo e Transcendência Tecnológica na obra ficcional transmídia de Edgar Silveira Franco.

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 08:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Edgar Silveira Franco (Coordenador de Simpósio - 18)

Duo de Um: De HQ Transumana a Animação Stop-motion.

Edson Wilson Mendes de Almeida

Inimigos do Sentinela da Liberdade: As mudanças e alterações nas adaptações do Capitão América das HQ para o cinema.

Gazy Andraus

A pan-visualidade dos quadrinhos nas HQs em contraposição à visualidade uno-imagética do cinema: contrastes e adaptações.

Hylío Lagana Fernandes

GIBIOzine

Ivan Carlo Andrade de Oliveira

Uso pedagógico da história em quadrinhos Turma da Tribo

Ivanilson de Melo Mendes

“V de Vingança”: uma leitura da linguagem dos quadrinhos.

João Gabriel Rosa de Almeida.

Régis Gomes de Oliveira

A aula V de vingança: O uso pedagógico das histórias em quadrinhos.

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

José Antônio Loures Custódio

Pepita de Souza Afiune

A imersão nos Games e as possibilidades de representação histórica

Lucas de Sousa Medeiros

Questões de gênero em publicações para juventude e histórias em quadrinhos

Matheus Moura Silva

A adaptação de Blueberry para os cinemas e a representação visionária

Sávyo Enrico Rodrigues Alves

Entre bárbaros e civilizados: As representações do Imperialismo no anime “Code Geass”.

Alysson Plínio Estevo

A importância das metodologias de design gráfico para viabilizar processos criativos de comunicação visual

Rubens César Baquião

A manifestação textual de conceitos filosóficos na estrutura sincrética dos quadrinhos

MEMÓRIA, NARRATIVA E INVENÇÃO: ARTES, CULTURAS URBANAS E ESCRITA DA HISTÓRIA

SIMPÓSIO TEMÁTICO 19

Coordenador
Edwar de Alencar Castelo Branco - UFPI

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky

Produção de conhecimentos históricos em artes e humanidades entre a cultura visual e a cultura digital.

Felipe Pedrosa Aretakis

Nos "Abismos da Pernambucália": uma outra interpretação da história cultural contemporânea do Recife e do Tropicalismo.

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Inventários de um feudalismo cultural brasileiro: JMB e o desmonte discursivo da Ilha Brasil.

Idelmar Gomes Cavalcante Jr.

A besta confusa: Benjamim Santos e a história de uma ousadia não realizada no Teatro Pernambucano.

Laura Lene Lima Brandão.

Juventude em trânsito: disputas teóricas e práticas juvenis em Teresina na década de 1970.

Fernanda de Aragão

Ramirez & Grazy Andraus.

As Mônadas e as construções de intervenções urbanas: O projeto DIZ-QUETES como linguagem entre a narrativa, a imagem e a literatura arquitetada do urbano.

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Alexandra Lis Alvim

"Anos 70, não deu pra ti...": considerações sobre a memória, juventude e o período autoritário através do filme "Deu pra ti, anos 70..." (1981) e a peça teatral "Bailei na Curva"(1983).

Edwar de A. Castelo Branco & Jaislan Honório Monteiro

"Cinema" ao avesso da forma: intertextualidade e produção de sentidos em filmes experimentais brasileiros.

Heitor Matos da Silva

Fanzines punks: a prática escriturística do ressentimento

Gustavo dos Santos Prado.

"O militarismo não pode continuar nesse país" - a abertura política e suas representações nos fanzines punks (1983-1986)

Francisco José Lendro Araújo de Castro.

Um misterioso encanto de sensualismo: o beijo como arma poética e micropolítica nas linhas de constituição subjetivas do suplemento cultural Boquitas Rouge.

Iara Conceição Guerra de Miranda Moura.

As tentativas de inserção do Piauí na história nacional durante os anos 1970.

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Eleonora Zicari Costa

"Minha arma é o que a memória guarda". Música e resistência nos tempos do regime militar.

Kênia Gusmão Medeiros

"Meu tempo é hoje": reflexões sobre o tempo em Paulinho da Viola.

Raimundo Nonato Lima dos Santos

Nos acordes literários do Nós e Elis: história, memória e sociabilidades em Teresina, nas décadas de 1980 e 1990.

Débora Dutra Fantini.

Africanidades na obra de Gilberto Gil

Luis Filipe Brandão de Souza

Os entrelaçamentos de Zero e Não Verás País Nenhum com a tradição do pessimismo, a literatura do medo e o Regime Militar.

Philippe Delfino Sartin

Moderação e discrição na cultura portuguesa: Corte na Aldeia (1619) de Francisco Rodrigues Lobo.

**ESCRITAS, NARRATIVAS, FALARES E
LINGUAGENS: circulação de ideias e de gentes nos sertões do
Brasil**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 21

Coordenadores

Euclides Antunes de Medeiros - UFT

Alan Kardec G. Pachêco Filho - UEMA

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Andrey Minin Martin.

NARRATIVAS DE UM SERTÃO MODERNO: imprensa e o desenvolvimento energético no Brasil

Emily Rodrigues dos Santos

QUEM ESPERA TEMPO RUIM É LAJEDO: migração durante a seca de 1932 em Jacobina-Ba

Hellen Mayse Paiva Silva

ESTADO, DISCURSO IDEOLÓGICO E PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO NO ESTADO DO MARANHÃO.

Marcio Marchioro

SANTOS E DEMÔNIOS NO CARNAVAL NORDESTINO: quatro cordéis escolhidos de J. Borges

Alan Kardec G. Pachêco Filho. (Coord.)

EUCLIDES CARNEIRO NEIVA: A trajetória de vida de um sertanejo maranhense.

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Ricardo Henrique de Sousa Costa

Jozenilma Lindoso Matos

PROBLEMAS INFRAESTRUTURAIS URBANOS E O SEU CONTEXTO SOCIOECONÔMICO: Breve histórico do saneamento em São Luís.

Leila Andréa Fernandes de Sena

AÇAILÂNDIA-MA DO OUTRO LADO DOS TRILHOS DO DESENVOLVIMENTO: impactos e lutas de resistência dos Movimentos Sociais

Jaciene Pereira

FORMAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E CULTURAL DO SUDOESTE MARANHENSE: o caso do município de Carolina-MA

Suzana Marinho dos Santos

A CULTURA SERTANEJA: Representações sobre o viver Sertanejo na literatura e no memorialismo - Boa Vista de Goiás - 1870/1930

Simone Lopes de Almeida

IMAGINÁRIO CAMPONÊS: Ritos e Crenças em Lagoa da Areia dos Marianos

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Danilo Almeida Patrício

DESTINOS VIVIDOS: percurso viajante em “Corpo de Baile” de Guimarães Rosa

Rosângela de Sousa Moura Souto

MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS: sertanejos pobres, guerrilheiros e militares num sertão sui generis

Olivia Macedo Miranda Cormineiro

TENSÃO CULTURAL, GÊNERO E EXPERIÊNCIA TRÁGICA NA OBRA VIAGEM CIENTÍFICA: pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás.

Luciane Alves Santos

Maria Alice Ribeiro Gabriel

DOS ENGENHOS AOS SOBRADOS: a cultura oral em Gilberto Freyre e Jayme Griz

Marlene de Jesus Gomes Costa

TERRITORIALIDADE SERTANEJA NO TERRITÓRIO CHAPADA DAS MESAS.

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Flávia Pereira Machado

O SERTÃO, O CAMPONÊS E SUAS REPRESENTAÇÕES EM GOIÁS: Interfaces entre história e literatura na obra de Carmo Bernardes

Simone Borges Paiva

ESTAÇÃO MEMÓRIA PARAISÓPOLIS: diálogos entre o passado e o presente

Getúlio Nascentes Da Cunha

INFÂNCIA E MASCULINIDADES: construção da masculinidade nas Memórias de Gregório Bezerra

Euclides Antunes de Medeiros (Coord.)

AS NARRATIVAS DO FRADE DOMINICANO JOSÉ MARIA AUDRIN E DOS MÉDICOS SANITARISTAS ARTUR NEIVA E BELISÁRIO PENA: Sobre o Norte Goiano na virada do século XIX para o XX.

Maiza Pereira Lôbo

GÊNERO E RELIGIÃO: a participação social e evangelística das missionárias como mecanismo de efetivação do Campo religioso batista.

Maday de Souza Morais

A CADEIRA DE HISTÓRIA NA PARAÍBA IMPERIAL

**EXPERIÊNCIAS VIVIDAS, MEMÓRIA SOCIAL E
REPRESENTAÇÃO DO CORPO NA HISTÓRIA DA SAÚDE E
DAS DOENÇAS**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 22

Coordenadores

Gisafran Nazareno Mota Jucá - UECE

Laurinda Rosa Maciel - Fiocruz

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Políticas de saúde e contextos regionais

Iêda Moura da Silva

A cidade medicalizada: Teresina sob o signo da modernização em 1937-1945;

Luana Tiekko Omena Tamano

As classificações do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental e o impacto sobre a vida das crianças;

Mariza Pinheiro Bezerra

“CHEGOU ENFIM A SAÚDE”: a frente de combate à peste bubônica sob a administração do Dr. Victor Godinho em São Luís (1904);

Norma Sueli Semião Freitas

“Que seria uma alma sem corpo?”;

Rafaela Martins Silva

“Os trabalhos de higiene em Pernambuco - 1919”: epidemiologia e medidas de controle da peste bubônica;

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Análises e as fontes: periódicos e publicações

Bruna Alves Lopes

Cartas de pais de crianças autistas ao Jornal do Brasil na década de 1980: experiência e mobilização;

Cristiane de Castro Ramos Abud

Gladys Mary G. Teive

Corpos regulados: representações sobre a AIDS em manuais alimentares;

Francieli Lunelli Santos

José Augusto Leandro

A talidomida nos jornais do Rio de Janeiro em 1962;

Análises e as fontes: diários, prontuários e devassas

Lidiane Álvares Mendes

A fala da loucura através dos prontuários médicos do centro psiquiátrico Eduardo Ribeiro - Manaus (1960-1970);

Maria Cristina Rosa

Corpos de delito e o conhecimento sobre os corpos;

Maria José Saenz Surita Pires de Almeida

A sífilis no diário do general Couto de Magalhães 1887-1890;

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Doenças - Psiquiatria

Cláudia Polubriaginof

Paulo Fernando de Souza Campos

A enfermagem no Hospital do Juquery na gestão de Pacheco e Silva (1923-1937);

Doenças - Alcoolismo

Vilma de Lurdes da Fonseca

Cartografia da dependência: Fronteiras imaginárias e territorialidade nas relações socioculturais de pessoas usuárias de álcool e outras drogas na cidade de Maringá-PR;

Doenças – Hanseníase

Isa Cristina Barbosa Antunes

Práticas médicas em Natal na Primeira República entre os anos 1920 e 1940: O Leprosário São Francisco de Assis;

Laurinda Rosa Maciel

O isolamento compulsório como política de saúde para a hanseníase no Brasil do século XX e a reparação financeira governamental a partir de 2007;

Luiz Maurício de Abreu Arruda

“Para atrás leproçosos! Piedade sentimos por vós”. Um estudo sobre a Colônia do Iguá, em Itaboraí/RJ (1935-1950)

Yara Nogueira Monteiro

Filantropia e Estado: embates entre a atuação de Alice Tibiriçá e o Departamento de Profilaxia da Lepra de São Paulo;

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Metodologia – História Oral

Gisafran Nazareno Mota Jucá

Memória Social da hanseníase no Ceará: uma revelação transdisciplinar;

Ivonete Alves de Lima Cavaliere

Memórias de experiências traumáticas do Isolamento compulsório vividas por leproçosos;

Márcio Barradas Sousa

Saberes ancorados no corpo: experiência sociocultural de uma rezadeira evangélica;

Olívia Robba

Fala, memória e patrimônio cultural – A relevância da história oral para a realização de um estudo biográfico do cientista Wladimir Lobato Paraense;

Práticas de cura

Sérgio Roberto Gomes de Souza

As outras artes de curar: feiticeiros e curandeiros no Acre Territorial (1904 a 1930);

“LER” IMAGENS, TEXTOS E CENAS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 23

Coordenadores

Heloisa Selma Fernandes Capel - UFG

Rodrigo de Freitas Costa - UFTM

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Teatro

Leandro Longhi Hernandez

O metateatro como politização do cotidiano em “Um grito parado no ar” (1973)

Leilane Aparecida Oliveira

Estéticos e Dramáticos na obra de David Mamet: a imagem da decadência em Perversidade Sexual em Chicago (1974); Bufalo Americano (1975); Glengary Glen Ross ou Sucesso a qualquer preço (1984)

Renato Florêncio Pavanelli Ortega

As representações do intelectual no século XX: uma análise de “A Vida de Galileu” de Bertolt Brecht.

Cinema

Senaide Wolfart

Cinema, sociabilidades e recepção em Pitanga-PR (1950 - 1990)

Daniel Ivori de Matos

A “Guerra ao Terror” e o cinema estadunidense pós-11/09: reflexões sobre o filme Síriana (2005) a partir da Estética da Recepção.

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Teatro

Rodrigo de Freitas Costa

Considerações sobre o Brasil do início do século XX a partir da recepção de Luigi Pirandello

André Luis Bertelli Duarte

Arlequim, servidor de dois amos pelo “Teatro dos 12”: a commedia dell’arte como crítica ao mundo do trabalho no Brasil dos anos 40.

Miriam Bianca Amaral Ribeiro

O local e o regional para além da sala de aula: a linguagem teatral e o ensino de história.

Cinema

Roberta do Carmo Ribeiro

Humor político e macarthismo em Testa-de-ferro por acaso (1976)

Julierme Sebastião Morais Souza

O lugar de Paulo Emílio Salles Gomes na historiografia do cinema brasileiro: resultados de uma pesquisa

Rodrigo Francisco Dias

Jânio Quadros e João Goulart na tela do cinema: apontamentos sobre os filmes “Jânio a 24 Quadros” (1981), de Luís Alberto Pereira, e “Jango” (1984), de Sílvio Tendler

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Pintura

Jaqueline Siqueira Vigário

“Vencer os tempos bárbaros”: Confaloni e a recepção da crítica de arte na década de 1960/1970.

Anna Paula Teixeira Daher

A Crítica de Almeida Jr. (1850-1899): sobrevivências e sintomas de violência em releituras contemporâneas.

Heloisa S. F. Capel

“Pintor de raça, artífice da arte brasileira”: Modesto Brocos y Gomez (1852-1936) e a crítica nacional

Literatura

Cláudia Helena da Cruz

O Leitor em Cena: História e Estética na recepção do romance Bar Don Juan (1971) de Antônio Callado.

Enrique Porta Lopez Puigcerver

Elementos do patriarcado no conto "Amor" de Clarice Lispector (1920 - 1977)

Diogo Cesar Nunes

O poema como fita de Möbius: subjetividade, sociedade e textualidade.

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Cinema

Grace Campos Costa

Alfinetes e Babados em Prêt-à-Porter (1994): crítica à efemeridade da moda e do consumo

Guilherme de Souza Zulefato

Interlocuções Arte/Sociedade - História/Estética: reflexões em torno da trajetória artística de Amácio Mazzaropi no Cinema (1950/1980) a partir da investigação de sua recepção

Jailson Dias Carvalho

Elementos da recepção da revolução cultural proletária em A Chinesa de Jean-Luc Godard e a recepção de A Chinesa pela crítica cinematográfica brasileira

Música

Inglas Ferreira Neiva dos Santos

Música sertaneja goiana: a construção do moderno na obra de Marrequinho

Gyovana de Castro Carneiro

A Princesa Leopoldina e a Prática do Piano a Quatro Mãos no Brasil Oitocentista

Elio Gomes Duarte

Direitos Humanos como "contravenção" e "arma retórica": crítica e recepção nos currículos de formação militar.

PATRIMÔNIO IMATERIAL: POLÍTICAS PÚBLICAS ENTRE LEITURAS E RECEPÇÕES

SIMPÓSIO TEMÁTICO 25

Coordenadores

Isabel Cristina Martins Guillen - UFPE

Maria Ângela de Faria Grillo - UFRPE

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Ísis Meireles Rodrigues

Maria do Socorro Meireles Rodrigues

O Ensino Normal em Parnaíba: instituições escolares de formação de professores (1927-1982)

Diogo de Souza Brito

A invenção da patrimonialização das culturas populares no Brasil: a SPHAN/Pró-Memória (Década de 1980)

Mônica Martins da Silva

Educação Patrimonial e Patrimônio Imaterial: Percursos formativos para a docência em História

Isabel Cristina Martins Guillen

O trabalho do historiador no campo do patrimônio imaterial

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Carolina Christiane de Souza Martins

Patrimonialização e sujeitos sociais: estudo de caso sobre um grupo de bumba-meu-boi em São Luis-MA

Frank Sósthene da Silva Souto Maior Junior

O Cavalo Marinho de Bombo, o Mestre e a Baiana: Aspectos de uma pesquisa historiográfica sobre uma manifestação Cultural do Patrimônio Imaterial de Pernambuco (1950-1970)

Márcia Nunes Maciel

Roberta Mageski

Festa da Melancia em Nazaré

Vanderley de Paula Rocha

Reflexões sobre os festejos do Divino enquanto patrimônio imaterial da cidade de Ponta Grossa/PR

Alexandre Karsburg

Monge João Maria na tradição religiosa popular do Planalto Meridional do Brasil

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Ana Alice Silveira Corrêa

Suely Sani Pereira Quinzani

A Cultura Caipira: os usos e costumes da tradicional cozinha paulista narrada através de seus ingredientes tradicionais

Edgar Garcia Junior

Gabriella Pieroni

Entre práticas e ressignificações: os Engenhos de Farinha de mandioca de Santa Catarina e o patrimônio agroalimentar

Janaina Cardoso de Mello

O livro pink do patrimônio cultural sergipano. Histórias de vida, histórias de luta.

Maria Ângela de Faria Grillo

Mercado de São José: lugar de memórias e narrativas

PODER, CULTURA E DOCUMENTOS: QUESTÕES PARA UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

SIMPÓSIO TEMÁTICO 26

Coordenadores

Jailson Pereira da Silva- UFC

José Adilson Filho- UEPB

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Jailson Pereira da Silva

Dizeres sobre e música e política no Brasil pós-64: O Jardim da Política e a arte em tempos de liberdade

Gabriela Limeira de Lacerda

O pagode em documentos: contribuições para o estudo do campo musical nos anos 1990

José Adilson Filho

A morte e a festa do líder: estratégias de mitificação do ex-governador Ronaldo Cunha Lima da Paraíba (2012)

Olivia Candeia Lima Rocha

1964: a autobiografia de Iracema dos Santos Rocha e a repressão militar em Teresina-PI

Wagner Geminiano dos Santos

Discutindo com alguns “mestres de rigor” o estatuto do documento na historiografia contemporânea.

Luiz Felipe Batista Genú

Leituras de um projeto artístico: As representações do Teatro de Cultura Popular (TCP) na imprensa - Recife, 1961-1964

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Paulo Roberto Alves Teles

Reacionários virtuais: uma análise do discurso autoritário através da página “Canal da Direita”

Fabricio Leal de Souza

A História na Era Digital

Felismina Dalva Teixeira Silva

Historiador@historiacultural.com: uso de arquivos online como fontes primárias

Gustavo Henrique Silva

A princesa de 100 anos: Caruaru centenária e os seus (des)encontros com o progresso (1957)

John Lennon José da Silva

A Igreja Católica e o Estado no início do século XX: movimentos católicos, sociedade e anticomunismo no Brasil

Adauto Guedes Neto

Um padre vigiado pelo DOPS: a atuação pastoral e perseguições políticas sofridas por José Comblin entre 1964-1985

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Vinícius Sales do Nascimento França

Mobilizações contra Collor e a opinião pública em editoriais da Folha de S. Paulo

Carolina Maria Abreu Maciel

Sobre o ofício do historiador: algumas considerações sobre a objetividade e o uso de documentos de períodos traumáticos

Leon Frederico Kaminski

Estrada e contracultura nas páginas do underground: a imprensa alternativa como fonte para o estudo da prática da viagem entre os jovens da década de 1970

Luis Alves Araújo Neto

Os relatórios de serviços de saúde entre a História das Ciências e a História cultural: o caso do câncer no Ceará (1951)

Rafael de Farias Vieira

Vivendo em um tempo de encruzilhada: o medo e a recriação da Censura de Diversões Públicas entre as décadas de 1960 e 1980

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso

“Imprensa o que?”. A imprensa gay como fonte e o objeto de análise histórica e as sexualidades contra-hegemônicas no Brasil (1978-1981)

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Vera Rozane Araújo Aguiar Filha

A produção fílmica e a história da arte: relações possíveis para o ensino e a pesquisa histórica

Viviane de Souza Lima

Juntos na luta: no rastro da trajetória de moçambicanos no Movimento Afro-Brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA) (1961 a 1974)

Jaime Farias

Ana Lucia Calbaiser da Silva

A política de avaliação da educação nas páginas da imprensa sindical: análise do discurso veiculado no Jornal da APEOESP entre 1995 a 2010

Maíra Ielena Cerqueira Nascimento

Uma Nação em Risco: interseções entre cultura, educação e ensino de história nos EUA entre as décadas de 1980-1990

Elisangela Marina de Freitas e Silva

O discurso sobre uma vida pragmática na fé messiânica: A Revista Izunome e a construção de família (2008-2013)

HISTÓRIA E IMAGENS; A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO TEMPO PRESENTE

SIMPÓSIO TEMÁTICO 28

Coordenador
João Pinto Furtado - UFMG

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Seção 1 - MEMÓRIA, REPRESSÃO E RESISTÊNCIA.

João Pinto Furtado

Globo News em tela: Geraldo Vandré (2010) e os processos de construção e desconstrução televisivas da imagem.

Marcia Ramos de Oliveira

Memória nas mídias

Gislaine Hosana Araujo Fernandes

O feminino (des)educa: leituras do feminino na Taperoá dos "anos de chumbo" (1964-1985).

Renata Silva da Costa

Religião que ensina, uma abordagem sobre práticas educativas não escolar em terreiros de Candomblé em Belém.

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Seção 2 - A CENA E O CINEMA: LINGUAGENS EM AÇÃO.

Eduardo José Reinato

De corvos e escrivanhinhas - suplício do corpo e destruição do eu.

José Luis de Oliveira Silva

O Evento Cipriano e os desafios postos pela narrativa cinematográfica à prática historiográfica.

Tainah Negreiros Oliveira de Souza

Uma forma cinematográfica para contar uma vida: As Praias de Agnès (2008), de Agnès Varda.

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

SEÇÃO 3 - IMAGENS, IMAGINÁRIO E MEMÓRIA.

Marlene de Faveri

A revista Manchete como fonte: memória social e representações do Brasil Contemporâneo.

Elke Daniela Rocha Nunes

Fotografia e história oral: imagens e memórias de trabalhadores da ICOMI no Amapá.

Larissa Raquel Ribeiro de Abreu

Marcia Andrea Teixeira da Silva

O contemporâneo como Representação Social: o caso dos museus

Angélica Bersch Boff

Ballet clássico, história e cultura visual.

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

SEÇÃO 4 - IDENTIDADE E ALTERIDADE: ESTRANGEIROS E BRASILEIROS NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA.

Vanessa Generoso Paes

Imigração e gênero - conflito e negociação nas relações e parentesco de uma comunidade boliviana em São Paulo.

Luciana da Costa de Oliveira.

A temática do gaúcho na pintura de Pedro Figari.

Carlos Renato Araújo Freire

Intrigas das lembranças de um dia: reflexões sobre a história da memória do Quebra-quebra de 1942.

Luciana Garcia de Oliveira

Turco, árabe ou simplesmente palestino? O exílio e a História dos movimentos de resistência em São Paulo.

Elna Fias Cardoso

Presença negra, trabalho e espaços de sociabilidade na construção de Brasília.

**CULTURA ESCRITA NO IMPÉRIO LUSO-BRASILEIRO:
CIRCULAÇÃO DA ESCRITA MANUSCRITA E IMPRESSA (SÉCS.
XVIII-XIX)**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 29

Coordenadores

Juliana Gesuelli Meirelles - PUC-Campinas/UNICAMP

Adriana Angelita da Conceição - UNICAMP-FAPESP

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

André Sekkel Cerqueira

Práticas retóricas na história da cultura escrita

Ludmila Gomides Freitas

A “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba”: o uso da efrase nas cartas de Pe. Antônio Vieira

Mauro Dillmann

“Ao pio leitor”: advertências e condução da leitura em manuais de devoção portugueses do século XVIII

Daniel Martins Ferreira

O que são Manuais de Bem Morrer? - Estudo comparativo das diferentes abordagens do discurso eclesiástico sobre a salvação das almas e o juízo final, Sécs. XVII-XIX

Dalila Zanon

A circulação dos manuscritos eclesiásticos no bispado de São Paulo na segunda metade do século XVIII

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Éder Nunes Souza

Da Arte Militar: Luis Mendes de Vasconcelos e a Cultura Política e Militar Portuguesa na União Ibérica (1580-1621)

Luiz Carlos Teixeira

Sobre o conceito de “registro”: notas de pesquisa e revisões teóricas para uma abordagem dos manuscritos do tabelionato de ofício na América Portuguesa

Breno Ferraz Leal Ferreira

História Natural Teológica: oratorianos, franciscanos e as heterodoxias do século XVIII

Hevilton Wisnieski da Silva

O Sentido da Leitura, em Contradição com a Censura: Redes de Leitura Entre Portugal e América Portuguesa no Século XVIII

Gustavo Henrique Tuna

Ousar imprimir: Silva Alvarenga (1749-1814) e o caso da publicação de sua primeira composição poética

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Adriana Angelita da Conceição

Cultura escrita entre cartas e edições: a correspondência do vice-rei D. Luís de Almeida, 2º marquês do Lavradio - século XVIII

Paulo Miguel Moreira da Fonseca

Caminhos dissonantes: a trajetória do médico Francisco dos Santos Florêncio Franco nas Gerais na virada do XVIII ao XIX

Renata Ferreira Munhoz

A circulação dos manuscritos no Brasil como base à transmissão da cultura após a criação da Imprensa Régia

Márcia Almada

Prendas da Adolescência ou Adolescência Prendada - um manual prático para o ensino da caligrafia e da iluminura no século XVIII português

Fábio César Montanheiro

Livros de Compromisso: escritura, traslados, reescritura e circulação

Sílvia Rachi

Sem sujar os dedos de tinta: os iletrados e a escrita mediada na sociedade colonial

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Fernando Vojniak

O império das primeiras letras: vernaculização do Latim e valorização da língua materna nos manuais de ensino da leitura no império luso-brasileiro

Juliana Gesuelli Meirelles

Luís Joaquim dos Santos Marrocos: fonte histórica e diálogo com a historiografia

Caroline Garcia Mendes

Notas de pesquisa: A cultura epistolar na construção dos periódicos do século XVII na Península Ibérica

Sérgio Hamilton da Silva Barra

A colonização do sertão na construção do novo império português na América (1808-1822)

Elizabeth Santos de Souza

Reputação em foco: o comportamento dos credores e mutuários do crédito urbano na Gazeta do Rio de Janeiro no início Oitocentista

Célia Regina da Silveira

Os livros na imprensa paulista: anúncios, resenhas e livreiros (1870-1890)

LITERATURA E HISTÓRIA NA AMÉRICA LATINA —
SÉCULOS XIX A XXI

SIMPÓSIO TEMÁTICO 30

Coordenador:

Júlio Pimentel Pinto - USP

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Anahy Sobenes

A morte de Artemio Cruz e a Revolução Mexicana

Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira

Literatura, testemunhos, arquivos: desafios de escritas historiantes

Leonardo Guimarães Leite

La guerra del fin del mundo e a reescrita da história de Canudos

Eduardo Ferraz Felipe

A colagem como problema para a historiografia

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Larissa Kashina Rebello da Silva

As Amazôniaas de Gastão Cruls: ficção, memória e história em três publicações

Valter Guimarães Soares

A narrativa ficcional como prática historiadora: uma leitura do romance Cascelho, de Herberto Sales

Ulisses do Valle

Existe uma filosofia da história em Oswald de Andrade?

Francisco Fabiano de Souza Mendes

Educação como campo de batalha na obra de Graciliano Ramos

Cristiano Cezar Gomes da Silva

Olhares sobre a história através da escritura de Graciliano Ramos

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Ruth Cavalcante Neiva

A influência da literatura naturalista nas teorias criminológicas de José Ingenieros

Mateus Cavalcanti Melo

Quando o cuchillo era a lei: compadritos, gauchos, orillas e pampas através dos escritos de Jorge Luis Borges

Breno Anderson Souza de Miranda

Borges lê Facundo nos distópicos anos 70

Júlio Pimentel Pinto

X Borges & bioy, autores de policiais

HISTÓRIA CULTURAL: LITERATURA, ARTES E POLÍTICA.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 31

Coordenadores

Leandro Pereira Gonçalves - PUC/RS

Élio Cantalicio Serpa - UFG

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Andréia Tamanini

A 'multiaxialidade' do lugar doméstico na Roma Antiga: arquitetura, antropologia, arqueologia, filosofia, história e os usos e apropriações do espaço na domus

Viviane Azevedo de Jesus

A metáfora no contexto eucarístico medieval: a procissão de Corpus Christi.

Jonathan Mendes Gomes

Perspectivas de releitura da cultura cavaleiresca a partir da Literatura Técnica da Dinastia de Avis (Portugal, séc. XIV/XV).

Ieda Avênia de Melo

A Visão do Outro - uma análise comparativa entre as narrativas portuguesas e castelhanas no final do século XV.

Leonardo Augusto Silva Fontes

Afonso X, o rei tradutor

Simone Cléa dos Santos Miyoshi

Representação de mulheres leitoras na pintura e as relações com os projetos de modernidade paulista no final do XIX.

Viviane Adriana Saballa

Clio no encontro com a Arte da Dança: estudos da História Cultural

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Alfredo Moreno Leitão

Humberto Delgado, entre o Brasil e Portugal

Leandro Rodrigues Gonzalez Fernandez

Influências políticas na programação cultural da Casa de Portugal de São Paulo.

Thaís Teixeira Dias da Conceição

A Resistência Portuguesa em São Paulo: O jornal Portugal Democrático e a coluna “O Obscurantismo Salazarista” (1964 - 1970).

Maria Antonia Dias Martins

Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos: revistas culturais para discutir identidade e política na Ibero-américa

Anderson Ricardo Trevisan

O viajante europeu como mediador cultural: Debret, Maria Graham e o Brasil oitocentista

Inácio Bittencourt Rebetez

A história de um tondo de Piero di Cosimo: das cortes de Innsbruck ao MASP

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Eduardo dos Santos Chaves

Cartas de direita: a “vigília anticomunista” das gatúchas da ADFG

José Bezerra de Brito Neto

Memórias políticas da profissionalização do artista plástico em Pernambuco: o caso do boicote a Bienal Nacional de Artes de 1970.

Ricardo Neumann

Arte e Política: A História da Cena Alternativa Norte Catarinense entre 1992-2002

Isabelle dos Santos Portes

Diploma de pobre é a marmita”: imaginação social trabalhista, seus símbolos e a estigmatização social a partir das canções de Moreira da Silva (1945-1954).

Lucia Silva Parra

Leituras anarquistas em São Paulo

Rafael de Ávila Betencourt

A literatura indigenista peruana e a ascensão de um movimento político

Leandro Pereira Gonçalves

Plínio Salgado em São Paulo: momentos de consolidação intelectual e visibilidade nacional

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Danilo Alves Bezerra

Carnaval carioca: do cultural ao político

Edimara Bianca Correia

Ao som do rádio: Música popular na Belém de 1950

Lucas de Araujo Barbosa Nunes

Mario Pedrosa - Historiador da Arte

Julliana Garcia Neves

Da Monarquia a República: a trajetória do “Retrato de Pedro II” do Museu Mariano Procópio

Vanessa Matheus Cavalcante

A Juriti (1919): a temática sertaneja como expressão do nacional nos palcos da Primeira República

HISTÓRIA PERIÓDICA: A IMPRENSA NO BRASIL NOS SÉCULOS XIX E XX

SIMPÓSIO TEMÁTICO 34

Coordenadores

Marcelo Balaban - UNB

Ana Flávia Cernic Ramos - UFU

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Imagens periódicas do Brasil

Tatiane Rocha de Queiroz

“O periódico O Brasil nos meandros dos debates políticos no século XIX”

Maíra Guimarães Paschoal

“Observer de haut et sans passions: os olhares utópicos dos viajantes na Revue des Deux Mondes”

Vinícius Carlos da Silva.

“América Latina: males de origem nas páginas de Os Annaes: recepção e crítica”

Leitores e cronistas

Renata Bulcão Lassance Campos

“No meio do caminho: os cronistas carnavalescos do pós-abolição”

Giulia Brunello

“Militantes que lêem um jornal anarquista: análise de um rito (São Paulo, 1917-1935)”

Anelize Vergara.

“A arte da compreensão: as crônicas de Rubem Braga no Estado Novo (1938-1939)”

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

A imprensa ilustrada no Brasil oitocentista

Arnaldo Lucas Pires Junior

“Entre bárbaros e civilizados: a guerra do Paraguai nas páginas das revistas ilustradas brasileiras e paraguaias”

Bruna Oliveira Santiago

Imprensa humorística no Brasil do século XIX: a Semana Ilustrada (1860-1876)

Isabela Moura Mota

“Sátira do Cotidiano na capital do império: as caricaturas de costumes nos primeiros anos da Semana Ilustrada”

Abolição na imprensa

Marcelo Balaban

“Frente a Frente: a lei dos sexagenários segundo a caricatura - Rio de Janeiro - 1884-1886”

Ana Flávia Cernic Ramos

“José do Patrocínio e suas ‘Cartas ao Imperador’: os embates acerca da Lei dos Sexagenários na Gazeta de Tarde”

Isabel Silveira dos Santos

“A imprensa como lugar de circulação de ideias e representações sobre negros(as) no Rio Grande do Sul”

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Histórias de bastidores

Andrea Cristiana Santos.

“Um tipógrafo-jornalista no sertão da Bahia”

Cristiane Garcia Teixeira.

“A revista n’O Espelho - atividade de bastidores”

Carla Darlem Silva dos Reis

“Da Gazeta Socialista à Gazeta de Sergipe: histórias de um periódico pautada nas disputas políticas”

Imprensa nas Províncias e Estados do Brasil

Jordana Caliri

“Folhas da Província: a imprensa amazonense durante o período provincial”

Marcelo Monteiro dos Santos

“História da imprensa no Vale do Paraíba oitocentista: aspectos quantitativos e qualitativos”

Gustavo Leandro Gouvea Lopes.

“Animais não-humanos e a imprensa diamantinense no alvorecer do século XX”

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Imprensa temática

Anna Lúcia Collyer Adamovicz

“História periódica & história religiosa: um estudo sobre a imprensa protestante no Brasil”

Rodrigo Rodriguez Tavares.

“Imagens da Força Expedicionária Brasileira na imprensa comunista”

Muitas faces de um mesmo jornal: o *Estado de São Paulo*

Carolina Soares Sousa

“O grupo político do jornal O Estado de São Paulo e o projeto político paulista (1933-1937)”

Ester Sanches Ribeiro.

“As representações do sertanejo de Canudos nos artigos de Euclides da Cunha para o jornal O Estado de São Paulo: inter-relação de ciência e cultura”

Marcos Paulo Amorim dos Santos

“Representações da macumba no Jornal Estado de São Paulo, 1930 - 1950”

**HISTORIOGRAFIA DA HISTÓRIA DA ARTE:
FABULAÇÕES DA MEMÓRIA, LUGAR E NOMEAÇÃO DO
ARTISTA NA CONTEMPORANEIDADE, QUESTÕES EM
TORNO DOS OBJETOS**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 35

Coordenadores
Marcio Pizarro Noronha
Clarisse Ismério

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Suely Lima de Assis Pinto

História e teoria interartes: elementos para se pensar as poéticas visuais contemporâneas

Priscila Zanganatto Mafra

Janaína Quintas Antunes

Análise da Sociedade Inter e Hipermediática Contemporânea: Resultados práticos na concepção dos museus interativos e suas conseqüentes novas sensações, percepções e representações.

Sandro Tôrres Batista

Salão Nacional de Artes de Goiás - Prêmio Flamboyant: Relações de HISTÓRIA/ARTE/MERCADO. Uma análise

Marcio Pizarro Noronha

Questões em torno da Teoria e da Metodologia da Pesquisa em História e Teoria Interartes.

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Ângela Susana Jagmin Carretta

Andressa Martens Harder

Ancorando o conhecimento sensorial: reivindicações para o ensino da arte nos anos iniciais na contemporaneidade

Fabíola Arantes de Moraes

Koboí, o cinema de animação como palco do cruzamento de temporalidades

Juliana Varella Coqueiro de Vasconcellos

Correggio: uma leitura estética

Clarisse Ismério e Marlisa Alagia de Oliveira Fico

As representações simbólicas e sociais do estupro nas artes visuais

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Cintia Guimarães Santos Sousa

Quando Falo Paulo Bruscky...

Josiane das Graças Adorno

O memorial Serra da Mesa e a cidade de Uruaçu (GO): notas de pesquisa

Eduardo Barbaresco Filho

Do trânsito moderno - contemporâneo em Estércio Marquez Cunha: a constituição de uma partitura de vida.

Wilson Pontes Júnior

Entre influências e desdobramentos: a escola de canto de Benito Maresca à luz da história oral

Kamyla Faria Maia

O Documentarista Enquanto Artista do Cotidiano: a mimese, a genialidade e relação com as imagens da realidade

FILMES, LIVROS E SEUS INTÉRPRETES: RELAÇÕES COM A HISTÓRIA

SIMPÓSIO TEMÁTICO 36

Coordenadores

Marcos Silva - USP

Jorge Nóvoa - UFBA

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 Hs. ÀS 12:00 Hs.

Marcos Silva

Orfeus brasileiros - Vinícius de Moraes, Marcel Camus e Cacá Diegues

Jorge Nóvoa

O inferno “são os outros”? representações de um “Fascismo Espontâneo” referidos à imigração no cinema europeu

Maurizio Russo

C'eravamo tanto amati, o cinema italiano e a sua visão do fascismo entre passado e presente.

Cícero João da Costa Filho

Gustavo Barroso: o intrépido brasileiro anti-semita. As leituras deste anti-semitismo “racial”

Ana Elisabeth Rodrigues Faro

“Quem quer rir, tem que fazer rir” - uma interpretação sobre a extorsão e suas representações nos filmes Tropa de Elite: missão dada é missão cumprida e Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro.

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Fernanda Carvalho Silva Faria

Conteúdos e formas da crise - Uma leitura de "A insustentável Leveza do Ser", 1984.

Luis Alberto Gottwald Junior

Iracema no Cinema: as representações sociais do corpo indígena no cinema nacional e seus diálogos com a obra de José de Alencar

Márcia Moreira Pereira

Desterritorialidade urbana no romance Estorvo de Chico Buarque e sua adaptação cinematográfica

Cleonice Elias da Silva

A realidade de Rio, 40 Graus: montagem, mise-em-scène e a influência da literatura realista e a de James Joyce

Thiago de Faria e Silva

As paisagens de Seara Vermelha nas palavras e na tela

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Lilian Cristina Côrrea

Luciana Duenha Dimitrov

Variáveis de crítica política, social e histórica em peça e filme The Crucible, de Arthur Miller

Eduardo José Afonso

Corações Sujos: Quando a História roteirizada vira romance no Cinema

Valéria Cristiane Moura dos Santos

A produção de representações do Cangaço no cinema brasileiro.

Ana Karicia Machado Dourado

De Macunaíma a Macunaíma: a chanchada o que é.

Salatiel Ribeiro Gomes

O filme de comédia como um modo singular de lidar com a memória

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Alexandre Maccari Ferreira

Das telas às críticas: reflexões e interpretações cinematográficas em Santa Maria (RS) nos anos 1980

Michel Gomes da Rocha

História, cinema e política: “Clube de compras Dallas” e a crise de saúde nos Estados Unidos dos anos 1980.

Olivania Maria Lima Rocha

Rychelly Lopes dos Santos

Crítica da separação - linguagem cinematografia e reapropriações.

Marisa Geralda Barbosa

O uso de filme como recurso didático no ensino de história

ESCREVER A HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO: ESPAÇOS, TEMPOS E FORMAS DE SOCIABILIDADE (SÉCULOS XVI- XX)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 38

Coordenadores

Maria Cecília Barreto Amorim Pilla-PUC/PR

Isabel Drumond Braga -Universidade de Lisboa

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Daniele Saucedo

Fontes de Imprensa para a História do Restaurante Bologna

Wilson Maske

A Tradição Culinária Menonita no Sul do Brasil: Subsídios para sua História (1930-1938)

Neli Maria Teleginski

Título da Comunicação: Comida polonesa do centro-sul do Paraná: emblemas, tradições, maneiras.

Ana Luíza Mello

Santiago de Andrade

X Alimentação por escrito: hábitos alimentares e transformações urbanas no Brasil Republicano sob a ótica do jornal O Estado de São Paulo (1889 - 1930)

Edna Maria Nóbrega Araújo

Cultura da Alimentação no Brasil do século XX: as dietas e a produção de imagens sobre o corpo feminino

Maria Cecília Barreto Amorim Pilla

“Vamos preparar os quitutes”? Práticas e sabores nas páginas do Jornal das Moças década de 1950

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Wanessa Asfora Nadler

O livro de cozinha de Apício e suas primeiras edições (1498-1542)

Isabel Drumond Braga

Escrevendo Receitas Conventuais: O Caderno de Refeitório de 1743

Tainá Guimarães Paschoal

Tesouros alimentares de João Daniel na Amazônia colonial (1741-1757)

Mariana Corção

A cozinha nacional brasileira de Câmara Cascudo

Rafaela Basso

Gilberto Freyre e a construção de um discurso sobre a culinária nacional

Samara Mendes Araújo Silva

As “Comidas do Norte” e as “Comidas do Sul”: a regionalidade de algumas comidas piauienses

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Renato Toledo Silva Amatuzzi

Novos sabores e novos temperos: a influência islâmica na culinária catalã medieval

Marcus Vinícius Macri Rodrigues

O Salão de Banquetes do Palácio do Catete: A Arte de Receber. A Invenção de uma Tradição Clássica nos Trópicos.

Claude G. Papavero

Comensalidade induzida: o sustento dos escravos num Brasil escravocrata

Thaina Pacheco Schwan

Bebida, comida e entretenimento: As fábricas de cerveja no Rio de Janeiro (1856-1884)

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

O acesso a alimento e o comer fora: legislações e o contexto da cidade de Curitiba

IMAGENS, POLÍTICA E CULTURA NAS DITADURAS LATINOAMERICANAS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 39

Coordenadores

Maria da Conceição Francisca Pires - UNIRIO

Mara Burkart - Universidad de Buenos Aires

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Edvaldo Correa Sotana

A TV Morena e a transmissão da Copa do Mundo de Futebol de 1970: notas de pesquisa.

Paulo Roberto de Azevedo Maia

Glauber Rocha - Um Cineasta Na Televisão

Viviane Cavalcante Pinto

Memórias da ditadura: Um debate a partir do filme Batismo de Sangue e Brazil: Report on Torture

Priscila Gomes Correa

Lindonéia desaparecida: leituras artísticas da opressão social e policial sob a ditadura

Lilian Bado

Liberdade e corpo na arte de Hélio Oiticica

Clerismar Aparecido Longo

A Universidade de Brasília no contexto da ditadura civil militar (1964-1985)

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Vinícius Liebel

Gestos, Poses e Corpos - A Performatividade do Autoritarismo nas Charges de Belmonte

Adriano Negreiros da Silva

A construção discursivo-imagética de José Sarney pela crítica ilustrada da imprensa de São Luís no período do Estado de Exceção (1964-1974): análise de uma transição oligárquica.

Mateus Fávaro Reis

No es chiste: uma análise sobre as caricaturas e charges que criticaram a ascensão do militarismo na América Latina por meio do semanário uruguaio Marcha

Mara Burkart

Violencia política y amnistías según el humor gráfico de Brasil y Argentina

Maria da Conceição Francisca Pires

Henfil e Angeli: o humor entre o ideal revolucionário e o niilismo

Júlia de Quevedo Manzano

Gabriel Fleck de Abreu

Pessoal e político na mesma página: vozes no jornal alternativo Nós Mulheres de 1976 a 1978

REPRESENTAÇÕES URBANAS: CRIAÇÕES E DISPUTAS DE IDENTIDADES E ESTIGMAS NA CIDADE

SIMPÓSIO TEMÁTICO 40

Coordenadores
Mario Sergio Ignácio Brum - UERJ
Julia Galli O'Donnell - Cpdoc/FGV

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Mesa 1: O “outro” na cidade

Patrícia Pizzigatti Klein

A construção de novas representações da juventude favelada a partir das políticas públicas: um estudo de caso do “Caminho Melhor Jovem”

João Felipe Gonçalves

Miami como a capital do exílio cubano: a construção de uma ideologia da cidade

Camila Collpy Gonzalez Fernandez

Identidades e territórios bolivianos em São Paulo: o lugar do outro

Julia Galli O'Donnell

“Como se não pertencessem à capital”: mediação e conflito na invenção dos subúrbios cariocas (1900-1910)

Thaiane Barbosa da Silva

A Cruzada São Sebastião do Leblon e as suas representações ao longo de quase seis décadas de história

Mario Sergio Ignácio Brum

Imagens do Rio de Janeiro nas histórias em quadrinhos do Zé Carioca

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Mesa 2: Viver na cidade, fazer a cidade

José Henrique Bortoluci

A descoberta do viver periférico: visões da casa e do popular na arquitetura paulista da década de 1970

Zueleide Casagrande de Paula

Os escritos de Vilanova Artigas: o reconhecimento de si no urbano

Renata Patrícia Silva Moraes

Entre a casa e a rua: olhares, memórias e vivências nos jardins das residências recifenses no Estado Novo (1937 - 1945)

Ana Carla Pereira da Silva

Transformações espaciais e perceptivas: o transporte coletivo de ônibus em Fortaleza (1920-1940)

André Luiz da Silva Lima

Tania Maria Dias Fernandes

Trabalho Social nos projetos de Habitação de Interesse Social: Considerações sobre sua emergência

Samuel Silva Rodrigues de Oliveira

A Comissão Nacional de Bem Estar Social (CNBS): habitação popular, favelas e migração (1951-1955)

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Mesa 3: Identidades e territorialidades

Rita Maria Mendonça de Figueiredo

Universidade e Cidade, as interfaces de uma história

Wendell Emmanuel Brito de Sousa

SÃO LUÍS 62: a identidade urbana em disputa nas comemorações dos 350 anos da capital maranhense

Marcelo Lima Costa

Ancestralidade e Modernidade: Identidades híbridas na São Luís do Estado Novo

Daniela Marzola Fialho
Os mapas “esquecidos” da cidade de Porto Alegre

Thiago Oliveira Lima Matioli
Ricardo José de Moura
Rio de Janeiro de favelas e de complexos

Luís Manuel Domingues do Nascimento
Recife: uma condensação das modernizações urbanas

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Mesa 4: Representar a cidade

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre
Nova Iguaçu segundo a literatura: As representações de uma cidade a partir da Arcádia Iguaçuana de Letras (AIL-1955-1970)

Marissa Gorberg
Um olhar sobre o Rio de Janeiro: representações e domínios nas caricaturas de Belmonte (1923-1926)

Aline Viana Tomé
As paisagens urbanas de Eliseu Visconti como lugares de memória

Juliana Wendpap Batista
RUMO à São Paulo com Gal Oppido: música e fotografia na cidade

Lara Jogaib Nunes
O Rio de Janeiro nas crônicas da coluna A Cidade

Natalia Azevedo Crivello
Fotografia e paisagens urbanas: um palimpsesto da memória

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E HISTÓRIA DA ARTE: ENTRE ESCRITAS, CIRCULAÇÕES E RECEPÇÕES

SIMPÓSIO TEMÁTICO 42

Coordenadores
Patricia F. Moreno - UFJF
Rodrigo Christofolletti - USP/RESJE-Unisantos

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Rodrigo Christofolletti

Rodrigo Christofolletti

Engenhos de açúcar americanos com potencialidades a Patrimônio Mundial. Comparações entre o Engenho São Jorge dos Erasmos (Brasil) e alguns engenhos da Rota dos Escravos (República Dominicana)

Carlos Eduardo Ribeiro Silveira

A arquitetura e a consolidação do espaço urbano no final do século XIX na cidade de Juiz de Fora: o ecletismo na Praça da Estação

Renata Rendelucci Allucci

Consumir as cidades históricas

Tathianni Cristini da Silva

A exposição histórica das comemorações do IV centenário da cidade de São Paulo por Mário Neme

Zeloi Aparecida Martins dos Santos

O inventário do acervo histórico da Faculdade de Artes do Paraná: A Academia de Música do Paraná (1931-1966) Conservatório Estadual de Canto Orfeônico do Paraná (1956-1966) e a Faculdade de Educação Musical do Paraná (1967-1991)

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Gabriela Paiva de Toledo

Idea del Tempio della pittura (1590) de Giovanni Paolo Lomazzo

Renata Gomes Cardoso

Cartas de Anita Malfatti e Mário de Andrade: arte e crítica de arte, criação e recepção

Anderson de Sousa Silva

As artes da SCAP na Revista Clã

Ana Maria Pimenta Hoffmann

A arte latino-americana nas Bienais do MAM SP (1951-1961)

Renata Cristina de Oliveira Maia Zago

A Bienal aceita todos os artistas inscritos

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

O museu como arquivo: o Museu de Arte Moderna do Recife diante do efêmero

Anna Thereza do Valle Bezerra de Menezes

Conservar a experiência: paradoxos entre museu e arte contemporânea

Priscilla D. Gonçalves de Paula

A construção para um espaço adjacente para as artes do corpo

Patricia Ferreira Moreno

Galeria Miguel Rio Branco: um encontro de linguagens

LEITURAS CONTEMPORÂNEAS: A CULTURA EM SUAS MÚLTIPLAS EXPRESSÕES

SIMPÓSIO TEMÁTICO 43

Coordenador
Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Mackenzie

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Andreia Leite Souza

Lilliane Alfonso Pereira de Carvalho

Formação de Professores: Ensino da Arte na Educação Infantil

Carmem Zelide Vargal Gil

Jovens e Livros didáticos: leituras que marcam/demarcam

Francione Oliveira Carvalho

A imigração e interculturalidade como produção de conhecimento no na educação

Heloisa de Sá Nobriga

A auto-imagem e o consumo de si

Renata Barboza Carvalho

"Selfies", Surrealismo e Francesca Woodman

Elias Justino Bartolomeu Binja

WIT: Uma proposta criativa para repensar: vida e morte

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

João Batista Lemos dos Santos Júnior

Do corpo à videoarte: Intervenção artística em registro documental de performance do Grupo Empreza

Mateus Monteiro Barbosa

“FALA COMIGO DOCE COMO A CHUVA”: Uma análise do texto de Tennessee Williams e um paralelo com a pintura de René Magritte

Fernanda Binotti Pereira Colla

Madame de Pompadour nas Pinceladas de François Boucher: a força de uma narrativa visual

Débora Carammaschi

Cultura de Moda: roupa e história, um meio sensível. Um processo criativo, uma produção estética?

Patrícia Helena Soares Fonseca

O Supermercado Chanel: discussões sobre moda, arte e consumo

Sueli Garcia

Arte e Cultura da Moda como fundamentos do vestir contemporâneo

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Marco Antonio Milani

A Bricolagem nos Fanzines Punks

Fernanda Aparecida Yamamoto

Adriano dos Santos Capelo

Um paradoxo para o grafite-leitura sobre o atual lugar da arte de rua

Emerson Rodrigues de Brito

O corpo e o imaginário: as questões contemporâneas do design de games

Janaína Quintas Antunes

História da Cultura Contemporânea: cibercultura e cultura Nobrow

Cristina Susigan

A Arte Holandesa de Johannes Vermeer: Redescoberta, Reconhecimento, Apropriação

Véra Lúcia de Góes

Uma leitura da obra de François Truffaut

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Piero Sbragio

A Verdade do Ser: Nietzsche, Kubrick e o questionamento do real

Paulo Roberto Monteiro de Araujo

Imaginação e Linguagem em David Lynch

Verônica D'Agostino Piqueiro

O Corpo na tela: O Cinema autoral de Tod Browning

Douglas Domingues

Os Afetos

Marcos Rizolli

Nelson Leiner: multiculturalismo em arte multidimensional

Federico Urtubey

Verónica Capasso

Arte, política e subjetividade após a crise Argentina de 2001

PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA SOCIAL

SIMPÓSIO TEMÁTICO 45

Coordenadores
Ricardo de Aguiar Pacheco - Unilasalle
Carla Renata Antunes de Souza Gomes - UFRPE

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Discursos e Representações

Diego Gomes dos Santos

Pernambuco de “pedra e cal”: análise histórica sobre os primeiros anos da política cultural para o patrimônio pernambucano (1979 - 1985)

Diego Finder Machado

Marcas da Profanação: apropriações subversivas do patrimônio cultural em uma cidade contemporânea

Aline Martins Martello

Comité du Vieil Alger: fundação da tradição arquitetônica e patrimonial argelina (1905)

Andreia Martins Torres

Reconstruindo memórias através das contas de vidro: discurso oficial e identidade local

Carla Renata Antunes de Souza Gomes

Memória, História e Cidadania: a utopia como prática política

Gloria Alejandra Guarnizo Luna

Ressonâncias do sensível - Novos Museus no Brasil

Rosane Marcia Neumann

Marlise Regina Meyer

Os museus e a construção de uma narrativa da memória do processo de imigração e colonização alemão na RS

Andrea Reis da Silveira

*História institucional um olhar sobre o Museu Julio de Castilhos: os Projetos extramuros
Trem da Cultura e Cinema no Museu*

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Patrimônio e Ensino

Ricardo de Aguiar Pacheco

O Museu como lugar de aprendizagem: o tempo histórico

Vanessa Paola Rojas Fernandez

Mônica Fernanda Bonomi

*Educação e Memória: Ensino da Ditadura Civil-Militar Brasileira a partir da relação entre
História e Artes*

Francisca Márcia Costa de Souza

Patrimônio cultural imaterial na sala de aula

Andréa da Cunha Russo

Passado Escondido: o povoamento do Brasil excluído da memória social

Jamile Cezar de Moraes

*O Caminhos da Memória enquanto espaço de reflexão sobre a memória e o patrimônio
cultural de Caxias do Sul*

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

A escrita do passado nas cidades através dos monumentos

Cristina de Almeida Valença Cunha Barroso

Anotações sobre o Museu Histórico de Japaratuba- SE

Juliana da Costa Ramos

Ana Lúcia do Nascimento Oliveira

Patrimônio, Museu e a Escrita do Passado

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Lugares e Memórias

Suelen de Andrade Silva
Marcia Olga Enrique Silva
Centro Histórico de João Pessoa/PB: lugar de memória

Adebal de Andrade Júnior
Carolina Dellamore
Entre a memória dos trabalhadores e a arquitetura fabril: reflexões sobre a preservação do patrimônio industrial de Contagem-MG

Jackelina Pinheiro Meira Kern
Patrimônio e Memória no Sertão Nordestino: um diálogo através da imagem

Francisca Paula Machado
Estabelecendo fronteiras: memória social e afirmação étnica na tradição oral dos Tremembé de Almolândia (1980- 2014)

Danilo Celso Pereira
Entre a preservação da memória e da natureza: o caso do Parque Estadual da Ilha Anchieta

Marco Alexandre Nonato Cavalcanti
Patrimônio Cultural e desenvolvimento na Vila de Paranapiacaba

Cristiana Ferreira Schilder
Transformações urbanas e construção simbólica da praça Barão do Rio Branco (1920 - 1970)

Marianna Gomes Pimentel Cardoso
A memória da cidade: o valor patrimonial dos jardins de Roberto Burle Marx em Brasília

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Cultura Imaterial

Amanda Alexandre Ferreira Geraldês
Bois, onças, caveiras e capetas: as máscaras e os mascarados da Festa do Divino de Pirenópolis/GO

Aissa Afonso Guimarães
Jongos e Caxambu: transmissão cultural no sul do Espírito Santo

Marli de Oliveira Costa
“Elas ainda recordam”: Memórias de Mulheres sobre a técnica da arte cerâmica em Imaruá -SC

Isabella Karim Morais Ferreira

Bordando histórias, construindo narrativas: um breve relato de estudos sobre a prática do bordado no Brasil

Mariana Bracks Fonseca

“Tê Aruanda! A memória de Angola na roda da capoeira”

Rafaela Sales Goulart

Em defesa em um patrimônio imaterial: memória e identidade nas folias de reis

Rita Morais de Andrade

Indumentária em museus brasileiros: um panorama atual das coleções

Mônica Menezes Perny

Denise Maurano

Carnaval e Máscaras: um fenômeno sociocultural contribuinte na formação da sociedade do Rio de Janeiro

**ESCRITAS DE SI E SUA RECEPÇÃO: BIOGRAFIAS,
AUTOBIOGRAFIAS E DIÁRIOS**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 46

Coordenadores
Robson Mendonça Pereira - UEG
Alexandre Pacheco - UNIR

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Reginaldo Carlos de Melo Souza

O Romântico e a Várzea: a biografia de Manoel Rodrigues de Melo e a paisagem da Várzea do Açú

Patrícia Lucena de Araújo

Manoel Dantas intelectual e educador militante

Helena Isabel Mueller

Brasil Pinheiro Machado por Brasil Pinheiro Machado. Memórias biográficas

Deivid Aparecido Costruba

Entre a perspectiva Saint-Simoniana e o ecofeminismo: uma análise do Correio da Roça (1913), de Júlia Lopes de Almeida

Humberto Perinelli Neto

Rodrigo Ribeiro Paziani

“Máscaras do poder, narrativas de civilidade, véus da barbárie: uma microanálise das biografias de Joaquim Macedo Bittencourt e Antônio da Silva Prado”

Merilin Baldan

Redes de Sociabilidade na Série Atualidades Pedagógicas (1931 a 1939): autobiografias, círculo de intelectuais e políticos na condução dos projetos de modernização da educação e da sociedade

Fausto Alencar Irschlinger

A produção da imagem e a criação de mitos edificantes na biografia de Plínio Salgado

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Márcia Maria da Silva Barreiros

Entre o romance e a autobiografia: a escrita feminina e a memória histórica (Bahia, século XX)

Ana Paula dos Anjos Gabriel

São Paulo, capital da música: Memória e escrita autobiográfica em Vocação e Arte, por Armando Belardi (1898-1989)

Cyro Roberto de Melo Nascimento

Uma autobiografia literária em Ovelhas negras de Caio Fernando Abreu

Geny Brillas Tomanik

Escrita de si: as memórias, experiências e deslocamentos de Pedro Brillas (1919-2006), um exilado/refugiado espanhol

Aline Monteiro de Carvalho Silva

Trajetória e construção da memória na autobiografia de Dias Gomes

Luã Ferreira Leal

“Estamos praticamente na estaca zero”: comentários de Ary Vasconcelos sobre música popular

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Nathália Sanglard de Almeida Nogueira

Um peregrino na floresta: a viagem como experiência para a escrita dos ensaios amazônicos de Euclides da Cunha

Alexandre Pacheco

Os usos da memorialística da Expedição de Reconhecimento do Alto Purus na obra Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido: Leandro Tocantins e a integração da Amazônia nos anos de 1960

Robson Mendonça Pereira

Autobiografia e projeções do heroísmo nos diários de Cândido Rondon

Maria Betânia Barbosa Albuquerque

Saberes culturais, educação, história e religiosidade de um curandeiro da Amazônia

Joelma Dias Matias

As epístolas de Emília Fontes e as práticas amorosas em Sergipe no século XIX

Thamara Parteka

A recepção e releituras de narrativas da loucura

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Rafael de Oliveira Falasco

A conquista da fama pelo Conde de Buelna em El Victorial

Leandro Penna Ranieri

Por uma biografia possível do Livro de Viagens, de Benjamin de Tudela

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos

Cronica & Ricordanze: memória e auto biografia na Florença renascentistas

Renan Pereira Fontes

O gênero biográfico como forma de escrita historiográfica: D. João VI no Brasil, de Oliveira Lima

A HISTÓRIA E SEUS OUTROS: LEITURAS DE HISTÓRIA COMPARTILHADAS COM A ARTE

SIMPÓSIO TEMÁTICO 49

Coordenador
Telma Dias Fernandes - UFPE

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Diogo José Freitas do Egyto

“Ventos Rebelionários”: uma análise dos hibridismos musicais no disco *Vem No Vento*, do grupo *Jaguaribe Carne*

Ivan Luiz Lima Cavalcanti

“Maluco e Teimoso”: uma análise da Censura na produção do cantor *Odair José* durante a década de 70

Joedna Reis de Meneses

História do amor e os enunciados dos amores não correspondidos (roedeira) na música brasileira

Telma Dias Fernandes

A história e seus outros: Ave Sangria, música e transgressões na década de 1970

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Arilson Silva de Oliveira

A Índia Fabular Entre os Europeus Medievais

Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

Como pensar a história no apocalipse zumbi?

Denise Scandarolli

Espaço de reação à tradição: a resistência do teatro popular francês nas obras de M. e Mme Favart

Henrique Brener Vertchenko

CRÍTICA TEATRAL E ENCENAÇÃO: escritas e leituras de um projeto moderno

André Roberto da Silva Pinto

Escola de Engenharia de Pernambuco de 1895 ao começo do século XX: matemática e professores engenheiros

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Alômia Abrantes da Silva

“Well, Well”: para o desencanto do amor romântico, a magia do amor materno

Cintia Medina de Souza

A inserção da mulher na Esfera Pública burguesa: da identidade coletiva à classificação como gênero feminino na cultura literária inglesa dos séculos 17 e 18

Flávia Renata Machado Paiani

Narrativas Visuais, Obras Fronteiriças e Mídias Lúdico-Interativas: perspectivas teórico-metodológicas para a produção e a difusão do conhecimento histórico

Lydiane Batista de Vasconcelos

As cartas de José Lins do Rego como espaço de socialização

Diogo Silva Manoel

Comicidade e moda de viola: o cançãoeiro caipira e o riso

HISTÓRIA E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS: LITERATURAS E IMAGENS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 50

Coordenadores
Thaís Leão Vieira - UFMT
Ana Paula Squinelo - UFMS

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Sessão 1

Virgílio Coelho de Oliveira Júnior

As representações queirosianas e o “gesto editorial”: Leituras, leitores, e práticas de publicação em Portugal, na segunda metade do século XIX

Lays da Cruz Capelozi

“O Casamento” de Nelson Rodrigues e a releitura de Arnaldo Jabor nos cinemas

Thaís Leão Vieira

Crítica e Recepção das Comédias de Oduvaldo Vianna Filho no período ditatorial

Fernando Cesar dos Santos

Concepções estéticas, culturais e historiográficas na obra Os Miseráveis (1862), de Victor Hugo

Sessão 2

Izabel de Fátima Cruz Melo

O eu que só pode ser (n)o outro: Jean Rouch e José Agrippino nas Áfricas dos anos 1970

Robson Pereira da Silva

“Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher...”: personas liminares na obra de Ney Matogrosso - sujeitos marginais como uma partilha estética do sensível

Talitta Tatiane Martins Freitas

Dzi Croquettes: A Remição de um Grupo

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Sessão 3

Ana Paula Squinelo

Batalhas imagéticas: representações da Guerra do Paraguai nas Coleções Didáticas de História (PNLD/2014)

Silvana Assis Freitas Pitillo

O Oratório de D.Bosco - linguagens artísticas

Martinho Alves da Costa Junior

Os retratos de Alice Ozy por Théodore Chassériau

Antonio Ricardo Calori de Lion

Os Cine-Teatros Cuiabá e Goiânia nos anos 1940: formas, usos e imagens

Sessão 4

Karen Pinho Moriya

Rebeldia, ruptura e sensibilidades: as narrativas dissidentes presentes nos mangás

Marina Vieira de Carvalho

Boas Entradas: as representações sobre a virada do ano nas páginas do Rio Nu

Cíntia Christiele Braga Dantas

Dialética, disparate e delírio: caminhos e desvios para a revolução na terra do transe

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Sessão 5

Raphaela Rezzieri

"Ideologias poéticas": a literatura como instrumento de legitimação da cultura cuiabana

Ana Luisa Pisani

A Imagem do Homem Civilizado: uma análise do discurso da obra "A Civilidade Pueril" (1530), de Erasmo de Rotterdam

Dálete Cristiane Silva Heitor de Albuquerque

*O discurso estabelecido na revista *Jornal das Moças**

Vanderlei Marinho Costa

Identificando o Anticristo: escritos apocalípticos antinapoleônicos no espaço luso-brasileiro

Fernanda Martins da Silva

Onírisimo e Primitivismo: diálogos entre Manoel de Barros e Joan Miró

ESCRITAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES: ARTICULAÇÃO ENTRE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E HISTÓRIA CULTURAL

SIMPÓSIO TEMÁTICO 51

Coordenadores
Thais Nívia de Lima e Fonseca - UFMG
Cláudio de Sá Machado Júnior - UFPR

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Thais Nívia de Lima e Fonseca

História Cultural e História da Educação no Brasil: metodologias e problemas de pesquisa

Márcia Scarpari De Giacomo

Sueli Iwasawa

A Historiografia Moderna, a tendência cultural e suas influências para a História da Educação

Ana Raquel Costa Dias

A inserção da História Cultural no campo da história da educação: uma análise dos anais da SBHE (2000 - 2011)

Cláudio de Sá Machado Júnior

Possibilidades teóricas para o estudo da comunicação e da imprensa: diálogos com a História Cultural e a História da Educação

Fabrcio Vinhas Manini Angelo

Lentes de Bourdieu para ler o século XVIII: um primeiro exercício de abordagem das fontes

Kelly Lislíe Julio

A construção de uma mulher ideal - os pensadores e a legislação portuguesa no século XVIII

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Elaine Regina Mendes Lisboa

Thalisse Ramos de Sousa

Entre negociações e conflitos: uma abordagem sobre as práticas educativas de escravos na Província do Maranhão no século XIX

Milena Domingos Belo

Representações de escola e infância: um estudo sobre os livros de leitura

Caroline Santos Silva

A escritora Amélia Rodrigues através das páginas de Mestra e Mãe

Lucilene Rezende Alcanfor

Práticas de leitura na série “Na escola e no lar”, de Thomaz Galhardo, no ensino público paulista

Alessandra Pedro

A História para o Ensino Fundamental e Secundário: a produção didática de José Francisco da Rocha Pombo e sua importância para a História da Educação nas primeiras décadas do século XX

Daniel Santos Mathias

“Ensina a criança amar a Patria”: sinais e representações sobre a educação moral e cívica, segundo Arthur Porchat de Assis

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Bruno Bortoloto do Carmo

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira

Representações sobre o ensino de educação física de Arthur Porchat de Assis em seu manual “Eduquemos” (1915)

Rogério Justino

Raquel Discini de Campos

Educando pela Publicidade: O higienismo nos anúncios publicitários no jornal A Tribuna na Uberabinha da década de 1920

Bianca Nascimento de Freitas

“Ler, escrever e contar serão os meios, a lavoura o fim”: educação e infância no livro João Pergunta ou O Brasil Seco de Newton Craveiro (1920-1930)

Valdirene Pereira de Sousa

Infâncias nas páginas do jornal A União (1930/1940): a institucionalização de um novo modo de ser criança sob a ação das práticas escolares

Kênia Hilda Moreira

Escritas e práticas educativas nos cadernos de um professor de escola rural em Mato Grosso na Era Vargas

Elaine Coelho da Luz

Ensino secundário brasileiro: análise de Guy de Hollanda sobre os compêndios e o ensino de história entre 1931 a 1956

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Kelly Keiko Koti Dias

Enciclopédias T(h)esouro da Juventude, obras de fronteira: entre a literatura e vulgarização do conhecimento histórico

Fátima de Araújo Góes Santiago

Maria Cecília de Paula Silva

Aprendendo com O Aprendiz: o ensino moral na Escola Técnica de Salvador (1944 - 1947)

Juliana Maués Silva Clarino

Norberto Dallabrida

A perspectiva de Jayme Abreu sobre a reforma do ensino secundário na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1955-1964)

Dimas Brasileiro Veras

A reforma universitária e a revista Estudos Universitários da UFPE (1962-1969)

Vanessa Lepick

José Carlos Souza Araújo

As práticas de ensino das professoras do grupo escolar Clarimundo Carneiro e as prescrições do Programa do Ensino Primário de Minas Gerais no período de 1963 a 1973

Rodrigo de Almeida Ferreira

Educação para o conhecimento histórico e o cinema: o exemplo do filme Xica da Silva (1976)

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

SIMPÓSIO TEMÁTICO 52

Coordenadores
Carlota Boto - USP
Washington Dener - UERJ/UNIGRANRIO

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Neide Ana Pereira Ramos

Educação moderna e a questão da moral na concepção de Nietzsche

Aryana Lima Costa

Historiografia, memória e projeto: a herança dos Annales no curso de História e Geografia da USP

Jorge Garcia Basso

Agenor Miranda Rocha: A trajetória do professor e sacerdote das tradições religiosas afro-brasileiras

Rubia Caroline Janz

Dones Cláudio Janz Jr.

Racismo, mito da democracia racial e a Lei 10639/03

Thiago de Jesus Araújo Cruz

Áurea de Fátima Lopes Silva

Novas perspectivas para o ambiente educacional brasileiro

Audrey Pietrobelli de Souza

Névio de Campos

Representações Docentes sobre o Processo de Desenvolvimento Cognitivo de seus Alunos: uma reflexão a partir das contribuições de Vigotski, Moscovici e Chartier

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Dayse Marinho Martins

A educação pela fé na França Equinocial (1612-1615)

Fernando Cezar Ripe

“Todas as crianças nascem com disposição á cólera, á ira, e á impaciência”: a análise de um manual português de bom comportamento, século XVIII

Iara Lis Schiavinatto

Sociabilidade letrada no mundo luso-brasileiro: os significados do desenho

Iverson Geraldo da Silva

Francisco de Mello Franco e um Novo Portugal: a crítica ao atraso português em “Reino da Estupidez” e “Medicina Teológica”

Carlos Augusto de Melo

Práticas de Escrita de Histórias Literárias e Discursos Escolares Oitocentistas: representações mnemônicas da nacionalidade da literatura brasileira nos compêndios de Francisco Sotero dos Reis (1800-1871)

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Fernanda Moraes dos Santos

A precariedade das condições de trabalho dos professores públicos no Oitocentos (Vila de Cotia, Província de São Paulo)

Tatiana Gonçalves de Oliveira

A prática educacional entre os índios no Aldeamento de Itambacuri (1873-1889)

Floriza Garcia Chagas

Claudia Panizzolo

Album das Meninas (1898-1901): um estudo sobre a imagem da infância paulista na Primeira República

Alexandra Lourenço

A atuação salesiana em Mato Grosso no final do século XIX e início do XX

Faneide Pinto França Bitencourt

Práticas educativas no internato da escola doméstica Nossa Senhora da Anunciação - Ananindeua/PA (1949-1959)

HISTÓRIA, CULTURA VISUAL E LITERÁRIA: REPRESENTAÇÕES

SIMPÓSIO TEMÁTICO 53

Coordenadores
Yvone Dias Avelino - PUC-SP
Francisco de Assis de Sousa Nascimento - UFPI

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Coordenação: Prof. Dr. Francisco de Assis Souza Nascimento

Francisco de Assis de Sousa Nascimento

*E HISTÓRIA NA POLIFONIA DA CIDADE: Narrativas sobre o espetáculo teatral
Tribos da Companhia Antonio Fagundes*

Antonio Melo Filho

*Os Jornalistas e a Cidade (s)em censura: entre a “notícia profissional” e a “notícia
mercado” as disputas entre “velhos” e “novos” companheiros literatos, polêmicos e
políticos*

Clara Natalia Steigleder Walter

*A sociabilidade no tempo histórico-cultural: uma leitura do imaginário coletivo em Porto
Alegre (1900 - 1940)*

Diego Barbosa da Silva

*Entre a identidade e a alteridade: uma análise comparativa de imagens do europeu sobre
o outro no século XVI e na virada do século XX*

Etiane Caloy Bovkalovski

*A centralidade da figura do diabo nos meios de comunicação da Igreja Universal do Reino
de Deus no final do século XX*

Fabiolla Stella Maris de Lemos Furtado Leite

Quadrinhos dos anos 10: a leitura da história na obra de André Dahmer

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Coordenação: Profa. Dra. Yvone Dias Avelino

Yvone Dias Avelino

História Cultural, Espaço Urbano e Construção de uma Memória: da Cidade do Café à Metrópole Paulistana

Muito além da música e do visual: tensões e negociações no universo das Linhas de Frentes das Bandas e Fanfarras do Estado de São Paulo

Muito além da música e do visual: tensões e negociações no universo das Linhas de Frentes das Bandas e Fanfarras do Estado de São Paulo

Henri de Carvalho

Almeida Faria e sua "A Paixão": individualidade, elocução, caráter e pensamento ao devir histórico no pré Revolução dos Cravos

Marcelo Flório

Telma Martins Peralta

As propagandas de cosméticos e o discurso publicitário: construindo a identidade da mulher brasileira no início do século XXI

Munir Lutfé Ayoub

Plaquetas de ouro e mitologia nórdica: A representação das linhagens reais na Escandinávia do período Viking

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Coordenação: Profa. Dra. Yvone Dias Avelino

Allan Cavalcanti de Moura

Antônio de Alcantara Machado e Blaise Cendrars - escrita e fitas de documentação

Julia Soares Leite Lanzarini de Carvalho

Benvida a mulata: a presença negra na Capital Federal de Artur Azevedo

Larissa da Costa Oliveira

A construção da nação portuguesa em Alexandre Herculano na primeira metade do século XIX

Márcio de Araújo Pontes

Fotografias e Narrativas de Mulheres Dramistas

Joviana Fernandes Marques

ESBOÇANDO A NEW WOMAN: O papel da ilustração na construção de um novo olhar sobre as mulheres americanas no final do século XIX

SEXTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Coordenação: Prof. Dr. Francisco de Assis Souza Nascimento

Ítalo Francisco Andrade de Sousa

Os sertões do Piauí - As representações do universo sertanejo piauiense nos murais de Nonato Oliveira

Letícia Badan Palhares Knauer de Campos

A cultura visual e o cinema de horror italiano - Apropriações e uso das artes

Neemias Oliveira da Silva

A Arte da Guerra nas séries Roma e Spartacus: uma análise a partir das obras Estratagemas de Polieno e Sexto Júlio Frontino

Robson Scarassati Bello

O videogame como narrativa, jogo e representação histórica em Assassin's Creed (2007-2012)

Juliana de Souza Silva

AUTOAJUDA E EDUCAÇÃO: o teor das teorizações voltadas a professores

Paulo Henrique Rodrigues Melo

Um campo e sua seara: aspectos do campo artístico pernambucano nos anos 1920

**INTERFACES ENTRE HISTÓRIA E EXPRESSÕES CULTURAIS:
A MULTIPLICIDADE DE SENTIDOS NO PROCESSO DE
PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DAS LINGUAGENS**

SIMPÓSIO TEMÁTICO 54

Coordenadores
Kátia Eliane Barbosa - ULBRA
Nádia Cristina Ribeiro - UFU

TERÇA-FEIRA 11 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Geraldo Witeze Junior

Thomas Morus inspirado por Deus: Vasco de Quiroga e a releitura da Utopia como projeto colonial para a Nova Espanha (1531-1565)

Livia Bernardes Roberge

As influências das ideias de Thomas Morus e Nicolau Maquiavel durante o reinado de Henrique VIII da Inglaterra (1509-1547)

Michele Aparecida Evangelista

Os japoneses segundo a perspectiva europeia: uma análise das correspondências jesuíticas (1563-1571)

Sergio Willian de Castro Oliveira Filho

O Romance protestante de Mary Hoge Wardlaw na esteira de um possível protagonismo feminino

Almir El-Kareh

Espaço doméstico e poder feminino no Rio de Janeiro no século XIX

Renata A Sopelsa

“UM SONHO A DOIS”: um estudo sobre as mulheres imigrantes e suas relações familiares (interior do Paraná, final do século XIX)

QUARTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Arthur Narciso Bulcão da Silva

De anjo a demônio: A transmutação de Lúcifer a Diabo no imaginário Cristão

Andréa Márcia Gonçalves Leandro

Hospitalidade e cultura da simplicidade voluntária em Maria da Fé/MG

Marco Antonio de Lara

Bhakti-Kārya: organização social e política na perspectiva da tradição Bhāgavata

Élie Bajard

Evolução histórica da escrita e procedimentos de alfabetização

Cristina Meneguello

Jogo, interatividade e ensino de história: o caso da Olimpíada Nacional em História do Brasil (2009-2014)

Dilma Fátima Avellar Cabral da Costa

A produção de um blog de história no Arquivo Nacional: o sítio do programa Memória da Administração Pública Brasileira - MAPA

QUINTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO

HORÁRIO: 09:00 HS. ÀS 12:00 HS.

Larissa de Souza Correia

Homero e a construção da imagem do herói clássico

Manoel Hermínio Gomes Neto

Representações das praias de Natal nas crônicas de Newton Navarro

Camila Maria Bueno Souza

A cena impressa: o encenador Ziembinski, na pena do crítico Décio de Almeida Prado (1950-1959)

Nádia Cristina Ribeiro

Guarnieri: questões políticas e artísticas de 1958-1964

Kátia Eliane Barbosa

Macunaíma em cena: representações da brasilidade

Painéis de Iniciação Científica

Programação

13 de Novembro de 2014
Quinta-Feira

DAS 14:00 HS. ÀS 16:00 HS.

Amanda Ferreira Paulo dos Santos

A questão da terra em Mato Grosso por meio de Cuiá de Gedeão (1982) de Pedro Casaldáliga

Ana Claudia Gomes de Sousa

Imagens da infância na produção fotográfica de Euvaldo Macedo Filho - Juazeiro, Bahia

Ariana Bárbara de Amorim

O ofício da fotografia em Diamantina e região na primeira metade do século xx (1901-1950): Os fotógrafos, seus ateliês e a itinerância fotográfica

Bárbara do Nascimento Dias

Exploração de Trabalho Escravo no Campo e Violência: A Fazenda : Vale do Rio Cristalino e a Volkswagen- 1980-1990

Beatriz Gabrielli

Anúncios de romances no periódico Gazeta de Lisboa (1808-1840)

Bruna Hanime Brito Soares

O acervo arqueológico do sítio Alto Sucuriú 12: processamento laboratorial de patrimônio cultural

Bruna Thalita Aquino Silva

História e documentário: uma visão sobre Eduardo Coutinho

Caique Franchetto

Leitura sob as arcadas: A biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo no século XIX, a literatura francesa e o romantismo paulistano

Clarita Maria de Godoy Ferro

Escavando Corpos: Uma panorâmica sobre as abordagens do corpo humano pela Arqueologia (2002-2012)

Daiane Stefane Lima Antunes

Amarelo Manga: uma análise das relações de gênero e poder

Deyse Cardoso Leite

A representação da feminilidade nas 'Cartas para Esther' (1908-1919)

Elvys Maikon Campelo Soares

Acomodação, negociação e modos de viver dos trabalhadores rurais da região sudoeste do Pará, a partir da década de 70

Everton de Souza Teixeira

Valores da Renascença nas Obras de Da Vinci

Fernanda da Silva Passos

Dança e poesia, relações interartísticas nas vertentes do Ballet: clássico de repertório e Ballet moderno. Estudos aplicados em O Espectro da Rosa e O Entardecer de um Fauno

Franklim Flamariom de Araújo Mata

Terror em João Câmara - As reações da população no terremoto de 1986

Gledson Wilber de Souza

O filme Super-8 como prática de documentação -rio São Francisco, anos 1970

Júlia Carvalho Oliveira

Glossário de doenças/ sintomas do século XVIII

14 de Novembro de 2014
Sexta-Feira

DAS 14:00 HS. ÀS 16:00 HS.

Iza Debohra Godoi Sepúlveda

Crítica ao projeto modernizador: Ambiguidades na peça teatral de Zulmira Canavarros no período Vargas - 1943

José Ribamar Vieira Maramaldo

Escrita epistolar: Representações da masculinidade nas cartas de Maximiliano Medina (1908 - 1919)

Juliana de Oliveira Ferreira

Maya Angelou: A experiência da artista e a estetização do trauma

Kelly Carlyne Cirqueira Alves

História e memória do “Massacre de Eldorado do Carajás”: exploração, conflito e violência no sul do Pará - 1995 - 2010

Kirk Patrick da Cruz Vulcão

Navegar e emergir: As visões e vozes dos agentes ribeirinhos ao longo do rio Tocantins sob a ótica de viajantes (1848 - 1897)

Lais Gaspar Leite

Tempos Modernos: A visão de Chaplin sobre a Revolução Industrial

Larissa de Assumpção

A presença de obras ficcionais na coleção Teresa Cristina

Larissa de Souza Oliveira

Congressos de Leitura do Brasil (1978-1995): a produção de um catálogo de fontes

Marcella Gonçalves da Costa

O Teatro dos Críticos: Considerações iniciais sobre o Teatro de Jefferson Del' Rios

Matheus Simonton

Dramaturgia e Música: O efeito do distanciamento na Ópera do Malandro (1978) de Chico Buarque

Nayara Cristiny de Oliveira

As imagens e os espaços poéticos em memórias do subsolo, de Fiódor Dostoievski

Rafael Porto Ribeiro

Mulheres nas engenharias - estudo de história da ciência e tecnologia em Campina Grande (1952-1970)

Raquel Pereira Leite

O papel dos tradutores nos Teatros Fluminenses do séc. XIX

Samuel Fernando da Silva Junior

O povo vai às ruas: o movimento “Diretas Já” em Campo Grande - MS (1984)

Samuel Nogueira Mazza

Um breve estudo sobre a Quasar cia. de dança

Thiago do Amaral Biazotto

A “barbarização” de Alexandre Magno na historiografia: séculos XIX, XX e XXI em contraste

Victor Henrique da Silva Menezes

Representações da Antiguidade, discursos sobre a modernidade: a chegada de Júlio César à Alexandria em fontes textuais antigas e produções midiáticas modernas

Simpósios Temáticos

Resumos

Adauto Guedes Neto (FABEJA)

Um padre vigiado pelo DOPS: a atuação pastoral e perseguições políticas sofridas por José Comblin entre 1964-1985

Com a instauração da Comissão Nacional da Verdade e suas reproduções estaduais, em Pernambuco por exemplo, foi criada a Comissão Estadual da Verdade Dom Hélder Câmara, criou-se um ambiente mais favorável para as pesquisas que envolvem os períodos propostos por tais comissões, qual seja, a ditadura varguista e a ditadura militar. Por isso, conseguimos ter acesso ao prontuário do padre belga José Comblin produzido pelo DOPS, do qual antes só teríamos condições de analisar com a autorização por escrito da sua família.

Nosso objetivo é discutir a atuação pastoral de Comblin em Pernambuco entre 1964 e 1985, mas sem desconsiderar que a mesma se desenvolveu em diferentes espaços do território brasileiro. Desde São Paulo, onde foi professor da Escola Teológica Dominicana, tendo como alunos figuras que mais tarde se destacaria entre os progressistas católicos na luta contra a ditadura militar, tais como Frei Betto e Frei Tito de Alencar, passando por diferentes estados do Nordeste brasileiro, onde coordenou a experiência da Teologia da Enxada, experiência esta que se fez conhecer também no Chile, quando da sua expulsão do Brasil pelas forças militares.

Por ter uma atuação voltada para os movimentos de base, sobretudo em plena ditadura onde especialmente a partir de 1968, acentua-se as perseguições a membros do clero, o padre Comblin passa a ser vigiado passo a passo pela forte repressão que caracterizava o período, seja pelas Forças Armadas, Polícia Militar e Polícia Federal, conforme pudemos perceber nas mais de dezenas de relatórios produzidos no DOPS sobre os caminhos percorridos pelo padre, sua atuação, com quem estava ligado, além das notícias de jornais que citavam seu nome.

É a partir da disponibilidade e acesso a tal documentação, que pretendemos destacar como sua atuação foi vigiada pelos órgãos de repressão, mas que além das perseguições sofridas José Comblin foi incansável na luta em promover uma perspectiva teológica que "liberta".

Adebal de Andrade Júnior (IFCS/UFRJ)

Carolina Dellamore (UFMG)

Entre a memória dos trabalhadores e a arquitetura fabril: reflexões sobre a preservação do patrimônio industrial de Contagem-MG

A Constituição Federal de 1988 ampliou o conceito de patrimônio na legislação brasileira incorporando ao texto constitucional os bens de natureza imaterial entre as manifestações culturais que compõe o patrimônio cultural brasileiro. Em 2000, o Estado definiu uma política de proteção do patrimônio imaterial a partir da regulamentação do registro das referências culturais imateriais. Não há dúvida que a nova legislação representou avanços para o campo da proteção patrimonial, entretanto, promoveu uma dicotomia entre o material e o imaterial.

Portanto, o objetivo dessa proposta é examinar as ações de preservação do patrimônio industrial de Contagem-MG, município pertencente à Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), que nos anos de 1940 recebeu em seu território a Cidade Industrial Juventino Dias, área planejada para abrigar indústrias de grande porte. Nossa análise parte do pressuposto de que a dimensão material do patrimônio industrial, presente na arquitetura fabril, nos maquinários e nas chaminés, e o seu aspecto imaterial, percebido na memória dos trabalhadores, nas relações estabelecidas com o espaço da fábrica, no cotidiano da produção e nas sociabilidades dentro e fora da indústria, incluindo os saberes, as rotinas de trabalho e as práticas diárias, demandam uma reflexão sobre o alcance das políticas de proteção do patrimônio e suas especificidades que distanciam as dimensões tangíveis e intangíveis do patrimônio.

Para esse trabalho serão mobilizados os conceitos de patrimônio industrial e memória, bem como as recentes discussões acerca dos processos de patrimonialização de referências culturais. Além disso, serão analisadas as fichas de inventário do patrimônio industrial de Contagem, o dossiê de tombamento da Companhia Cimento Portland Itaú, único bem dessa natureza tombado pelo município e atas das reuniões do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Contagem - COMPAC.

Ademir Luiz da Silva (UEG)

Diálogo entre (linhas) crítica e poética: O pós-humano em Star Wars e na obra quadrinística de Edgar Franco

O objetivo desse artigo é promover um diálogo entre artista e crítica, a partir da tentativa de comparação de duas obras: a saga de fantasia de ficção científica Star Wars, do cineasta norte-americano George Lucas, e o universo ficcional em quadrinhos do artista multimídia brasileiro Edgar Franco. O trabalho se realizará em duas perspectivas que se pretendem complementares. Num primeiro nível, apresentamos impressões críticas acerca das possíveis aproximações e claros distanciamentos entre as obras citadas, para em seguida abrir espaço para que o artista teça seus comentários acerca dessas mesmas observações, num esforço de reflexão acerca de sua poética criativa, concordando, discordando ou desconstruindo a análise teórica realizada pelo crítico, numa espécie de réplica em “tempo real”, realizada de forma escrita numa faixa paralela de comentários, modalidade atualmente popularizada nas mídias audiovisuais de consumo caseiro (DVD, Blu-ray etc).

Adriana Angelita da Conceição (UNICAMP)

Cultura escrita entre cartas e edições: a correspondência do vice-rei D. Luís de Almeida, 2º marquês do Lavradio - século XVIII

As atuais pesquisas da história da cultura escrita vêm problematizando a escrita enquanto objeto de estudo, situando-a em uma variada disposição de análise que considera a escrita além das informações que disponibiliza, ponderando-a entre: práticas, discursos e representações, conforme indicou o historiador espanhol Antonio Castillo Gómez. Deste modo, considera-se, em diálogo com este pesquisador, as várias temporalidades que circundam a cultura escrita: o tempo de aquisição da competência de escrever, o

tempo da produção, o tempo de recepção e o *tempo de conservação*. Com isso, esta apresentação se propõe a tematizar alguns dos debates teóricos e metodológicos da história social da cultura escrita considerando, em especial, o tempo da conservação.

D. Luís de Almeida, 2º marquês do Lavradio, chegou ao Brasil em fevereiro de 1768 como governador e capitão-general de mar e terra da capitania da Bahia, onde permaneceu até 1769, quando foi nomeado vice-rei do Brasil e deslocou-se até a capitania do Rio de Janeiro – capital do vice-reino. Lavradio, para governar e manter suas relações particulares, escreveu centenas de missivas até retornar a Portugal, em 1779. Os temas que motivaram a escrita, sendo a carta o principal instrumento que permitia a comunicação a distância, foram variados e se imbricam entre questões da vida pública – os desafios do exercício administrativo – e os percalços da vida particular, como as dificuldades atreladas a distância dos familiares e as preocupações com a circulação na corte de representações sociais referentes aos governadores ultramarinos. Assim, em diálogo com os debates da história da cultura escrita, considerando a *temporalidade de conservação* e os problemas e desafios que envolvem as edições de documentos setecentistas, pretende-se estabelecer algumas análises voltadas à correspondência do vice-rei D. Luís de Almeida.

Adriana Aparecida Mendonça (UFG)

“Do Morrer” e “do Nascer”: Fanzines poéticos como base de experimentação de gravura/desenho em um processo de pesquisa e criação poética

Considerando a pesquisa em poéticas visuais a partir de narrativas do cotidiano, nesse trabalho busco estabelecer relações teórico/prático entre o meu processo de criação poética à processos de gerar a vida, (nascimento do meu filho) e processos do final da vida por doença que se evolui em forma de processos como o câncer (morte dos meus pais). O trabalho propõe a experimentação e criação de fanzines a partir de variadas técnicas de gravura, desenho e pequenos textos escritos por mim como forma de exprimir meu sentimento sobre o fim da vida e conseqüentemente novos começos, novas vidas.

Os fanzines poéticos se inserem no âmbito da narratividade e autoralidade, assim como os Biograficzines apontados pelos autores Elydio dos Santos Neto e Gazy Andraus no texto *“Dos Zines aos Biograficzines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria* de 2010. Sendo assim, este trabalho visa apresentar cinco fanzines elaborados juntamente ao meu processo de pesquisa em gravura, que usa páginas dos fanzines para experimentar, fazer provas de gravura, além de interferências com os desenhos e textos, onde o fanzine poético funciona como um diário, ou um caderno de artista que dá liberdade de erros, rabiscos, sobreposições, manchas e borrões.

O processo criativo se dá partir de desenhos, registros acerca das minhas impressões sobre o processo de morte de meus pais em 2010. Em 2013, retomei a esses registros, redesenhando-os, de acordo com minhas percepções depois do nascimento do meu filho em 2011. Nesse momento fiz experimentos com várias técnicas de desenho e gravura além de anotar algumas pequenas frases sobre as linhas finas entre morte e nascimento, sobre as minhas angústias e sobre as questões da minha própria existência.

As provas em gravura com interferências dos desenhos e frases passaram a ser as matrizes para as páginas dos fanzines.

Posteriormente às fases do trabalho em gravura, anteriormente mencionadas, delineia-se nova etapa que começa a pensar sobre transparências, camadas, sobreposições, onde busquei refletir sobre o que já havia feito, mas com uma ideia arqueológica de que mesmo cobertas as camadas que se sobrepõe vão dando pistas do que está embaixo ou em cima, onde é possível ir e vir nessas sobreposições atemporais que podem ser alteradas a qualquer momento.

Sendo assim, os fanzines poéticos se corporificaram em cópias sobre papel sulfite branco e colorido no tamanho A3, dobrados em sentido vertical e com anexos em papel vegetal no mesmo tamanho, onde desenhei detalhes das imagens já elaboradas ou criei novos desenhos.

Adriana Dusilek (UNESP/ASSIS)

*RIDENDO CASTIGAT MORES: O propósito da crítica literária às avessas na *Semana Ilustrada**

A presente comunicação aborda a sátira e a ironia em alguns textos de crítica literária do periódico carioca *Semana Ilustrada* (1860-1876), de diretriz satírico-humorística. Tal crítica fugiria aos padrões do gênero devido ao humor e à ironia presentes, com um elogio exagerado a autores e produções medíocres. É para que o leitor compreendesse a intenção de escárnio, havia sempre transcrições dos trabalhos comentados. A esse tipo de crítica, que teve Machado de Assis (1839-1908) como um dos autores, Raimundo Magalhães Junior (1907-1981), em *Vida e Obra de Machado de Assis* (1981), no segundo volume, dá o nome de “crítica às avessas”. Esses textos de crítica às avessas, ou crítica inversa, que parecem ter sido relegados ao esquecimento, estão sendo agora resgatados e estudados com vistas a uma maior compreensão da memória cultural brasileira. A *Semana Ilustrada* foi lançada em 1860 pelo editor alemão Henrique Fleiuss (1824-1882), considerado o verdadeiro criador da imprensa humorística no Brasil. Nesse contexto de convite ao riso e de mostra do lado ridículo dos vários setores da sociedade brasileira é que surgem também as sátiras a escritores, cujas produções sem cuidado e sem talento são “matéria inesgotável” para os redatores da *Semana Ilustrada*, que teve no quadro de seus colaboradores nomes como Machado de Assis, Quintino Bocaiúva (1836-1912), Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), Joaquim Nabuco (1849-1910), Bernardo Guimarães (1825-1884), Pedro Luís Pereira de Sousa (1839-1884) e outros. É assim que o objetivo dessa comunicação será discutir o propósito dessa representação irônica dos textos críticos, num contexto em que a arte tem a missão de educar o gosto do público e dos próprios artistas.

Adriano Negreiros da Silva (UEMA)

A construção discursivo-imagética de José Sarney pela crítica ilustrada da imprensa de São Luís no período do Estado de Exceção (1964-1974): análise de uma transição oligárquica

No Maranhão, as agitações políticas nacionais do pré e pós-golpe civil-militar de 1964 não estavam de modo algum desarticuladas do contexto político local. Pelo contrário, a relação centro-periferia, entre este estado e o poder federal, estava imbricada há muito

tempo numa complexa relação de interesses entre grupos políticos regionais mediados pelas instancias do governo federal – executivo, legislativo e judiciário.

Nesse sentido, devemos partir do período que compreende a ascensão e soberania política do pernambucano Victorino de Britto Freire no Maranhão - 1945-1965 - e a ojeriza política que seus adversários e opositores nutriam por sua figura, para que então entendamos as representações ilustradas do oligarca através das charges presentes na grande imprensa ludovicense no pré-golpe e primeiros anos da ditadura civil-militar.

Assim sendo, temos assim uma primeira perspectiva crítica, por meio do discurso chágico, a “oposição oligárquica”, capitaneada pela aliança anti-victorinista intitulada “Oposições Coligadas”, uma ampla e heterogênea união política que procurou mobilizar a população contra os desmandos do vitorinismo e que tinha entre outros referenciais, o jovem José Sarney que posteriormente à implantação da ditadura ascenderia ao poder político do estado auxiliado pelos milicos (COSTA, 2006). Contudo, o mesmo recurso discursivo que ajudava a destruir a imagem pública de Victorino Freire, seria um forte braço propagandístico para a visibilidade política de Sarney.

Aissa Afonso Guimarães (UFRJ)

Jongos e Caxambus: transmissão cultural no sul do Espírito Santo

Este artigo propõe analisar a transmissão cultural do jongo/caxambu no sul do Espírito Santo como instrumento de afirmação de identidade negra nas comunidades ou agrupamentos nos quais é praticado.

Os dados utilizados nesta pesquisa fazem parte do banco de dados do Programa de Extensão, realizado durante os anos 2012 e 2013, através dos Editais PROEXT (2011 e 2012) - MEC/UFES, “JONGOS E CAXAMBUS: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo” (UFES), realizado na Universidade Federal do Espírito Santo. Esse Programa desenvolveu pesquisas sobre os processos organizativos, memórias e patrimônio cultural das comunidades jogueiras no referido Estado, e realizou diversas ações de extensão voltadas para a construção das políticas públicas de salvaguarda desse bem cultural no Espírito Santo, na medida em que o *Jongo no Sudeste* é registrado como patrimônio imaterial brasileiro, pelo IPHAN, desde 2005.

Jogueiras e jogueiros velhos de comunidades quilombolas no sul do Espírito Santo, afirmam que os saberes relativos ao jongo são heranças transmitidas pelos seus antepassados que foram escravizados nas fazendas dessa região e em outras vizinhas situadas no norte do Estado do Rio de Janeiro. Relatam que seus avós, tias e tios maternos lhes ensinaram a dançar, cantar e tocar o jongo, quando ainda se ouvia através das densas matas, o ressoar dos tambores nas noites de batuque, que convidava a participar da roda em agrupamentos vizinhos. Hoje essa transmissão se renova na mesma dinâmica da vivência dentro das comunidades e na renovação contínua da roda de jongo/caxambu.

Alan Kardec G Pachêco Filho (UEMA)

Euclides Carneiro Neiva: A trajetória de vida de um sertanejo maranhense

Nascido na primeira década do século XX Euclides Carneiro Neiva com pouco mais de vinte anos era comunista convicto. Quando da passagem da Coluna Prestes pelo sertão maranhense nela se alistou e levou consigo mais de cinquenta homens fortemente armados. Preso várias vezes, militou no Partido Comunista até o “queremismo”, quando então abandonou o partido. Voltou ao Maranhão e filiou-se ao PSP. Escreveu diariamente no *Jornal do Povo*, periódico editado em São Luís, de onde fez trincheira contra a oligarquia *Vitorinista* até render-se à mesma.

Esta comunicação vem narrar à trajetória de vida do fazendeiro, lavrador, “médico”, jornalista, prefeito e deputado estadual Euclides Carneiro Neiva.

Alberto Baena Zapatero (UFG)

Deixando os biombos falar: a identidade das elites mexicanas (s. XVII-XVIII)

Os biombos mexicanos dos séculos XVII e XVIII constituem um filão histórico que ainda não foi explorado em todo o seu potencial. A divisão de conteúdos entre as especializações da história e da Arte deixou em mãos da segunda o estudo das manifestações artísticas. Esta situação tem propiciado que abundem na historiografia as análises particulares das peças conservadas até hoje, limitando-se a descrever as suas características estéticas (possíveis autores, iconografia, estilo, simbologia, técnicas empregues na elaboração, etc.). Pelo contrario, faltam trabalhos que encarem o exame destes objetos no seu conjunto e com vontade sistematizadora, classificando-os por temas e materiais.

A comunicação versará sobre o estudo dos biombos mexicanos desde um enfoque da historia social da arte. Estas peças serão situadas no seu contexto político, social e econômico para entender tanto a sua motivação de origem como a sua evolução no tempo. Desta maneira, não só se prestará atenção aos artistas que as criaram mas também a todos aqueles que as encomendaram ou compraram. Os temas escolhidos para decorar cada um dos painéis que compunham este objeto e o uso privilegiado que se lhes deu no interior das casas, permitirão refletir sobre a mentalidade dos grupos de poder na Nova Espanha (México).

Alcileide Cabral do Nascimento (UFPE)

Movimentos Feministas em Pernambuco: imprensa, cultura política e cidadania (1927 - 1932)

Esta apresentação investiga a importância da imprensa escrita como estratégia política dos movimentos feministas em Pernambuco, por meio da Cruzada Feminista Brasileira e da Federação Pernambucana para o Progresso Feminino. Ambas foram criadas em 1931, no processo de construção de uma nova cultura política em que as feministas lutam pelos direitos políticos como cidadãs e debatem a desigualdade de gênero no Recife, entre os anos 1927 a 1932, redefinindo os espaços sociais. Em 1927, as manifestações públicas feministas tiveram novo impulso no país, quando o governador do estado Rio Grande do Norte sancionou a lei que assegurava o direito das mulheres votarem e se candidatarem. Nesse cenário promissor, os jornais como principal veículo de

comunicação de massa, tendo em vista o alto índice de analfabetismo no estado e no país, inclusive entre as mulheres, comunicam e convocam reuniões, publicam entrevistas, noticiam festas, divulgam campanhas, informações e noticiários acompanhados de muitas imagens, sobretudo fotografias como pode ser visto na Notícia, no Diário de Pernambuco e no Jornal do Comércio. Para além de comunicar, as feministas buscam, a partir da palavra e do intenso uso da fotografia com o “sentido de real”, como assinala Boris Kosoy, atrair mais mulheres para suas fileiras, pretendem convencer o público feminino, majoritariamente iletrado, sobre a importância dos direitos políticos, bem como enfrentar a caudalosa corrente antifeminista disseminada na imprensa. As lideranças feministas desses movimentos, Martha de Hollanda e Edwiges de Sá, fazem intensa utilização da imprensa, do rádio e publicam em jornais e revistas, onde buscam redefinir os jogos de poder em espaços nitidamente masculinos. Suas práticas discursivas fortalecem uma nova cultura política que nasce no regime republicano, ao contestarem a recém-democracia brasileira, oligárquica e liberal, na arena pública dos jornais: espaços de dizibilidade e visibilidade das suas pautas de reivindicações, instrumentos para formar e influenciar opiniões e sensibilidades. Essas mulheres souberam fazer uso estratégico, com criatividade e ousadia, das veredas abertas pela imprensa escrita e imagética, fazendo avançar o ideário feminista e a conquista dos direitos políticos.

Alessandra Pedro (UNICAMP)

A História para o Ensino Fundamental e Secundário: a produção didática de José Francisco da Rocha Pombo e sua importância para a História da Educação nas primeiras décadas do século XX

Esta apresentação tem por objetivo discutir a produção escrita de José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933), mais especificamente aquela voltada para o ensino Fundamental e Secundário. José Francisco da Rocha Pombo, foi alvo de várias pesquisas, geralmente, focadas em sua produção de compêndios e manuais didáticos - dentre os quais se destacam o *Compêndio de História da América (1900)* e *Nossa Pátria (1917)* -, em sua obra literária mais difundida, o romance simbolista *No Hospício (1905)*, e em seu papel como historiador pouco valorizado em seu tempo - trabalhos que analisam principalmente a sua coleção *História do Brasil- Ilustrada* em 10 volumes (1905-1917) e *A Supremacia do Ideal (1889)*. Inserida em um estudo mais amplo da trajetória do jornalista, professor, historiador, político e escritor paranaense, essa comunicação buscará apresentar uma análise de sua produção, nas três primeiras décadas do século XX, quando foi autor de livros escritos para os bancos escolares. Esta análise terá como objetivo, verificar como se dá a escrita da história em duas obras do autor, a saber, *História do Brasil - Ensino Fundamental* e *História do Brasil - Ensino Secundário*, tendo como foco principal a difusão e a discussão da divulgação do conhecimento histórico a partir da formação básica. Acreditamos ser José Francisco da Rocha Pombo não apenas um dos principais autores compêndios e manuais didáticos no início do século XX, mas, também, um agente solidificador de uma ideia de nação e de conformação étnica da sociedade brasileira e, como tal, um intelectual a ser estudado, por sua extrema importância para o entendimento da História da Educação na primeira metade do século XX. Rocha Pombo, pode não ter sido considerado um grande historiador por seus contemporâneos, mas suas obras obtiveram enorme difusão e foram utilizadas em sala de aula por mais de 50 anos, o que o estabelece como um objeto de

estudo imprescindível não apenas para a História Intelectual, mas também para a História da Educação.

Alexandra Lis Alvim (UFSC)

"Anos 70, não deu pra ti...": considerações sobre a memória, juventude e o período autoritário através do filme "Deu pra ti, anos 70..." (1981) e a peça teatral "Bailei na Curva"(1983)

Os anos que marcaram a passagem da década de 1970 para a década de 1980 simbolizaram a ocorrência de alguns episódios que criavam a sensação que o regime autoritário que governava o país desde a metade da década de 1960 estava ruindo: a lenta abertura democrática, o fim do vexatório AI-5, as eleições gerais de 1982, a anistia. A chegada da nova década e o abrandamento da repressão faziam surgir a necessidade de falar: falar da década que havia passado, falar do que se esperava da década que vinha. Este trabalho se propõe a analisar duas produções culturais que surgiram neste contexto: o longa-metragem em Super 8, lançado em 1981, "Deu pra ti anos 70...", de Nelson Nadotti e Giba Assis Brasil, e a peça teatral "Bailei na Curva", que estreou em 1983, pelo grupo "Do Jeito Que Dá" – duas produções que discorriam em tom nostálgico e reflexivo sobre a experiência da geração que cresceu sob a sombra da Ditadura Civil-Militar. Ao tratar de sexualidade, política, identidade, drogas e comportamento, as duas obras trabalhavam em cima da memória recente ao mesmo tempo em que narravam o diálogo entre a transgressão e a inocência naqueles tempos repressivos com uma mesma cidade como cenário e protagonista: Porto Alegre. O sucesso que as duas produções alcançaram no período também é um indicativo da pertinência das questões que levantavam naquele contexto. Se a arte, quando se apresenta como fonte ao historiador, "é uma fonte que diz sobre o seu momento de feitura e não sobre o tempo do narrado ou figurado (PESAVENTO, 2002, p.54)", tentar-se-á perceber como tais produções criam e ajudam a criar o momento em que são produzidas e as memórias sobre as quais querem refletir: que falam muito sobre o horizonte de expectativas e o espaço de experiência daquele contexto de mudanças políticas (KOSELLECK, 2006).

Alexandra Lourenço (UNICENTRO)

A atuação salesiana em Mato Grosso no final do século XIX e início do XX

Este trabalho pretende contribuir para a compreensão das práticas, e representações presentes na construção de um projeto "educacional" salesiano para o Mato Grosso, em um contexto de modernização do primeiro período republicano. Considerando a fundação das escolas e da Missão salesiana, como parte do projeto civilizatório, a medida em que, se constituíram em resposta às "necessidades" de educar pelo e para o trabalho. Acreditamos que este projeto civilizatório dos salesianos, e os objetivos que deveria cumprir, podem ser vistos como um ramo das mesmas práticas e representações, que guiaram os sonhos de progresso e civilização para a região, diria mesmo, que ele pode ser pensado como tendo sido gestado, no sonho de progresso para o sertão, ao mesmo tempo que constituía-se em ferramenta para sua realização. Assim, buscamos apresentar e discutir algumas das representações que envolveram a instalação do projeto salesiano

de educação em Mato Grosso ao final do século XIX e início do XX. Identificar as relações que se estabeleceram entre práticas e representações, e a problemática da construção, em Mato Grosso, de uma sociedade moderna e civilizada, tal como se apresentava nos discursos das autoridades mato-grossenses. Desta forma, utilizamos como referencial teórico e fontes documentais para este trabalho, a literatura regional especializada (sobre o processo de produção do espaço mato-grossense, a qual tem salientado a importância das representações de “sertão e fronteira”, na trajetória da ocupação desta parte do Brasil, constituindo um imaginário geográfico sobre a região), os documentos oficiais e jornalísticos disponíveis no NDIHR-UFMT e as publicações da Missão Salesiana no Brasil. Concluindo, o projeto salesiano de civilização para Mato Grosso, respondeu ao apelo do progresso modernista sonhado pelas elites locais, assim como a defasagem vivida pelo estado, para proporcionar educação a sociedade mato-grossense. A catequese indígena, motivo primeiro pelo qual os salesianos foram convidados, posteriormente foi ampliada, constituindo-se de internatos para os filhos dos índios, dos agricultores, dos fazendeiros, dos comerciantes, e dos dirigentes locais. O Lyceu de Artes e Ofícios São Gonçalo, as Colônias Indígenas e a Escola Agrícola Santo Antônio, transitaram nas representações da época como uma solução eficiente de civilização para o sertão mato-grossense, e constituíram-se em práticas concretas na busca de sua realização.

Alexandre Karsburg (UFPel)

Monge João Maria na tradição religiosa popular do Planalto Meridional do Brasil

O presente projeto de pesquisa vem sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas e tem por objetivo reconstruir o processo histórico de uma das mais marcantes e duradouras devoções populares surgidas nas Américas: a crença no *Monge João Maria*. Iniciada na década de 1840 a partir da peregrinação do italiano João Maria de Agostini por vários países do continente americano, desde então a devoção vem sendo ressignificada pelas pessoas em um processo criativo e autônomo, servindo há mais de um século como elemento identitário e que estrutura a sociabilidade. Atingindo um vasto território que inclui pontos dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com repercussões no norte da Argentina, a devoção configurou-se como verdadeiro patrimônio cultural e imaterial de pessoas que têm no *monge* um de seus principais santos. Além da pesquisa histórica propriamente dita, desejamos realizar um mapeamento dos locais de memória atualmente associados à devoção ao Monge João Maria. Este Mapa da Devoção será apresentado aos órgãos oficiais na tentativa de obter seu reconhecimento como patrimônio imaterial das populações, a fim de contribuir para a preservação de locais e crenças.

Alexandre Maccari Ferreira (Centro Universitário Franciscano / UFSM)

Das telas às críticas: reflexões e interpretações cinematográficas em Santa Maria (RS) nos anos 1980

O cinema da tela para o papel: este exercício que alia fruição e crítica cinematográfica acompanha os tempos desde os primórdios do cinema na medida do seu aparato artístico e industrial. A importância na forma de ver e escrever sobre os filmes e direcionar o olhar do espectador são elementos que servem como marcos de análise crítica, divulgação, publicidade e opinião sobre a “sétima arte”. Desde um conhecimento mais informativo e de entretenimento como os publicados nas revistas *Cinearte* e *Scena Muda*, passando por opiniões de formação crítico-acadêmica como da *Cahiers du Cinéma*, a capacidade de produzir textos sobre filmes e sobre o universo cinematográfico ganhou projeção em especial na imprensa escrita. Jacques Aumont (2006) destaca que a crítica de cinema pode ser *externa*, quando compara o filme nos seus contextos de produção e de recepção ou pode ser *interna*, quando avalia a obra em si mesma. O termo também se estende aos juízos e comentários, bem como à pessoa que os produz. O nosso objetivo neste trabalho é realizar uma reflexão sobre a cultura do cinema e da história da crítica cinematográfica em Santa Maria (RS) na década de 1980 - período chave na crise dos cinemas de calçada - relacionando textos críticos publicados na imprensa santamariense em especial no jornal *A Razão* sobre um conjunto de filmes de diretores renomados entre os quais destacamos Stanley Kubrick e Francis Ford Coppola e gêneros considerados menores como o erótico e a pornochanchada. O trabalho foi desenvolvido com uma ampla pesquisa no Arquivo Histórico de Santa Maria e o estudo permitirá a compreensão acerca do comprometimento de críticos como Julio Cabrera e Jair Alan com determinada preferência estilística e de produção, além de mapear uma perspectiva da interpretação sociocultural do cinema no município. A preocupação com o estilo narrativo, temático e seletivo dos críticos, alia-se ao interesse comum em se apreciar e interpretar a diversidade cinematográfica enquanto meio de comunicação e expressão cultural e ideológica de determinados países. O nosso estudo valer-se-á das obras de David Bordwell, Marc Ferro, Robert Rosenstone e Edgar Morin no sentido da compreensão das dimensões do cinema enquanto espaço de promoção social, político, documental e carregada de sentidos e significados em relação ao ser humano. A cultura da imagem é relevante como difusora das peculiaridades políticas, criativas e sociais de cinemas pelo mundo, considerando o filme como objeto de fruição e como documento histórico e o texto como indício de recepção e reflexão cinematográfica o nosso trabalho visa apontar para uma ampliação do estudo da história da cultura visual no universo acadêmico.

Alexandre Pacheco (UNESP)

Os usos da memorialística da Expedição de Reconhecimento do Alto Purus na obra Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido: Leandro Tocantins e a integração da Amazônia nos anos de 1960

Em *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, o historiador Leandro Tocantins realizou uma apropriação singular da memorialística de Euclides em sua vivência no comando da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus na Amazônia, em inícios do século XX, sobretudo ao realizar a interpretação das cartas e relatórios produzidos no transcurso dessa expedição. Tocantins a partir de sua admiração e seguindo uma tradição da crítica literária que sempre recepcionou de forma favorável o escritor fluminense, mostrou, nesta obra, um Euclides que ao superar as dificuldades para organização de sua expedição e os assombros ante a natureza brutal da Amazônia, deveria ser visto como um verdadeiro precursor da luta pela integração da daquela região ao restante do país.

Essa perspectiva de Tocantins sobre o autor fluminense, por outro lado, não pode ser explicada sem a análise da apropriação que a crítica realizou, também nos anos de 1960, de certos efeitos ficcionais da escrita do autor paraense para a legitimação de Euclides como um precursor da luta pela integração da Amazônia. Falamos, neste sentido, em especial da crítica que esteve alojada na imprensa do Rio de Janeiro e que recebeu não só a obra em geral de Tocantins, mas particularmente o livro *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*. Essa apropriação da crítica, por outro lado, inseriu-se dentro do que poderíamos chamar de uma espécie de desindividualização do sujeito empírico Euclides diante da aura consagrada do escritor de *Os sertões*. Perspectiva que demonstrou ser favorável não só aos interesses políticos do historiador Leandro Tocantins, mas também de certos setores nacionalistas da imprensa carioca que desejavam o aprofundamento do debate sobre a problemática amazônica nos anos de 1960.

Alfredo Moreno Leitão (PUC/SP)

Humberto Delgado, entre Brasil e Portugal

Esta comunicação tem por objetivo discutir as questões que envolveram o asilo político do General Humberto Delgado, candidato derrotado na eleição presidencial portuguesa de 1958, oponente do salazarismo, que conseguiu apoio e proteção da Embaixada do Brasil, e principalmente do Embaixador Álvaro Lins. Analisar, ainda, a relação de Delgado com os grupos antisalazaristas organizados no Brasil.

Aline Martins Martello (UFRJ)

Comité du Vieil Alger: fundação da tradição arquitetônica e patrimonial argelina (1905)

O *Comité du Vieil Alger*, fundado em Alger (Argélia) em 1905, foi uma das primeiras instituições argelinas responsáveis por pensar e institucionalizar o patrimônio. A capital da colônia francesa, Argel, passava por diversas transformações artísticas, urbanas e também culturais. Nesse sentido, a comunicação objetiva analisar qual o discurso de patrimonialização construído por essa instituição quando de sua fundação, procurando articular a ela as concepções de patrimônio impostas pela administração colonial. Assim, problematizar-se-á o estilo arquitetônico intitulado “neo-mourisco” a partir de alguns projetos arquitetônicos eleitos pelo *Comité* como grandes símbolos de tal estilo, dentre eles a sede do jornal *La Dépêche Algérienne a Médersa* e a Prefeitura de Alger. A importância desse comitê está na invenção de uma tradição cujo principal símbolo foi o estilo arquitetônico neo-mourisco, a fim de reparar a espoliação e destruição causada pela colonização durante o Século XIX.

Aline Monteiro de Carvalho Silva (UFF)

Trajatória e construção da memória na autobiografia de Dias Gomes

A proposta desta apresentação é discutir brevemente a autobiografia do dramaturgo Dias Gomes, escrita no ano de 1998, pensando a construção de sua trajetória e a construção

da memória sobre si. Pretendo perceber a revisão que o autor fez de sua vida e carreira, demarcando os pontos positivos, reafirmando categorizações e características, defendendo-se de apontamentos negativos e fazendo em seu texto uma positivação de sua imagem. Para tal análise, busco compreender a trajetória de Dias Gomes, a relação entre o biografado e o contexto a sua volta. Não podemos deixar de ficar atentos aos esquecimentos, censuras por parte do biografado e refletir a relação entre a produção do dramaturgo, o momento em que estava sendo escrita e as influências recebidas por ele. A memória se estabelece através de múltiplas representações do passado que, em muitas ocasiões, tem o interesse de ser construído de uma determinada maneira no presente, pois esta construção e escrita da autobiografia é um exercício de reflexão. A ideia da apresentação é tratar o livro como uma produção que tem como objetivo positivar e reafirmar a imagem do autor como um dos grandes dramaturgos nacionais, ligado à esquerda e que refletia sobre a política e sociedade brasileira. Para além, a autobiografia de Dias Gomes, escrita um ano antes de sua morte repentina, *Apenas um Subversivo*, aparece nesta análise como forma de valorização e de positivação do seu papel como intelectual e artista, em um momento em que tanto sua dramaturgia e quanto o seu papel na sociedade havia passado por um descenso, por revisões, reformulações, autocríticas e mudanças. Sua autobiografia é, portanto, um documento em si, o registro de uma imagem positiva que resgata sua trajetória num momento em que Dias Gomes vivia uma crise pessoal e artística. A intenção desta apresentação é demonstrar que a autobiografia do dramaturgo estabelece a reafirmação de seu papel e de sua importância dentro de um rol de intelectuais e artistas influentes e militantes do século XX.

Aline Viana Tomé (UFJF)

As paisagens urbanas de Eliseu Visconti como lugares de memória

No presente trabalho buscaremos refletir sobre o papel de lugar de memória existente nas paisagens realizadas pelo pintor Eliseu Visconti, formadora de uma visualidade da capital republicana entre fins do século XIX e início do século XX. Ao observar detalhadamente sua produção, percebemos a diversidade de obras referentes a lugares não mais existentes na paisagem carioca. É o caso do Morro do Castelo, desmanchado na administração de Carlos Sampaio, e do Morro de Santo Antônio, destruído na década de 50. Essas imagens retratadas pelo pintor acarretam à sua obra uma visão patrimonialista, a visão de um Rio de Janeiro que viria abaixo em seus inúmeros processos reformistas, convertendo-se assim em memória de um “outro” espaço um dia vivenciado pela sociedade de outrora.

As paisagens realizadas por Visconti ficaram por longo tempo relegadas ao segundo plano de sua produção, mas através delas podemos ter acesso a vida social dos locais por onde o artista passou e retratou com maestria. Muito embora a pintura narrativa não seja o principal objetivo das representações de Visconti, mas sim a experimentação pictórica, suas paisagens urbanas nos possibilitam o contato com a sociedade e seu patrimônio, seja em seu período de estudo na França, seja no Brasil.

Trataremos ainda da tradição pictórica que existe em cada obra de arte, possibilitando sua filiação a outras obras e permitindo a nós, espectadores, o acesso ao repertório visual de cada artista. Dessa forma, podemos entender a produção de Eliseu Visconti como um dos inúmeros casos em que artistas se utilizam da tradição artística para representar

a realidade ao seu redor. Convertendo a própria obra de arte em si, em lugar de memória da tradição artística, fazendo enxergar assim a sua ambivalência.

Aline Vitor Ribeiro (USP/Guarulhos)

Pai Tomás e Tom Brasileiro: Circulação e Tradução Cultural de A Cabana do pai Tomás no Brasil na segunda metade do século XIX

Nesta comunicação busco analisar a tradução e circulação de um romance abolicionista estadunidense no Brasil no século XIX. A obra em questão é *A Cabana do pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, publicada em 1851/52, na qual a autora constrói seu discurso abolicionista ao se aproximar da doutrina religiosa protestante. No Brasil, diversos veículos fizeram uso deste livro para promover a luta contra a escravidão. Nesta apresentação, enfocarei um texto de Nísia Floresta, publicado em 1855, no periódico *Brasil Ilustrado* e intitulado *Páginas de uma vida obscura*, entendendo-o como uma tradução cultural. O processo de tradução cultural consiste na recontextualização de textos e obras estrangeiras em uma outra sociedade, de modo que o texto original seja adaptado àquele contexto específico. Sua crônica denunciava os males da escravidão, possuindo semelhanças em relação à obra estadunidense, por exemplo, no que se refere aos rumos da trajetória de seus protagonistas, como os sofrimentos que enfrentam ao longo da trama, a mudança constante de senhores e até mesmo a morte. É possível perceber as proximidades da crítica à escravidão que permeiam as duas obras, bem como o apelo constante à consciência religiosa do leitor. Ao lado das semelhanças, pretendo também destacar as peculiaridades, atentando para os contextos específicos nos quais os textos foram produzidos. Os suportes onde foram publicados são importantes indicadores para compreender a circulação desses textos, por isso é necessário lançar um olhar atento aos periódicos que os publicaram. Dessa forma, buscarei refletir sobre a circulação desta obra abolicionista dos Estados Unidos no Brasil, bem como a apropriação desse texto na defesa da abolição da escravidão em terras brasileiras.

Allan Cavalcanti de Moura (UNICAMP)

Antônio de Alcantara Machado e Blaise Cendrars - escrita e fitas de documentação

A presente comunicação tem como finalidade refletir sobre a relação entre o escritor paulista Antônio de Alcântara Machado (1901-1935) e o poeta franco-suíço Blaise Cendrars (1887-1961), sobretudo entre 1924 e 1927.

Antônio de Alcântara Machado foi um jornalista, historiador, advogado e escritor, reconhecido como um dos principais prosadores do modernismo paulista ligado ao grupo da Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922 - embora não tenha participado dela. A aproximação de Antônio de Alcântara Machado com os modernistas paulistas foi mediada por Oswald de Andrade em período nebuloso, situado entre 1923 e 1924.

1924 também é o ano em que chega ao Brasil Blaise Cendrars, como convidado de Paulo Prado, para a produção de um filme sobre o Brasil. Nessa ocasião Cendrars proferiu conferências sobre arte moderna na cidade de São Paulo e travou contato com

Alcântara Machado. Cendrars era um escritor reconhecido na França, considerado um dos principais nomes do *LEsprit Nouveau*.

A proposta de investigação parte da observação da confluência das obras dos autores no que toca a ideia da fixação do instante na narrativa. A presente comunicação pretende explorar as repercussões e interlocuções de tal aproximação partindo de uma revisão bibliográfica e da obra literária dos autores citados no período delimitado.

Almir El-Kareh (UFF / UERJ)

Espaço doméstico e poder feminino no Rio de Janeiro no século XIX

O caráter empresarial, “este amor extraordinário do ganho”, da mulher carioca, fora do alcance da percepção “masculina” dos viajantes estrangeiros, foi claramente enxergado por duas europeias, uma de passagem em 1842, a outra, moradora no Rio, a partir de 1850. A primeira, Ida Pfeiffer se espantou com o costume generalizado, que favorecia a independência da mulher brasileira, que recebia do marido um ou mais escravos “machos ou fêmeas”, a quem ela ensinava a cozinhar, costurar e bordar, além de outras artes, e depois alugava, por dia, por semana ou por mês, servindo-se desta renda à sua vontade. A segunda, Adèle Toussaint-Samson, escarneceu daqueles que afirmavam que as mulheres cariocas passavam o dia a engordar sobre os canapês, quando na verdade empregavam o tempo produtivamente, desde manhã bem cedo, a organizar o trabalho de confecção e venda ambulante de alimentos preparados por seus escravos, bem como de peças de roupa de cama e mesa.

No entanto, Jean-Baptiste Debret ao relatar o sucesso espetacular da venda ambulante de pão-de-ló, o atribuiu, nebulosamente, a “uma numerosa família dedicada a esta ativa especulação” e “muitas outras pessoas”, sabendo perfeitamente que eram as senhoras que se encarregavam da produção caseira.

Esta miopia “masculina” se explica pelo preconceito contra o trabalho da mulher livre que impedia a sua exposição pública enquanto “empresária”. E, com efeito, ao admiti-lo nos vemos forçados a reler as fontes do século XIX, tanto a literatura de viagens e os jornais, quanto as fontes oficiais, e a buscar nas lacunas, nas pequenas incoerências, e, principalmente, no não dito, a presença da mulher propositalmente eclipsada.

Era, pois, a dona da casa quem controlava o trabalho e a produção de homens e mulheres escravos, subvertendo a tradicional divisão sexual do trabalho no *modo de produção doméstico*: ela deixa de ser trabalhadora passando a organizadora da produção. E mais: ao comercializar a produção caseira, se torna uma reprodutora do capital. Entretanto, o seu importante papel na economia urbana carioca, especialmente nos ramos da restauração e da hotelaria, foi totalmente subestimado.

Mas este poder doméstico da senhora podia ser ameaçado por algumas escravas que tentavam obter alguma parcela deste poder, ou vantagens, através de relações sexuais, e se possível amorosas, com os seus senhores. Por isto, certos assassinatos de escravas por suas senhoras dão conta de um ódio e uma crueldade que não se explicariam apenas pelo ciúme, mas também pela ameaça ao seu poder.

Alômia Abrantes da Silva (UEPB)

Que faz uma personagem conhecida através dos séculos pela sua perversidade e obsessão pela primazia transformar-se numa mãe zelosa e protetora? Que faz o beijo curador e ressuscitador do príncipe encantado tornar-se banal e sem a poder milenar que atravessou épocas e espaços? E o que faz uma coisa relacionar-se a outra? Essas são algumas questões que a versão mais recente da história da “Bela Adormecida”, contada a partir da perspectiva do seu “outro”, daquela que amaldiçoa a inocente princesa com a sentença do sono eterno, suscita. “Malevóla” (“Maleficent”) dos estúdios Disney, filme lançado este ano, não se diferencia apenas pela sofisticação de seus recursos técnicos e pela fama da atriz que encarna a protagonista (Angelina Jolie), mas torna-se interessante por tecer a narrativa a partir das idiossincrasias da vilã, por matizar e dar justificativa a essa suposta vilania e, principalmente, ao nosso olhar, por revitalizar o mito do amor materno, em detrimento daquele do amor romântico, entre representações decaídas de masculinidades e uma ode ao poder de um feminino ligado à “natureza”. Identificar as marcas discursivas que contam essa “outra” história, problematizando sua emergência em tempos de feminismos plurais e pós-feminismos, é o que move aqui nossa curiosidade. Propomos, pois, tomar essa narrativa como uma tessitura que agrega obras e leituras que tocam ao mítico, ao literário e cinematográfico, ao tempo em que cria e faz dialogar imagens dimensionadas pelos estudos de gênero e por uma história dos afetos.

Alysson Plínio Estevo (PUC/GO)

A importância das metodologias de design gráfico para viabilizar processos criativos de comunicação visual

Estudo com abordagem qualitativa acerca dos projetos de design gráfico, visando à importância das metodologias para o desenvolvimento do processo criativo e construção da identidade visual e suas aplicabilidades. Ser criativo é vivenciar com satisfação e prazer, e se orgulhar do poder comunicador. Neste universo de possibilidades e novos mundos, o profissional na área de Design Gráfico se apresenta como representante de conceitos, sistemas e solução de problemas. Realiza suas primeiras investigações por meio de dúvidas e questionamentos, e a partir de métodos, desenvolve suas aplicabilidades, promovendo resultados sustentáveis e bem sucedidos. O designer parte da observação e da pesquisa, o que determina como será realizado seu projeto elaborado e corporativo. Portanto, estes profissionais são capazes de executar atividades técnico-artísticas, sempre apoiadas de boas referências nacionais e internacionais. A comunicação visual está inserida no manual corporativo da identidade pessoal, empresarial, institucional e corporativo, e por esta razão, se relaciona com as possibilidades de design gráfico. Assim, a problematização deste estudo, parte da coleta de dados, análise visual e síntese de estudos realizados por estudiosos e pesquisadores acerca dos avanços do design gráfico. Nos últimos trinta anos, a vivência de muitos jovens que se deparam com problemas técnicos e suas aplicabilidades visuais, o enfrentamento pela falta de preparo e como estes estudantes são lançados no mercado de trabalho, tornou-se um desafio para muitos destes jovens, desde os próprios caminhos da área ou objetos de apropriação, comparados ao processo criativo e à descrição de suas etapas por vários autores. Os resultados do estudo mostram que, a responsabilidade

por esta imaturidade profissional não pode ser atribuída somente às estruturas dos cursos superiores, a pesquisa mostra que estes problemas residem na maneira como a sociedade interpreta o trabalho do designer gráfico e a maneira como ele se integra com as outras formas de comunicação visual, sem compreender, não sabe interpretar e valorizar o design gráfico. Este trabalho teve como objetivo, esclarecer que existe um mundo de possibilidades não vislumbradas ou mesmo esquecidas quando da concepção e desenvolvimento de um projeto de comunicação visual. O estudo revela que o compromisso do designer é com seu público. Seu sucesso e seu projeto estão intimamente ligados a respeito por esse mesmo público. Portanto, o designer gráfico, mesmo subordinado ao cliente, deve saber quando é possível aceitar suas sugestões e quando não. Estereótipos não são bem vindos. Metodologia e processo criativo em projetos de comunicação visual são critérios de design gráfico, e este sabe como e quando realizá-lo.

Ana Alice Silveira Corrêa (Centro Universitário Senac São Paulo)

Suely Sani Pereira Quinzani (Centro Universitário N.S. Patrocínio)

A Cultura Caipira: os usos e costumes da tradicional cozinha paulista narrada através de seus ingredientes tradicionais

Este trabalho analisa o caipira e a cultura caipira. Dentre os elementos encontrados nessa cultura, a comida imortaliza a cozinha tradicional paulista através de ingredientes ícones como o feijão, o milho, a mandioca, a abóbora além de um ingrediente emblemático: a formiga içá e sua farofa.

Para que se entenda a cozinha tradicional paulista, é necessário, primeiramente, descrever o sistema alimentar dos índios brasileiros e sua interação com o meio ambiente. É essa cultura alimentar que dá sustentabilidade ao que se comia e como se comia nos primórdios da formação do Estado de São Paulo, pressupondo um equilíbrio relativo entre o que se comia e o que a natureza oferecia. Essa cultura alimentar sustentável continuou nos movimentos bandeirantes e tropeiros, mesclando suas vivências com os hábitos indígenas de forma a exprimir novas modalidades culturais e resultando em pratos representativos da cozinha paulista que permanecem até os dias atuais.

Ana Carla Pereira da Silva (UFC)

Transformações espaciais e perceptivas: o transporte coletivo de ônibus em Fortaleza (1920-1940)

No decorrer das décadas de 1930 e 1940, há considerável aumento do tráfego motorizado em Fortaleza. As formas mais simples de locomoção, como andar a pé, de bicicleta ou de carroça passaram a ter que conviver cada vez mais com os novos veículos associados à modernização dos espaços urbanos: bondes, caminhões, ônibus e automóveis. No entanto, a inserção desses transportes na cidade exigiu algumas transformações físicas no espaço urbano e também provocou alterações perceptivas. Nesse sentido, este trabalho se propõe a analisar como certas alterações perceptivas e

mudanças na infraestrutura urbana estavam interligadas, direta ou indiretamente, à introdução dos novos veículos automotores, em especial os ônibus. Há também a intenção de discutir como esses transportes foram (ou seriam) afetados pelas políticas de intervenção estatal no território citadino entre as décadas de 1920 e 1940. Para isso, será feito um trabalho empírico com as atas das sessões da Câmara Municipal de Fortaleza, os Planos de Urbanização de 1933 e 1947 e os periódicos locais. No período em estudo, é possível observar, principalmente por meio dos jornais, uma crescente preocupação com o estado das vias de circulação da cidade. Até então o calçamento existente - ou inexistente em algumas áreas da cidade - não incomodava. Porém, com o crescimento do número de veículos motorizados a pavimentação passou a ser taxada de feia, irregular, imprópria para os meios de locomoção modernos. Vale salientar também que os anos 1920 e 1940 marcam, respectivamente, a criação da primeira empresa privada de ônibus e a consolidação desses transportes em Fortaleza, após a retirada de outro importante transporte coletivo, os bondes elétricos. Busca-se compreender, portanto, como se apresentavam as discussões sobre a pavimentação na imprensa e na Câmara e como a administração municipal passou a ser responsabilizada por solucionar essa questão - sob a justificativa de o calçamento ser um elemento fundamental para a ampliação do transporte coletivo de ônibus, para a ligação de bairros e para descongestionar o trânsito da cidade -, em meio a interesses políticos e econômicos, mas também transformações na experiência sensorial/perceptiva das noções de tempo, espaço, velocidade e conforto. Além disso, importa entender como a questão dos transportes de ônibus, das vias de circulação foi pensada e apresentada nos planos de urbanização de Fortaleza.

Ana Carolina de Moura Delfim Maciel (UFFF)

“Catarina, Ina, China”, considerações sobre uma experiência audiovisual

Na presente comunicação apresentarei um documentário de minha autoria “Catarina, Ina, China” (MACIEL, 2014), realizado no âmbito da pesquisa de pós doutorado “Cultura Material: percursos autobiográficos”. (MP-USP, apoio FAPESP). Minha reflexão volta-se para o estabelecimento de uma narrativa que se utiliza da mídia audiovisual como possibilidade de escritura da história. Para inserir o audiovisual numa perspectiva teórica estabeleci como arcabouço teórico algumas reflexões dedicadas à metodologia historiográfica, pois acredito que a entrevista audiovisual - produzida nessa perspectiva - traz questões e impasses comuns à historiografia, dentre os quais destaco subjetividade, objetividade, real, ficção, narrativas de vida, biografia e memória.

Ana Carolina Huguenin Pereira (UERJ/FFP)

“Um prazer satânico”: volúpia e melancolia em Memórias do Subsolo e Memórias Póstumas de Brás Cubas

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Brás, personagem acometida pela “volúpia do aborrecimento”, afirma sentir “um prazer satânico”, quando, próximo à morte, escarnecia do mundo que estava prestes a abandonar. O memorialista anônimo do subsolo dostoiévskiano se apresenta como um “homem doente”, que sofre do fígado e não procura tratamento “por raiva”. Em sua caótica exposição, a personagem expressa

revolta e sarcasmo, derramando sua “bile” e alertando o leitor sobre “as sinuosidades da volúpia” de um homem moderno que geme de dor. Ambas os memorialistas apontam a suposta existência de um prazer mórbido e paralisante, procurado e encontrado na melancolia - no “subsolo” ou nas “negativas”. Dentro de uma perspectiva comparativa, a proposta deste trabalho é aproximar os textos machadiano e dostoiévskiano, situando-os historicamente nos contextos russo e brasileiro da modernidade oitocentista.

Ana Caroline de Bassi Padilha (UTFPR)

Marinês Ribeiro dos Santos (UTFPR)

A construção da identidade social da “rainha do lar”: imagens femininas e tecnologias domésticas na Revista Casa & Jardim (anos 1950 e 1960)

O presente artigo propõe uma discussão acerca da construção da identidade social da dona de casa como “rainha de lar”. O recorte de estudo tem como foco três anúncios publicitários sobre tecnologias domésticas veiculados na Revista *Casa & Jardim* durante as décadas de 1950 e 1960. A partir de uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, serão examinados os discursos textuais e imagéticos dos anúncios. Como procedimento de leitura e compreensão dos significados das imagens que compõem os anúncios publicitários foi utilizado o modelo de análise semiótica proposto por Martine Joly (1994). A partir de meados da década de 1950, as transformações ocorridas no cenário brasileiro como o aumento da população urbana e a distribuição nacional de produtos industrializados fizeram com que a publicidade assumisse um importante papel na circulação dos padrões de consumo moderno vigentes. As revistas direcionadas para públicos femininos buscavam embasar seus conteúdos nos valores morais defendidos pela sociedade, bem como procuravam criar uma identificação entre as mulheres e o consumo doméstico. Nesse período, o modelo ideal de mulher casada correspondia à imagem de “rainha do lar” e de esposa e mãe responsável pela felicidade doméstica. Isso porque o casamento e a maternidade eram considerados como os pontos culminantes da vida das mulheres. Logo, ocupar a posição de “rainha do lar”, amplamente divulgada nas páginas de *Casa & Jardim*, era algo almejado por muitas donas de casa, cuja função abarcava tanto as ocupações domésticas realizadas de forma eficaz quanto os cuidados com a saúde física e emocional do marido e dos filhos.

Ana Elisabeth Rodrigues Faro (UFBA)

“Quem quer rir, tem que fazer rir” - uma interpretação sobre a extorsão e suas representações nos filmes Tropa de Elite: missão dada é missão cumprida e Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro

Como a extorsão atua na vida cotidiana da sociedade brasileira? Que mecanismos impedem que as pessoas sejam ouvidas e configuram o silenciamento? A partir destes questionamentos a proposta é analisar como os discursos fílmicos em *Tropa de Elite: missão dada é missão cumprida* (PADILHA, 2007) e *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro* (PADILHA, 2010) representam as práticas de extorsão disseminadas pelo social. Partindo do pressuposto de que as produções fílmicas são fontes privilegiadas para a

compreensão da realidade social, porque nelas existe uma infinidade de representações da vivência individual e coletiva das sociedades.

Para tanto, é preciso entender o que é a extorsão, o que representa, quais as suas causas e consequências quais os agentes sociais envolvidos, qual o papel do Estado, e como ocorre a influência das estruturas da sociedade capitalista. Toma-se como ponto de partida que a extorsão é o ato de obrigar alguém a fazer ou deixar de fazer alguma coisa, por meio de ameaça ou violência, com a intenção de obter vantagem, recompensa ou lucro (FERREIRA, 2004). A extorsão pode ser organizada como a das facções do tráfico, da milícia, também podem ser as individuais desde a que os policiais cometem quando cobram dos estabelecimentos comerciais para fazer a segurança da “área”, como as dos guardadores de carros (“flanelinhas”), os limpadores de vidros nos semáforos das grandes cidades, ou os cambistas que vendem ingressos muito acima do valor de mercado. A violência age dentro e fora das instituições estatais e dos seus órgãos repressivos e não apenas no tecido social degradado e nas favelas das cidades.

Assim, será possível interpretar essa realidade apenas levando em conta os aspectos objetivos de um país que convive com as maiores taxas de homicídios do mundo (Waiselfisz, 2013)? Faz-se necessário analisar como o “imaginário polarizado da fala do crime” (CALDEIRA, 2000) é constituído e se mantém na sociedade, por todos esses aspectos acredita-se ser importante verificar o alcance que os filmes escolhidos têm para construir e manter um determinado “imaginário social” sobre a violência urbana, notadamente sobre a extorsão, através das abordagens representadas pelos filmes.

Ana Flávia Cernic Ramos (UFU)

José do Patrocínio e suas ‘Cartas ao Imperador’: os embates acerca da Lei dos Sexagenários na Gazeta de Tarde

Parte da historiografia brasileira por muito tempo tratou o processo de abolição no Brasil como linear e gradual, fruto de uma sucessão de leis emancipacionistas que foram sendo promulgadas ao longo do tempo. Esse tipo de análise, pautada por um olhar retrospectivo, conhecedor dos eventos do 13 de maio de 1888, fez com que, por muito tempo, se olhasse para a década de 1880 como um momento em que se tinha a certeza de que a escravidão estava com os seus dias contados. Tal abordagem acabou obliterando experiências e projetos que se sentiram derrotados ao longo desse percurso. Apesar de ser uma instituição condenada moral, judicial e economicamente, a despeito da existência de leis como a de 1871, cujo significado mais importante foi abalar a legitimidade da propriedade escrava e do domínio senhorial, e da euforia do movimento abolicionista no início da década, os anos de 1880 foram vividos por seus contemporâneos também como um momento de grande indeterminação histórica. Embora se pudesse ter a certeza de que a escravidão um dia chegaria ao fim (pois essa parecia ser a tendência ao olhar para os passos seguidos por outros países), não se sabia ao certo quando isso ocorreria e, principalmente, como e quem seriam os protagonistas dessa história. Exemplo importante disto são os debates que marcaram a aprovação da chamada Lei dos Sexagenários, em 1885. Criada em plena agitação abolicionista, essa lei, interpretada durante muito tempo como mais um passo rumo à abolição, causou impressões diferentes em seus contemporâneos. Ao analisarmos os significados atribuídos à nova medida, notamos que a nova lei foi também percebida como uma experiência profunda de derrota. Políticos, literatos e jornalistas pareciam ver a nova medida muito mais como um retrocesso do que como uma vitória a caminho do

“imminente” fim da escravidão. Partindo do pressuposto de que a imprensa representa um importante espaço de intervenção social, constituído de tensões e disputas políticas, a proposta desta apresentação consiste em investigar a maneira pela qual o jornal *Gazeta da Tarde*, entre os meses de junho de 1884 a setembro de 1885, acompanhou o processo de aprovação desta lei, analisando especialmente as expectativas de seus colaboradores em relação ao papel da monarquia e do imperador na questão. Isso porque desde a nomeação de Manoel Dantas para o cargo de chefe do Gabinete de Ministros à escolha da simbólica data de 28 de setembro para a sanção imperial da nova lei, Dom Pedro II foi personagem central de crônicas, artigos e editoriais publicados neste jornal. Elogiado nos primeiros momentos e acusado ao final de realizar uma “mistificação legislativa” ao associar a nova medida à Lei do Ventre Livre, D. Pedro II foi um importante interlocutor do jornal de José do Patrocínio.

Ana Gomes Porto (UNICAMP)

Emile Gaboriau, os homens de letras e os editores (França-Brasil, décadas de 1860 e 1870)

Emile Gaboriau fez parte de uma geração de homens de letras franceses que tinham no jornal um espaço privilegiado de produção de romances e crônicas. Na época em que escreveu romances e artigos para a imprensa (especialmente ao longo da década de 1860) tornou-se um escritor popular. Os seus romances foram traduzidos para diversas partes do mundo, inclusive para o Brasil. O que se pretende nesta comunicação será analisar a produção do escritor Emile Gaboriau a partir da sua inserção no mundo de letras francês e também no mundo ocidental, dando ênfase para as traduções publicadas no Brasil. Trata-se, portanto, de compreender o sucesso de um escritor a partir dos suportes de suas produções. Da mesma forma, deve-se pensar na importância que os editores e tipógrafos (da França e do Brasil) tiveram para a publicação de livros em outras línguas. Como se deu este processo no que concerne aos romances de Gaboriau no Brasil? Trazer este questionamento para centro do debate, em paralelo à compreensão da inserção do escritor no jornalismo de sua época ajuda a esclarecer um processo relevante no que concerne à reprodução de obras num momento específico da história. Da mesma forma, insere os sujeitos envolvidos nas lutas cotidianas que ocorriam na imprensa e se referem à produção literária de um período.

Ana Karicia Machado Dourado (USP)

De Macunaíma a Macunaíma: a chanchada o que é?

Nesta comunicação pretendemos retomar os desenhos plásticos da chanchada, assumidos em diferentes momentos da história cultural no Brasil no século XX, para tentar compreender a importância da plasticidade da chanchada na adaptação realizada por Joaquim Pedro, em 1969, do livro de Mário de Andrade, *Macunaíma*, de 1928. Conhecida como uma fase do cinema brasileiro, a chanchada é também uma tradição teatral. Em 1926, por exemplo, foi encenada a peça “Chanchada”, e parte da tradição figurativa que poderíamos chamar de uma performance do insólito foi retomada pelo grupo Oficina para montagem de “O rei da vela” (1967). A presença da chanchada em *Macunaíma* se faz sobretudo, mas não só, através da atuação espetacular de Grande Otelo. Ponto alto da cinematografia brasileira, da cultura brasileira, momento

radicalmente crítico em que a direção elegante de Joaquim Pedro promoveu o encontro entre Cinema Novo e Modernismo, encontro que também foi composto pela elevação de formas plásticas populares tantas vezes negadas, composição que ganha densidade dramática através do próprio corpo simbólico popular que o ator performa com um distanciamento irreverente.

Ana Lorym Soares (UFRJ)

Produção, circulação e recepção da “literatura espírita” no Brasil - anos 1930 e 1940

Este trabalho tem como objetivo analisar a produção de livros espíritas, supostamente psicografados pelo médium mineiro Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) e editados pela Editora da Federação Espírita Brasileira (FEB), durante as décadas de 1930 e 1940, no Brasil. O propósito é examinar a gênese, a circulação e o consumo dessa volumosa “literatura” que pôs na ordem do dia, na imprensa periódica nacional, temas relativos ao estatuto da literatura moderna, tais como: originalidade, autoria e copyright. Ao levar a público obras compostas por poemas, crônicas e romances cuja autoria foi atribuída a espíritos de escritores famosos e já falecidos, o jovem Chico Xavier e a sua editora dão origem a uma querela judicial e provocam um intenso debate em torno da legitimidade das obras e das supostas autorias, de modo que escritores e juristas são chamados a todo momento à imprensa para emitir pareceres sobre essa “literatura”. A partir da análise dos textos espíritas em questão, das reportagens publicadas nos jornais da época e por dados editoriais da FEB (dados sobre tiragens e distribuição) é possível construir uma interpretação acerca do significado dessas obras para o cenário das edições não só espírita, mas do contexto editorial brasileiro como um todo, refletindo-se, especialmente, sobre especificidades do campo literário brasileiro dos anos 1930 e 1940.

Ana Luisa Pisani (PUC/SP)

A Imagem do Homem Civilizado: uma análise do discurso da obra “A Civilidade Pueril” (1530), de Erasmo de Rotterdam

Com o advento do *Movimento dos Annales* o campo referente ao conhecimento histórico sofreu alterações significativas, principalmente em referência a análise das fontes, cujo enfoque possibilitou uma nova perspectiva quanto ao sujeito. Deste modo, a fonte passou a abarcar toda a atividade humana, sendo assim possível ampliar as possibilidades de pesquisa no campo histórico.

É a partir destas problematizações que temas envolvendo análises com fontes literárias tornou-se possível. Literatura entendida não como reflexo puro e nem como distante e absolutamente ficcional de um período, mas sim inserida e assim fruto de um contexto que proporciona reflexões e sugere análises do processo histórico.

Envolta nesta perspectiva, venho realizando problematizações quanto ao discurso e suas conseqüentes implicações, de Erasmo de Rotterdam (1466-1536), na obra “De civilitate morum puerilium”, publicada em 1530. Trata-se de uma espécie de manual de boas maneiras, na realidade é considerado um dos primeiros manuais do gênero, sendo dividida em sete capítulos, sendo respectivamente: *Da decência e da indecência de apresentação; Do vestir; Da forma de comportamento a ter numa igreja; Das refeições; Dos encontros; Do jogo; Do dormir*. Nele são registrados conselhos, que partem de uma

observação, revelando não apenas os possíveis costumes e imaginários de um período distante, mas a construção e necessidade contínua do controle e distinção dos corpos.

Além da distinção sugerida a partir da apreensão destas regras, que cada vez mais são refinadas a fim de acentuar esta distinção, a obra apresenta outra dimensão a ser explorada: a passagem da cultura oral à escrita. Assim, estes costumes passam a ser registrados, sendo que a sua presença na biblioteca azul, se refere à própria necessidade deste discurso, que procura redefinir espaços através da apreensão destas normas, que se referem à construção da imagem ideal destes corpos, que revelam, nas inúmeras instâncias, relações de poder.

Estas dimensões são importantes para compreender a história enquanto um processo que envolve sujeitos, os quais ressignificam suas experiências cotidianas, tanto individualmente quanto coletivamente, sendo que este processo envolve a nós mesmos, como dirá Norbert Elias na obra “O Processo Civilizador”, nada tendo de “natural”. Portanto, a obra “A Civilidade Pueril”, se refere a um estudo revelador de muitas tensões, conflitos, os quais continuam sendo construídos e desconstruídos culturalmente.

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade (UDESC)

Alimentação por escrito: hábitos alimentares e transformações urbanas no Brasil Republicano sob a ótica do jornal O Estado de São Paulo (1889 - 1930)

O trabalho aqui proposto visa um estudo acerca das práticas alimentares representadas no jornal *O Estado de São Paulo* nos inícios da república no Brasil, especialmente em seus anúncios publicitários e crônicas, sendo este trabalho parte de projeto de doutorado desenvolvido na Universidade de São Paulo. Mais que um novo sistema político e social, a república recém iniciada no Brasil exigiu uma modificação nos gostos, nos costumes, e nas formas de viver de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Estas novas formas de viver, os ares modernizantes vindos com este novo sistema social e político se fazem perceber em diversos setores da vida cotidiana. No caso aqui proposto, entende-se que a alimentação foi um elemento bastante propagandeado nos jornais, seja em publicidades, em crônicas ou mesmo em romances de folhetins.

Jornais foram, durante todo o século XX, um dos principais meios de comunicação, nos quais é possível encontrar desde reportagens que constroem acontecimentos até elementos que auxiliam na reconstrução, por parte da história, do cotidiano das cidades e do país, pois, de acordo com Pierre Nora, “os *media* transformam em atos aquilo que não teria sido senão palavra no ar”. (NORA, 1979, p.182). No início do século XX, os jornais foram utilizados para divulgar e discutir propostas de governo, propagandear novos produtos e locais de sociabilidade, bem como hábitos a serem adquiridos com as reformas sociais e urbanas ocorridas no Brasil no período. Assim, a proposta aqui presente entende que os jornais desta época, tais como *O Estado de São Paulo* são documentos que dão a ler elementos que auxiliaram na construção das ideias de alimentação no país. Assim, pretende-se analisar publicações do Jornal *O Estado de São Paulo* datadas do início do século XX, notadamente anúncios publicitários e crônicas que dão a ler hábitos alimentares propagandeados à época, construindo representações. Assim, é possível perceber transformações nas vivências cotidianas, especialmente relacionando alimentação com as mudanças urbanas vivenciadas no início da república em importantes centros urbanos do país, como São Paulo. Assim, é

preciso que se compreenda os estudos acerca dos hábitos alimentares como discussões sobre as sociabilidades nas cidades, sobre as construções e reformulações do espaço citadino, bem como as construções do gosto em um país em processo de modificações, e desta forma, inserindo a alimentação no espaço urbano. É portanto, nas formas de dotar o mundo de sentidos que os homens estão no centro de uma história da alimentação no Brasil de inícios do século XX, pois são eles que atribuem sentido ao comer, ao beber e às formas de viver nas cidades.

Ana Maria Pimenta Hoffmann (UNIFESP)

A arte latino-americana nas Bienais do MAM SP (1951-1961)

Nesta comunicação gostaria de compartilhar algumas considerações sobre a relação entre o desenvolvimento da crítica de arte e as seis primeiras Bienais de São Paulo (1951-1961), e o contexto da organização das delegações latino americanas nestas edições da mostra. Estas primeiras Bienais foram marcadas pelo caráter inovador, pela integração com as atividades do Museu de Arte Moderna de São Paulo e por uma notável produção da crítica de arte. As delegações estrangeiras, muitas vezes, eram organizadas por críticos e, com o advento das Salas Especiais na II Bienal (1953), foram realizadas mostras retrospectivas de algum artista ou tema, organizadas por historiadores.

A história das Bienais constitui capítulo importante do desenvolvimento da crítica de arte e do processo de avaliação do modernismo. Pretendemos, então, investigar como as narrativas apresentadas nas delegações latino-americanas, estabeleceu uma rede de diálogos entre artistas, críticos e instituições artísticas. A mostra foi, deste sua primeira edição, vista pelos latino americanos com oportunidade de desenvolvimento de hipóteses sobre a tradição modernista e identidade da arte contemporânea de seu país.

Neste sentido, a organização destas delegações oferece instrumento para pensar-se a história da arte latino-americana, e as relações com a história da arte brasileira. Em todo o mundo ocidental, os anos de 1950 se caracterizaram por este processo de reavaliação da tradição modernista. Um olhar atento aos processos de organização e de recepção das delegações das Bienais de São Paulo, deixam claro a semelhança entre os contextos latino-americanos na sua urgência em avaliar o significado da ruptura modernista em cada produção nacional. Desta forma, a crítica de arte, e sua manifestação nesta instituição denominada “moderna”, o MAM SP, apresenta o debate historiográfico e estético emergente naquele momento do surgimento das neo-vanguardas da segunda metade do século XX.

Ana Paula Cardozo de Souza (UNICAMP)

Singular Amor: imprensa, polícia e homossexualidade em crônicas machadianas

Machado de Assis tratou de várias notícias policiais na série de crônicas “A Semana”, escrita entre 1892 e 1897. Algumas delas despertavam particular interesse e reflexões do narrador e, muito provavelmente, do público leitor. A atenção dada pela imprensa a esses eventos e, sobretudo, o uso que fazia das informações coletadas, ao passo que expunha a vida íntima de anônimos em suas páginas, foram alvo da pena do escritor na composição de seus textos. Um

dos casos, envolvendo homossexualidade e suicídio, ganha um especial tratamento na série. Em fevereiro de 1896, “A Semana” trata da morte de Ambrozina Cananéa do Brazil, lavadeira, mãe de dois filhos, que teria ocorrido por desgostos pessoais. De acordo com jornais da época, tais agruras advinham da proibição de que ela e sua vizinha, Mathilde da Silva Terra, de 16 anos de idade, continuassem a se relacionar. Dentre muitas outras coisas, os leitores eram informados, por exemplo, de que Ambrozina morrera com um pacote de cartas da menor sobre o peito e que muitas testemunhas atestavam os espancamentos que Mathilde sofria por insistir em falar com a suposta amante.

Os periódicos *O Paiz* e *A Notícia* exploram a fundo o caso, iniciando uma disputa ferrenha: o primeiro defendia Ambrozina como mulher valorosa e trabalhadeira e o segundo a demonizava, considerando-a uma corruptora. As trocas de acusações entre os redatores, bem como o pré-julgamento das pessoas envolvidas e do procedimento da polícia são pauta para vários escritos. Estes incluíam, entre outras coisas, a correspondência das duas mulheres, divulgada sem reservas pelos órgãos de imprensa. É notória ainda a tática para tratar do caráter do relacionamento das vizinhas, apenas insinuado nos periódicos, talvez na tentativa de evitar o escândalo em parte dos leitores dos fins do XIX.

Serão alvo de análise, ainda, o silêncio da *Gazeta de Notícias*, veículo original de publicação dos escritos de Machado, sobre o acontecimento e a opção do cronista em seguir o procedimento contrário.

O cruzamento da crônica com as reportagens publicadas permite perceber o quão atento o escritor estava às notícias, que em tese eram instrumento de seu ofício, e, principalmente, o olhar crítico que ele permite que se perceba nas entrelinhas.

Ana Paula dos Anjos Gabriel (USP)

Susana Cecília Almeida Igayara-Souza (USP)

São Paulo, capital da música: Memória e escrita autobiográfica em Vocação e Arte, por Armando Belardi (1898-1989)

O artigo é um estudo de *Vocação e arte: memórias de uma vida para a música*, do maestro e violoncelista brasileiro Armando Belardi (1898-1989), nascido de uma família de imigrantes italianos. Como tantas publicações de caráter memorialístico, autobiográfico e retrospectivo-documental de uma trajetória artística, a publicação não teve grande circulação para além do campo musical e raramente é citada na bibliografia sobre as práticas culturais paulistanas. No entanto, mostrou-se importante fonte de pesquisa para a discussão do ambiente musical erudito da cidade de São Paulo na primeira metade do século XX. São identificados músicos, empresários culturais (sobretudo de espetáculos de ópera), instituições artísticas e educacionais, públicas e privadas, ligadas à produção, promoção, ensino e difusão de práticas musicais, em grande parte relacionadas à imigração italiana. Este trabalho tem como fundamento teórico a discussão dos textos autorreferenciados, a partir de Lejeune (1975), Alberti (1991) e Viñao Frago (2000). Da análise da publicação, emergem temáticas abordadas pelo autor Armando Belardi, visto a partir da posição de maestro e de agente cultural e dos diversos cargos artísticos e institucionais que ocupou. São problematizadas suas tomadas de posição sobre as transformações culturais e sobre temas como: a profissão do músico, a identidade imigrante, a “decadência cultural”, a relação entre artistas, empresários e políticos.

Ana Paula Squinelo (UFMS)

Batalhas imagéticas: representações da Guerra do Paraguai nas Coleções Didáticas de História (PNLD/2014)

Ao longo do século XIX e meados do XX foi recorrente nos Manuais Didáticos nacionais da área de História o uso de imagens concernentes à Guerra do Paraguai (1864-1870), sendo que tais imagens reportavam-se a uma concepção de história calcada na Escola Metódica francesa. Nesse sentido, as representações imagéticas remetiam a batalhas como as do Riachuelo, Tuiuti, Curupaiti, Avaí, entre outras, imortalizadas por pintores como Candido López e Pedro Américo; por outro lado, a figura do herói foi consagrada em imagens de líderes políticos como Francisco Solano López, Duque de Caixas, Almirante Barroso, Tamandaré e d. Pedro II. Pensar como essas representações foram apropriadas e apresentadas nas últimas décadas é o objetivo dessa comunicação, isto é, analisar quais aspectos se perpetuaram e quais foram aqueles que romperam com essa concepção de história positivista presente nos manuais escolares. Para mediar tal diálogo, me apoio nas Coleções Didáticas da área de História, aprovadas pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD/2014), em especial o livro destinado à adoção no 8º Ano do Ensino Fundamental II. Enfatizarei minha análise na seleção de charges, pinturas, fotografias e demais fontes iconográficas apresentadas nas supracitadas Coleções.

Ana Raquel Costa Dias (UFG)

A inserção da História Cultural no campo da história da educação: uma análise dos anais da SBHE (2000 - 2011)

Neste artigo é realizada uma discussão acerca da inserção da História Cultural nos estudos de História da Educação, partindo de uma análise dos Anais dos encontros da SBHE (Sociedade Brasileira de História da Educação) nos anos 2000 e 2011. Os anais dos encontros da SBHE e outras pesquisas realizadas revelam uma História da Educação que dialoga com a História Cultural. São trabalhados os princípios fundamentais da História Cultural: Cultura, Representação e Imaginário, além da ideia fulcral de Representação, de Roger Chartier, como eixo de análise. É discutido a respeito da trajetória da historiografia brasileira e da origem e consolidação da SBHE. São analisados conceitos formulados especialmente por Roger Chartier, Sandra Pesavento, Miriam Warde, Sergio Castanho e Maurício Estevam Cardoso.

Ana Rita Santos Tabosa (UFBA)

O Romance Gótico e o cinema de horror: o que podem nos ensinar as imagens do medo

Os filmes de horror mexem com o temor do desconhecido e com nossos medos de violência e morte. Essas películas parecem despertar nas platéias o prazer de assistir a cenas que supostamente fariam parte de nossos pesadelos. Entre as principais influências

que permearam esse tipo de filmes estão os romances góticos britânicos dos séculos XVIII e XIX e o Romantismo Alemão do final do século XVIII e início do século XIX. A chamada literatura gótica utilizava o universo sobrenatural como uma representação alegórica da realidade social característica desse período de transição. O horror funcionava como um resgate da magia e do sobrenatural, do irracionalismo em contraposição ao avanço da ciência e a crescente valorização da razão.

Vampiros, lobisomens, mortos-vivos e fantasmas podem caracterizar variáveis essencialmente humanas e, por isso, cravadas no espírito de cada um. Os monstros e os fantasmas ganham o terreno do sobrenatural e alçam um lugar à parte na memória coletiva de um povo. Não se pode ignorar e nem subestimar o imaginário porque nele se alojam os recantos ocultos de um passado que exige idealizações temporais, fruto de buscas profundas e detalhadas e de remições. O imaginário se integra ao desejo e ambos constroem sonhos e fantasias que se vão acumulando por entre vivências próximas ou muito distantes. As clássicas histórias de horror dos romances góticos britânicos: *Drácula*, *Frankenstein* e *O Médico e o Monstro* são exemplos claros dessa síntese entre a crítica ao racionalismo e à supervalorização da ciência. Demonstrem também uma angustiante busca pela verdadeira essência do ser humano. Da mesma maneira que o Romance Gótico surgiu em um período de tensões sociais pós Revolução Francesa, o cinema de horror surge em uma fase de transformações políticas, econômicas e sociais resultantes da gradativa ascensão do sistema capitalista.

Anadir dos Reis Miranda (UFPR)

Fontes Epistolares e a análise das amizades e das trocas intelectuais que conformaram o Iluminismo na Inglaterra

Esta comunicação enfoca as trajetórias letradas das escritoras inglesas Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson, integrantes ativas do movimento iluminista inglês. A reflexão proto-feminista que estas desenvolveram integrou o debate iluminista e revolucionário quanto a questão da igualdade de direitos. Wollstonecraft, Hays e Robinson tiveram oportunidade de se aproximar da cultura ilustrada ao se inserirem em determinados espaços de sociabilidade letrada, tais como os círculos dissidentes e os círculos radicais ingleses. Nestes meios entabularam amizades e intercâmbios intelectuais, entre si mesmas e com alguns dos principais expoentes do movimento ilustrado inglês, tais como Richard Price, Joseph Johnson, William Godwin e Thomas Paine. Podemos afirmar que estas relações ficaram registradas, em parte, nas cartas que trocavam entre si. A escrita epistolar era bastante comum no século XVIII. A troca de cartas representava a continuidade, o registro material dos debates e conversações que comumente se desenvolviam entre os frequentadores dos espaços de sociabilidade ilustrada. O mapeamento e análise das correspondências de Wollstonecraft, Hays e Robinson pode propiciar uma compreensão mais apurada dos processos e relações que elas vivenciaram ao produzir seus escritos e ideias.

Anahy Sobenes (UFSC)

A morte de Artemio Cruz e a Revolução Mexicana

O romance “A morte de Artemio Cruz”, escrito por Carlos Fuentes carrega consigo uma discussão sobre revolução na América Latina e suas máscaras. É uma narrativa circular, por vezes caótica, das memórias de um moribundo, Artemio Cruz sobre sua vida, que se mistura com a Revolução Mexicana. A partir dessas memórias é possível perceber os dilemas envolvendo uma revolução que se perdeu, descarrilhou e há a busca pelo fio rompido através das memórias do narrador.

Ao escrever A morte de Artemio Cruz, o mexicano Carlos Fuentes, olhava simultaneamente para o passado e para o presente: naquele tentando apontar o que deu errado na Revolução Mexicana, ao mesmo tempo em que a contemporaneidade da Revolução Cubana abria perspectivas de futuro: seria um alerta para não deixarem a revolução descaminhar, como ocorreu no México? Portanto, é com a perspectiva da Revolução Cubana que ele olha para a experiência revolucionária vivida em seu país.

Na hora de sua morte, lembra um dia que adjetiva como excepcional: 31 de dezembro de 1955-, o ano novo, porque guarda um ciclo: a morte de um ano e o nascimento de outro, é também a oportunidade de reviver, voltar em busca do ciclo que uma vez foi rompido na vida do personagem, mas também na história do México ou mais precisamente na história da América Latina e que no desenrolar de toda narrativa se procura reatar.

Artemio tenta reencontrar o elo perdido, o outro Artemio, a outra metade perdida da revolução, a verdadeira revolução, sem máscaras. Não é por acaso que é o último dia de 1955 que o personagem Artemio destaca como excepcional e como contedor de um ciclo. Trata-se do fechamento de um ano em que Fidel Castro e outros emigraram para o México onde encontraram novos companheiros, entre eles Ernesto Guevara, e se organizaram até o mês de novembro para a entrada em Cuba. Lembremos que 1956 iniciou-se com a entradas dos “barbudos” em Cuba e com o início da guerrilha contra a ditadura de Batista. Surge novamente no horizonte o vendaval revolucionário; trata-se de uma nova oportunidade de fazer outras escolhas e quem sabe escolher a outra metade, a que foi perdida na Revolução Mexicana.

O ano da morte de Artemio, 1959, coincide com o ano em que os revolucionários entraram vitoriosos em Havana. Surgiu portanto, a possibilidade de recuperar a outra metade, a metade perdida da revolução latino-americana: o fio pôde ser religado e o ciclo completado.

Anastassia Bytsenko (USP)

A pintura e a literatura russa do século XIX início do XX

Nos últimos anos, a literatura russa ganhou um elevado prestígio no Brasil. Apesar disso, a pintura contemporânea de escritores como Gógol, Dostoiévski, Tolstói e Tchékhov permanece ainda pouco pesquisada no universo acadêmico e artístico brasileiro.

No entanto, até chegar a conhecida arte de vanguarda do início do século XX, as artes plásticas russas percorreram um caminho do desenvolvimento tão dinâmico quanto a literatura, no caso da pintura, desde a acadêmica do fim do século XVIII e início do XIX, ao realismo dos *Peredvíjniki* (Itinerantes), substituído por uma estética neorromântica e simbolista do grupo *Mír Iskússtva* (Mundo da arte).

A questão sobre a natureza e o tipo de relação entre a pintura e a literatura sempre gerou polêmicas entre representantes de várias correntes tanto de literatura quanto de artes plásticas. Alguns viam a pintura apenas como uma ilustração passiva da literatura, outros advertiam as artes plásticas dos perigos da influência da literatura no esforço de preservar sua liberdade criativa. A própria ideia da relação de parentesco e unidade entre todos os gêneros de arte era peculiar a muitos escritores e pintores russos do século XIX.

Sem entrar no âmbito da crítica de arte, gostaria de apontar algumas relações entre a pintura e a literatura russa do século XIX. Proponho apresentar exemplos do diálogo entre alguns artistas, escritores e de suas respectivas obras, que nasceram na mesma época e no mesmo solo cultural.

Podemos observar os seguintes pontos de cruzamento entre pintura e literatura.

1. A representação de um artista plástico como personagem de uma obra literária: por exemplo, o pintor Piskarióv em *Avenida Niévski* e Tchartkov em *O Retrato*, obras de Nikolai Gógol.
2. O retrato de um escritor feito por um artista plástico: por exemplo, o *Lev Tolstói* feito por Kramskói e o retrato de Gógol por Otto Möller.
3. A pintura que nasce a partir de uma obra literária: por exemplo, os quadros de Vrúbel inspirados na poesia de Liérmontov.
4. As ilustrações das obras literárias. A “tradução” da palavra para uma imagem pictórica: casos de Aguin e Bilíbin.

Anderson de Sousa Silva (UFC)

As artes da SCAP na Revista Clã

O presente trabalho tem por objetivo analisar os escritos da Revista CLÃ, relacionados aos artistas que participaram dos Salões de Abril da SCAP. Será dado foco nos textos produzidos entre os anos de 1948 e 1949. A Escolha destes dois anos se deu, por haver nas edições da revista, textos voltados para às artes plásticas, escritos por Otacílio Colares e Barboza Leite. Após o ano de 1949 ainda houve espaço na revista para às artes plásticas, porém, entre os dois anos mencionados, ocorrera certa constância através dos textos dos dois autores já citados. Tentaremos, a partir disso, analisar as relações de sociabilidade configuradas entre os grupos SCAP e CLÃ, em especial no tocante as suas aproximações em torno dos Salões de Abril. Para tanto, as noções de sociabilidade, intelectuais e geração serão discutidas neste trabalho como categorias históricas que nos permitem refletir sobre as questões que serão abordadas.

Anderson Francisco Ribeiro (UENP)

Revistas eróticas e pornográficas na ditadura militar: afirmação das identidades do homem moderno

Esta comunicação tem como objetivo realizar uma análise histórica dos discursos sobre o erótico e o pornográfico na sociedade brasileira, durante o período da ditadura militar. Entre os periódicos, as revistas erótico-pornográficas se tornaram um importante espaço na luta da

afirmação das identidades entre o tradicional e o moderno. Dessa forma, com a chegada de várias influências estrangeiras, como as revistas conhecidas como *tijuanas-bibles* (EUA-México), a revista *Playboy* (EUA), a revista *Private* (Suécia), a revista *Penthouse* (Inglaterra) e os desenhos *mangás* (*Japão*), colocou-se em cheque alguns pontos do projeto de modernização brasileira, este que não incluía a pornografia como parte da cultura brasileira oficial. Com isso, tradições começam a ser questionadas, o que abre o Brasil a novas formas de se relacionar com a sexualidade, sendo necessário, então, o controle sobre esse discurso. Entre as publicações, há um tipo de revista erótica, voltada para a elite, como a Revista *Homem* (1975), depois transformada na revista *Playboy* (1978), e outra mais explícita, *hardcore*, transgressora de discursos consumida principalmente pelas classes populares, como os “catecismos” de Carlos Zéfiro (década de 50 a 70) e também as publicações das editoras Edrel e Grafipar pelas quais, pretende-se com este trabalho situar seus objetos, debates e temas.

Anderson Galvão (UFC)

O romance O Cortiço e a cultura popular no final do século XIX

O presente estudo é parte de uma pesquisa maior que analisa a representação do negro no romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Neste trabalho, analisamos especialmente as personagens mestiças. Procurando relacionar aspectos históricos da cultura popular negra no final do século XIX e início do século XX com o romance em questão, trabalharemos a construção das personagens Rita Baiana, Paula, a curandeira, e os capoeiras Firmo e Porfiro. Essas personagens aludem a sujeitos históricos não fictícios. Descortinando a ideologia do autor, que constrói tais personagens segundo estereótipos raciais, mostraremos, entretanto, a riqueza e variedade da cultura popular presente na caracterização das mesmas. Rita Baiana, a mulata sedutora, é limpa, asseada, festeira, trabalha como lavadeira, conhece todo o Rio de Janeiro, ajuda as companheiras etc. A referência histórica da personagem são as comunidades de baianos, numerosa e maciça, e as “tias baianas”, que constituem uma sociabilidade própria entre as camadas populares. Paula, a velha cabocla, é a curandeira do cortiço e suas curas são eficazes e benéficas para todos os habitantes. A representação dos capoeiras Firmo e Porfiro no romance *O cortiço* traz a beleza de um dos maiores símbolos da resistência negra no Brasil. No romance, estão presentes várias estratégias de sobrevivência desses capoeiras que deram muito trabalho ao poder público, por muitas décadas, na cidade do Rio de Janeiro imperial. Os capoeiras do romance possuem profissões que exigem alguma formação, um é torneiro oficial e o outro tipógrafo, além de tocarem instrumentos musicais e alegrarem as festas domingueiras. A relação entre capoeiras e política também é explorada pelo romancista. A gama de elementos históricos e culturais presentes no romance nos dá a dimensão do que foram esses sujeitos e de como forjaram suas identidades. Mesmo falando de um mundo diferente do dele, e absorvido pelas falaciosas teorias raciais, Aluísio Azevedo eternizou em seu romance aspectos peculiares da cultura popular e negra na época do fim do Império e da instituição escravidão.

Anderson Ricardo Trevisan (UNICAMP)

O viajante europeu como mediador cultural: Debret, Maria Graham e o Brasil oitocentista

Após a abertura dos portos ao comércio, em 1808, o Brasil começou a receber um maior fluxo de estrangeiros interessados em conhecer e documentar não apenas a sua parte litorânea, o que já acontecia antes, mas também seu interior. Falo de viajantes europeus como o francês Jean-Baptiste Debret e a inglesa Maria Graham. O primeiro chegou ao país como membro da chamada Missão Artística Francesa, em 1816, aqui ficando até 1831, enquanto Graham esteve no país entre os anos de 1822 e 1825. A seu modo, ambos se dedicaram a atividades de ensino em caráter oficial e publicaram, ao retornar para seus respectivos países de origem, livros sobre sua experiência de viagem, contendo imagens e textos sobre o Brasil. Compreendo os viajantes oitocentistas como mediadores culturais, agentes estrangeiros que faziam uma ponte entre duas culturas, trazendo ao país visitado (“zona de contato”, nos termos de Maria Louise Pratt, *Imperial eyes*, 1992), elementos que só eles poderiam, da mesma forma que carregavam em si parte da cultura que conheceram durante a viagem. Isso permite conceber esse processo como uma transferência cultural, na medida em que não se fala na imposição de uma cultura sobre a outra, mas sim de uma troca, ainda que, muitas vezes, desigual. O grande desafio, a meu ver, é perceber como essa troca acontece. No caso dos “visitados”, é possível pesquisar, a partir de relatos, documentos, anúncios de jornal e outras fontes, a presença do agente estrangeiro e seu impacto naquele meio social. Pensando em Debret e Graham, ambos trabalhavam junto à monarquia e tinham participação ativa na vida cultural da corte. No caso do impacto do país visitado nos viajantes, a hipótese é que uma análise em duas etapas deve ser realizada. A primeira deve se debruçar sobre as publicações resultantes da experiência de viagem e perceber, dentro delas, elementos de transculturação que indiquem o modo como a fatura dessas obras depende em grande parte de conhecimentos adquiridos dentro da própria zona de contato, a partir de seus agentes. Assim, o país visitado deixa de ser pensado como mero objeto de observação para se tornar um elemento ativo na construção dessas narrativas, resultando num conhecimento europeu produzido a partir de conhecimentos não-europeus (ou seja, uma transculturação, segundo Pratt). A segunda etapa tem a ver com a circulação dos impressos no século XIX, quando se torna necessário investigar a trajetória editorial dessas publicações na Europa, tentando descobrir quantas edições tiveram, se foram traduzidas, para quantos países etc. Essas duas frentes de pesquisa podem ajudar a compreender o viajante europeu como *passeur culturel*, esse agente cultural oitocentista que colocava em contato duas culturas.

André Jacques Martins Monteiro (UNIRIO)

A violência na imagem de um lugar: o crime nas narrativas do passado

O presente estudo destaca as apropriações da violência presentes na trajetória de formação de um lugar, no qual as memórias e o imaginário do próprio passado prevalecem na construção de sua imagem. A referência desta análise é a obra *História de Vassouras*, escrita por Ignácio Raposo e publicada em 1935 sobre o referido município, localizado no interior do Estado do Rio de Janeiro, no Vale do Paraíba Fluminense. Este livro foi uma das mais importantes leituras elaboradas em sua época sobre o passado desta cidade dentro de uma concepção de memória histórica, tornando-se uma das principais referências na construção da imagem deste lugar.

Sua narrativa perpassa fontes documentais e relatos, encadeando acontecimentos, pessoas e espaços, interpretados através dos valores e perspectivas contemporâneas ao autor, em um contexto de declínio econômico em que se exaltava a nostalgia de um passado local de desbravamento e ostentação, gerado pela economia cafeeira e pelo trabalho escravo.

No livro *História de Vassouras*, o contexto em que se consolidam os principais marcos que referenciam esta nostalgia, que abrangem o período de ocupação da região e de desenvolvimento econômico da cidade entre os anos de 1820 e 1878, Ignácio Raposo apresenta nove crimes, sobre alguns dos quais existem registros de processos e outros tornaram-se lendas em suas comunidades. Em sua narrativa, o autor emoldura cada ocorrência com sua perspectiva e de sua época, agregando aos eventos o que supunha ser o impacto ou a reação da comunidade local, delineando os valores e o comportamento do que concebia como ser “vassourense”.

Nesta proposta de trabalho será discutido o relato do crime do escravo João Congo, que assassinou sua esposa em 1836, sendo um dos primeiros casos de enforcamento depois da elevação de Vassouras à condição de vila. A intenção é estabelecer um diálogo entre o relato de Ignácio Raposo e o processo criminal referente ao caso citado, observando as diferentes concepções e abordagem sobre os ideais de civilização e barbárie, balizando estas análises nas discussões do sociólogo Norbert Elias sobre imagem do Homem, autoimagem e processo civilizador.

André Luis Bertelli Duarte (UFU)

Arlequim, servidor de dois amos pelo “Teatro dos 12”: a commedia dell’arte como crítica ao mundo do trabalho no Brasil dos anos 40

Arlequim, servidor de dois amos é um texto teatral de Carlo Goldoni que pertence, ainda no século XVIII, à tradição das máscaras da *commedia dell’arte*. O texto foi selecionado por Ruggero Jacobbi, em 1949, para ser levado à cena no Rio de Janeiro na montagem de estréia do diretor diante do elenco do Teatro dos 12, grupo de jovens amadores recém saídos do Teatro do Estudante do Brasil. Esta experiência significou uma das primeiras experiências cênicas dos atores e do público brasileiro com as formas da *commedia dell’arte*. Rejeitando uma interpretação arqueológica do texto, Ruggero Jacobbi buscou, não obstante, suas possíveis aproximações com a realidade social do país no período. Neste sentido, o investimento do diretor se deu nos possíveis diálogos entre a figura do protagonista, Arlequim, e os “tipos” brasileiros, mais especificamente com a figura do “malandro”. Desse modo, o espetáculo fornece uma crítica interessante sobre o mundo do trabalho no Brasil no fim dos anos 1940, período ainda marcado pelos espectros do Estado Novo de Getúlio Vargas.

André Luís de Almeida Patrasso (FIOCUZ)

A cultura do crime e as perspectivas científicas da polícia carioca em princípios do século XX

No Brasil, a passagem do século XIX para o século XX é marcada por profundas transformações de natureza estrutural, o que acabou favorecendo o surgimento de novas possibilidades de organização política e social. Neste contexto, destacam-se a abolição da escravidão e a proclamação do regime republicano. Foi a partir desta conjuntura que tiveram início no Rio de Janeiro as chamadas reformas policiais do século XX. As reformas policiais determinaram importantes mudanças na estrutura da polícia civil do Distrito Federal, de modo que a instituição pudesse analisar a criminalidade carioca sob outras óticas e desenvolver-se cientificamente: o efetivo nas ruas e o número de delegacias foram ampliados, órgãos especializados, como, por exemplo, o Gabinete de Identificação e de Estatística (1903), foram criados e, a partir da elaboração de uma proposta de profissionalização da carreira policial, formou-se em 1912 a Escola de Polícia do Rio de Janeiro. Dessa maneira, a proposta do presente trabalho é analisar e caracterizar o perfil científico da formação e atuação profissional da polícia carioca, em meio a uma conjuntura de destaque à repercussão de determinados crimes, seja pelo bramido popular ou pela imprensa.

André Luiz da Silva Lima (FIOCRUZ)

Tania Maria Dias Fernandes (FIOCRUZ)

Trabalho Social nos projetos de Habitação de Interesse Social: Considerações sobre sua emergência

A partir de uma pesquisa acerca dos limites e possibilidades da participação social no contexto da atuação do Trabalho Social nas intervenções urbanísticas promovidas pelo PAC – Programa de Aceleração do Crescimento em Manguinhos (2007- 2012), serão enunciadas algumas das considerações acerca das condições de possibilidade da emergência deste Trabalho Social em projetos de habitação, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Afinal, o que seria o Trabalho Social? Uma metodologia? Um discurso ou teoria de intervenção social? Uma práxis de determinado grupo profissional? O próprio termo 'trabalho social' traz consigo significados que o atrelam à prática profissional da assistente social, com raízes na metodologia de Desenvolvimento Comunitário norte americano. Suas ações, no âmbito do PAC Favelas, se operacionalizaram sob eixos de atuação, propostos pelo agente financiador (Caixa Econômica Federal – CEF), e adaptados pelo Governo Estadual, a saber: 1. Desenvolvimento Sustentável (Desenvolvimento Territorial); 2. Gestão de Impactos. Em ambos os casos, identifica-se um descompasso entre os enunciados oficiais e a execução do programa em campo, além da manutenção de ações sobrepostas e desarticuladas. A hipótese trabalhada é que há uma permanência verticalizante, na postura oficial, herdada das organizações que atuaram no Rio de Janeiro durante a 'Era das Remoções', no processo de condução de diálogo com a população beneficiada pelas intervenções urbanísticas. O caráter mediador do Trabalho Social torna-se, assim, ainda que numa temporalidade recente, tema para a história cultural.

André Moreira de Oliveira (USP)

É um mundo estranho, vamos mantê-lo assim: sobre a apropriação de conceitos científicos pela história em quadrinhos “Planetary” de Warren Ellis e John Cassaday

Série de histórias em quadrinhos publicada de 1998 à 1999 de autoria de de Warren Ellis e desenhos de John Cassaday aborda questões ligadas à política e a ciência do modernismo e hipermodernismo. Possui uma abordagem seminal das histórias de Ficção Científica: a discussão dos limites da ciência partindo de princípios e temas factíveis às teorias e práticas vigentes em seu tempo histórico, por meio de uma narrativa de ação. Embora possua outras discussões (como as próprias histórias em quadrinhos) o mérito dessa comunicação será a análise de como essa obra incorpora a ciência em sua ficção.

André Roberto da Silva Pinto (UNICAMP)

Escola de Engenharia de Pernambuco de 1895 ao começo do século XX: matemática e professores engenheiros

As Escolas de Engenharia foram durante muito tempo centros de formação de professores de Matemática e de outras disciplinas escolares e este foi um dos motivos para centrar nosso estudo na Escola de Engenharia de Pernambuco, desde sua fundação até as décadas iniciais do século XX. Para realizar a nossa escrita da história, buscamos nos pautar em alguns autores da História Cultural, tais como: Roger Chartier, Carlo Ginzburg e Michel de Certeau. Tentamos realizar a escrita considerando que não há verdade absoluta em história e que um texto é passível a várias leituras. Para a constituição de nossa investigação, buscamos não apenas os documentos oficiais, mas qualquer tipo de documento que pudesse nos trazer indícios acerca do nosso tema. Pensamos que o processo de trabalho com os documentos é algo que não ocorre em um único caminho no qual o pesquisador escolhe um tema, busca suas fontes e escreve sua história. O historiador “produz” seus documentos. “Longe de aceitar os ‘dados’, ele os constitui” (de Certeau, 2002, p. 810). Primeiramente buscamos construir nossa visão sobre a matemática e as escolas militares no Brasil no período que antecede o surgimento da Escola de Engenharia de Pernambuco. Decidimos iniciar nosso texto por esse histórico, com o objetivo de identificarmos algumas características da formação matemática de professores-engenheiros. Depois apresentamos uma narrativa histórica sobre a Escola de Engenharia, com o objetivo de identificarmos características da Instituição no período de 1895 a 1925 para então trabalharmos diretamente com aspectos que relacionassem matemática e engenheiros professores com Escola de Engenharia de Pernambuco. Utilizamos diferentes documentos: livros, entrevistas, artigos, textos de professores, periódicos, regulamentos. Sobre a Escola e os engenheiros professores de matemática tentamos trazer ao longo do texto todo tipo de característica que de alguma forma pudesse contribuir para montarmos em nossa narrativa como vemos que poderia ser o cotidiano da Escola de Engenharia, levando em consideração as interações socioculturais existentes entre alunos, engenheiros professores e diretores. Estas interações estudadas foram escolhidas por se darem em um ambiente que de algum modo apresentava algo relacionado à matemática, como um professor de matemática, uma aula, um diretor que era professor de matemática ou qualquer outra conexão com características que no deixasse algum vestígio sobre matemática e a Escola de Engenharia de Pernambuco entre 1895 e o começo do século XX.

André Rosemberg (USP)

Da “finta ao comércio” ao QSA: uma história cultural do abuso da farda

No final do século XIX e início do século XX foi muito comum na documentação recebida pela polícia a reclamação de comerciantes sobre malfeitos de policiais. Queixavam-se de que constantemente eram fintados ou abusados na sua boa vontade. A prática, aparentemente disseminada pela tropa, espalhada pelo interior de São Paulo, reunia um sem-número de astúcias que visavam iludir os donos de comércio, principalmente de trens alimentares, ao deixar de pagar uma conta, comer de graça, abusar da farda, pedir empréstimos indevidos, etc. Essas atitudes não só desrespeitavam as normas e regulamentos que regiam o cotidiano policial, como desabonavam moralmente a corporação. Em muitos momentos, entretanto, parece ter havido um processo de institucionalização desses comportamentos desviantes, que, a despeito de correrem por baixo dos panos, foram amplamente aceitos pelo “costume” rotineiro.

Nos tempos atuais, no estado de São Paulo, uma prática correlata é igualmente abrangida pelos policiais da PM, principalmente os de baixa patente. Trata-se do QSA, uma sigla do lingo corporativo, que se relaciona ao ato de se alimentar. A exemplo do que ocorria há mais de cem anos, essa prática também desliza das instâncias oficiais para as oficiosas, senão ilícitas, marcando uma similaridade de condutas que unem dois contextos socio-políticos-institucionais cronologicamente distantes.

Este trabalho visa comentar essas práticas dos policiais, na chave cultural, a fim de salientar as aproximações e os distanciamentos entre elas.

André Sekkel Cerqueira (USP)

Práticas retóricas na história da cultura escrita

Esta exposição tem o objetivo de discutir algumas questões que implicam o método de pesquisa do historiador da cultura escrita que propõe um estudo sobre período anterior ao século XVIII. Partindo de questões levantadas por Roger Chartier, Fernando Bouza, António Castillo Gómez, João Adolfo Hansen, Alcir Pécora e Marcello Moreira, pretendemos discutir a importância do estudo dos preceitos retóricos na pesquisa de textos anteriores ao Iluminismo, pois são parte das práticas desse longo período. A relação entre a retórica e a história proposta aqui é que o historiador da cultura escrita, quando tenha um objeto de pesquisa anterior ao século XVIII, conheça minimamente as artes retóricas. João Adolfo Hansen e Ivan Teixeira mostraram que do século IV a.C. até a metade do XVIII – no caso de Portugal e suas colônias até as reformas do Marquês de Pombal – vigorava a *instituição retórica* greco-latina, que regulava as práticas discursivas. Dessa forma, entendemos que qualquer um versado nas práticas da escrita aplicava nos textos e discursos proferidos as técnicas retóricas. Sabemos, por exemplo, que desde o século XV há traduções de Cícero encomendadas ou feitas pelos príncipes de Avis. No XVIII temos o exemplo da Arte Poética, de Francisco de Pina e Melo, que é toda emulação de Horácio. Pretendemos mostrar, com isso, que o conhecimento dessas técnicas é muito útil ao historiador que trabalha com textos, sejam eles considerados literários ou não, pois aquele que desconhece essas técnicas pode facilmente se equivocar ao tomar por verdade algo que foi escrito/proferido para ser

apenas verossímil. Pensando junto com Stuart Clark, que traz Wittgenstein para o campo da história, entendemos que só é possível ver aquilo que se consegue descrever. Portanto, o conhecimento da retórica possibilita o historiador ver no texto coisas que não veria sem esse conhecimento. Para exemplificar e demonstrar nossa proposta, analisaremos alguns paratextos (dedicatórias, cartas ao leitor, exórdios, introduções, etc.) de livros impressos em Portugal durante o século XVII.

Andréa Casa Nova Maia (UFRJ)

Os trabalhadores, a República e a Imprensa Ilustrada: representações nas revistas ilustradas da Belle Époque carioca

Podemos pensar a imprensa ilustrada da Primeira República como um locus privilegiado para o estudo da sociedade brasileira, como um espaço social que agencia as versões de acontecimentos e processos históricos. Nas páginas d'O Malho, da Fon-Fon, da Para Todos, da Careta e tantas outras revistas, podemos encontrar imagens que muito nos dizem sobre as práticas culturais dos homens e mulheres que vivenciaram as primeiras décadas do século XX. Dentre a variedade de temas presentes nas revistas, escolhemos para esta comunicação algumas representações de trabalhadores no espaço urbano. Como a imprensa ilustrada representou as classes populares, os trabalhadores em sua relação com a cidade e o novo projeto político republicano?

Andrea Cristiana Santos (UFRJ / UNEB)

Um tipógrafo-jornalista no sertão da Bahia

A trajetória de muitos tipógrafos e jornalistas brasileiros ainda está envolta nas teias do esquecimento. Contudo, a descoberta de um arquivo pode revelar aspectos inusitados acerca das práticas humanas e das materialidades produzidas. Os fragmentos podem desvelar destinos singulares que nos permitem analisar texto e contexto histórico. A partir da descoberta de jornais, que circularam na cidade de Juazeiro, Bahia, na primeira metade do século XX, um nome, até então desconhecido, se desvela: José Diamantino de Assis, tipógrafo, diretor, redator e editor de O Astro; O Banjo, A Marrêta, O Itiubense, O Sertão, Esporte, A Jacuba e A Tribuna do Povo. O tipógrafo e jornalista produziu jornais com tipologia e mensagens diversificadas por 37 anos, desde a imprensa satírica, folhetos musicais à informativa. Os jornais foram concebidos dentro de uma lógica da imprensa produzida no século XIX, feita por um homem só, o tipógrafo, mas que evidenciam as mudanças que se processavam no campo profissional a partir dos anos 1950, como a substituição de um modelo de imprensa político-literária para o paradigma de um jornalismo informativo e implantação de reformas empresariais, gráficas e redacionais. A materialidade dos jornais nos levou a escolhê-los como objeto de estudo, a fim de investigar a trajetória de um indivíduo e os circuitos de comunicação entre uma imprensa local e a nacional, bem como as inter-relações existentes entre esses periódicos e os processos de modernização ocorridos na sociedade brasileira. Por isso, esta comunicação analisa a produção do tipógrafo José Diamantino de Assis no período de 1932 a 1969, em Juazeiro, situada no sertão da Bahia, a fim de compreender como este mediador conseguiu transitar pelo universo de uma cultura popular e jornalística no

contexto de processos de modernização tanto da imprensa como da sociedade brasileira. Neste artigo, analisa-se as relações de tensões e assimilações entre uma imprensa nacional e regional, as redes de sociabilidade e trocas simbólicas que se construíram por meios dos impressos e dos agentes dessa imprensa. A partir de uma abordagem historiográfica da micro-história, são investigados rastros, indícios e os fragmentos presentes nos produtos comunicacionais e fontes memorialísticas para reconstituir as tramas comunicativas engendradas pelo tipógrafo e jornalista. A partir da análise dos jornais, demonstra-se a trajetória de um homem comum que se apropria da cultura letrada e dispositivos técnicos para produzir mediações na imprensa regional. Demonstra-se a existência dos circuitos de comunicação entre diversos leitores e diferentes tipos de impressos, da produção satírica aos jornais informativos que circularam na primeira metade do século XX.

Andréa da Cunha Russo (PUC/RS)

Passado Escondido: o povoamento do Brasil excluído da memória social

A pesquisa investiga significação e memória acerca das sociedades indígenas na contemporaneidade. Parte-se da constatação de que a arte antiga brasileira não faz parte dos livros sobre história da arte, raramente encontramos em livrarias textos sobre o povoamento do Brasil. As ideias acerca do período humano mais antigo resultam, em boa parte, de livros de história da arte que disseminam equivocada significação principalmente para a arte rupestre: eram rituais de caça, e se referiam a eles somente. Além disso, se atém a uma pequena parte da produção europeia. A imagem que se apreende a partir dos livros é depreciativa, diria até, infantilizada. Investiga-se o provável prejuízo que a adoção de dois livros de História da Arte escritos há mais de meio século, pelas universidades brasileiras no campo das Artes, está provocando na construção da memória social. Poucos conhecem a história do Brasil anterior a 1.500 e é ainda menor o número dos que sabem da existência de arte milenar brasileira. As livrarias oferecem grande quantidade de volumes sobre o “descobrimento” e nada acerca da história anterior a ele. O significado e importância que as sociedades mais antigas têm para nós podem ser percebidos pela ausência: jamais constam em qualquer lista de orgulho nacional.

Através de pesquisa quantitativa, detectou-se significativo estado de presença nas universidades brasileiras dos livros **A História da Arte**, escrito por Ernst Gombrich em 1950 e **Iniciação à História da Arte**, por Horst Janson em 1962. Especialmente no campo das artes, são fonte importante, muitas vezes única, sobre a arte antiga nas instituições observadas. As informações oferecidas por ambos sobre o período se apoiam nas fontes históricas disponíveis na época em que foram escritos, há mais de meio século. As últimas edições, presentes em muitos cursos de graduação e pós-graduação de Artes Visuais e História da Arte, inclusive nas disciplinas sobre arte antiga e ‘pré-histórica’, parecem não só desatualizadas como inadequadas, tendo em vista o entendimento contemporâneo e os novos conhecimentos sobre o período, bem como os entendimentos sobre imagem, percepção e cognição.

A pesquisa investiga os processos histórico-culturais que contribuíram para a desvalorização das sociedades de caçadores-coletores, e da cultura indígena como um todo. Através do confronto de informações espera-se ser possível discutir a memória

social que erigimos sobre essas culturas, e as consequências que tem na valorização e preservação delas.

Andréa Márcia Gonçalves Leandro (Universidade Anhembi Morumbi)

Hospitalidade e cultura da simplicidade voluntária em Maria da Fé/MG

O confinamento urbano em sua dimensão tecnologia-consumo, a *fast life* dos grandes centros tem levado as pessoas a saírem em busca de uma vida mais tranquila e saudável em seus momentos de lazer. Ocasionalmente, uma viagem de férias, feriado ou final de semana pode dar início a um movimento de êxodo invertido, ou seja, nasce o desejo de se deslocar da cidade para o campo ou para pequenas cidades. A finalidade desse trabalho é analisar um fenômeno crescente no Brasil que são os fluxos motivados pela Cultura da Simplicidade voluntária. Maria da Fé/MG vem se tornando opção para pessoas que, buscando desacelerar, desejam mais tempo em contato com a natureza, alimentação orgânica e biodinâmica resgatada pela valorização da cultura agrícola tradicional. Fluxos contemporâneos no Município de Maria da Fé (MG) e suas motivações são tema de pesquisa exploratória que se encontra em desenvolvimento, cujo objetivo geral é caracterizar esses deslocamentos e levantar impactos na comunidade receptora.

Em tempos em que o ritmo de vida é ditado pelo cronômetro da cultura “High Tech”, algumas pessoas começam a buscar meios de simplificar suas vidas. Como quem dá início a um movimento de contra cultura, algumas dessas pessoas buscam essa simplicidade mudando-se para cidades pequenas ou para comunidades rurais (NAISBITT, 1999). A cidade de Maria da Fé, Minas Gerais, integra o circuito Terras Altas da Mantiqueira, região buscada por muitos, que ali estiveram a passeio, como opção de segunda residência. As motivações são várias, dentre elas, uma em especial desperta atenção: pessoas que se mudaram para essa localidade porque se sentiam tristes ao perceberem que nossa cultura estava sendo afetada pela *fast life* e pelo uso desmedido da tecnologia. Pretende-se caracterizar esse movimento cultural da simplicidade voluntária (NAISBITT, 1999), por meio de entrevistas com moradores, imigrantes, migrantes, turistas e pessoas que vivem em grandes centros e que buscam a vida simples. Levantamento de dados junto ao IBGE, Secretaria de Estado e Turismo de Minas Gerais (SETUR) e Secretarias de Planejamento e ainda, pesquisa bibliográfica complementam o corpus da pesquisa. Como objetivo específico buscar-se-á caracterizar o acolhimento como dimensão da hospitalidade no contexto da cultura da simplicidade voluntária.

Andréa Mazurok Schactae (UEPG/NEG-UFPR/FAFIT)

Vestir a Farda: a Constituição de um Espaço para o Feminino na Polícia Militar do Estado do Paraná (1977-2000)

O espaço institucional - Polícia Militar do Estado do Paraná (PMPR) - como uma construção simbólica que constitui divisões de gênero, é analisado nesse texto. A instituição será problematizada como um espaço que institui diferenças de gênero a partir da linguagem simbólica institucional, que é constituinte de discursos e de identidades. Um espaço social que reafirma uma construção histórica de divisão entre o

masculino e o feminino. Entre as fontes selecionadas estão documentos institucionais – leis Estaduais e Leis Federais, a legislação da Polícia Militar (Diretriz, Portarias), entre outros. A análise dessas fontes, que ordenam o espaço institucional e que constituem uma identidade de gênero para a Polícia Militar, bem como estão vinculadas a constituição das identidades dos agentes, possibilita problematizar o espaço institucional como construtor e reproduzidor de diferenças entre as masculinidades e entre o masculino e o feminino.

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky (UFABC)

Produção de conhecimentos históricos, em artes e humanidades entre a cultura visual e a cultura digital

Este trabalho trata da experiência educativa em torno da criação de blogs com estudantes da UFABC no âmbito debate sobre a produção de conhecimentos históricos, em artes e humanidades, numa perspectiva inter e transdisciplinar, entre os campos de Estudos Culturais e História Cultural, debruçando-se sobre definições de cultura visual e cultura digital. Tais formas de expressão complexa em convergência de linguagens se situam no âmbito de uma compreensão abrangente de cultura visual, que ressalta a diversidade do mundo de imagens, de processos de visualização e de modelos de visualidade, com ênfase dos modos de ver e da experiência visual. Abordamos as representações como práticas de significação, posto que são imagens e mediações que tornam a sociedade possível, pois nossa abordagem destaca a cultura de tempos recentes marcados pela imagem digital e virtual sob domínio da tecnologia, marcando a centralidade do olhar, o “ocularcentrismo” como base do pensamento científico ocidental, sendo a visualidade tratada como ponte entre representação e poder cultural na era da globalização. Observamos que sentidos e significados não estão investidos nos objetos, mas sim nas relações humanas, pois é uma produção social e o olhar uma construção cultural por meio do interesse nos processos e práticas cotidianas de olhar, de exposição, de significação para além do estudo das imagens (produção, circulação, apropriação). E compreende-se que a experiência visual não se realiza de modo isolado, e a representação visual é parte de um conjunto entrelaçado de práticas e discursos que envolvem outros sentidos da percepção. Simultaneamente, situamos nossas práticas educativas nos termos da cultura digital que transforma percepções, cognições, representações do real, modos de vida, práticas e expressões artísticas e culturais, constituindo-se numa ampla e complexa rede de representações e formas de sociabilidade produzidas em linguagens múltiplas (visual, audiovisual, oral, musical, escrita) que convergem, se misturam, se entrelaçam em redes digitais por meio de tecnologias de informação e comunicação em sua expressão mais visível em nosso cotidiano, a internet. Há democratização da produção de conhecimentos, problematizando as relações e os processos de produção científicos, artísticos e culturais advindos de instituições tradicionais, como a universidade, que delimitava fronteiras claras entre os que criam e os consumidores (que recebem), de relações hierarquizadas no campo educacional com professores que ensinam conteúdos e estudantes que supostamente os assimilam. E surgem outros termos como práticas relacionadas à produção do conhecimento histórico: intertextualidade e interculturalidade. Há criatividade e/ou a passividade na produção de conhecimentos, com historiadores, cientistas, artistas, pesquisadores, educadores trabalhando juntos como produtores e

mediadores de conhecimentos, incluindo os da produção de conhecimentos históricos, no contexto da cultura digital.

Andrea Reis da Silveira (UFRGS)

História institucional um olhar sobre o Museu Julio de Castilhos: os Projetos extramuros Trem da Cultura e Cinema no Museu

Os museus, lugares que constituem narrativas e estabelecem representações sobre o passado por meio de bens da cultura material selecionados simbolicamente a partir da interpretação de sujeitos e grupos, são objetos passíveis de abordagem, pelo viés da História Cultural. Como produtos de práticas sociais tidas como verdadeiras, os museus assumem papéis de mediadores na construção de sentidos registrados nas memórias da coletividade, podendo reforçar ou constituir elementos simbólicos e condições de identidade. Assim, a comunicação está centrada na reificação da História institucional do Museu Julio de Castilhos (MJC), mais antigo do RS, por meio de dois projetos extramuros: o Trem da Cultura e o Cinema no Museu. Ocorridos no período de 1974-1978, os projetos Trem da Cultura e Cinema no Museu visavam oportunizar as cidades do interior do RS, o contato com os bens culturais do Museu, numa proposta de interiorização da cultura hegemônica pelo estado ditatorial, instaurado no Brasil no ano de 1964. Os projetos Trem da Cultura e Cinema no Museu foram práticas de educação patrimonial na perspectiva formadora. Vinte e quatro cidades do interior do Estado do RS foram visitadas pelos projetos, compondo uma noção do que era considerada cultura, pela lente dos atores sociais e institucionais, o diretor do Museu Julio de Castilhos e seus funcionários. Vale destacar que os projetos Trem da Cultura e Cinema no Museu em sua organização, perfil e objetivos, revelaram a proximidade e a associação do Museu com os interesses do Estado, e como estratégias pedagógicas direcionadas a conscientizar o público sobre a relevância da identidade nacional numa dualidade sobre os particularismos da cultura regional. Foram selecionados coleções e filmes que reforçavam e ilustravam a representação da história evocativa dos mitos e heróis. Tais representações constituíram sentidos que problematizam até a contemporaneidade, o papel e a função do Museu e esboçaram planejamento ideológico na área da cultura. Por outro lado, o Trem da Cultura e o Cinema no Museu como discursos de imagem institucional no percurso percorrido, possibilitaram às cidades do interior do RS, uma “imaginação museal” (CHAGAS, 2011). O Museu Julio de Castilhos, como aparelho ideológico do Estado, era também um veículo de comunicação.

Andréia Cristina Leite Souza (MACKENZIE)

Liliane Alfonso Pereira de Carvalho (MACKENZIE)

Formação de Professores: Ensino da Arte na Educação Infantil

A presente pesquisa tem como objetivo desenvolver uma reflexão crítica acerca da formação docente e o ensino da arte na educação infantil, bem como compreender e analisar a importância da aprendizagem da arte na infância. Considerando as transformações ocorridas em 1996 quando por meio da LDB (Lei de diretrizes e bases)

a educação infantil passou a fazer parte da educação básica brasileira. Faz-se necessário que se reflita acerca das práticas docentes que abarcam a arte na Educação Infantil e como uma formação docente bem fundamentada contribui para a aprendizagem significativa da arte.

Andreia Martins Torres (CHAM-Portuguese Centre for Global History FCSH/NOVA-UAc)

Reconstruindo memórias através das contas de vidro: discurso oficial e identidade local

A proposta que aqui apresentamos pretende ser uma reflexão sobre o impacto do discurso histórico e museológico na conformação de identidades mexicanas através das contas de vidro. Quando falamos de contas ou de umas contas de vidro em particular, pode dar-se o caso que o que imaginamos ou temos em frente seja uma peça de museu. Na maioria dos casos ela encontra-se completamente desumanizada e despida de qualquer contexto que a relacione com as pessoas que as usaram e o significado que tiveram para elas. Ao coloca-las numa vitrine para serem de novo vistas e percebidas por "outros", elas tornaram-se num instrumento político para recriar o passado e reconstruir um presente sob determinados ideais.

A escolha destas manifestações da cultura material parecem-nos especialmente interessantes quando consideramos que elas têm servido, na voz popular, para encarnar valores de desigualdade e engano. Para sempre associadas aos europeus que as introduziram entre as populações nativas a troco de ouro, dando passo a uma relação aparentemente desigual e desvantajosa para aqueles que as integravam nos seus usos quotidianos, elas aparecem também associadas ao mito da nacionalidade. Como uma das características mais marcantes da indumentária da "china poblana" e como um dos aspectos que tem servido para identificar a "arte indígena", as contas de vidro transmitem o orgulho numa matriz pré-hispanica e também o seu contrário. Cabe então refletir sobre este processo, sobre o impacto dos estímulos às ditas "artes populares" que, em determinados casos, se haviam extinguido há tantos anos entre as comunidades onde passaram a ser reimplementadas. Haverá também que indagar-se sobre a exposição destes materiais e como a forma particular com que tem vindo a ser feita tem um impacto sobre as populações que as tratam de recuperar nos seus usos rituais para reafirmar e reconstruir aquilo que se espera delas.

Para responder a estas problemáticas centrar-nos-emos na experiência de campo com algumas comunidades zapotecas e mixes de Oaxaca, na reflexão sobre o panorama expositivo destes materiais nos museus nacionais e também na literatura moderna, nessas crónicas que nos falam sobre o contexto em que foram introduzidas as contas de vidro no México.

Andréia Tamanini (UFRJ)

A 'multiaxialidade' do lugar doméstico na Roma Antiga: arquitetura, antropologia, arqueologia, filosofia, história e os usos e apropriações do espaço na domus

Os processos de análise e interpretação dos usos e apropriações do espaço arquitetônico, que modificam sua conformação física, ampliando-a, portanto, para além de sua morfologia ou seu aspecto visual, ou compositivos de um modo geral. A arquitetura se constrói como ‘imagem’ conjuntamente à dinâmica de sua experimentação. É no movimento pelo espaço-tempo proposto pelo jogo compositivo da arquitetura (por seus ‘espaço’, ‘estrutura’ e ‘fechamento’, conjugados pela ‘técnica’, produzidos com ‘tecnologias’, acomodados a um ‘programa’ e ambientados a um ‘contexto’) que se pode “perceber” o objeto arquitetônico; e é somente incorporando essa perspectiva dinâmica e sistêmica que se logra bem concebê-lo. As interseções multidisciplinares permitem-nos, neste estudo, desvencilharmo-nos das escalas de circunscrições do tempo e do espaço que delimitariam nosso objeto de estudo a abordagens puramente empiristas, para criar o seu “conjunto de problemas”, nos quais um largo, múltiplo e não-linear sistema de imbricadas tramas de campos de conhecimento que se tornam complementares. O que não implica dizer que os aspectos culturais não estejam em evidência - muito pelo contrário. Reunindo uma gama de conhecimentos conjugados de várias disciplinas, como a Antropologia, a Arqueologia, a Arquitetura, a Sociologia, a Filosofia, e, é claro, a História, buscamos refletir sobre uma possível "episteme do lugar" da *domus* romana, deitando atenção para múltiplos eixos de experiência e apropriação desse espaço, incluindo aí, de maneira especial, as relações de gênero performadas e da sua espacialização. Pierre Bourdieu, Edward Hall e Judith Butler, juntamente com tratados ciceronianos, dentre outros interlocutores, são a base para o diálogo polifônico que pretendemos ouvir e desenvolver, para o engendramento dessa "multiaxialidade" do lugar doméstico romano.

Andrey Minin Martin (UNESP)

Narrativas de um sertão moderno: imprensa e o desenvolvimento energético no Brasil

Durante as décadas de 1950 e 1960 consolida-se no Brasil um novo momento econômico, por meio da aprovação e desenvolvimento de projetos governamentais calcados em setores industriais, como energético e de bens de consumo. Buscou-se integrar o país em um projeto modernizador, que agregasse todas as regiões em um novo ritmo de desenvolvimento, ligado a uma transformação territorial dos investimentos juntamente com maciça migração interna. Neste contexto, o interior do Brasil ganha destaque na imprensa nacional a partir da instalação de um complexo hidrelétrico denominado Urubupungá. O objetivo deste trabalho é analisar como este projeto foi apreendido como elemento modernizador para o país, a partir do planejamento e instalação de duas mega hidrelétricas, a Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias e a Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira. Para tal análise, a partir de um debate teórico-metodológico entre memória e imprensa, ligadas a um corpo documental amplo, como atas de reuniões, documentos da CESP (Companhia Energética de São Paulo) e periódicos como *O Estado de São Paulo* e a Revista *Visão*, buscaremos analisar como o estabelecimento deste empreendimento alterou profundamente os modos de vida, a paisagem e as relações político-sociais no interior do Brasil, que se ligam diretamente a construção das memórias sobre este tempo histórico. Analisando as fontes, percebemos que o fluxo migratório e o crescimento econômico nacional ocorreram em meio a uma série de discursos legitimadores sobre a necessidade do empreendimento, seu ideário de progresso e uma nova imagem para o Brasil, isto mesmo antes do início das obras. Desta forma, interesses privados, disputas pela legitimidade, pelo poder e assim,

memórias foram gestadas ao longo das décadas de 1950 e 1960 e marcaram a construção do complexo hidrelétrico até seu término na década de 1970, estabelecendo ligações com marcos de memória do passado e deixando desdobramentos para o futuro.

Anelize Vergara (UNESP / Assis)

“A arte da compreensão”: as crônicas de Rubem Braga no Estado Novo (1938-1939)

O reconhecimento de Rubem Braga no meio literário deveu-se à sua atuação como cronista, gênero ao qual se consagrou integralmente por mais de sessenta anos. Foi considerado, pelos estudiosos do tema, como o escritor responsável por dotar a crônica de um caráter singular sendo, de acordo com Antonio Candido, o “primeiro a elevar a crônica ao nível de mais alta categoria literária”.

No início de sua formação como cronista, colaborou em periódicos que integravam o maior conglomerado da imprensa da década de 1930, os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. No entanto, após um desentendimento com Chatô, o cronista deixou o conglomerado, em 1935, e passou a colaborar em diversos periódicos num curto período de tempo, o que o levou a ser chamado de “cigano” pelo amigo Carlos Drummond. É significativo que a maioria destas publicações faziam oposição a Getúlio Vargas, ao integralismo e à Igreja Católica, postura também compartilhada por Braga que, muitas vezes, recorreu a pseudônimos para poder publicar.

Portanto, torna-se relevante mapear as crônicas publicadas por Rubem Braga nos primeiros anos de sua formação como escritor e jornalista, numa conjuntura que ainda não foi, sistematicamente, analisada. Para tanto, tratou-se de analisar os textos publicados entre os anos de 1938 e 1939 em três periódicos distintos e que tiveram colaboração simultânea do cronista, a revista *Diretrizes (1939-1944)* e a *Revista Acadêmica (1933-1948)*, publicações de caráter de esquerda e, ainda, o jornal *O Imparcial (1935-1942)*, alinhado ao projeto político estadonovista. A comunicação em o objetivo de apresentar quais foram as principais questões e problemáticas suscitadas pelo cronista no que se refere ao ofício do jornalista e ao papel da literatura e dos intelectuais diante dos primeiros anos do recém-instaurado Estado Novo, além de considerar as diferentes linhas políticas dos periódicos utilizados como fonte.

Ângela Susana Jagmin Carretta (URCAMP)

Andressa Martens Harder (URCAMP)

Ancorando o conhecimento sensorial: reivindicações para o ensino da arte nos anos iniciais na contemporaneidade

Este estudo emerge de uma reflexão em torno das propostas pedagógicas que envolvem o ensino da Arte nos anos iniciais da Educação Básica. Com a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, artigo 26, parágrafo 2º, o ensino da arte passou a ser componente curricular obrigatório, com vistas a originar o alargamento cultural, extinguindo assim a disciplina de Educação Artística. O ensino de Arte no Brasil teve seus métodos importados, sem as devidas adaptações e por um longo período esteve voltado para o desenho, usado como um aspecto funcional e não como uma experiência na área de arte. Por volta da

segunda metade do século XX, a pedagogia experimental revelou um novo lugar para arte na educação. Neste período o desenho infantil tornou-se objeto de estudo cognitivo, já que a criança passou a ser vista como um indivíduo com características próprias, não mais como um projeto de adulto. Entre os anos 30 e 40, o ensino da Arte obteve maior valorização e ocorreu o surgimento de escolinhas de Arte por todo país. Trata-se de uma pesquisa-intervenção, de abordagem qualitativa, em andamento, a qual investiga os procedimentos pedagógicos dos acadêmicos/professores dos anos iniciais da Educação Básica e está sendo aplicada nos 3º, 6º e 8º semestres do curso de Pedagogia de uma universidade comunitária no interior do RS, durante um curso de extensão, organizado em 4 sessões, tendo como questão norteadora “como o professor da Educação Básica, em processo de formação acadêmica, promove situações de aprendizagem utilizando as Artes Visuais?”. Os resultados apontam para um grupo que pouco conhece da História da Arte, que somente conhece o museu da cidade, que raramente visita exposições, que não participa frequentemente de eventos culturais. Considerando que existe ampla relação entre Arte e Matemática, uma das sessões práticas do curso enfatiza as obras de Escher, visto que estas harmonizam de modo formidável estas duas áreas - Matemática e Arte - demonstrando que não são tão distintas quanto possam parecer, pois suas gravuras estão repletas de surpresas reveladas na fronteira do plausível e do inacreditável. Embora por vezes se coloque uma oposição entre a Arte como estética/emoção e Matemática como razão, os domínios estético e racional não podem ser separados. Um dos primeiros passos a ser dado para o ensino da Arte é refletir acerca da própria prática e tratar a arte como conhecimento; este é o ponto fundamental e condição indispensável para o enfoque no seu ensino. A abordagem ou Proposta Triangular (BARBOSA, 2003, 2007, 2010), recomenda que para olhar a Arte enquanto conhecimento é necessário articular o fazer artístico, a contextualização e a leitura de obras.

Angela Teixeira Artur (USP)

Relatos sobre a presença de mulheres nos cárceres brasileiros: a primeira metade do século XX

A temática sobre o crime e o conjunto de práticas jurídicas que o envolve, vem ganhando nos últimos anos o interesse cada vez maior dos historiadores. As contribuições que ampliam e aprofundam o conhecimento a respeito dessa dinâmica social são inegáveis e de amplo impacto historiográfico. Trabalhos que investigam desde as políticas de combate e prevenção do crime até o cotidiano prisional em diferentes períodos de nossa história vem contribuindo para uma releitura sistemática e embasada de importantes dimensões de nossa sociedade. Entretanto, o conhecimento histórico a respeito da presença feminina nos cárceres ainda é ínfimo. Fontes indicam a presença de mulheres nas cadeias públicas brasileiras desde, pelo menos, 1831 e, mesmo assim, pouco ou nada se sabe a respeito da população carcerária feminina no país durante o século XIX e a quase totalidade do XX. Com isso, muitas perguntas nos inquietam: quem foram essas mulheres? Quais crimes teriam cometido? Quais as condições dos cárceres nos quais eram mantidas? Qual tratamento ou regime prisional lhes era imposto? Quais políticas públicas tratavam da punição sobre as mulheres? Estas são algumas das tantas questões que permanecem sem resposta. Com o objetivo de contribuir para a mudança desse quadro, ampliando e aprofundando o conhecimento histórico sobre o papel feminino na trajetória de transformações e permanências nas práticas de encarceramento no Brasil, a presente comunicação traz à discussão relatos a respeito da presença feminina

nas prisões de três diferentes estados: Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco. Os textos foram produzidos a partir de visitas realizadas na primeira metade do século XX e apresentam as impressões de quatro homens que estiveram nas cadeias em atividade jornalística, de inspeção ou de prestação de serviços. Os relatos apresentam pistas importantes que nos ajudam a rastrear essa população prisional feminina e, embora a documentação não seja um discurso direto dessas mulheres, compõe um valioso recurso, capaz de operacionalizar uma investigação apta a considerar que “Esses prisioneiros, desaparecidos de sua história, têm de ser rastreados no que se diz deles.” (Perrot, 1986)

Angélica Bersch Boff (UFRGS)

Ballet clássico, história e cultura visual

Este artigo é uma reflexão inicial sobre a importância imanescente do estudo da *visualidade* e *visibilidade* (MENEZES, U., 2005) do ballet clássico. Tomamos por cenário a França - berço do ballet - e o desenvolvimento desta dança nas instituições deste país. Vinculamos possíveis sistemas visuais à nacionalidade, pois as diferentes Escolas de ballet criadas e desenvolvidas se organizaram assim durante séculos. E porque durante os dois primeiros séculos de sua existência (aproximadamente até a Revolução Francesa), o ballet foi uma arte e atividade de corte, ou oficialmente subordinada à corte.

Baseamos nossa análise em teóricos da história cultural e história visual, tentando trazer estes conceitos para esboçar possíveis imaginários visuais. Identificamos alguns aspectos visuais que marcaram épocas e escolas ao longo da história do ballet clássico (criado no final do século XVI).

Desenvolvemos esta reflexão a partir da análise bibliográfica sobre história do ballet, considerando texto e imagens. Estas últimas são amplamente utilizadas nos livros, mas apenas como ilustração, e não problematizadas. No presente, priorizamos o olhar sobre fotografias do século XIX.

O ballet clássico é uma arte fugaz, arte do movimento, por essência. Porém, comparando com outras danças, identificamos nele a priorização do aspecto visual, mesmo considerando transformações e variáveis no tempo e espaço. De outra parte, esta dança se constitui na alternância entre pose e movimento, de modo que a pose foi e é parte fundamental de sua constituição.

Por fim apontamos possibilidades de aprofundar o conhecimento e memória de uma dança cuja visualidade é fundamental, apresentando-se numa tensão entre a pose (o visível estático) e o movimento (visível mas fugaz, e também sensível).

Anna Carolina Vieira Cavalcante Medeiros (UEMA)

O LAZER DA FINA FLOR DA SOCIEDADE LUDOVICENSE:

Um estudo sobre a sociabilidade das elites clubísticas no período da Belle Époque Tropical. (1889-1930)

O presente trabalho tem por objetivo analisar a sociabilidade das elites por meio do estudo das atividades clubísticas em São Luís durante o período que ficou conhecido

como Belle Époque brasileira (1889-1930). Tem por objetivos apresentar as mudanças urbanas, sociais e de lazer que ocorreram em São Luís tendo em vista que a relação cidade x sociedade é necessária para a consolidação das formas de lazer; caracterizar os espaços sociais denominados Clubes, já que esses espaços sociais tinham como objetivo criar a imagem de uma modernidade; apresentar como a elite ludovicense desfrutava desses espaços modernos, as formas de divertimento e integração social proporcionadas por esses novos espaços, diferentes dos Teatros e Cinemas.

Anna Clara Versolato Razvickas (USP)

A figura humanista em Uma anedota desagradável, de Dostoiévski

Entre os anos de 1860 e 1861, assim que recebeu permissão para voltar para Petersburgo, após dez anos de ausência, entre a prisão por participação no círculo de Petrachévski, os trabalhos forçados e o exílio, F. M. Dostoiévski, junto com seu irmão mais velho, Mikhail, fundaram o periódico mensal *Vremia*. Em 1862, no número 11 da revista, Fiódor Dostoiévski publica a novela *Uma anedota desagradável*.

A personagem principal de *Uma anedota desagradável* é o general Pralínski, uma figura que julga a si próprio uma pessoa humanista e adepta do novo liberalismo ideológico. Ele acredita nas ideias de “humanidade” e no início da novela, ao jantar com dois colegas de serviço, tenta convencer seus companheiros acerca de suas ideias liberais, porém, ele não tem sucesso. O leitor percebe que as palavras ditas pelo general e suas atitudes não coincidem. Ao chegar à festa de casamento, Pralínski espera ter um tratamento diferente. E o fato de que todos devem prestar atenção quando ele está declarando suas belas ideias de “humanidade”, mas, ainda assim, ele continua com uma postura de superioridade. Essa postura somente sofrerá modificações no momento em que se põe a discutir com o jovem jornalista durante o jantar.

Dostoiévski já havia escrito sobre o tema de que as aparentes ideias liberais de parte da sociedade russa não correspondem com a natureza dela, revelando-se nos atos que contradizem os princípios humanistas, em um artigo do periódico *Vremia*, do ano de 1861, intitulado “Padrões sinceros”. Acerca disso, na literatura russa podem-se encontrar paralelos a este tema. O arquétipo literário do “homem supérfluo”, que reflete sobre a sociedade, porém, não age de modo a modificar as condições da realidade ao seu redor é, de certa maneira, o oposto do arquétipo do “novo homem”, uma figura de ação, capaz de mudar a realidade por meio de seus atos. Pode-se pensar em Pralínski como uma personagem que busca ser um “novo homem”, porém, por diversas condições, nota-se que sua tentativa fracassa.

Estudiosos da novela afirmam que o contraste tragicômico pelo qual a personagem Pralínski passa no decorrer da história encontra paralelo com a situação da sociedade russa dos anos 1860, o contraste entre a ilusão da Rússia liberalista (ilusão formada pelas recentes reformas) e a vida real da maior parte da sociedade russa, que mais parece um “disparatado e medonho pesadelo”.

Anna Lorena Morais Silva (UniCEUB)

Sob os holofotes: análise de cinejornais produzidos no contexto da construção de Brasília

No período da construção de Brasília, entre 1956 e 1960, o governo nacional criou a Companhia Urbanizadora da Nova Capital - NOVACAP. Esta empresa pública surgia com a finalidade de gerir e documentar as obras de edificação da cidade. Presidida naquele tempo por Israel Pinheiro, figura pública que também se tornaria o primeiro governador de Brasília, a NOVACAP contratou empresas de produção cinematográfica para registrar o surgimento da nova capital. Esses filmes são definidos como cinejornais. Conforme classificação mais difundida, os cinejornais são filmes jornalísticos de curta duração utilizados principalmente como propaganda e divulgação de ideias e ideais, remetendo-se ao uso institucional. Documentando o andamento das obras da cidade, as películas, tem como personagens centrais a própria capital que se erguia e o então presidente Juscelino Kubitschek. Evidenciam também a repercussão da construção, enfatizando ser a obra constantemente acompanhada por visitantes nacionais e internacionais. Destacam ainda, diversas autoridades governamentais da época, ressaltando ser este um recurso midiático fundamental para promover a política desenvolvimentista do governo de JK. Partindo de fontes documentais audiovisuais e textuais, busca-se analisar o contexto dessas produções e, por meio da intercomunicação entre cinema e história, propõe-se analisar os discursos e as representações presentes nesses cinejornais, observando que a produção desses filmes institucionais foi usada como meio para propagandear e exaltar a construção de Brasília. Os cinejornais encontram-se disponíveis para pesquisa na instituição pública que tem a atribuição de guardar a documentação histórica referente à construção, o Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF). Neste acervo também encontram-se registros textuais referentes a pagamentos realizados pela NOVACAP por filmes encomendados entre os anos de 1957 a 1959. Foram três as produtoras cinematográficas citadas na documentação analisada: Libertas Filmes/ Alvorada Filmes, Jean Manzon Filmes e Persin Perrin Produções. Os cinejornais identificados totalizam 25 (vinte e cinco) documentos audiovisuais, sendo que destes, 13 (treze) foram acessados. A documentação textual referente aos filmes totaliza algo em torno de 385 (trezentas e oitenta e cinco) páginas com cartas, ofícios, processos de pagamento, comprovações de gastos com produção e distribuição. O trabalho resultante da pesquisa apresenta e analisa a documentação referente aos cinejornais produzidos entre 1957 e 1960.

Anna Lúcia Collyer Adamovicz (USP)

História periódica & história religiosa: um estudo sobre a imprensa protestante no Brasil

Entre as principais razões que motivaram as ações dos primeiros missionários que favoreceram o estabelecimento definitivo das denominações protestantes no Brasil (com a subsequente abertura dos trabalhos no campo da editoração), está o comissionamento apostólico assinalado no Evangelho que apresenta como missão primordial da igreja dar a conhecer a Palavra reveladora da fé a todos os povos e nações. Destaca-se também a convicção legada da própria gênese do movimento protestante do século XVI, que reconhece na descoberta da imprensa um meio capaz de atender satisfatoriamente às necessidades intelectuais e espirituais de seu tempo. A utilização da página impressa, ao longo do processo de expansão do movimento protestante na Europa, relaciona-se à

própria história do processo de "democratização do conhecimento" instaurado a partir da invenção da Imprensa, no século XV.

Anna Paula Teixeira Daher (UFG)

A Crítica de Almeida Jr. (1850-1899): sobrevivências e sintomas de violência em releituras contemporâneas

A presente comunicação pretende investigar discursos históricos no campo das artes visuais a partir de releituras de obras do pintor José Ferraz de Almeida Jr. (1850-1899). A comparação entre a produção desse artista, concentrada na segunda metade do século dezenove, e a produção de pintores contemporâneos, notadamente nos últimos vinte anos, possibilita inúmeras discussões sobre leituras e interpretações das linguagens artísticas, considerando-se o desdobramento de ideias, práticas, modos de ação e recepção, levando em conta várias formas de circulação de valores visuais, (como o empréstimo, a apropriação e a transformação) e considerando a experiência de ver como acontecimento cultural. O que Almeida Jr. desejava provocar em seu público? Como os artistas contemporâneos apreenderam essa produção - como se vê nas suas visões das obras do pintor ituano, e o fato de que as releituras contemporâneas do pintor vão acentuar suas inspirações pictóricas, sobrevivências e temas, especialmente os sinais de violência patentes em sua vida e recorrentes em sua obra.

Anna Thereza do Valle Bezerra de Menezes (UNIRIO/MAST)

Conservar a experiência: paradoxos entre museu e arte contemporânea

Letras que funcionam como vasos estão dispostas por um vasto gramado. Pessoas plantam flores nestes vasos, os reorganizam, escrevem palavras. Cansam-se e deixam os vasos com terra, na chuva, no sol. Em breve, dali brotará alguma flor e outra pessoa construirá uma outra palavra e novas disposições de escrita. Tais ações constituem *A origem da obra de arte*, trabalho de Marilá Dardot, que encontra-se exposto no Instituto Inhotim. Faz parte também da obra um pequeno galpão onde há terra, sementes e ferramentas de jardinagem.

Exemplos como a obra de Marilá Dardot, que exigem do público uma postura ativa, são desde meados do século passado, comuns na arte contemporânea. Aparecem com frequência nos museus e refletem uma postura do artista de “escuta” e inserção do público na obra. São dois os momentos desta inserção: a participação no processo anterior à conclusão, sendo a obra uma espécie de registro desta experiência e a obra como um processo contínuo que demanda a constante experimentação do público, mesmo que esta resulte numa suposta destruição ou reconfiguração da obra.

Em ambos processos artista e obra estabelecem uma relação estreita com o público em geral, que normalmente se apropria, mesmo que brevemente, daquele espaço (da obra) do museu. Nem sempre tais práticas são possíveis, e acarretam em uma paralisação da obra. Exemplo corriqueiro é a exibição dos *Bichos* de Lygia Clark, que por distintos motivos são “salvaguardados” das mãos do público.

Tendo em vista as definições de museu (tanto do ICOM como da legislação brasileira) há sempre uma palavra que soa conflitante com tais práticas artísticas: conservar. O interesse desta comunicação é o de refletir sobre o que pode significar “conservar” em arte contemporânea. Do mesmo modo, tendo como exemplo o Instituto Inhotim, analisa algumas práticas que nesta conservação estabelecem um diálogo intercultural entre população local e museu de arte contemporânea, recriando espaços e ativando a experiência a partir da recepção destas obras.

Anthony Beux Tessari (PUCRS)

Lavoro e progresso: trabalhadores urbanos na visão da burguesia industrial da antiga região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (1896-1940)

A comunicação tem por objetivo apresentar discussões e resultados de pesquisa desenvolvida sobre a visualidade a respeito de trabalhadores urbanos da antiga região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. Nesta região, no final do século XIX, estabeleceu-se o imigrante italiano Abramo Eberle, responsável por fundar aquela que logo viria a ser a maior empresa brasileira de metalurgia do seu tempo - a Metalúrgica Abramo Eberle -, empregando a maior parcela de trabalhadores urbanos de toda a região Nordeste do Estado gaúcho. Esta empresa, ao longo de sua existência, e por interesse de seu fundador, serviu-se de centenas de fotografias para compor uma narrativa visual de sua história, contada em mais de 25 álbuns fotográficos e em diversas fotografias avulsas. Neste momento, é interesse apresentar a análise desenvolvida a partir de um desses álbuns - intitulado “Álbum nº 10 - Operários, Seções e Antiga Funilaria” -, composto por 107 fotografias que mostram a evolução da fábrica, as seções de produção, o maquinário e a “família” de operários entre os anos de 1896 e 1940. Nesta análise, o álbum é entendido como um suporte de memória, já que serviu para a construção de um determinado passado da empresa - um “passado formalizado”. A partir da análise do conteúdo e da expressão das imagens visuais constantes no suporte, é possível considerar sobre as preocupações higienistas e a adoção dos postulados tayloristas de produção no interior da fábrica. Além disso, observa-se que a empresa foi responsável pela difusão de novos sentidos para o trabalho, em harmonia com o projeto republicano.

Antonio de Ruggiero (PUC/RS)

Um olhar literário sobre a Porto Alegre dos imigrantes italianos

Dentro da produção literária de romances “coloniais” relativos à imigração italiana no Brasil, existe uma obra ainda muito pouco conhecida e estudada. Trata-se do romance *Al di qua dell’Oceano (Vita coloniale)*, publicado em São Paulo, em 1948, pelo italiano Pietro Azzi. Do autor pouco se conhece, a não ser que era toscano e tradutor de alguns livros do português para o italiano. Nessa obra, que ele mesmo define como um «romance histórico contemporâneo», se percebem muitas referências autobiográficas. O autor finge reunir as memórias da emigração de um conterrâneo seu, no cenário do Rio Grande do Sul nos últimos anos do sec. XIX, em particular entre o centro de Conde d’Eu (hoje Garibaldi) na região colonial italiana, e a cidade de Porto Alegre, onde

decidirá morar. Através desta comunicação gostaria de analisar o olhar do protagonista sobre a vida na capital rio-grandense como imigrante italiano; sobre as atividades dos conterrâneos e as redes de relações étnicas construídas dentro da coletividade italiana da época .

Antonio Emilio Morga (UFAM)

Mundo do Seringal: masculinidade e violência

Os seringais constituíram-se no imaginário social, econômico e cultural do Amazonas com territórios tanto da hostilidade quanto da masculinidade. São apresentados pela literatura que trata do assunto como lugar das contradições e de lutas permanentes pela conquista do látex que escorria pelas entranhas das imensas seringas. No apagar das luzes do século XIX e crepúsculo do século XX uma onda migratória, oriunda do nordeste brasileiro, provocou um aumento populacional no Amazonas. Fustigados pela fome, seca bem como desemprego, milhares de trabalhadores aventuraram-se na exploração da borracha em busca não só de prosperidade, mas também de riquezas. Ao construir e reconstruir o mundo dos seringais, a historiografia regional, deu ênfase na construção de um lugar privilegiado pela presença masculina, retratando o mundo do seringal como hostil e traiçoeiro. Poderíamos dizer que a instigante construção desse viver masculino, no seringal, deu-se em muitas oportunidades, como demonstram as pesquisas sobre o tema, em duas direções: Primeiro, pelo controle econômico e político cujos coronéis tinham sobre o seringal assim como sobre os seringueiros; segundo, pela violência masculina à qual acontecia nas cercanias e no interior dos seringais. Isto posto, foi a partir desses dois eixos temáticos que a historiografia amazonense apresentou o mundo dos seringais, contudo não foi somente a historiografia que apresentou os seringais do Amazonas como arena da violência, mas também os jornais do período, em suas páginas, proliferaram crimes de diversas precedências e motivos. Na presente proposta de comunicação, então, daremos ênfase a pluralidade do viver masculino nos seringais do Amazonas.

Antonio Henrique Ferreira da Silva (UFRPE)

A relação dos juristas e a sociedade através da Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife (RAFDR)

Alguns juristas do Recife se destacaram como propulsores das ideias culturais do final do Século XIX e início do XX, ideias estas foram disseminadas na Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife. A partir da Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife, procuro analisar e perceber as representações do Direito criminal nas páginas da revista, assim como compreender o processo de circulação e produção deste periódico. Além de perceber o pensamento e posicionamento dos juristas do crime, aqueles que faziam parte da editoração e que disseminavam os pensamentos da FDR e ao mesmo tempo buscavam socialmente mudar realidades sociais. Nas próprias páginas iniciais da revista, se vê a afirmação de que faculdades jurídicas eram fatores valiosos da evolução do Direito e da multiplicação das ideias que se difundiam no país. Consequentemente tais ideias mexiam no hábito das famílias pernambucanas, no pensar

e agir e numa tentativa de compreender o aumento da criminalidade e da marginalidade, pois foram fatores que despertaram interesse nos juristas para repensar o Direito Criminal no país. A pesquisa faz parte do estudo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação, mestrado, da Universidade Federal Rural de Pernambuco e está em fase inicial de análise e arregimentação de materiais e fontes. A orientação do trabalho é da Prof.^a Dr.^a Maria Ângela de Faria Grillo.

Antonio Melo Filho (UFPE)

Os Jornalistas e a Cidade (s)em censura: entre a “notícia profissional” e a “notícia mercado” as disputas entre “velhos” e “novos” companheiros literatos, polêmicos e políticos

O jornalismo na cidade de Teresina na década de 80 é a expressão das transformações e das distensões políticas porque passam o Piauí e o Brasil. Definir jornalistas e jornalismo e suas contradições frente às transformações entre os seus pares se constitui num desafio para a história do presente, mais que isso é compreender como a política é configurada à partir de uma peça central: as representações da trama política à partir do sujeito elaborador da notícia. Assim esta pesquisa pretende realizar um deslocamento de olhar de como se fazia o jornalismo, e mostrar o que ainda não se problematizou: entender os arranjos porque passa a cidade de Teresina à partir da influência da cotidianidade dos jornalistas - trajetórias de vidas, vivências e conflitos intra-grupo profissional, a (des)construção das identidades profissionais em jogo. As fontes sinalizam como fatores (des)agregadores daquele momento do “progresso social e político” da cidade, a censura no exercício da profissão. A pobreza e a notícia manipulada seriam assim irmãs siamês de uma face nefasta da cidade marcada pela pobreza urbana. Idéias e confrontos dividiam a própria categoria de profissionais, que se questionavam qual caminho seguir?. Tudo isso a ser analisado e compreendido implica adentrar na construção das identidades do sujeito jornalista. Para tanto o conjunto das fontes utilizadas deixam de ser apenas os periódicos oficiais (**Jornal O Dia, O Estado, Jornal da Manhã**) e passam à ser compostas junto à jornais alternativos, entre eles o **Retranca** e depoimentos orais que reconstroem narrativas que não puderam ser contadas. Todas estas considerações com o auxílio de conceitos sensíveis à compreensão de um contexto envolto das diversas interpretações do que se entendia ser um “profissional atualizado” frente às imposições da modernidade e da modernização parâmetros modeladores daquele mundo em ebulição.

Antonio Ricardo Calori de Lion (UNESP/Assis)

Os Cine-Teatros Cuiabá e Goiânia nos anos 1940: formas, usos e imagens

No início da década de 1940, no período do Estado Novo, o Centro-Oeste brasileiro contava com dois interventores aliados a Getúlio Vargas: Júlio Müller (em Mato Grosso) e Pedro Ludovico (em Goiás). Ambas as políticas traçadas por esses Interventores Federais levavam a uma construção ideológica simbólica do progresso pela mudança estética urbana ante a ideia de *sertão* - visto aqui pela tese da pesquisadora Lyliã Galetti (2012) - que dominava as paragens mato-grossenses e goianas ainda na primeira metade

do século XX. Tendo uma leitura prévia da documentação que dispomos do período, é clarividente a ideologia do progresso e a necessidade da (re)colonização das terras centrais do Brasil pelo programa Marcha para o Oeste. Neste momento histórico, são construídos os Cine-Teatros Cuiabá e Goiânia como meio a simbolizar (por meio da imagem que se intentava criar) a modernidade pelo viés cultural. Essa hipótese que nos detemos de ler as construções em um panorama culturalmente modernizador é dada por questões que estão em constante diálogo com as fontes. Para nossas análises, utilizamos os pressupostos metodológicos de Adalberto Marson nos dizendo que devemos “investigar como este objeto foi produzido, tentando reconstituir sua razão de ser ou aparecer a nós segundo sua própria natureza” (MARSON, 1984, p. 49). Nos deparamos com a questão sobre o propósito das construções dos dois Cine-Teatros, os seus usos naquela sociedade e as imagens provocadas por eles em relação a dimensão simbólica projetada para o contexto urbano em que estavam imersos. Essas questões fazem parte de nossa hipótese de que tanto a forma, o uso e a imagem criadas a partir da estrutura arquitetônica, da projeção para o cinema e o teatro (porém haviam muito mais usos de películas) e como isso estava sendo notado pela comunidade da cidade fazem parte de um plano político-cultural para uma resignificação do espaço urbano (no caso de Cuiabá) e na tentativa de criar um outra imagem para a nova capital goiana, nascida ao meio do cerrado – aqui então o sertão ainda é enxergado enquanto barreira ao progresso.

Arlison Silva de Oliveira (UFCG)

A Índia Fabular Entre os Europeus Medievais

Em quase toda a Europa, o que se aplica na historiografia positivista como final do período medieval europeu, tornou-se recorrente as impressões imaginárias sobre os escritos indianos, iniciadas quase dois mil anos antes na Grécia, mais especificamente com o relato do médico grego Ctesias de Cnidos para o rei persa Artaxerxes II, no século IV a.C.

Todavia, o fato mais marcante durante o período medieval europeu, no tocante ao contado da Europa com a Índia, não foi a tentativa de aculturação cristã que se estendeu por vários lugares e tempos, mas o encontro positivo com a Índia através da divulgação da versão persa (ou do seu dialeto pahlavi ou pehlevi), e posteriormente árabe, da literatura sânscrita.

Inicialmente, temos um dos marcos irreverentes da literatura europeia, *Tristão e Isolda*, do século XII, que Theodor Garratt, Moriz Winternitz, Arthur Macdonell e Donald Lach relacionam, a partir da versão de Gottfried von Strasbourg, com a Índia via a Pérsia. Uma conexão visível também se apresenta entre *Kalila* e o consagrado *Beowulf*. E de acordo com Geoffrey Garratt, um século após a versão germânica de 1481, a fabula indiana foi traduzida para o italiano, e desta para o inglês por Thomas North, o tradutor de Plutarco, sendo tal tradução inglesa certamente conhecida por Shakespeare. Surgem também conexões semelhantes com as obras do literato realista e poeta italiano Boccaccio, em sua estrutura narrativa do *Decamerão*, com *The Canterbury Tales*, do pai da literatura inglesa Geoffrey Chaucer, e com o consagrado pai da fabula moderna, o francês La Fontaine.

Arlete Cavaliere (USP)

Gênese da cultura russa contemporânea: pressupostos teóricos e estéticos

A cultura russa contemporânea tem sido analisada nas últimas décadas por meio de diferentes abordagens críticas e teóricas: historiadores, pensadores, filósofos, culturólogos tentam captar o colapso da tradição do pensamento, da arte e da cultura russa engendrado pelo contexto pós-soviético. A história da cultura e da arte soviéticas quer em sua vertente oficial, quer na forma de uma oposição dissidente, entrará em crise com a dissolução do regime soviético, o qual em certa medida constituía a razão de ser de ambas as tendências, posto que surgidas de uma mesma raiz. É no bojo desse complexo entrelaçamento e esgotamento de dois adversários ideológicos, de que se nutre a cultura soviética nas décadas de 1960-1970, que se pode localizar a fermentação e o posterior desdobramento da crise pós-moderna russa. Um movimento cultural de tal magnitude e complexidade conformado por sucessivos desvios de rumos, embates e debates diferenciados por parte da crítica produzirá estratégias artísticas múltiplas, ainda em plena expansão na última década. Embora um enfoque analítico conclusivo ou totalizante constitua tarefa temerária porque desprovido ainda de suficiente distanciamento histórico, fazem-se necessários novos paradigmas investigativos para uma compreensão mais aguda desse ativo e tempestuoso fenômeno cultural da Rússia contemporânea.

Arnaldo Lucas Pires Junior (UFRJ)

Entre bárbaros e civilizados: a guerra do Paraguai nas páginas das revistas ilustradas brasileiras e paraguaias

Se o processo de construção da nação brasileira e paraguaia pudesse ser comparado a uma gestação, poderíamos dizer que ambas nasceram do ventre mestiço – seja ele europeu, indígena ou negro – e balbuciarão suas primeiras palavras durante uma guerra. Estas palavras foram “civilização” e “barbárie”.

Neste artigo nossos propósitos serão o de discutir de que maneira o processo de construção das identidades nacionais brasileira e paraguaia se relaciona com a Guerra do Paraguai; explorar as formas com as quais a dicotomia “civilização vs barbárie” se integrou neste contexto e, por conseguinte, adquiriu uma posição de protagonismo. Propomos um breve mergulho nestes jogos de construção identitária que nos possibilitarão enxergar mais de perto um dos grandes paradoxos do período, ou seja, fazia-se uma guerra, cuja crueza a aproximava de todas as noções de barbárie, sob a justificativa da civilização.

Assim, através das páginas das revistas ilustradas brasileiras e paraguaias publicadas durante o conflito, buscamos nos aproximar de um processo de construção de identidade que se pautava em oposições binárias, sendo uma das principais “civilização vs barbárie”. A guerra sem precedentes faz com que estas duas nações recém-nascidas se encontrem e torna necessário um grande esforço de organização e construção das identidades em relação aos inimigos e a si mesmos. É neste ponto em específico que os conceitos de civilização e barbárie serão profundamente utilizados. Apresentar e desenhar a barbárie inimiga era justificar a ação militar e traçar, ainda que sem muitas

linhas definidas, o perfil dos homens contra os quais se combatia. Ao mesmo tempo em que se definia o caráter do inimigo, se construía, por um processo de oposição, uma imagem para si.

Arrovani Luiz Fonseca (PUC/SP)

Os Últimos Acordes da Belle Époque: o Almanack Annuario de São Carlos, SP, 1928

Este trabalho que apresentamos tem como finalidade discutir primeiramente a publicação de almanaques na Republica Velha depois com mais detimento fazermos a análise dos almanaques publicados na cidade de São Carlos interior de São Paulo em especial o publicado em 1928, o seu ultimo almanaque. Consideramos para essa análise a noção de modernidade experimentada nas terras do café e todos os paradoxos conseguintes dos núcleos interioranos na faina da produção de discursos que capturam as transformações realizadas pelo capital na relação com a sociedade e terminam por elaborar entre imagens e textos uma dada visão desse progresso. Denominamos esse período de crença no progresso com o nome de Belle Epoque que no caso brasileiro dizemos que vem a ruir nos anos 20 logo após o termino da Primeira Grande Guerra.

Aryana Lima Costa (UFRJ)

Historiografia, memória e projeto: a herança dos Annales no curso de História e Geografia da USP

O objetivo deste trabalho é acompanhar como as memórias de um determinado grupo de historiadores construíram esse lugar especial ocupado pelos professores franceses na fundação do que seria uma moderna historiografia na universidade brasileira a partir de depoimentos realizados na década de 90. A historiografia acadêmica já teria nascido diferenciada pela sua associação aos representantes de instituições francesas, que vieram ministrar cursos na recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e que por suas práticas historiográficas e também pedagógicas (que ocupam um lugar especial nos depoimentos) se distinguiam dos professores nativos, ocupantes principalmente das cadeiras de História de Civilização Brasileira.

Trazendo elementos da história das disciplinas escolares para pensar também as disciplinas acadêmicas, acreditamos que questões como o campo institucional como fator que concorre para a configuração de uma determinada área de conhecimento (neste caso, a História), as relações de poder aí instituídas, a constituição de espaços profissionais e de um *habitus* acadêmico, por meio dos rituais institucionais, eventos, revistas, etc., a circulação dos acadêmicos e a identificação de grupos dominantes e suas estratégias de manutenção do poder - via formação de novos historiadores, seu “recrutamento” (orientações, co-autorias, sucessão nas áreas), ou ocupação de espaços permitem que seja sua a fala e as memórias que permitem reconstruir a trajetória da produção historiográfica de um determinado lugar.

Não se trata de negar a influência francesa na formação do curso de História e Geografia da Universidade de São Paulo. É natural que a presença dos professores franceses nas décadas de 30 e 40 tenha propiciado o intercâmbio de ideias e práticas com aqueles ali

encontraram. Mas as indagações suscitadas pelo trabalho com a história das instituições, da disciplina e da sociologia do conhecimento nos levam a prestar atenção também nas estratégias que possibilitam a consolidação de determinados grupos e a legitimação de suas falas como representativas do que é verdadeiro nas suas ciências de referências. E ademais: como essas estratégias solidificam memórias que são incorporadas em determinadas chaves de explicação na história da historiografia e da história dos cursos de História no Brasil.

Aryanny Thays da Silva (UFF)

Prática fotográfica e sociabilidades: convivências e circuitos na fotografia de Alcir Lacerda

A comunicação pretende focar em um momento específico da trajetória do fotógrafo pernambucano Alcir Lacerda (1927-2012), quando este participou de círculos sociais que possibilitaram um aprofundamento na sua trajetória fotográfica. Utilizando as noções de projeto e campo de possibilidades (VELHO, 1994), apresentamos a participação de Lacerda no Foto Cine Clube do Recife, bem como seu relacionamento com o fotógrafo letão Alexandre Berzin, reconhecido como mestre no ofício de fotografar. Nesse sentido, mencionamos também sua convivência com o artista plástico Lula Cardoso Ayres, na medida em que analisamos as possíveis influências e trocas recebidas por Lacerda na sua produção fotográfica. Esses apontamentos permitiram a definição dos espaços de sociabilidade percorridos pelo sujeito com o propósito de mensurar a trajetória de Lacerda entre convivência e circuitos, no qual seu aprendizado foi vivenciado.

Audrey Maria Mendes de Freitas Tapety (UFPI)

Apropriações cotidianas de Oeiras(PI) nas correspondências de Possidônio Queiroz e na Revista do Instituto Histórico de Oeiras nas décadas de 1980 e 1990

Esta Comunicação aborda a produção literária /historiográfica de Possidônio Queiroz, publicada na Revista do Instituto Histórico de Oeiras e nas missivas enviadas por Possidônio Queiroz. O referido periódico é um instrumento de divulgação de homens de letras da sociedade piauiense. Na edição mais recente da revista, publicada no ano de 2011, constam artigos que tratam da história de Oeiras, como, por exemplo, o processo de colonização do território piauiense, crônicas, poemas, trechos de cartas trocadas entre os sócios do Instituto Histórico, discursos em homenagens a figuras que se destacaram na vida pública de Oeiras, seja político, médico, engenheiro, comerciante, dentre outros. A comunicação também tem como fonte as correspondências pessoais trocadas entre os intelectuais Possidônio Queiroz e Bugyja Brito. O trabalho com correspondências pessoais, vem crescendo entre os historiadores e outros estudiosos “da história dos intelectuais”, em virtude das cartas fornecerem informações sobre o “mundo privado” destes sujeitos. Compreender esses documentos como narrativa pessoal que expressam dimensões culturais-ideológicas e experiências vividas na cidade é objetivo desta comunicação. As cartas trocadas entre intelectuais já mencionados tratam de assuntos referentes à sociedade, cultura, política e cotidiano de Oeiras. A metodologia que

fundamenta a produção desta comunicação será o método histórico que, por seu turno, está pautado no equilíbrio entre teoria e empiria, na avaliação criteriosa das fontes e na produção da narrativa.

Audrey Pietrobelli de Souza (UEPG)

Névio de Campos (UEPG)

Representações docentes sobre o processo de desenvolvimento cognitivo de seus alunos: uma reflexão a partir das contribuições de Vigotski, Moscovici e Chartier

O presente texto tem por objetivo identificar e discutir que representações 27 alunas matriculadas no Curso de Pedagogia manifestam sobre o processo de desenvolvimento cognitivo de seus alunos, privilegiando um recorte nas representações referentes aos níveis conceituais de aprendizagem postulados por Lev S. Vigotski. Assim, busca-se conhecer os *conceitos, imagens e atitudes* inerentes a tais representações. Essa pretensão analítica faz-se a partir da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, da noção de apropriação desenvolvida por Roger Chartier e, especialmente, dos conceitos centrais da Teoria Histórico-Cultural de Lev S. Vigotski, assim como à luz das informações produzidas por meio de entrevistas semi-estruturadas realizadas com estudantes de Pedagogia que já atuavam como docentes em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A análise realizada permite afirmar que as professoras reconhecem a pertinência de conceitos como mediação pedagógica, nível de desenvolvimento real e potencial, zona de desenvolvimento proximal e processo de internalização, reconhecendo-os como conceitos explicativos sobre a natureza e peculiaridades do processo de desenvolvimento cognitivo de seus alunos. Em decorrência, apontam tais conceitos como instrumentos de orientação do planejamento pedagógico, sobretudo, o conceito de zona de desenvolvimento proximal. Contudo, registram as dificuldades sentidas em implementar tais conceitos na realidade prática do trabalho docente, em virtude de múltiplos fatores: o alto número de alunos em cada classe; a falta de um professor auxiliar para viabilizar a realização de um trabalho diversificado; o engessamento da proposta pedagógica da instituição escolar e a obediência ao curso sequencial das apostilas didáticas; a valorização da quantidade de conhecimento produzido em detrimento à sua qualidade, o culto pela alfabetização ao término do primeiro ano escolar; a falta de uma coordenação pedagógica mais presente nas salas de aula; dentre outras situações. Tais dificuldades geram sentimentos de frustração e angústia, além de comprometer a organização da prática pedagógica. A análise das representações docentes evidenciam que o processo de apropriação de conceitos e práticas não segue uma lógica linear, previsível, pautada na justaposição da relação teoria-prática, mas decorre do movimento dialético entre a teoria e a realidade concreta onde a ação educativa se edifica.

Bárbara Bruma Rocha do Nascimento (UFPI)

A. Tito Filho, o enamorado de Teresina: história, cidade e literatura na década de 1970

Este artigo propõe o estudo da cidade de Teresina, na década de 1970, através da escrita de José de Arimathéa Tito Filho, contemplando as relações entre história, literatura e

cidade. A. Tito Filho foi poeta, cronista, historiador, humorista e professor e trouxe para a literatura piauiense, sobretudo a sua admiração por Teresina. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos como fonte três livros do autor publicados na década de 1970 e que trazem a cidade de Teresina como temática: *Teresina, meu amor* (1973), *Crônica da cidade amada* (1976) e *Memorial da Cidade Verde* (1978). Como referenciais teórico-metodológicos serão utilizados Sandra Jatahy Pesavento e sua discussão entre cidade, história e literatura; Italo Calvino e suas cidades invisíveis e Roger Chartier com o conceito de representação.

Bárbara Pelissaro (USP)

O escudo de chumbo contra as letras do leste

Hoje arraigada no Brasil, a literatura russa foi aqui introduzida no início do século XX, e de lá até então traçou um percurso que se fez marcar na tradição da cultura literária brasileira, tornando-se fenômeno entre leitores, e na história do país, com destaque para a década de 1960, quando foi considerada arma ideológica de transformação e ameaça, matéria e alvo do temível “perigo vermelho”. A esquerda revolucionária e a elite de empresários e militares foram protagonistas das crises políticas do período que compreende os movimentos que desencadearam no golpe de 1964, atuando em questões políticas, econômicas e culturais que permearam os posicionamentos conservadores e libertários da época.

O anticomunismo criado no imaginário popular alimentou perseguições a obras e autores russos, que muitas vezes estavam aquém dos reais temores que provocavam. O pouco conhecimento do universo literário de língua eslava limitava a ação dos agentes na caça a tal perigo e cultivava o medo em diferentes setores da população que, com ignorância, apoiava as operações contra tudo e qualquer coisa proveniente da União Soviética. O comunismo era o inimigo, visto como desordem, e defender-se significava manter a ordem. O estrangeiro era intimidador, principalmente quando expressado em códigos indecifráveis, como o alfabeto cirílico. Como se defender do irreconhecível? Como conceber aquilo que era a antítese da liberdade individual? É a partir dessas duas perguntas que se tenta compreender o lugar da literatura russa na época, a representação da cultura eslava no Brasil e sua significação em um dos contextos históricos mais complexos da história nacional.

Beatriz Polidori Zechlinski (UFPR)

A correspondência entre homens e mulheres de letras na França, no século XVII

Este trabalho analisa a correspondência entre escritoras francesas e seus amigos, na segunda metade do século XVII. O estudo dessa correspondência permite-nos observar as trocas literárias e afetivas entre homens e mulheres de letras nesse período, possibilitando verificarmos a amizade e o intercâmbio literário como aspectos complementares nas relações interpessoais dessa época. São recorrentes nessas cartas os comentários sobre livros, leituras e a própria produção literária das escritoras e dos escritores. Era muito frequente que eles se enviassem versos, não só de sua própria autoria, mas também de outros autores, e que os comentassem e os julgassem. Por outro

lado, são recorrentes as cobranças afetivas, de atenção e de carinho, ou mesmo a demonstração de ciúme. Assim, percebemos que a troca de correspondências foi uma prática favorável para um tipo específico de criação literária daquela época, que era uma criação coletiva, tanto quanto para a manutenção de longas amizades entre homens e mulheres, o que se configurava como uma experiência nova nas relações de gênero do princípio da modernidade.

Bianca Nascimento de Freitas (UFC)

“Ler, escrever e contar serão os meios, a lavoura o fim”: educação e infância no livro João Pergunta ou O Brasil Seco de Newton Craveiro (1920-1930)

Dentre os estudos mais explorados pelos pesquisadores que se dedicam a perscrutar o campo da História da Educação, destacam-se os que têm como objeto os livros e as práticas de leitura. Apropriando-se de trabalhos de autores da História Cultural como Robert Darnton e Roger Chartier esses estudos visam compreender as diferentes formas de significação da educação ao longo do tempo. Nesse sentido, a presente pesquisa busca compreender as representações de infância(s) no livro de leitura intitulado *João Pergunta ou O Brasil Seco* escrito pelo intelectual sobralense Newton Craveiro e publicado originalmente em 1923 no Ceará. O livro, produzido sob orientação de Lourenço Filho durante sua permanência em terras cearenses no decurso da Reforma Educacional de 1922, possuía como principal característica a busca por uma abordagem que através da chamada “pedagogia moderna,” contemplasse a realidade das crianças que viviam no semi-árido nordestino. Desse modo, a educação não se tornaria simplesmente um saber teórico, mas sim, um conhecimento capaz de suscitar nas crianças papel ativo e transformador em seu meio. No prefácio da primeira edição de *João Pergunta*, Craveiro defendia uma educação comprometida com o futuro das crianças do Nordeste, que futuramente teriam de “acertar contas” com as secas periódicas que assolavam a região. No caso do Ceará, o discurso sobre a educação e a modernização social ganhou um peso diferenciado, sobretudo no que se refere à finalidade educacional, sempre relacionada às condições climáticas do Estado e sendo vista, portanto, não como desejo puro e simples, mas como necessidade especial. Daí a preocupação com a categoria central do espaço, isto é, o nordeste brasileiro, para a construção de uma prática educativa atrelada ao discurso de uma educação voltada para o meio, como é possível se constatar nas lições de *João Pergunta*, que possuíam como principais temáticas a história, a geografia e os costumes regionais. A fim de dar corpo a esse debate será buscado aqui o diálogo com fontes que incluem ofícios produzidos por Inspetores da Educação do Ceará, relatórios de Presidentes do Estado, periódicos como o jornal *O Nordeste* e a revista *Educação Nova*, bem como outras obras literárias como o livro *Jeca Tatu e Mané Xiquexique* de Ildefonso Albano. Para tanto, escolheu-se trabalhar com as décadas de 1920 e 1930, período em que *João Pergunta ou O Brasil Seco* foi lançado e reeditado também fora do Ceará pela companhia Melhoramentos de São Paulo.

Bianca Sotero de Menezes (UFAM)

As mulheres e o Movimento Abolicionista no Amazonas provincial

Por muito tempo o domínio do político foi um campo de pensamento e ação quase que exclusivamente masculino. Entretanto, a historiografia atual demonstra a instabilidade deste quadro. Em especial, quando voltamos nossos estudos para a sociedade brasileira da segunda metade dos oitocentos. A esta altura o movimento abolicionista ganhava musculatura nos mais diversos recônditos do império. Eram impressos, tertúlias e quermesses que agitavam as opiniões e as cidades acerca da extinção do trabalho escravo.

Tal movimento político era fruto de um ambiente dito “masculino”: escritórios particulares, redações de jornais, reuniões em cafés. Entretanto, está cada vez mais visível o envolvimento de mulheres em conjuntura política desta natureza. E, assim como no Rio de Janeiro, Ceará e Goiás, a província do Amazonas contou com a participação das mulheres da elite na luta abolicionista.

Associadas em grupos mistos ou só de mulheres, elas foram partes essenciais na formação de uma ideologia e no cotidiano político nesse momento buliçoso da história brasileira. Para uma grande maioria das mulheres, não só no Amazonas, o abolicionismo representou sua entrada na esfera política. É certo que suas ações tinham mais afinidades com as sociabilidades típicas aos recônditos femininos, como doações e recitais. Entretanto, foi no âmbito destes aspectos que se operou o pensamento e o exercício do ato político. Atuar na causa abolicionista fez delas sujeitos vivenciando experiências que estavam para além do ambiente doméstico e da maternidade. São vestígios de que elas estavam inscritas na complexidade social da época.

Sabemos que, para a sociedade da época, a esfera política era apanágio quase que exclusivo dos homens. E que por isso uma dada corrente da historiografia brasileira considerou as ações das mulheres envolvidas nos movimentos abolicionistas como simplórias extensões de sentimentalismos e amabilidades. Visão esta que refletia bem a dualidade do homem público e político e da mulher encastelada e promotora de distrações. Nosso olhar sobre as mulheres abolicionistas vai além desta estreiteza dual de gênero, uma vez para além de suas estratégias, sua atuação se deu no cerne do poder e da política.

Breno Anderson Souza de Miranda (USP)

Borges lê Facundo nos distópicos 1970

Nossa comunicação terá três frentes. Primeira: Introduzir a parte teórico-metodológica da temática, na qual a literatura não seria “usada” como explicação para a história, nem vice-versa. Em nossa proposição, a história, com seus contextos e datas, não seria o complemento expressivo que faltaria à literatura, que por si já é condição material para entendimento de uma época. Segunda: Tentar entender como e porque Borges escreve um prefácio ao Facundo de Sarmiento em 1974, quais implicações de historicidade, lugar intelectual, político e crítico-literário há nessa leitura e qual atitude romântica pretende-se resgatar. Terceira: Não alheio ao mundo, o módulo ensaio permite uma relação social e intersubjetiva interessante para localizar a atuação na esfera pública da comunidade utópica que se quer construir, onde o peronismo e os autoritarismos seriam inimigos, mas não é só isso. A relação Borges e política nessa fase é complexa, uma vez que não se trata de uma mera apologia ao liberalismo ou defesa à ditadura. A arte literária em Borges consegue caminhar para outras direções, críticas e propostas, ao interferir no

passado e almejar modificar o presente e o futuro em diálogo com vislumbres revolucionários e revisão de alguns mitos.

Breno Ferraz Leal Ferreira (USP)

História Natural Teológica: oratorianos, franciscanos e as heterodoxias do século XVIII

Na segunda metade do Setecentos português, encontramos ao menos três exemplos de eclesiásticos que defenderam o ensino de história natural como forma de combater doutrinas materialistas e as demais heterodoxias do “Iluminismo radical”: Teodoro de Almeida (1722-1804), Manuel do Cenáculo (1724-1814) e José Mayne (1723-1792).

No bojo do processo que levou à expulsão da Companhia de Jesus de seus domínios (anos 1750), desenvolveu-se uma relação de proximidade entre a Congregação do Oratório e os círculos do poder lusitanos. Naquele contexto, o padre oratoriano Teodoro de Almeida deu início à publicação de uma extensa obra de divulgação científica, a *Recreação Filosófica*. O tomo V (1761) da obra, dedicado à história natural, alinha-se à tradição da teologia natural (ou físico-teologia), propondo-se formalmente a disseminar entre o público leitor argumentos com os quais se pudesse responder às questões colocadas pelos “ateus” a respeito das espécies naturais.

A partir do final dos anos 1760, solidifica-se uma nova aproximação: dessa vez, entre os altos círculos do poder e os franciscanos. Cenáculo se torna um dos principais nomes da Junta da Providência Literária, responsável pela reforma da Universidade de Coimbra (1772), consolidando-se como um dos principais nomes da cultura intelectual portuguesa daquele contexto. Grande incentivador da construção de bibliotecas e academias científicas, o frade franciscano propôs em suas pastorais (1785-1786) uma reforma dos estudos clericais que permitisse ao eclesiástico uma melhor formação em história natural, também tendo em vista o combate às ideias heterodoxas do Iluminismo supostamente disseminadas entre a população. Com uma finalidade similar, o frei José Mayne concebeu um curso de “História Natural Teológica”, aberto ao público na Academia das Ciências de Lisboa (1792).

Nesta comunicação, pretende-se, portanto, discutir a relação entre tais discursos (obras, pastorais e outros escritos) acerca da história natural e a existência de públicos possivelmente relacionados ao chamado “Iluminismo radical”, levando-se em consideração os diferentes contextos políticos em que os discursos foram produzidos.

Bruna Alves Lopes (UEPG)

Cartas de pais de crianças autistas ao Jornal do Brasil na década de 1980: experiência e mobilização

A partir da década de 1940, com os estudos de Leo Kanner, o termo autismo começou a ser utilizado no meio médico como expressão de uma entidade nosológica específica no interior de um amplo quadro de distúrbios cognitivos. Porém, o autismo também despertou grande interesse de psicanalistas europeus e americanos. No interior deste campo, Bruno Bettelheim tornou-se uma das principais referências a partir de sua obra *A Fortaleza Vazia*, publicada em 1967.

No Brasil, os primeiros trabalhos clínicos com crianças autistas datam da década de 1970. Porém, pouquíssimas famílias podiam contar com o auxílio de médicos psiquiatras, psicólogos e instituições que pudessem realizar de forma mais precisa o diagnóstico, e que pudessem orientar pais com questões complexas como o da inclusão social da criança autista, por exemplo.

Esta comunicação pretende demonstrar que foi somente na década de 1980 que o debate sobre o autismo ganhou maior destaque na sociedade brasileira, influenciado pelo contexto de redemocratização do período. Tal fato possibilitou aos pais de crianças atingidas pela síndrome vir a público para expressar suas vivências sobre um fenômeno pouco debatido.

A comunicação aqui proposta traz resultados da análise de 13 cartas enviadas por pais de crianças diagnosticadas como autistas ao *Jornal do Brasil* no decorrer das décadas de 1980. Observamos que, para além de expressarem um simples desabafo, as fontes analisadas oportunizam ao pesquisador refletir sobre as divergências e conflitos em torno do conceito e do diagnóstico do autismo, sobretudo a partir da crítica ao conceito de ‘mãe geladeira’ criado por Bettelheim. Além disso, é possível identificar nas cartas aspectos de mobilização das famílias – advocacy – em torno da criação e organização de entidades específicas para assistência de seus filhos.

Bruna Dutra de Oliveira Soalheiro Cruz (UERJ)

As cartas jesuítas e os usos da correspondência como fonte histórica: prudentia, iudicium e crítica documental

“The modern perception of discrepancy and dissimulation (...) is likely an anachronism consequent on our failure to understand the Jesuits’ knowledge and use of rhetoric.” (BOSWELL, G. Letter writing among the Jesuits: Antonio Possevino's advice in the *Bibliotheca Selecta* (1593) *Huntington Library Quarterly*, University of California Press, v. 66, n. 3/4, p. 262, 2003.)

É sabido que os historiadores contemporâneos recorrem incessantemente aos escritos produzidos por membros da Companhia de Jesus, seja como sua fonte principal seja para subsidiar estudos centrados em distintas fontes documentais. Tal fenômeno ocorre por alguns motivos, dentre os quais podemos ressaltar o importante papel “proto-etnográfico” dos missionários. Além disso, em virtude da disciplina epistolar dos membros da ordem inaciana, é possível encontrar um grande volume de documentação relativa a um determinado local ou a uma determinada sociedade. É uma espécie de documentação “seriada”, que pode abarcar um significativo período histórico e cobrir espaços bastante distantes dos centros de saber europeu.

Não obstante, atualmente os arquivos jesuítas dedicam-se a preservação, digitalização e divulgação de tais documentos, oferecendo ao historiador uma quantidade expressiva de fontes com relativa facilidade de acesso.

No entanto, este tipo de fonte não está isento da necessidade imperativa da crítica documental. Por isso, nesta comunicação, gostaríamos de realizar algumas observações sobre a natureza deste tipo de documentação. Partiremos da hipótese de que qualquer análise historiográfica da correspondência jesuíta deve, necessariamente, levar em conta a tradição retórica específica da formação jesuíta. É indispensável ainda considerar a

lógica de produção e circulação destas cartas. Soma-se a isso a necessidade de realizar a contextualização da fonte, inserindo-a no seu contexto histórico de produção e de leitura.

Sendo assim, considerando as cartas enquanto um “espaço de tensão, negociação [...] e principalmente de ação”; (LONDOÑO, Fernando Torres. *Escrevendo Cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI*. In: *Revista Brasileira de História*. Vol.22. Nº 43. São Paulo: 2002.) compreendendo a correspondência como um “sistema da informação destinado a ajudar na tomada de decisões e na realização de ações”; (IBID) entendendo os conceitos de *obediência* e *prudência* como fundamentais; e analisando a narrativa da carta (*narratio*) enquanto um “reflexo” das ideias e dos valores jesuítas, objetivamos, em nossa apresentação, tecer algumas considerações teórico-metodológicas sobre trabalho do historiador que toma como fonte a correspondência escrita pelos membros da Companhia de Jesus, em especial no início da Idade Moderna.

Bruna Grasiela da Silva Rondinelli (UNICAMP)

As “Publicações à Pedido” nos Periódicos do Rio de Janeiro: opiniões e manifestações dos espectadores teatrais

Na primeira metade do século XIX, o teatro, ao lado da política, da economia e da literatura, era um dos temas tratados pelas diferentes seções dos periódicos fluminenses. Em suas páginas, os jornais divulgavam anúncios de espetáculos e de venda de peças teatrais, crônicas e artigos críticos dos programas exibidos, comentários espontâneos de espectadores e comunicados de atores. As revistas teatrais, por sua vez, apresentavam crônicas que narravam os espetáculos oferecidos pelos teatros, notícias sobre atores, músicos e bailarinos. Com o objetivo de estudar os periódicos não apenas como fonte de informações para a reconstituição da história do teatro brasileiro, mas também como um espaço de debate público da arte teatral, esta comunicação pretende se debruçar sobre as manifestações dos espectadores, os quais enviavam correspondências aos redatores dos jornais emitindo opiniões acerca dos espetáculos exibidos pelos teatros da Corte. A partir de um recorte temporal, que compreende as décadas de 1830 a 1860, discutiremos, em um primeiro momento, o espaço que as correspondências dos espectadores ocuparam nos principais periódicos do Rio de Janeiro, tais como *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro* e *Correio Mercantil*. Em seguida, estudaremos, de modo mais específico, como o público fluminense recebeu os dramas românticos franceses em cartaz nas principais salas de espetáculos da cidade. Trata-se de um estudo histórico do teatro, enquanto literatura dramática e arte do espetáculo, que busca compreender o modo pelo qual o público participava da recepção das peças e integrava as discussões sobre a atividade teatral na capital do Império brasileiro, a partir da imprensa oitocentista como veículo de debate público.

Bruna Oliveira Santiago (USP)

Imprensa ilustrada humorística no Brasil do século XIX: a Semana Ilustrada (1860-1876)

A presente comunicação tem como objetivo discorrer sobre a imprensa ilustrada humorística do século XIX, tomando como exemplo a revista *Semana Ilustrada*, dirigida por Henrique Fleiuss, que circulou entre os anos 1860 e 1876 no Rio de Janeiro. O periódico em questão tinha como mote a crítica aos costumes através do humor,

utilizando tanto recursos textuais como imagéticos. Serão apresentados aspectos característicos da *Semana Ilustrada*, bem como sua estrutura e os assuntos recorrentes. Em seguida, a fim de evidenciar as inúmeras possibilidades de pesquisa, serão mostrados alguns exemplos de temas tratados pela *Semana*. Tais temas podem instigar novas reflexões no campo da pesquisa histórica cuja fonte é a imprensa.

Bruno Barretto Gomide (USP)

Dostoiévski na rua do Ouvidor

As décadas de 1930 e 1940, no Brasil, são um momento de enorme interesse por Dostoiévski. Ao mesmo tempo em que há entusiasmo e leituras febris, surgem análises mais minuciosas e ficcionistas tentam, de modos mais refinados, integrar o escritor russo a suas obras. O objetivo dessa comunicação é apresentar, de forma panorâmica, a principal iniciativa literária do período: a coleção de obras reunidas do escritor russo produzida pela maior editora brasileira – a José Olympio – a partir de 1944. Essa coleção, embora em seus primeiros momentos não traduzida diretamente do idioma russo, trazia prefácios dos maiores críticos da época e ilustrações excepcionais de artistas como o gravurista Oswaldo Goeldi. Essa coleção constituiu um grande salto de qualidade em relação a outras edições do escritor russo. Minha hipótese é a de que Dostoiévski foi o escolhido para um empreendimento de tão grande escala (a primeira coleção de um autor estrangeiro publicada pela J. Olympio, que havia se notabilizado por livros da vanguarda do romance brasileiro e por ensaios que discutiam problemas nacionais) por dois motivos: em primeiro lugar, ele era apreciado igualmente pelas duas principais vertentes da ficção brasileira, a “social” e a “introspectiva”; e porque era visto, desde fins do século XIX, como um autor-chave na articulação de radicalismo estético e vida nacional. Nesse sentido, a comunicação tentará estabelecer relações entre determinadas tensões culturais do Estado Novo e o projeto dostoiévskiano da J. Olympio.

Bruno Bortoloto do Carmo (PUC/SP)

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira (USP)

Representações sobre o ensino de educação física de Arthur Porchat de Assis em seu manual “Eduquemos” (1915)

Esta comunicação tem como objetivo analisar a representação de Arthur Porchat de Assis no que tange à relação entre saúde e educação, presente no conteúdo de seu livro “Eduquemos”, mais especificamente na seção intitulada “Da Educação Física”. Homem de seu tempo, Porchat de Assis possuía grupos de sociabilidade com os quais compartilhava ideias, absorvia comportamentos assim como reproduzia determinados conceitos compartilhados que podem ser evidenciados em seu discurso.

Escrito em 1915, o manual além da Educação Física, contempla a Educação Intelectual, Profissional, Moral e Cívica. Na introdução, o autor deixa claro que apesar de conhecedor dos mais diversos modelos, julga o que ali escreve como o “mais adaptável a infância brasileira”.

Especificamente sobre a questão da saúde ligada a educação, o texto de Assis é aberto com a premissa de que é necessário para que a mente trabalhe de forma adequada, um completo desenvolvimento físico do indivíduo “libertando-nos do obscurantismo de hontem” (ASSIS,1915, p.8), ligando essa questão à raça brasileira que discute na introdução:

Admittamos entre nós a educação physica tão sómente como uma das bases do fortalecimento da nossa raça, herdeira de um rachitismo portuguez, em opposição á envergadura varonil dos caboclos sertanejos, mestiçados com os nossos indios primitivos; aceitemos ainda o desenvolvimento physico como um dos elementos necessarios para o desenvolvimento intelectual. (ASSIS, 1915, p.6)

Já nessa discussão pode-se perceber um viés higienista bastante forte, corrente positivista bastante presente no período. Além disso, para nos balizarmos teoricamente, utilizaremos o conceito de Representações Sociais proposto por Roger Chartier, estabelecendo que as várias formas de compreender o mundo social não são discursos vazios ou neutros, pois “[...] produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” (CHARTIER, 1988, p. 17)

Bruno Nery do Nascimento (UFRPE)

Mulheres recifenses em suas relações com médicos, educadores e poder público no governo Sérgio Loreto (1922 - 1926)

Durante a Primeira República no Brasil verificamos uma série de mudanças, ditas modernizadoras, em várias cidades, que afetaram a vida, as percepções sobre tempo e espaço e transformaram hábitos, ideias e afetos das populações. Nesta comunicação analisaremos, no âmbito da História de Pernambuco, as relações das mulheres com médicos, educadores e poder público durante o governo de Sérgio Loreto (1922 - 1926), que colocou em prática uma reorganização dos serviços públicos que mexeram com o cotidiano e os costumes da população.

Orientado por médicos locais, Sérgio Loreto criou os serviços de pré-natal e de profilaxia das doenças venéreas, assim como o corpo de visitantes da higiene, em sua maioria composto por mulheres. Esses serviços assinalam a existência de políticas públicas destinados às mulheres, tais como a assistência às grávidas e inspeção de amas de leite. Essas ações do governo, ao mesmo tempo em que cuidam e orientam as mulheres, mantêm sobre a maternidade e o aleitamento vigilância exercidas pelas visitadoras e pela polícia sanitária.

Os higienistas passaram a prescrever normas que vão do cuidado da casa ao cuidado com o corpo, intervindo no viver e no prazer. Eles viam a mulher como a responsável por cuidar da alimentação e higiene do lar e dos corpos de toda a família. Essa nova atribuição tornou necessário que a mulher estudasse e obtivesse conhecimentos modernos, de modo a contribuir moral, intelectual e fisicamente na educação dos filhos e no aperfeiçoamento das novas gerações.

A educação reapresenta a mulher para a sociedade, com consciência do seu corpo e saberes que vão da pedagogia à medicina, passando por técnicas comerciais e industriais que a habilitaram para o mercado de trabalho. O crescimento da cidade e dos empregos, aliado à formação escolar, provocou maior circularidade das mulheres na cidade.

Percebemos, portanto, que a direção racional da vida moderna levou educadores, médicos e políticos a instalarem novos órgãos administrativos, equipamentos e normas de comportamento, criando hábitos que regulamentaram a vida feminina na cidade. Este é o ponto de partida para o estudo da aceitação ou não por parte das mulheres recifenses que na época tomavam conhecimento de si e de algumas delas que almejavam o governo dos outros.

Bruno Sanches Mariante da Silva (UNESP/Assis)

Maternidade e papéis sociais femininos em Londrina - PR (1933 - 1968)

Essa comunicação parte de um projeto doutoral em construção. A priori almeja-se investigar as representações do(s) feminino(s) nos sentidos da maternidade na cidade de Londrina - PR, norte do Paraná. A cidade de Londrina surge como uma fronteira em movimento, um grande projeto de loteamento e vendas de terras no final da década de 1920. Logo surgem grandes levas de migrantes e imigrantes a fim de começarem vida nova, buscando o sonho de melhores condições. Com os números populacionais em constante crescimento, o higienismo - todo o conjunto de discursos e ações políticas, sociais e urbanas, entre elas, aquelas desencadeadas pela medicina, que além de curar e prevenir doenças, desde os séculos XVII e XVIII, estava ocupada em controlar os corpos - passou a ser grande preocupação no norte do Paraná. A higiene pública - associada às perspectivas da eugenia - logo ocupou-se também das mulheres, pois elas eram tidas como responsáveis por educarem e cuidarem do futuro da nação, seus filhos, e manterem os lares higienizados para o pleno desenvolvimento da família e da sociedade. A partir de 1933 desenvolvem-se os equipamentos de saúde em Londrina, como hospitais, ambulatórios e clínicas de saúde, mesmo que ainda incipientes e precários. É de grande destaque o surgimento em 1954 de um centro de puericultura. Sua formação se dá a partir da ativa articulação - campanhas de arrecadação etc - de mulheres da elite, visando atender as mulheres mais carentes e seus filhos, pois essas mulheres em geral precisavam deixá-los para irem ao trabalho. Além dos serviços de creche e atendimentos médicos, eram também fornecidos cursos educativos às mães, no bojo das discussões científicas da mãe/mulher moderna. Presidida por mulheres e tendo médicas e dentistas em seu corpo médico, a Casa da Criança teve curta duração - encerrou atividades em 1968 -, mas marcou uma centralidade ocupada pelas mulheres na questão da saúde pública. Contudo, é preciso ainda refletir sobre questões que são destacadas nesse cenário, como quem eram essas mulheres, as que atendiam e as que eram atendidas e como se dava as discussões sobre os papéis femininos nessa sociedade, sobretudo, a respeito dos papéis de mãe e trabalhadora.

Camila Collpy Gonzalez Fernandez (PUC/SP)

Identidades e territórios bolivianos em São Paulo: o lugar do outro

Este artigo é resultante de um fragmento da tese, em desenvolvimento, que investiga a e/imigração boliviana para São Paulo, analisa os contextos sociais, políticos, econômicos e culturais que motivaram projetos migratórios. Neste focam-se os aspectos relacionados à inserção do e/imigrante no espaço urbano, as estratégias desenhadas para demarcar seu território e reconstruir a identidade perdida/ esquecida na busca pelo sonho do “El Dorado” e a percepção da comunidade local sobre o lugar do outro.

A fim de identificar as histórias individuais e coletivas utiliza-se o método da História Oral, tendo em vista o reconhecimento e a valorização do direito de expressão do depoente, que no momento das entrevistas traz revelações do percurso diaspórico, como também das lembranças do país e da comunidade de origem, dos processos de adaptação/hibridismo, a reterritorialização e o ser estrangeiro em São Paulo.

Sob a ótica da História Cultural são analisadas as manifestações tradicionais realizadas e apresentadas por imigrantes e seus descendentes que vivem em São Paulo, principalmente nos bairros do Bom Retiro, Brás, Canindé, Pari e Barra Funda, onde se localizam as oficinas de costura, as moradias e os espaços de lazer e consumo, ou seja, espaços urbanos que se reconstruem em territórios bolivianos.

Esses e/imigrantes bolivianos representam uma massa significativa de trabalhadores não só na área da confecção e suas histórias de vida contadas, pelos próprios sujeitos históricos, trazem novas possibilidades de análise e percepções da e/imigração não reveladas nos estudos já produzidos.

Este propõe novas inquietações às discussões acerca da temática da imigração e volta-se para a percepção do outro, de que forma tece suas redes de sociabilidade, como consegue manter suas tradições e demonstrar a relevância de sua presença étnica na cidade.

Camila Gonçalves Silva Figueiredo (UFJF)

Por onde andam os comunistas? O monitoramento do PCB através das correspondências do DOPS em Minas Gerais (1950-1970)

A presente comunicação é parte integrante das pesquisas desenvolvidas para a tese de doutorado vinculada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Apresentaremos os resultados parciais das análises das correspondências provenientes do acervo do Departamento de Ordem Política e Social de Minas Gerais-DOPS, que está sob custódia do Arquivo Público Mineiro-APM, em Belo Horizonte, desde 1998. O DOPS foi instituído em Minas Gerais no ano de 1956, tendo como mote principal a repressão aos crimes político-sociais. Com esse intento, foi gerado um forte aparato policial coercitivo com sede em Belo Horizonte, e, articulado com as várias regiões do estado. Não obstante, o acervo agrega também o material produzido pela Delegacia de Segurança Pessoal e Ordem Política e Social criada em 1927 na capital, que, assim como o DOPS, possuía como atribuição a manutenção da ordem pública. O trabalho realizado pelos agentes do DOPS resultou numa vasta documentação, que apreende inúmeras correspondências enviadas e recebidas pela polícia. Dentre as tipologias de correspondências consultadas para este exame, estão, cartas, telegramas e informes produzidos pelos militares, como, por exemplo, oficiais, investigadores e delegados. O intercâmbio de correspondências apresentava como objetivo central a exposição de inúmeros relatos sobre o andamento das ações da polícia

política referente à vigilância aos indivíduos integrantes do Partido Comunista nas distintas regiões do estado de Minas Gerais. Ademais, também eram foco de monitoramento sujeitos que, devido o envolvimento em ações de cunho político e social eram considerados pelos agentes do DOPS como subversivos. Nesse sentido, esta comunicação utiliza-se de um montante de aproximadamente cem correspondências oficiais que, apesar do seu caráter formal, confidenciam a rotina dos profissionais que eram designados às ações de vigilância e repressão ao PCB em Minas Gerais, entre os anos de 1950 a 1970. Esse corpus documental, de igual modo, apresenta os espaços de sociabilidade que os militares frequentavam para desenvolver o seu trabalho. Por conseguinte, a realização desta pesquisa permite identificar as estratégias aplicadas pelo DOPS no sentido de acompanhar o desenvolvimento das ações do PCB mineiro, suas demandas e objetivos, o processo de monitoramento, a eficiência e as dificuldades impetradas pela realização deste labor.

Camila Maria Bueno Souza (UNESP/Assis)

A cena impressa: o encenador Ziembinski, na pena do crítico Décio de Almeida Prado (1950-1959)

A crítica teatral na metade do século XX passou por transformações influenciadas pelas mudanças na imprensa e no teatro. Os periódicos que primavam por uma escrita literária, influenciados pelo modelo francês, em que predominavam os artigos de opinião, com longos textos introdutórios, deram lugar a um jornalismo baseado no modelo norte-americano, que prezava pela objetividade e a imparcialidade da notícia. Essas alterações contribuíram para que o antigo crítico de teatro, comprometido com os interesses das companhias e de teor literário, desse lugar a uma nova geração, pautada pelo conhecimento da teoria e nas análises detidas do texto, da cena, do papel do diretor, enfim, do espetáculo como um todo, submetido às lentes do especialista. O novo crítico de teatro surgia em um espaço no qual as transformações dos palcos exigiam novos critérios para a sua avaliação, de um teatro de gênero marcado pelas comédias ligeiras e de costumes, adentrava um teatro moderno pautado em concepções europeias. Se no âmbito da crítica o jovem Décio de Almeida Prado, contratado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* foi um dos principais expoentes; no teatro o encenador Ziembinski foi uma das figuras centrais no processo de modernização dos palcos no eixo Rio-São Paulo. Deste modo, esta comunicação deseja apresentar como se deu a construção da trajetória de Ziembinski, no período de 1950-1959, na pena do crítico, os embates estéticos e a legitimação do diretor.

Camila Nascimento Azevedo (UFSC)

Colecionando Cartões-postais: Da Imagem Fotográfica à Escrita Epistolar

O avanço das técnicas de reprodução da imagem no início do século XX permitiram a produção massificada do cartão-postal, o que significou também o barateamento da imagem fotográfica. A receptividade e a curiosidade do público diante das belas imagens transformaram o cartão-postal (postal como era comumente chamado) em objeto colecionável e muito consumido, além de serem, é claro, uma rápida, prática e eficiente

forma de comunicação. Tenho como objeto de análise do trabalho aqui proposto uma coleção privada de 300 cartões-postais datados entre os anos de 1900 e 1939, que contem 138 exemplares que acredito terem sido comprados para comporem o álbum onde os postais foram acondicionados e 162 exemplares recebidos, que configuram portanto correspondência passiva. A grande maioria dos postais que foram compilados possuem fotografias em suas ilustrações, nesse sentido acredito ser essencial em minha análise a consideração da fotografia como objeto de coleção. A circulação da fotografia no início do século XX também é alvo de minha atenção, assim como seus usos sociais no mesmo período, especialmente naquilo que tange o circuito familiar com os cartões de visitas, os álbuns de família e sua utilização para fins de diferenciação social. Percorro a hipótese de que o uso da imagem muitas vezes não exclui a utilização da escrita presente nas legendas dos álbuns de fotografia e no uso do postal como souvenir de viagem. Não raro os remetentes que faziam uso do postal como correspondência relacionam a escrita epistolar com a imagem selecionada para envio. São as imagens utilizadas para rememorar momentos vividos, ilustrar uma viagem em que o destinatário não pode estar presente, auxiliando assim com a escrita epistolar na aproximação entre ausentes. Dentro desta perspectiva o estudo da escrita epistolar nos cartões-postais se torna também componente indispensável à análise de minhas fontes, pois funcionam como grandes auxiliares na compreensão dos desejos, valores e visões inerentes a qualquer processo de acumulação.

Camila Noemia Rener Santos Bastos (UEFS)

Imagens da família de Jeová: representações, pertencimento e identidade

O objetivo deste trabalho é analisar as representações de família entre as Testemunhas de Jeová a partir das imagens presentes nos impressos do grupo e formam elas colaboram para a formação de habitus, da construção da ideia de pertencimento e identidade entre as Testemunhas de Jeová na cidade de Santo Estevão, Bahia, entre 1970 à 2001. Conforme Boris Kosoy (1989), as imagens não podem ser entendidas como meras ilustrações ao texto, mas como uma forma de comunicação, algo com sentido próprio e construído com objetivos específicos de alguém ou de algum grupo. No entanto, sua análise precisa de metodologia específica para a compreensão de seu conteúdo. A fotografia, como fonte histórica, é passível de análise crítica, como as demais fontes, mas possui sua própria metodologia, levando em consideração o processo de produção, circulação e consumo dessas imagens. Qual fato elas documentam e por que eles foram escolhidos em detrimento de outros? Ou, que estilo de vida ela procura representar? Esses questionamentos são necessários ao analisar as representações sobre família que os textos visuais das Testemunhas de Jeová trazem e o estilo de vida que se deseja construir no fiel, através da formação de habitus, por exemplo. “A imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas” (MAUAD, 1996, p. 10) Portanto, é preciso que se faça uma leitura dessas imagens, a partir desses questionamentos e de outros também, como: para quem elas são produzidas e qual mensagem (ou mensagens) elas pretendem passar, uma vez que a iconografia Testemunha de Jeová, principalmente em suas brochuras e folhetos, objetivam produzir “sensações e ideias”.

Carina Mirelli Dias (UEPG)

Madre Basilea Schlink: discipulado cristão através das cartas destinadas a Irmandade Evangélica de Maria

A Irmandade Evangélica de Maria presente no Brasil desde março de 1980 faz parte de um ministério interdenominacional intitulado Canaã no Brasil, atualmente conta com mais de cento e oitenta irmãs vivendo em comunidade na sede em Curitiba - PR chamada “Bosque de Jesus”. Madre Basilea Schlink (Klara Schlink 1904 - 2001) e Madre Martyria (Erika Madauss 1904 - 1999) foram as responsáveis pelo surgimento da Irmandade no ano de 1947 na cidade de Darmstadt na Alemanha que nasceu em meio as cinzas da era pós-guerra, as jovens reconheceram a grande culpa do povo alemão contra o “povo escolhido de Deus”, os judeus. O trabalho da Irmandade desde a sua instalação na sede no Brasil destina-se principalmente a reconciliação com povos indígenas, além de produzir em gráfica própria e distribuir literatura evangelística produzida pela Madre Basilea, mais de cem livros têm sido reproduzidos e enviados a diversas regiões do mundo, levando a mensagem de paz baseada nos ensinamentos cristãos. O objetivo dessa pesquisa é identificar e analisar como fonte histórica a correspondência da Madre fundadora com as irmãs do ministério e através disso identificar o discurso norteador da irmandade. Segundo entrevista às irmãs Ádola e Nechama, as correspondências existentes na sede da Irmandade são de caráter discipulador, orientador e motivador. Dessa forma poderemos compreender a formação e a identidade da Irmandade, assim como o estilo de vida e o trabalho dessas mulheres. Esta análise é parte do projeto de pesquisa que está em andamento para a dissertação de mestrado e tem como fontes históricas principais as correspondências pertencentes à Irmandade além de entrevistas orais e análise da literatura escrita pela Madre.

Carla Darlem Silva dos Reis (UFS)

De Gazeta Socialista à Gazeta de Sergipe: História de um periódico pautada nas disputas políticas. (1956 - 1960)

A imprensa torna-se fundamental para o conhecimento da história social e política de uma região, pois é formadora de opinião e um veículo, que embora se diga imparcial, possui as suas convicções. Em Sergipe surge, em 1956 o jornal *Gazeta Socialista*, aliado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), servindo assim como um veículo divulgador daquele partido. O seu proprietário Orlando Dantas, era um rico usineiro e político sergipano e as suas práticas governamentais acabavam indo de encontro com o conceito e a execução do socialismo. Nessa medida, em 1959 modifica o título do periódico para *Gazeta de Sergipe*, alegando o término de confusões concernentes a apropriação do Partido para com o periódico. Entretanto, é notável que após a mudança de nome a tiragem dos exemplares quase dobra e o número de anúncios cresce de maneira considerável. Ao analisar as edições desse periódico é perceptível a utilização desse meio de comunicação para ganhar espaço nos meandros políticos, através de críticas aos governos estadual e municipal, empreendida de tal maneira capaz de modificar os rumos das eleições. Nesse estudo, buscamos identificar, através da leitura, fichamento e análise dos jornais, a maneira com a qual esse periódico se constituiu e a sua importância para

a história política em Sergipe, uma vez que tornou-se o principal veículo de comunicação sergipano entre as décadas de 1950 a 1970.

Carla Renata Antunes de Souza Gomes (UNILASALLE / CANOAS)

Memória, História e Cidadania: a utopia como prática política

Entre os objetivos da formação do profissional envolvido com as questões de Memória e Bens Culturais destaca-se a sua atuação na construção da cidadania por meio da difusão e preservação da memória, do patrimônio e da cultura, nesse sentido, torna-se cada vez mais importante a reflexão sobre as práticas museológicas. As práticas no sentido do fazer e do fazer-se, isto é, do domínio das habilidades e competências para o exercício profissional à atuação do profissional comprometido com a diversidade cultural, com o direito à memória, com a inserção política democrática, com a liberdade de expressão, com o respeito ao meio-ambiente e aberto ao diálogo permanente com o meio social envolvente.

São fundamentais, portanto, as pesquisas diretamente relacionadas aos espaços museológicos, pois, além de aproximar os profissionais-pesquisadores deste campo de atuação e despertá-los para a importância do entendimento da estrutura administrativa e funcionamento institucional, estimula a percepção sobre o modo de execução das ações realizadas nos museus e podem suscitar reflexões que desencadeiem propostas para novas práticas.

Nesse sentido, este artigo apresenta uma pesquisa que pretende analisar a estrutura administrativa, a composição dos acervos (coleções) e as narrativas museográficas (exposições) de três instituições museológicas pertencentes a diferentes esferas políticas: o Museu Julio de Castilhos (estadual), o Museu de Comunicação Hipólito José da Costa (estadual) e o Museu do Comando Militar do Sul (federal).

Tais espaços museológicos foram escolhidos como objetos de estudo por sua relevância simbólica, já que a casa de Julio de Castilhos, a sede do jornal *A Federação* e o Arsenal de Guerra, configuram “lugares de memória” (Nora, 1993) representativos de práticas e discursos historicamente consolidados ao abrigo do poder (político, cultural e militar) em consonância com certa concepção da história sul-rio-grandense pautada pela política republicana, a imprensa e a força militar.

A questão central é como a composição de acervos e narrativas museográficas dos espaços museais selecionados para esta pesquisa ordenam e constroem a noção de patrimônio cultural a ser preservado, contribuindo ou não para produzir abordagens problematizadoras da atuação do Estado como gestor de memórias oficiais?

Carla Rodrigues Gastaud (UFPel)

Práticas epistolares e cultura escrita

A escrita epistolar é um dos processos de afirmação das práticas da cultura escrita - em uma sociedade que se torna cada vez mais grafocêntrica - no período compreendido entre o final do século XIX e o começo do século XX. Escrever cartas é uma prática

social da cultura escrita que se generaliza e populariza com a ampliação da alfabetização da população e com a criação dos sistemas escolares.

Estudar as práticas de correspondência é lançar-se em um mergulho nas relações entre cultura escrita e sociedade e na função que cada produto gráfico assume no ambiente cultural concreto que o produz e emprega. (SIERRA BLÁS, 2003, p.109). As cartas, inclusive (e talvez especialmente) as correspondências ordinárias, “datadas e localizadas, guardam consigo os sinais de um momento, fixam a experiência no tempo e no espaço”. (IONTA, 2004 p 19). Seus dizeres passam a ser “signos ou indícios a serem interpretados”. (DAUPHIN e POUBLAN, 2002, p. 75).

As cartas podem ser um modo privilegiado de acesso a relacionamentos, sociabilidades, familiaridades, singularmente próximas e, simultaneamente, estranhas ao tempo em que vivemos, o que torna as cartas especialmente interessantes para o historiador. Além disso, é possível apreender, através da materialidade da escritura epistolar, como os artefatos culturais implicados nas práticas de correspondência são postos em ação na erudição, na caligrafia, na gramática, no estilo, na arte epistolar, na construção das sociabilidades e no pacto epistolar.

Carlos Alberto Cortez Minchillo (Dartmouth College, New Hampshire, EUA)

Corpo, mente, discurso: descentramento identitário e refiguração social na ficção de André Sant'Anna

Recentemente, tem havido mudança radical na forma como a sociedade brasileira concebe e representa a si mesma. Na esteira da multiplicação de vozes que fragmentam, refratam e reconfiguram a imagem do país, o aforismo de um povo coeso, amigável e tolerante, que vive sob um contrato social pacificado e pacifista tem sido desconstruído por fatos e números. O resultado é que não se sustentam interpretações sociológicas como a de "democracia racial", proposta por Gilberto Freyre, e uma insatisfação pública com os rumos do país inflama movimentos sociais inéditos, a exigir novos pactos políticos. Por décadas, a literatura, o cinema e a música popular vêm detectando e formatando artisticamente essas tendências sociais ao produzir discursos desviantes que colocam a brutalidade, a injustiça, o racismo e demais formas de opressão e violência no cerne da representação do nacional, renovando a par e passo padrões linguísticos e soluções estéticas. Os textos ficcionais de André Sant'Anna são bons exemplos de como a literatura brasileira vem traçando as reconfigurações subjetivas que advêm da pressão de uma sociedade historicamente hierárquica e injusta e dos impactos de uma economia neoliberal globalizada. Em seu romance *O paraíso é bem bacana* e em contos como "Lodaçal", os indivíduos marginalizado passam por um processo de erosão física, psicológica e ideológica que os leva a assumirem múltiplas, dissonantes e instáveis identidades. Tal representação literária, de feitiço claramente pós-moderno, não conduz a um niilismo derrotista, nem está a serviço de uma visão encantada e conformista do mundo contemporâneo. Os personagens de Sant'Anna são herdeiros - em formulação mais contundente - dos patéticos "pobres diabos" de que tratou José Paulo Paes. Eles tomam de assalto, apesar de sua precariedade existencial, o centro do espaço social - a cidade, o mundo - e ganham uma incômoda visibilidade. Eles podem, assim, desconstruir narrativas hegemônicas que propuseram (impuseram?) descrições e explicações uniformes e unívocas do Brasil e de sua sociedade, porque eles são, em

última instância, o resultado disforme e a manifestação mal-ajambrada de um confronto social há muito recalçado.

Carlos Alberto Sampaio Barbosa (UNESP/Assis)

As fotomontagens de Josep Renau e sua atuação nas revistas Orto e Outubro na Espanha da década de 1930

O objetivo dessa apresentação é investigar o ambiente no qual se desenvolveu uma proposta de fotografias e fotomontagens compromissadas na Espanha da década de 1930. Para tanto utilizaremos como eixo a experiência do artista espanhol Josep Renau e sua atuação em duas revistas ilustradas: Orto e Outubro. Procuo averiguar como as experiências européias de uma cultura e fotografias proletárias circularam e foram apropriadas pelo universo cultural espanhol. Acredito que nestes anos a Espanha se tornou um pólo produtor e irradiador de uma iconografia política posteriormente difundida para o México e América Latina.

Carlos Augusto de Melo (UFPB)

Práticas de Escrita de Histórias Literárias e Discursos Escolares Oitocentistas: representações mnemônicas da nacionalidade da literatura brasileira nos compêndios de Francisco Sotero dos Reis (1800-1871)

Neste trabalho, proponho suscitar reflexões a respeito das práticas de escrita de histórias literárias oitocentistas como manifestações culturais e pedagógicas que permitiram representações mnemônicas da nacionalidade da literatura brasileira. Esses compêndios de história da literatura representam marcas das práticas escolares de construção forjada, na mentalidade dos jovens, das relações entre o passado e o presente literário nacional, ou seja, foram responsáveis pela formação da memória literária daquele período. Essas questões podem ser discutidas a partir da análise das produções escolares do maranhense Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), principalmente, a do *Curso de literatura portuguesa e brasileira* (1866-1873), cujo discurso traz indícios das estratégias unificadoras das políticas educacionais luso-brasileiras no contexto das províncias do Brasil imperial.

Carlos Eduardo Pinto de Pinto (PUC/RJ)

Mais que alegoria: o passado em Os inconfidentes (1972)

Desde a estreia de *Os inconfidentes* (Joaquim Pedro de Andrade, 1972) é lido como uma alegoria. Isso equivale a dizer que a representação do passado está ancorada ao contexto de produção e não teria outra função que não “estar no lugar” do presente. Tal associação foi feita pela crítica profissional e, mais recentemente, pelos estudos acadêmicos. A proposta desta comunicação é ir além da ideia de alegoria, sem negá-la: de fato, os filmes históricos modernos (ou inovadores), como *Os inconfidentes*, trazem o passado colado ao presente, porém também são capazes de criar novos sentidos para

os tempos pretéritos. *Os inconfidentes* diz muito de 1972, porém não é somente uma série de enunciações sobre ditadura, liberdade, militarismo, tortura e luta armada, sob o “disfarce” de um filme histórico. É, simultaneamente, um discurso sobre o passado em relação intertextual com outros discursos contemporâneos. Seguindo Pierre Sorlin, é possível dizer que o filme histórico é um “espião” da cultura histórica de um país. Deste modo, *Os inconfidentes* pode - e é isto que se pretende - ser visto como um documento sobre a forma como se pensava o passado na década de 1970 no Brasil, se apresentando como um vetor para o se compreender o itinerário da construção da cultura histórica brasileira sob a ditadura civil-militar.

Carlos Eduardo Ribeiro Silveira (UFJF)

A arquitetura e a consolidação do espaço urbano no final do século XIX na cidade de Juiz de Fora: o ecletismo na Praça da Estação

Em fins do século XIX e início do XX observamos um período de avanços técnico-científicos que, no Brasil, vieram de encontro à instauração de um novo regime político que precisava concretizar a imagem de um governo forte, estável e moderno. Para isto, a reorganização do espaço urbano teria grande utilidade. Foi nesse contexto que, na arquitetura, o Ecletismo - movimento estético surgido na primeira metade do século XIX na França, que emprega vários ‘estilos’ de construção em uma mesma edificação -, atingiu seu apogeu no Brasil. Podemos traçar as possíveis relações entre o estilo em questão e a nascente República. No campo do imaginário, aproximava o Rio de Janeiro à Paris, que também tinha sofrido com problemas urbanísticos e populacionais, e que foram solucionados através de poderes ditatoriais do prefeito Haussmann. É através deste olhar que este trabalho se constrói, estabelecendo relações entre o patrimônio arquitetônico edificado e seu rico potencial como ente portador de informações artísticas e históricas, percebendo as arquiteturas como locais onde, por excelência, podemos encontrar traços reveladores das mais variadas formas de manifestações artísticas dos ‘estilos’ usados como referência projetual e das relações do antigo com o novo. Como fundamentação teórico-metodológica, lançamos mão do estudo de caso da Praça João Penido (Praça da Estação), na cidade de Juiz de Fora, MG, já que esta guarda exemplos de bens arquitetônicos tombados pertencentes ao período eclético, de grande representatividade no processo de desenvolvimento econômico, social e urbano da cidade e, especificamente, na consolidação da imagem de Juiz de Fora como ‘cidade moderna’, criada ao ‘gosto francês’.

Carlos Henrique de Castro Assis (PUC/SP)

Desbravando os infernos de John Constantine na revista Hellblazer (1988-1991)

As histórias em quadrinhos são um campo fértil para o historiador interessado em dialogar com as artes gráficas, sobretudo por conta do papel social que assumem ao longo do século XX, destacadamente na imprensa, na qual, junto da fotografia, corroboraram para que, na trajetória dos meios de comunicação, a imagem ocupasse papel de destaque, contribuindo para a constituição de uma sociedade que se exprime através dela.

Nesse processo, é notável a democratização propiciada pela facilidade de acesso aos recursos técnicos necessários para a sua produção, reprodução, manipulação e divulgação, de modo que, atualmente, essa produção se avoluma numa velocidade tão grande, que a sensibilidade do historiador leitor de quadrinhos é crucial para a escolha dos títulos e publicações com os quais deseja trabalhar.

Buscando explorar as possibilidades de uso das HQs como fonte documental para o historiador, apresentamos neste artigo algumas perspectivas propostas na nossa pesquisa de mestrado, na qual analisamos os números da revista *Hellblazer* publicados entre os anos de 1988 e 1991, questionando, além das temáticas da publicação, as práticas e experiências dos sujeitos envolvidos no seu processo de criação e publicação.

Carlos Renato Araújo Freire (UFC)

Intrigas das lembranças de um dia: reflexões sobre a história da memória do Quebra-quebra de 1942

Este trabalho analisa a História da Memória do Quebra-quebra do dia 18 de agosto de 1942 a partir do quadragésimo e quinquagésimo aniversário da Segunda Guerra Mundial. Malgrado a importância retroativa que poderíamos atribuir ao evento, como um dos fatores responsáveis por pressionar o Governo de Getúlio Vargas a declarar guerra aos países do Eixo, apenas a partir da década de 1980 que se intensificam os investimentos de memória que transformam as depredações a estabelecimentos comerciais que tinham alguma relação com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em um acontecimento através do seu compartilhamento em matérias de jornais, livros de memórias, fotografias, restauração e construção de monumentos. Analisaremos algumas descrições desse dia a fim de discutir os usos do passado no presente propondo questionamentos sobre as relações entre memória individual e memória coletiva, a interação entre o passado do acontecimento e o presente das enunciações e o imbricamento entre as temporalidades no processo de formalização de um núcleo descritivo desse dia.

Carlos Vinicius Silva dos Santos (UFRJ)

O Cinema de Hollywood e a Construção Representacional da Juventude

A comunicação examina o processo através do qual a indústria cinematográfica hollywoodiana dialogou com a cultura juvenil que se constituiu e se consolidou, nos Estados Unidos da América, ao longo das décadas de 1950 e 1960. Diante do estabelecimento dos jovens como parcela populacional cultural e economicamente significativa, nos anos posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial, os estúdios de cinema voltam-se a este público, formulando um gênero cinematográfico e construindo representações da juventude. Nos anos de 1960, por sua vez, a afirmação do jovem como ruidoso ator político acarretará transformações significativas nos modelos representacionais operados pelo cinema.

Tendo-se em mente alguns dos títulos mais expressivos da produção cinematográfica de temática juvenil do cinema americano, porém sem pretender analisá-los em

profundidade, objetiva-se problematizar os mecanismos envolvidos no estabelecimento dos arquétipos juvenis operados. Procura-se abordar a maneira pela qual a representação da juventude é instrumentalizada diante das demandas socioculturais presentes na sociedade, passando por um processo de ressignificação frente ao consumo social ao qual o arquétipo juvenil cunhado é submetido, constituindo-se, *a posteriori* e através do cinema, uma memória visual da juventude daquele período histórico.

Para tanto, consideram-se as asserções de Roger Chartier quanto ao conceito de Representação, seus significados e usos sociais, bem como os embates e disputas envolvidos. No campo do uso historiográfico das fontes cinematográficas, especificamente, atenta-se para alguns dos apontamentos realizados por Michèle Lagny quanto à potencialidade do cinema no que se refere às reflexões concernentes à representação, possibilitando a análise privilegiada do imaginário social, bem como da noção de identidade cultural.

Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik (UFPR)

Virginia Woolf e a autoria feminista na constituição de subjetividades modernas

Pretende-se estabelecer uma reflexão sobre a constituição de subjetividades múltiplas no interior do feminismo modernista, referindo-se especificamente à obra da escritora inglesa Virginia Woolf. Vários são os desdobramentos possíveis que este tema oferece, mas iremos privilegiar, sobretudo, a articulação entre cultura escrita e subjetividades de gênero. Ou seja, queremos pensar de que maneira o gênero é elemento fundador da constituição subjetiva de homens e mulheres e, dessa maneira, acreditamos que Virginia Woolf tem uma importância fundamental na produção de subjetividades, especialmente aquelas associadas ao gênero do início do século XX. Para tanto, escolhemos para esta análise os seguintes escritos da autora: Um teto todo seu, Orlando, uma biografia e alguns ensaios reunidos no livro Profissão para mulheres e outros artigos feministas. Virginia Woolf tem sido estudada não apenas como uma romancista que desafia os padrões da ficção, mas também como a escritora que soube captar e transmitir o panorama das primeiras décadas do século XX com suas crises e contradições. Além disso, ela faz da mulher sua personagem mais importante, analisando sua situação e atitudes em diversas épocas e contextos, e, de certa forma, antecipa a visão de escritoras contemporâneas como Julia Kristeva, Hélène Cixous e Judith Butler, ao desafiar a oposição binária existente entre os sexos. Ela também enfatizou, como uma questão política e social, a forma como somos formados e produzidos como sujeitos dotados de sexo e gênero. Isto é, ela politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação. Na verdade, ela conseguiu, por meio da cultura escrita, expressar que a modernidade não é sinônimo de uma lógica totalizante da identidade, pois revela uma mirada mais aprofundada de múltiplas vozes e perspectivas que não podem ser facilmente sintetizados em uma subjetividade única ou visão de mundo unificado.

Carmem Zeli de Vargas Gil (UFRGS)

Jovens e livros didáticos: leituras que marcam/demarcam

Inspirados no universo de leituras de jovens do ensino médio, planejou-se a segunda etapa da pesquisa intitulada *Docência em História em diálogo com as culturas juvenis*, que vem sendo realizado na Faculdade de Educação da UFRGS. Na etapa inicial, o estudo concentrou seus esforços na tentativa de compreender aspectos concernentes à produção de livros didáticos, presentes em larga escala nas escolas brasileiras, movimentando um mercado editorial que recebe consideráveis investimentos do poder público. Na segunda fase da pesquisa, buscou-se compreender os usos dos livros didáticos pelos jovens do Ensino Médio, objeto da reflexão empreendida nessa comunicação. A pesquisa assenta-se nos postulados da história cultural, em especial nos estudos desenvolvidos pelo historiador Roger Chartier, dentre outros autores. Do ponto de vista metodológico, os dados para essa reflexão foram construídos a partir de três grupos de conversação que agregam alguns procedimentos do grupo focal e do grupo de discussão. Os grupos foram constituídos de 8 a 12 jovens de ensino médio que se conheciam e tinham em comum a inserção como estudantes da escola, campo da pesquisa. Em mais de uma oportunidade, falaram alternadamente sobre suas práticas de leitura e os usos dos livros didáticos, explicitando os significados pessoais e partilhados de suas leituras. As narrativas nos grupos de conversa evidenciam que, por vezes, os LD, mesmo após tantas reformulações, não conseguem despertar a curiosidade, a vontade de buscar mais para grande parte dos jovens. Para poucos jovens esses livros constituem pistas de filósofos, poetas, filmes e livros que provocam a busca curiosa. Foi possível identificar diferentes usos dos livros didáticos, quase sempre condicionados à mediação dos professores. Nem tudo foram críticas aos LD, pois, em alguns momentos da conversa, foram descritos como “de conteúdo confiável”, e alguns foram elogiados por “suas cores” e capacidade de trazer “referências diversas”. Foi interessante perceber que a referência à leitura literária aparece de forma contundente nas falas, evidenciando a articulação que os jovens estabelecem entre a leitura literária e a que os livros didáticos propõem.

Carolina Christiane de Souza Martins (UFF)

Patrimonialização e sujeitos sociais: estudo de caso sobre um grupo de bumba-meu-boi em São Luis-MA

Esta comunicação visa apresentar uma experiência de pesquisa no interior de um grupo de bumba-meu-boi do Maranhão. A partir da década de 1960 a relação entre o poder público e o bumba-meu-boi sofreu profundas mudanças, sobretudo com o fim das proibições que eram até então impostas aos cordões de bumba. Assim, se inicia a criação de instituições públicas voltadas para as manifestações culturais do Estado do Maranhão, em particular o bumba-meu-boi. Convém resaltar que estas instituições eram atreladas aos órgãos de turismo. Nas narrativas de brincantes mais antigos deste grupo específico, o que se percebe é que este momento marcou negativamente os cordões de bumba, pois estes tiveram que se adequar às exigências dos órgãos públicos para que pudessem desfrutar de algum benefício. Houve mudanças também na relação entre os grupos de bumba e brincantes, pois se antes muitos se integravam aos cordões por amor à brincadeira ou por motivos religiosos, atualmente a maioria espera receber seu pagamento pelos dias “brincados”. Neste estudo de caso, com base nas entrevistas que foram realizadas até então observa-se que se por um lado este processo de institucionalização trouxe alguma ajuda financeira contribuindo para a permanência dos grupos e suas atividades culturais, por outro, os brincantes mais antigos com os quais

tenho mantido diálogo argumentam que este processo de financiamento fortaleceu muito mais o interesse econômico por parte dos brincantes mais jovens, reduzindo o interesse religioso ou devocional. Em 2011, o bumba-meu-boi recebeu o título de Patrimônio Imaterial pelo IPHAN, sendo a sua consagração como a expressão cultural que simboliza a identidade maranhense. Porém observa-se que há questionamento dos sujeitos sociais que realizam o bumba-boi no sentido de que não houve nenhuma mudança ou melhoria para eles próprios. Pode-se problematizar, neste caso, sobre até que ponto a patrimonialização foi reconhecida por estes sujeitos.

Carolina Maria Abreu Maciel (UFC)

Sobre o ofício do historiador: algumas considerações sobre a objetividade e o uso de documentos de períodos traumáticos

São muitas as singularidades que marcam o saber histórico, a primeira delas, talvez, seja o fato de que a História nunca descuida de si. Destarte, fazer História é, em grande medida, saber como essa disciplina tem sido compreendida ao longo do tempo; dito de outro modo é estarmos atentos à historicidade de sua própria compreensão e, assim, buscarmos elucidar como seus usos e abusos podem nos ajudar a entender como nos tornamos o que somos.

Para Jean Boutier e Dominique Julia, em sua introdução do livro *Passados recompostos*, foram os acontecimentos com caráter traumático que fizeram emergir a preocupação com a contemporaneidade. Assim, a história do tempo presente começou a dar seus primeiros passos, mesmo cercada de desconfianças, muitas delas ligadas à objetividade da escrita. Muitos historiadores já discutiram sobre a objetividade de nosso ofício, mas será que tratarmos com total distanciamento nossos temas de pesquisa não acarretaria numa escrita, de certa forma, insensível? Ao refletirmos sobre nossa experiência com a utilização de fontes orais (depoimentos de ex-presos políticos) e documentos relacionados aos anos de 1964-1985 (Inquéritos Policiais Militares - IPMs), período que durou oficialmente a Ditadura civil-militar no Brasil, percebemos que os questionamentos referentes ao distanciamento das fontes, para uma análise “mais verdadeira” dos acontecimentos, acabamos naturalizando situações de violência e ações de desrespeito aos direitos humanos, tratando como números indivíduos que sofreram/sofrem as marcas dessas atrocidades até hoje.

Antonio Torres Montenegro (2005, p. 4) ao afirmar que “*nenhum passado passa, todo passado é presente. A questão é saber como ele se insere nas práticas cotidianas e, por extensão, como influi na maneira de pensar, sentir e agir no presente*”, nos faz refletir acerca de como esse passado está bastante presente em nossa sociedade, que as feridas desse período ainda não cicatrizaram, a exemplo da continuidade do uso de práticas de torturas por alguns órgãos de segurança pública e na criminalização dos movimentos sociais. Este trabalho tem como objetivo central discutir algumas dificuldades encontradas no trato com as fontes de períodos traumáticos e como, muitas vezes, a grande preocupação com o distanciamento e a objetividade do ofício implica em análises que naturalizam a violência.

Carolina Martins Etcheverry (UFPEl)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar resultados parciais da pesquisa sobre políticas públicas de memória da Ditadura Militar brasileira, desenvolvida em âmbito pós-doutoral. Busca-se compreender como as políticas públicas de memória voltadas ao período ditatorial - Memórias Reveladas, Comissão da Verdade e Lei de Acesso à Informação - operam transformações na iconosfera (no conjunto de imagens-guia) desse momento histórico. Para tanto, busca-se analisar um período que abrange quatro décadas de livros didáticos, a fim de catalogar, a partir de uma metodologia de amostragem, as diferentes imagens que ilustram os capítulos sobre a Ditadura. Levando-se em consideração que o livro didático é um produto cultural dotado de complexidade, procura-se entender o seu papel como engendrador de processos cognitivos e memoriais a partir da relação entre imagem (fotografias, especificamente) e suas respectivas legendas. O levantamento dessas imagens e sua posterior catalogação poderão gerar, além de categorias de análise, novos entendimentos sobre a alteração do modo como passamos a compreender a Ditadura Militar, desde seu surgimento até o presente momento. Essas novas análises são permeadas por um conjunto de políticas públicas que resultam da divulgação/abertura dos arquivos e de uma maior vontade política de rever esse passado doloroso, mostrando que a memória e o esquecimento estão sempre em questão.

Carolina Soares Sousa (UnB)

O grupo político do jornal O Estado de S. Paulo e o projeto político paulista (1933-1937)

A presente comunicação tem como objeto a análise da ação do grupo político paulista do qual fazia parte Armando de Salles Oliveira, também conhecido como grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*. O jornal *O Estado de S. Paulo*, apesar de se declarar apertidário, atuou como órgão de imprensa do Partido Constitucionalista, fundado por Armando de Salles Oliveira, durante a eleição para governo constitucional de São Paulo, marcada para outubro de 1934, e para a eleição presidencial, marcada para janeiro de 1938. O jornal em questão constitui importante fonte para o estudo do projeto político do grupo armandista, que governou São Paulo entre 1933 e 1937. Intelectuais e políticos atuantes no grupo armandista colaboravam com o jornal.

Caroline de Souza Rodrigues (UFAM)

Entre sátiras e Lascívia: Devassando as Zonas Devassadas de Manaus (1901-1920)

Esta comunicação se propõe a analisar as práticas de prostituição na cidade de Manaus, no período de 1901 a 1920, a urbe da borracha que bancou a ascensão político, econômico e cultural. Nesse período, de grandes transformações urbanas e sociais marcou também a assídua presença das mulheres em espaços públicos, onde a imprensa passa a exercer um importante papel de difusor e inquiridor das práticas femininas, combatendo através das páginas de seus periódicos tudo aquilo que considerava indesejável para os novos tempos. Entre esses combates, a prostituta passa a ser

considerada a antítese do comportamento feminino idealizado por uma burguesia local da qual a imprensa (sobretudo a grande imprensa) é uma das grandes representantes. Nos jornais e revistas da época, sobressai um “confinamento simbólico” em que as mulheres idealizadas, mães e esposas são constantemente chamadas à ordem, através das limitações impostas por suas vestimentas, gestos e movimentos. Esse velado controle sobre os corpos femininos no aflorar do século XX denota o quanto este período é marcado pela hipocrisia dos conceitos de igualdade e liberdade, no qual a mulher (de bem), tem-lhe negado o direito ao desejo, ao gozo e ao alto conhecimento, enquanto, o mesmo pode ser facilmente degustado nas zonas e bordéis. Contudo, a mulheres publicas, “a quem tudo era permitido”, passam a carregar o estigma da impureza, da insubmissão, portadoras de incomensurável lascívia, sendo constantemente descritas como incapazes de se subjugarem as normas de valor da família, da religião e do estado.

Caroline Garcia Mendes (USP)

Notas de pesquisa: A cultura epistolar na construção dos periódicos do século XVII na Península Ibérica

É conhecida a crescente busca por novidades pela população europeia, tendo em vista não só os descobrimentos, mas também o aumento da quantidade de pessoas alfabetizadas no continente. A presente comunicação visa, assim, apresentar as primeiras notas da pesquisa de doutorado que se inicia, cuja ideia central é analisar como as notícias percorriam Portugal e Espanha e eram utilizadas na construção dos periódicos, impressos que começavam a circular em meio a uma população cada vez mais urbana. Pretendemos assim, abordar diferentes discussões sobre a cultura escrita na época moderna e discorrer sobre os periódicos conhecidos como Gazetas e Mercúrios, que serão tema de nossa pesquisa. Por fim, devemos demonstrar a importância de reconstruir as redes de comunicação que se formavam, pois era através delas que os periódicos eram elaborados. Nosso intuito é discorrer, assim, sobre a construção das notícias que povoavam os primeiros periódicos da Península Ibérica, analisando esses documentos enquanto fonte histórica, produtos do meio no qual foram construídos e inseridos em diferentes relações nobiliárquicas, familiares e governativas.

Caroline Poletto (UNISINOS)

Um único dia, múltiplos traços: imagens do 1º de Maio na imprensa anarquista argentina e espanhola em princípios do século XX

O presente artigo pretende refletir sobre algumas das novas tendências e possibilidades historiográficas verificadas no campo da história do trabalho através da aplicação de uma lente transnacional de análise, demonstrando, por um lado, a busca pela superação tanto do nacionalismo metodológico quanto de uma visão eurocêntrica da história e, por outro, os ganhos que uma abordagem transnacional da história pode proporcionar ao ampliar os espaços de análise e estabelecer interconexões entre esses espaços e os atores sociais envolvidos. Para exemplificar algumas possibilidades da aplicação de uma abordagem transnacional da história do trabalho serão tomados, como objetos de pesquisa, exemplares de revistas e jornais anarquistas argentinos e espanhóis que

circularam nas primeiras décadas do século XX e que se utilizavam, entre outros recursos, de imagens para rememorar a data fatídica do 1º de Maio, não enquanto dia de festa, mas sim enquanto dia de luta, de ação e de reflexão. Apresentar esses traços ricos de significados e fazer alguns apontamentos acerca da circulação dessas imagens e da formação de redes de comunicação eis, portanto, os objetivos desse artigo, de modo a levar o leitor a perceber as potencialidades dessas imagens na imprensa operária e a função pedagógica das mesmas.

Caroline Santos Silva (UFSC)

A escritora Amélia Rodrigues através das páginas de Mestra e Mãe

Este trabalho propõe a apresentação dos primeiros resultados de pesquisa sobre as redes sociais e culturais de produção e circulação das obras voltadas para a infância na Bahia em fins do século XIX e início do XX. Para tanto, destacamos o trabalho da escritora e educadora baiana Amélia Rodrigues. O estudo das obras de Amélia revela uma preocupação com o ensino dirigido às crianças no contexto específico da Bahia republicana, principalmente no que concerne à formação das meninas. Este trabalho se volta em especial para a análise do livro *Mestra e mãe*, publicado em 1898, que foi utilizado como um manual de educação cívica e moral, um guia para a formação de futuras mestras. A obra sintetiza parte das concepções de Amélia Rodrigues, já que esta acreditava que toda mestre deveria se comportar como mãe de seus alunos e toda mãe deveria ser instruída para tornar-se mestra de suas filhas e filhos. Ao vincular modelos ideais de infância, essa literatura, marcada por seu cunho pedagógico, entra no jogo de constituição das subjetividades das crianças e jovens no período. Assim, é possível problematizar a função exercida por esse gênero literário na consolidação das identidades sociais e sexuais desses indivíduos.

Caroline Trapp de Queiroz (UERJ)

Educação e infância nas narrativas radiofônicas de Walter Benjamin

Entre os anos de 1927 e 1933, o filósofo alemão Walter Benjamin apresentou narrativas radiofônicas no programa de rádio “A hora das crianças”, transmitido em emissoras de Berlim e Frankfurt. Essas narrativas tornam manifestas, na prática, toda uma teoria de infância e educação cunhadas ao longo de sua obra. Falando às crianças sobre os mais diferentes assuntos de maneira sincera e sem a *infantilização* característica das atuais produções midiáticas voltadas à infância, Benjamin já chamava atenção, nesse período, ao fato de que se poderia falar sobre tudo com as crianças, uma vez que, inseridas na cultura, nada haveria nessa dinâmica que não as afetasse.

Nosso objetivo para esse simpósio é analisar dois desses programas de rádio, são eles, “Processos contra bruxas” e “Bandoleiros na antiga Alemanha”. Nessas narrativas, Benjamin conta a história da bruxaria na Europa e dos bandoleiros da Alemanha, perpassando diferentes períodos e acontecimentos históricos, procurando traçar constantes interlocuções com o presente de onde narrava a história, ou seja, o século XX. Valendo-se de fontes históricas e literárias, como as obras “O Martelo das Feiticeiras” e “Livro dos criminosos”, acreditamos que esses programas contêm pistas

importantes acerca da constante articulação empreendida pelo filósofo entre as ideias de educação e infância e as de experiência, relação, contexto, história e memória. Por esse motivo, pretendemos trazer as narrativas descritas acima para um diálogo com o contexto da teoria benjaminiana de história, educação e infância, a partir do que julgamos profícua a análise proposta àquilo que se objetiva para esse simpósio e ao debate sobre educação, num sentido *lato*.

Cassi Ladi Reis Coutinho (UnB)

Ocorrências policiais: a perseguição aos ciganos na República

O artigo tem por objetivo analisar as ocorrências e operações policiais montadas para perseguição aos ciganos nos municípios mineiros no período republicano, especificamente, na década de 1900. Vários desses inquéritos descrevem a presença dos ciganos nos municípios e as ações tomadas pela sociedade e estado para expulsá-los ou prende-los devido ao medo e ameaça que estes sentiam deste grupo.

A ideologia de progresso incorporada pelo país tinha como objetivo acabar com o “atraso colonial” através da eliminação de habitações coletivas, o controle das epidemias, urbanização das cidades, cultos e crenças incrédulas e na perseguição a vagabundos, desordeiros, indigentes que compartilhavam de costumes bárbaros e incivilizados. É certo que a presença cigana nas cidades se contrapunha ao modelo almejado de higiene e saneamento, e de sociedade trabalhadora e ordeira levando as autoridades a assimilar a sua imagem a de “indigentes e vagabundos” e conseqüentemente buscar a eliminação daqueles que prejudicavam o modelo civilizador.

Marcados pelo estigma da criminalidade, os ciganos sofreram preconceitos na sociedade por serem considerados trapaceiros, ladrões, mentirosos, criminosos, vadios e sujos. Estes estereótipos desvalorizavam o grupo e reforçavam o processo de exclusão da sociedade, que acreditava que o cigano era sempre “o elemento suspeito”.

Cecília de Sousa Reibnitz (UFSC)

Imagens de uma modernidade desejada para Florianópolis: fotografias nas páginas da revista Terra (1920-1921)

A revista *Terra* circulou em Florianópolis entre março de 1920 e janeiro do ano seguinte, com um total de 24 números. Os estudos que mencionam esta publicação destacam sua importância como precursora da Academia Catarinense de Letras e sua relação com movimentos literários como o Romantismo e o Parnasianismo, no entanto, tais análises deixam de fora outras dimensões da revista e a rotulam de forma a ignorar que as temáticas ali tratadas foram amplas, irregulares e, algumas vezes, aparentemente contraditórias – o que lhe confere uma riqueza particular. Para além de notícias e textos literários, a revista também apresentou um forte apelo visual, propondo assim determinada estética moderna. Destacavam-se fotografias da “alta sociedade” e “alta magistratura” catarinense, uma sessão ricamente ilustrada relativa ao cinema estadunidense, além de inúmeras ilustrações e charges. O campo da história e cultura visual surge como uma ferramenta possível para a análise da revista. A publicação de

certas imagens indica o que o grupo que a compôs considerava pertinente atribuir importância. A modernização da cidade nos moldes preteridos pode ser vista em uma série fotográfica com o título “o surto de uma grande administração” - na qual mostrouse algumas obras que estavam sendo realizadas dentro do intuito de embelezamento e higienização do governo de Hercílio Luz. As fotografias da “alta sociedade” em seus lazeres dominicais teve espaço privilegiado na revista, com ênfase nas mulheres à saída da missa e praticando o *footing* na Praça XV - estas imagens femininas eram sobrepostas às figuras das melindrosas e das atrizes de cinema. A partir da análise das ilustrações e principalmente fotografias veiculadas nesta publicação procura-se analisar o discurso que atribuiu importância e valorizou determinadas práticas modernas para Florianópolis, tanto em termos de comportamentos como na construção da cidade desejada pelo tão aclamado “progresso”.

Cecilia Nuria Gil Marino (UBA/CONICET/UFRJ)

Identities "for export". Clichés nacionais, latinos e pan-americanos na conformação de um mercado regional para a indústria do cinema argentina e brasileira dos anos trinta e quarenta

Os anos trinta foram o cenário do surgimento do cinema sonoro nas cinematografias latino-americanas. A partir desse momento, o cinema começou a se consolidar como um projeto industrial. Esse fato suscitou um grande debate entre diretores, produtores e o Estado sobre as características dos cinemas nacionais e suas condições de existência. Assim, as representações da nacionalidade nestes filmes para o mercado local e regional foram o resultado dos intercâmbios com outros discursos culturais, mas também faziam parte de uma lógica industrial que propunha distintos modelos de produção segundo o caso. A música e seu star system em auge pelo crescimento da indústria do rádio e discográfica foram um elemento chave para o desenvolvimento de um “circulo virtuoso de consumo” num sistema de produção de convergência de meios de comunicação. Assim mesmo, a marca da música na nacionalização e popularização do cinema foi parte de um fenômeno que traspassou as fronteiras nacionais. A presença da música e a dança nos golden ages de Hollywood foi fundamental. Neste sentido, em vista das transformações que trazia o cinema sonoro para o mercado latino-americano, os estúdios norte-americanos foram os pioneiros em produzir formulas de sucesso com estrelas populares latinas para captar esse mercado. Nessa direção, este trabalho procura explorar os intercâmbios entre as cinematografias brasileira e argentina, e os usos da música na construção dos clichês nacionais como estratégia comercial para a consolidação dentro do mercado nacional e para a distribuição no mercado regional dessas identidades for export. Em primeiro lugar, esta pesquisa tem como objetivo contribuir ao conhecimento de um campo pouco explorado como as primeiras tentativas de coprodução e intercâmbios comerciais entre o cinema argentino e brasileiro, desde “A esposa do solteiro” de Paulo Benedetti, até “Noites Cariocas” dirigida por Enrique Cadícamo e produzida por Caio Brant e as estreias de fim dos anos trinta e inícios dos quarenta. Em segundo lugar, este estudo procura analisar as tensões entres as identidades nacionais, latinas e pan-americanas construídas a partir da música e um sistema de estrelas transnacional nas produções da época.

Célia Regina da Silveira (UEL)

Os livros na imprensa paulista: anúncios, resenhas e livreiros (1870-1890)

Este trabalho apresenta como objeto de investigação a circulação de livros na Província de São Paulo, entre as décadas de 1870 e 1890, com base nos anúncios de livreiros e nas seções relativas a comentários de livros e autores veiculados na imprensa paulista, mais especificamente em jornais localizados em São Paulo e Campinas, cidades representativas da expansão cafeeira da Província, no período. Da capital paulista, integra o *corpus* de periódicos desta pesquisa *A Província de São Paulo* (1875-1890) e *O Diário Mercantil* (1884-1890); além de dois outros jornais localizados na cidade de Campinas: a *Gazeta de Campinas* (1869-1890) e o *Diário de Campinas* (1874-1890). Parte-se, inicialmente, do pressuposto de que os anúncios de livreiros e os comentários de obras publicados por esses jornais tiveram importância na construção de uma topografia de temas e assuntos para os leitores, participando assim da elaboração de uma cultura de leitura na Província de São Paulo. Nesta comunicação, interessa apresentar a análise dos anúncios não somente como estratégias de vendagem, mas também como meio de recuperar sua lógica de estruturação na maneira de apresentar ao público as informações sobre livros e autores, levando em conta as classificações e hierarquizações neles presentes.

César Bastos de Mattos Vieira (UFRS)

Contribuição à metodologia de Boris Kossoy

Na trilogia teórica de Boris Kossoy – composta pelos livros *Fotografia & História, Realidades e Ficção na Trama Fotográfica* e *Os Tempos da Fotografia: o Efêmero e o Perpétuo* – o autor apresenta um modo de pensar o universo das fotografias. Nestes livros, Kossoy, oferece uma metodologia de análise e interpretação de imagens fotográficas muito utilizada por pesquisadores, conforme pode ser observado, por exemplo, nas comunicações apresentadas no XII Encontro Estadual de História, no Simpósio Temático: História, Imagem e Cultura Visual sob a coordenação de Carolina Martins Etcheverry e Charles Monteiro.

Entretanto, a metodologia proposta por Kossoy, sob a luz da pesquisa realizada por mim para dar conta de meu doutoramento, não aborda de maneira aprofundada as possibilidades de alteração da realidade possíveis no ato fotográfico pelo uso dos equipamentos. Possivelmente por ser fotógrafo Kossoy pode ter achado estes aspectos tão óbvios que não mereciam ser abordados. No entanto, muitos dos pesquisadores que se utilizam desta metodologia para análise de fotografias não tem muita familiaridade com todas as possibilidades e potencialidades de fazer um registro alterado da realidade de cada equipamento fotográfico disponível no mercado.

Neste ponto, então, pode-se considerar que a metodologia de Kossoy apresenta uma lacuna com relação aos fatores que podem contribuir para possíveis distorções no registro fotográfico de uma determinada realidade visível originados no aparelho fotográfico, tais como as distorções e efeitos visuais resultantes do uso de lentes diferentes da lente normal; de câmeras com possibilidade de mudança dos planos da lente e filme ou das modernas lentes *Tilt&Shift*, etc.

Nesta comunicação propõe-se uma contribuição à metodologia proposta por Boris Kossoy ao problematizar, aprofundar e apresentar algumas destas peculiaridades do ato fotográfico e suas consequências no registro da realidade. Entende-se que estas reflexões possam aprimorar e ampliar ainda mais e eficiência desta metodologia já consagrada.

Entende-se que estas discussões podem contribuir para tornar o leitor/pesquisador mais preparado para que possa executar uma “decifração” mais aprofundada, detalhada e crítica da fotografia. Busca-se sempre auxiliar o leitor/pesquisador para que se consiga fazer uma “construção mental” mais aproximada possível do referente real registrado fotograficamente. Condição essencial para que as informações retiradas destas imagens tenham veracidade.

Cícera Patrícia Alcântara Bezerra (UFPE)

Letras que (re)inventam um Ceará folclórico: A fundação da Comissão Cearense de Folclore nas correspondências de Renato Almeida, Henriqueta Galeno e Florival Seraine

O principal objetivo deste trabalho é analisar o processo de fundação da Comissão Cearense de Folclore (CCFL), por intermédio das correspondências trocadas entre os seus intelectuais e os da Comissão Nacional de Folclore (CNFL), durante os últimos anos da década de 1940. Fundada em 1947, a Comissão Nacional de Folclore surge como um órgão paraestatal, uma das comissões temáticas do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), representante brasileiro da UNESCO. Desde seus primeiros meses de fundação, houve uma preocupação por parte desta instituição em cooptar, nos vários estados brasileiros, intelectuais para comporem subcomissões diretamente subordinadas às diretrizes da Comissão Nacional. Esses folcloristas precisavam dar conta, a partir de seus estudos e ações, de um mapeamento e da divulgação das manifestações culturais existentes em seus respectivos estados. Neste sentido, é criada em 1948 uma subcomissão no estado do Ceará, uma das primeiras do Brasil. A periodicidade com que essas correspondências são trocadas, bem como a variedade de assuntos discutidos nelas, nos ajudam a entender a constituição de novas regras dentro do campo de estudos do folclore cearense. Porém, elas também nos permitem visualizar as expectativas, indefinições e até mesmo as discordâncias, ainda que demonstradas de modo velado, de posições políticas e intelectuais pelas quais esses sujeitos se viam envolvidos naquele contexto histórico. Nesse sentido, o processo de constituição dessa nova configuração, certas temáticas, procedimentos metodológicos e modos de divulgação vivenciados até então entre os folcloristas cearenses, começavam a serem considerados diletantes, na mesma medida outros espaços começam a ganhar maior relevância por intermédio dessas instituições. Para tal análise, nós nos utilizaremos principalmente das correspondências trocadas entre Renato Almeida, então Secretário-Geral da CNFL e um dos principais incentivadores dessa nova política cultural e os folcloristas cearenses Henriqueta Galeno e Florival Seraine, figuras centrais da CCFL e “mediadores” entre as novas e antigas práticas desse campo de estudos no Ceará. De modo geral, pretendemos a partir da análise desse complexo conjunto de correspondências, desenhar, ainda que de modo parcial, uma “cartografia” dessa nova configuração intelectual.

Cícero João da Costa Filho (USP)

A leitura de romances no contexto da circulação transatlântica dos impresso Gustavo Barroso: o intrépido brasileiro anti-semita. As leituras deste anti-semitismo “racial”

Nas décadas de 1920 e 1930 o Brasil experimentou um momento conturbado de sua história. A tensa conjuntura política do país, que vivia o conflito entre setores agrários e grupos industriais urbanos, do fortalecimento do proletário e da ameaça do comunismo, somado aos efeitos da crise de 1929, proporcionou o surgimento de várias tendências políticas suscitando inúmeros “projetos de brasis”. Políticos, intelectuais, profissionais liberais, participaram ativamente do projeto político do país, dentre estes Gustavo Barroso. Figura importante como escritor e político brasileiro, presidente da ABL e inspirador do Museu Nacional, Barroso, dentre sua vasta produção bibliográfica, propôs um projeto de Brasil extremamente autoritário e corporativo, combatendo os movimentos de esquerda. Segunda figura na hierarquia integralista, Barroso atinou para a ameaça judia, o eterno conspirador, ganancioso, que dificultava a construção da identidade nacional brasileira. O anti-semitismo aberto de Barroso, diferente do de Plínio Salgado e Miguel Reale, é parte integrante de seu projeto nacional. O escritor buscou entender o Brasil e percebeu que o judeu era o responsável pelo atraso econômico desde os tempos coloniais, um povo que não se misturava em um momento em que o Brasil precisava de identidade. Com os regimes de extrema direita surgidos na Europa, e as influências destes no movimento integralista brasileiro, Barroso foi simpático ao governo do Hitler e de particularidades pontuais do governo de Mussolini. Tais simpatias tornam Gustavo Barroso um pensador de extrema importância, chamando atenção para a compreensão de seu anti-semitismo, se passava este pelo viés racial ou não. Profícuo escritor sob os mais variados assuntos, a hostilidade aos judeus foi tema central no projeto político brasileiro de Barroso. Estudando a figura de Gustavo Barroso entenderemos o cenário turbulento do Brasil da época.

Cilene da Silva Gomes Ribeiro (PUCPR / CENTRO EUROPEU)

O acesso a alimentos e o comer fora: legislações e o contexto da cidade de Curitiba

Entre meados da década de 1970 e meados da década de 1990, o investimento governamental em políticas de alimentação para o trabalhador se fundamentou na ideia de que a força de trabalho é elemento-chave para a produção econômica, apesar de que tais políticas já haviam se materializado na década de 1940, com a criação do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), que perdurou até a década de 1960. Foi no início da década de 1970, diante do agravamento dos problemas sociais, o governo redefiniu sua estratégia de enfrentamento da crise social e sanitária que então ocorria. Foram criados programas compensatórios das desigualdades sociais voltados para as necessidades básicas dos indivíduos. Foi criado o Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT) com o objetivo de melhorar o estado nutricional do trabalhador, aumentar sua produtividade e reduzir os acidentes de trabalho e o absenteísmo. Além disso, as necessidades básicas da alimentação do trabalhador brasileiro precisavam ser satisfeitas para garantir melhor desempenho e produtividade, permitindo ao país competir com o mercado internacional.

Na década de 80, os ganhos contínuos de produtividade na agricultura continuaram gerando excedentes de produção e aumento de estoques, resultando na queda dos preços dos alimentos e em 1991, o Partido dos Trabalhadores, articulado à época em torno ao Governo Paralelo, elaborou um conjunto de medidas na Política de Segurança Alimentar sem limitar a segurança alimentar ao tema do abastecimento e da problemática agrícola.

Apesar do governo Collor de Mello, de 1990 a 1992, ter gerado desmantelamento no que tange a alimentação e nutrição, foi no Governo de Fernando Henrique que houve um aumento substancial do poder de compra da cesta básica por assalariados, após a implantação do Plano Real. A partir desse momento, não só as refeições feitas nas empresas pelos trabalhadores, mas todas as possibilidades de consumo dentro de casa concorreram para a geração de modificações nos processos de alimentação e nutrição dessa população, dando estímulo à alimentação do trabalhador, e o desenvolvimento de setores focados na alimentação externa às empresas, como os restaurantes comerciais diferenciados.

Com base nestas informações é que esta pesquisa se propõe, correlacionando historicamente o acesso aos alimentos pela população, o desenvolvimento do comer fora e as legislações surgidas no Brasil a partir de 1930 até os anos 2000 já que a alimentação é testemunha do estatuto social, da civilização e da cultura.

Cíntia Christiele Braga Dantas

Dialética, disparate e delírio: caminhos e desvios para a revolução na terra do transe

Nos filmes de Glauber Rocha existe uma tentativa de materializar o processo de conscientização, por meio da trajetória de personagens que buscam superar a condição de dependência, típica de um país subdesenvolvido que um dia fora colônia. A superação dessa condição seria alcançada pela revolução, que no caso brasileiro aconteceria não pela via da razão esclarecida, mas sim pelo transe, pela instabilidade das consciências. A proposta aqui é pensar por quais motivos o uso do método dialético é insuficiente na leitura do transe revolucionário de Glauber Rocha. A busca pelo método mais adequado de interpretação do universo glauberiano seria solucionada após a descoberta do *delírio*, entendido como uma espécie de anti-método, ou, desvio do caminho. A proposta é pensar a relação entre transe e revolução, isto é, uma apropriação do elemento religioso, em especial de sua propriedade catártica - o *transe* - determinante no percurso que busca a transformação do real, em outras palavras o que leva ou pelo menos deveria levar à revolução. A questão central é entender de que forma Glauber lida com o *misticismo religioso* e como a *loucura* (anti-razão) é manifestada - ambos caracterizados pelo fenômeno do *transe* - na construção de suas obras. A energia concentrada - nos rituais, nas orações, nas procissões, nos ícones, no fenômeno do sacrifício, na irracionalidade, no transe, enfim, nas representações que não se pautam por um caminho lógico - deveria ser canalizada para a revolução.

Cíntia Guimarães Santos Sousa (UFG)

Quando Falo Paulo Bruscky...

Esta tese adentra no horizonte inacessível da vida enquanto história e, mais especialmente, enquanto história biográfica e as relações deste campo de pesquisa e de escrita com a disciplina da História (história, memória e narrativa) e com a pesquisa em torno das formações subjetivas. Assim, nossa proposta é a de apresentar os desafios e enredo - a trama narrativa - construídos pela pesquisadora, ao se situar no campo da história, articulada a uma linha de pesquisa no campo da História e da Memória e aos estudos dos processos de criação e dos sistemas interartísticos e intermediais (Grupo de Pesquisas INTERARTES - CNPq). Para tal tarefa, o desejo de “narrar e compreender” ganhou potência na figura e nos encontros com a vida, a trajetória, a obra e a experiência de um artista, Paulo Bruscky. O qual, desde o começo, nos apareceu como “um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias” e pertinente, portanto, a ser submetido a um enfoque historiográfico, nos termos de que seu processo de criação e obras são reveladores do desafio da invenção do campo da arte contemporânea no Brasil - em sua inter-relação com as redes internacionais e com a história internacional da arte. Os questionamentos iniciais para esse propósito surgiram envolvendo a relevância e a sustentação desse caminho investigativo. Essa história, a de Paulo Bruscky-artista trazia (e traz) elementos para o debate sobre a memória e a historicidade artística da qual faz parte social e culturalmente, revelando a potência de seus “sonhos e angústias”. A contribuição teórica neste trabalho vem de duas direções: de um lado da definição de estudo histórico biográfico de François Dosse e da interpretação da pesquisadora e professora da USP Mary Del Priore. E de outro lado, a definição do pesquisador e Prof. Dr. Marcio Pizarro Noronha, o qual aponta para um tipo de História Interartes, onde o estudo com característica biográfica é um estudo da vida e da obra, nos pontos onde convergem e se desenham os processos criativos. (NORONHA, 2008). Portanto esta pesquisa se propõe escrever uma história biográfica artístico-intelectual dos sistemas e dos processos de criação. Como resposta a todo o processo de construção desta tese e dos arquivos gerados por ela foi criado um livro de artista dos rastros deixados pela pesquisa.

Cíntia Medina de Souza (USP)

A inserção da mulher na Esfera Pública burguesa: da identidade coletiva à classificação como gênero feminino na cultura literária inglesa dos séculos 17 e 18

Na virada do século 17 para o século 18, a cultura literária teve um papel significativo na consolidação da sociedade inglesa moderna. Os diversos gêneros literários impressos tornaram-se a principal mercadoria simbólica que circulava como um veículo de discussões numa esfera pública caracterizada por uma sociabilidade fundada pelas novas relações de trocas comerciais burguesas. É por meio dessa cultura literária que a mulher se insere como leitora e, sobretudo, como escritora nesse espaço público. O problema dessa inserção reside no fato de este espaço ser categoricamente masculino, pois esse caráter definiu a posição e o modo de atuação da mulher nessa esfera pública. Ao mesmo tempo em que se vislumbrava o rompimento das fronteiras do espaço privado tradicional e de toda uma conduta traçada pelos moldes patriarcais, a introdução da mulher nessa sociabilidade moderna serviu para cristalizar a sua classificação como um gênero feminino e não como um indivíduo a participar coletivamente da esfera pública. O objetivo desse estudo é demonstrar que essa inserção da mulher na sociedade inglesa foi construída pela “ideologia da feminilidade” como parte do projeto burguês político

conhecido como “cultura polida”. Isso pode ser constatado analisando a participação das mulheres escritoras no mercado literário no século 17 e sua posterior atuação no século seguinte. As primeiras mulheres atuavam como agentes da produção livreira marcando posição na cultura literária como livreiras, impressoras e escritoras de temas políticos e religiosos enquanto as mulheres da nova sociedade inglesa pós-revolucionária ficaram condicionadas a escrever romances, os *novels*, e periódicos semanais contendo modos de conduta que acentuassem ainda mais a categorização da mulher como gênero feminino e como uma minoria na esfera pública burguesa. Essa investigação demonstrou a construção ideológica do gênero feminino conforme os interesses político-históricos daquele período, que adentrava a modernidade ainda com traços da sociedade tradicional.

Clara Natalia Steigleder Walter (UFGRS)

A sociabilidade no tempo histórico-cultural: uma leitura do imaginário coletivo em Porto Alegre (1900 - 1940)

O **objetivo** deste trabalho é apresentar, a partir da perspectiva da história cultural, uma análise das relações de sociabilidade a partir do imaginário coletivo, buscando compreender o outro no seu tempo. A partir da história cultural, é realizada uma análise da cidade como espaço de materialização pela atribuição de sentido, o sentido dado pelos seus habitantes “informa” sobre a cidade materializada a partir das práticas sociais. A **abordagem teórico-metodológica** parte do conceito de representação social como recurso analítico. Inicialmente o de representações coletivas desenvolvido por Émile Durkheim, avançando-se no conceito de representações sociais com Peter Berger e Thomas Luckmann, que buscam dar mais ênfase ao indivíduo como aquele que, numa relação dialética com o meio, constrói representações sobre a realidade. Este conceito se revela interessante para compreender como se constrói o imaginário sobre a cidade, imagens urbanas que vão se formando a partir do olhar de seus habitantes. Nesta formulação, as análises realizadas por Maria Stella Bresciani, Célia Ferraz de Souza e Sandra Pesavento, entre outros autores que construíram interpretações sobre as cidades brasileiras, orientam tanto teórica como metodologicamente este estudo. O **diálogo entre as Ciências Sociais e a História Cultural** é construído principalmente a partir de Roger Chartier e Peter Burke, que buscam compreender as práticas sociais a partir dos significados atribuídos pelos indivíduos. O teórico que norteia o **conceito de sociabilidade** é Georg Simmel pela contribuição em compreender o desenvolvimento da habilidade do social, imperativo que se coloca para o indivíduo na construção de sua espacialidade na cidade moderna. Essa habilidade marca a passagem da sociedade tradicional, pessoalista para a sociedade moderna, impessoal, individualizante. A cidade de **Porto Alegre entre 1900 e 1940 é o recorte urbano da pesquisa**. O objetivo será a sociabilidade durante sua modernização. Destacam-se Charles Monteiro que, ao tratar da urbanização e modernização da cidade, analisa as dimensões políticas e sociais presentes nas decisões sobre as transformações do espaço urbano; Sandra Pesavento no que concerne a memória da cidade, as vivências e os espaços representados em suas análises e Célia Ferraz de Souza que trata sobre o imaginário coletivo, mas especialmente sobre a evolução urbana de Porto Alegre e sua modernização.

Clarisse Ismério (URCAMP)

Marlisa Alagia de Oliveira Fico (URCAMP)

As representações simbólicas e sociais do estupro nas artes visuais

O estupro é um crime sexual que deixa profundas marcas físicas e psicológicas. No Brasil através da Lei no. 12.015, de 7 de agosto de 2009, o estupro passou a ser enquadrado como um crime comum contra a liberdade sexual, sendo o sujeito passivo ou ativo tanto a mulher como o homem. Na legislação anterior, era definido como um crime contra os costumes (moralidade social), restringindo-se à violência do homem praticada contra a mulher. Historicamente o estupro está presente em todas as sociedades independente de sua cultura, sendo praticado como uma relação de poder na qual as mulheres são subjugadas pelos homens através da violência sexual. Nas guerras assume o caráter de derradeira humilhação e limpeza étnica. No presente trabalho propomos refletir o estupro e suas representações simbólicas e sociais nas artes visuais, uma vez encontramos evidências pictóricas e escultóricas sobre este tema.

Claude G. Papavero (USP)

Comensalidade induzida: o sustento dos escravos num Brasil escravocrata

Tema escassamente abordado nos textos que descreveram a vida brasileira dos colonos portugueses, a questão dos alimentos fornecidos à mão-de-obra escrava ou das oportunidades oferecidas para que os cativos assegurassem o próprio sustento foi estudada superficialmente. Há, entretanto, na documentação do período colonial brasileiro, entre o século XVI e as primeiras décadas do século XIX, um acervo de breves comentários de cronistas, referentes à alimentação daqueles que Antonil chamava: “*as mãos e os pés de seus senhores*”. Essenciais para a compreensão da concepção de uma gestão da vida escrava brasileira, tais esclarecimentos acerca dos alimentos consumidos e das práticas implicadas no sustento de trabalhadores braçais cativos indicam a presença subjacente de um acervo coerente de ideias acalentadas pelos senhores. Obras de autores portugueses que, nos primórdios da colonização, desejavam incentivar a vinda de novos colonos por motivos de defesa do território, relatórios de autoridades do Brasil holandês explicando os procedimentos portugueses às autoridades da Companhia das Índias Ocidentais (WIC.) ou textos de curiosos de várias nacionalidades seduzidos pela aventura brasileira da Companhia holandesa proveram um manancial interessante de descrições rápidas de procedimentos usuais. Mais do que apontar contradições entre relatos de hábitos alimentares instituídos, o mosaico de pequenas informações recolhidas na documentação transformou-se afinal num afresco incompleto, porém, consistente. Em geral, as observações *in loco* dos autores complementaram-se. Ora especificidades regionais na disponibilidade dos gêneros comestíveis foram sugeridas, ora diferenças de provimento decorrentes da função exercida pelo cativo foram sublinhadas, ora surgiram críticas como aquelas que o padre Vieira endereçou a cristãos que não proviam sustento adequado a seus escravos, ora a comensalidade de grupinhos organizados de escravos que recebiam rações alimentares foi enfatizada, ora aludiu-se à parcerias entre escravos nos escambos de gêneros comestíveis. De modo que a questão da alimentação da mão de obra cativa se revelou

complexa. Sem pretender esgotar o tema, a presente comunicação gostaria de enfatizar alguns elementos pertinentes.

Claudia Adriana Alves Caldeira (UERJ)

Justiniano José da Rocha e o exercício da crítica literária e teatral (1833-1837)

Justiniano José da Rocha geralmente é lembrado por sua longa atuação na imprensa política ou pela autoria do opúsculo *Ação, reação, transação*. Contudo, sua contribuição não se restringiu somente a política, foi também tradutor, escritor. O presente comunicado privilegia a experiência de Justiniano José da Rocha como crítico literário e teatral em duas publicações produzidas na década de 1830: *A Revista da Sociedade Filomática da Faculdade de Direito de São Paulo* (1833) e o jornal *O Chronista* (1836-1837).

Claudia Cristina da Silva Fontineles (UFPI)

Teresina e as seduções do “Jorro Efetivo da Novidade” (década de 1970)

Os encantos e as inquietações emitidos pela cidade tem desafiado o entendimento humano em diferentes temporalidades, pois os labirintos da história encontram em seu seio lugar privilegiado para se abrigar e de lá irradiar suas provocações e construir seus enredos. Muito desse interesse ocorre porque a cidade dispõe da materialidade, erigida pela silhueta do espaço construído; da sociabilidade, obra coletiva que comporta atores e suas relações sociais, e; da sensibilidade, implicada na atribuição de significados e de valores ao mundo. Nessa perspectiva, a cidade de Teresina contém a sua história e muito da história do Piauí, pois foi escolhida como a principal vitrine das ações de Alberto Tavares Silva na condição de governador do Estado do Piauí. O presente texto discute em que medida este administrador público inscreveu seu nome na história e na memória da população dessa cidade e difundiu a ideia de ser um dos maiores – senão o maior – impulsionador da “construção” desta cidade e do próprio Estado. Esse movimento de evocação do passado passou a associar a imagem desse gestor à de um herói nesta cidade de concreto que era erigida, na qual sonho e ação entrelaçavam-se e insinuavam-se em suas ruas e prédios durante a década de 1970 – delimitação temporal do referido estudo - e nela promoviam aquilo que é nomeado na pesquisa de “jorro efetivo de novidade”, ao transformar espaços em lugares, dotando-os de significados e de memória, classificando-os e qualificando-os. Assim, a presente pesquisa analisa em que medida as inscrições construídas neste período histórico continuaram vivas, seja na forma física - expressa nos signos e símbolos nela erigidos; seja por meio das lembranças e pelos encantamentos e embates que essas ações despertaram, ao assumir a cidade a condição de cronotopo, cuja manifestação ocorre por ser um lugar no tempo e um momento no espaço. Para o desenvolvimento de tal perspectiva de pesquisa, o estudo utiliza como principais fontes históricas as fontes oficiais e hemerográficas que tratam do tema, além de se fundamentar em estudos como os de Michel de Certeau, Ilya Prigogine, Ítalo Calvino, Sandra Jatahy Pesavento e Olgária Matos.

Cláudia Helena da Cruz (UFU)

O Leitor em Cena: História e Estética na recepção do romance Bar Don Juan (1971) de Antônio Callado

Este diálogo ampara-se na estética da recepção, uma vez que ela permite trazer para cena diferentes leitores de diferentes momentos, ao mesmo tempo em que atualiza historicamente o debate e o lugar em que foi e está sendo construído. É nesse horizonte que se insere *Bar Don Juan*, um romance engajado que fez a crítica a uma “esquerda festiva”, formada pela vanguarda intelectual que se reunia em bares para discutir revolução em oposição à Ditadura Militar brasileira iniciada em 1964. O romance no seu embate/debate com o leitor/receptor foi na ocasião de seu lançamento confiscado das livrarias pela censura do governo militar e também criticado por intelectuais de esquerda que não concordaram com a visão Antônio Callado. Assim, é a partir desse diálogo que a obra apresenta-se como fonte/documento histórico e referencial teórico-metodológico que concebe o ofício do historiador no campo interdisciplinar. Espaço em que a busca pela historicidade do texto ficcional também requer o conhecimento mínimo sobre o lugar da arte, o papel que exerce na linguagem artística, ou seja, deixar a obra “falar”, a partir das questões que o próprio texto literário apresenta. Contudo, o percurso norteado pela estética da recepção, traz o leitor para o centro do debate, aliás, seu lugar de merecimento.

Claudia Musa Fay (PUCRS)

De Lisboa ao Rio pelos ares: A travessia do Atlântico por Gago Coutinho e Sacadura Cabral

Quando Sacadura Cabral e Gago Coutinho tornaram público que realizariam a travessia do oceano unindo Lisboa ao Rio, poucos acreditavam. Destacados marinheiros tinham experiências anteriores. Especialmente Gago Coutinho como demarcador de fronteiras, realizador de mapas e conhecedor de técnicas de navegação. A presente comunicação busca interpretar a impressão causada no Brasil pela travessia dos aviadores portugueses em 1922. A realização dos portugueses causou muito interesse nos jornais brasileiros e internacionais. O ineditismo do feito como as novidades técnicas introduzidas despertaram manifestações de admiração pelo progresso da aviação. Na época os voos eram arriscados, mal planejados e com muitas fatalidades. Asas quebravam, cabos rompiam, os motores perdiam velocidade. Será analisada a experiência da viagem, através dos relatos bem como a utilização e adaptação de instrumentos náuticos. A data escolhida teve grande apelo simbólico pois era comemorado no Brasil o centenário da independência. A representação e o significado da possibilidade de unir os continentes e reforçar a amizade entre os povos foi propagada pela imprensa.

Cláudia Polubriaginof (UNISA)

Paulo Fernando de Souza Campos (UNISA)

A enfermagem no Hospital do Juquery na gestão de Pacheco e Silva (1923-1937)

O presente trabalho aborda a prática de enfermagem na gestão de Antônio Carlos Pacheco e Silva (1923-1937), diretor do Hospital do Juquery. Para tanto, o estudo propõe o seguinte questionamento: de que maneira as propostas de Pacheco e Silva orientavam o cuidado de enfermagem e as relações entre médicos, enfermeiros e pacientes? Como se davam as práticas de enfermagem? Assim, este estudo tem por objetivos, analisar as práticas de enfermagem junto aos pacientes internados considerando seu modelo no contexto histórico analisado, e ainda analisar como as propostas de Pacheco e Silva orientavam as práticas de enfermagem. Para a realização deste trabalho foi utilizado o método documental, a partir da consulta ao acervo pessoal de Pacheco e Silva, depositado no Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), sobretudo o manual voltado à equipe de enfermagem “Cuidados aos Psychopaths”.

O Hospital do Juquery foi fundado em 1898, constituído para fins manicomial. A fundação institucional do Juquery ficou a cargo de Francisco Franco da Rocha, médico alienista de destaque dentro do cenário paulistano, que contou com o renomado engenheiro Ramos de Azevedo na elaboração de seu projeto arquitetônico. Pioneiro no Brasil foi concebido dentro dos princípios higienistas, sob a ótica moral, social e cultural. Pacheco e Silva foi o segundo diretor da instituição, nasceu em São Paulo, no mesmo ano em que foi inaugurado o Juquery sob a direção de Franco da Rocha. Ao optar pela formação médica, teve a sua trajetória paralela à do Juquery, que naquele momento era um manicômio reconhecido internacionalmente e que pretendia ser um modelo de assistência e de eficácia terapêutica na sua especialidade.

Os resultados permitem considerar que a obra de Pacheco e Silva serviu de cerne para a prática psiquiátrica desenvolvida no Hospital do Juquery no período de sua gestão, que lançou mão da Enfermagem para a consolidação da prática do saber médico; uma prática marcada pelo uso da força à revelia da identidade e da individualidade do doente mental. Nesse sentido, a Enfermagem Psiquiátrica ocupou um lugar à parte na realização do cuidado direto aos doentes mentais e a aplicação dos procedimentos disciplinares que possibilitavam sujeitá-los, assim como a manutenção da ordem no interior do espaço asilar. Os agentes de enfermagem foram fundamentais para a consolidação daquele modelo assistencial, entretanto, as práticas exercidas por determinados segmentos do pessoal de enfermagem, principalmente dos que não receberam preparo formal, caracterizaram uma prática marcada pelo uso da força e a execução do saber médico à revelia da identidade e da individualidade do doente mental.

Cláudia Santos Duarte (Feevale)

Marinês Andrea Kunz (Feevale)

Quanto Vale ou é Por Quilo?: reflexões possíveis acerca da ficção e da História

Este estudo analisa a obra fílmica *Quanto Vale ou é Por Quilo?* (2005), dirigida por Sérgio Bianchi, sob o viés da metaficção historiográfica, especialmente no que se refere ao tratamento do tema da representação do negro. O trabalho procura, assim, identificar os elementos do filme que instituem a ficcionalização e a reinterpretação do fato histórico da escravidão negra no Brasil, de modo que a análise discursiva da obra propõe destacar a perspectiva de autorreflexão da narrativa, capaz de problematizar a construção do conhecimento histórico por meio da ficção. O marco teórico que sustenta essa abordagem é definido, principalmente, pelos estudos de Linda Hutcheon, Mikhail

Bakhtin e Paul Ricoeur. A metodologia utilizada é a Hermenêutica de Profundidade (HP), proposta por John B. Thompson, seguindo as etapas da análise sócio-histórica da obra, a análise discursiva e, por fim, a interpretação dos elementos destacados. A proposta de análise parte da existência de quatro estratégias fundamentais para a construção metaficcional do filme: a livre adaptação de obras literárias; a utilização e a menção a documentos históricos; a paródia do discurso típico do terceiro setor e a superposição de linguagens, explorando, essencialmente, a linguagem fotográfica nos episódios que compõem a obra cinematográfica. O estudo revela que, a partir do rompimento de fronteiras entre gêneros cinematográficos e textuais, oscilando entre o drama e o documentário e entre a ficção e a História, a obra apresenta outras versões dos fatos históricos e uma possível reinterpretação das relações sociais envolvendo os negros brasileiros, seja no passado seja no presente.

Cláudio de Sá Machado Júnior (UFPR)

Possibilidades teóricas para o estudo da comunicação e da imprensa: diálogos com a História Cultural e a História da Educação

A História Cultural tem se demonstrado como uma excelente opção teórico-metodológica para o desenvolvimento de pesquisas no campo da História da Educação, especificamente quando se utiliza a imprensa como fonte de estudos. Em sua multiplicidade de manifestações, e na condição de produtos culturais que possibilitam a visibilidade de processos de aprendizagem diversos, a imprensa oferece um amplo leque de possibilidades de abordagens que podem servir como subsídios para os estudos em história da educação. Em contrapartida, exige igualmente do pesquisador um amplo conhecimento, enraizado nos fundamentos da história da comunicação às múltiplas teorias da linguagem. Com base na afirmativa de que a cultura não se dissocia das relações comunicativas, e que, neste sentido, a imprensa teve - e tem - um papel significativo na mediação de experiências culturais, o presente trabalho busca nos pressupostos teóricos de Paul Thompson e Patrick Charaudeau possibilidades teóricas para o estudo da comunicação e da imprensa, buscando diálogos com os fundamentos da História Cultural direcionados à produção do conhecimento em História da Educação. A proposta situa-se como parte da pesquisa “Fotografias da educação em revistas: performances visuais da escolarização republicana em periódicos brasileiros de variedades”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação.

Cleonice Elias da Silva (PUC/SP)

A realidade de Rio, 40 Graus: montagem, mise-em-scène e a influência da literatura realista e a de James Joyce

A historiografia clássica do cinema brasileiro reserva ao primeiro longa-metragem do cineasta Nelson Pereira dos Santos, *Rio, 40 Graus* (1955), um lugar de grande importância na história do cinema nacional, sendo ele um dos deflagradores do movimento do Cinema Novo. Este definido por Raquel Gerber (1982: 20) como uma

expressão das contradições sociais de cada momento da história brasileira, uma linguagem dominante (cinema norte-americano) foi refutada, buscou-se uma linguagem alternativa que viria se concretizar através de um cinema dotado de uma “originalidade nacional” e o caráter autoral. Tal postura possibilitaria um “resgate dos verdadeiros valores culturais nacionais”.

No decorrer desses anos e na época de seu lançamento, o qual foi marcado por um mobilização de ampla repercussão devido à censura que lhe foi imposta, *Rio, 40 Graus* sempre foi associado ao movimento Neorrealista italiano. Movimento cinematográfico que surgiu na Itália no pós Segunda Guerra Mundial, que entre outros elementos, priorizava um modelo de produção independente, cenas filmadas fora de estúdios, temáticas voltadas para as realidades sociais e a presença de atores não profissionais.

De fato, não há como ignorar a influência que Nelson Pereira dos Santos sofreu do movimento cinematográfico italiano, Mariarosaria Fabris (1990, 1994) demonstra como essa influência manifesta-se. Entretanto, o cineasta tende a afirmar que a influência do Neorrealismo em suas obras é restrita, expressa-se mais no modelo de produção adotado, ou seja, independente, desvinculado dos grandes estúdios. Afirma também que as suas concepções para a realização de seu primeiro longa-metragem sofreram influências diretas de seu trabalho como jornalista, da literatura realista brasileira da década de 1930, destaque para as obras de Jorge Amado, e a obra de James Joyce, *Ulisses*.

Diante disso pretendo apresentar uma análise do filme, a qual diz respeito a um dos desdobramentos da minha pesquisa de mestrado, visando demonstrar como que essas influências seja a do Neorrealismo e as literárias estão impressas nele, não apenas no plano temático, mas também com expressão de uma proposta estética, que nomeio como “moderna” e “divisora de águas”.

Clerismar Aparecido Longo (UnB)

A Universidade de Brasília no contexto da ditadura civil militar (1964-1985)

Nesta comunicação tem-se como objetivo apresentar parte dos resultados de uma pesquisa, realizada durante o Mestrado em História, sobre as consequências da ditadura civil militar na Universidade de Brasília, mostrando como o projeto inovador da UnB, tal como foi concebido por Darcy Ribeiro, foi interrompido com o golpe político de 1964 e como a liberdade e autonomia, principais atributos das sociedades democráticas, foram dilaceradas na ambiência acadêmica.

Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira (UNEB)

Literatura, testemunhos, arquivos: desafios de escritas historiadas

Gabriel Garcia Marquez afirmava: “não há uma única linha do que escrevo que não tenha como base a realidade”. Por diferentes veredas, o compositor delineava continuidades entre a sua escrita e os arquivos usados para montá-la, afirmava uma tessitura historiadora escondida sob a tessitura literária. Menos que montagem de ficções, Marquez indicava para sua obra efeitos de realidade, dispunham-na como uma

escrita historiadora sobre fazeres do mundo contemporâneo. O texto - “Cem anos de solidão”- foi um construto que objetivava apreender os tempos nervosos da histeria modernizadora. Por variantes diversas, a tematização, a pesquisa e a posterior escrita foram tentativas de elaboração de percepções e de institucionalização de sentidos. Enquanto testemunho, o texto foi um empreendimento historiador que guardou registros de feitura. Enquanto produção literária é uma representação de conversas de arquivos, de perguntas/respostas escolhidas diante do acervo documental, de caminhos traçados em meio a complexa selva de dados e informações. O romance, obra final, é uma condensação de roteiros, como uma obra da construção civil apresenta uma fatura de materiais utilizados e sugere outros, perdidos em escondido canto, que foram descartados, atirados fora nos momentos da elevação. Pretendo sair do “produto final”, o romance, para debater os roteiros que Marquez colocou diante de si, as escolhas arquivísticas e ainda astuciar sobre os descartes. Navegando contra a corrente, buscando nexos do texto com as oficinas em que foi escrito, pretendo surpreender o trabalho de crítica historiadora, explorando as concepções de tempo e documento, tentando dar conta das escolhas teóricas do autor para apreender os movimentos velozes da modernização da América Latina.

Cristiana Ferreira Schilder (UEPG)

Transformações urbanas e construção simbólica da praça Barão do Rio Branco (1920 - 1970)

Essa proposta é baseada no meu atual projeto de pesquisa no curso de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Aborda a construção simbólica de uma praça da cidade de Ponta Grossa a partir dos conceitos de Cultura, Memória e Patrimônio Cultural. A articulação é tecida pela perspectiva de que um patrimônio cultural é construído ao longo do tempo e adotando novos significados por sua população.

A Barão do Rio Branco constitui um espaço de disputa social, importante cenário na história da cidade de Ponta Grossa, onde recebeu diversas funcionalidades. Os conceitos abordados contribuem para a compreensão das ocupações por diferentes grupos culturais no espaço da praça, assim como suas memórias, que buscam legitimar a importância desse lugar.

A partir da perspectiva de que, ao longo do tempo esse espaço foi recebendo novas funções e significados, formando camadas simbólicas e sua importância na memória local, busca-se a legitimação deste enquanto Patrimônio Cultural da cidade.

Entendemos como Patrimônio Cultural aquele que é reivindicado por sua população, através da memória, do uso espaço e intervenções políticas. Na origem da praça (final do séc. XIX) foi construída uma capela para o uso da comunidade escrava do município. Posteriormente, no período de urbanização da cidade (começo do séc.XX) quando já estava localizada no centro da cidade, foram construídas diversas instituições (colégio estadual, convento, cinema) dos quais os usuários desfrutavam da praça. E na década de 1950, em parte da praça foi construído o primeiro terminal de ônibus (hoje extinto) da cidade.

A partir dessas características a praça tem importante referência no cenário local, e faz parte da memória de diversos grupos que dela usufruíram. Portanto acredita-se na possibilidade de legitimação do espaço enquanto Patrimônio Cultural desse município.

Cristiane de Assis Portela (CEUB)

CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL: ocorrências policiais registradas por mulheres em Brasília nos anos de 1957 e 1958

O trabalho proposto retoma o tema da construção da nova capital, Brasília, entre os anos de 1956 e 1960, destacando uma perspectiva um tanto negligenciada pela narrativa oficial, qual seja, a da violência contra mulheres naquele período. São analisados, como opostos contrastantes e complementares, o cotidiano revelado pelas fotografias e o cotidiano obliterado – porém, documentado – das ocorrências policiais registradas entre os anos de 1957 e 1958. Tanto as fotografias quanto as ocorrências policiais compõem parte do acervo documental do Arquivo Público do Distrito Federal. Estima-se que seis mil pessoas tenham chegado a Brasília até julho de 1957 e mais quinze mil até março de 1958, totalizando 21 mil novos moradores. Em 1958 a população residente na Cidade Livre (núcleo populacional pioneiro) era de 6.509 habitantes, e no acampamento central e imediações da NOVACAP (atual Candangolândia), de 3.851 habitantes. Dessa maneira, na época em que se produziram as fotografias e as ocorrências trabalhadas, a população masculina representava 62% do total dos moradores (IBGE, 1958). Os registros de ocorrências, tomadas como fontes documentais centrais, foram retiradas de um livro-ata da IIª Divisão de Segurança Pública, composto por 100 folhas e 326 registros de ocorrências, compreendendo um período de cinco meses entre 1957 e 1958. Do total de ocorrências deste volume, 34 envolvem mulheres na condição de vítimas. Ao falar de *violência contra mulheres* me refiro a uma concepção ampla: a ações que violem direitos humanos fundamentais. Se tais direitos são universais, devemos entretanto considerar que, em uma sociedade historicamente machista e que mantém fortes traços patriarcais, mulheres e homens são atingidos pela violência de maneira diferenciada. Nesse sentido, os registros policiais demonstram que os homens sofrem predominantemente com a violência praticada em espaços públicos, enquanto as mulheres, para além das violações públicas, lidam cotidianamente com a violência praticada no âmbito da vida privada. Assim, podemos afirmar que a incidência de violência no âmbito doméstico já podia ser observada como preocupante nos primeiros anos da construção de Brasília. No período analisado, um terço dos registros de violência contra mulheres se configuram como violência doméstica.

Cristiane de Castro Ramos Abud (UDESC)

Gladys Mary G. Teive (UDESC)

Corpos regulados: representações sobre a AIDS em manuais alimentares

Este artigo discute os aparatos discursivos e imagéticos da cartilha “*Alimentação e nutrição para pessoas que vivem com HIV/AIDS*”, do Ministério da Saúde (2006), distribuída nas escolas e órgãos da saúde. Com fundamentação teórica de Michel Foucault sobre saber-poder, analisa como tais aparatos contribuem para a constituição

de subjetividades, autocontrole, disciplina, representações de gênero na contemporaneidade. Tais representações foram analisadas a partir das seguintes categorias: higiene alimentar; governo dos corpos; autoconhecimento alimentar; medicalização da anormalidade; estética e cuidado corporal; representação social da mulher. Tal investigação evidencia que comportamentos e cuidados específicos são delegados ao sujeito portador de HIV/AIDS, tornando seus corpos alvos de normas referentes a um regime alimentar de vigilância e cuidados diários. Manuais como estes, são significativos documentos de investigação, que carregam indícios das marcas históricas, práticas de conduta internalizadas pelas sociedades, além de representações acerca da doença, devendo ser contextualizados e discutidos, pois estão presentes nas escolas com determinadas intenções e contradições passíveis de desconstrução.

Cristiane Garcia Teixeira (UFSC)

A revista n'O Espelho - Atividade de bastidores

O impresso *O Espelho: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes* é lançada em Setembro de 1859, pela tipografia do editor Francisco de Paula Brito - considerado por Machado de Assis o primeiro editor brasileiro digno deste nome. Sobrevive até Janeiro de 1860, alcançando um total de dezenove números, que traziam em suas páginas; poesias, romances - nacional e traduções -, notícias à mão, críticas teatrais e um espaço reservado a moda. No seu quadro de colaboradores arrolavam nomes como: Moreira de Azevedo, Casimiro de Abreu, Francisco de Paula Brito, Bruno Seabra, José Joaquim Cândido de Macedo Junior, Justiniano José da Rocha, Machado de Assis, entre outros. Eram, em geral, os mesmos colaboradores da *Marmota* de Paula Brito. Em sua primeira aparição, em um domingo datado de 4 de Setembro, o diretor e redator Eleutério de Souza nos apresenta o objetivo do *Espelho*: Uma proposta de uma publicação destinada ao público em geral, mas especialmente “ao bello sexo”. Há nesta revista algumas particularidades que torna a sua análise ainda mais interessante. Começamos por Francisco de Paula Brito, que considerado o primeiro editor brasileiro de importância - até ele o campo editorial brasileiro fora dominado por portugueses e, sobretudo franceses - movimentou uma rede de sociabilidade de intelectuais que se reuniam em sua tipografia. Nesses encontros circulavam nomes como Casimiro de Abreu e Machado de Assis que também colaboraram para a revista em questão. Nesta perspectiva, esta comunicação tem por objetivo analisar as “atividades de bastidores” do periódico *O Espelho*, pensando a revista, como afirma Sirinelli, como um lugar de relações afetivas e espaço de sociabilidade.

Cristiano Cezar Gomes da Silva (UNEAL)

Olhares sobre a história através da escritura de Graciliano Ramos: o silenciamento do período Vargas em Vidas Secas

Neste trabalho propomos um diálogo entre a História e a Literatura. Mediante a análise da obra *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, e de alguns dos seus manuscritos não ficcionais, propomos estudar esse literato nas diversas perspectivas desveladas pela sua obra e pelos seus manuscritos: escritor, militante e memorialista. Nessa direção, a obra

gracilianista, além de uma inequívoca expressão literária brasileira, é também um grande convite ao estudo e à pesquisa em história, pois nos oferece indícios, vestígios, pistas e sinais sobre as décadas de 1930 e 1940, no Brasil. Observamos um autor engajado que precisa acusar e apontar a estrutura social e as desigualdades da época. Desse modo, o autor faz da literatura uma prática de resistência ao poder estabelecido durante o governo Getúlio Vargas. Estabelece um contraponto para resistir à ordem instituída. O silenciamento do período é denunciado. A personagem Fabiano é um exemplo dessa denúncia. Vive sob o signo do silêncio. Na mudez do papagaio da família, que vive no interior de Alagoas, também há denúncia, pois apenas imita o aboiar do vaqueiro e os latidos da cachorra Baleia. Em suas narrativas, o autor faz da literatura um espaço de críticas sociais e políticas. Nessa direção, critica literatos que, a seu ver, vivem “alheios”, e cujas personagens de suas tramas não representam um contexto verossímil. Vemos um Graciliano Ramos engajado, que faz da literatura uma prática de resistência, ocupando espaços nas relações de poder. Do ponto de vista teórico, observamos que o discurso histórico e o discurso ficcional são próximos, dialogam. Ambos são linguagem e, como tal, buscam representar o mundo em sua volta, interpretá-lo, compreendê-lo, significá-lo. Para o literato mexicano Octavio Paz (2003), a linguagem tem uma essência simbólica, pois representa um elemento da realidade por outro, assim como nas metáforas. Como afirma Paz, “pela palavra o homem é uma metáfora de si mesmo”. A literatura e a história, por caminhos diferentes, produzem suas narrativas, constroem enredos e tornam inteligíveis percepções de mundo. Narrativa essa que no olhar de Sandra Pesavento (2005) “se coloca no lugar da coisa acontecida, é presentificação de uma ausência, uma representação”. Nesse sentido, Paul Ricoeur (1997) aponta que a história é quase fictícia no sentido da “quase-presença” dos acontecimentos colocados diante dos olhos do leitor por uma narrativa, enquanto que a narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irrealis que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor. Este enfoque fragmentário faz parte da pesquisa concluída junto ao Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.

Cristiéle Santos de Souza (UFPEL)

Escritas, guardados e memórias: um estudo dos Copiadores de Cartas de Dom Joaquim Ferreira de Mello

O trabalho, ora apresentado, trata das questões que envolvem a escrita e o arquivamento de cartas no ambiente clerical da primeira metade do século XX, tendo como objeto de estudo o conjunto de cartas escritas e arquivadas por Dom Joaquim, segundo Bispo de Pelotas. Cearense da região do Crato, Joaquim Ferreira de Mello trabalhou como pároco e como Vigário Geral da Arquidiocese de Fortaleza nos primeiros vinte e três anos de sua vida sacerdotal, durante os quais, também atuou como jornalista e professor. Em 1921 foi nomeado Bispo para a Diocese de Pelotas, onde permaneceu até a sua morte em 1940. Missivista entusiasta, Dom Joaquim copiou e organizou sua correspondência expedida em livros copiadores de cartas, reunindo um conjunto de aproximadamente oito mil cartas, escritas entre os anos de 1915 e 1940. A análise das cartas escritas nos primeiros anos vividos por Dom Joaquim na cidade de Pelotas reúne elementos por meio dos quais é possível pensar as necessidades e os motivos que levaram o escrevente a arquivar sua correspondência, bem como permite um olhar sobre as relações institucionais e pessoais protagonizadas por Dom Joaquim e seus correspondentes. Nesse sentido, o epistolário analisado possibilita compreender a carta como um

“testemunho involuntário” (GINZBURG, 2007, p.10) de um diálogo por escrito, a carta preservada da ação do tempo e exposta a múltiplos olhares configura uma espécie de intimidade pública, cuja leitura acontece sempre contra as intenções do autor, uma vez que o destinatário implícito em suas intenções de escrita deixou de ser o único leitor. Pensar a carta como um objeto de pesquisa implica compreendê-la na dinamicidade das relações que ela envolve, seja como “fio” no sentido de constituir e/ou compor uma narrativa dos acontecimentos vividos, ou como “rastros”, por meio dos vestígios preservados em sua materialidade. A leitura extemporânea de uma carta pode, assim, como afirma Ginzburg “fazer emergir vozes incontroladas” como um elo entre o escrever e o lembrar.

Cristina de Almeida Valença Cunha Barroso (UFS)

Anotações sobre o Museu Histórico de Japaratuba- SE

Independente da tipologia que classifica o museu, ou o realoca a um lugar específico, essa instituição tem como uma de suas finalidades a comunicação do patrimônio que preserva. Assim, é dentro dessa perspectiva que esse texto tem como objetivo construir um diagnóstico do Memorial Histórico Aciolli Sobral apontando suas potencialidades enquanto instituição que preserva e comunica a memória e o patrimônio cultural da cidade de Japaratuba/SE. Pretende-se também identificar quais objetos-documentos essa instituição preserva, como os expõe e os comunica, dessa forma é possível descobrir o que está sendo preservado da cultura e da história dos japatubenses. A pesquisa está sendo realizada, nesse primeiro momento, através da triangulação entre pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas. O Memorial Histórico Otávio Aciolli Sobral (MHAS) é uma referência para a cidade de Japaratuba. A Casa tem uma localização estratégica. Ela está alocada nas imediações da praça principal da cidade, a praça da Matriz. A cidade de Japaratuba, como a maioria dos municípios sergipanos, está ligada a lógica que relaciona a funcionalidade administrativa à religiosa e à cultural, assim as principais representações políticas, religiosas e culturais convergem suas ações para o centro da cidade, principalmente para a Praça da Matriz, dando a esse lugar uma representação simbólica significativa. Esse é um aspecto positivo no sentido de pensarmos a visibilidade e a acessibilidade ao Museu. O prédio que comporta o museu é uma antiga residência que pertenceu ao padre Caio Tavares que deixou a casa para os filhos. A riqueza da arquitetura do século XIX presente na estrutura do edifício sugere o poderio econômico da família que a construiu. Hoje, o prédio considerado histórico compõe o conjunto de casas situadas em volta da praça e é das poucas que ainda preserva traços originais e, assim, resguarda tanto em sua fachada como no seu interior a representação da memória local.

Cristina Helou Gomide (UFG/FE)

Rio Vermelho como referência cultural/patrimonial na Cidade de Goiás - uma discussão entre a literatura e as fontes impressas

Este trabalho trata de apresentar o Rio Vermelho como referência cultural para a Cidade de Goiás - antiga capital do Estado de Goiás, antes da transferência para Goiânia, a atual

e planejada capital do estado. Essa discussão nos parece fundamental à medida que traz à tona as reflexões sobre as águas como referenciais histórico/culturais/patrimoniais, mas sobretudo, sobre como estas se constituem como referenciais das vidas das pessoas ao longo da história. No caso da Cidade de Goiás, muitos registros puderam ser analisados, tais como: as fontes impressas (jornais e relatos de governo, bem como de viajantes europeus; além da literatura de Cora Coralina, responsável por apresentar literariamente, muito das experiências vividas no/e em torno do Rio Vermelho). Como o Rio corta a cidade em duas partes, tornou-se um marco, não somente da história do ciclo do ouro à época da colonização portuguesa, como também do *modus vivendi* dos moradores que ali se consolidaram. Nesse sentido, tornou-se importante para nós, problematizar o Rio como parte tanto de um mito de origem da cidade, como também de constantes experiências urbanas. Recentemente, a enchente de 2001 que quase pôs abaixo a cidade, nos instigou ainda mais à essa discussão, pois revelou a importância do Rio para os moradores locais. Desse modo, o que desejamos aqui é trazer nossas reflexões/interpretações sobre como o Rio Vermelho foi e é retratado e vivenciado na vida urbana das pessoas na Cidade de Goiás, tendo como base as fontes impressas, narradas oralmente mas, sobretudo, na literatura produzida por Cora Coralina, cuja casa esteve consolidada às margens do Rio até seu falecimento.

Cristina Meneguello (UNICAMP)

Jogo, interatividade e ensino de história: o caso da Olimpíada Nacional em História do Brasil (2009-2014)

A divulgação na área de ciências humanas é um campo em expansão, nacional e internacionalmente. Segue, entretanto, um caminho bem mais recente e bem menos estabelecido do que as áreas das ciências exatas e naturais, tais como matemática, física, química, biologia e astronomia, cujo trabalho consistente em envolvimento de grandes públicos com os temas científicos, em especial na produção de material didático e paradidático, na atuação dos museus e centros de ciências ou em eventos aos moldes de Olimpíadas Científicas, criou uma memória e uma experiência na área. De modo geral, o campo da comunicação pública das ciências sociais ainda se embate com a confusão entre a pesquisa social e o senso comum, e com a falta de formação tanto dos jornalistas nesta área (geralmente conduzida por generalistas e não a especialistas) e com o fechamento da academia para a necessidade premente de externar as pesquisas e descobertas.

Neste panorama, esta breve comunicação almeja individuar as iniciativas relacionadas à História, meu campo de atuação profissional e também área de divulgação a grandes públicos à qual venho me dedicando nos últimos 7 anos. Ao concebermos a Olimpíada Nacional em História do Brasil ainda no ano de 2008, evento que desde então venho coordenando, parecia ainda incerto avaliar em termos nacionais a relevância e as formas de ensino e divulgação da disciplina História do Brasil, no ensino fundamental e médio, para escolas públicas e particulares, usando os meios digitais. É possível coadunar a atividade da interatividade e as propostas internas ao jogo à uma possibilidade de ensino e aprendizagem de história, baseada na emulação da metodologia do trabalho de historiador? É necessário assim refletir sobre os *outreach programmes*, as mídias digitais, a história pública e a divulgação a amplos públicos.

Cristina Susigan (MACKENZIE)

A Arte Holandesa de Johannes Vermeer: Redescoberta, Reconhecimento, Apropriação

Johannes Vermeer (1632-1675), mestre holandês do século XVII, especialista em pinturas de interiores, onde normalmente retratava mulheres sós em seus afazeres domésticos, obteve um notório reconhecimento por parte dos seus contemporâneos se levarmos em conta os valores que suas obras eram comercializadas - bem acima da média dos seus colegas segundo John M. Montias em seu livro *Vermeer and His Milieu. A Web of Social History*.

Apesar de pouco se saber sobre sua vida, não termos conhecimento do local de sua aprendizagem, nem de seus mestres, bem como a existência de documentos escritos por ele, sabemos que após a sua morte, em completa ruína, por um longo período seu nome ficou esquecido no mundo da pintura, sendo redescoberto no final do século XIX, pelo crítico de arte e colecionador francês Thoré-Bürger, que resgatou a importância do mestre holandês para o mundo da arte, ao publicar na *Gazette des Beaux-Arts* um estudo da obra de Johannes Vermeer, dando assim o primeiro passo para a elevação de Vermeer à altura dos grandes mestres holandeses.

Será justamente esta dicotomia entre o mistério que ronda sua vida, sua posterior redescoberta e principalmente a admiração e reconhecimento que sua obra suscita nos mais diferentes quadrantes da sociedade - artes, literatura, cinema -, que discutiremos nesta comunicação.

O que faz um artista como Johannes Vermeer cair no ostracismo e posteriormente ser levado ao auge no mundo das artes, com grandes retrospectivas e valorização de suas obras? Se por um lado podemos apontar para a precisão de suas pinturas, pela escolha de temas intimistas e pela pequena produção, por outro, será a sua identidade como artista, que o mantém circulando no mundo da arte, seja com suas próprias obras ou através de apropriações

Cyro Roberto de Melo Nascimento (UFRN)

Uma autobiografia literária em Ovelhas negras de Caio Fernando Abreu

A coletânea de contos *Ovelhas negras*, de Caio Fernando Abreu, foi lançada em 1995, meses antes de sua morte, apresentando contos não publicados à época em que foram escritos. O volume contém narrativas datadas entre 1962 e 1995, estando contidos o primeiro e último conto do autor. Ao analisarmos a obra, percebemos certa unidade, costurada especialmente pelas apresentações que o autor faz no início de cada narrativa. Sobre o volume o próprio Caio afirmou tratar-se de uma autobiografia literária. Nossas questões são: o que seria essa “autobiografia literária”? Como a unidade da coletânea pode ser interpretada não somente como um testemunho autobiográfico do autor, mas como um relato de um conjunto de experiências históricas que adquirem uma expressão pessoal usando a literatura como escudo, o que alguns autores nomeiam hoje como “autoficcionalidade” (BARBOSA, 2008)? A partir dessa abordagem, podemos verificar a presença de temas recorrentes a todos os textos de Caio, desde os primeiros publicados nos anos 1970, entre eles repressão política e social, contracultura, homoerotismo/homoafetividade e solidão. Tais temas também são uma constante na

vida do autor (CALLEGARI, 2008), contudo, ao tentarmos pensar *Ovelhas negras* como uma representação somente autobiográfica, vemos que um conceito de autobiografia não pode ser aplicado literalmente, precisando ser matizado por uma maior atenção à encenação literária de si. Nessa perspectiva, acreditamos que a escrita não se restringe ao sujeito autor, uma vez que incorpora as vozes e anseios de seus companheiros de geração num empreendimento literário, sem contudo, se desprender da experiência social. Esta comunicação visa criar bases para compreender como se dá a relação entre a escrita de si e a representação do processo histórico que marca a construção da “autobiografia literária” de Caio Fernando Abreu.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Caio Fernando. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

BARBOSA, Néelson Luiz. *“Infinitamente pessoal”*: a autoficção de Caio Fernando Abreu, o “biógrafo da emoção”. Tese de Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, USP, 2008.

BESSA, Marcelo Secron. *Histórias Positivas*: a literatura (des)construindo a AIDS. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CALLEGARI, Jeanne. *Caio Fernando Abreu*: inventário de um escritor irremediável. São Paulo: Seoman, 2008.

LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

Daive Cristiano Lopes de Freitas (UNESP/RIO CLARO)

Salles Dounner - a estética do desamparo

Estudamos a produção de imagens do artista plástico francano Salles Dounner (1949-1996) em seu livro “Art-Nula”, situando este num contexto que se caracteriza pela precarização da vida e pela exacerbação da dimensão mecânica da sociedade. Analisamos as marcas dos processos de subjetivação do artista em seu esforço com a lida da “escultura de si”, fazendo um recorte sobre o artista na condição de narrador de seu tempo, buscando estabelecer um diálogo entre sua obra e a obra de Walter Benjamin, sobretudo nos aspectos em que o filósofo indica uma articulação entre a modernidade e a tradição. A partir da leitura de Nietzsche sobre a importância da Arte para a existência humana e ampliamos nossa abordagem na interface com a obra de Mikhail Bakhtin “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento”, através do conceito de “realismo grotesco” e do estudo sobre o carnaval europeu perceberemos as razões que levaram a produção artística de Salles Dounner se contrapor a produção artística tradicional de Franca conhecida como arte acadêmica. Entenderemos como a primeira representa uma lida da arte como uma leitura temporal da vida como um futuro do pretérito, enquanto que a segunda – sendo reflexo da belle époque caipira em Franca apresenta uma visão temporal do pretérito perfeito. Ao longo das décadas de 1960, 1970, 1980 e parte dos anos de 1990 perceberemos que em sua carreira artística Salles veio a assumir a postura característica de um flâneur do século XX em Franca, termo adotado por Walter

Benjamin para qualificar Charles Baudelaire como flâneur do século XIX em Paris, França à época do prefeito Haussmann. No último capítulo desta dissertação teremos um diálogo com a produção imagética publicada no livro *Art-Nula Desenho* no qual o artista expõe de maneira singular sua lida com os processos de subjetivação da vida e da sociedade contemporânea e suas possibilidades para uma análise crítica.

Dálete Cristiane Silva Heitor de Albuquerque (UFMT)

*O discurso estabelecido na revista *Jornal das Moças**

Este trabalho integra a pesquisa de mestrado em andamento e tem por objetivo identificar a representação estereotipada do feminino, nas colunas do semanário *Jornal das Moças*, a partir das estratégias utilizadas por esse periódico que se configura como um instrumento de fala, no possível travestimento da autoria, de mecanismos de estabelecimento de ideologias dominantes, através de um jogo implícito de mitificação. O objeto deste trabalho permeia a imagem da mulher entendendo que esta é construída a partir de uma autoria travestida do feminino. O trabalho se constitui em uma pesquisa de cunho histórico, documental e bibliográfico. O suporte escolhido como fonte de pesquisa é o semanário *Jornal das Moças*, publicado entre os anos de 1914 a 1965. O recorte temporal (1930-1945) situa-se na Era Vargas, partindo do princípio que o *Jornal das Moças* tenha sido o meio pelo qual o governo ditatorial de Getúlio Vargas poderia estabelecer seu discurso ideológico. Seu exame se deu a partir da reunião de postulados e conceitos da História da Educação, em Roger Chartier, da Sociologia, com Norbert Elias e da Linguística e Literatura, por Mikhail Bakhtin e Roland Barthes.

Dalila Zanon (UNICAMP)

A circulação dos manuscritos eclesiásticos no bispado de São Paulo na segunda metade do século XVIII

A comunicação discutirá a importância e a eficácia dos documentos manuscritos eclesiásticos na administração da diocese pelos bispos coloniais de São Paulo, uma vez que o bispado paulista foi dotado, desde sua criação em 1745, de um território que na sua amplidão trazia dificuldades para o exercício da administração episcopal. Tal realidade, comum a todas as demais unidades eclesiásticas da América Portuguesa, tentava ser superada pela escrita das cartas pastorais; através dessas correspondências oficiais os episcopos desejavam que as suas ordens atingissem e se efetivassem nos longínquos rincões dos bispados.

Mediante uma sociedade altamente letrada, as cartas pastorais destacavam-se no universo da cultura escrita colonial: sua produção pelos representantes da Igreja, circulação pelos caminhos das freguesias, publicação, reprodução e conservação nos livros de tomo das paróquias pelos párocos e pelos capelães revelam a importância da cultura letrada na difusão da doutrina religiosa, bem como a tentativa dos bispos de se fazerem presentes em todo o bispado através de seus escritos. A comunicação apresentará, portanto, um balanço da produção epistolar dos bispos de São Paulo

procurando ressaltar o impacto que tais documentos normativos causavam na realidade das freguesias ao mesmo tempo em que eram impactadas por essa realidade.

Daniel Alencar de Carvalho (UFC)

Entre o “Asilo dos Deuses Inválidos” e as Cidades Mortas: Os tempos da nação nos escritos de Monteiro Lobato (1914-1927)

Em artigo de 1926, publicado na imprensa carioca, Monteiro Lobato afirmava a inutilidade dos deuses antigos no século XX, aposentando-lhes no “Asilo dos Deuses Inválidos”. A pilhéria não é fortuita: o desenvolvimento tecnológico transformara os homens em novas entidades capazes de controlar as forças da natureza – os navios, aviões e automóveis eram uma prova incontestada. Ampliando a discussão, tudo que era “novo” nas metrópoles do país (leia-se: São Paulo e Rio de Janeiro) antecipava o “amanhã” para o “pai do Jeca” – o espiritismo, a religião do amanhã; o cinema, a arte do amanhã; o avião, o transporte do amanhã etc. O Brasil se faria no futuro, sobretudo. No entanto, o progresso não era uma força inexorável ou necessária e poderia não chegar para todos. Em novembro/dezembro de 1914, na seção “Queixas e Reclamações” do jornal *O Estado de São Paulo*, Monteiro Lobato publicara “Velha praga” e “Urupês”, criando uma caricatura que logo se tornou símbolo nacional (chegando a ser citada por Rui Barbosa em campanha presidencial): Jeca Tatu. Impenetrável ao progresso, representava o atraso, as relações de produção arcaicas, a ignorância, o paternalismo das oligarquias e os descompassos temporais existentes no país – espécie de anacronismo. Esta pesquisa busca compreender de que modo a simultaneidade de tempos históricos no território nacional é trabalhada nos escritos de Monteiro Lobato, sobretudo entre 1914-1927. Como hipótese de trabalho, acredito que o suposto descompasso entre as populações interioranas e a aceleração temporal nas metrópoles do país é sentido como uma tensão entre um “espaço de experiência”, identificado com as áreas rurais, cidades mortas que vivem do/no pretérito, abandonadas pelo poder público e idealizadas por literatos avessos a observação *in loco*, e um “horizonte de expectativas”, um Brasil onde as populações campestres pudessem ser incorporadas ao progresso, utilizando os conceitos de Reinhart Koselleck. As fontes analisadas serão os quatro títulos que enfeixam os contos do autor (“Urupês”, “Cidades Mortas”, “Negrinha” e “O macaco que se fez homem”) e seus artigos para periódicos (compilados em “Na antevéspera”, “A onda verde”, “Conferências, artigos e crônicas” e “Idéias de Jeca Tatu”). É através da reflexão desses múltiplos tempos históricos (e as diferenças socioeconômicas decorrentes) que Monteiro Lobato irá elaborar projetos para a nação, no intuito de formar a comunidade imaginada “Brasil”.

Daniel Eveling da Silva (UFJF)

A “Lenda negra” em Stendhal: uma leitura da representação contrária a Bonaparte

A utilização da literatura, pelas abordagens históricas, permite perceber determinadas nuances da sociedade e, conseqüentemente, dos contextos de produção e interpretação das obras. Nesse sentido a utilização dos métodos do denominado “Giro Linguístico” possibilitam a reinterpretação dos textos, sobretudo na perspectiva de Dominick

LaCapra. Assim, pretendo analisar as obras romanescas de Stendhal, “O vermelho e o negro” e “A Cartuxa de Parma”, comparativamente com sua obra de memória destinada à figura de Napoleão Bonaparte, pretendendo analisar como se dá uma sutil percepção imagética se oposição ao ex-imperador.

Stendhal inseriu-se nos admiradores de Bonaparte, sendo exemplo da questão de “matriz e moeda” definida por Norbert Elias (quando coexistem as percepções mais gerais da sociedade e as individuais, podendo existir algumas singularidades de pensamento). Entretanto, por mais “admirado” que o general era pelo autor outra imagética é perceptível, sutilmente, nos escritos stendhalianos: a chamada “Lenda Negra”. Obviamente isso se deve ser percebido dentro de pequenos sinais e “falas” de determinados personagens, sendo muito menos presente do que o bonapartismo. Dessa forma a recuperação da linguagem literária, analisando o texto, paralelamente ao contexto do autor e, posteriormente, do “intérprete” (podendo ser o historiador ou crítico literário) encaminha determinadas leituras possíveis de serem realizadas, demarcando novas matrizes interpretativas para as obras.

Como sabemos o bonapartismo de Stendhal é amplamente debatido e as facções opostas a ele se restringem somente a alguns personagens, mas, tais são preponderantes, em meu entender, para a compreensão das variadas matrizes sobre o ex-general, integrantes da sociedade na qual o livro se escreve. Por isso, para mim, uma leitura pelos sinais, no sentido apontado por Carlo Ginzburg, nas obras de Stendhal podem permitir que recupere uma imagem não somente de admiração, mas, também de oposição, sendo, entretanto, menos aparente. Dito isso, acredito, nas obras de Stendhal, “O vermelho e o negro”, “A Cartuxa de Parma” e “Napoleão”, como fontes individual e coletiva para poder compreender os intensos debates sobre a imagem de Bonaparte na sociedade francesa de inícios do XIX.

Daniel Ivori de Matos (UFU)

A “Guerra ao Terror” e o cinema estadunidense pós-11/09: reflexões sobre o filme Syriana (2005) a partir da Estética da Recepção

Nesta comunicação pretende-se problematizar um dos acontecimentos de maior impacto no alvorecer do século XXI, os atentados que ocorreram nos EUA em 11 de setembro de 2001. Inicialmente, nota-se uma espécie de ressentimento pós-11 de Setembro; em seguida, declarações especulativas sobre armas de destruição em massa e o discurso de divulgação da democracia pelos EUA. Neste cenário, muitos discursos políticos dos EUA sobre o terrorismo foram apropriados por vários governantes, tornando-se uma estratégia internacional contra o terrorismo, que justificaram os conflitos no Afeganistão e no Iraque, incorporando, ainda, outras discussões, estas referentes ao Oriente Médio e ao islamismo. Os filmes nesse processo constituíram-se numa prática significativa, seja a favor ou contra tais embates pós-11 de Setembro, sendo incorporadas e expressas de inúmeras formas através das estratégias da linguagem/estética da narrativa cinematográfica. Assim, objetiva-se uma análise percebendo o cinema enquanto expressão artística, fonte e agente histórico, para tal faremos uma análise do filme Syriana: a indústria do petróleo (Syriana, 2005), a partir dos estudos de Estética da Recepção.

Daniel Martins Ferreira (UnB)

O que são Manuais de Bem Morrer? - Estudo comparativo das diferentes abordagens do discurso eclesiástico sobre a salvação das almas e o juízo final, Sécs. XVII-XIX

Esta Comunicação pretende apresentar o início de uma pesquisa de mestrado que se debruça sobre os *Manuais de Bem Morrer* - escritos entre os séculos XVII-XIX - em busca de compreender as modulações ao longo do tempo da formação de uma doutrina do bem morrer, tendo em vista suas estratégias de convencimento e a conexão desse discurso com acontecimentos macro, como o lento processo de secularização da gestão dos mortos e da morte.

O primeiro problema de pesquisa é: o que define um *Manual de bem Morrer*? O gênero de livros religiosos dedicados a ensinar o caminho certo para se preparar para a morte e para salvação traça suas origens na Europa, sob o nome de *Ars Moriendi*, entre o século XII e XIV (Philippe Ariès: 2012, *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*). Entretanto, é possível traçar uma genealogia daqueles escritos até as pregações dos jesuítas portugueses, tais como Estevão de Castro (*Breve Aparelho...*, 1627), formulando instruções dos seis estágios de doença/aproximação com a morte, prescrevendo cuidados especiais a cada fase, ou mesmo José Aires (*Breve Direcção...*, 1726), em sua abordagem mais simplificada, entretanto oferecendo vários caminhos para se receber indulgências em vida e não confiar ao acaso a administração do bem mais precioso a todo cristão, que seria exatamente o bem morrer?

Acompanhando estes últimos textos, jesuíticos ou não, que serão elaborando ao longo dos séculos XVII ao XIX, pretende-se apresentar ao Simpósio uma simples pergunta, porém que apresenta vital passo metodológico a quem executa esta pesquisa: o que define um *Manual de Bem Morrer*? Quais elementos podem conferir uma segurança metodológica para definir uma base documental para a investigação da composição deste discurso do *bem viver para bem morrer*, bem sintetizado sob o adágio de *pedagogia do medo* (Cláudia Rodrigues: 2005, *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro - séculos XVIII e XIX*)?

Daniel Santos Mathias (UNISANTOS)

“Ensina a criança amar a Patria”: sinais e representações sobre a educação moral e cívica, segundo Arthur Porchat de Assis

O professor de Pedagogia do Liceu Feminino Santista, Arthur Porchat de Assis, publica em 1915 pelo Instituto D. Escholastica Rosa um tratado diretivo sobre a polivalência educacional que as instituições escolares deviam preservar e que os professores deviam aplicar. Imbuído na questão educacional, se mescla entre os debates sobre a melhor pedagogia a ser aplicada nas escolas santistas e brasileiras, Assis faz suas escolhas metodológicas e as afirma com discurso efusivo. Ele escolhe as vias do saber “positivo”, da “moral prática”, da educação “natural” e dos “deveres cívicos”, ao mesmo tempo em que propõe métodos diferenciais em relação à educação nacionalista e critica as ondas de militarização das escolas.

O tratado, publicado com o nome *Eduquemos*, pode ser analisado não somente a refletir a História social e política da formação escolar nos inícios do século XX, mas também

ser interpretado como estando sob o véu de uma configuração mental e discursiva formada na relação entre as experiências pessoais do autor (professor) e o conjunto de práticas educativas socialmente construídas no ambiente de formação da Pedagogia. Com isso, é possível identificar as representações com que recheia seu texto – no que compreendia a cultura escolar e nas formas sociais de sua visão pedagógica – e os sinais indiciários de certa singularidade na maneira de apresentação desse mesmo texto – na especificidade de certos pressupostos e sinais teóricos citados direta ou indiretamente –, que se compreende constituir um exercício metodológico árduo e profundo, mas contribuinte de uma História Cultural.

O exercício de análise de *Eduquemos* será abordado na comunicação, como fruto do trabalho coletivo de estudo teórico e debates do Grupo Interdisciplinar de Estudos Culturais de Santos, em vista de contribuir com esses conhecimentos na comunidade acadêmica e produzir um conjunto próprio e interdisciplinar de interpretações e métodos dos documentos que abordam desde a cultura e a identidade santista até os fenômenos globais que produzem as transformações sociais do ensino.

Daniela dos Santos Domingues Marino (UNIMES)

A crítica política e social nas tiras de Armandinho: um retrato da atualidade brasileira

O objetivo deste artigo é avaliar de que forma as tiras de *Armandinho* contribuem para a articulação de ideias e promovem o desenvolvimento do senso crítico de seus leitores, propiciando a discussão de temas relacionados à política e à crítica social, de maneira que o conhecimento desses leitores seja aprofundado e possibilite sua mobilização na busca da solução de problemas comuns a todos os brasileiros.

A hipótese levantada é que o uso de humor gráfico em diversos veículos de comunicação, tanto no Brasil como em outros países, favoreça a propagação de ideais e de questionamentos sobre a situação política do país. Sua repercussão pode ser rastreada durante os regimes ditatoriais enfrentados na América Latina através de pesquisas como as do professor Oswaldo Da Costa sobre em sua tese de doutorado intitulada *UMA OVELHA NEGRA NA CULTURA MIDIÁTICA: Inovações do Humor Gráfico na imprensa alternativa brasileira* e conforme previsto em Michel Foucault sobre as relações de poder detalhadas em suas obras.

Daniela Magalhães da Silveira (UFU)

A leitura de romances no contexto da circulação transatlântica dos impressos

A série de crônicas *A Semana*, de Machado de Assis, foi publicada entre 1892 e 1897, na primeira coluna da *Gazeta de Notícias*, aos domingos. Sem qualquer assinatura, a série comentava os acontecimentos noticiados ao longo da semana, usando, para tanto, a primeira pessoa. Os “telegramas” foram uma das principais fontes utilizadas pelo literato para a construção desses textos. Os jornais oitocentistas, em sua maior parte, dedicavam um importante espaço para as notícias enviadas de vários lugares do Brasil e também do exterior. Desse modo, os “telegramas” informavam sobre os conflitos ocorridos na região de Mato Grosso, por exemplo, e também sobre os países europeus e da América. Entretanto, o narrador da série de

crônicas estudadas mostra como aqueles pequenos textos muitas vezes eram contraditórios, confusos e cheios de dubiedades. Ao realizar esse movimento, Machado de Assis colocava em evidência a pouca confiabilidade que os leitores seus contemporâneos deveriam despende para com aquela seção que aparecia de forma tão neutra, livre de paixões e com o objetivo de apenas informar sobre aquilo que se passava em lugares distantes da capital federal. O objetivo deste trabalho será, portanto, o de enfrentar a construção do narrador da última série de crônicas publicadas por Machado de Assis, chamando atenção para a importância da seção “telegramas” ao longo dos dois primeiros anos de publicação das crônicas no jornal.

Daniela Marzola Fialho (UFRGS)

Os mapas “esquecidos” da cidade de Porto Alegre

Nas relações entre a história urbana e suas representações gráficas, o passado da cidade pode ser lido através de múltiplas representações. Neste trabalho privilegia-se a leitura da história da cidade em seus mapas. Os mapas históricos de uma cidade mostram bem as suas múltiplas espacialidades e temporalidades. Neste sentido trabalha-se com as relações entre a história urbana e a cartografia considerando a cartografia enquanto produção histórica da cidade. Como representação da cidade, o mapa é uma construção imaginária (da realidade) mas que tem o poder não só de orientar o olhar e a percepção (do real) como também de criar a paisagem urbana que representa. Os mapas são vistos, aqui, como discursos que produzem os objetos de que falam. Trata-se, então de perseguir as identidades e as mudanças urbanas que as plantas da cidade mostram ao longo do tempo, no seu contexto histórico, geográfico e paisagístico. Porto Alegre (RS), foi fundada oficialmente em 26 de março de 1772. No entanto, o primeiro mapa existente fisicamente data de 1833. Ora, entre 1772 e 1833 pode-se encontrar ao longo da história da cidade documentos e relatos sobre mapas que teriam sido feitos no período. Este trabalho discorre acerca desses mapas inexistentes fisicamente e da discussão que tem sido feita sobre a existência ou não dos mesmos. Costuma-se afirmar que a cartografia das cidades surge para responder à necessidade de delimitar, conhecer e governar o território urbano. Os primeiros mapas de Porto Alegre, objeto de análise desse estudo, mostram que eles aparentemente foram capazes de responder a essa necessidade. Ora, pelo fato de que essa abordagem que relaciona história e cartografia permitir ir muito além da questão da representação da cidade pelo mapa, numa linguagem concreta de dominação, conhecimento e governo do território, os mapas inexistentes, desaparecidos, “esquecidos” também contam uma história. Tomada como “imagem locacional”, a cartografia da cidade relaciona-se com a paisagem urbana dirigida não só para a descrição das realidades físicas e humanas da cidade, mas também para a construção de um imaginário do “lugar”, ou seja, do território das idealidades coletivas. Neste sentido, o mapa sendo uma imagem da cidade produz também a memória da mesma. Os mapas inexistentes, “esquecidos” podem ser percebidos segundo Ricoeur (2000) “como um atentado contra a fiabilidade da memória. Um golpe, uma debilidade. A memória, a este respeito, se define, ao menos em primeira instância, como luta contra o esquecimento”. Estes mapas “esquecidos”, inexistentes podem, portanto, ter a ver com a manipulação da memória da cidade.

RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000. p.532.

Daniela Mountian (USP)

As cadernetas de Daniil Kharms

O destino dos manuscritos do escritor, poeta e dramaturgo Daniil Kharms (1905-1942), um dos artistas mais singulares e criativos do vanguardismo russo dos anos 1930, foi milagroso: dias antes do Cerco de Leningrado, os papéis foram salvos pelas mãos do filósofo Iákov Drúskin (1901-1980), que os apanhou na casa do escritor depois de este ter sido preso, pelo NKVD, pela segunda e última vez, em agosto de 1941. A mítica mala na qual Drúskin carregou o material sobreviveu à evacuação e a dias ainda tenebrosos do regime soviético e finalmente, em 1979, o conteúdo contido nela chegou ao Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da Rússia (então Saltykóv-Schedrin), em São Petersburgo. Entre os manuscritos, constam 37 cadernetas com apontamentos pessoais e alguns documentos avulsos, nos quais se inclui seu diário – cadernos a que Kharms era muito apegado.

A proposta da comunicação é apresentar parte desses cadernos de anotações e do diário, destacando alguns aspectos: relevância histórica, tanto para a reconstituição dos grupos de vanguarda do qual Kharms fez parte como para a do momento histórico em que viveu; fonte para pesquisa, uma vez que o autor elencava os livros que lia, além de suas ideias e idiossincrasias; e, sobretudo, a relação que essas cadernetas estabelecem com a produção ficcional do escritor.

Ao longo de 1930, década em que cria obras-primas como a série “Causos” e a novela “A velha”, Daniil Kharms inaugura uma forma de escrita na qual suas anotações pessoais exercem papel fundamental. Ele não apenas surge em muitos textos como narrador como utiliza fragmentos de suas cartas e cadernetas neles. Neste momento, é impossível delinear limites claros entre obra e artista, é quando Kharms passa a transitar com muita fluidez entre elementos literários e não literários, é quando, já isolado do mundo exterior, sua vida toma um rumo trágico e inteiramente artístico. Não por acaso, muitas das peças e produções atuais baseadas em suas obras misturam elementos literários com as notas de seu diário.

Por fim, também serão abordadas algumas questões relacionadas com a recepção da obra de Daniil Kharms, ou com o destino de seus textos: como basicamente nada do que escreveu destinado ao público adulto foi publicado durante sua vida, a edição de suas obras é sempre alvo de discussões. Pelo estilo híbrido e transgressor, tornou-se difícil classificar parte de sua criação, havendo discrepâncias entre as edições.

Daniela Reis de Moraes (UNESP/ASSIS)

A questão do policentrismo urbano: a cidade como espaço de disputas em Londrina-PR

A arquitetura urbana, mais que apenas um elemento concreto, se mostra como espaço de disputas. Nela pode-se perceber como as relações de sociabilidades se dão a partir das organizações do meio urbano. Os elementos que compõem o espaço urbano são dignos de interpretações sob o olhar histórico, pois pertencem a um conjunto de subsídios elaborados pelas vivências humanas. Portanto, compreendemos que lançar o olhar sobre a cidade a partir do prisma da história, nos faz compreender que não se trata de um objeto livre de intenções, mas, sobretudo, carregado de representações. Nossa

opção de análise liga-se à visão metodológica de que a cidade é um constructo e a partir desse olhar será analisada uma concepção da geografia urbana que aponta a cidade de Londrina-PR, como policêntrica, ou seja, detentora de três centralidades. Desse modo, além de nos inteirarmos a tal consideração, procuraremos entender como essa concepção afeta quem habita em tais “centros”, bem como o poder público se apropria desse discurso e efetiva de forma positiva tal narrativa para a cidade em geral. Entendemos que as reflexões em torno da questão da representação será um importante aporte para o entendimento de como o espaço urbano se mostra indo além de um elemento concreto, mas vivo que corrobora as dinâmicas das relações sociais e históricas.

Daniele Maria Megid (UNICAMP)

De Botafogo à Tijuca: sobrevivência e autonomia feminina nas Várias histórias de Machado de Assis

Várias histórias é a quinta coletânea de contos de Machado de Assis, e saiu, segundo a data impressa na primeira edição, em 1896, ainda que desde a metade de outubro do ano anterior já começassem a surgir na imprensa do Rio de Janeiro resenhas críticas ou notícias sobre a chegada do livro. Os dezesseis contos que integram a coletânea tiveram sua primeira versão publicada na *Gazeta de Notícias*, entre 1884 e 1891, sendo que quatorze deles apareceram no periódico nos anos de 1884 a 1886. Ou seja, o literato levou quase uma década para reuni-los em livro. Esse longo intervalo de tempo faz com que conhecer o processo de composição do volume passe por buscar um sentido que confira unidade a ele, especialmente porque, reunidos lado a lado, os contos podem tornar evidentes novos significados. O próprio Machado de Assis, em carta escrita a Magalhães de Azeredo em 1895, diz que o que lhe agradou nesse livro “foi ver que, embora composto, parte dele, há dez anos, não pareceu velho aos que o leram; concluo que há nele alguma coisa que prescinde do momento da concepção”. Sendo assim, é necessário tentar compreender qual seria essa “coisa”, esse tema que prescindiria o momento da concepção dos contos e tornaria a aflorar em 1895, quando por força de um trabalho editorial aqueles textos fossem obrigados a dialogar entre si.

Como o problema é complexo, certamente aceita mais de uma solução. Nesta comunicação, o caminho a ser percorrido parte da compreensão de *Várias histórias* como integrante de uma discussão que ganhava importância nos anos finais do século XIX – a questão dos riscos e violências a que estavam susceptíveis as mulheres e, de forma mais específica, dos frequentes casos de uxoricídios ocorridos no Rio de Janeiro à essa época. Comentários publicados na imprensa sobre esse tema e a recepção surgida em torno da coletânea machadiana levantam indícios sobre a possibilidade de se compreender o livro dentro dessa chave de leitura. Em outros momentos de sua trajetória literária Machado já demonstrara a postura de assumir a literatura como veículo de debate e de intervenção social. Nosso objetivo será mostrar como, em *Várias histórias*, o autor, ao optar por abrir o volume com uma de suas narrativas mais trágicas, “A cartomante”, pode ter enviado um sinal de alerta aos perigos que rodeavam as mulheres. A partir daí, era preciso discutir como, então, nesse ambiente violento e opressor, era possível que as leitoras mantivessem sua liberdade e criassem espaços de autonomia sem colocar em perigo a própria vida. Os contos seguintes talvez tenham auxiliado a encontrar alternativas para essa situação.

Daniele Saucedo (PUC/PR)

O Restaurante Bologna inserido no campo da história da alimentação sob a ótica da imprensa foi o resultado de pesquisa do terceiro capítulo da dissertação de mestrado *DO PRIVADO AO PÚBLICO: O UNIVERSO DO RESTAURANTE BOLOGNA*. Os registros sobre o Restaurante Bologna foram pesquisados na imprensa local, estadual e nacional. Na maioria das vezes as notas e artigos de imprensa revelaram como maior objetivo o de divulgar a comida italiana do restaurante. Essas notícias estão em sua maioria localizadas em colunas especiais de Gastronomia ou até em colunas sociais. Aparecem como notícias referentes à história da Família Caliceti e de sua empresa. Existem também entrevistas com os membros da família e de personalidades nacionais (artistas, músicos, políticos etc). As notícias aparecem, sobretudo a partir dos anos 80, e crescem na década de 90; cabe ressaltar matérias longas que relatam sobretudo o histórico da Família Caliceti e a ascensão do restaurante. É interessante notar como o Restaurante é também muito valorizado fora do Estado, inclusive por não paranaenses. Em alguns artigos os depoimentos passam também por impressões psicológicas, lembranças que ficaram na memória de quem provou algo, de entrevistas que ressaltam determinados pratos e lembranças que estes provocaram na memória de quem os comeu. Também há na imprensa notícias que relatam prêmios que o Restaurante Bologna ganhou, como por exemplo o prêmio Charles Degula, que foi baseada em pesquisa e publicado na seção "À mesa", do jornal O Estado do Paraná, foi concedido ao Bologna com o título de "preferido dos Curitibanos anos de 1987 a 1988". Desta forma os artigos de imprensa possibilitaram a construção de uma faceta da história do Restaurante Bologna que só foi possível graças a estas fontes.

Danielle Barros Silva Fortuna (FIOCRUZ)

Adaptação de uma HQ Poético-filosófica para Performance Transmídia: Da HQ "Borbopoemas" à Performance "O Selvagem"

O artigo apresenta a história em quadrinhos "Borbopoemas", obra do gênero poético-filosófico, presente na revista seriada "Artlectos e Pós-humanos" #6 (Editora Marca de Fantasia/UFPB, 2012) e contextualizada no universo ficcional transmídia da "Aurora Pós-humana". Trata também do processo de adaptação da narrativa quadrinhística para a performance transmídia "O Selvagem" da banda performática "Posthuman Tantra". Dentre as HQs de autor, o gênero de quadrinhos poético-filosófico traz a proposta criativa de expressão do ideário estético e reflexivo de seus autores como um de seus preceitos. A criação das HQs do número 6 da revista "Artlectos e Pós-humanos" esteve diretamente ligada à proposta poético-performática de Edgar Franco em transmutar-se em Ciberpajé, "Borbopoemas" é uma dessas HQs. O "Posthuman Tantra" foi criado em 2004 por Edgar Franco, as suas performances envolvem música eletrônica digital, interação com vídeos, efeitos computacionais de realidade aumentada (RA) e elementos de mágica eletrônica. Esse artigo objetiva identificar e relacionar aspectos estéticos e conceituais da HQ "Borbopoemas" e seus desdobramentos na videoperformance "O Selvagem", do Posthuman Tantra. "Borbopoemas" destaca a mensagem poética de estarmos focados no presente, conectados ao universo, e vivendo a vida com leveza. A partir da HQ, Franco criou a faixa musical "O Selvagem" que tem como letra o trecho da HQ: "Quero ser leve como uma borboleta, selvagem como um lobo e brincalhão

como um cão”. Também utilizando imagens da HQ, foi desenvolvido um vídeo para ser projetado durante a performance, quando Franco interpreta a música e interage diretamente com o videoclipe que é projetado sobre seu corpo. O universo ficcional da “Aurora Pós-humana” permeia a criação multimídia de Franco e instiga reflexões a partir da perspectiva pós-humana sobre nossa condição humana em questões filosóficas ligadas a assuntos como a tecnologia, degradação e transcendência. Nesse sentido, tanto a HQ “Borbopoemas” como a performance “O Selvagem” são obras com potencial de uso como ferramenta didática para discussão de conteúdo relacionados a Ciência Tecnologia e Sociedade (CTS) como uma rica estratégia pedagógica multidisciplinar.

Danielle Heberle Viegas (PUCRS)

A cidade como um organismo doente, o Urbanismo como a cura: os usos do sanitarianismo na busca pela construção de uma cidade metropolitana industrial no Sul do Brasil

Aliando a noção defendida por Bernard Lepetit sobre as múltiplas temporalidades presentes em uma cidade com a perspectiva de Paul Ricoeur a respeito da desnaturalização de narrativas causais, essa comunicação aborda a formação urbana da cidade de Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. O Município é notoriamente conhecido como um pólo industrial, não obstante a sua representação histórica como uma cidade-dormitório. Questiona-se de que forma determinadas narrativas pautaram uma memória específica sobre a urbe, referindo-a como uma cidade-industrial, em detrimento de práticas sociais que a associam a uma cidade-operária. Tal problemática será abordada a partir da análise de um projeto urbanístico elaborado na década de 1940 pelo urbanista Ruy de Viveiros Leiria, cujo principal objetivo foi a criação de um bairro-modelo cujos referenciais urbanísticos são as cidades-jardins europeias. O Plano de Leiria para a cidade de Canoas pode ser acessado através de três fontes de pesquisa, em especial: o Projeto da Vila Mauá (1941), o Projeto de Reurbanização de Canoas (1944) e o Pré-Plano para a cidade de Canoas (1948). O Projeto como um todo resguarda peculiaridades, tal como o fato de compor um esforço inicial de disciplinar a urbanização considerava vertiginosa e ser fortemente pontuada por preceitos sanitaristas. São questões: quais repertórios foram agregados dos cenários urbanos de Canoas através deste Plano? E quais demandas foram excluídas para que às expectativas ligadas à consolidação do projeto de *cidade industrial* fossem cumpridas? O estudo busca investir, portanto, na diversificação da História Urbana no Brasil, usualmente concentrada na análise de cidades capitais; procura investir, ainda, na valorização outras versões que podem ser narradas a partir escrita da história de cidades metropolitanas, senão as que as sentenciam como locais de trabalho e/ou residência.

Danielle Machado Cavalcante (UNEB)

Cartas para Portugal: fontes para a história da Bahia entre os anos de 1821 - 1824

Segundo a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, a renovação historiográfica potencializada pela emergência da História Cultural francesa, com a chamada Terceira Geração da Escola dos Annales no final dos anos de 1970, possibilitou aos estudos históricos inovações de ordem metodológica e teórica que resultaram numa variada

produção acadêmica. Desta maneira, temas e objetos antes rejeitados pelo historiador, começam a ganhar importância, utilizando-se novas fontes e relendo-se as antigas com outros olhares.

A partir disso, intentamos analisar o processo de emancipação política na Bahia, através do estudo de correspondências, tentando ressaltar sua importância como fonte para a história da vida social e privada da Bahia no século XIX. Como exemplo, utilizaremos a trajetória de uma família luso-brasileira que vivenciou entre os anos de 1821 a 1824 o período em que culminou o processo conhecido como Independência do Brasil na Bahia.

Para entendermos esse percurso, utilizaremos as correspondências trocadas entre os familiares Pinto da França, coletadas e publicadas com o título de: “As Cartas Baianas, 1821-1824: Subsídios para o estudo dos problemas da opção na Independência brasileira”. Composta por 51 missivas, nessas cartas, estão presentes as dúvidas, saudades, incertezas, lucidez, medos, sofrimento, juras de amor e a escolha entre o Brasil e Portugal, por parte dos membros dessa família. Reunidas por um descendente distante de D. Maria Bárbara Gárças Madureira Pinto, as cartas trocadas remetiam a vários autores, no entanto, centrava-se na intensa correspondência enviada por ela ao marido ausente, Luís Paulino d’Oliveira Pinto da França (1771-1824), que fora eleito Deputado às Cortes em 1821 e tinha se deslocado para Portugal.

Durante quatro anos essa família Luso-brasileira se comunicou através das cartas, e por elas eram registradas os acontecimentos que vigoraram nesse período, destacando-se principalmente, os assuntos que diziam respeito ao processo de independência política, o antilusitanismo e as dificuldades sociais e econômicas da Província da Bahia, que se refletiam na administração do engenho da família. Diante do que foi exposto, As Cartas Baianas trazem para o cenário historiográfico brasileiro e principalmente, baiano, novas abordagens e uma nova possibilidade de fonte para a reconstrução da História da Bahia. Uma fonte em que é possível verificar o cotidiano, os pensamentos daqueles que estavam vivenciando o período e as atitudes entre os anos mencionados.

Danilo Almeida Patrício (UFMG)

Destinos vividos: percurso viajante em “Corpo de Baile” de Guimarães Rosa

Mirando nas vivências sociais da informalidade das populações em movimento dos sertões brasileiros, busca-se percorrer repertórios e desdobramentos na obra literária *Corpo de Baile* (João Guimarães Rosa - 1956), evidenciando sociabilidade a partir de universos como o da família e o do trabalho, contextualizados na teia de poderes que se desenrola no terreno dos afetos, percorrendo lugares como os da sexualidade, violência e sociabilidades. São lugares de força que, no caso do trabalho, por exemplo, possibilitam perceber o desejo de inserção em espaços que se formam e, ao mesmo tempo, vislumbram ações que os contestam, pela inadequação a tais espaços, pela fuga ao que se impõe ou pela inventividade que, através de práticas dos personagens, desconstrói e *desautoriza* supostos modelos que carregam e difundem imagens de poder. A criação artística está articulada com as experiências de populações que, no universo dos pobres brasileiros, formam a mão-de-obra das fazendas, em transformação - automatizando-se - no ir e vir entre o rural e as cidades que se formam no cenário desenvolvimentista brasileiro da segunda metade do século XX. A escrita literária de *Corpo de Baile*, em sete estórias/novelas, descortina embates e anseios a partir do corpus

de Cultura. O grande corpus documental de mais de 800 páginas carrega várias estórias, personagens e temáticas que podem ser lidas com olhar historiográfico reflexivo. São tramas que se dispersam em fragmentos que podem ser avistados em uma trama geral: a estória de Miguel, criança na abertura, novela “Campo Geral”, e homem feito que ‘retorna’ ao sertão como veterinário (ciência-natureza?), no fechamento inconcluso da novela “Buriti”. O movimento intenso das duas narrativas e das cinco que as interpõem abrem possibilidades para pensar os corpos como espaços de acontecimento da história, que se materializam como tempo na condição de percurso das ações que se desenrolam externando potencialidades de pensar os personagens pelas experiências que vivenciam. Elas estão no livro não como mera representação de uma suposta realidade única, mas como “teoria dos processos históricos” (CERTEAU, 2011), que se constituem em fértil terreno de diálogo para Leituras, evitando a armadilha de um (único) mero desvendar literário. Tais vivências são perceptíveis pelos afetos – violências, amores, sexualidade – , como no poema-novelesco Cara-de-Bronze. O personagem-título é um fazendeiro solitário, degradado corporalmente e resignado em seu quarto enigmático. A história vivencia mudanças em curso, que se relacionam com o fato do protagonista ter vendido a fazenda para novos proprietários que irão imprimir modelo administrativo automatizado, visando o criatório produtivo de muitos bois para o “abastecimento das cidades”.

Danilo Alves Bezerra (UNESP/ Assis)

Carnaval carioca: do cultural ao político

O objetivo dessa proposta é refletir sobre o que há de político em uma prática cultural como o carnaval carioca. A partir de uma perspectiva cronológica de publicação, os trabalhos que tratam dessa festa e de suas interfaces com as questões do político e do social - especificamente no que se refere ao século XX - serão analisados para pontuar o estatuto das práticas culturais no âmbito da escrita da História. Alocadas no campo da cultura, as festas foram caracterizadas durante décadas pelas ciências humanas como práticas que não atraíam as atenções dos historiadores justamente por não comportarem os sentidos políticos e sociais então privilegiados pela pesquisa histórica. Não figurando, portanto, nas temáticas próprias da escrita da História, paulatinamente, o carnaval foi apropriado pelos estudos históricos a partir do momento em que, para se defender enquanto ciência, a História assimilou a Antropologia, seus objetos e suas ferramentas para proteger seu espaço no campo do conhecimento.

Discorrer sobre a intersecção dessas áreas e, sobretudo, o peso do político na constituição de uma prática cultural constitui o eixo central dessa comunicação.

Danilo Celso Pereira (USP)

Entre a preservação da memória e da natureza: o caso do Parque Estadual da Ilha Anchieta

Transformada em Parque Estadual em 1977 através do decreto 9.626, a Ilha Anchieta trouxe ao cenário das Unidades de Conservação do estado de São Paulo novos paradigmas, quando passa a ser premente aos Planos de Manejo o estabelecimento de

Zonas de Uso intensivo para abranger “Áreas Histórico-Culturais” com a finalidade de preservar as instalações históricas, permitindo o uso público (GUILLAUMON, 1989).

Isso se dá ao fato do Parque Estadual da Ilha Anchieta (PEIA), localizado em Ubatuba (SP), abrigar hoje em seu espaço as ruínas do Instituto Disciplinar e da Colônia Correccional que funcionaram na ilha entre 1902 a 1955. É importante salientar que o presente edifício foi projetado pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo.

Em 1985 a Secretaria de Estado da Cultura, através da resolução n. 40 de 6 de junho de 1985, promoveu o tombamento da área da Serra do Mar e Paranapiacaba, com seus Parques, Reservas e Áreas de Proteção Ambiental, além dos esporões, morros isolados, ilhas e trechos das planícies litorânea (SÃO PAULO, 1985). À este conjunto se incluiu o PEIA como de interesse ao patrimônio paulista, ficando sob tutela do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT).

Nesse sentido, a gestão desse patrimônio é de competência, enquanto Unidade de Conservação, do Instituto Florestal (a partir de 2006 a atribuição passa à Fundação Florestal), já a Constituição paulista estabelece no Artigo 260 de 1968 que a competência da salvaguarda do patrimônio cultural e natural é do CONDEPHAAT, o que mostra ser necessária uma gestão compartilhada entre esses órgãos.

Deste modo, temos como objetivo nesta comunicação evidenciar a problemática da preservação do patrimônio e da memória do PEIA, com um olhar especial aos remanescentes do complexo prisional e da memória que este lugar guarda, mas que está se perdendo em detrimento de um discurso técnico-científico de caráter ecológico que enfatiza a importância da ilha apenas enquanto reserva ecológica.

Entendemos a Ilha Anchieta enquanto um lugar de memória, onde foi possível compartilhar, no tempo, experiências sociais e cotidianas e, portanto, lugares capazes de reter, guardar e expressar essas lembranças coletivas, contudo, os projetos de educação desenvolvidas no PEIA tendem a enfatizar as memórias dos militares, ou seja, se sobrepõem uma memória institucional, do Estado, em detrimento de outra que se busca apagar, a dos presos.

No que se refere à natureza, assim como Scifoni (2010), a entendemos como parte da vida humana, uma natureza social, pois é testemunho dos processos naturais e das relações criadas entre os seus elementos além de fazer parte da memória humana, já que assume um significado e sentido para diferentes grupos sociais, tornando-se, portanto, uma referência histórica que é introduzida na memória social, e não como uma natureza monumentalizada que deva ser intocada como enfatizam os discursos de caráter ecológico.

Danilo Luiz Marques (PUC/SP)

Quilombo: a arte da memória negra sobre Palmares nas Alagoas Oitocentista

O Quilombo dos Palmares, apesar de fundada a guerra contra a hegemonia senhorial no século XVII, tem uma forte relação com a história da formação da Província de Alagoas no século XIX. O espaço alagoano foi formado à “sombra” da simbologia de Palmares, as elites se utilizaram de um discurso negativo em relação aos aquilombados da Serra da Barriga, algo reforçado na memória local através de uma educação oficial que vangloriava

a vitória das forças contrárias aos quilombos. O Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano (antigo IAGA e atual IHGAL) teve uma participação ativa nesse processo, publicando em suas revistas artigos que marginalizavam os palmarinos, exercendo um papel de consolidar uma memória negativa em torno de Palmares, papel este que estava dentro de um projeto político ligado à consolidação da Província das Alagoas pelos grupos dominantes no poder. Na conjuntura oitocentista, os acontecimentos em Palmares soavam como terror para as autoridades e senhores escravistas da recém criada Província das Alagoas, por isso, a memória oficial procurou marginalizar os aquilombados da Serra da Barriga. Em contrapartida, ocorreu a formação de uma identidade negra da quilombagem, a qual arraigava um ideário de liberdade vinculado à memória do Quilombo de forma positiva na mentalidade popular, tendo, segundo alguns folcloristas, o “Auto do Quilombo” como uma das manifestações culturais que realçavam essa memória. Advindos de tradicionais culturas orais, os povos da diáspora africana, possuem possibilidades de memorização corporal, suas expressões e formas de ser, viver e relacionar foram reatualizadas e incorporadas em diversas práticas culturais. Deste modo, elaboraram a construção de um conhecimento na contramão, atentar à ela possibilita desconstruir imagens produzidas na colonialidade. Deste modo, compreendemos que a prática cultural Quilombo foi um dos vários espaços desenvolvidos pelas populações afro-diáspóricas com o intuito de preservar suas memórias de luta e resistência contra a escravidão, e manter vivos os seus horizontes de liberdade. Assim como outras práticas culturais provindas de matrizes africanas, o Quilombo, subverte os modelos culturais tradicionais orientados para a nação, possibilitando uma memória alternativa aquela propagada pelo IAGA, dotada de uma epistemologia colonial. As culturas afro-diáspóricas descentram os modelos ocidentais-europeus que constituem uma história nacional europeia, que no caso aqui estudado criou uma memória de Palmares marginalizando os quilombolas e os colocando como inimigos, como o “outro”, algo que era perigoso para a recém criada Província das Alagoas.

Danilo Wenseslau Ferrari (UNESP/Assis)

Uma reportagem contra Vargas: a análise da entrevista entre Joel Silveira e Monteiro Lobato

Esta comunicação apresentará a análise de uma reportagem realizada pelo jornalista Joel Silveira, em 1943, a respeito de Monteiro Lobato. O texto fez parte da produção jornalística de Silveira em seus primeiros anos de carreira, antes de se tornar o reconhecido correspondente de guerra que acompanhou a FEB (Força Expedicionária Brasileira) nos embates finais da Segunda Guerra Mundial. O texto, publicado na revista *Diretrizes (RJ)*, teve importância na trajetória destes dois intelectuais de gerações diversas: foi republicado nos *Prefácios e entrevistas*, do já consagrado Lobato, e lembrado nas muitas memórias e coletâneas de reportagens, do iniciante Silveira. Para além dos usos pessoais, a matéria abordou questões políticas tão caras à época do Estado Novo de Vargas e também catalisou transformações na história da reportagem enquanto gênero jornalístico.

Joel Silveira e a revista *Diretrizes* estavam na mira da acirrada censura estado-novista, por conta de seus posicionamentos contrários ao regime. A escolha de Lobato para a entrevista não foi inocente, pois ele bateu-se contra o governo pela questão do petróleo e foi preso devido a sua atuação. No que tange aos aspectos da reportagem, Joel tentava firmar-se como jornalista e repórter numa época em que a profissão ainda não tinha suas fronteiras definidas mediante a literatura. Assim, em seus textos, pretendia construir sua identidade profissional relacionando

ao seu ofício a busca pelo “furo” e pela aventura, características que permanecem na ideia de jornalismo atual.

Davi Machado da Rocha (UNESP)

Imagens do suicídio em romances oitocentistas: Rio de Janeiro (1838-1900)

Durante o século XIX, a configuração social do Rio de Janeiro foi profundamente impactada pelos hábitos e valores da corte europeia. As medidas adotadas por D. João VI após seu desembarque no Rio de Janeiro ofereceram os elementos necessários para a construção de um modo de vida marcadamente urbano. Nesse novo cenário, a recorrência de atos suicidas passa a ser objeto de inquietação e reflexão pela sociedade fluminense. Temática abundante nos periódicos, o suicídio também é abordado entre os romancistas brasileiros. Nesse sentido, o presente trabalho pretende apresentar a construção da morte voluntária nos romances e folhetins cariocas produzidos entre 1838 e 1900. Como tentaremos demonstrar, o suicídio é visto pelos homens de letras – considerando a assumida pretensão civilizatória dos textos literários oitocentistas – como parte dos vícios que corrompem a sociedade, ou melhor, como expressão da degradação dos costumes que se verifica com o desenvolvimento da vida moderna. As reflexões em torno da morte voluntária são, em última instância, construtos morais e regulativos da vida social fluminense. Mobilizam tipos sociais, práticas e juízos que nos dizem algo sobre os valores e sentidos construídos pelos literatos brasileiros para orientar e educar o público leitor.

Dayana Façanha (UNICAMP)

Ruína e nostalgia: o enredo de O tronco do ipê, de José de Alencar, e os debates em torno da emancipação escrava entre 1870 e 1871

Em maio de 1871, José de Alencar, à época deputado, publicou *O tronco do ipê*, direto em volume, pela casa editorial de B. L. Garnier, na Corte imperial. Explorando mistério e intrigas em torno de uma morte inesperada e de uma sucessão de herança mal explicada, a estória se passa no Vale do Paraíba fluminense, na fazenda de Nossa Senhora do Boqueirão, em 1850. Por sua vez, o tempo suposto da narrativa é 1871, ano de publicação da obra. Essas duas temporalidades influenciam a forma como se faz a descrição da fazenda. O tom nostálgico envolve a fala do narrador ao relembrar o passado, quando “Era linda a situação da fazenda de Nossa Senhora do Boqueirão”, cujas “águas majestosas do Paraíba” regavam “terras fertilíssimas, cobertas de abundantes lavouras e extensas matas virgens”. A fazenda era formada pelo “vasto e custoso edifício” da Casa Grande, “assentada no cimo da colina”, contando com “fábricas e casas de lavoura”, habitação do administrador, capela, horta, pomar etc. e, não poderia faltar, “a senzala dos escravos”. Tudo isso nos anos de ouro de 1850. De volta ao tempo presente da narrativa, anuncia-se bruscamente que “Tudo isso desapareceu; a fazenda de Nossa Senhora do Boqueirão já não existe. Os edifícios arruinaram-se; as plantações em grande parte ao abandono morreram sufocadas pelo mato”.

José de Alencar publica *O tronco do ipê* em 1871 sob o impacto da irrupção do tema da emancipação dos escravos na pauta parlamentar desde o ano anterior, logo após o fim da guerra do Paraguai. Se, por um lado, já naquela sessão, estabelecera-se uma pressão política favorável

à aprovação de alguma medida de emancipação, também se explicitaram os descontentamentos. No parlamento, enfatizou-se uma lista de carências materiais da chamada “lavoura”, que precisava ser atendida antes da emancipação. Na imprensa, fazendeiros fizeram coro e, exacerbando a retórica, prognosticaram ruína e abandono de fazendas produtoras diante dos alardes de emancipação.

Aproveitando parte dos resultados de minha pesquisa de mestrado, sobre a atuação de José de Alencar e sua obra literária naqueles debates, o objetivo desta comunicação é discutir a relação que se estabelece entre o enredo de *O tronco do ipê* - sobre a estória da ruína de uma fazenda - e os debates sobre a emancipação escrava, por meio do cotejo entre os anais parlamentares publicados nas páginas do *Jornal do Commercio* e textos que fazendeiros publicaram neste mesmo periódico, em 1870.

Dayane Ponciano de Lima (UFRN)

Para “Salvar” o Mereto, Chamem o Bom Pastor

Em fins da década de 60 surge uma pequena comunidade, denominada Mereto, nas proximidades do então Leprosário São Francisco de Assis. Esse período é caracterizado pela organização dos bairros e criação dos primeiros conjuntos habitacionais na Zona Oeste de Natal, região até então afastada do centro da cidade do Natal. A investigação sobre esta região surge a partir da coleta de depoimentos com pessoas que vivem o Mereto, esses depoimentos foram coletados para composição do relatório que complementaria o documento que defendeu a criação da Paróquia Jesus Bom Pastor. A partir desses depoimentos foi possível detectar mais do que a história da Capela São Francisco de Assis, um dos núcleos da atual Paróquia, mas, foi possível trabalhar com a memória coletiva daqueles moradores, sendo o fato mais curioso, a negação do termo “Mereto”, substituindo-o pelo nome do bairro Bom Pastor. Outro fator que precisa ser ressaltado é a imagem que a região do Mereto ganha nas décadas de 1980 e 1990, estampando diversas capas de jornais com notícias das ações de criminosos da região. Diante de tais fatores, questionamos: quando ocorre a perda de identidade com o espaço Mereto? Quais os principais fatores para esta negação? Para trabalhar com essas questões vamos até Halbwachs que trata essas relações de memória social, como relações afetivas e que a perda desta memória dá-se quando não há sustentação do grupo. Dessa forma, trabalharemos a ideia de pertencimento dos moradores deste espaço com as memórias que circundam este lugar, tentando percorrer os caminhos que levaram à negação da comunidade Mereto e à ideia de pertencimento ao bairro Bom Pastor.

Dayse Marinho Martins (UFMA)

A educação pela fé na França Equinocial (1612 - 1615)

Estudo da ação educacional intrínseca no processo missionário dos capuchinhos durante o período da França Equinocial nas tentativas de colonização do Novo Mundo. Fundamentada nas contribuições da Nova História Cultural a abordagem recorre às noções de práticas, representação e apropriação associadas aos conceitos de símbolo e ideologia para discutir o papel dos capuchinhos na expedição francesa ao Maranhão. O estudo conta com as contribuições teórico-metodológicas da História Cultural que parte

da perspectiva antropológica da cultura enquanto prática social a ser estudada a partir da categoria de representação. Nesse sentido, o processo de pesquisa histórica compreende, portanto, a reconstrução a partir das fontes das representações de outros homens no passado. A análise dos relatos foi fundamentada nas sinalizações antropológicas da História Cultural. Assim, objetivou desvendar nas observações realizadas a partir das fontes, o universo simbólico contido nos traços do passado. Para tanto, as fontes do estudo foram os relatos de Claude D'Abbeville em sua *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão* e Ives D'Evreux na obra *Viagem ao Norte do Brasil: feita nos anos de 1613 a 1614*. Ao retratar a História do Maranhão no período de 1612 a 1615, século XVII, com a implantação da França Equinocial e as práticas missionárias dos capuchinhos, a análise busca no cerne da educação religiosa propagada pela missão, definir o modelo de educação adotado. E, além disso, evidenciar sua perspectiva civilizatória, as interferências nos costumes indígenas e as influências das experiências dos missionários franceses, no âmbito da História da Pedagogia com o surgimento de elaborações teóricas de pensadores modernos acerca da educação. O estudo contribui com a historiografia maranhense na medida em que podem ser apresentados documentos que demonstrem a existência de um processo educativo estabelecido entre capuchinhos e tupinambás centrado no princípio da civilidade. A pesquisa enriquece os estudos sobre Maranhão na época colonial, especificamente no período da França Equinocial entre 1612 e 1615, compreendendo os valores culturais que nortearam a missão francesa.

Débora Carammaschi (MACKENZIE)

Cultura de moda: roupa e história, um meio sensível. Um processo criativo, uma produção estética?

O presente estudo, intitulado *Cultura de Moda: roupa e história, um meio sensível. Um processo criativo, uma produção estética?*, investiga uma prática educacional e possíveis assimetrias e impermanências do sujeito contemporâneo, aluno de graduação de Moda, através da produção de conhecimento em história da moda ao realizar uma atividade pedagógica denominada “caderno de memórias”, como um dispositivo (Foucault), experiência de abertura (Heidegger) e fruição artística. A pesquisa discute o trabalho do criador Yohji Yamamoto e sua identidade como designer de moda frente às artes plásticas. Usa do método fenomenológico-existencial, narrativas históricas, contato intersubjetivo e observação. Reflete o indivíduo criador / autor e leitor / desvelador frente aos contornos da modernidade em face da contemporaneidade. Utiliza como procedimento de análise a micro-história, dado seu caráter analítico e minucioso ao estabelecer um olhar mais amplo sobre a história cultural. E, com o intuito de interdisciplinaridade, apresenta criação e gestos inacabados de estudantes e suas singularidades, subjetividades, estórias e heranças vestimentares.

Debora Cristina Alexandre Bastos e Monteiro de Carvalho (UFJF)

Uso de correspondências e biografia: a pesquisa sobre D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho

A presente comunicação tem por finalidade apresentar como as correspondências podem ser utilizadas na pesquisa que tem como foco a biografia do diplomata português D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho. D. Domingos nasceu no distrito de Vila Real, na cidade de Chaves, em 20 de fevereiro de 1762. Afilhado do Marquês de Pombal formou-se em Leis na Universidade de Coimbra, e iniciou sua carreira de diplomata ao substituir seu irmão, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, na corte de Turim em 1796. Vivendo na virada do século XVIII para o XIX, Domingos é um personagem complexo, em um mundo complexo. Nasceu num mundo marcado pelos valores do chamado Antigo Regime e se formou em meio aos ideais liberais, passando grande parte da sua vida no alvorecer do que sinteticamente denominamos modernidade. D. Domingos foi herdeiro de um perfil intelectual e de uma atuação prática que teve seu início no reinado de D. José I, durante as reformas incitadas pelo Marquês de Pombal. Tais reformas, fortemente influenciadas pelos diagnósticos da situação portuguesa, elaborados a partir da experiência do estrangeiramento buscavam romper o ciclo de “atraso” mental e econômico do Estado Português. Essa experiência do estrangeirado orientou a formação do homem público, na medida em que assumia como função a missão de reformar o Estado. A pesquisa que tem como foco a biografia deste personagem está embasada no *corpus documental* composto, principalmente, por correspondências. Correspondências estas em sua maioria, oficiais, algumas com conteúdo confidencial, além de seus quadros políticos que integram o mote de tais correspondências. Ressaltando a relação da biografia com o uso de correspondências podemos ter em mente que a preocupação com o uso de biografias ou de trajetórias nasceu do processo denominado “Renascimento da História Política”. Neste processo, a história política passou a dialogar com outras disciplinas. Esta renovação de estudos acerca da História Política também pôde ser percebida no Brasil. Podemos destacar a historiadora Ângela de Castro Gomes que chamou atenção para a utilização das correspondências enquanto fonte. Segundo a autora, tornou-se cada vez maior “o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos – uma escrita de si -, que abarca diários, correspondências, biografias e autobiografias (...)”, privilegiando, assim, uma memória individual. Desta forma, a comunicação pretende discutir como a correspondência pode ser utilizada na (re)construção de uma trajetória individual.

Débora Dutra Fantini (UnB)

Africanidades na obra de Gilberto Gil

A proposta de minha comunicação consiste em analisar a construção de uma identidade afro brasileira na trajetória e na música do cantor e compositor Gilberto Gil. Para isso, procurarei perceber em que medida outros conteúdos, como a crítica social e temática amorosa, coexistiram com a questão negra, atentando em especial para a relação do que é compreendido enquanto africano em sua obra. Nesse sentido, buscarei compreendê-la a partir da complexidade existente na articulação de conteúdos nacionais/internacionais, ou tradicionais/modernos.

A carreira de Gilberto Gil se inicia em um período no qual a chamada moderna música popular brasileira se encontrava em processo de formação e consolidação. Já nesse momento a conscientização em relação às questões étnicas passou a fazer parte de suas concepções, o que se adensou nos anos 70, período em que eclodiram no país os movimentos negros. Os anos setenta foram marcados por uma valorização do popular e também pelo surgimento de movimentos culturais afro, que tinham como proposta

questionar a situação do negro na sociedade. A cultura produzida no país neste período foi um estímulo à reflexão política e à criação artística ocupadas com o negro e com a africanidade.

Levarei em conta que os signos ligados à obra de Gilberto Gil construíram determinados sentidos referentes ao universo da cultura brasileira e saliento que nunca serão analisados isoladamente. Tanto não podem ser analisados exclusivamente em uma única série documental como não podem ser entendidos enquanto um conteúdo puro e simplesmente. Ao tentar compreender as relações internas da música com a sociedade é necessário evitar reducionismos mecânicos que constantemente tentam determinar as relações culturais como simples reflexos das estruturas históricas mais gerais, demonstrando através de um destino particular - o de Gil - e, com ele, a multiplicidade dos espaços, dos tempos e de entendimentos sobre a temática negra, compreendendo melhor a meada das relações nas quais ele se inscreve.

Déborah Rodrigues Borges (PUC/GO)

A prática do retrato em três momentos de popularização da fotografia no Brasil: cartão de visita, lambe-lambe e fotopintura

Este trabalho visa investigar a popularização do retrato no Brasil por meio do formato cartão de visita, do lambe-lambe e da fotopintura, abordando tanto os aspectos históricos quanto as dinâmicas sociais relacionadas a tais práticas fotográficas. Diversos autores observam que havia uma intensa produção de retratos nos ateliês fotográficos brasileiros, muitos deles ambulantes, desde o século XIX. Inicialmente colecionados em suportes e álbuns ricamente adornados, com a popularização crescente da fotografia no século XX os retratos perdem, em algumas circunstâncias, o requinte de certos materiais utilizados anteriormente, mas sua variedade aumenta muito e o alcance de suas repercussões sociais se estende por vários segmentos da sociedade que utilizam o retrato em contextos bastante diversificados. No Brasil, os formatos cartão de visita, lambe-lambe e de fotopintura engendraram uma série de práticas profissionais e usos sociais que se relacionam fortemente com a constituição de uma mentalidade coletiva acerca da fotografia. Essas imagens são mobilizadas para integrar as narrativas individuais e grupais, atuando decisivamente como elementos de construção de memórias e de coesão familiar. Neste cenário, entendemos que tais usos e práticas relacionadas à fotografia, amplamente compartilhados, constituem o campo da fotografia popular, o qual se ocupa dos fazeres e das relações construídas pela fotografia e com a fotografia no cotidiano. Desta forma, o estudo dos três formatos fotográficos mencionados visa contribuir com a reflexão acerca da fotografia popular no Brasil.

Deise de Oliveira (USP)

Anna Akhmátova e a reconstrução do mito de Púchkin

Durante o centenário da morte de Púchkin em 1937, em meio ao período de Terror da era Stalinista, diversos eventos e comemorações ocorreram que tinham como objetivo popularizar as obras do poeta bem como de estabelecê-lo como o “poeta nacional”.

Com a Rússia em guerra e no auge no Stalinismo, por que a necessidade de se criar um centenário de homenagem a Púchkin? Ao invés de repensar o centenário como uma tentativa de trazer o passado ao presente, como muitos outros teóricos já teorizaram, Platt (2008) demonstra que existe uma dicotomia fundamental para o entendimento dos acontecimentos daquele ano: a elegia e o estático.

Evguéni Dobrenko, afirma que o mito de Púchkin como um herói Romântico e, além de tudo Soviético, foi de fundamental importância para a população, pois sem ele não haveria aspectos positivos em suas vidas. Através da construção da imagem do poeta como um inimigo da autocracia, Púchkin se tornou a tela a partir de onde uma nova identidade foi projetada.

Com a adesão de outros escritores, tais como Maiakóvski e Tsvetáeva, o mito de Púchkin começa a tomar forma. No entanto, foram com os poemas e os ensaios críticos de Anna Akhmátova em homenagem ao poeta - muitos tendo como pano de fundo a cidade de Tsárkoe Cieló - que o mito renasce.

Sobre tais ensaios, Akhmátova começa a escrevê-los em 1924 e termina em 1965, quase no final de sua vida. Com uma mistura de textos que cerceiam a literatura comparada bem como a vida privada do escritor, nenhum outro escritor dedicou tantas obras e tanto tempo de sua vida a Púchkin como ela. Logo, torna-se de fundamental importância a apresentação de tal material para o público brasileiro.

Deivid Aparecido Costruba (UNESP / Assis)

Entre a perspectiva Saint-Simoniana e o ecofeminismo: uma análise do Correio da Roça (1913), de Júlia Lopes de Almeida

A proposta deste trabalho é analisar sob o ponto de vista da ótica saint-simoniana e pela crítica ecofeminista o livro *Correio da Roça* (1913), de Júlia Lopes de Almeida. Sabe-se da importância desta escritora na seara intelectual brasileira na virada do século XIX para o XX. Mais do que isso, é notável sua participação política e a adesão de seus livros na educação de moças e senhoras da *Belle Époque*. Paralelamente, a obra *Correio da Roça* (1913), que segundo a bibliografia sobre a escritora, juntamente com *A Árvore* (1916), *Jardim Florido* (1922) e *Oração a Santa Doroteia* (1923), fazia parte do chamado ciclo verde, obras que se destinavam à orientação ecológica daqueles que as liam. Por um lado, pode-se conceber o compêndio no limiar de uma discussão “ecofeminista”, ou seja, um feminismo ecológico. Por outro, na esteira das ideias utópicas do filósofo francês *Saint Simon* (1760-1825), que reservava um papel crucial para a igualdade entre sexos, pode-se anotar uma “missão” feminina na sociedade. Além disso, o escritor concedia à mulher o lugar mais amplo no convívio social; em uma sociedade de futuro, a igualdade entre sexos era tão necessária quanto pôr fim à exploração dos operários pelos patrões. Ao considerar este solo comum, objetiva-se refletir sobre o papel das personagens da obra em espaços culturalmente percebidos como identificadores de masculinidade, como o trabalho braçal no campo, o que tangencia a (re)construção destes mesmos lugares pelo sexo feminino.

Deivy Ferreira Carneiro (Université Paris 1 - Sorbonne)

De acordo com Xavier Crettiez, seria no mínimo ingênuo não ver no Estado um importante mecanismo de violência. Se para os marxistas, em suas mais variadas vertentes, o Estado não passa de um instrumento de dominação da classe burguesa que se utiliza de seu aparelho repressivo (forças militares, justiça, polícia...) para proteger seus interesses políticos e econômicos, outros autores analisam sobretudo a relação entre a formação do Estado Moderno e a aquisição do monopólio da violência por este. Para Norbert Elias, seguindo alguns dos passos de Max Weber, a formação do Estado é uma lenta e contínua construção do monopólio da violência por parte da autoridade central em um processo secular de desapossamento dos direitos da elite à violência. Em sua obra “O Processo Civilizador” Elias demonstra, para o caso francês, como a formação do Estado passou por um longo processo de centralização administrativa, fiscal, burocrática e por fim se caracterizou pela vitória do monopólio real que conseguiu subjugar seus rivais. A supremacia de poder do senhor principal, que viria a se tornar rei permitiu seu enriquecimento na medida em que possuía os meios para impor aos súditos o recolhimento de impostos, fato este que o tornava ainda mais poderoso, pois lhe assegurava os recursos para criar um exército permanente e garantir sua modernização. Ao mesmo tempo, ao longo deste processo de monopolização da violência tanto nos planos internos (com a polícia) e externo (exército e a guerra), o Estado, também de uma forma simbólica, cria uma sensação de segurança que modifica a psique de seus membros, fazendo com que houvesse menos medo em viver em sociedade. Enquanto o Estado (em um longo e demorado processo que variou de um país para o outro) construiu o monopólio da violência e a diminuição desta pelos súditos facilitou a indústria, agricultura e o aparecimento de cadeias de interdependência, as exigências físicas se transformaram: o medo do outro passa lentamente a ser substituído pelo medo de si mesmo, do afloramento de pulsões ocultas e pelo medo do ridículo e da pressão social. Esse processo de autocontrole pulsional participa daquilo que ele nomeia de “civilização progressiva dos costumes”. Após essa brevíssima introdução ao pensamento de Elias acerca da relação entre a monopolização da violência pelo Estado e a modificação na esfera do autocontrole pessoal, cabe uma importante questão: é possível aplicar tal perspectiva para se compreender o desenvolvimento da violência no Brasil? O objetivo de nossa comunicação é propor uma resposta para tal pergunta.

Denilson Botelho de Deus (UNIFESP)

Numa e a Ninfã: a história de um “romance da vida contemporânea” de Lima Barreto

Em 1915, o jornal carioca *A Noite*, publicava em folhetins o romance *Numa e a Ninfã*, de autoria de Lima Barreto. Se comparado aos demais romances do mesmo literato, este é seguramente o que ficou menos conhecido até os dias de hoje. Na época de sua publicação nas páginas do referido jornal, o título era seguindo do seguinte subtítulo: “Romance da vida contemporânea, escrito especialmente para A NOITE”. Somente em 1917 o texto seria publicado em livro. Esta comunicação apresenta resultados parciais de pesquisa em desenvolvimento, em que o romance em questão é investigado. Interessa aqui analisar os motivos que levaram Lima Barreto a escrever *Numa e a Ninfã*, considerando as condições de produção do livro e verificando até que ponto é possível considerá-lo uma obra escrita sob encomenda, especialmente para o periódico que a

tornou pública no formato folhetim. Procurando elucidar as características principais do autor, da obra e de sua recepção, indicamos o enquadramento teórico da pesquisa no campo da história social. Trata-se, portanto, de investigar os significados dessa obra e sua relação dialética com a sociedade, aquilatando em que medida a obra reflete o meio e o tempo histórico em que está inserida, mas também o seu grau de intervenção naquela mesma realidade. Seguindo as indicações de Raymond Williams e Antonio Candido, a pesquisa se concentra especialmente nos aspectos que envolvem a materialidade do texto, o que implica em traçar uma análise e descrição das condições concretas a partir das quais emergiu o romance de Lima Barreto.

Denise Adôrno de Britto Guimarães (UnB / UFRJ)

A cidade do samba - paisagem musical e construção imaginária da cidade do Rio de Janeiro de 1930 a 1945

As relações estabelecidas entre a cidade do Rio de Janeiro e o samba se dão desde a origem do gênero como música popular urbana no início do século XX. Antes de se tornar símbolo nacional a partir dos anos 30, o samba já era conhecido como representação musical do carioca, muito embora ainda fosse produzido em espaços específicos da cidade associados à certa parcela marginalizada da população. Enquanto o samba representava o carioca em sua musicalidade, o sambista e o próprio Rio de Janeiro começavam a ser personagens deste cancionário popular.

A cidade cantada em batuque, letra e melodia ganhava contorno e significações. No processo de elevação do samba à identificação da Nação no primeiro governo Vargas, os sambistas cantavam a si e ao seu local de origem como protagonistas e fundadores da nova identidade que se criava para o Brasil e, deste modo, mapeavam os redutos de bambas, identificavam os espaços “legítimos” do gênero – muitas vezes em disputa – e os qualificavam, atribuindo ao Rio de Janeiro imagens que o caracterizavam como a cidade do samba.

Este trabalho tem por objetivo compreender essa construção imaginária do Rio de Janeiro como “cidade do samba” entre os anos de 1930 e 1945 tendo como fontes as imagens da cidade e dos espaços do samba representadas nas canções que formavam a paisagem musical carioca do período. As referências teórico-metodológicas que ajudam a construir as reflexões desenvolvidas passam pelas contribuições de Cornelius Castoriadis e Benedict Anderson no que se refere à formação do imaginário social e de Adalberto Paranhos a respeito da identificação e análise de representações contidas em canções populares.

Denise Scandarolli (UNICAMP / UNASP)

Espaço de reação à tradição: a resistência do teatro popular francês nas obras de M. e Mme Favart

Esta proposta de Comunicação objetiva a apresentação de reflexões sobre as obras dos autores franceses M. e Mme Favart (Charles-Simon Favart – 1710-1792; Justine Favart – 1727-1772), ambos são considerados ícones no desenvolvimento dos gêneros de teatro

na França do século XVIII e, sobretudo, como autores representantes do teatro popular francês, caracterizado como espaço de crítica e resistência às ideias e formas vigentes.

Desde o final do século XVII, duas importantes feiras estabeleciam-se em Paris, em momentos específicos do ano, a *Foire Saint-Germain* e *Foire Saint-Laurent*, onde a diversão era garantida por apresentações variadas, com malabarismos, animais adestrados e encenação de curtas peças teatrais. Estes espetáculos ganharam visibilidade no início do século XVIII, por conta do aumento de número de espectadores e de sua diversidade social, fato que acirrava a concorrência entre este espetáculo marginal e os teatros oficiais (Comédie Française e Ópera) pelo público pagante; e, sobretudo, por causa da abordagem das peças, que baseadas na Comédia dell'Arte, montavam cenários caricatos das mazelas da vida cotidiana.

Essas questões foram colocadas como pretexto para diversas sanções impostas aos artistas das feiras, mas a marginalização infligida a eles pela lei e pela rivalidade com os teatros principais estabeleceu um espaço de reação à tradição, seja no âmbito dos costumes, seja na escrita textual e musical.

Assim, o teatro das feiras passou de peças curtas que ligavam o burlesco aos hábitos sociais, ornadas por trechos de músicas não originais, como árias de óperas conhecidas ou músicas populares, à oferecer obras de reação como os “*pièces à la muette*” e, posteriormente, obras com textos mais elaborados, entremeados por *vaudevilles* ou por *ariettes*.

Neste contexto de mudança estão as obras de M. Favart e Mme Favart, cuja forma de escrita e abordagem afastam-se do burlesco ingênuo, característica bastante marcante nas peças até o período, para uma arte sensível e moralizante, tanto no texto das peças quanto na música. Sendo assim, são as características moralizantes e a mudança de valoração no texto desses autores que proponho como discussão.

Diego A. Galeano (PUC-Rio)

O teatro do dinheiro: vigaristas e falsários no Brasil, 1900-1930

O objetivo deste trabalho é analisar as representações culturais de duas práticas delitivas no Brasil das primeiras três décadas do século XX: o “conto do vigário” e a falsificação de moeda. A presença dos vigaristas foi intensa nos países da América do Sul que receberam grande quantidade de imigrantes. As típicas vítimas do conto do vigário eram justamente os “recém chegados”, novos habitantes, ora estrangeiros provenientes do estrangeiro, ora migrantes do próprio país. A primeira questão que pretendo estudar é a tendência de explicar a trapaça utilizando hipóteses folclóricas. Uma revisão da literatura brasileira sobre os vigaristas sugere que trata-se de um fenômeno de raízes nacionais, vinculado com a malandragem típica do povo local. Porém, diferentes narrativas adjudicam a origem desta trapaça a outras latitudes: escritores portugueses como Fernando Pessoa falam do seu país como “a terra do conto do vigário” e também no Rio da Prata utiliza-se o mesmo argumento, onde a “*viveza criolla*”, astúcia supostamente típica do povo da Argentina e do Uruguai, oferece um mito da origem dos “*cuentos del tío*” (a versão platina do conto do vigário). Estas ideias estão presentes nas fontes literárias e na imprensa da época, mas uma análise baseada em fontes policiais reflete outra realidade, onde os vigaristas aparecem mais como “criminosos viajantes” que como

representantes da brasilidade ou qualquer outro essencialismo nacional. Os contos do vigário não eram improvisados na hora: respondiam a um conjunto de roteiros que se repetiam porque resultavam eficazes e, com o tempo, acabavam aparecendo na imprensa e nas conversas cotidianas. Quanto mais se difundiam esses roteiros, menos possibilidades tinham os vigaristas de enganar alguém. Por isso viajavam do Rio de Janeiro a São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e inclusive a outras cidades sul-americanas, para aplicar os mesmos roteiros em lugares onde ainda eram desconhecidos. Em particular, analisarei dois contos do vigário (conhecidos como “paco” e “toco mocho”) nos quais o enredo gira em torno da circulação de moeda falsa. Presente na imprensa, na literatura, na música popular e no teatro, o dinheiro falso aparecia como um objeto mágico que tinha capacidade de transformar os indivíduos: os criminosos viravam artistas respeitados e as vítimas da trapaça, potenciais criminosos.

Diego Barbosa da Silva (UFF)

Entre a identidade e a alteridade: uma análise comparativa de imagens do europeu sobre o outro no século XVI e na virada do século XX

Acompanhamos nestas últimas décadas o crescimento de políticas a favor da diversidade cultural. Entretanto, se por um lado, ampliam-se leis e direitos que afirmam a convivência entre culturas e expressões culturais, como, no Brasil, o Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.343/2010); por outro lado multiplicam-se acontecimentos de hostilidades a grupos de outras culturas. Entre eles destacam-se os plebiscitos na Suíça em 2009 contra a construção de minaretes; a expulsão de ciganos da França, em 2010; os ataques a homossexuais no Brasil; os debates no Congresso Nacional brasileiro em torno da exclusão da diversidade cultural do Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014). Tal contradição, bastante atual, nos serviu de estímulo para analisar em nossa pesquisa de Doutorado em Estudos de Linguagem (UFF) o discurso sobre e do multiculturalismo e sobre e da diversidade cultural enquanto acontecimento discursivo no Canadá e no Brasil, com base na teoria materialista do discurso de Pêcheux (2009 [1975]). O que está em jogo e o que não está quando se diz multiculturalismo e diversidade cultural? O que esses sentidos silenciam? Há paráfrases e deslizamentos em torno desses sentidos? O multiculturalismo e a diversidade cultural seriam um acontecimento discursivo? Como nossa pesquisa visa compreender o funcionamento do discurso multicultural/multiculturalista, pareceu-nos necessário compreender como o outro foi inscrito, compreender o funcionamento da memória sobre o outro, memória esta que está presente ao longo da história nos discursos da alteridade e da diversidade, objeto de nossa pesquisa. Para isso, fazemos uma análise comparativa entre imagens do europeu sobre o outro contidas em relatos, diários de viajantes e de missionários do século XVI com aquelas das exposições e zoológicos humanos da virada para o século XX. Na época que vai dos “Descobrimientos”, do capitalismo comercial ao imperialismo do capitalismo industrial, o europeu entrou em contato com diversos povos e culturas até então nunca vistos. Foi preciso nomear, dizer sobre esses outros povos e outras culturas até então desconhecidos. Analisando essas impressões e imagens sobre o outro pudemos observar o funcionamento de algumas formações imaginárias, do outro como bárbaro, como cordial, como exótico e como igual. Tentamos, por fim, mostrar como os sentidos ideológicos de superioridade/inferioridade de uns sobre outros comparecem por meio da memória discursiva até os dias de hoje no discurso religioso, no discurso científico, no discurso jurídico, no discurso de direitos humanos.

Diego Fernando Rodrigues Azorli (UNESP)*Orixás: Memória e Esquecimento*

Dentre as diversas consequências imprevistas da Diáspora Africana para o Novo Mundo, as religiões negras talvez sejam a mais intrigante. A resistência, reorganização e ressignificação que sofreram religiões como o candomblé são o estopim deste trabalho. Os deuses cultuados no candomblé, os Orixás, eram venerados na África Ocidental e foram trazidos para o Brasil junto à escravidão. Durante esse processo, alguns deles foram sendo deixados de lado, outros ganhando maior importância e outros ainda, nem cruzaram o Atlântico. Este trabalho procura analisar as especificidades desse tema dentro do candomblé paulista do interior de São Paulo através da bibliografia sobre o tema e entrevista aos praticantes do culto.

Diego Finder Machado (UDESC)*Marcas da Profanação: apropriações subversivas do patrimônio cultural em uma cidade contemporânea*

Ao problematizar a historicidade das práticas e representações ocidentais em relação ao patrimônio cultural, podemos dizer que a nossa época vivencia a construção de uma “ordem patrimonial”. Essa expressão, compreendida em um duplo sentido, se refere tanto a uma ética disseminada em relação ao dever de garantir a “ordem de transmissão” dos bens culturais, como ao alinhamento aos imperativos de uma nova “ordem do tempo” que se impôs ao mundo ocidental nas últimas décadas. Vivemos em um tempo presente desencantado com as promessas de futuro e que assenta suas esperanças em um “dever de memória” e em uma ardente obrigação do patrimônio. Esta sensibilidade para com a presença do passado tem mobilizado a elaboração de um conjunto significativo de prescrições técnicas e jurídicas que visam manter sob controle os usos e apropriações dos bens culturais. Partindo desta premissa, esta comunicação visa apresentar algumas discussões relacionadas ao projeto de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Esta pesquisa, em andamento, versa sobre a história das sensibilidades em relação ao passado da cidade de Joinville, Santa Catarina, por meio da interpretação de práticas e representações relacionadas a atos considerados vandalismo contra o patrimônio cultural. Mobilizando fontes oficiais produzidas por órgãos responsáveis pelas políticas públicas municipais de patrimônio cultural e textos e imagens publicados na imprensa escrita local, pretende-se estabelecer alguns diálogos a respeito das diferentes maneiras como a sociedade se relaciona com os bens patrimonializados, especialmente a partir da interpretação de atos que visaram profanar a sacralidade atribuída a estes bens. Para tanto, a pesquisa é teoricamente fundamentada nas discussões propostas pela História Cultural, especialmente nos estudos que procuraram interpretar as maneiras pelas quais as pessoas sentiram e perceberam o mundo a sua volta e como estas sensibilidades foram socialmente compartilhadas. Ao investigar as apropriações subversivas das marcas do passado em uma cidade contemporânea, podemos nos aproximar das maneiras divergentes pelos quais se manifestaram sensibilidades em relação ao tempo. Desta forma, torna-se possível perceber e compreender melhor a pluralidade de funções que

os bens culturais seguiram desempenhando após o sua patrimonialização, bem como a pluralidade de atitudes que os reinseriram no cotidiano vivido na cidade.

Diego Gomes dos Santos (UFRPE)

Pernambuco de “pedra e cal”: análise histórica sobre os primeiros anos da política cultural para o patrimônio pernambucano (1979 - 1985)

Este trabalho tem por proposta realizar uma investigação histórica sobre a política cultural para o patrimônio cultural de Pernambuco, durante o período de 1979 a 1985, a fim de compreender as concepções de patrimônio, memória e identidade que foram construídas nos primeiros anos de funcionamento do Sistema Estadual de Tombamento criado pela Lei nº 7980, de 18 de setembro de 1979. A escolha do recorte temporal se dá pelo fato de que nesse período ocorrem mais da metade dos processos de tombamento dos bens culturais materiais que fazem parte do universo patrimonial no estado. E também porque é nesse período que há uma política cultural de “Pedra e Cal” ao valorar bens culturais de natureza material relacionados ao período colonial e de estética barroca que, de certa forma, contribuiu para a construção de uma suposta tradição pernambucana. Ao entender, assim como Lia Calabre (2009) políticas culturais como um conjunto de ações elaboradas e implementadas de maneira articulada pelos poderes públicos dentro do campo do desenvolvimento simbólico, falar em patrimônio cultural pernambucano implica compreendê-lo como produto dos significados e valores atribuídos pelos membros da comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) chamada Pernambuco a um determinado bem cultural que, portanto, vem a ser considerado importante para a constituição da memória social e para a identidade cultural pelas qualidades que lhes são outorgadas. Nesse âmbito, Le Goff (1990: 476) afirma que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades hoje, na febre e na angústia”. Esse processo não ocorre sem conflitos visto que determinar o que é digno de preservação entre uma vasta gama de bens culturais existentes é uma decisão político-ideológica, e não apenas técnica, que reflete valores e opiniões sobre quais bens merecem ser eleitos para representar a cultura pernambucana, ainda que, na realidade, apenas uma pequena parcela dessa cultura. Como lembra Roger Chartier (1990: 17) “as representações do mundo social assim construídas embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses do grupo que as forjam”. Portanto, para a análise do processo de valoração dos bens culturais que foram eleitos para constituir o patrimônio cultural pernambucano durante o período proposto, analisamos o processo de Tombamento do terreiro Obá Ogunté, um dos primeiros terreiros de xangô da cidade do Recife e representante das religiões de matrizes africanas, em 1985, por ter sido um caso excepcional na política cultural para o patrimônio pernambucano. A fim de, na análise histórica da exceção, encontrar a regra.

Dilma Fátima Avellar Cabral da Costa (Arquivo Nacional)

A produção de um blog de história no Arquivo Nacional: o sítio do programa Memória da Administração Pública Brasileira - MAPA

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a experiência de construção de um site para divulgação de um trabalho sobre história da administração pública brasileira, desenvolvido no Arquivo Nacional por um programa de pesquisa criado na década de 1980. O resultado das pesquisas do programa Memória da Administração Pública Brasileira - Mapa, até então apresentado sob o formato de um banco de dados disponível via web, desde 2011 vem sendo disseminado numa página própria, em diferentes meios de divulgação como livros, publicações virtuais e o *Dicionário da Administração Pública Brasileira On-Line*. O trabalho desenvolvido no programa de pesquisa MAPA se insere no debate atual que tem colocado em questão o papel das novas tecnologias no fazer histórico, o espaço assumido pelas chamadas formas não-científicas na produção e divulgação do conhecimento em História, bem como o seu processo de produção. O alcance do trabalho produzido pelo Mapa nos permitirá também discutir a visibilidade adquirida por espaços de produção não acadêmica de história, como arquivos, centros de memória, museus e revistas de divulgação e, finalmente, a atuação do historiador nestes espaços.

Dimas Brasileiro Veras (UFPE)

A reforma universitária e a revista Estudos Universitários da UFPE (1962-1969)

Este trabalho analisa as representações engendradas sobre a reforma universitária presentes na revista *Estudos Universitários* entre os anos 1962 e 1969. O periódico foi criado em 1962 e participava das práticas extensivas dirigidas por Paulo Freire no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife - atual Universidade Federal de Pernambuco (SEC/UR). Os produtores da revista *Estudos universitários* defendiam uma concepção de universidade popular e crítica cujas práticas e representações marcaram os anos que circulam o advento da ditadura militar-civil no Brasil. O SEC/UR foi fechado por ocasião do golpe e sua revista apenas retomada 1966, a partir de uma nova linha editorial afinada com o regime em vigor. Seus novos produtores defendiam um projeto de reforma universitária pautado nas representações ditatoriais de desenvolvimento e de segurança nacional. As duas fases da revista ficaram, assim, sulcadas pela colaboração de diferentes atores sociais e de concepções distintas de educação brasileira. A escolha da *Estudos Universitários* justificou-se, pois, no debate permanente que a mesma concentrou sobre a modernização da universidade brasileira, bem como no fato da revista congregar professores, pesquisadores, estudantes e outros colaboradores do campo universitário. Os documentos foram comparados e correlacionados a partir dos princípios metodológicos da história cultural, de tal modo que compusessem uma série representativa da reforma universitária e dos seus processos. Ao longo da investigação buscou-se assenhorar-se dos conteúdos e das expressões dos documentos, de suas características, de suas funções, de seus responsáveis, de seus colaboradores, de seus circuitos comunicativos e de suas apropriações culturais.

Diogo Cesar Nunes da Silva (UERJ / UNIABEU)

O poema como fita de Möbius: subjetividade, sociedade e textualidade

A proposta dessa comunicação é promover algumas reflexões acerca do estatuto epistemológico da obra de arte, em especial a poesia lírica, na e para a História Cultural. Para tal, tomamos como referência metafórica a imagem da “fita de Möbius”, desenvolvida por August Ferdinand Möbius, em 1858, para pôr em questão a orientabilidade dos poliedros – sólidos geométricos cujas superfícies são compostas por um número finito de faces e cujos vértices são formados por três ou mais arestas em três dimensões. Várias vezes representada por M. C. Escher em suas gravuras, a fita de Möbius foi usada por Lygia Clark na sua proposição performática (espécie de *happening*) *Caminhando*, que consistiu no recorte de uma longa faixa branca de papel até que se transformasse numa fita de Möbius. Trata-se, em Clark, de fazer com que a “criação” da obra esteja essencialmente ligada à experimentação: o “ato” criativo é aberto e inseparável do seu uso, da sua manipulação. Daí o sugestivo título, “caminhando”: ato-processo indeterminado, gerúndio, que existe na medida em que em ação. Nesse sentido, a frase de Benjamin que diz ser o método “caminho não direto” adquire sentido renovado. Formado por várias facetas e três dimensões (subjéctiva, social e formal), o objeto artístico se dá à manipulação de modo que os chamados elementos “interno” e “externo” não se mantenham estanques. Não obstante, o “fora”, disse Agamben, “não é outro espaço que jaz para além de um espaço determinado, mas é a passagem, a exterioridade que lhe dá acesso”. Assim, se desmancha o desenho lógico-dedutivo do particular como expressão do todo. Dialecticamente mediadas, as dimensões da obra se interpenetram e atravessam, sem que uma tenha preponderância sobre as outras, senão na própria narrativa (na nossa metáfora, na própria manipulação) do historiador. Mediação que não é um “entre”, um hífen que liga opostos, mas noção que aponta para o atravessamento recíproco de cada qual, presente “no” outro. Em certa medida, essa perspectiva foi expressada pelo poeta Moacyr Félix na orelha do livro *Embarcado em seco*, de Fernando Mendes Viana: “o poema, enquanto criação cultural, somente através da subjetividade pode atingir o universo antropológico donde emerge o contexto social e histórico”. Recíprocos atravessamentos: o poema é criação cultural que atravessa a subjetividade para alcançar o próprio universo cultural. Ainda que expressões das emoções e experiências do sujeito, poemas “se tornam objetos artísticos”, disse Adorno, na medida em que “conquistam sua participação no universal”, sendo a “universalidade do teor lírico [...] essencialmente social”.

Diogo de Souza Brito (USP)

A invenção da patrimonialização das culturas populares no Brasil: a SPHAN/Pró-Memória (Década de 1980)

A pesquisa de doutorado em História Social *A Sphan/Pró-Memória e a preservação do patrimônio cultural no Brasil* tem como objetivo compreender como e por que se deu o processo de reformulação do IPHAN que resultou na criação da SPHAN/Pró-Memória (1979) e se essa medida foi suficiente para inaugurar uma *fase moderna* da política de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Tal interpretação, fundamentada numa memória institucional e legitimada por uma historiografia oficial, sustenta que a década de 1980 foi um período de renovação das práticas institucionais, de ampliação da natureza dos bens protegidos de modo a contemplar as culturas populares e de transformação na relação entre os técnicos, a sociedade e os bens preservados. São ainda atribuídas a esse período, as primeiras iniciativas voltadas a preservação do patrimônio imaterial no país. No entanto, ao contrário de naturalizar tal

interpretação, faz-se premente construir uma narrativa que contemple os significados e valores em jogo para os diferentes grupos envolvidos nas disputas pela formulação das políticas de preservação no Brasil dos anos 1980, com vistas a construir uma melhor avaliação do período refletindo não só a respeito de seus avanços, mas também de suas permanências e recuos.

Diogo José Freitas do Egypto (UFPB)

“Ventos Rebelionários”: uma análise dos hibridismos musicais no disco *Vem No Vento*, do grupo *Jaguaribe Carne*

Este trabalho tem como principais focos de discussão o conceito de *hibridismo* e a música do Grupo Jaguaribe Carne de Estudos, movimento artístico-cultural paraibano. Fundado pelos irmãos Pedro Osmar e Paulo Ró no ano de 1974, o Jaguaribe Carne atravessa quatro décadas de atuação, desenvolvendo atividades definidas pelo grupo como “Guerrilha Cultural” - um trabalho que engloba não só a produção artística em suas mais diversas linguagens (música, poesia, artes visuais, etc.), mas também o apoio ou o envolvimento direto em projetos culturais, sociais e educacionais. Considerando a crescente relevância da tarefa de pensar os encontros culturais na contemporaneidade e tomando o hibridismo como uma ferramenta teórica de compreensão da música popular, procedo à análise de algumas faixas do disco *Vem no Vento* (2004), atentando para o seu experimentalismo e buscando perceber a multiplicidade de elementos inerentes às manifestações musicais latino-americanas e brasileiras.

Diogo Silva Manoel (UNESP/Assis)

Comicidade e moda de viola: o cancionista caipira e o riso

A presente comunicação trata de expor um conciso panorama de nossa pesquisa científica de mestrado que encontra-se em desenvolvimento. Para esta apresentação, pretende-se fazer uma exibição sucinta, analisando algumas canções que temos como objeto de pesquisa e fonte documental. No caso, têm-se como objetivos principais, elencar, exemplificar e delimitar os traços de humor inseridos no cancionista caipira, e, demonstrar como isso é um importante elemento que reflete a identidade do caipira paulista, conseqüentemente, dos brasileiros.

Douglas Domingues (Universidade Anhembi Morumbi)

Os afetos

Através da articulação de pesquisadores acadêmicos, com interesse em estudar um tipo de filmes não abordados pela historiografia oficial do cinema brasileiro, surgiu o termo *cinema de bordas*, que descreve filmes ligados ao regime trivial do lazer, feitos com baixíssimo orçamento, fora do sistema oficial de produção, fundamentado nos gêneros cinematográficos e que reprocessam um imaginário midiático global, mas pautado em sociabilidades e realidades locais. O prestígio acadêmico desses pesquisadores ajudou

na disseminação do termo, e conforme seus estudos prosseguiram e se levantavam novas obras, o próprio conceito ganhou uma trajetória própria.

A articulação da *Mostra Itaú Cultural Cinema de Bordas* criou um importante espaço de interação entre produtores e espectadores, mediado pela academia. O universo informacional estético baseado no consumo de produtos midiáticos compartilhado pelas bordas acaba por facilitar a criação de uma comunidade emocional, onde pequenos grupos se articulam e estruturam redes, que continuam em constante reconfiguração e expansão. O comportamento dessas redes pode ser entendido como vivas e funcionais, que se reconfiguram, onde as realidades locais são compartilhadas, criando um conjunto de conhecimentos próprio delas. Na necessidade constante de se atualizarem as identidades, agora com um sentimento de pertencimento às redes, novas obras surgem, juntando integrantes de grupos de produção de filmes distintos. Esse comportamento realimentou a academia com novas informações, e influenciou o próprio entendimento sobre o cinema de bordas.

A produção das bordas acontece pautada em sociabilidades locais, mas através do enlace entre *bordeiros* está expandindo suas operações a novos territórios e aumentando sua visibilidade. Os filmes desse universo, antes ignorados pela historiografia oficial, ajudados por um esforço de um grupo de pesquisadores, se fizeram notar e ganharam novos espaços de divulgação.

Este trabalho tem por objetivo observar as consequências da tendência de sociabilidade entre os *bordeiros*, produtores de filmes estudados pelos pesquisadores de cinema de bordas, e seus afetos com a academia, berço das redes de produção de novas obras colaborativas.

Edelcio Américo (USP)

A representação das capitais russas, do tema ao problema

A cidade é a conquista de uma civilização, por ela se passa toda a história, seu solo é um espelho que registra nossas ações. Neste sentido, a cidade é considerada um organismo vivo que habita em cada movimento histórico. Cada ponto de uma cidade é reproduzido na memória e funciona como reminiscência da cidade como um todo, devolvendo ao sujeito as sensações vividas anteriormente e funcionando como um estímulo para a personificação da imagem na palavra, nas tintas, nos sons. Dessa forma, a imagem da cidade não é a realidade, mas sim um material para reconstruí-la; não é apenas um gerador de novos significados, mas um condensador da memória cultural. Nesta perspectiva, indagar sobre as representações da cidade na cena escrita construída pela literatura é, basicamente, ler textos que lêem a cidade, considerando não só os aspectos físico-geográficos, os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória.

A relação russa com suas capitais foi representada pelo caráter “bicentrista” da cultura russa, antes da primazia de Moscou, também havia dois pólos: Kiev, ao sul, e Nóvgorod, ao norte. O bicentrismo representa aqui um modelo universal da cultura e está presente nas principais oposições arquetípicas. Nesses casos, as sucessões das capitais passam pelo processo de recusa das condições anteriores, contraposições culturais que se agravaram justamente no século XIX, quando se iniciou o desenvolvimento de um olhar crítico da

Rússia sobre si mesma e após o fim da União Soviética, com o desenvolvimento de um olhar ainda mais crítico das antigas repúblicas sobre a Rússia.

O objetivo da comunicação é traçar um paralelo entre as capitais e seus textos: Kiev, Moscou e São Petersburgo, seu desenvolvimento na literatura e cultura russa como cenários de grandes transformações e acontecimentos; Kiev, mãe das cidades russas, sua capital religiosa, as negações e complementações, contextos antigos e mudanças atuais.

Éder Nunes Souza (USP)

Da Arte Militar: Luis Mendes de Vasconcelos e a Cultura Política e Militar Portuguesa na União Ibérica (1580-1621)

Luis Mendes de Vasconcelos foi um nobre português que teve atuação de destacada importância como militar, político e intelectual durante a União Ibérica (1580-1640), principalmente durante os governos de Felipe II (1580-1598) e Felipe III (1598-1621). Lutou em diversos espaços de conflito do império luso-espanhol, tendo batalhado contra os defensores de D. Antônio, o prior de Crato, além de ter sido capitão-mor da Armada da Índia e ter combatido na Itália, Países Baixos e Alemanha. Foi conselheiro régio a partir de 1610 e governador da Angola (1617-1621). Escreveu duas obras fundamentais para compreender o pensamento português da primeira metade dos seiscentos, *Do Sítio de Lisboa* (1608) e *Da Arte Militar*, publicada em 1612.

A análise de *Da Arte Militar*, a obra menos conhecida de Luis Mendes de Vasconcelos, buscará compreender sua relevância para o estudo da cultura política portuguesa do século XVII, que era diretamente influenciada pela neoescolástica, corrente de pensamento teológico-político fundamental na teorização do poder político em Portugal e Espanha durante a Idade Moderna. Com o advento da Reforma Protestante, se impõe com o fim de uma cristandade unificada sob a fé católica, o que fortalece o processo do aumento das atribuições políticas do poder régio. Além dessas mudanças políticas, a revolução militar do século XVI modifica completamente a forma de guerrear dos exércitos europeus, dando mais destaque à infantaria e o uso do pique, o que marginalizou o uso dos cavaleiros. Essas transformações afetaram diretamente a linguagem político-militar, e o idealismo medieval dá lugar ao realismo da Alta Idade Moderna, que passa a pensar a política predominantemente pelo prisma da “razão de Estado”, como demonstra a obra de Giovanni Botero, *Da Razão de Estado* (1589), de influência primordial para o pensamento de Luis Mendes de Vasconcelos, um espelho de príncipes que mostra o poder político como prerrogativa do príncipe, que deve utilizá-lo principalmente para conservar o seu poder e soberania.

Compreender a forma que essa linguagem é apropriada por Luis Mendes de Vasconcelos para influenciar o debate político que ocorre em Portugal no início dos seiscentos é uma discussão bastante profícua para o estudo das diversas possibilidades que os portugueses conceberam de como lidar com as várias implicações da nova realidade de fazer parte da monarquia compósita dos Habsburgo, além da necessidade de repensar as estratégias militares portuguesas diante dessa conjuntura e da reconstrução do exército lusitano após ser massacrado na batalha de Alcácer-Quibir (1578).

Edgar Garcia Junior (UDESC)

Gabriella Pieroni (CEPAGRO)

Entre práticas e ressignificações: os Engenhos de Farinha de mandioca de Santa Catarina e o patrimônio agroalimentar

Resultado do encontro entre a prática agroalimentar indígena e a adaptação de uma técnica de processamento europeia, os Engenhos de Farinha de mandioca do litoral de Santa Catarina tornaram-se ao longo do tempo espaços laborais e de memória, ligados às tradições populares e aos sistemas locais de produção. Espaços onde emergem os saberes relacionados ao cultivo da mandioca e à produção artesanal de farinha polvilhada e derivados. Desde o conhecimento de ramos, o ponto exato da torra, o feito das peças das engrenagens, o preparo de iguarias culinárias, os versos e cantigas entoadas no momento da produção entre outros componentes deste complexo cultural.

Citados nas cartas dos primeiros viajantes à Ilha de Santa Catarina ainda no Século XVIII e XIX, e atingindo, no seu apogeu, o número de 800 unidades apenas na Ilha de Santa Catarina os engenhos transformaram a farinha polvilhada num dos principais produtos do estado até a década de 1960. Porém, a industrialização, a especulação imobiliária e as restrições sanitárias contribuíram para que, nas últimas décadas eles se aproximassem da extinção, resistindo apenas a partir de iniciativas comunitárias e de alguns particulares.

Entretanto, a partir de 2009, os últimos remanescentes destes engenhos foram mapeados para se transformarem em um dos quatro mil Pontos de Cultura implantados no Brasil desde a criação do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura. Desde então, a cultura ligada aos engenhos de farinha de mandioca, o conjunto dos conhecimentos a eles relacionados, as dinâmicas sócio-ambientais, seus produtos e serviços tem sido ressignificados através da agroecologia. Trata-se, a princípio, de iniciativas que procuram tomar estes espaços e seus saberes não apenas pelo viés preservacionista da memória ou da identidade do litoral de Santa Catarina, mas também pela estratégia de desenvolvimento rural sustentável, ensejando inclusive o registro como bem cultural imaterial, hora em curso, do modo de fazer da farinha polvilhada de Santa Catarina.

Esta comunicação pretende analisar esta ressignificação recente dos Engenhos de Farinha sem se restringir a preocupações locais e pragmáticas. Além do valor documental, simbólico e afetivo, pretende enfatizar a oposição entre a lógica do mercado que instrumentaliza a cultura e a lógica da cultura e sua atribuição de sentidos. Do mesmo modo procura discutir como estas iniciativas recentes procuram encorajar a diversidade cultural sem promover mecanismos de contenção da diferença cultural.

Edgar Indalecio Smaniotto (FAIP)

Por uma antropologia do Ciberpajé: Misticismo e Transcendência Tecnológica na obra ficcional transmídia de Edgar Silveira Franco

Uma nova visão do homem e de seu futuro está surgindo em meio a grupos que se autodenominam pós-humanistas, extropianos, transhumanistas, etc. Estes grupos pretendem associar e acelerar todas as conquistas das ciências de ponta: criogenia,

modificações genéticas e corporais, robótica, nanotecnologia, informática, bioengenharia e inteligência artificial para um projeto autoconsciente de aceleração da evolução humana. O advento da possibilidade única de interferência do homem em seu próprio processo de evolução, sendo capaz, pela primeira vez, em sua história, de modificar sua própria natureza, tornando-se um ciborgue pós-humano a partir da biotecnologia, tem despertando uma série de questões éticas, discutidas por vários autores, entre os quais Jürgen Habermas e Michal J. Sandel, principalmente devido a aspectos sociopolíticos no uso destas técnicas modernas, que de certa forma as aproximaria do antigo movimento científico e sociopolítico da eugenia. Paradoxalmente, o movimento transhumanista constituído a partir das descobertas mais avançadas da ciência moderna, trás em seu âmago aspectos místicos, fazendo uma nova interface entre ciência/tecnologia e misticismo/magia. No Brasil o pesquisador e artista multimídia Edgar Silveira Franco criou o universo ficcional Aurora Pós-Humana, a partir do qual desenvolveu uma gama de criações artísticas como histórias em quadrinhos, HQtrônicas, música, performances, etc., somando diferentes referências científico/tecnológicas/místicas de diversos autores: Stelarc, Roy Ascott, Eduardo Kac, Max More, Ray Kurzweil, Hans Moravec, Rupert Sheldrake, Vernon Vinge, Teilhard de Chardin, Robert Anton Wilson, Austin Osman Spare, Terence MacKenna, Tim Leary, Helena Blavatsky, entre outros. Sendo que o próprio artista, que também é acadêmico, declarou-se um Ciberpajé, conceito que exploraremos ao longo do texto. Assim, tendo em vista o referencial metodológico da etnografia do pensamento, de uma nova visão epistemológica da ciência agora parte integrante da cultura, bem como um novo entendimento do que este conceito antropologicamente significa e do papel da ciência na sociedade moderna, busca-se compreender a interface entre tecnociências e misticismo no mundo moderno a partir da produção de histórias em quadrinhos de Edgar Silveira Franco.

Edgar Silveira Franco (UFG)

De HQ Transumana a Animação Stop-motion

O termo “transumano” tem sido utilizado em larga escala na contemporaneidade por muitos filósofos, sociólogos e por movimentos culturais ligados ao avanço tecnológico. A sua conceituação é controversa, alguns o utilizam como definidor do estágio atual de transição entre a antiga concepção de humano e a reconfiguração completa para um estágio pós-humano. Nesse caso, o prefixo “trans” sugere transição. Outros preferem utilizá-lo como definidor de uma transcendência completa da atual condição humana ou ao seu devir não-teleológico, fazendo referências a Nietzsche e aspectos de sua visão do “além do humano”, reafirmada por Deleuze e Guattari, e pela teoria da complexidade e da *autopoiesis*. As discussões levantadas por filósofos e cientistas sociais sobre o termo tomam muitas vezes como base vislumbres da ficção científica e alguns movimentos que têm aflorado no seio da cibercultura chamam de estágio “transumano” o momento que estamos atravessando com destino à pós-humanidade. Uma das características principais desses movimentos é o seu caráter místico, demonstrando que ao contrário do que possa parecer, a cibercultura é um campo fértil para o desenvolvimento de novas visões transcendentais, como ressaltam pesquisadores como Erik Davis e De Felinto. Duo de Um, é uma história em quadrinhos (HQ) de ficção científica desenhada a nanquim sobre papel por Edgar Franco, com 6 páginas, contextualizada no universo ficcional transmídia da “Aurora Pós-humana”, e publicada no álbum em quadrinhos “Transessência” (Editora Marca de Fantasia, 2004). O trabalho tem potencial intrínseco para o uso

paradidático em aulas que tratem do tema pós-humanismo e discussões transcendentais em um contexto hipertecnológico. A narrativa conta a história de uma fêmea transumana que dá a luz a um filho através de geração espontânea, algo que nos remete imediatamente à “imaculada concepção”. O artigo apresenta o gênero de quadrinhos poético-filosófico no qual a HQ se insere e resume o universo ficcional da “Aurora Pós-humana” para depois tratar do processo criativo da HQ, ressaltando os aspectos simbólicos e conceituais presentes em sua concepção e seus desdobramentos na adaptação para uma animação em técnica de stop-motion criada por Edgar Franco em parceria com Luciano Irrthum.

Edimara Bianca Corrêa (UNICAMP)

Ao som do rádio: Música popular na Belém de 1950

O trabalho tem como objetivo estudar a cidade de Belém da década de 1950 por meio de suas sensibilidades, mais especificamente a música popular urbana, onde cultura contemporânea e cidade estão imbricadas. Nesse sentido, tomando a música popular como um elemento da cultura urbana, entendida a partir de Bresciani, como modos de vida na cidade, bem como o mapeamento do que acontece na cidade, pretende-se analisar a trajetória deste elemento da cultura urbana, no momento de desenvolvimento da cidade de Belém, situado ainda na “era de ouro” do rádio, de modo que podemos perceber uma cidade que se expressa por meio da música. Mas o rádio não pode ser visto como um campo homogêneo, onde a cultura popular urbana se estabelece, de modo que a cidade não aparece como mero palco onde essas disputas se apresentam, mas torna-se o próprio espaço que constitui essa disputa. Em Belém essas disputas podem ser investigadas por meio dos periódicos; para a pesquisa utilizo como fonte três jornais do período, *A Província do Pará*, *Folha do Norte* e *O Liberal* e ainda a *Revista da Amazônia*. São por meio dos periódicos, que em grande medida, se pode observar os desdobramentos do circuito musical belenense visto no desenvolvimento da própria cidade. É capcioso o fato de que em um dos jornais a matéria em que mais se fala sobre música se intitule “*Crônicas da Cidade*”. O olhar se volta, então, para as diversas opiniões que os jornalistas têm a respeito desse momento na música em Belém, assumindo muitas vezes tom de crítica. Por vezes encontramos termos como a “boa música”, “música que honra o Pará” em contraposição ao som difundido pelo rádio, *pick-ups* e alto-falantes espalhados pela cidade. Dessa maneira, a construção dos periódicos paraenses, sua estrutura, as notícias que são divulgadas e de quem são divulgadas, fazem parte de uma intencionalidade histórica, que pretenderá ser percebida.

Edna Maria Nóbrega Araújo (UFPB)

Cultura da Alimentação no Brasil do século XX: as dietas e a produção de imagens sobre o corpo feminino

Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento vinculada à Iniciação científica, da Universidade Estadual da Paraíba. Objetiva analisar as principais estratégias dos discursos divulgados midiaticamente e voltados para a sujeição do corpo feminino, através da adoção das *dietas* como uma prática alimentar. A cultura da alimentação que

privilegia o conceito de dieta corrobora com o culto ao corpo feminino, quando o desejo de construção de um novo corpo através das dietas é apropriado pelo mercado e pelos discursos que enunciam o padrão do corpo magro como sinônimo de beleza. A diversidade de dietas disponibilizadas no final do século XX foi indescritível. Com o passar dos anos esta variedade se incrementou com o surgimento de guias e manuais médicos, livros de receitas, revistas especializadas oportunizando a criação de novas dietas. A internet também passou a oferecer uma infinidade de informações com todos os tipos de dietas, receitas, dicas e truques sobre o controle das calorias. Com a cultura da alimentação das dietas se estabeleceu a oferta de produtos *diet* e *light* no mercado alimentício. Estes produtos prometiam realizar com praticidade e eficiência os cuidados com o corpo. Nos anos de 1990, fosse para emagrecer, engordar, diminuir o colesterol, aumentar a massa muscular, controlar a pressão arterial, com fins estéticos, os indivíduos, na sua maioria, se envolveram com algum tipo de dieta. A história desta alimentação era voltada para o emagrecimento e este, por sua vez, comumente associado ao embelezamento.

Edson Wilson Mendes de Almeida (SEDUC/GO)

Inimigos do Sentinela da Liberdade: As mudanças e alterações nas adaptações do Capitão América das HQ para o cinema

Em março de 1941, chegava as bancas estadunidenses a revista Captain America Comics #1, criado por Joe Simon e Jack Kirby, contando as aventuras do jovem franzino Steve Rogers que se submetia a um experimento revolucionário que tinha por objetivo criar um grupo de supersoldados para enfrentar o avanço nazista sobre o mundo. O soldado da editora Timely Comics não foi o primeiro aventureiro com este nobre intento, mas podemos dizer que foi o que obteve um sucesso maior. Em 1944, a Republic Pictures produziu um seriado do personagem com mudanças significativas, entre elas temos o Capitão utilizando uma arma de fogo em vez de seu escudo. No final dos anos de 1979 a emissora CBS trouxe as aventuras de Steve Rogers a televisão em dois telefilmes. Em 1990 uma união de estúdios trouxe mais uma aventura. Em 2011, a Marvel Studios, em seu projeto Vingadores, lança Capitão América: O primeiro vingador, preparando o personagem para o filme dos Vingadores. Em 2013, foi lançado Capitão América: Soldado Invernal, ao qual algumas alterações são sentidas, porém em menor escala e mais presa aos conceitos e aventuras do personagem nas histórias em quadrinhos. Para este artigo, estudaremos a primeira e as duas últimas adaptações observado as principais mudanças e alterações do universo dos quadrinhos para as telas e como estas obras podem ser utilizadas em sala de aula para se explicar os períodos históricos.

Eduardo Barbaresco Filho (UFG)

Do trânsito moderno - contemporâneo em Estércio Marquez Cunha: a constituição de uma partitura de vida

O presente artigo é parte de uma pesquisa em andamento do programa de Pós em História da UFG sob orientação do professor Márcio Pizarro e tem como objetivo estabelecer uma escritura biográfica do compositor goiano Estércio Marquez Cunha.

Propõem-se, numa dimensão historiográfica, estabelecer o trânsito desse artista entre momentos do cenário moderno e o contemporâneo, tendo o discurso e a obra como referenciais de documento, prova e testemunho. A questão principal está no cruzamento entre leituras feitas pelo historiador desse sujeito artista - que se narra, se auto crítica/afirma, e diz não pertencer a um momento, período específico, em contraposição ao próprio conceito de tempo histórico e tempo performático. Alguns autores serão convocados: Ricoeur, Derrida, Agamben, na temática da narrativa, da escritura, dos traços da memória, a biografia e a constituição do sujeito, Bergson e o tempo da duração, Deleuze e o tempo da performance. A contribuição da discussão consolida espaços da construção de uma história interartística, segundo o grupo do CNPq interartes e intermédias, que considera os limites, contornos e interstícios entre as artes, sobretudo nos campos da música, poesia, teatro. Estércio mostra-se como figura singular, afirmando padrões vigentes do séc. XIX, o ideal semiótico da arte e comunicação, a sociedade de consumo, uma atitude conservadora, sobrepondo uma crítica ao contemporâneo, à velocidade das informações, à orgia do instante. Nesse mesmo discurso/obra o compositor se inscreve no tempo/espaço e traz à escrita da história e à historiografia da música, distinções: o modo como se pensa a criação musical, o silêncio, o tempo, as relações entre o interior e os grandes centros, o artista que se mostra na obra. O tecido é então feito e refeito, o justo momento em que a partitura de uma vida passa e transita entre tempos para sua grande estreia e performance, posto a vida que não se encerra hermeticamente na escrita, a música que está além, para os meandros do não dito, e a história que a própria memória faz e refaz. Um caminho é então perscrutado quando se cruzam universos que mesmo distintos, como o som musical e sua escrita, compartilham signos, traços de uma mesma memória, de um mesmo acontecimento; as notas da pauta, os signos do testemunho, são espaços de uma hermenêutica entre música, vida, história.

Eduardo dos Santos Chaves (UFRGS)

Cartas de direita: a “vigília anticomunista” das gaúchas da ADFG

A proposta da comunicação é apresentar alguns dos resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre a formação e a atuação da Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG). Criada no contexto do golpe civil-militar de 1964, na cidade de Porto Alegre, a trajetória da organização feminina foi marcada primeiramente pela forte militância anticomunista e pela sua intensa participação na desestabilização do governo de João Goulart (1961-1964). Durante a ditadura, a organização, além de permanecer "vigilante" no que diz respeito ao anticomunismo, buscou colaborar na legitimidade do regime, atuando em áreas voltadas ao assistencialismo social e ao voluntarismo. Nesse sentido, percebe-se ao longo da trajetória da ADFG a forte atuação em diversas atividades nos bairros da periferia de Porto Alegre. O trabalho pretende analisar a atuação da ADFG em um cenário de construção social da ditadura brasileira, no qual foram tecidas complexas relações entre o regime e a sociedade brasileira. Nesta comunicação pretende-se analisar as correspondências trocadas entre a associação e demais instituições que tinham como características gerais a forte militância anticomunista e a aproximação com o regime. As cartas trocadas entre as gaúchas da ADFG e suas companheiras de outros estados, como as cariocas da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE) e as pernambucanas da Cruzada Democrática Feminina (CDF),

permite verificarmos uma complexa rede de entidades voltadas a salvaguardar o regime do “perigo comunista” ainda presente na ditadura.

Eduardo Ferraz Felipe (USP)

A colagem como problema para a historiografia

A intenção dessa proposta é analisar alguns autores latino-americanos que incorporaram alguns problemas derivados das vanguardas artísticas. Se em um primeiro momento dois nomes vem à mente, Alejo Carpentier e Lezama Lima, seja de modo explícito ou implícito, ambos sugerem derivações ao problema colocado. Enfatizarei escrita da história e experiência do tempo, o que limita a presença das ilações a determinadas abordagens que enfatizam o contexto de suas produções culturais. No segundo momento da apresentação, serão sugeridas alusões entre essa proposição e alguns autores contemporâneos, não necessariamente latino-americanos.

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos (UEG)

Cronica & Ricordanze: memória e auto biografia na Florença renascentistas

A prática da escrita de textos individuais de uso privados eclodiu na Corte francesa do século XVI. Todavia, antes dessa “febre” individual os historiadores contemporâneos estão cientes que esta nova modalidade de escrita teve início entre os anos finais do século XIII e o século XIV, principalmente, na cidade de Florença, na Região da Toscana, onde em meio a livros de registro das casas comerciais (entrada e saída de dinheiro), registros comerciais, registros de compra e venda de terra, os homens de negócios começaram, também, a registrar aspectos pessoais, suas opiniões, suas experiências e, muitas vezes, deixavam conselhos para os familiares, o que nos permite compreender melhor os aspectos cotidianos e políticos da sociedade em que viviam. Lançando mão dos diários escritos pelos comerciantes florentinos Gregorio Dati e Buonaccorso Pitti, o presente artigo tem como escopo problematizar o uso da memória e seu registro escrito no renascimento europeu. Período esse em que a noção de individuo, escrita e leitura, na acepção moderna que conhecemos e usamos, estavam em construção.

Eduardo José Afonso (UNESP / Assis)

Corações Sujos: Quando a História roteirizada vira romance no Cinema

O presente artigo analisa a relação entre História, Cinema e Literatura sob dois aspectos. Como a obra de um jornalista, que trata de um fato histórico, durante muito tempo tabu, o *Shindo-Renei*, roteirizado para o cinema, tornou-se um romance ? e, Como, fazendo o caminho inverso, partindo do filme para chegar ao livro , e neste percurso nos apropriando dos conceitos da Nova História Cultural, encontramos presentes as práticas e representações comuns a nossa sociedade.

Eduardo José Reinato (PUC/GO)

DE CORVOS E ESCRIVANINHAS - suplício do corpo e destruição do eu

Um feixe de eletricidade, sons e imagens perpassando corpos, ou se refratando pela luz neles incidentes. Suas associações imbricam-nos num labirinto de culturas, linguagens e sociedades, entrecruzando-se na temporalidade de enigmas e perguntas “povoadas de agoras”. Percorrer associações como camadas de claros e escuros nos fará mergulhar em um espaço tecido de citações e de fragmentos que se cristalizam hoje em nosso interior e em nossas retinas. Essas referências nos impelem a uma praia tenebrosa de nossa “memória involuntária”. Com certeza, é essa a forma mais furtiva de criação de elos, pontes e relações entre a CULTURA - ESTÉTICA - LINGUAGENS através do que declinamos como APROPRIAÇÕES ARTÍSTICAS E SOCIAIS. Nesta comunicação, procura-se entrecruzar, imagens pictóricas de Fernando Botero, as fotografias das torturas de Abu Ghraib e a peça de teatro What Where de Samuel Beckett, encenada pelo Grupo Máskara. A temática comum? A tortura, revisitada, tendo como fontes, fotos, pinturas e o teatro de Samuel Beckett.

Eduardo José Silva Lima (UFRPE)

O Corpo feminino e os limites sociais nas práticas esportivas

A modernidade vai se desenvolvendo no Recife e dela decorrem questionamentos, principalmente sobre os comportamentos sociais. Algumas práticas esportivas são frutos dessa modernidade, são criados espaços de sociabilidades únicos e inéditos. Este trabalho se baseia nos estudos do historiador inglês E.P. Thompson, que enxerga a cultura como um campo de conflitos. O cerne do texto é a participação feminina no campo esportivo que se desenvolvia no Recife na década de 1920. Revistas e periódicos da época mostram que as mulheres da elite recifense se interessavam e participavam de maneira diferente de vários esportes, alguns na condição de praticantes e outros, como o futebol, na condição de torcedora. Com o crescimento dos esportes modernos e nascimento de novas práticas esportivas vão florescendo questões sobre a viabilidade, do ponto de vista da saúde, da higiene, da educação escolar, sobretudo da estética, desses esportes. Principalmente para o “frágil” e “sensível” corpo feminino. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é discutir a participação feminina no campo esportivo recifense e de que forma foram construídos argumentos que permitiam e proibiam a prática de determinados esportes por parte desta categoria social.

Edvaldo Correa Sotana (UFMS)

A TV Morena e a transmissão da Copa do Mundo de Futebol de 1970: notas de pesquisa

As primeiras transmissões da emissora campo-grandense TV Morena, canal 04, ocorreram em “fase experimental” nos primeiros dias de dezembro de 1965. Mesmo com constantes quedas de energia, sua inauguração oficial foi realizada no Natal daquele

ano. Musicais, programas humorísticos e novelas obtidas junto às redes Record e Excelsior fizeram parte da sua grade semanal. Nos primeiros dias de funcionamento, estreou seu telejornal *Notícias do Dia*. Com edição diária de 25 minutos, de segunda até sexta-feira, o jornal veiculava notícias internacionais, nacionais e locais. Apenas em 1967 surgiu o segundo telejornal. Exceto aos domingos e com duração aproximada de 15 minutos, o *Módulo 6* entrava no ar às 22 horas. Em 1976, a programação da emissora sofreu significativas modificações. Depois de onze anos de funcionamento, a emissora se tornou afiliada da Rede Globo de Televisão. A partir de janeiro, começou a modificar sua grade de programação. O *Jornal Nacional*, por exemplo, passou a ser transmitido ao vivo, via Embratel, pontualmente às 18h45min. Nosso interesse, porém, não recai sobre a análise de toda a programação veiculada pela emissora no período compreendido entre 1965 e 1976. Por hora, pretendemos focar a retransmissão da Copa do Mundo de Futebol, realizada no México, em 1970. Além de discutir a proposta do governo militar de “congregar os brasileiros” na torcida pela seleção canarinho e de tratar do papel da televisão para propagar o ufanismo pelo território nacional, objetivamos refletir sobre os expedientes utilizados pela TV Morena para retransmissão das partidas de futebol do escrete nacional para Campo Grande e região e, além disso, abordar as manifestações da população em relação aos jogos. Pretendemos, portanto, debater o intrincado cruzamento entre regime militar brasileiro, futebol e meios de comunicação.

Edwar de Alencar Castelo Branco (UFPI)

Jaislan Honório Monteiro (UFPI)

Cinema ao avesso da forma: intertextualidade e produção de sentidos em filmes experimentais brasileiros

O pré-texto consiste na análise de filmes rodados em câmeras de superoito milímetros, nas cidades de Teresina e do Rio de Janeiro, em princípios da década de 1970. O foco do estudo incide sobre filmes do “Espectro Torquato Neto”, através dos quais, com base em autores como Michel de Certeau, se procura descrever as táticas comunicacionais utilizadas por jovens realizadores no momento em que estes se viram historicamente implicados na necessidade de utilizar linguagens experimentais como instrumentos de bricolagem dos códigos culturais de seu tempo.

Ekaterina Vólkova Américo (USP)

História e cultura na obra de Iúri Lotman

A presente comunicação visa analisar o princípio de historicidade e de recuperação do contexto como um dos fundamentais na obra de Iúri Lotman, um dos maiores estudiosos da cultura e literatura russa. Os textos de Lotman revelam uma visão da história da literatura como um processo único que obedece a certas leis. Nesse sentido, o seu método de estudo pode ser chamado de histográfico, isto é: os processos literários concretos são compreendidos como parte da história universal da humanidade e não podem ser analisados fora do seu contexto.

Elaine Coelho da Luz (UDESC)

Ensino secundário brasileiro: análise de Guy de Hollanda sobre os compêndios e o ensino de história entre 1931 a 1956

O texto que se apresenta é resultado parcial de pesquisa de dissertação, que está em andamento para o Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Objetiva evidenciar o trabalho desenvolvido pelo professor e historiador Guy de Hollanda, ao verificar suas orientações metodológicas para a disciplina de História no ensino secundário brasileiro durante o movimento de renovação educacional Escola Nova. O recorte temporal se dá entre 1931-1956. O embasamento teórico deste artigo considerou bibliografias referentes ao ensino secundário brasileiro, com enfoque para a publicação da obra de Guy de Hollanda “Um quarto de século de programas e Compêndios de História para o Ensino Secundário Brasileiro (1931-1956)”, que trata sobre currículo de História, materiais de ensino e estratégias escolares como soluções para os problemas no âmbito educacional. Desse modo, remetemo-nos ao conceito disciplina-saber, discutido por André Chervel e Circe Bittencourt que aprofundam os estudos sobre as disciplinas escolares, permitindo-nos entender o ensino de História no período de renovação educacional. As ideias aqui apresentadas foram subsidiadas em bibliografias na forma de livros sobre o ensino secundário e em artigos científicos. Os subsídios que encaminham esta discussão vinculam-se à História Cultural, nesse sentido, remetemo-nos aos estudos do historiador francês Roger Chartier. O uso de leituras complementares, atlas, ilustrações documentárias, acrescentado a outros recursos, recomendados pelo autor, sugerindo inovação nas aulas de História, é uma prática necessária aos educadores e o sucesso de suas aulas vai modificar conforme a apropriação dos alunos em relação às leituras e ao conteúdo trabalhado. Por meio desse estudo, foi possível verificar como se deu o processo de utilização de novos recursos didáticos, inseridos no currículo escolar do ensino secundário brasileiro.

Elaine Regina Mendes Lisbôa (UEMA)

Thalisse Ramos de Sousa (UEMA)

ENTRE NEGOCIAÇÕES E CONFLITOS: uma abordagem sobre as práticas educativas de escravos na Província do Maranhão no século XIX

A História da Educação tem estabelecido um profícuo diálogo com a História Cultural, visto que esta proporcionou outras abordagens através de novos métodos, sujeitos e fontes de pesquisas, trazendo para as discussões uma multiplicidade de sujeitos historicamente excluídos, como as mulheres, os operários, os prisioneiros. Na historiografia brasileira, as pesquisas nesse campo da história cultural tem privilegiado os estudos sobre os segmentos populares, os negros, os escravos, superando a dicotomia de submissão e opressão, problematizando a questão da resistência. Este trabalho tem como foco a análise das práticas educativas de escravos no Maranhão do século XIX, em um contexto de implantação de um projeto civilizatório, excludente e de influências europeias, em que o negro era marginalizado como inferior. Tais práticas educativas estavam permeadas por negociações e conflitos, evidenciando as brechas entre a norma e o vivido, entre o que era posto como regra para os escravos e como eles as vivenciavam, isto é, as negociações entre os discursos de exclusão ao espaço escolar, expressos nas

Leis e Regulamentos da Instrução Pública no Maranhão Império, e o vivido nas práticas de uma parcela de cativos que frequentava as escolas. Como afirma Certeau (1994), nessas brechas se insinuam as reformulações, os desvios, as apropriações e as resistências. Na mesma perspectiva, os estudos de Chartier (2002) sobre as práticas e representações, apontam para a impossibilidade da imposição da “cultura dominante”, visto que os objetos são apropriados por grupos diferenciados com finalidades também diferenciadas. Nesse sentido, neste trabalho destaca-se o envolvimento dos escravos no processo educacional, a fim de perceber as estratégias utilizadas para a inserção desses sujeitos nas práticas educativas, e as representações criadas nesses usos simbólicos da apropriação do saber.

Eleonora Zicari Costa de Brito (UnB)

“Minha arma é o que a memória guarda”. Música e resistência nos tempos do regime militar

Linguagem capaz de atribuir sentidos às práticas sociais, a música constrói identidades e forja memórias sobre seu tempo. A memória do Brasil dos anos de regime militar, por exemplo, pode ser apreendida pelo exame de certo repertório musical cujo papel foi fundamental a sua constituição. É sobre parte desse repertório que serviu de suporte às práticas sociais ligadas à resistência ao regime militar que se propõe discutir nessa oportunidade, considerando-se que essa resistência passava por diferentes estratégias, e que se dava não apenas ao nível propriamente político, mas também em oposição à postura conservadora e moralista que a censura do regime militar fazia incidir sobre a produção musical da época.

Eliane Marta Teixeira Lopes (PUC/SP)

Maria Tereza Mendes de Castro (FAE UFMG)

Não te esqueça da tua Constancinha...

Constancinha era o nome com que assinava suas cartas *Constância Guimarães*. Constância viveu em Ouro Preto, Minas Gerais, entre os anos 1871 e 1887. Era filha do escritor Bernardo Guimarães e prima e noiva do poeta Alphonsus de Guimarães. Suas oito cartas datam de 1887 (entre maio e outubro), ano em que morreu vítima de tuberculose. Elas fazem parte da Coleção Constância Guimarães depositadas no Arquivo Público de Minas Gerais, no qual constam também o documento de doação de um parente, um documento em que o mesmo decodifica os apelidos e os parentescos da família e seis fotografias entre as quais uma da própria Constância. Um olhar sobre as cartas anunciam uma mulher inteligente, que escreve em um português corretíssimo, leitora crítica, bem-humorada. Suas cartas mostram sua convivência com a morte de parentes e amigos e a possibilidade da sua própria. Descreve, sem autocomiseração, tratamentos dolorosos a que foi submetida, curas e recaídas. A comunicação vai abordar este acervo epistolar a partir das seguintes questões: a doação e a descrição do acervo; a guarda e conservação; o local de sua produção, em Ouro Preto no século XIX, o cotidiano da família Guimarães e a personagem e seus assuntos.

Elias Justino Bartolomeu Binja (UNIESP / Mauá)

WIT: Uma proposta criativa para repensar: Vida e Morte

O intuito do presente artigo é refletir sobre “Vida e Morte” em “Wit: Uma Lição de Vida”. “Wit” (agudez de espírito) é a primeira peça da dramaturga americana Margaret Edson (1961), produzida pela primeira vez em 1995, no South Coast Repertory Theater, em Costa Mesa, na Califórnia. Depois dessa estreia bem sucedida, várias outras encenações aconteceram em distintos estados até chegar ao circuito off-Broadway, em Nova York em 1998, tendo permanecido em cartaz até 2000. Em 2012 reabriu uma curta temporada no começo do ano, que foi de Janeiro à Março, no mesmo circuito. Nessa temporada a peça é estrelada por Cynthia Nixon, no papel principal como Vivian Bearing. Em 2001, a peça ganhou uma versão televisiva, produzido pela HBO, tendo saído em vídeo pela FlashStar. Como filme, em inglês conservou o título “Wit”, e em português, o mesmo foi traduzido como “Wit: Uma Lição de Vida”, dirigido por Mike Nichols e Emma Thompson. Emma Thompson, além de interpretar o papel de protagonista principal, de Vivien Bearing, assina o roteiro.

Élie Bajard (Ecole des Hautes Études em Sciences Sociales)

Evolução histórica da escrita e procedimentos de alfabetização

Desde seus primeiros tempos, a escrita passou por várias etapas nas quais podemos observar uma dupla evolução. Na primeira ocorreu uma "fonologização" gradativa até o nascimento do alfabeto grego, mediante a invenção da notação das vogais e do surgimento da escrita contínua. Através da segunda, a escrita, até então réplica da oralidade, baseada em letras com valor sonoro, sofreu uma "ideografização" que a transformou em língua autônoma, constituída por unidades caracterizadas por sua função discursiva.

Essa segunda evolução foi selada pela invenção de Gutenberg, que transformou letras em tipos de chumbo classificados nas caixas alta e baixa, disponíveis ao olho e à mão do tipógrafo. Gutenberg deu corpo e visibilidade ao caractere, quando a letra era apenas abstração. A imprensa consagrou assim invenções medievais que adulteraram a biunivocidade da relação letra/som. Um conjunto de caracteres com impacto sobre o significado se substituiu ao alfabeto.

Apesar da explosão das linguagens visuais no século vinte, essa visão renascentista de uma linguagem para os olhos teve pouco efeito sobre os procedimentos atuais de alfabetização, cunhados pela visão fonocêntrica ocidental. Quase todos eles visam o domínio das correspondências entre fonemas e grafemas que operam fora da função discursiva da língua escrita, na medida em que o grafema não tem existência fora da sua relação com o fonema. Tal concepção da aprendizagem não pode ser inocentada pelo elevado número de analfabetos funcionais que saem da escola sabendo pronunciar sem compreender. Ao implantar a imprensa escolar, Celestin Freinet, herdeiro de Gutenberg, propunha escrever com a mão guiada pelo olho, sem mediação vocal.

Nossa reflexão, construída a partir de prática alternativa de educadoras de crianças de 3 e 4 anos oriundas da periferia de São Paulo, engajadas numa escrita tipográfica (ortográfica), evidencia o pensamento único da sociedade e de seu sistema escolar, prisioneiro daquilo que Jacques Derrida chama de fonocentrismo, que dificulta a experimentação pedagógica fora da relação entre a letra e o som.

Elielton Benedito Castro Gomes (UFPA)

“Adeus maio! salve junho!”: festa junina e imprensa em Belém do Pará nos anos de 1950

Falar de festas juninas em Belém do Pará, durante a década de 1950, é trazer à tona um conjunto de práticas culturais hibridizadas, que contêm em sua forma elementos dos meios urbano e rural. É também falar de eventos que aproximam os indivíduos da cidade, conferindo às relações de sociabilidade um estado de efervescência e, que muitas vezes, ultrapassa a vida social estabelecida. É, em outras palavras, a descoberta dos sujeitos participantes da possibilidade de liberarem-se de si mesmos e de enfrentarem o mundo das regras de conduta e procedimento com a instauração de um tempo sem leis, nem forma. A pesquisa ora apresentada pretende discutir as festas juninas de Belém do Pará no período em questão, tendo como auxílio fontes retiradas dos jornais *O Liberal*, *Folha do Norte*, *A Província do Pará* e *Revista Amazônia*, publicados na década de 1950, tendo em vista que ficção e realidade misturavam-se nas descrições presentes nas fontes consultadas sobre as festas juninas, que permitiam aos leitores encontrar, ao longo dos textos, os interesses de quem o produz e para quem se produz, buscando, com isso, analisá-la não como um retrato fiel da realidade e sim como um documento de complexidade, resultado de interesses e escolhas por parte do idealizador e da influência do contexto político, econômico e social no qual está inserido.

Eliete Lucia Tiburski (UFRGS)

A experiência de tempo em suas relações com a história e literatura no Brasil (1870-1930)

Conforme o tema deste Simpósio Temático proponho pensar a questão do tempo e sua manifestação em obras de literatura, mas também em sua conjugação com a noção de tempo histórico. Tal problematização está ligada a pesquisa que desenvolvo no doutorado, de pensar as experiências de tempo no século XIX brasileiro. Neste sentido, as fontes que utilizo são heterogêneas e englobam entre outras, obras de literatura, correspondências, textos de periódicos e os próprios escritos dos letrados da época.

Entre os objetivos desta comunicação penso em refletir como as imbricações entre os diferentes estratos do tempo servem para pensar a própria ideia de história, e como tais questões se apresentam nas fontes. Compreender as experiências de tempo em suas relações com o conceito de história também passa pela questão de entender a história e seu processo de disciplinarização e, logo, a sua relação com outros campos de saberes, entre eles a literatura. Implica também em pensar as possibilidades de representação da história e da experiência de tempo, e, neste sentido, flertar com a literatura e outros campos não só viabiliza e enriquece a pesquisa, como também oferece uma chave de

leitura interessante para pensar estas questões reforçando a necessidade de constantes debates e interpenetrações entre os campos da história e literatura, entre outros.

Elio Gomes Pereira (PUC/GO)

Direitos Humanos como “contravenção” e “arma retórica”: crítica e recepção nos currículos de formação militar

A comunicação objetiva apresentar reflexões sobre a militarização do ensino em Goiás. Toma como recorte temporal o período da Ditadura (64-85) e tem como base as mudanças na grade curricular do ensino na Academia da Polícia Militar. Discute diversos aspectos da militarização do ensino por meio das matrizes curriculares das décadas de 60,70 e as mudanças a partir do período da redemocratização. Enfatiza, sob esta perspectiva, o debate sobre os direitos humanos e as representações que influenciaram as práticas de ensino nas academias militares. A comunicação pretende apresentar a guerra de representações e leituras sobre a função da polícia, sua relação com a sociedade civil e os movimentos sociais de defesa dos direitos humanos.

Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega (UEPB)

A leitura de romances no contexto da circulação transatlântica dos impressos

Elisângela Marina de Freitas e Silva (Centro Universitário Municipal de São José)

O discurso sobre uma vida pragmática na fé messiânica: A Revista Izunome e a construção de família (2008-2013)

A Igreja Messiânica Mundial do Brasil -IMMB - tem sua introdução no Brasil a partir da segunda metade do século XX, nas décadas de sessenta e setenta deste século teve sua maior repercussão no cenário nacional e hoje ela desponta dentre as novas religiões de origem oriental como a que possui maior número de adeptos, segundo o Censo do IBGE de 2010. Este artigo tem como objetivo analisar a construção de família dentro do discurso oficial da instituição, utilizando como fonte de pesquisa a Revista Izunome, veículo oficial de transmissão da conduta ideal dos membros e seus respectivos hábitos cotidianos. Para tanto o trabalho partirá da interpretação dos discursos de poder e sua circulação nacional por meio deste mecanismo de informação.

Elizabeth Santos de Souza (UFF)

Reputação em foco: o comportamento dos credores e mutuários do crédito urbano na Gazeta do Rio de Janeiro no início Oitocentista

O periódico *Gazeta do Rio de Janeiro* começou a circular em 1808, e tão logo se tornou o recurso de divulgação de notícias que serviam aos interesses particulares. Restrita ao final do impresso, a seção designada “anúncios” retratava parte do cotidiano do mercado de crédito urbano, apresentando as constantes inquietações que impulsionavam credores e mutuários a recorrer ao uso da escrita para expressarem informações sobre a técnica do número - manuseada por todos os grupos sociais e aplicada às transações de pedir e tomar empréstimo. Dessa forma, a presente comunicação objetiva analisar os discursos dos credores e devedores que constam na *Gazeta do Rio de Janeiro* entre os anos de 1808 a 1821, apetrechando compreender seus comportamentos para a preservação da fama numa sociedade fortemente hierarquizada.

Elizeu de Miranda Corrêa (PUC/SP)

Muito além da música e do visual: tensões e negociações no universo das Linhas de Frentes das Bandas e Fanfarras do Estado de São Paulo

É possível afirmar que as Linhas de Frente das Bandas Marciais estão inseridas num domínio complexo e indecifrável, forjada a partir de intensas transformações e de adaptações nas performances, nas vestimentas e nos seus objetivos. Diante disso, nota-se que ela está inserida num ambiente de disputas e de construção de sentidos, o qual define papéis sociais mediado pelas relações de poder e de negociação através da cultura visual. Diante disso parte-se do pressuposto que as Linhas de Frente são uma prática cultural e de lazer, onde emergem relações de sociabilidade, de embates e de negociações no contexto urbano da cidade de São Paulo. Nesse sentido a presente pesquisa tem como objetivo identificar as relações de disputas e de poder entre a Banda Marcial (conjunto musical) e as Linhas de Frente conjunto visual coreográfico) das Bandas Marciais da Grande São Paulo.

Elke Daniela Rocha Nunes (UNISINOS)

FOTOGRAFIA E HISTÓRIA ORAL: Imagens e memórias de trabalhadores da ICOMI no Amapá

A pesquisa vem discutindo o uso combinado da história oral com a fotografia como uma possibilidade de suprir lacunas oriundas da não existência do documento ideal, ou seja, daquele que poderia responder a todas as indagações do pesquisador, para se estudar o controle social exercido pela Indústria e Comércio de Minérios S/A (ICOMI), primeiro, maior e mais duradouro empreendimento produtivo da história na Amazônia, sobre seus trabalhadores na exploração de manganês no Amapá. Para tanto, algumas ressalvas sobre o alcance, limite, particularidades e similitudes sobre ambas as técnicas foram levantadas ao longo do texto. Ao se escolher trabalhar desta forma, deve-se estar ciente das especificidades da linguagem fotográfica, de seus alcances, limites, particularidades e de suas similitudes com outras formas imagéticas. O historiador que escolhe usar o documento fotográfico deve ter em mente também que o enfoque do fotógrafo pode ter sido escolhido por intenções diferentes das que norteiam a pesquisa. Assim, além dos métodos de contextualização das imagens, para que o estudo incorpore o que está implícito e explícito, o cruzamento das imagens com outros textos e ainda com

depoimentos orais torna-se um imperativo para responder aos problemas propostos para a pesquisa. E isso é uma operação que requer a combinação de diferentes métodos de pesquisa. Uso combinado, eis a máxima que pode suprir lacunas oriundas da não existência do documento ideal, ou seja, daquele que poderia responder a todas as indagações do pesquisador. Todos os cuidados teóricos-metodológicos não dispensa o saber do especialista acerca de seu objeto de análise, nem tampouco o cruzamento de diferentes tipos de documentos. Por isso se diz que o trabalho do historiador se inscreve no reino das possibilidades e da verossimilhança com o real.

Elna Dias Cardoso (UFG)

Presença Negra, Trabalho e Espaços de Sociabilidade na Construção de Brasília

O trabalho aqui apresentado é resultado de uma pesquisa realizada no acervo do Arquivo Público do Distrito Federal. O objetivo foi buscar indícios sobre a presença negra no contexto de construção de Brasília, compreendendo sentidos de pertencimento e a conformação de espaços de sociabilidade orientados pelo mundo do trabalho, entre os anos de 1956 e 1960. Para tanto entrecruzamos três tipos de fontes documentais: a) carteiras de trabalho que evidenciam a identificação de trabalhadores como pretos e pardos, em conformidade com itens constantes nos Censos de 1950 e 1960; b) fotografias que registram o cotidiano na Cidade Livre (núcleo populacional pioneiro), no Aeroporto, nos diversos acampamentos, alojamentos e canteiros de obras, contemplando momentos de trabalho e de fruição e; c) relatos orais de homens e mulheres que, por meio de suas lembranças, nos remetem a memórias que possibilitam apreender os sentidos de pertencimento estabelecidos com o lugar naquele período. Para análise das carteiras de trabalho foram pesquisados os critérios de classificação indicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE naquele período, destacando de um conjunto de aproximadamente 700 carteiras que compõem o Fundo Novacap, aquelas em que aparecem as classificações preto (a) ou pardo(a). Essa classificação foi encontrada em mais ou menos 60% dos documentos analisados. Se considerada a denominação “moreno (a)”, presente em grande número de carteiras de trabalho do período, esse percentual chega a quase 80%. Destaca-se a existência de significativas gradações nessas classificações, como por exemplo, preto claro ou moreno escuro. A diversidade de adjetivos classificatórios coincide com traços fenotípicos também diversificados. As fotografias e relatos orais demonstram que um cenário muito peculiar espacialmente se desenhava naquele momento em função da instalação de um gigantesco canteiro de obras em torno da nova capital. Ao positivar a presença negra na construção de Brasília, possibilita-se visibilizar a participação deste segmento populacional, percebendo estes como sujeitos históricos que protagonizaram um dos momentos mais importantes da história da nação brasileira.

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

A escrita do passado nas cidades através dos monumentos

Muitas são as formas pelas quais o passado se inscreve e se dá a ler numa cidade. Do núcleo inicial aos mais modernos espaços construídos, as cidades sempre permitiram

que distintos atores sociais as lessem, quer através de andanças por lugares de memória, quer através do estudo detalhado de seus espaços e equipamentos urbanos. Nesta trajetória encontra-se desde uma cidade em palimpsesto até uma cidade fragmentada que emerge aos pedaços pela mão de pintores, arquitetos, historiadores, escultores. Em tais espaços é que queremos destacar os monumentos à imigração para, através deles contar a cidade e seus habitantes.

Eloísa Pereira Barroso (UnB)

Mário de Andrade e Walter Benjamin: Paralelismos na compreensão da cidade moderna

Fonte geradora de análise, a cidade encerra diversas possibilidades de discursos, dentre eles a literatura. A literatura como um discurso sobre a cidade organiza uma outra prospecção para a análise do espaço social urbano. Os conflitos encerrados nos textos literários expõem a subjetividade e a convivência entre indivíduos que se encontram nos mais variados locais. Os lugares da sociabilidade urbana não se limitam aos já comumente conhecidos. Os seres da cidade, personagens da ficção moderna, explicitam relações cotidianas. De um lado o indivíduo, do outro a ideia da cidade como organização da modernidade, a cidade é tanto conquista, como condenação, é esperança e desespero. Assim estudar a cidade via literatura e história é negociar cada passo entre a multiplicidade dos fatores relevantes tanto na historiografia, como na produção literária. Essa opção institui uma complexidade de reconstrução das relações estabelecidas pelo viés da linguagem metaforizada. Portanto o desafio deste artigo é criar uma estrutura interativa de pesquisa, na qual a literatura seja mais um elemento para a história compreender e decifrar os processos de mudança cultural e social no espaço urbano, para tanto foram eleitos dois autores Walter Benjamin e Mário de Andrade com o intuito de analisar a forma como estes leem a cidade e reconstroem os fragmentos que compõem o espaço urbano de maneira a criar uma metáfora da moderna cidade ocidental capitalista.

Elson de Assis Rabelo (UNIVASF)

Os usos geopolíticos da imagem técnica: as intervenções no rio São Francisco na era do desenvolvimentismo autoritário

Este trabalho traz alguns resultados de pesquisa sobre a dimensão visual das transformações espaciais do rio São Francisco, no auge do desenvolvimentismo nacional do regime civil-militar, nos anos 1970. Recortamos imagens da imprensa, da publicidade e da propaganda oficial do governo, bem como os textos e legendas que as acompanhavam, e entrecruzamos esses artefatos para problematizar a construção do visível a partir de determinados enfrentamentos sociais relacionados à crise da navegação fluvial e à consolidação de um modelo de desenvolvimento pautado na eletrificação e na construção de barragens. As imagens técnicas ajudavam a elaborar um olhar que se definia cada vez mais pela superação da natureza e pela configuração das paisagens a partir da intervenção da sociedade. Ao mesmo tempo em que atualizava o tema que fora recorrente, no passado, de que os espaços do interior do Brasil eram vazios e disponíveis,

esse olhar era apropriado por certa hegemonia nacionalista daquele regime político, que via no desenvolvimento a chave para a construção do “Brasil potência”, cuja natureza era não apenas exuberante, mas útil.

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira (UnB)

O museu como arquivo: o Museu de Arte Moderna do Recife diante do efêmero

A presente pesquisa buscou compreender como o Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães de Recife opera com a documentação dedicada à história expositiva de seu acervo, especialmente diante de obras tipificadas, segundo a crítica e a história da arte, como performances, *happenings*, instalações, intervenções públicas e novas tecnologias. Para tanto, foi preciso compreender a história da coleção da instituição e seus desdobramentos para sua visibilidade institucional, para suas políticas aquisitivas e para o processo de reapresentação e circulação das obras. Em particular, buscamos compreender como o museu maneja as estratégias de registro para a recuperação de obras executadas no limite entre a materialidade e a efemeridade.

Emerson Rodrigues de Brito (UFMS)

O corpo e o imaginário: as questões contemporâneas do design de games

A representação do humano tem se alterado significativamente nas últimas décadas devido, principalmente, as possibilidades geradas pelos suportes tecnológicos. No entanto, o corpo, ou ainda os objetos de modo geral, que a partir do Cubismo passaram por um processo artístico de fragmentação e transformação, que abriu o caminho para mudanças significativas de seus conceitos originais. Assim os suportes tecnológicos transformaram o corpo em novos padrões que se distanciam das nossas representações do chamado dia a dia. É no universo do hiper-real na dimensão do ambiente virtual dos games que surge o processo de criação de imagens que vão além da nossa vivência cotidiana comum. Tal criação de imagens se revela em fantasias, que se apresentam como componente de nossas vidas, não mais como simples momentos oníricos de nosso entretenimento.

Os computadores são os suportes que nos acompanham em nossa contemporaneidade, tornando possível essa nova realidade, no sentido de criação de novas formas de linguagens.

Deste modo, o tema da pesquisa procura investigar as bases da linguagem do design dessa nova realidade virtual vinculada à representação do humano, não mais dentro de padrões dados pela lógica cultural cotidiana ou biológica. O tema tem em seu cerne a preocupação de levantar questões sobre a relação entre criação de novas formas de design do corpo nos games e a linguagem como composição simbólica.

Emily Rodrigues dos Santos (UEFS)

“Quem espera tempo ruim é lajedo”: migração durante a seca de 1932 em Jacobina-Ba

No presente trabalho analisa-se de que maneira a migração, enquanto último recurso diante dos efeitos da seca, impôs para o indivíduo a necessidade de abandonar sua terra natal e buscar melhores condições em outros lugares. As marcas da submissão que os sertanejos enfrentavam acentuavam-se em períodos de estiagem. A concentração de terra nas mãos de poucos proprietários obrigava o sertanejo a desenvolver uma agropecuária de subsistência, na qual a produção era baixa e voltada apenas para o consumo da família. Portanto, não havia excedentes que ele pudesse usar como reservas para o próximo verão. A baixa produção está intimamente ligada à qualidade das terras, menos rentáveis, pouco férteis e de tamanho reduzido, o que impossibilitava uma produção capaz de manter a segurança alimentar das famílias. A seca (na verdade muito mais as relações de posse e uso da terra, assim como de exploração da população subalternizada que são exacerbadas em períodos de estiagem) já exigiu que se fizesse uso de raízes e sementes silvestres para amenizar a fome, a adaptação da dieta alimentar, mas estas não eram suficientes e também começam a escassear, assim como a fonte de trabalho, quando todo o sistema produtivo rural entrou em colapso, o sertanejo entende que é chegada a hora da “triste partida”. Dentre as inúmeras respostas que os sertanejos deram diante das dificuldades causadas pela seca, uma delas foi a emigração. A escolha do Sul da Bahia presume-se que era feita com base na ideia de que era uma região que apresentava um clima que não sofria os efeitos da seca, se apresentando como a terra em que havia fartura. Quando os trabalhadores acreditavam não ser mais possível suportar as condições impostas pelas relações de poder baseadas na opressão e na desigualdade, decidiam partir.

Enrique Porta Lopez Puigcerver (PUC/MG)

Elementos do patriarcado no conto "Amor" de Clarice Lispector (1920 - 1977)

O texto pretende apresentar uma leitura de fragmentos do conto *Amor* de Clarice Lispector, destacando aspectos tanto numa perspectiva psicanalítica quanto cultural que funcionam como mecanismos que intervêm na constituição da sociedade. A partir disso, vislumbra-se a presença do patriarcado enquanto resultado do processo, identificado psicanalítico, antropológico e culturalmente, como troca de mulheres de acordo com as formulações teóricas de Juliet Mitchel.

Eric Danzi Lemos (USP)

Representações fotográficas do Brasil na Feira Mundial de Nova York (1939/1940)

Propomos estudar as representações fotográficas do Brasil produzidas na ocasião da realização da Feira Mundial de Nova York entre 1939 e 1940. Primeiramente, traçaremos um breve panorama a respeito da feira e, em seguida, caracterizaremos a participação dos produtores fotográficos brasileiros no evento, tendo como foco a produção do fotógrafo Theodor Preising (1883/1962). Finalmente, buscaremos a compreensão das fotografias produzidas por Theodor Preising no conjunto maior das

demais representações fotográficas expostas, bem como, a relação das fotografias com o espaço do Pavilhão do Brasil projetado pelos arquitetos Lucio Costa (1902-1998) e Oscar Niemeyer (1907-2012) e com o contexto político do país.

Erichsen Fernandes Sabóia Izídio (UFCEG)

Ritmos variados. Moralidade convencional e controle social: os populares fortalezenses e os discursos reguladores, 1937-1945

Esse escrito propõe, através de estudos sobre costumes cotidianos, uma reflexão sobre o choque e o conflito com a modernidade em Fortaleza, durante o Estado Novo (1937-1945). Analisando por meio da relação de permanências e rupturas, ou proximidades e distâncias, como são significativas as reflexões das regulações coletivas e dinâmicas sociais, incorporando chancelas institucionais seguras e transformando as diversões em lazeres. A racionalização do cotidiano urbano em Fortaleza ocorreu de forma intrínseca à implantação da ordem pública centralizadora. A cidade policiada desejou reter a desordem social com vigilância, mas foi no descompasso da complacência estatal que os divertimentos populares se ajustaram à nova ordem nacional.

Érika Rachel Guimarães Soares Alves (UFRJ)

A construção de um modelo de comportamento segundo os desenhos animados Disney: "Branca de Neve e Os Sete Anões" (1937) e "A Bela e a Fera" (1991)

O presente estudo propõe a análise das produções cinematográficas: "Branca de Neve e Os Sete Anões" (Snow White and the Seven Dwarfs, dir. Hamilton Luske, 1937) e "A Bela e a Fera" (The Beauty and the Beast, dir. Kirk Wise, 1991) para compreender como as representações das personagens presentes nos filmes de animação da Disney são alteradas para acompanhar a modificação do papel social de mulheres e homens na sociedade americana do século XX. Através da comparação, observa-se que tais técnicas e abordagens que diferem as produções entre si, refletem tendências dos momentos histórico de seus lançamentos.

O trabalho em questão se preocupa em estudar a construção das personagens dos desenhos de princesa Disney seguindo os apontamentos teóricos de Roger Chartier a respeito do tema de representação. Assim pode-se analisar como as características das personagens que acabam por se cristalizar e se constituir em modelos de comportamento para um público infanto-juvenil e, por conseguinte, como a circularidade na qual os arquétipos cunhados são alterados de forma a se adaptarem à sociedade americana em constante mutação. Esse processo de circularidade da representação possui mecanismos complexos cujos elementos vão além do objetivo da presente apresentação, no entanto, pode-se afirmar que a indústria cultural, responsável pelo mercado no qual se inserem as representações cinematográficas analisadas, é responsável por um processo de contínua adaptação às demandas culturais presentes. Assim, a partir da constituição de um primeiro modelo arquetípico, elementos estéticos, maneirismos, condutas, são absorvidos por indivíduos consumidores, que, ao longo de um período acabam por alterar suas características iniciais, o que leva a indústria a buscar a preparação de um

novo arquétipo que novamente se enquadre à nova cultura presente ao público alvo em suas bases.

Tendo como base as discussões da relação cinema e história, ancoradas nos autores Marc Ferro (Cinema e História), Marcos Napolitano (A história depois do papel) e Sébastien Denis (O Cinema de Animação) objetiva-se verificar a evolução das personagens apresentadas pelos Estúdios Disney, famoso pela produção de filmes clássicos no cinema de animação e de alta popularidade entre o público infanto-juvenil, acompanhando as mudanças na sociedade americana, que os consome em larga escala.

Erivoneide Marlene de Barros Pereira (USP)

Aleksandr Niévski de Serguei Eisenstein: uma cinecrônica

Iuri Lótman discute, em seu livro dedicado ao cinema (*Estética e semiótica do cinema* - 1978), o “sentimento de realidade” gerado pela captação de imagens, matéria-prima da arte cinematográfica, e encaminha uma leitura em que amplia as possibilidades do cinema enquanto uma linguagem artística ao indicar a sua riqueza na possibilidade de “deformar” o mundo referencial, propondo-lhe novas construções. Como um texto, por sua vez, o cinema é entendido dentro do âmbito de um sistema portador de uma determinada mensagem da cultura em que foi produzido. A dúvida que emerge dessas primeiras percepções recai sobre o “sentimento de realidade” criado por filmes em que a matéria de sua construção seja extraída de documentos e personagens históricos.

Dentro desse questionamento, propomo-nos a discutir a construção da personagem central do filme de Serguei Eisenstein, *Aleksandr Niévski* (1938). Para tanto, recuperaremos o modo como o cineasta retoma elementos da história ‘oficial’ - as Crônicas Medievais -, assim como dos relatos do imaginário popular, ao longo dos séculos, para delinear essa importante figura histórica da Rússia medieval. Depois, verificaremos as escolhas estéticas oriundas de pesquisas realizadas por Eisenstein para o tipo de filme e personagem que pretendia construir, considerando o período histórico-cultural em que se deu a produção do filme, o Realismo Socialista, sem, entretanto, ignorar como cada época entendeu e construiu a sua representação do príncipe e santo Niévski. Assim, pretendemos refletir sobre os elementos apontados, entendendo o espaço de trabalho do artista, cercado por determinadas normas político-ideológicas, e a possibilidade de construir seu texto artístico, dentro de uma proposta singular, coordenando as entrelinhas de sua História e de seu presente.

Ester Sanches Ribeiro (USP)

A representação do sertanejo de Canudos nos artigos de Euclides da Cunha para o jornal O Estado de S. Paulo: inter-relação de ciência e cultura

O autor da epopeia *Os sertões*, Euclides da Cunha, é referência no tema da Guerra de Canudos e essa sua obra figura entre as principais obras da cultura brasileira. Criado a partir de uma mistura de ciência, literatura e história, *Os sertões* é fruto da participação do seu autor no campo de batalha, no final do século XIX, como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Euclides escreveu artigos sobre a guerra comentando sobre a paisagem, os sertanejos, o exército, o arraial de Canudos, as estratégias de batalha e diversas situações do confronto entre os canudenses e os soldados.

Focamos, nesse trabalho, a representação do homem sertanejo que figurou em muitos dos artigos de Euclides da Cunha ao jornal *O Estado de S. Paulo*. Nessa representação do homem do sertão feita pelo autor, percebemos o elemento ciência como explicador da realidade e como elemento de autoridade na representação dos sertanejos.

Esses sertanejos eram classificados como bárbaros que poderiam significar um mal para a civilização brasileira que ansiava por modernizar-se aos moldes da cultura europeia.

Assim, teorias científicas como o darwinismo social surgiram como explicadoras do sertanejo e, de certo modo, justificaram a campanha que os destruiu. O darwinismo social dividia-se em suas escolas deterministas: racial e geográfica. Esta propunha que o meio determinava e condicionava todo o comportamento cultural de um grupo. Já aquela entendia que a miscigenação era uma forma de degeneração tanto biológica como social. Essas teorias pregavam que o meio atuava na estagnação dos sujeitos e que a ciência era um meio de salvá-los, livrando-os do atraso e do seu barbarismo. A ciência poderia, dessa forma, levar a civilização e a modernidade à nação brasileira; poderia alçar o Brasil ao nível do século.

Encontramos essas ideias darwinistas já no primeiro artigo de Euclides, *A nossa vendéia I*, em que o clima, o solo e a vegetação são descritos de modo deprimido e o sertanejo surge como fruto desse meio que o determina, já que o construiu à sua imagem.

Além dessas ideias, percebemos no autor uma sensibilidade e um entrosamento com o campo de batalha e suas personagens, passando a representar o que via de modo diferente a cada dia que passava e ele percebia um exército criminoso e um sertanejo forte e destemido lutando por uma causa legítima: sua casa e sua família.

Enfim, Euclides atuou no jornal como homem da ciência e, também, como homem de letras que terminou por desvendar o Brasil, sua cultura e seu povo.

Etiane Caloy Bovkalovski (PUC/PR / UNICURITIBA)

A centralidade da figura do diabo nos meios de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus no final do século XX

A presente comunicação diz respeito ao universo religioso e, mais especificamente, ao universo da Igreja Universal do Reino de Deus, igreja de viés neopentecostal, que foi fundada em 1977 sob a liderança de Edir Macedo (atualmente Bispo Macedo). A IURD, como a denominaremos de agora em diante, construiu um sólido sistema de transmissão de informações religiosas e pregações que conta com a impressão jornais (como a Folha Universal), TV (com canal próprio), rádio e livros (com gráfica própria localizada no Rio de Janeiro). Tendo isto em vista, o objetivo da pesquisa é identificar como o Diabo é apresentado àqueles que entram em contato com as mensagens divulgadas pela IURD uma vez que a Igreja adota a chamada Teologia da Guerra Espiritual: nesta abordagem, o Diabo e seus demônios estão em relação direta com a vida do fiel e podem ocorrer inúmeras consequências negativas para o mesmo a partir deste contato. Perguntamo-nos como a IURD articula seu discurso para tornar o demônio um dos pontos principais de sua mensagem e como, a partir de suas argumentações, podem ocorrer controle e

dominação da Igreja sobre o cotidiano do fiel: são inúmeras as relações de poder que circulam entre todos os envolvidos. Parte deste controle e poder virá da ênfase na figura do Diabo como o causador exclusivo de toda a desgraça e mal que assola a vida do cristão, mal que o ameaça insidiosa e permanentemente; para tanto, cotidianamente, lança-se mão do mecanismo de expulsão e exorcismo como forma de catarse. O exorcismo funciona como uma execração pública do Mal, enquanto o fiel possuído torna-se publicamente isento de qualquer responsabilidade por seus atos, pois a mesma é transferida para as trevas. Tendo em vista o citado acima, a nossa metodologia de pesquisa envolve a análise de fontes primárias (principalmente livros da IURD) sob a perspectiva de autores especialistas da área de religião e neopentecostalismo.

Euclides Antunes de Medeiros (UFT)

As Narrativas do Frade Dominicano José Maria Audrin e dos médicos sanitaristas Artur Neiva e Belisário Pena sobre o Norte Goiano na virada do século XIX para o XX

O entendimento da trajetória histórica e cultural dos sujeitos do Norte de Goiás (atual estado do Tocantins) passa necessariamente pela compreensão das formas pelas quais tal trajetória se construiu como experiência, a ser apreendida de narrativas que a formulam como memória. Essa experiência nos é apresentada na forma de representações reelaboradas, como trabalho, como economia, como poder, como valores, como costumes, enfim, como linguagem. As narrativas que contêm tais representações são, essencialmente, artefatos de linguagem, e nesse sentido, devemos considerar que o elemento conector na cadeia de significados na linguagem das narrativas que sobressai aqui é o sentido que se quis imprimir a um dado território por meio das representações construídas sobre ele e sobre os sujeitos que nele viviam. Narrado por vários vieses, com diversificadas intenções, esses sentidos "reverberaram" entre os vários significados atribuídos pela linguagem e as conotações sociais na e sobre a região em foco ao longo dos séculos. Há discursos que são fundadores de sentidos sobre essa região e seus habitantes, "sertão" e "sertanejos", particularizando-a em relação a outras gentes e territórios e, por isso mesmo, fundando sentidos que inauguram um modo de ver e significar a região. Como diz Orlandi (1993), no "discurso fundador", interessa a "versão que ficou", que se perpetua nos relatos, que faz gerar outros discursos que tomam o primeiro como dado. Não é fundador apenas porque inicial, mas por sua potência de gerar outros que nele se abastecem. Desse modo, esses discursos que migram de diversas fontes vão edificando imagens, por meio de representações que têm por efeito a naturalização do lugar e sua gente. Representar é, pois, considerar que o dizer remete ao que existe, assentado lá, no real, ao que a linguagem seria capaz de dar forma, considerando a existência de um referente, que inequivocamente se deixaria capturar pela linguagem. Representar é, assim, um modo de criação do real, atribuindo a essa criação efeito de verdade.

Evander Ruthieri S. da Silva (UFPR)

História e literatura: apontamentos teórico-metodológicos sobre a pesquisa histórica em fontes literárias

Esta comunicação intenciona discutir aspectos teóricos e metodológicos concernentes aos usos das fontes literárias para a pesquisa histórica. A aproximação entre a história e a literatura encontra-se associada a um momento de expansão dos métodos e das abordagens pelas quais os historiadores dispõem, em seu afã de investigar a experiência humana ao longo do tempo. Embora os diálogos e querelas entre história e literatura sejam antigas, este debate configura-se com ênfase a partir da década de 1970 e das discussões suscitadas diante do *linguistic turn* (ou, em termos de Gabrielle Spiegel, um *semiotic challenge*), cujas reflexões destacam a centralidade da linguagem enquanto agente constitutivo da consciência humana e da produção de significados que definiriam as formas de construção ou apreensão da realidade. A percepção dos elementos retóricos e narrativos inerentes à “operação historiográfica”, bem como a apreciação das experiências singulares evocadas pelo texto literário, repleto de questões sensíveis que se entrelaçam à formulação de imaginários sociais, evidencia as reações dos historiadores diante dos desafios apresentados pela “virada linguística”. A partir destas reflexões, esta comunicação almeja tratar de aportes teóricos concernentes aos usos de fontes literárias para a pesquisa histórica a partir de dois movimentos: a) inicialmente, uma incursão à parte dos debates fomentados sobre as relações entre história e narrativa, sobretudo pautadas nas contribuições de Michel de Certeau, Paul Ricoeur e Roger Chartier; b) considerações sobre o escrutínio das fontes literárias por meio de inquirições pautadas nas perspectivas da nova história cultural, em vias de destacar a tessitura de textos literários, a exemplo de romances e novelas, enquanto substratos para a análise dos processos de constituição de imaginários, sensibilidades e representações promovidos por determinados grupos sociais.

Fabiana Beltramim (PUC/SP)

Vincenzo Pastore no circuito do retrato em Potenza: Vestígios de uma prática fotográfica errante

Apesar da produção mais emblemática de Vincenzo Pastore se tratar da série de fotos produzidas nas ruas do Triângulo Central e de seus arredores, na capital paulista, coleção que hoje integra o acervo do *Instituto Moreira Salles*, o fotógrafo dedicou-se em toda a sua trajetória a produção de retratos. Deste modo é vital documentar de modo mais aprofundado a sua atuação no *métier* do retrato. Este artigo trata, na verdade, de parte do percurso do fotógrafo tentando sobreviver como retratista em seu país, mais especificamente, na província de Potenza, capital da região da Basilicata. Após se casar com Elvira Leopardi, em 1897, natural da província potentina, Pastore iniciaria uma interessante experiência de migração interna. Se laços familiares e afetivos atravessam tal vivência, pudemos sondar práticas fotográficas que permeavam não apenas a sua trajetória individual, mas também, de modo mais abrangente, delinear os desafios de se viver do retrato ao sul da Itália, num contexto marcado por uma intensa complexidade de relações envolvendo fotógrafos amadores e profissionais, fotógrafos com estúdios fixos, fotógrafos ambulantes, e ainda outra categoria, surpreendentemente atuante em Potenza: os fotógrafos semi-ambulantes, que viviam de uma prática entre o estúdio e “per strada”, ou seja, itinerante.

A atividade fotográfica exercida nos estúdios chegou à Basilicata com certo atraso. Seu desenvolvimento teve início apenas a partir da década de 1880, sugerindo como a prática fotográfica surgiu na Itália de modo não homogêneo. Observar as contingências da província de Potenza oferece uma interpretação atenta a certas especificidades que

intimamente envolveram Pastore e ajudam a nuançar aspectos do circuito do retrato que, de modo dinâmico, se diferenciava das demais regiões italianas, destacando-se em práticas errantes de sobrevivência.

Em 1898 Vincenzo Pastore manteve um estúdio aberto nesta província da antiga Lucania. A sondagem dessa experiência mostrou como para se viver do retrato, na Itália meridional, era preciso se deslocar, de uma cidade a outra, exigindo dos fotógrafos uma enorme capacidade de ampliar a sala de pose. Práticas, portanto, marcadas por incertezas e uma intensa concorrência, colocando fotógrafos profissionais e amadores numa mesma contingência de instabilidade constante. Nuançar tais dificuldades amplia os horizontes de compreensão sobre as escolhas de Pastore, que o levaram a desembarcar no porto de Santos no ano seguinte, bem como documentar, mesmo que brevemente, a história social da fotografia da Basilicata, ao final dos oitocentos, desvelando o contexto social da fotografia na qual Pastore tentou se inserir, antes de seu deslocamento para o Brasil, terra onde nunca desejou se radicar.

Fábio César Montanheiro (UFOP)

Livros de Compromisso: escritura, traslados, reescritura e circulação

Os Livros de Compromisso, ao disporem sobre o funcionamento orgânico das irmandades religiosas leigas, uma vez lidos e confirmados por autoridade competente – o bispo, num primeiro momento, o rei, num momento posterior –, correspondiam ao regulamento interno da associação, ou à sua “Ley inviolável”, conforme se referiu ao seu Compromisso a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, em Ouro Preto (1750). Dos Compromissos muitas vezes se tiravam cópias – os traslados – para suprir algumas finalidades funcionais do círculo confrarial ou, então, com o intuito de atualizar os dispositivos compromissais, eram eles reelaborados ou acrescentados, a exemplo do que fez a Irmandade do Santíssimo Sacramento de Mariana que, por volta de 1735, ao constatar estar seu “Compromisso tão falto de Estatutos necesarios ao bom governo desta Irmandade”, propôs o acrescentamento de 33 capítulos aos 14 originalmente formulados. Em considerável parte dos casos, o Compromisso era todo reelaborado, apresentando o manuscrito resultante desse trabalho remissão ao livro anterior. Entre os manuscritos compromissais preservados no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana e no Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora de Pilar do Ouro Preto, encontram-se ocorrências dessas naturezas, assim como dados que apontam para a circulação de tal tipologia documental que serão apresentados neste trabalho.

Fábio Francisco Feltrin de Souza (UFFS)

A invenção do deserto: o espaço e o discurso visual na Argentina do século XIX

Esta comunicação tem o objetivo de examinar a produção plástica operada na Argentina do século XIX cuja temática fundamental centrou-se na produção de determinados significados para a paisagem do pampa. A palavra deserto para os argentinos letrados, da cidades, das elites intelectuais de 1837 e 1880 carregava de significados, verdades. Era instauradora de uma ordem de valores e práticas que são antes representações. Há uma

história em torno do “problema” do deserto. A hipótese deste trabalho é a de que o deserto, enquanto representação e encarnação da ausência, da barbárie, do vazio, foi inventado no século de XIX a partir de um investimento discursivo-visual da literatura e sobretudo das artes plásticas. A mobilização do espaço nas produções discursivas pode ganhar duas dimensões: por um lado, o espaço é uma variável determinando, como em boa parte do pensamento histórico e geográfico do XIX, preocupado em classificar os meios físicos e conseqüente produção de tipos específicos. Por outro, o tema espacial pode ser mobilizado por meio de metáforas, alegorias, analogias, como a fonte de produção de imagens e comparações. Assim, noções como deserto, por exemplo, não significam exatamente um deserto específico, natural, passível de ser delimitado geograficamente, mas antes, uma imagem associada a um tipo de experiência social, cultural e econômica. Pretendemos, portanto, problematizar relação simbiótica entre paisagem e cultura. Ou melhor, problematizar a construção cultural e visual da paisagem e suas implicações sociais na Argentina do século XIX.

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (UFPI)

Inventários de um feudalismo cultural brasileiro: Jomard Muniz de Britto e o desmonte discursivo da Ilha Brasil

Este trabalho pretende, a pretexto da produção literária e fílmica do agitador cultural pernambucano Jomard Muniz de Britto, estabelecer uma leitura da desmontagem discursiva de uma ideia pré-fabricada de Brasil. Tal ideia, cuja invenção remonta a produções intelectuais que se constituíram a partir da década de 1920 – tais como os trabalhos ensaísticos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, bem como a produção intelectual e artística de Ariano Suassuna e seu Movimento Armorial – vem a ser o material a partir do qual Jomard, através de produções literárias e do cinema super-8, promove um arrombamento, tentando submeter as subjetivações de Brasil ao formigamento de seus começos. Para tanto, o texto tomará como referenciais centrais os filmes *O palhaço degolado* e *Inventário de um feudalismo cultural nordestino*, bem como a obra literária *Terceira aquarela do Brasil*.

Fábio Nadson Bezerra Mascarenhas (UESPI)

Do passado glorioso ao presente sufocante: A escrita sobre Parnaíba no Jornal Inovação

Destacamos a idealização que se constitui ao longo do tempo sobre o denominado passado glorioso da cidade de Parnaíba. Período de grande movimentação econômica da cidade e de sua sociedade, época em que o comércio regional era movimentado pela navegação do rio Parnaíba transportando em seus percursos passageiros e mercadorias dos mais variados pontos do Estado. Esta época em particular estabelece para os parnaibanos a ideia de que a cidade vivenciou um momento singular de prosperidade econômica, social e cultural. Uma cidade idealizada e imaginária que não foi vivenciada pelos inovadores, mas, estabelece forte conexão com os produtores do jornal Inovação. Ao mesmo tempo expressamos quais os fatores que levaram Parnaíba do seu passado glorioso para o período vivenciado pelo grupo inovador. Se a cidade não possuía mais

os traços de seu marcante desenvolvimento pretérito e se os inovadores apontavam suas principais mazelas econômicas e sociais, a questão era entendermos como Parnaíba chegou a ser o que era? E como deixou de ser o que vivenciou anteriormente?

Fabíola Arantes de Moraes (UFG)

Koboi, o cinema de animação como palco do cruzamento de temporalidades

Koboi é uma animação realizada pela autora dessa proposta e que, através da imagem (fotografia e ilustração) sobrepõe o mito de origem dos índios Karajá, ao acervo arquitetônico Art Déco da cidade de Goiânia, refletindo sobre a real assimilação destes elementos formadores da identidade da cidade.

Na primeira parte do filme, o mito narra a lenda de que os índios Karajá moravam no fundo do rio Araguaia. Um dia, um deles descobre um buraco de passagem para a superfície e seduz todos a irem conhecer a praia. Uma vez que sobem, não conseguem mais voltar. Na segunda parte, criaturas que em sua forma somam elementos da paisagem local, emergem e caminham para a cidade para a realização do ritual do aruanã, pertencente ao calendário da mesma etnia. Para tanto, apropriam-se de lugares na cidade para performar a dança.

O mito é também uma clara alusão à própria vida, de como saímos do útero materno (escuro, úmido e seguro, para nos aventurarmos pela vida que traz a dor a tristeza, a preguiça e a morte) e então já não podemos voltar, sendo a nossa biografia extrato desse embate.

O filme trata do choque entre tempos expondo o que a cidade pretende ser através de seus monumentos e arquitetura e o que ela realmente é. O local do filme é Goiânia que tem seu patrimônio artdéco tombado pelo IPHAN e pixado. É onde também se vê nas pessoas que transitam pela “Praça do Bandeirantes” fisionomias que evocam uma mistura de índios. O mito é sobretudo uma alusão à vida, que é expressa em incontáveis outros mitos de origem de povos de todo o mundo: trocamos o seguro pela experiência. Essa é a lógica, inclusive porque seguro não é necessariamente bom e a partir desse desconforto traçamos um movimento irresistível em direção ao desconhecido em busca de que em algum momento cesse a própria necessidade de buscar. Numa realidade em que o cosmos se expande em uma velocidade que não conseguimos sequer nos dar conta (apesar de estarmos nos movendo nela) ficar parado é muito mais perigoso do que explorar. Viver é esse risco que ninguém está apto a calcular. O filme também fala de outra coisa: o ritual de destruição e renascimento. Quando os kobois dançam e a cidade cai, imediatamente novas formas de vida surgem no meio dos escombros. Isso traz de volta a idéia do ciclo que esquecemos justamente porque a cidade impermeabilizada, além de expulsar todas as outras formas de vida que não a humana "civilizada", nos separou do ritmo natural das coisas ditado pelo nascimento, morte, renascimento, morte denovo e infinitamente.

Link para o filme: <http://vimeo.com/43175115>

Fabiola Bastos Notari (USP)

A recepção do cinema de Serguei M. Eisenstein no Brasil: um estudo de caso, a VI Bienal de São Paulo (1961)

Essa comunicação parte do conceito de semiótica da cultura de Iuri Lotman para estudar a “apropriação” dos filmes de Serguei M. Eisenstein no ano de 1961, durante o Festival “História do Cinema Russo e Soviético” organizado por Paulo Emilio Salles Gomes, durante a VI Bienal de São Paulo, de curadoria geral de Mário Pedrosa na cidade de São Paulo e suas reverberações em outras cidades brasileiras nos meses subsequentes. Sendo o cinema entendido como texto da cultura, nessa comunicação apresenta-se a sistematização dos dados retirados de arquivos e bibliotecas com o intuito de organizar e mapear as possíveis relações existentes entre a recepção da produção cinematográfica de Serguei M. Eisenstein e o contexto histórico-cultural do ano de 1961.

O início dessa comunicação parte da identificação de quais filmes de Serguei M. Eisenstein foram exibidos durante a VI Bienal de São Paulo no auditório Armando de Arruda Pereira no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), e, como foram articuladas essas exposições em diálogo com outras manifestações culturais - exposições e cursos -, a fim de delinear um possível perfil desse público. Em seguida, a partir do levantamento quantitativo, intenciona-se relacionar o Festival “História do Cinema Soviético e Russo” com outros espaços de exibição desses filmes, como cineclubes, salas de cinema e espaços culturais ao seu contexto histórico e político nos meses subsequentes ao da bienal.

Em paralelo, nessa comunicação, reúnem-se algumas críticas e textos publicados em jornais, revistas e livros, durante o ano de 1961 e 1962, sobre o cinema de Serguei M. Eisenstein, com o intuito de verificar as abordagens feitas das produções cinematográficas e do cineasta, como texto da cultura.

Fabiolla Stella Maris de Lemos Furtado Leite (UFPB)

Quadrinhos dos anos 10: a leitura da história na obra de André Dahmer

Esta comunicação é uma proposta de reflexão sobre a produção das tirinhas que compõem a série denominada “Quadrinhos dos anos 10”, de autoria de André Dahmer. Nosso objetivo é apreender o processo de produção e circulação das tirinhas e as representações sociais constituídas acerca da década de 10 do século XXI, por meio das quais o autor produz uma leitura sobre os costumes, o cotidiano e a política globais, num contexto em que a solidão, o efêmero, a individualidade e a intolerância permeiam as relações sociais representadas. Estes materiais são indícios históricos importantes para a elaboração de uma história cultural do tempo presente. Assim, busca-se compreender como o autor compõe uma narrativa sobre a contemporaneidade criando uma “ilusão de distanciamento temporal”, ou um estranhamento do olhar sobre tal período histórico, e de que maneira essa abordagem elabora uma cultura histórica, esta pensada como reflexões e práticas que têm determinadas experiências históricas como referência e que abrange uma vasta produção sobre elas, incluindo a cultura historiográfica e outras linguagens, como, por exemplo, as histórias em quadrinhos. Buscando analisar o processo de circulação das tirinhas, problematizaremos os espaços percorridos por essa produção, como o sítio eletrônico do autor e páginas da rede social Facebook que divulgam e compartilham as suas obras, uma vez que esses espaços também se tornam

temas centrais nessa produção já que as relações sociais representadas estão inseridas no contexto do desenvolvimento tecnológico e como lidam os indivíduos com ele. As reflexões e análises se estabelecem a partir do debate em torno das proposições de Ramos (2009), Chartier (1988), Santos (2010), Vergueiro (2007) e Bauman (1998), articulando conceitos como produção e circulação, representação social e pós-modernidade.

Fabricio Leal de Souza (USP / UNICENTRO/Irati)

A História na Era Digital

A Era Digital possibilita novos desafios aos historiadores, principalmente a partir de 2013 com a revelação da existência de programas de vigilância e coleta de dados em massa que o *whistleblower* Edward Snowden, ex-agente da NSA (National Security Agency), fez. São *Data Centers* capazes de guardar todas as informações produzidas no mundo e programas de vigilância em massa (ECHELON, MYSTIC, PRISM, Xkeyscore, etc.) que alcançam qualquer pessoa, independente de território. Não obstante a coleta ser realizada por agências de inteligência, os dados podem ser compartilhados por *whistleblowers*, como é o caso de Snowden, que repassou ao jornalista Glenn Greenwald, e também de Chelsea Manning, que repassou ao Wikileaks documentos secretos do governo americano. Essas fontes são da história recente e não recebem a devida atenção dos historiadores. Mas quando atingirem a historicidade que julgamos necessária, estaremos preparados para trabalhar com novas fontes e suportes em uma quantidade incalculável? A proposta da comunicação é discutir as questões que envolvem a produção e armazenamento de fontes na era digital e sua relação com a prática do historiador, indicando possíveis caminhos que podem ser explorados.

Fabrcio Vinhas Manini Angelo (UFMG)

Lentes de Bourdieu para ler o século XVIII: um primeiro exercício de abordagem das fontes

O presente trabalho objetiva traçar algumas notas preliminares acerca das práticas educativas que as famílias da comarca do Rio das Velhas legavam às gerações seguintes durante o século XVIII a partir do referencial teórico bourdiesiano. O presente trabalho busca indicar como o aporte teórico-metodológico cunhado por Pierre Bourdieu pode ser utilizado para pensar fenômenos ligados à História da Educação mesmo que para tempos pretéritos. Em parte esta questão surge de uma sugestão da sociologia da educação de matiz bourdiesiana que aponta que a “longevidade educativa” está intimamente relacionada ao compartilhamento de um determinado *capital cultural* pela família na qual o educando está inserido. No entanto, alguns trabalhos que enfocam a família e a educação para a América portuguesa parecem indicar outra posição. Talvez parte disso esteja relacionada a própria natureza da disciplina Sociologia que por ter surgido no final do século XIX, estaria mais preocupada com aquilo que é mais comum ou mais generalizável a uma determinada sociedade. Além disso, esta divergência na interpretação entre as duas disciplinas poderia estar relacionada ao surgimento da Sociologia em uma era industrial e com a limitação da própria ciência, pelos seus

métodos e seus conceitos, de compreender períodos como o século XVIII e outros períodos anteriores à industrialização. Apesar desta divergência, a utilização deste aparato teórico-conceitual deve-se ao seu forte poder heurístico. Ainda que pese a inexistência de um sistema educacional massificador e reproduzidor como o dos dias atuais o aporte teórico-conceitual cunhado por Pierre Bourdieu tem muito a contribuir para a compreensão do século XVIII mineiro. Assim, para este trabalho busca-se, a partir dos testamentos do século XVIII da Comarca do Rio das Velhas, compreender como as famílias lidavam com a educação, no sentido mais amplo do termo, que pretendiam legar às gerações seguintes. Esta pesquisa surge a partir da sugestão de que os jovens pesquisadores de História da Educação devem desenvolver pesquisas com outros referenciais teóricos que possibilitaram a efetiva renovação da História da Educação para América portuguesa que ainda, de maneira geral, está muito presa a atuação de algumas instituições (Estado e Igreja) na construção das práticas educativas para o período. Por isso, urge um trabalho que busque compreender o papel da família do século XVIII na conquista do letramento. Talvez fosse melhor pensar estas questões utilizando conceitos fundamentais da teoria bourdeusiana como *habitus* e *capital cultural, social e econômico*. Nesse sentido, este trabalho, a partir da leitura da bibliografia pertinente e o estudos de alguns casos retirados dos testamentos, buscará fazer um primeiro exercício abordagem das fontes do período pelas lentes de Pierre Bourdieu.

Fagno da Silva Soares (USP)

ESCRAVOS DO CARAVÃO: Micro-histórias e identidades de trabalhadores em Açailândia no tempo presente

A pesquisa realiza uma reflexão acerca da escravização contemporânea numa perspectiva micro-histórica, utilizando da metodologia da história oral, no sentido de perscrutar a partir das entrevistas, as memórias e identidades dos trabalhadores do carvoejamento resgatados e fugitivos, que foram submetidos à escravização contemporânea em Açailândia-Ma, região fronteira da Pré-Amazônia Maranhense, no período de 1996-2006. Neste contexto, tomaremos como basilares teóricos os estudos de Ricardo Rezende [1999], para pensar trabalho escravo contemporâneo atravessado por uma tríplice articulação cotejante dos conceitos filigranados entre história, memória e identidade de Le Goff [1982], Pollak [1992], Nora [1998] e Halbwachs [2006] para discutir a relação entre história e memória. Para pensar o conceito de identidade utilizaremos Stuart Hall [2006] e Tomaz Tadeu [2009]. Propondo assim, forjar um instrumental teórico de reflexão e aprofundamento a estudos futuros.

Faneide Pinto França Bitencourt (UEPA)

Práticas educativas no internato da escola doméstica Nossa Senhora da Anunciação - Ananindeua/PA (1949-1959)

Este texto é um recorte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, vinculada a linha de pesquisa de Saberes Culturais e Educação na Amazônia, a qual busca discutir e repensar questões que envolvem a educação e a cultura de nossa região. Trata-se de um estudo histórico-

cultural, sobre a *Escola Doméstica Nossa Senhora da Anunciação*, instituição escolar confessional que funcionou em regime de internato para meninas desvalidas em Ananindeua/Pa. O período histórico que demarca este estudo conta do ano de sua criação em 1949, indo até o ano de 1971, momento em que acontece uma reestruturação no funcionamento da instituição, em decorrência da autorização do curso de formação de professores de 1ª a 4ª série (extinto Magistério). O método de investigação utilizado é a História Oral, tendo como fontes históricas de pesquisa as narrativas orais de ex-professoras e ex-alunas da instituição. O presente estudo visa compreender como as práticas educativas eram realizadas com as meninas no internato, da mesma forma que busca elucidar de que maneira essas práticas educativas determinaram a formação das internas. O estudo encontra-se em desenvolvimento, apresentando os seguintes resultados preliminares: O internato da instituição confessional *Escola Doméstica Nossa Senhora da Anunciação* foi fundado pela Congregação das Irmãs Servas da Anunciação em 1949 com o intuito de atender meninas de baixa renda, em geral advindas de famílias afetadas pela hanseníase. Esta instituição ofertava o ensino regular, assim como diversas atividades envolvendo: pintura, bordado, corte-costura, culinária, horticultura, avicultura e criação de suínos. A rotina das meninas internas era intensa, permeada de atividades educativas e obrigações domésticas, onde as regras e a disciplina eram fortemente trabalhadas. A instituição primava pela formação religiosa das meninas, as quais além de serem educadas segundo os princípios católicos, também organizavam e participavam das cerimônias e rituais religiosos realizados na instituição.

Fátima de Araújo Góes Santiago (UFBA)

Maria Cecília de Paula Silva (Université de Strasbourg)

Aprendendo com O APRENDIZ: o ensino moral na Escola Técnica de Salvador (1944 - 1947)

O objetivo dessa comunicação é compreender o jornal *O APRENDIZ*, produzido na Escola Técnica de Salvador - Ba, no período de 1944 - 1947, por alunos, professores e funcionários, como prática de ensino-aprendizagem de valores morais e cívicos. Concebe-se o jornal como um dispositivo do trabalho escolar que reflete os diferentes discursos que perpassam o universo da escola. Nele pode-se ouvir vozes que vêm de longe, como “práticas de longa duração”: o amor pátrio, o estudo como meio de ascensão social, as atividades esportivas, dança e lazer como formas de interação sócio-cultural e o trabalho como dignificação do homem. Aplicou-se a metodologia de análise dos cadernos escolares proposta pelos historiadores franceses da história da leitura e da escrita Jean Hebrárd e Anne-Marie Chartier na análise da materialidade do jornal. Fez-se a leitura dos aspectos textuais, gráficos e visuais das edições, buscando observar não apenas o “que” está escrito, mas também o “como” se escreve.

Fausto Alencar Irschlinger (UFPR / UNIPAR)

A produção da imagem e a criação de mitos edificantes na biografia de Plínio Salgado

Analisamos a trajetória de Plínio Salgado, bem como a relação do personagem com a criação de mitos edificantes, como o do *Salvador*. Detemo-nos na produção da imagem

e na *heroicização* de Plínio Salgado por sua filha, Maria Amélia Salgado através da organização/publicação da “biografia oficial” de Plínio (LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001). Organizada em quatro partes, a biógrafa apresenta sucessivos acontecimentos em torno da vida e da trajetória de Plínio Salgado, desde o capital simbólico de antepassados e pais, o nascimento (1895, em São Bento do Sapucaí) até a morte (1975, em São Paulo). Entre os traços do texto, as quase quinhentas páginas são perpassadas por mesclas que enfatizam as narrativas tópicas e as cronológicas. Percebemos quão intrigante foi a trajetória desta figura, para muitos, emblemática e controversa na história brasileira. Além de político, Plínio foi jornalista, agrimensor, inspetor escolar, professor, escritor, intelectual, viveu o papel de filho, neto, irmão, pai, marido, viúvo, religioso, líder, perseguido, exilado. Teve participações no cenário brasileiro, não apenas como chefe integralista ou deputado federal, mas também, como autor de diversas obras literárias consagradas principalmente no período da propagação do Modernismo brasileiro e emissor de discursos carregados com suas sensibilidades. Percebemos assim, que a trajetória de vida de Salgado por vezes confunde-se à do Integralismo, ou mesmo, à do PRP e da Ação Integralista Brasileira, onde sustenta boa parte das ideologias e discursos. Na “biografia oficial” de Plínio Salgado, observamos que o passado é revisado desde a infância do chefe integralista como forma de enaltecer as origens exemplares de uma personalidade gerada na perspectiva de ocupar a função de líder de um projeto nacional ímpar de sociedade. Denota-se a construção de uma espécie de predestinação e visão mítica de um líder nato, incorruptível, cristão, calcado na “retidão de suas ideias e princípios”, mesmo que, muitas vezes, “vencido pelo mal”. Assim, em termos gerais, a biografia assume um caráter defensivo da vida e obra de Plínio Salgado. Em nosso ver, tal biografia busca dar legitimidade e sentido ao indivíduo e aos textos de Plínio, os quais são revisitados e reverenciados para alguns, até hoje. Desta forma, identificamos que Maria Amélia pretendeu assentar a memória de Plínio com a posição de “herói” nacional.

Federico Urtubey (Universidad Nacional de La Plata)

Verónica Capasso (Universidad Nacional de La Plata)

Arte, política e subjetividade após a crise Argentina de 2001

O presente trabalho tem por escopo abordar as transformações nas subjetividades políticas suscitadas com fulcro no processo de crise política, social e econômica na Argentina, precisamente em dezembro de 2001. Considera-se que a análise das práticas artísticas do período, comprometidas com a ação social e/ou política, induzem a uma inevitável perspectiva dos modos de aproximação e intervenção sobre o público, a partir dos espaços não tradicionalmente dedicados à política. Para tanto, adotam-se como objetos de estudo os grupos de arte política e os editoriais “cartoneiras”. Serão analisados diferentes recursos, linguagens de expressões e dispositivos de politização como articuladores da supracitada forma de subjetividade política no espaço político urbano.

Felipe Alves Paulo Cavalcanti (UFRN)

Durante muito tempo, leu-se o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, como a certidão de nascimento de uma terra imaginária onde o eu lírico poderia desfrutar de todos os prazeres que lhe são negados em vida. O intuito desta comunicação é apontar para alguns aspectos do sentido intentado do autor ao poema que parecem ter sido deixados de lado pela recepção crítica (embora não pelo autor) que nos conduzem a considerar a existência de uma “arte da memória” neste poema que, segundo o próprio autor, foi construído - pelo menos em parte - com base em algumas de suas memórias de infância. Se Eduardo Coelho (2009, p. 27) aponta que “em ‘Evocação do Recife’ (poema em que evoca a infância em sua terra natal) o poeta concentrou algumas brincadeiras de sua infância e nos revela uma Pasárgada vivida e preservada, como fonte de estímulos, na memória”, podemos dizer que nosso percurso aqui é o de tentar seguir o caminho inverso: partir das memórias da infância do Recife para perguntar-se sobre como Pasárgada traz consigo as brincadeiras de uma infância reconquistada e nos revela um Recife de memórias que o poeta tenta, de forma obstinada, recuperar. Contudo, é preciso ressaltar que “Vou-me embora pra Pasárgada” não se apresenta como um poema de memória no sentido estrito do termo, mas como um negativo da memória em que o poeta justapõe imagens de sua infância com aquelas da “vida que poderia ter sido e não foi”, tão presente em sua poesia, através da criação (ou da recriação) de espaços poéticos. Por fim, acreditamos que esta investigação pode nos elucidar aspectos importantes da relação entre memória e espaço não apenas na poesia de Manuel Bandeira, mas também nas obras de intelectuais próximos a ele como Mario de Andrade e Gilberto Freyre.

Felipe Pedrosa Aretakis (UFPE)

Nos “Abismos da Pernambucália”: outra interpretação da história cultural contemporânea do Recife e do tropicalismo

Escrever sobre o Tropicalismo em certa medida é percorrer caminhos labirínticos. Deslizar por narrativas que compartilham trilhas de resistência política, lutas pela libertação sexual, discussões sobre identidades polimórficas e, sobretudo, tensões que envolvem a renovação estética da arte. Como um sistema complexo de relações de sociabilidades e vivências culturais diversas que tiveram seu ápice expressivo durante os anos de chumbo (mas que não se reduzem a esta temporalidade), pretendemos descaracterizar o tropicalismo de uma possível homogeneização estético-ideológica. A urdidura dos fios da Tropicália nos permite tratar o movimento como plural: Tropicalismos. E o momento de sua expressão como fenomenologicamente experimental. Assim como a verve da experimentação tropicalista se desenvolveu de maneira variada e a partir de características específicas nos diversos campos artísticos (poesia, artes plásticas, cinema, teatro, música), seus cenários e personagens não se concentraram apenas nos intelectuais-artistas baianos. A característica da trans-historicidade das vanguardas legada pelo poeta Oswald de Andrade a uma parte da *intelligensia* brasileira seguiu, portanto, roteiros diversos. Sete vezes roteiro, registrava o poeta no manifesto antropófago. E o Tropicalismo Pernambucano teria sido mais um destes roteiros da vanguarda renunciados pelo poeta modernista. Neste sentido, temos

como objetivo principal para essa comunicação em ST apresentar um movimento que escapando à discussão maniqueísta do bairrismo (BA ou PE?), ressignificou o tropicalismo do grupo baiano a partir da necessidade de superar na capital pernambucana, em finais da década de 1960, o domínio da representação regionalista. A desidentificação proposta então pelos vários intelectuais-artistas (de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte) inconformados com a atitude de feudalização da cultura local, visava à contestação da herança tradicionalista como única representação e vivência cultural no nordeste.

Felipe Santos Magalhães (UFRRJ)

Arlindo Pimenta: o Rei do Crime

Numa época em que a cidade do Rio de Janeiro não convivia tão intensamente com crimes mais graves e dramáticos como sequestros, assassinatos e chacinas e quando o tráfico de drogas ainda mal aparecia no horizonte dos cariocas, a forma de crime eleita pelos meios de comunicação de massa em circulação pela, então, capital federal foi o jogo do bicho. Vários periódicos dedicaram-se a investigar, com o intuito de desvendar para o público leitor, nas décadas de 1940 e 1950 o que era tratado como o submundo do jogo do bicho. Pulularam nas páginas dos jornais centenas de nomes acusados de envolvimento com esta contravenção penal. Para esta apresentação, a partir da trajetória de um dos mais famosos bicheiros cariocas, Arlindo Pimenta, pretendo refletir sobre a relação entre imprensa e jogo do bicho no Rio de Janeiro entre as décadas mencionadas acima.

Felismina Dalva Teixeira Silva (UFU)

Historiador@historiacultural.com: uso de arquivos online como fontes primárias

O presente texto tem o objetivo de refletir sobre o uso de arquivos online a partir da contribuição da história cultural. A questão norteadora é pensar sobre quais são os critérios utilizados por um historiador para definir, localizar e analisar um arquivo online como fonte primária. Essa questão é relevante ao se pensar no vasto estoque de materiais disponibilizados na internet; no aporte teórico da história cultural com novos problemas, novas fontes e a necessidade de tempestividade enfrentada pelos pesquisadores sempre premidos por demandas institucionais e prazos exíguos. O historiador se encontra entre a necessidade de celeridade da pesquisa e a exigência de atentar para critérios de validade, fidedignidade, dentre outros. A discussão é fundamentada nos pressupostos teóricos e metodológicos da história cultural. A principal conclusão é que há restrições técnicas, funcionais e na maioria das vezes o historiador pode contar apenas com a intuição.

Fernanda Aparecida Yamamoto (MACKENZIE)

Adriano dos Santos Capelo (USP)

Um paradoxo para o grafite - leitura benjaminiana sobre o atual lugar da arte de rua

Um dos pontos-chave, senão o principal, do texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* de Walter Benjamin, é a mudança no estatuto daquilo que chamamos de Arte. Se antes, a arte era restrita a círculos fechados, quase ritualísticos, para não dizermos sagrados; após os avanços técnicos de reprodução ela se massifica, negando seu valor “aurático” para priorizar sua própria exposição. Em outras palavras, a arte anterior às técnicas de reprodução era uma arte que arriscamos definir aqui - com muitas reticências e na falta de um termo mais adequado - como “tradicional”. Uma arte cujo valor transcendia sua própria produção para nos imprimir ou transportar a significados outros que a obra exposta, fossem estes sagrados, míticos, etc. Já a arte na era de sua reprodutibilidade técnica é aquela cujo valor está no fato mesmo de sua reprodução, uma arte que valoriza seus meios de produção como valores intrínsecos a si. A arte já não remete ao outro, mas sim à sua própria técnica (re)produtiva. A partir de um panorama das ideias de Benjamin e desta significativa mudança de estatuto da obra de arte, o presente artigo busca na história do *grafite* um movimento similar. Para tanto, nos voltamos às pinturas rupestres pré-históricas para pontuar nelas o momento de partida da análise. Fundando no registro rupestre o lugar do “sagrado”, “ritualístico” e/ou “mágico”, identificamos na evolução da arte de rua uma clivagem conceitual que dialoga com os preceitos benjaminianos. Das cavernas aos muros, do restrito às massas, do carvão à lata de *spray*, enfim, a histórica do *grafite* pode ser lida como um dos modelos práticos mais significativos das teses contidas em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Entretanto, o atual momento do *grafite* nos impõe um paradoxo. Sua inserção no mercado de arte o tira dos muros da cidade transformando-o em produto de galerias e museus, logo sua forma de apreensão estética passa por nova mudança. Há aqui, uma ruptura com o modelo benjaminiano, se nele a reprodutibilidade poderia ser massificadora, no caso do *grafite*, esta “evolução” devolveu-o à restrição. Se sua natureza era expor-se, de repente, ele está fechado, seletivo. Se seu meio era o muro, agora é painel. O lugar no museu transformou o grafite de rua numa obra de arte “tradicional” (sempre com aspas, claro). A galeria assume o papel que outrora foi da fotografia em relação à pintura, do cinema em relação à foto? Ainda podemos chamar de grafite o grafite entre quatro paredes? E em último caso, estaria a galeria devolvendo ao grafite de rua seu valor “aurático”?

Fernanda Arno (UFSC)

Relações de gênero e de poder: uma análise sobre Chapecó a partir de inquéritos policiais (1970-1980)

O objetivo deste trabalho é analisar as relações e construções de gênero na cidade de Chapecó tendo como fonte documental inquéritos policiais relativos ao crime de Homicídio, nas décadas de 1970 e 1980. Através dos discursos contidos nos depoimentos destes inquéritos investigo como as relações de gênero permeavam as relações de poder para a construção de diferentes masculinidades e feminilidades frente a justiça e até que ponto a violência era utilizada como afirmação destes.

Fernanda Binotti Pereira Colla (MACKENZIE)

Madame de Pompadour nas pinceladas de François Boucher: a força de uma narrativa visual

As imagens sempre tiveram um papel importante quando tratadas como documento histórico e fontes de pesquisas. Não podemos negar ou diminuir o poder que uma imagem tem sobre o espectador, sobre quem a observa, a analisa e a usa como fonte primária de estudos e considerações de um determinado tema.

Na Arte as imagens são testemunhas do passado. Não de maneira absoluta, e por isso, não devem ser consideradas como verdades incondicionais. São narrativas de um tempo, contemplam linguagens carregadas dos contextos do período em que foram produzidas. A sociedade, a cultura, a economia, religião e tantos outros valores estão no cerne das obras de arte, dos retratos em forma de pintura, nas fotografias e até nas obras literárias. A linguagem imagética deve ser lida como um texto. Cada leitura, cada análise necessita de uma cuidadosa pesquisa e que esta abranja todos os possíveis caminhos percorridos pelo artista.

Questões importantes estão sutilmente inseridas em pinturas e devem ser ponderadas. Além das influências do período em que foi produzida, a análise de uma imagem envolve as intenções e características do artista, sua finalidade, e ainda o repertório de quem a observa. A pintura pode registrar a verdade de uma época, mas se for uma obra encomendada, seu discurso é alterado, e a narrativa é direcionada de acordo com os interesses do contratante.

A partir destas considerações, este trabalho é o resultado de uma reflexão e da análise da obra “Madame de Pompadour” que o artista François Boucher produziu em 1756. Uma leitura da pintura revela uma narrativa repleta de mensagens subliminares que envolvem questões políticas, sociais e culturais, mas que, principalmente apresentam a personagem, importante cortesã francesa e figura emblemática da história, como o artista pretendeu e idealizou.

Ampliando a ideia das leituras das imagens, um pesquisador contribui consideravelmente com as futuras análises e permite que a Arte cumpra seu papel como testemunha de histórias passadas e importante referencial para a linguagem imagética.

Fernanda Carvalho Silva Faria (UFBA)

Conteúdos e formas da crise - Uma leitura de “A insustentável Leveza do Ser”, 1984

Considerando que as Ciências Humanas e Sociais têm cada vez mais avançado no reconhecimento da potencialidade de pesquisas sobre o fenômeno literário para a compreensão da realidade social que o produz - e que figura em última instância como sua própria matéria prima - propõe-se aqui uma discussão que ponha em foco os conteúdos sociais que emergem da obra “A insustentável Leveza do Ser”. Obra mais popular do tcheco Milan Kundera que, polêmico desde seu primeiro experimento romanesco *A Brincadeira* de 1967, da qual se diz ter sido obra inspiradora da Primavera de Praga (1968), *A insustentável leveza do ser* é um romance contemporâneo que tem larga visibilidade no mercado literário mundial, tendo se destacado pelo sucesso no público leitor como na crítica especializada, e adaptado numa versão cinematográfica por Philip Kaufman, em 1988, com roteiro de Jean-Claude Carrière.

No romance, Kundera nos conta uma história de amor (e erotismo) no contexto da invasão Soviética à Tchecoslováquia em 1968, enquanto reação política ao período de liberalização da Primavera de Praga. Estando, assim, o autor, sua obra, e mesmo seu universo ficcional ambientado na conjuntura nebulosa da Europa do pós 68 - diante do recuo dos movimentos da contracultura, do avanço da dominação capitalista ocidental e da burocracia no leste europeu - as incertezas e ambiguidades deste cenário, recriadas pela narrativa ficcional na esfera mais íntima das relações entre os homens, dão o tom dos conteúdos que figuram na obra e que nos remetem à elementos que compõe um processo estrutural de crise da própria cultura moderna. Levada ao limite da apatia e desilusão própria a toda uma gama de intelectuais dissidentes, tal qual o caso do nosso autor, a sua figuração literária tem um caráter extremante fragmentário que condiz, em suma, com a sua estrutura também fragmentada, já que o autor subverte completamente a narrativa linear. Funde ainda na prosa romanesca, ficção, história, ensaio e reflexão filosófica, de modo a impor sua própria voz na trama, analisando suas criaturas e criações, e mesmo o próprio papel do romance, o que confere um caráter extremamente subjetivo ao texto.

De tal modo, pressupondo a relação dialética entre literatura e sociedade, este universo romanesco será aqui tomado como locus privilegiado da síntese entre subjetividade e objetividade, permitindo um mergulho no imaginário social, nas formas de sentir e ver o mundo num período determinado e suas relações com as contradições sociais e materiais da realidade.

Fernanda de Aragão e Ramirez (UNICAMP)

As Mônadas e as construções de intervenções urbanas. O projeto DIZ-QUETES como linguagem entre a narrativa, a imagem e a literatura arquitetada do urbano

O objetivo desse trabalho é traçar, a partir do projeto “Diz-Quetes: Todos na Literatura!” um perfil da narrativa inserida na pós-modernidade tomando-se como referência a obra “A rua de mão única” e o ensaio “O Narrador”, ambos de Walter Benjamin, e “As Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino, para, de um lado, fundamentar as diferentes propostas de intervenção urbana a partir da linguagem e, de outro, revelar as relações entre a arte em sua interlocução com a arquitetura da cidade. À baila, o conceito de mônadas de Leibniz, como se fossem pequenos fragmentos narrativos que, em essência, compreendem um começo meio e fim: um conjunto delas forma um todo, embora sejam independentes, podendo ser lidas aleatoriamente; um organismo ou unidade orgânica e muito simples. Para isso, a inserção de “edifícios” de papelão (reciclados) contendo os disquetes e excertos de textos de tais autores, intervêm na urbanidade das cidades, apontando um caminho narrativo entre a literatura, a imagem e a arquitetura, e a poética do cidadão.

Fernanda Martins da Silva (UFU)

Onírisimo e Primitivismo: diálogos entre Manoel de Barros e Joan Miró

Manoel de Barros compreende que só a expressão verbal não da conta de todo o imaginário é preciso considerar as expressões figurativas de uma civilização para

compreendê-la em seu tempo e espaço. Pois, como ressalta Manoel de Barros “Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra.” A imagem ultrapassa o pensamento verbal operatório e limitar a compreensão do mundo apenas pela palavra escrita seria limitar o imaginário para Barros devemos indagar o fato de se usar as palavras para se descrever uma figuração. Em perspectiva semelhante à de Pierre Francastel que acredita que é no domínio da história das sociedades mais recentes que cabe fazer o maior esforço para desenvolver um conhecimento metódico das fontes não-escritas.

Dialogando com as artes plásticas, o poeta elege alguns pintores que mais se aproximam do projeto estético e político de sua poética, entre eles: Marc Chagall, Arthur Bispo do Rosário, Vincent Van Gogh, Pablo Picasso, Juan Miró, Paul Klee e Rômulo Quiroga. Em Manoel de Barros, a referência explícita ou implícita, do ponto de vista da produção, pressupõe um universo cultural muito amplo, pois implica o conhecimento de artistas e obras plásticas. O poeta às vezes omite o título da obra, deixando apenas evidente o traço do artista, demonstrando sua habilidade em aproveitar criticamente outros materiais interdiscursivos, por meio de citações, alusões ou referências.

Tomemos como exemplo para esta comunicação os diálogos com Joan Miró. Manoel de Barros percorre a mesma trilha de Joan Miró quando se trata do onirismo, do traço ingênuo e primitivo e do uso sem economia que faz das cores. Miró, assim como Paul Klee dialogam com o projeto político de Manoel de Barros justamente por trazerem para as suas obras a ingenuidade da infância, que na perspectiva de Barros são elementos importantes para nos fazer retornarmos aos primórdios. Miró assim como Barros usa suas memórias de uma infância que foram vividas próximas a natureza para construir uma crítica ao progresso.

Fernanda Moraes dos Santos (USP)

A precariedade das condições de trabalho dos professores públicos no Oitocentos (Vila de Cotia, Província de São Paulo)

O presente estudo insere-se na pesquisa de mestrado (em andamento) sobre o processo de escolarização da Vila de Cotia e a construção da docência no século XIX, contribuindo para o estudo da história da educação da região metropolitana de São Paulo, assim como para a reflexão sobre a sociedade da época. Tem como objetivo apresentar e discutir a precariedade das condições de trabalho dos professores paulistas no Oitocentos, especificamente dos professores envolvidos no processo de escolarização dessa Vila.

As fontes usadas para o desenvolvimento deste estudo foram os relatórios semestrais elaborados entre 1856 e 1886 por professores e inspetores locais e endereçados ao Inspetor Geral da Instrução Pública. Esses relatórios, que acompanhavam os mapas de frequência, também apresentavam dados sobre a cultura escolar, o cotidiano, as demandas e as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos no processo de escolarização, como a carência de materiais (móveis, “utensís”, livros, entre outros) e de local adequado para o ensino. Os professores denunciavam as problemáticas condições para o exercício da docência e pediam soluções para tal situação, que, segundo eles, reverberava nos resultados de aprendizagem dos alunos.

Para instrumentalizar a análise foram utilizados os conceitos de estratégia e tática de Certeau (1994). Dessa forma, observou-se que os professores usavam de algumas táticas

para persuadir o Inspetor Geral e obter o que pediam. Entretanto, os pedidos não pareciam ser atendidos, pois nos relatórios seguintes os professores continuavam a fazer as mesmas solicitações. Concluiu-se que, ao longo dos anos a que se referem os documentos, as demandas dos professores permaneceram quase intocadas: falta de móveis, “utensils”, materiais como livros para leitura e catecismo, compêndios, entre outros, além da ausência de local adequado para o ensino.

Fernando Bueno Oliveira (UEG)

A formação de quilombos brasileiros: trajetórias e consolidação

Esse trabalho é fruto do estudo, em andamento, acerca dos quilombos brasileiros e se configura como um ensaio a respeito do decisivo papel do negro escravizado no processo produtivo brasileiro ao longo dos períodos Colonial e Imperial. Objetiva demonstrar que a formação dos quilombos representava uma das formas de resistência de maior repercussão para ordem escravista, frente à dependência dos senhores em relação aos seus escravos, importantíssimos, aliás, na produção e na manutenção de suas riquezas. Traz à discussão, à luz de diferentes autores, a formação dos quilombos, como configuração histórica e contínua de resistência ao processo produtivo em voga; enfatiza que as diferentes formas de resistência dos escravos resultaram das inúmeras brutalidades a que eram submetidos; levando-se em conta alguns registros de pessoas pertencentes da alta sociedade da época, ilustra que a força escrava representava a principal forma de obtenção de lucros; o medo de perdê-la gerava constantemente diferentes formas de opressão e castigo. Quanto à formação dos quilombos, Goiás não esteve de fora do cenário nacional, fato que lhe proporcionou o abrigo de um avantajado número de quilombolas. Pensar em quilombos é considerá-los numa representatividade da resistência frente a uma sociedade injusta, opressora e desigual. Os quilombos representavam a forma consolidada de união e de valorização de uma minoria racial desprovida, fora do quilombo, de liberdade de expressão, de sentimentos e de vida. Os quilombos não se configuravam somente como algo delimitado, limitado e isolado, mas detinham o poder que, se utilizado, seria capaz de modificar estruturantes dominantes. Hoje, não diferente de épocas anteriores, os espaços de negros (ou, os seus territórios) ainda se configuram como a forma de se manter traços culturais, a liberdade frente a uma sociedade discriminatória e a expressão de práticas vinculadas à suas ancestralidades.

Fernando Cesar dos Santos (UFU)

Concepções estéticas, culturais e historiográficas na obra Os Miseráveis (1862), de Victor Hugo

Buscando compreender como o homem moderno se construiu e se modificou, sobretudo a partir do movimento estético do Romantismo e em suas concepções originais acerca da arte e da sociedade, abordamos a obra “Os Miseráveis” (1862), de Victor Hugo, na ânsia que revelar alguns elementos que se comportaram como preponderantes na construção deste indivíduo.

A partir de sua idealização, Hugo nos remete a um contexto de grande ebulição política, social, artística e mesmo cultural em que vários paradigmas são colocados à prova por uma classe de artistas que busca romper com o poder instituído nos mais diversos elementos que compunham sua sociedade. Uma nova visão de mundo, representada com uma pulsante vibração estética, procurava redirecionar o caminho do homem moderno desembocando em exacerbações sentimentais, em inversão da lógica racionalista para uma idealização intuitiva, em concepções de projetos de nação baseadas na igualdade do indivíduo e em sua capacidade de autodeterminar-se diante da vida e da arte.

Fernando Cezar Ripe (UFRGS)

“Todas as crianças nascem com disposição á cólera, á ira, e á impaciência”: a análise de um manual português de bom comportamento, século XVIII

Entre os séculos XVII e XVIII, foi crescente, em Portugal, a escrita e a publicação de obras que se enquadram na categoria Literatura de Comportamento Social. Eram manuais pedagógicos, de bom comportamento, de confissão e de virtudes, geralmente baseados na moral cristã-católica, que se caracterizavam por recomendar e prescrever determinadas normas de comportamento e ensinamentos morais a distintos grupos etários e sociais. Nesta comunicação, analisamos, através de uma perspectiva filosófica e histórica, a obra *A aia vigilante, ou reflexões sobre a educação dos meninos, desde a infância até á adolescência* (1767), de autoria de D. Joanna Rousseau de Villeneuve, com objetivo de verificar tanto os discursos morais apresentados na constituição dos modos específicos de ser sujeito masculino infantil, no contexto luso setecentista, quanto suas possibilidades de contribuição para o campo pedagógico.

Fernando Vojniak (UFFS)

O império das primeiras letras: vernaculização do Latim e valorização da língua materna nos manuais de ensino da leitura no império luso brasileiro

O ensino da leitura no império luso-brasileiro passou por mudanças significativas no período entre as Reformas Pombalinas da Instrução Pública e a Independência do Brasil: diminuiu a frequência do uso dos catecismos como auxiliares no ensino da leitura e começou a aparecer um número cada vez maior de cartilhas laicas destinadas à alfabetização; as línguas vernáculas valorizavam-se e foi por meio delas que o latim passou a ser ensinado, o que contribuiu para a própria diminuição do seu uso. Essas reformas e mudanças lançaram as bases de uma secularização dos empreendimentos missionários que, como é sabido, resultou na expulsão dos jesuítas e na instituição das aulas régias em substituição do ensino dos inacianos. No começo do século XIX, durante um processo que é comumente denominado de “escolarização da sociedade” em que a instrução pública será considerada um dos meios mais favoráveis à civilização dos costumes e a constituição das identidades nacionais, na Europa, aparecem diversos métodos de instrução inovadores e, no Brasil, a escola primária se institui criando uma maior necessidade de manuais escolares. Essas condições favoreceram a diversificação de produções de livros escolares destinados ao ensino da leitura e da escrita da língua portuguesa que fez crescer o número de autores e publicações ao longo do século,

criando-se, inclusive, linhas editoriais específicas e, mais para o final do século, uma profissionalização dos escritores. O objetivo desta comunicação é apresentar esse processo que resultou na institucionalização de um livro: a “cartilha de alfabetização”.

Flávia Pereira Machado (UFG)

O sertão, o camponês e suas representações em Goiás: interfaces entre história e literatura na obra de Carmo Bernardes

Por meio de personagens que, a priori, são vistos como tipificações do homem sertanejo, tais como o "caboclo", o "bobo", o "pescador", o "matuto", o escritor goiano Carmo Bernardes revela, por meio de situações cômicas e trágicas, por vezes, uma realidade complexa no interior de Goiás. Desvendar o universo rural e a complexidade envolta nas práticas culturais do homem sertanejo é uma das proposições do presente trabalho. Por meio da obra "Jurubatuba" de Carmo Bernardes pretende-se identificar as sociabilidades, identidades e representações construídas pelo literato acerca da realidade do sertão goiano e do homem sertanejo no sentido de contrapor a imagem do camponês e do sertão caricaturizados pela personagem de Monteiro Lobato "Jeca Tatu". Para tanto, trilharemos nos possíveis diálogos entre a história e a literatura a fim de refletirmos sobre as maneiras como o passado é recomposto nas narrativas, assim como as representações do real.

Flavia Renata Machado Paiani (PUC/RS)

As estratégias literárias da narrativa histórica de Mary del Priore: aproximações com o romance histórico em O Príncipe Maldito

Esta comunicação pretende analisar as estratégias literárias de que a historiadora brasileira Mary del Priore lança mão para compor o livro *O Príncipe Maldito*, publicado em 2006 pela Editora Objetiva. A narrativa, de cunho histórico, centra-se na vida de Pedro Augusto (1866-1934), sobrinho da Princesa Isabel, que seria o sucessor do trono brasileiro, caso a princesa não tivesse filhos. A biografia romanceada do neto de D. Pedro II tem a forma semelhante a um romance histórico, mas não exatamente no sentido propalado por G. Lukács. Primeiro, porque os personagens da narrativa de Priore não são caracteres nacionais medianos, mas sim indivíduos pertencentes à aristocracia. Segundo, porque as personagens históricas não desempenham um papel secundário na trama - antes, atuam como protagonistas. Terceiro, porque Priore não compõe o “perfil psicológico” de Pedro Augusto como mero resultado do grupo e da época à qual ele pertenceu - pelo contrário, ela busca uma inter-relação entre os diferentes elementos, que contemple também a ação do indivíduo. Ainda assim, existe um ponto nevrálgico que poderia aproximar a narrativa de Priore ao romance histórico tal qual concebido por Lukács: *o realismo da representação*, precisamente porque o contexto social e político mais amplo cede lugar às cenas íntimas da vida privada. Se Lukács, em seu *O Romance Histórico*, escrito em 1936-37, dá ênfase a determinados romances do século XIX, Priore também volta os olhos para este século a fim de compor sua narrativa, cujo pano de fundo confunde-se com a proposta de romance histórico oitocentista, quando as figuras históricas “humanizam-se” no cotidiano da ação.

Flávio Carreiro de Santana (UFPB)

Luíra Freire Monteiro (UFPB)

A civilidade (n)do espaço doméstico brasileiro: indícios do “bem morar” no cotidiano privado oitocentista

Pensando as novas sociabilidades burguesas no Brasil oitocentista, este trabalho procura entender como, a partir da literatura de civilidade, buscou-se constituir entre o público leitor noções civilizadas do “bem morar”. Para tanto, tal intento exigia clara compreensão das normativas veiculadas às práticas cotidianas ocorridas na privacidade brasileira, incidindo especial atenção não apenas aos comportamentos dos sujeitos domésticos, mas, sobretudo, aos cuidados inerentes ao espaço do próprio “lar”.

Flavio Dantas Martins (UFOB)

Literatura dos Sertões do São Francisco: folclore, identidade e modernização nos escritores beiradeiros dos anos 1930

Pretendo apresentar o script de uma pesquisa em andamento que desenvolvo na Universidade Federal do Oeste da Bahia, a respeito de uma produção literária que tem o rio São Francisco como tema. Cheguei a este tema a partir das minhas dificuldades durante a conclusão da dissertação de mestrado, na qual investigava a formação de uma série de povoados de camponeses nas caatingas dos municípios de Morro do Chapéu e Xique-xique, sertão da Bahia. O núcleo daquele trabalho era a história econômica e social da região. A sua fragilidade advinha da discussão de quem eram os sujeitos que eu investigava: toda uma literatura oral e escrita os identificava - e eles próprios se entendiam assim - como catingueiros, um povo de criadores, extrativistas e agricultores num espaço específico com o qual se identificavam. O exercício de alteridade era o estrangeiro, o não-catingueiro. E na busca por definições e entendimentos do que seria essa identidade, me deparei com uma rica literatura beiradeira sobre as barrancas, vilas e sertões do vale do São Francisco: Wilson Lins, Geraldo Rocha, Heitor Araújo, além da literatura de viajantes ilustres como Spix e Martius, Richard Burton, Teodoro Sampaio. Posteriormente, ampliei a lista para Osório Alves de Castro, D. Martins de Oliveira, Carlos Barbosa, Carlos Araújo, entre outros, todos escritores beiradeiros que estabelecem as gentes do rio e seu espaço na sua ficção. Consegui estabelecer três eixos norteadores de análise, comuns a todos os escritores beiradeiros: o resgate da mitologia e da cultura popular, na maioria deles entendida como folclore; a transformação das identidades (beiradeiros, barranqueiros, brejeiros, catingueiros) e a relação entre elas, assim como a construção da identidade geral do sertanejo são-franciscano e sua relação com a questão nacional; por fim, a discussão da modernização, invocada por alguns escritores, nos anos 1930, criticada por autores mais recentes. Procuo levar em conta a forma de produção dos escritos, inspirando-me na discussão de história dos livros de Robert Darnton e Roger Chartier, a construção das narrativas na abordagem desses temas, o diálogo com outros autores, em especial Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. Os referenciais teóricos inspiram-se em Edward Said, Stuart Hall, Homi Bhabha e Walter Benjamin.

Floriza Garcia Chagas (UNIFESP)

Claudia Panizzolo (UNIFESP)

Álbum das Meninas (1898 - 1901): um estudo sobre a imagem da infância paulista na Primeira República

Impresso idealizado e produzido por Anália Emília Franco, educadora e ativista no cenário político, social e educacional da cidade de São Paulo, esta revista foi meio de divulgação de seu pensamento sobre a educação e a sociedade, sua atuação foi marcada por uma convicta preocupação social, levando-a a posicionamentos políticos em um período em que as mulheres tinham pouco espaço na vida pública, enfatizando sua preocupação com o amparo, proteção, educação e libertação da sociedade, a parte mais oprimida e desvalida, as mulheres e crianças. Com as alterações no cenário econômico, o adensamento demográfico, o desenvolvimento dos meios de comunicação, mudanças culturais e nas funções urbanas aumentam o anseio por fortalecer e manter os pilares do poder, o que leva os dirigentes republicanos a pensarem que era preciso criar meios adequados para assegurar e reproduzir sua hegemonia, um dos quais seria o nível de instrução da população, começam então, a desenvolver meios e instituições para realizar essa instrução, é neste cenário que encontramos a trajetória pessoal e profissional de Anália Franco. Objetivando identificar as imagens de infância contidas na revista, relacionando as concepções pedagógicas às políticas de inovação educacional do período, para tal análise o estudo propõe a partir do aporte teórico-metodológico da história cultural a compreensão do impresso como objeto cultural que implica em estudar e interrogar o impresso que preserva indícios de práticas sociais de fabricação e de usos, superando a noção estreita de materialidade de acordo com Chartier (1994); apoia-se na abordagem de Carvalho (2001) em que trata o impresso como objeto de estudo, assim tem como singularidade não só interrogá-lo como veículo de discursos pedagógicos ou das indicações inscritas nos saberes promovidos por eles, mas também como produto das pedagogias compreendidas como sistema de regras que regulam os próprios processos de produção e ancora-se também nos conceitos de estratégia compreendendo o impresso como produtos de estratégias determinadas, se remete às práticas cujo exercício pressupõe um lugar de poder de acordo com Certeau (1994). O estudo permitiu dar a ver o contexto em que foi produzido e as relações de poder que determinaram sua forma e marcas de produção, sendo um resíduo da rede de práticas que constroem o mundo.

Francieli Lunelli Santos (UEPG)

José Augusto Leandro (UEPG)

A talidomida nos jornais do Rio de Janeiro em 1962

A talidomida foi um medicamento desenvolvido na Alemanha pela empresa *Chemie Grunenthal*, indicada como sonífero e antiemético. Colocado no mercado em 1957, o fármaco adquiriu feição de panaceia e rapidamente alcançou sucesso no mercado mundial. Foi comercializado nos 5 continentes, em 46 países.

Porém, no final de 1961, na Europa, vieram à tona resultados de pesquisas que comprovaram efeitos teratogênicos da droga, entre eles destacando-se a focomelia (deficiência caracterizada pelo encurtamento de membros superiores e/ou inferiores).

Esta proposta de comunicação pretende trazer resultados da análise das notícias disseminadas na mídia impressa do Rio de Janeiro, a partir de 21 de março de 1962, quando, no Brasil, passaram a ser divulgados os efeitos maléficos da talidomida. Analisaram-se todas as notícias publicadas no *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Última Hora*, *Diário de Notícias*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *A Noite*, *Revista do Rádio*, *Novos Rumos*. Algumas revistas com grande tiragem de exemplares, como *Manchete*, *O Cruzeiro* e *Fatos & Fotos* também fazem parte do rol de fontes investigadas. Buscou-se, com a pesquisa, construir uma determinada cronologia do evento a partir da imprensa periódica.

Além disso, a comunicação pretende destacar que o tema do corpo deficiente pela talidomida foi objeto constante de representações na mídia impressa brasileira na década de 1960, especialmente naquele ano de 1962, quando vieram à tona as terríveis consequências da utilização do medicamento. Jornais (e também revistas), de maneira ‘obsessiva’, usaram e abusaram da expressão ‘monstros’ para se referir aos nascidos vítimas da talidomida.

Francione Oliveira Carvalho (DIVERSITAS/USP)

A imigração e a interculturalidade como produção de conhecimento novo na educação

Atualmente vemos comunidades oriundas dos países da América do Sul fazerem de São Paulo seu novo território. Conflitos e debates urbanísticos, culturais e políticos nascem desta nova realidade, assim, fronteiras simbólicas são erguidas e começam a delimitar as ações dos sujeitos envolvidos. A situação econômica de seus países de origem e a possibilidade de trabalho e mobilidade social motivam a migração para a cidade paulista. Entretanto, a maioria acaba em trabalhos informais, principalmente na indústria têxtil das regiões do Bom Retiro, Brás e Pari, bairros que concentram forte mercado varejista de apelo popular. Essa realidade faz com que estes imigrantes enfrentem diversos problemas tais como o trabalho escravo ou subumano, concorrência “profissional” e constantes situações de preconceito, seja pelos contratantes, população local como também pelos grupos que possuem origem sul-americana diversas. Relatos de professores e notícias veiculadas nas diversas mídias revelam que estes conflitos adentram as escolas que recebem estes grupos. Por não saberem lidar com as questões levantadas, muitas instituições reforçam o preconceito e a exclusão dos imigrantes fortalecendo assim um círculo vicioso de não reconhecimento identitário e cultural. Nesse contexto, investigamos como a interculturalidade se apresenta e se reconstrói em território brasileiro a partir dos imigrantes bolivianos matriculados na rede municipal de educação de São Paulo, que ao atravessar fronteiras impõe a necessidade de reconhecermos a pluralidade dos saberes e experiências no ambiente escolar. Acreditamos que a educação e a cultura devem servir como um combate as hierarquias de saberes e epistemologias reducionistas, que defendem uma escala de poderes e valores entre as tradições culturais e científicas. E defendemos a urgência e a necessidade de se pensar a cultura e a política a partir da valorização da diversidade humana e a democracia a partir da participação ativa na construção dos conhecimentos.

Francisca Kalidiany de Abrantes Lima (UFRN)

Tomando o passado como mito: ‘O Cangaceiro’ e a invenção do Nordeste no cinema

A História, hoje, “se origina menos da necessidade de demonstrar que certos acontecimentos se realizaram e, muito mais, da necessidade de se verificar o que certos acontecimentos podem significar” (SALIBA, 1993, p. 94). Enquanto produtora de um passado, o campo da História é instrumento da representatividade para o tempo presente. Nesse processo de representação figurativa e simbólica do passado, o cinema surge como uma arte massificada, sendo colocado no posto de aparelho capaz de fazer lembrar. Ele possui o poder de (re)construir um discurso do tempo passado em um tempo presente. Marc Ferro (2010) acredita ser o cinema um testemunho de seu tempo, permitindo conhecer regiões e campos da experiência que ainda não foram exploradas. Assim, o filme é tirado do seu lugar funcional, onde é um simples produto e é colocado, por meio da “operação histórica” como um objeto de estudo histórico. Partindo de tais enfoques, o presente estudo tem o objetivo de utilizar o cinema enquanto fonte histórica no intuito de compreender como se propagaram as imagens do que hoje chamamos de “Nordeste”, um constructo identitário que espacializa um espaço físico, político e cultural. Este espaço foi elaborado também pelo discurso regionalista propagado, principalmente na segunda metade do século XX, por intelectuais e políticos. Tomaremos como base de pesquisa o filme *O Cangaceiro* (1953), do cineasta Lima Barreto, com a pretensão de perceber como essa região nordestina foi imaginada cinematograficamente a partir de um retrato de um passado mítico que a narração da fita designa como “O tempo em que havia cangaceiros”. Como o passado foi trabalhado na narrativa cinematográfica e como os sujeitos (cangaceiros, sertanejos) presentes no filme nos levam a agenciar uma memória social? Como um sujeito esquecido (sertanejo), que parece fazer parte do passado, passa a cinematograficamente a fazer parte do presente e da história?

Francisca Márcia Costa de Souza (UFPI)

Patrimônio cultural imaterial na sala de aula

As primeiras leis patrimoniais asseguravam a preservação, o critério principal era a beleza, das obras de arte e arquitetura. Essa perspectiva fora revisitada quando o diálogo entre História e Antropologia ampliou a concepção de patrimônio, incluindo os saberes, as celebrações e os ofícios; considerando, ainda, os valores, os sentimentos e as práticas que os sujeitos mantêm com o bem cultural. Assim, todo resíduo da atividade humana poderia inserir-se como tempo patrimonial. A preservação e valorização do Patrimônio Cultural não se sustentam sem que o herdeiro o aceite, desse modo, é preciso transmiti-lo. Nesse aspecto, este artigo alimenta a pretensão de discutir Patrimônio Cultural Imaterial na sala de aula, possibilitando a reflexão sobre educação patrimonial, especialmente sensibilizada pela História ensinada. Para tanto, problematiza o documentário “*Congos de Oeiras: ritmo e devoção*” (PINHEIRO, Áurea/ MOURA, Cássia, 2009) enquanto uma leitura e escrita, entre muitas possíveis, das celebrações em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, ambos santos de devoção negra, como Patrimônio Cultural Imaterial. Essas celebrações seculares ocorrem na cidade de

Oeiras, primeira capital do Estado do Piauí; elas são atravessadas por cheiros, sabores, rituais, cores, sons de tambores, maracás e pandeiros. Por outro lado, oportuniza o debate acerca do uso pedagógico do filme, utilizando-o também enquanto documento histórico e objeto de reflexão a respeito do papel do documentarista como contador de história.

Francisca Paula Machado (UFC)

Estabelecendo fronteiras: memória social e afirmação étnica na tradição oral dos Tremembé de Almofala (1980- 2014)

Esta pesquisa tem por objetivo analisar através da memória e da tradição oral, a organização política da Comunidade Tremembé de Almofala, no processo de “emergência” dos grupos indígenas remanescentes dos antigos aldeamentos missionários a partir da década de 1980, momento em que vários grupos em várias partes do Brasil reivindicam e afirmam suas identidades étnicas, e o direito à posse da terra que ocupam tradicionalmente. Memória, oralidade, ancestralidade, território, espaço, e fronteiras étnicas, são as questões principais desta pesquisa. Se constituem enquanto fontes para esta pesquisa: Entrevistas com a comunidade, além do acervo da Associação Missão Tremembé (jornais, cartas, vídeos, relatórios e atas de reuniões, documentos oficiais.

De acordo com as fontes até aqui consultadas, há registros da presença dos Tremembé no litoral do Ceará desde o período colonial. Mas tarde com a política de catequese, os Tremembé, foram aldeados em Almofala na foz do rio Aracati Mirim. Existindo inclusive o registro de uma légoa em quadra para habitação dos Tremembé. A consolidação de um discurso de negação da indianidade se dá de forma mais premente a partir da Lei de Terras de 1850, que tratava de medidas relativas à ordenação da Estrutura fundiária no Brasil imperial. E em 1863 o Presidente da Província do Ceará, declara não haver mais índios no Estado.

Na última década do século XIX uma duna móvel soterrou o povoado de Almofala, causando a dispersão dos índios para outras áreas do município de Itarema. Parte do povoado só voltou a ficar descoberto, a partir da década de 40 do Século XX. Fato que veio a contribuir para a invasão das “terras do Aldeamento” por posseiros e grandes empresas agroindustriais. Tais antecedentes históricos revelam aspectos importantes que possibilitarão a reflexão, além de um melhor entendimento da problemática indígena em Almofala na atualidade. Esta pesquisa está vinculada à linha de pesquisa Memória e Temporalidade, do Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará, sob orientação do Professor Franck Pierre Ribard, e tem financiamento da CAPES.

Francisca Raquel da Costa (UFPI)

Expostos assim à privação e à miséria, tornar-se-ão um bando de criminosos: a Lei do Ventre Livre e a criação da Colônia Agrícola de São Pedro de Alcântara para o trabalho e educação dos libertos das Fazendas Nacionais do Piauí

O presente trabalho tem por objetivo discutir a aprovação da Lei do Ventre Livre em 1871 e sua repercussão na província do Piauí, que diante das orientações da mesma lei

criou no ano de 1873 a Colônia Agrícola de São Pedro de Alcântara, que funcionou até a década de 1880. Dessa forma, buscamos estabelecer uma relação entre tal evento com as discussões em torno da desagregação da instituição escrava na Província, assim como o debate em torno da educação para o trabalho pensada para a população liberta e os filhos livres de mulheres escravas nascidos após a aprovação da Lei do Ventre Livre. Dessa maneira, a hipótese levantada pelo trabalho é a de que a liberdade proposta pela lei ficava apenas no papel, já que a mesma delimitava alguns entraves para o pleno gozo da liberdade para os escravos e filhos livres de mães escravas. Acreditamos que o objetivo era o de forjar uma falsa sensação de liberdade, entre aqueles recém-saídos do mundo da escravidão, desenvolvendo inclinações ao trabalho cuja sustentação residiria numa suposta educação moral e religiosa, e na instrução primária e agrícola dos menores. Para tanto, serão utilizadas algumas das fontes que já foram citadas nos capítulos anteriores, documentos localizados no Arquivo Público do Estado do Piauí, especificamente os documentos da sala do Poder Executivo entre eles os relatórios, falas e mensagens de presidentes de província, assim como os documentos (ofícios, relatórios, correspondências, etc.) do Ministério da Agricultura, Comércio e Negócios do acervo documental do Arquivo Público do Estado do Piauí, assim como dos acervos virtuais. Também serão analisados os documentos elaborados pelos coordenadores da Colônia Agrícola de São Pedro de Alcântara. Além dos documentos apontados, realizaremos um levantamento nos jornais da época para analisarmos a repercussão da criação da instituição na sociedade piauiense e também para obtermos outras informações acerca da temática.

Francisco Alcides do Nascimento (UFPI)

A cidade das crônicas

Esta comunicação tem como principal objetivo discutir a cidade de Teresina/PI, tendo como fonte crônicas escritas por intelectuais que viveram/vivem em Teresina, mas nascidos em outros cantos do Piauí e do Maranhão, como fonte de pesquisa. Esclareço, entretanto, que este gênero literário não é entendido aqui como um “simples registro formal, o comentário de acontecimento que tanto poderia ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo de recriação do real” (SÁ, 2008, p. 9). Estudos realizados por especialistas atestam que até 1940 Teresina não apresentava níveis significativos de crescimento espacial ou de população. Todavia, a partir da década seguinte, a cidade vai adquirindo um novo formato, com acentuados índices de expansão urbana e consideráveis alterações no seu desenho territorial. “[...] É neste período que se registra o aumento do setor de serviços, da burocracia estatal e do movimento migratório campo-cidade, especialmente para a capital, concentrando-se nesta os maiores índices de emprego e também de populações migrantes” (PREFEITURA Municipal de Teresina, 1994, p. 13). Os cronistas acompanharam as transformações espaciais e arquitetônicas da cidade. Na década de 1970, já faziam parte das tribos aqui constituídas. “É nesta década que a cidade obtém configuração definitiva dos aspectos urbanos através dos fluxos migratórios, do explosivo crescimento urbano, da intensificação da política habitacional e da modernização do sistema viário” (PREFEITURA Municipal de Teresina, 1994, p. 13). Esse conjunto de fatores determinou a necessidade de elaboração de estudos e planos de ordenação da cidade. Pode-se citar como exemplo dessa iniciativa o Censo de Vilas e Favelas de Teresina

publicado em 1994. A cidade preexiste aos cronistas, mas nesta comunicação eu trabalho com as múltiplas cidades nascidas das representações de cronistas que refletiram sobre o lugar que moram, trabalham, brincam, mas que, acima de tudo, tentam compreender o cotidiano de Teresina.

Francisco das Chagas F. Santiago Júnior (UFF)

A mobilização modernista: o passado como “utopia negra” em Quilombo

Produzir filmes é reagir à memória cultural que nos cerca. Pensando o cinema como um campo cultural, o filme de enredo pode ser considerado como uma fatura que mobiliza e instrumentaliza uma série de tradições do mundo histórico. Desta maneira ele contribui para a manutenção e deslocamento da memória cultural das sociedades (pós) industriais. Esta comunicação visa abordar o aspecto da mobilização na mídia cinematográfica da tradição modernista no filme *Quilombo* (1984), de Carlos Diegues. O objetivo é evidenciar a maneira como a fita usou a tradição modernista como mediação com o passado, dando uma interpretação ao mesmo tempo nova e tradicional da história brasileira. Cumpre entender como a memória cultural, quando tratada pelo campo cinematográfico, reage e estabelece relações com as tradições herdadas, constituindo um espaço público para debate do passado brasileiro. No caso de *Quilombo* trata-se de um filme que especifica o mundo histórico brasileiro ao propor-lhe um novo mito de passado a partir da herança negra, cuja base, contudo, são alguns dos mitos modernistas elaborados a partir dos anos 1930. Ou seja, a fita é uma reação às tradições herdadas e também aos novos movimentos de redefinição do passado afro-brasileiro que se sistematizaram nos anos 1970 com a reabertura política e a formação dos movimentos sociais negros.

Francisco de Assis de Sousa Nascimento (UFPI)

LINGUAGEM E HISTÓRIA NA POLIFONIA DA CIDADE: Narrativas sobre o espetáculo teatral Tribos da Companhia Antonio Fagundes

A discussão em torno da representação nos levou aos cenários teatrais, buscando perceber as apropriações, produções imagéticas, adaptações das obras literárias como tentativas de construção dos sentidos históricos. Nesta perspectiva é analisado o espetáculo teatral da companhia Antonio Fagundes, denominado *Tribos*, adaptado do texto da autora inglesa Nina Raine e direção de Ulysses Cruz, que trata das questões da surdez como necessidade especial, dos silêncios subjetivos, da explicitação dos preconceitos, das complexas relações amorosas e familiares, utilizando, como sujeito propósito, um jovem surdo. A encenação do texto serve como pano de fundo para tratar sobre a intolerância e o isolamento nas cidades, em meio à polifonia de sons, práticas e representações, experimentadas cotidianamente por diferentes sujeitos, em diferentes momentos da vida, entendidos como categorias da cultura urbana. A fundamentação teórica baseia-se em autores da história, antropologia e estética. A metodologia utilizada adotou a história oral como método/técnica, utilizando o modelo da entrevista temática, tendo como principais fontes os depoimentos dos atores do espetáculo e as fontes

hemerográficas, selecionadas em jornais e documentos visuais e impressos do Teatro TUCA, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Francisco Fabiano de Freitas Mendes (UERN)

Educação como campo de batalha na obra de Graciliano Ramos

Se a literatura não está desvinculada de nenhum aspecto da realidade, por ser cultura complexa, ampla e difusa, é no igualmente complexo campo da educação que ela talvez mantenha as relações sociais mais tenazes. É a partir desse ponto que se pretende discutir como a literatura de Graciliano Ramos (1892-1953) flagra, discute e problematiza algumas questões gerais da educação no país nas primeiras décadas do século XX, como a distância entre a instituição escolar e a população jovem, o ensino no meio rural como forma de manobra política, a leitura e consumo de literatura como prática de poucos. Tomando os escritos de Graciliano Ramos como resultado direto de sua experiência como professor, diretor de instrução pública e inspetor federal de ensino, além de diretor da imprensa oficial de Alagoas, revisor de vários jornais e editoras, membro participante dos congressos de escritores brasileiros realizados na década de 1940 e presidente da Associação Brasileira de Escritores, no início dos anos 1950, o autor de *Vidas Secas* é visto como um intelectual interessado em discutir a relação entre cultura letrada e cultura do povo, e o papel do Estado nessa relação. Nesse sentido, o conceito de intelectual – e sua conseqüente produção discursiva – ocupa o centro da chave interpretativa para um campo que pensa a realidade sem ter a estrutura e o direcionamento clássicos dos textos acadêmicos, o que exige o olhar específico lançado à matéria literária e seu produtor, unificando, assim, o estudo cultural do estudo social, mediado pela figura do sujeito histórico Graciliano Ramos.

Francisco José Leandro Araújo de Castro (UESPI)

UM MISTERIOSO ENCANTO DE SENSUALISMO: o beijo como arma poética e micropolítica nas linhas de constituição subjetivas do suplemento cultural Boquitas Rouge

O presente trabalho busca analisar a linguagem e as práticas empreendidas em uma produção jornalística dos anos iniciais da década de 1970, feita em Teresina-PI, por um grupo de jovens envolvidos com diferentes manifestações culturais. O experimento *Boquitas Rouge*, – lábios pintados de vermelho –, encartado como suplemento cultural em um jornal de maior circulação – O Estado –, é fruto de experiências juvenis com o campo da arte e de propostas de invenção de novas maneiras de se inserir enquanto jovem em um mundo em constante processo de alteração comportamental. A prática jornalística do grupo teresinense tem como um dos aspectos, buscar romper com a ordem sufocante, moralizante da cidade, da estrutura comunicacional dos jornais, romper com as amarras textuais fazendo uso de uma linguagem irônica, debochada, coloquial e, assim, por meio desse efeito explosivo, detonar com a acomodação cotidiana e constituir-se enquanto sujeito aberto a outros possíveis, a outros *devires*. A tentativa dos sujeitos como Durvalino Couto Filho, Carlos Galvão, Edmar Oliveira, Arnaldo Albuquerque, entre outros jovens envolvidos com a produção experimental, é fazer novo

uso da linguagem, por intermédio de uma produção jornalístico-artística, torná-la - a linguagem - campo de experimentação de múltiplas possibilidades de *(re)apropriação midiática*. Esses impressos se relacionaram com uma prática comum nos anos 1970, a imprensa marginal, alternativa, experimental, não pelo fato de circulação restrita, pois o suplemento dominical *Boquitas Rouge* e alguns dos jornais e/ou suplementos culturais eram vinculados a um jornal de maior circulação. Mas como forma dissidente de discurso contestador ao autoritarismo da sociedade. Essa prática jornalística chamada por muitos no Brasil, de “desbunde”, tem seu aspecto performático característico, a conotação provocativa para os conservadores tanto da direita militar como também os da esquerda ortodoxa. A ampliação do conceito de política, estendendo-a ao corpo e a crítica às instituições, perpassa, em grande medida, o processo de produção desse experimento jornalístico.

Frank Sósthene da Silva Souto Maior Junior (UFRPE)

O Cavalo Marinho de Bombo, o Mestre e a Baiana: Aspectos de uma pesquisa historiográfica sobre uma manifestação Cultural do Patrimônio Imaterial de Pernambuco (1950-1970)

Centrada numa pesquisa de campo realizada entre janeiro e julho de 2014, esta comunicação almeja apresentar a experiência com o Cavalo Marinho de Bombo na Zona da Mata Norte e Agreste Setentrional de Pernambuco. Para nortear esta experiência que integra vida, sonhos e trabalho, fizemos algumas escolhas teóricas e metodologias que viabilizaram a imersão no campo de estudo, com realização de entrevistas com os atores sociais escolhidos. Além das entrevistas temáticas norteadas por um projeto de história oral, realizamos registros fotográficos e áudios visuais de ensaios e apresentações dos grupos de Cavalo Marinho de Bombo que serviram de base para a construção da história de vida dos personagens, descrição e análise das “figuras” brincadeira de Cavalo Marinho. Destacamos as histórias de vida do mestre João Pissica e da Baiana Margarida Verão, integrantes do grupo Boi Ventania, como personagens na nossa narrativa que ainda discute o papel do historiador no trabalho de pesquisa historiográfica sobre uma manifestação de tradição oral. O recorte cronológico se estabelece entre os anos de 1950 e 1970, período em que nossos personagens históricos residiam na zona rural na condição de trabalhador morador, marcando a saída deles e de milhares de famílias para as periferias das cidades da Mata Norte e Agreste Pernambucano.

Frantieska Huszar Schneid (UFPel)

Francisca Ferreira Michelin (PUC/RS)

Vestindo memórias: a indumentária da noiva do século XX através de fotografias de casamento

O presente artigo é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada *Fotografias de Casamento: Memórias compartilhadas a partir de acervos pessoais*. Aqui pretende-se

refletir sobre a relação da roupa com a memória, destacando o vestido de noiva do século XX inserido em uma sociedade cristã.

Ao falar de moda, neste caso se refere a um sistema de apreensão próprio, que pode ser percebido através dos costumes (que trata-se do modo de vida, similar a moda), estilos em voga num certo período da história. Aqui será trabalhado o conceito de moda enquanto fenômeno social, histórico, cultural, econômico, geográfico e comportamental de produção simbólica, industrial e mercadológica, relacionados à criação estética do vestuário e complementos.

Dentre os múltiplos olhares lançados sobre a moda, aqui interessa a abordagem da moda enquanto elemento de resgate da memória, notadamente a memória feminina, pois as roupas têm a capacidade de oferecer um sentido de pertencimento a um lugar de memória, criando conexões com espaços e tempos diferentes, são objetos lotados de significações emocionais que afetam quem a usa e também quem a observa. Pode-se afirmar que pensar sobre roupas é pensar sobre memórias.

Qual o propósito além da finalidade de um vestido de noiva na sociedade brasileira durante o século XX? Esta questão é o “alinhavo” chave deste artigo e como a indumentária está inserida de acordo com as mudanças históricas dentro do século passado.

Destaca-se que os vestidos de noiva e todos os acessórios presentes na cena retratada foram usados no Brasil dentro do século XX, e o cenário de vida brasileira aqui foi pensado tendo como *locus* o estado do Rio Grande do Sul, principalmente a cidade de Pelotas, por ser a terra de origem onde vive até hoje a guardiã do acervo das fotografias.

Busca-se verificar, como a roupa torna-se um recurso da memória coletiva, tal como um vestido de noiva, que provoca no indivíduo uma série de associações afetivas pessoais ou mesmo produzidas pela cultura social. É uma produção da memória coletiva, que acaba tornando os vestidos de noiva brancos, referências claras a tudo aquilo que engloba o universo feminino, seja por ser envolvido pela áurea de sonho ou em uma posição de aprisionamento social.

Finaliza-se este resumo afirmando que o registro da imagem permite que famílias acumulem durante anos fragmentos capazes de constituírem-se como um espaço de memória. Isso se dá através da construção narrativa cujo objetivo é de resgatar ao menos em parte a trajetória histórica memorial da indumentária da noiva no dia do seu casamento.

Gabriela de Oliveira Nery Costa (UNIFESP)

Às voltas com a liberdade: apontamentos sobre a experiência de Graciliano Ramos no Rio de Janeiro durante o ano de 1937

Este trabalho é parte dos desdobramentos de minha pesquisa de mestrado, ainda em fase inicial, que tem como objetivo principal analisar a forma como Graciliano Ramos concebia e apresentava as classes populares, durante o Estado Novo. Aqui, especificamente, pretendo trazer à tona algumas considerações sobre o primeiro ano em que Ramos se encontrou, pela segunda vez e agora à revelia, na cidade do Rio de Janeiro. Graciliano Ramos foi preso em 1936, na cidade de Maceió, sob as ordens do General Newton Cavalcanti - militar reconhecidamente simpático aos ideais integralistas e que

havia sido recentemente designado para o comando da 7ª Região Militar, com sede em Recife. Detido, Ramos foi transferido para a Capital do país e encarcerado inicialmente na Casa de Detenção do Rio de Janeiro, até ser transferido para a Colônia Correcional de Dois Rios, na mesma cidade, sem qualquer acusação formal.

No início de 1937, o autor alagoano foi finalmente posto em liberdade por conta da forte mobilização de diversos intelectuais pela sua soltura e, desde então, Ramos encontrava-se às voltas com o desafio de firmar-se na cidade em meio à efervescência dos meses que antecederam o golpe de Estado de novembro. Fora do cárcere, é possível acompanhar de que forma o autor buscava se inserir nos mais importantes círculos intelectuais ao tecer novas relações sociais, ou ao reforçar contatos antigos herdados de sua vida em Alagoas. Também é possível e absolutamente essencial perseguir as maneiras como Ramos adentrava aos debates correntes a respeito da sociedade brasileira e da produção literária nacional, bem como as formas como vivenciava e tecia comentários sobre as tensões que sacudiam a cidade – tudo isso em meio à sua luta pessoal por arranjar-se financeiramente sob o ofício de escritor. Assim, tomar os escritos de Graciliano Ramos durante este breve período nos traz boas pistas sobre as condições às quais parte da sociedade estava submetida naquele importante ano de 1937.

Este trabalho, desta forma, pretende acompanhar e analisar o breve período através da experiência, produção e trajetória de Ramos. Para tanto, tomarei como fontes parte da correspondência trocada pelo autor durante aquele ano, bem como suas publicações na imprensa também neste período. Acredito que, desta forma, este trabalho possa trazer contribuições para a melhor compreensão não só das redes de sociabilidade tecidas pelos intelectuais neste momento histórico determinado, mas também jogar luz sobre as condições da produção intelectual, sobre os temas aos quais parte dos escritores e demais artistas se debruçavam em seus trabalhos, bem como para a melhor compreensão da intrincada e complexa conjuntura nas quais estavam inseridos, instantes anteriores ao golpe que deu início ao Estado Novo.

Gabriela Limeira de Lacerda (UFC)

O pagode em documentos: contribuições para o estudo do campo musical nos anos 1990

As relações sociais e a experiência individual dos seres humanos estão conectadas a sua vivência e produção cultural. A cultura e seu estudo estão vinculados a uma demanda social ligada à produção, circulação, consumo, representações, ideologias, confrontos, que são próprios das relações humanas, numa tentativa de compreender aspectos de experiências que abrangem diversas atividades e vivências sociais, bem como artísticas e intelectuais. Essas questões se manifestam de diversas formas, inclusive na expressão musical, pois, como aponta Merriam, ao tratar da antropologia da música, (1964), a música enquanto produto do homem possui uma estrutura, estrutura essa que não tem uma existência por si só, afastada do comportamento que a produz. Segundo Napolitano em “História & Música” (2002), os sentidos históricos de uma música são construídos no espaço e no tempo, por isso as canções devem ser entendidas como um conjunto que engloba palavra, música, performance vocal e instrumental e veículo técnico: levar isso em consideração é necessário para que não ocorra uma análise que reduza a música a apenas um desses aspectos. Tendo em vista tais considerações, o presente trabalho tem como objetivo contribuir para uma reflexão entre história e música, buscando entender o campo musical do Brasil nos anos 1990. Para isso, apresentamos e discutimos alguns

documentos que compõem esse campo musical e que ultrapassam o registro fonográfico. Tratamos, especificamente, do estudo do pagode baiano enquanto fenômeno musical que, entre as décadas de 1990 e 2000 repercutiu para além dos meios midiáticos de divulgação musical, ocupando espaço em programas de TV, publicidades e propagandas diversas, revistas masculinas como a *Playboy*, dentre outros meios, conquistando um público de crianças e adultos.

Gabriela Paiva de Toledo (UNICAMP)

Idea del Tempio della pittura (1590) de Giovanni Paolo Lomazzo

A presente comunicação tem como objetivo apresentar em linhas gerais a obra de autoria de Giovanni Paolo Lomazzo intitulada *Idea del Tempio della pittura*, pesquisa que venho desenvolvendo no mestrado com apoio da Fapesp e orientação do prof. Luiz Marques, mas que se encontra ainda em estado de amadurecimento. O *Idea del Tempio*, obra de fulcral importância para se compreender as questões que dizem respeito ao ambiente artístico da segunda metade do *Cinquecento* italiano e para a historiografia artística desse período, foi posto à margem pela crítica artística durante muito tempo, considerado continente de ideias fora da conformação dos princípios racionalistas da chamada *High Renaissance*. Foi apenas no século XX que o referido tratado foi resgatado e sua importância trazida para o debate da crítica por nomes de grande relevância como Robert Klein, Julius Von Schlosser e Roberto Ciardi. Contudo, trabalhos com abordagens monográficas sobre o *Idea del Tempio* até este momento são escassos, sendo que a essência propriamente conceitual da obra ainda não foi largamente explorada, principalmente no cenário nacional, o que atesta a importância do trabalho que pretendo perpetrar.

O *Idea* foi publicado no ano de 1590 em Milão com o título de *Idea del Tempio della pittura di Gio. Paolo Lomazzo pittore: nella quale egli discorre dell'origine, & fondamento delle cose contenute nel suo trattato dell'arte della pittura*, e só obteve uma segunda edição quase duzentos anos depois. Coadunado ao *Trattato dell'arte della pittura, scoltura et architettura*, protagoniza o corpus textual principal da teoria de Lomazzo, tendo como escopo primeiro aprofundar as reflexões filosóficas sobre a arte e elucidar as questões discorridas no *Trattato*, propondo uma nova estética que abarcasse a expressão pessoal do artista, problemática comum aos teóricos do então período alcunhado maneirista. Bebendo da teoria aristotélica de beleza e de seu *modus operandi* artístico, e do Neoplatonismo de Plotino somados a uma série de correntes filosóficas díspares e por vezes excêntricas como a magia natural, a astrologia, a alquimia e a medicina humoral, o *Idea de Tempio* arquiteta o templo dos governantes no qual sintetiza toda sua teoria estética: elege os sete governantes da pintura (Michelangelo, Rafael, Tiziano, Gaudenzio Ferrari, Polidoro, Mategna e Leonardo) que figuram como as colunas do Templo, cada qual tendo suas qualidades artísticas fixadas pelo horóscopo, refletindo seu lugar na ordem cósmica. Dessa forma, Lomazzo garante um lugar para a *maniera* pessoal no pensamento artístico e sobrepõe o regime de modelo único de beleza convencionado até então pelo aristotelismo.

Gabriela Soares da Silva (USP)

Moskvá-Petuchkí: uma jornada em direção ao aniquilamento

Esta comunicação pretende mostrar as relações subjacentes entre Moskvá-Petuchkí, de Venedíkt Eroféev (1938-1990) e o espaço em que a narrativa se realiza: a Moscou soviética. Apesar de o romance tratar da jornada empreendida pelo protagonista Vênia para deixar a capital e partir em busca de seu espaço idílico (Petuchkí) é nas primeiras linhas do texto (“Todos dizem: ‘O Kremlin, o Kremlin.’ Ouço toda gente falar dele mas eu nunca o vi”) que se descortina o conflito que irá permear o texto de ponta a ponta, até o seu desfecho trágico.

Seja como “Terceira Roma”, capital política, centro do comunismo/socialismo ou qualquer outro epíteto que se dê a ela, a representação de Moscou está investida de uma carga simbólica que a coloca como núcleo do poder administrativo, político, religioso e cultural. Em Moskvá-Petuchkí, a cidade se revela para seu herói como inacessível (ainda que ele seja habitante dela) e ao mesmo tempo incontornável; racional e ao mesmo tempo mística. Porém, em qualquer uma das formulações, ela permanece hostil ao herói: não lhe permite conhecê-la, acessá-la, andar livremente por ela e, de maneira contraditória, também não lhe permite deixá-la. O percurso de Vênia é horizontal e circular, fechado como se a personagem estivesse encarcerada.

Essa tensão se concretiza na trajetória errante e tortuosa da personagem pela cidade, nunca encontrando os lugares pretendidos e terminando sempre no mesmo (a estação Kursk, p. ex.), perambulando de bar em bar para saciar sua sede infinita pela bebida. O seu refúgio na viagem traz a figura do trem como condutor de uma jornada espacial e metafísica cujo pretendido destino final, Petuchkí, apenas acentua o contraponto entre Moscou e a cidade ideal. No âmbito da personagem, é na representação do herói que se estabelece uma oposição aos ideais da capital do comunismo: ele é irracional, improdutivo, viciado e com certa inclinação religiosa. E, finalmente, a atração para o ponto inicial da narrativa: o Kremlin, a fortaleza que incorpora o papel de vigilante, de líder e adquire em Moskvá-Petuchkí também o papel de algo inesperado.

Com base nesses apontamentos, pretende-se analisar nesta comunicação como tempo, espaço e utopia, juntamente com a construção da narrativa simbólica que acompanha a cidade de Moscou durante o período soviético, conjugam-se em Moskvá-Petuchkí formando um percurso subvertido da busca do herói em que, ao fim e ao cabo, não há triunfo, recompensa ou transcendência.

Gabriel Salvi Philipson (USP)

Alguns aspectos do nietzschianismo russo a partir de uma interpretação de O Mestre e Margarida de M. Bulgákov

A intenção de minha conferência reside em apresentar um esboço de uma análise a respeito da articulação de elementos nietzschianos no romance *O Mestre e Margarida* de Mikhail Bulgákov, tendo como base a enorme influência de ideias, motivos e até mesmo imagens retóricas (não necessariamente articuladas de modo filosoficamente rigoroso) do pensador alemão em todas as esferas do pensamento russo a partir da década de 1890. Nossa hipótese é a de que nesta obra estariam articuladas de modo crítico as duas principais linhas a partir das quais seria possível compreender a recepção russa de Nietzsche: uma é aquela que tem como ponto de partida a sofologia de Vladimir Soloviov e que influenciou pensadores como Merezhkovski, Florensky,

Ivanov, Serguei Bulgákov, Bakhtin e Shestov, assim como os poetas simbolistas; outra é a que foi tomando forma na cultura oficial soviética – a despeito da retirada de circulação de Nietzsche na URSS em 1923 graças à Krupskaja (a viúva de Lênin, horrorizada com o elogio do dionisíaco) – e que pode ser encontrada em autores como Górkii e Maiakóvski, na década de 1920, assim como nos romances soviéticos que seguíam já na década de 1930 as determinações das normas culturais oficiais do regime.

Proporemos interpretar o romance de Bulgákov, que talvez seja o marco final da tradição literária moderna russa iniciada em Púshkin, como um momento tardio e privilegiado do desenvolvimento do debate na cultura russa e soviética desse ideário nietzschiano. Procuraremos observar de que modo são articuladas e desenvolvidas no romance noções como as de deus-homem, homem-deus e sacrifício dionisíaco – presentes na interpretação não-oficial – e de espontaneidade – talvez o principal jargão nietzschiano do modelo literário oficial. E tentaremos perceber como essa articulação é de tal modo realizada por Bulgákov que acaba por atingir nele um alto grau de profundidade e complexidade, principalmente se analisada do ponto de vista da forma do romance, quando esta põe em questão a relação entre verdade e fantasia nos seus vários âmbitos e níveis de realidade. Mas isso pode ser visto também na construção de personagens bastante particulares como a de Yoshua Há-Nozri (Jesus, um anticristo em sentido nietzschiano, o qual deve muito à figura do idiota de Dostoiévski) e a do Mestre (uma espécie toda ao seu modo de super-homem). Vemos como examinar a obra de Bulgákov segundo seus aspectos nietzschianos e de nietzscheanismo – a despeito de sua relação relativamente indireta com o pensador alemão – dará a oportunidade de nos introduzirmos na história das ideias na Rússia, lançando luz principalmente no período compreendido entre os anos 1890 e 1930 sob um prisma ainda pouco convencional no Brasil.

Gazy Andraus (USP)

A pan-visualidade dos quadrinhos nas HQs em contraposição à visualidade unimagética do cinema: contrastes e adaptações

O leitor de uma revista de história em quadrinhos (HQs) pode visualizar numa só (ou em duas páginas) a panvisualidade dos quadrinhos (separados por seus vãos), enquanto que a cada momento de sua leitura sua visão periférica capta passado e futuro na(s) mesma(s) página(s) enquanto absorve os desenhos autorais e os textos inseridos (quando existem); no cinema, o espectador absorve a imagem integral quadro a quadro, mas também o som (e algumas vezes a legenda se o filme é estrangeiro e não dublado), imerso num breu para que seu olhar se concentre na tela gigante. Porém, as histórias em quadrinhos (HQs) são a única expressão artístico-comunicacional que expõe de uma só vez uma integração imagético-literária numa “tela” ou página (com os quadrinhos), em contraposição ao cinema, por exemplo, cuja audiência só pode verificar quadro a quadro devido à sua própria possibilidade tecnológica. Ademais, as HQs têm outra peculiaridade: são elaboradas com desenhos personalizados, autorais, enquanto que o cinema, em sua grande maioria constitui-se de filmagens, ainda que atualmente com recursos de computação gráfica e o estilo do diretor. Apontar as diferenças entre os quadrinhos e o cinema nesses quesitos e em relação ao “input” que a mente do observador/leitor, tanto de uma mídia como doutra, pode aferir, e algumas possibilidades de adaptações técnicas que o cinema conseguiu trazer dos quadrinhos

para simular sua panvisualidade e seus desenhos (como no filme “Hulk” ou “300”), é o que será verificado nessa reflexão.

Geneci Guimarães de Oliveira (PUCRS)

As representações das cidades do Vale do Itajaí nas fontes literárias

A presente comunicação tem como objetivo analisar, através do romance histórico, as diferentes representações das cidades do Vale do Itajaí. As mudanças ocorridas a partir de 1940 encontram uma justificativa na crescente industrialização dos centros urbanos como Blumenau, Itajaí, Brusque e Rio do Sul, que formavam o chamado Vale do Itajaí, que se tornou mais intensa nas primeiras décadas do século XX. Itajaí como uma cidade polo, situada ao norte do litoral de Santa Catarina, teve seu desenvolvimento pautado por uma dinâmica própria. Devido as características específicas de sua localização contribuiu para o incremento da colonização e do fortalecimento econômico desta região. Rio e mar, porto e cidade serviam de acesso à comunicação e base de transporte, conferindo às empresas o apoio comercial necessário para a ampliação das colônias do vale. Aparentemente, ocorreu com isto uma reversão do processo de ocupação de terras em que se dá o declínio da agricultura no médio e baixo Vale do Itajaí. A compreensão a respeito da dimensão urbana na análise dos múltiplos processos sociais e das redes que se estabelecem no amplo espectro desenvolvido nas cidades, devem ser analisados e problematizados à luz das diversas áreas do conhecimento.

Geny Brillas Tomanik (PUC/SP)

Escrita de si: as memórias, experiências e deslocamentos de Pedro Brillas (1919-2006), um exilado/refugiado espanhol

O fio condutor para este estudo fundamenta-se em um acervo privado inédito autobiográfico de um sujeito histórico, nascido em Barcelona, Espanha - Pedro Brillas (1919-2006) -, que, com apenas 17 anos voluntariou-se nas forças republicanas antifranquistas na Guerra Civil Espanhola (1936-39). Após ser ferido na frente de batalha, ao sair do Hospital de Olot (Girona), com o companheiro Antonio, também ferido, decidiram juntar-se ao êxodo massivo de espanhóis rumo à França, em virtude do avanço das forças franquistas e da tomada de Barcelona em janeiro de 1939. Desta forma, Pedro Brillas ao atravessar a fronteira franco-espanhola no dia 8 de fevereiro de 1939, com apenas 19 anos, movido pelas circunstâncias, viu-se exilado, passando a ter uma vida de deslocado de guerra, com dramáticas consequências, entre elas, o confinamento no *Camp D'Argelès*, campo de “internamento” francês, conhecido também como campo de concentração, construído provisoriamente para abrigar os refugiados espanhóis republicanos, onde Brillas permaneceu 220 dias. Ao sair do campo, iniciava-se a Segunda Guerra Mundial, e outra vez atingido pelas circunstâncias, testemunhou e sofreu os horrores e dramas de uma nova guerra, desta vez, em terras estrangeiras (França e Alemanha). Em 1945, no pós-guerra, retornou à França, onde foi novamente detido (*Camp de Noé*), desta vez, acompanhado da sua companheira alemã. Viveram e formaram família multicultural em Paris, até 1951, quando decidiram emigrar, subvencionados pela *International Refugee Organization (IRO)*, para São

Paulo, onde fixaram residência e raízes. Pedro Brillas tinha por hábito escrever sobre a sua vida desde a juventude, até o seu falecimento em 2006. O rico e amplo *corpus* documental abrange 68 anos de escrita de si de Pedro Brillas, composto de memórias, diários (inclusive do campo de batalha em 1938), cartas, além de documentos pessoais, entre outros. Alguns desses escritos possuem dedicatória a supostos leitores, ou seja, há explicitamente um pacto autobiográfico e reciprocidade entre narrador/personagem e leitor (LEJEUNE, 2008). Esses guardados de e/imigrantes, caracterizam-se por abranger não apenas assuntos de fórum privado, bem como público, que recuperam e atualizam a memória individual e coletiva, geralmente relegados à invisibilidade, que ganharam valorização nos estudos historiográficos. Este trabalho objetiva analisar as memórias, experiências, subjetividades, deslocamentos e a escrita de si de Pedro Brillas.

Geraldo Witeze Junior (UNICAMP)

Thomas Morus inspirado por Deus: Vasco de Quiroga e a releitura da Utopia como projeto colonial para a Nova Espanha (1531-1565)

Vasco de Quiroga veio para a América em 1531 a fim de atuar com ouvidor na *Segunda Audiencia* do México, após a atuação desastrosa da *Primeira Audiencia*, presidida por Nuño de Guzmán. Com isso teve a oportunidade de conhecer a situação dos índios e de ouvir suas queixas, formando a partir disso uma opinião crítica a respeito da atuação dos colonos espanhóis. Posteriormente se tornou o primeiro bispo de Michoacán, sob a supervisão bispo do México, o humanista Juan de Zumárraga. Quiroga redigiu um texto em que condenava a escravidão indígena, a *Información en derecho*, em que já se delineia seu projeto de para a colonização da América. Enquanto escrevia sua *Información*, Zumárraga cedeu-lhe duas obras que matizam seu pensamento a partir de então: *As Saturnais*, de Luciano de Samósata, e a *Utopia*, de Thomas Morus. A partir da leitura do texto de Luciano ele formulou sua interpretação da cultura dos índios, sem cair contudo no mito do “bom selvagem”. Quanto à *Utopia*, entendeu-a como inspirada por Deus para aquele momento, afinal fornecia um modelo para o projeto de colonização da Nova Espanha que se adequava perfeitamente às características dos índios. Neste trabalho pretendemos então apresentar as linhas gerais dessa releitura, mostrando como Vasco de Quiroga enxergou a possibilidade de concretização da obra de Morus, apenas na América. Considerando a importância da produção textual dos humanistas na Espanha do século XVI e em seus domínios, sobretudo o Novo Mundo, tratamos a relação entre a literatura e a história, dando especial atenção para as relações entre o pensamento utópico e a colonização.

Getúlio Nascentes Da Cunha (UFG)

Infância e Masculinidades: construção da masculinidade nas Memórias de Gregório Bezerra

Gregório Bezerra foi um importante militante comunista, com participação política nos vários eventos que envolvem o partido desde os anos 1930. Suas memórias é uma fonte importante para a história do partido, mas ao abranger sua vida desde a mais tenra infância abre outras possibilidade de investigação. Sua infância transcorreu num período

de forte seca no interior de Pernambuco o que acabou forçando sua ida para Recife ainda bastante jovem. Procuramos investigar os significados da infância nessas condições e as formas como elas constroem uma definição de masculinidade, de ser homem. Como apoio na análise, usamos o livro “Capitães de areia” de Jorge Amado.

Gilberto Gilvan Souza Oliveira (UVA)

A escrita do tempo e o tempo da escrita N’O Quinze de Rachel de Queiroz

O presente trabalho tem como objetivo analisar o texto/narrativa do romance *O Quinze* de Rachel de Queiroz, tentando identificar as marcas da linguagem da escrita racheliana. Cabe ressaltar que entendemos por linguagem, como um sistema de produção de significados e significantes em interação comunicativa entre leitura, escrita e oralidade. Nesse sentido, num primeiro momento, é de nosso interesse pensar de que forma Rachel de Queiroz ordena os fatos narrados em seu romance. Logo após, por meio de uma análise minuciosa dos livros *A Fome* e *A seca de 1915* de Rodolfo Teófilo, e *Luzia Homem* de Domingos Olímpio, os quais Rachel leu para compor *O Quinze*, buscaremos compreender de que forma suas leituras se inserem na linguagem, nas marcas estilísticas e na forma de narrar em seu romance de estreia. Em seguida, problematizaremos como os relatos orais, o jogo da memória de suas experiências individuais e do cotidiano das pessoas com as quais ela convivia no momento de produção do romance são inseridos na narrativa d’ *O Quinze*.

Gisafran Nazareno Mota Jucá (UECE)

Memória Social da Hanseníase no Ceará: uma revelação transdisciplinar

Além do racional, a sensibilidade e a sociabilidade se revelam como novos temas a serem analisados, não apenas por especialistas de uma determinada área do conhecimento, tendo como apoio para uma maior compreensão da temática conceitos expressivos das novas tendências interpretativas das ciências sociais, reveladoras de memórias singulares e identidades sociais. A busca da memória social da história da hanseníase no Ceará foi coletada através das entrevistas realizadas com ex - internos, médicos, enfermeiros e filhos de hansenianos, das ex colônias de Antonio Diogo e Antonio Justa, localizadas nos municípios de Redenção, Ceará, que nos permitem uma organização de um acervo imaterial da história da hanseníase a nível regional. Em geral, a caracterização expressa através das práticas e das referências, relativas ao histórico da hanseníase, remetem o observador ao imaginário de um espaço social fechado, longe das relações sociais definidoras dos laços de sensibilidade e sociabilidade, presentes no cotidiano das experiências vividas. O isolamento social e a tragédia de vidas paralelas à normalidade existencial marcam a história dos atingidos pela hanseníase, vítimas de preconceitos, reveladores das experiências dos atingidos pela temível mal, em geral excluídos do decantado modelo da valorização corporal, bem presente na chamada "civilização do espetáculo, fruto" da chamada pós-modernidade, estampada nas revelações de novos espaços sociais, usufruídos pelos clientes do consumismo, onde tudo se compra e tudo se mercantiliza. Entretanto, os contatos mantidos com os hansenianos, preservados através das entrevistas realizadas, trazem à baila uma outra

paisagem social, demonstrativa de experiências vivenciais salutares, como as festas por eles narradas, nas comemorações preservadas, como as festas de São João e as comemorações contagiantes do carnaval e dos bailes, rememoradas, com naturalidade, pelo prazer que lhes proporcionava, através dos laços de cordialidade rememorados. As evocações desses agentes do cotidiano se revelam como testemunhos de memórias individuais e memórias coletivas, demonstrativas das possibilidades de afetividade e convivência solidária entre os ex-internos, seus assistentes sociais, médicos e enfermeiros e a convivência solidária dos hansenianos.

Gisele da Silva Rezk (UFAM)

Os mágicos do amor

Este texto pretende abordar, a partir das fontes inquisitoriais, as motivações de alguns personagens que sofreram processo durante a Visitação do Santo Ofício ao Estado do Grão-Pará, entre os anos de 1763 a 1769, por confessarem espontaneamente a utilização de práticas consideradas desviantes pela Igreja, como a manipulação de feitiços e orações para fins amorosos e sexuais. Por meio da leitura minuciosa de seus depoimentos tomamos conhecimento da história desses homens e mulheres que se “apartaram” da doutrina cristã ao se utilizarem de práticas supersticiosas na intenção de alcançarem seus objetivos: o amor de seus “amores” e que por essas práticas responderam processos pelo crime de heresia junto ao Tribunal do Santo Ofício. Nesse sentido, vale ressaltar que embora a Inquisição Portuguesa não tenha priorizado a perseguição às bruxas, como ocorreu em várias regiões da Europa, mas sim aos cristãos-novos, principais alvos de ação desse tribunal, o Santo Ofício português também tinha a função de vigiar o comportamento moral dos cristãos, como a fornicação, a sodomia e a bigamia, além de julgar crenças e práticas populares como a magia e a feitiçaria, por exemplo. Todavia, mesmo consideradas como um delito menor, tais práticas não passaram despercebidas pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição e muitos foram os casos de mulheres acusadas de bruxaria e de feitiçaria pela Inquisição Portuguesa. Para verificar como estava o comportamento da população que habitava o Brasil, o Santo Ofício português enviou, durante o período colonial, três Visitações, sendo que as duas primeiras ocorreram na Bahia, durante os séculos XVI e XVII e, por fim, a Visitação paraense, no século XVIII. Desta maneira, os braços longos da Inquisição alcançaram as terras do além-mar português e a população paraense foi surpreendida com a chegada de Giraldo José de Abranches, Inquisidor-Visitador encarregado de averiguar como estavam os costumes e a fé no Norte do Brasil.

Gisele Pereira de Oliveira (USP / UNESP/Assis)

A poetisa educadora e o pacifista santo: convergências ideológicas e literárias entre Cecília Meireles e Mahatma Gandhi no pós-guerra

Cecília Meireles (1901-1961) é mais conhecida por sua poesia, entretanto, foi também educadora, folclorista, tradutora e cronista (produzindo crônicas de viagem, de educação e de temas gerais, tanto na forma de livros como para jornais). Intelectual aguçada e cosmopolita, viajou intensamente e estudou detidamente uma gama variada de línguas,

culturas e sistemas filosóficos. Dentre seus objetos de estudo, encontra-se a Índia: estudou o budismo, o hinduísmo e línguas indianas; detinha conhecimento vasto sobre a literatura sânscrita, principalmente através de traduções francesas; viajou pela Índia por dois meses em 1953, produzindo um livro de poemas, *Poemas escritos na Índia*, e diversas crônicas sobre o que vivenciou ali e onde participou de um congresso internacional sobre as ideias de Gandhi para o bem universal; cultivou admiração e empreendeu debates, por meio de sua escrita, com personalidades indianas da época, como Rabindranath Tagore e Mahatma Gandhi. Como poetisa educadora, que dizia ter toda e qualquer produção sua o fim último da formação humana, ou seja, do despertar das pessoas do torpor que via como um tipo de sonambulismo, ou uma inércia intelectual e afetiva, voltou-se à pessoa de Gandhi, o pacifista santo, como interlocutor espiritual e ideológico, escrevendo uma biografia, poemas e crônicas sobre ele, sobre seus feitos e suas ideias sobre paz, educação e religiosidade. Nosso objetivo neste trabalho é levantar as ideias gandhianas, oriundas da literatura sagrada da Índia e de suas experiências, que perpassam a produção de Cecília Meireles explícita, implícita, ou, melhor, antropofagicamente, considerando o contexto de reforma ideológica que o pós-guerra exigia dos intelectuais inquietos com os males que a modernidade gerou e preocupados com os tempos vindouros.

Gislaine Hosana Araújo Fernandes (UFPB)

O feminino (des) educa: leituras do feminino na Taperoá dos “anos de chumbo” (1964-1985)

O artigo problematiza como as mulheres de Taperoá-PB receberam as mudanças nos costumes, a partir das práticas cotidianas das mulheres taperoaenses, que se dá nas relações estabelecidas social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura entendendo assim as relações que se deram na educação dos anos de 1964-1985, e que escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas agentes históricos e possui uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Procuramos então pesquisar e analisar no contexto da cidade de Taperoá, indícios de como as mulheres receberam as mudanças nos costumes dos anos à épocas de 1964-1985, anos esses marcados pelo regime militar no Brasil. O trabalho foi realizado a partir de relatos orais de memórias de mulheres que viveram nesse período e da leitura da cidade, pois a região, bem como todo o Brasil à época contava com traços fortes do mundo rural e da educação patriarcal, sendo que os hábitos e os costumes que prevaleceram eram o da elite letrada. A ideia era adentrar as casas, como forma de nos aproximarmos dos comportamentos dessas mulheres, observando os diferentes grupos sociais, na sua forma de fazer e receber educação. Sendo assim, tendo em vista a potencialidade dos relatos orais de memória realizamos entrevistas com mulheres que viveram e tiveram sua infância, adolescência e juventude na Taperoá dos anos de 1964-1985, nos aproximamos das asserções de Antônio Torres Montenegro e Maria Isaura Pereira e Queiros. Nos preocupamos com uma bibliografia sobre mulheres, com questões pessoais sobre as vivências femininas de ontem e de hoje. O recorte se dá pelo fato de boa parte das professoras que hoje se encontram em sala de aula hoje terem vivido sua infância ou adolescência nessa época; segundo, por ter sido um momento de grandes mudanças na história política do país, como também no comportamento de

homens e mulheres. O debate em torno das fontes orais ganhou destaque, e deste modo não podemos nos eximir das apresentações e definições dos conceitos de fonte oral e de memória. É importante salientar que a memória coletiva está marcada por datas, definições e lembranças arbitrárias de acontecimentos que não foram vividos pela pessoa que lembra. Estes elementos fazem com que a memória histórica não nos seja exterior, é sobre as vivências que se apoia a memória histórica. Adentamos nos arquivos pessoais, como também nos arquivos das escolas, secretaria de educação do município, jornais, folhetins e documentos em geral da época. Esse estudo contribui e tem importância na construção do feminino e da educação na cidade de Taperoá.

Giulia Brunello (Università degli Studi di Padova, Itália / USP)

Militantes que lêem um jornal anarquista: análise de um rito (São Paulo, 1917-1935)

A análise dos periódicos anarquistas brasileiros das primeiras décadas no século XX, enfocou, principalmente, os conteúdos e as divisões ideológicas: informações sobre as greves e mobilizações (Ferreira; Lopreato) ou festas de propaganda e difusão do teatro social (Alves de Lima, Vargas; Foot Hardman); a relação entre a língua utilizada e a formação do movimento anarquista (Biondi 1998; Felici); o vocabulário e a iconografia para uma análise de gênero (Grossman; Fernandes; Roberti Martins); os periódicos como testemunhos da história da emigração europeia (Biondi 1994; Trento) ou como sinais do caráter transnacional do movimento anarquista. Minha comunicação insere-se nas pesquisas que privilegiam a recepção do texto e a leitura do periódico, em vez da produção e da escrita; contudo, diferencia-se delas porque considera a leitura como um rito.

Giuliana Teixeira de Almeida (USP)

A Rússia oitocentista e a encruzilhada (auto)biográfica

A autobiografia “é a forma mais subjetiva de historiografia”. (KLUGER, Ruth. “Verdade, mentira e ficção em autobiografias e romances autobiográficos” In. GALLE Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY Adriana; IZARA, Laura Zuntin (Org) Em Primeira Pessoa - Abordagens de uma Teoria da Autobiografia. P. 24) Porém, os historiadores relutam em aceitá-la como uma fonte de informações fidedigna sobre um sujeito histórico em função de controvérsias teóricas como, por exemplo, se há ou não verossimilhança e objetividade nas narrativas desse gênero. Apesar dessas controvérsias, a autobiografia é bastante praticada e consumida por escritores e leitores do mundo todo.

A biografia, de forma muito similar à autobiografia, é também um gênero situado na região fronteira entre as ciências humanas e a literatura. O compromisso com a verossimilhança e o aproveitamento das técnicas da ficção são características da biografia que provocam tanto a desconfiança dos historiadores preocupados com as fontes documentais, quanto dos escritores movidos pela criatividade. Apesar das suas dificuldades teórico-metodológicas, a biografia também atrai um número muito expressivo de leitores.

No campo dos estudos russos, duas obras, sendo uma delas uma autobiografia e a outra uma biografia figuram como interessantes objetos de reflexão acerca das potencialidades que ambos os gêneros têm para lançar luz sobre um contexto histórico cultural. As obras em questão são a autobiografia “Passado e Pensamentos”, de Alexander Herzen e a biografia “Dostoiévki” de Joseph Frank, que narram a vida de duas figuras centrais da história cultural da Rússia oitocentista. Enquanto Joseph Frank afirma que “meu trabalho não (...) é uma biografia”, mas sim “uma bem-vinda tentativa de estender os limites desse gênero”, (FRANK, Joseph, Dostoiévski: Os Anos de Provação 1850-1859. São Paulo: Edusp, 2008. 2. ed. rev., p. 15, 16) tendo em vista que, segundo a tipologia elaborada por Giovanni Levi “estender os limites do gênero” significou a exploração das possibilidades imbricadas na forma da *biografia e contexto*, Herzen na mesma linha escreve que sua obra “conserva as cores do seu próprio tempo” (“retains the colour of its own time” In. HERZEN, Alexander. My Past and Thoughts. Selecionado por MACDONALD, Dwight. University of California Press, 1982. p. XLV) consistindo, dessa maneira, em um interessante documento da época histórica que o gerou.

Em síntese, essa comunicação visa apresentar uma reflexão sobre como duas obras, sendo uma delas uma biografia e outra uma autobiografia, podem oferecer interessantes contribuições para a historiografia da cultura russa no século XIX apesar das controvérsias teórico-metodológicas intrínsecas a esses dois gêneros literários.

Gloria Alejandra Guarnizo Luna (UFSC)

Ressonâncias do sensível - Novos Museus no Brasil

A partir da criação do IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus, nova autarquia do Ministério da Cultura, criada pela lei nº 11.906, de 20 de Janeiro de 2009, da instauração da política de museus e da criação em 2011 do Estatuto de Museus a relação com o passado ganha novos significados na ampliação da perspectiva do campo museológico no país e na redefinição da sua conceitualização. Neste movimento e na reivindicação de comunidades de memória, emergem espaços que apelam para a sensibilização dos sentidos, objetivo central deste ensaio, através de políticas educativas, contempladas como prioritárias na nova reformulação museológica no Brasil. Os museus do lixo, entre outros “novo museus”, são percebidos, entre outras perspectivas, como uma tentativa de interferência à maneira como nos relacionamos com os objetos e as múltiplas atribuições de sentido que estabelecemos com a produção, uso e descarte dos mesmos. Estes mesmos espaços permitem também a discussão de uma estetização do lixo, que coloca o objeto num lugar consagrado que através do “olhar sensível”, traz para visibilidade o que antes estava presente, mas não era percebido. A educação de sensibilidade, como um elo social, é uma das instâncias mais significativa que os projetos e processos numa perspectiva social podem provocar no presente.

Grace Campos Costa (UFU)

Alfinetes e Babados em Prêt-à-Porter (1994): crítica à efemeridade da moda e do consumo

Muitos trabalhos acadêmicos, oriundos da Nova História, encararam a sétima arte não apenas como uma atividade voltada ao entretenimento, mas como uma interpretação diferenciada sobre o passado.

A moda também pode ser um instrumento de investigação histórica. Paulatinamente foi deixando de ser considerada pelos acadêmicos como um tema fútil para ser aceito como um objeto investigativo. A filosofia e a sociologia iniciaram os seus trabalhos antes, mas o binário moda/história vem aumentando o seu repertório produtivo.

Apesar de ser um tema considerado menos importante dentro da academia, a moda, quando bem estudada, pode nos auxiliar a compreender as dinâmicas sociais atuais ou de outrora. Aliando cinema/moda/história, a pesquisa tem como objetivo principal analisar o comportamento gótico, desde a origem do seu conceito, ligada unicamente pela arquitetura do período medieval até o seu desenvolvimento enquanto uma subcultura juvenil, representada no filme “*Fome de Viver* (1983)” dirigido por Tony Scott.

Graziela Schneider Urso (USP)

Romance e história em Speak Memory, de Nabókov

Apesar de constituir um relato sentimental e subjetivo e de ter sido designada como “romance” pelo autor, a autobiografia *Speak, Memory*, de Vladímir Nabókov (1899-1977) revisita não apenas sua memória particular, mas também episódios da história da Rússia. Nabókov insere detalhes históricos em sua narrativa memorial, entretanto não discorre sobre um evento ou um “fato” em si, e sim alude a momentos emblemáticos quase como se fossem diáfanos, com palavras ou expressões sucintas e precisas. Pistas de elementos históricos são arranjadas aqui e ali, mas o que distingue os acontecimentos não são descrições ou apreciações: são apenas mencionados de leve, ou seguidos de um adjetivo sugestivo. O tempo histórico assoma de forma gradual e, ao longo do texto, há um jogo entre a suposta exatidão impecável da História, as imprecisões propositais da memória e a mão visível do autor.

Esse trabalho visa apresentar trechos de alguns capítulos representativos de *Speak, Memory*, para destacar *como* são dispostas na obra representações de História e memória (a Guerra Russo-Japonesa, a Revolução Russa de 1905; a I Guerra Mundial; as revoluções de 1917 e a guerra civil; a vida na emigração russa na Europa; entre outros), constatando que, apesar de que Nabókov alegue ser impermeável, alheio a questões políticas, sociais, históricas, tais questões, ainda que de maneira lacônica, irrompem em sua obra.

É evidente que *Speak, Memory* não é um documento histórico, entretanto é repleta de eventos e momentos históricos. O que é interessante para a reflexão inicial sobre o tema não é o que Nabókov evoca, mas sim *como* o faz, que *linguagem* utiliza para retratar esses momentos.

Embora o autor proclame, em relação a um subtítulo sugerido para sua autobiografia, “The book is not about an era, but about a person, and in that sense the past cannot be said to have ‘vanished’.” (NABOKOV, 1989, p. 105), é possível rastrear eventos e momentos históricos ao longo de *Speak, Memory*. O que não foi dito muitas vezes diz mais do que o que se declarou e não há (auto)biografia sem registro(s) de época. As alusões históricas de *Speak, Memory* podem ser entendidas como afirmações por

negações, afinal, Nabókov preencheu *Speak, Memory* de menções históricas concisas, mas constantes e significativas.

Guilherme de Souza Zufelato (UFU)

Interlocuções Arte/Sociedade - História/Estética: reflexões em torno da trajetória artística de Amácio Mazzaropi no Cinema (1950/1980) a partir da investigação de sua recepção

Em seus 69 anos de vida, o ator/produtor/cineasta Amácio Mazzaropi (1912-1981) tornou sua capacidade criativa reconhecida publicamente, muito embora na grande maioria das vezes, ao longo do tempo de sua trajetória no âmbito das linguagens artísticas, não tenha sido isentado de críticas e de restrições, principalmente, quanto às suas escolhas temáticas e opções estéticas. Ao longo de sua existência, travou interlocuções com diversos segmentos socioculturais e políticos por intermédio de suas realizações em Circo, Teatro, Rádio, Televisão e Cinema. Embora até certa medida lembrado como uma importante referência em termos de inventividade e sobretudo popularidade, comumente foi e ainda hoje é, não por acaso, olvidado da história artística contemporânea no Brasil.

Guilherme Talarico (UFG)

O Acervo Alois Feichtenberger: estudo de caso sobre a preservação, inventário e difusão de acervos fotográficos e documentais

O Acervo do fotógrafo Alois Feichtenberger foi tratado e disponibilizado pelo Museu da Imagem e do Som de Goiás, em projeto financiado pelo BNDES (2007-2010). Imigrante austríaco que aprendeu o ofício da fotografia no Brasil atuou em São Paulo, Mato Grosso, Paraná, Minas Gerais e Goiás, entre 1919 e 1986. Um dos pioneiros do registro imagético da construção de Goiânia (1937), seus registros serviram de contraponto entre o passado atrasado e arcaico de antiga oligarquia que controlava a política no estado e a chegada da modernidade e do progresso com o novo momento político pós 1930. Alois estabeleceu-se definitivamente na capital goiana em 1959, atraído pelo surgimento de Brasília, e passou a fazer serviços para todas as estatais goianas, numa fase de implantação de grandes projetos de infraestrutura e de ‘desenvolvimento’.

Para este simpósio temático mostraremos como se deu a composição de seu acervo. Para o fotógrafo sua produção ao longo dos anos servia como um banco de imagens para publicações nacionais e internacionais, muitas vezes mais focadas no exotismo e no meio ambiente dos trópicos. Interessava-se em registrar a exploração dos recursos naturais, a questão indígena e o pioneirismo dos imigrantes. Após seu falecimento, suas fotos continuaram a alimentar o imaginário da chegada da modernidade no Planalto Central. Nossa pesquisa tenta analisar os usos de acervos fotográficos, nas suas mais variadas perspectivas, tendo como objeto de análise a experiência do processo de musealização do Acervo Alois Feichtenberger e as propostas para sua difusão. O projeto de *Preservação, inventário e difusão do Acervo Alois Feichtenberger*, além da óbvia ênfase dada à conservação do material fotográfico, composto de negativos de vidro, acetatos, diapositivos e reproduções em vários tamanhos, também atendeu ao tratamento,

higienização e acondicionamento da documentação textual do fotógrafo, com artigos, diários, anotações de viagens, cartas, recibos de prestação de serviços, documentos pessoais, e outros, o que faz com que seu espólio se configure num acervo rico em todo tipo de informação e disponível ao pesquisador. Além disso, o projeto aprovado pelo BNDES proporcionou, como contrapartida, uma ampla reforma nas dependências do MIS-GO, o que trouxe benefícios para o tratamento e conservação de outros acervos sob a guarda do Museu.

Gustavo dos Santos Prado (PUC/SP)

“O militarismo não pode continuar nesse país” – a abertura política e suas representações nos fanzines punks (1983-1986)

Os fanzines punks brasileiros começaram a ser produzidos em 1982, na cidade de São Paulo, e em pouco tempo, ganharam repercussão em várias cidades e regiões do Brasil. Esse tipo de “mídia radical” foi um dos pilares da cultura do rock *underground* e, durante sua existência, abordou múltiplas temáticas que afetaram diretamente o cotidiano dos integrantes do movimento punk. Pretende-se, nesse trabalho, problematizar as formas que os “zines” representaram o final da “Ditadura Civil – Militar” e o início da “Nova República”, elencando como fontes charges, depoimentos, excertos de jornais e revistas, caricaturas e letras de músicas. Feita a análise, espera-se contribuir com a proposta central do Simpósio Temático, bem como cooperar na difusão do conhecimento em prol da cultura do rock alternativo.

Gustavo Henrique Silva (UFCG)

A princesa de 100 anos: Caruaru centenária e os seus (des)encontros com o progresso (1957)

O ato de comemorar é sempre realizado no presente, mas traz consigo uma expectativa de futuro. Desta forma, as comemorações do centenário de Caruaru-PE (1957) serviram de mote para uma discussão sobre o progresso da cidade. Era comum na imprensa local utilizar-se o discurso de cidade centenária como justificativa de muitas críticas acerca da carência de melhorias estruturais que, segundo os cronistas, a cidade necessitava.

Além destes tipos de reclames, o centenário se tornou um mote para a exaltação das conquistas que a cidade já estava vivenciando ou estava prestes a vivenciar. Ruas pavimentadas, alto fluxo de automóveis, novos prédios, praças e várias outras conquistas materiais que garantiriam que Caruaru, nos seus 100 anos de emancipação, estava em confluência com o ritmo otimista do nacional-desenvolvimentismo em que o país estava imerso.

A intenção deste trabalho é perceber como o discurso de “terra centenária”, construído principalmente através da imprensa, se relacionava diretamente com as demandas por modernização que estavam em franco debate no governo de Juscelino Kubitschek.

Gustavo Henrique Tuna (USP)

Ousar imprimir: Silva Alvarenga (1749-1814) e o caso da publicação de sua primeira composição poética

É sabido que desde a criação da Real Mesa Censória, em 1768, os escritos a serem publicados no espaço do Império português deveriam ser previamente aprovados por ela. No entanto, tal trâmite oficial nem sempre foi seguido à risca pelos escritores, seja pela morosidade do órgão para expedir seu parecer, seja pela expectativa de alguns autores acerca da provável não aceitação do escrito para publicação. Esta comunicação tenciona discutir as motivações que levaram o poeta luso-americano Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814) a providenciar, sem o aval da Real Mesa Censória, a impressão de sua primeira criação poética, uma epístola a Termino Sipilio (nome árcaico de Basílio da Gama), em 1772, pela oficina de Pedro Ginioux. Cumpre observar que o poema em questão foi apontado por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* como “uma das peças mais brilhantes da crítica neoclássica da literatura comum”. O ato do então estudante de Cânones da Universidade de Coimbra acabou ensejando uma investigação e um consequente processo contra o impressor, após parte da tiragem ter sido localizada. O estudo deste caso de ousadia será analisado com base no universo mental da ilustração em Portugal durante a segunda metade do século XVIII, bem como nos papéis simbólicos e políticos que a produção literária dos escritores luso-americanos ocupou no Império português no período.

Gustavo Leandro Gouvea Lopes (UFOP / UFVJM)

Animais não-humanos e a imprensa diamantinense no alvorecer do século XX

Ano de 1904. Diamantina - o principal centro urbano do norte mineiro - através da missão civilizatória assumida pelos homens da imprensa, era reinventada para situar-se positivamente no concerto das cidades modernas. O jornal O Jequitinhonha evidenciava em suas páginas a euforia pela chegada da ferrovia, que ligaria Diamantina aos polos econômicos do Sudeste, ato que inauguraria uma etapa crucial nesse processo de modernização, de afastamento irreversível frente ao seu onipresente passado colonial. Ao dispensar o uso da força de trabalho servil de cavalos e muares, a ferrovia parece remeter a um afastamento substancial do elemento que tanto evidencia o atraso: a presença de animais não-humanos, circulando lado a lado com humanos, na urbe. Causa e consequência: certamente o progresso tecnológico afasta o animal de tropa, pois moderniza. Mas se moderniza justamente por lograr um maior afastamento da animalidade dessa zona humana - caso aqui aceitemos a perspectiva do processo de modernização urbano como um desdobramento no continuum processo civilizatório, que implica um recalçamento do corpo animal.

Essa discussão faz parte de uma dissertação de mestrado atualmente em desenvolvimento inicial, e que discute a modernização na cidade de Diamantina, na virada dos séculos XIX/XX, tendo como centralidade o estudo da proscricção dos animais não-humanos nesse processo. Na comunicação aqui proposta pretendo discutir algumas representações dos animais no processo de modernização então em curso, construídas na imprensa da cidade, especificamente no jornal O Jequitinhonha. Estas representações podem ser verificadas em textos diversos que ora assumem um discurso científico, ora literário, e também nas notícias e anúncios. Assim, por meio de um estudo bem recortado do ponto de vista geográfico e temporal, pretendo discutir possíveis

vinculações entre as representações encontradas com o contexto histórico da proscrição dessa animalidade, enquanto fator decisivo para o processo civilizatório em curso na urbe diamantinense.

Gustavo Tiengo Pontes (UESC)

“Do presidente ao Marechal Stálin”: análise da correspondência trocada entre Franklin D. Roosevelt e Joseph Stálin entre 1941 e 1945

O objetivo deste trabalho é analisar o conjunto de cartas trocadas entre os líderes Franklin D. Roosevelt (FDR) e Joseph Stálin entre 1941 e 1945. A correspondência trocada pelos mesmos encontra-se presente no livro “BUTLER, Susan. (org.). *Prezado Sr. Stálin: os bastidores da segunda guerra mundial na correspondência completa entre Roosevelt e Stálin*. (Prefácio de Arthur M. Schlesinger, Jr.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2008” com seu texto original e datadas. Para proceder a nossa análise buscaremos dialogar com autores que teorizaram sobre o tipo documental “cartas”. Neste sentido, algumas das questões principais ao tratar desta troca de correspondência e que irão guiar nossa escrita e reflexão são: qual o fluxo da troca das cartas; quais os principais assuntos tratados; como eram enviadas as mesmas, isto é, analisar os caminhos destas de um líder ao outro; qual era a relação destes sujeitos com a sua escrita; onde encontram-se arquivadas estas cartas, etc. Além disso, tendo em vista as diversas possibilidades de usos das cartas - biográficos, literários, antropológicos etc. - ao longo de nossa análise evidenciaremos as possibilidades para o uso destas para a pesquisa em história.

Gutemberg Araújo de Medeiros (USP)

Teatralidade do espaço no fotojornalismo brasileiro: cidade e apagamento de papéis sociais na Primeira República

O pensador russo Iuri Lotman delimitou a questão da teatralidade do espaço urbano de Petersburgo como cidade litorânea inventada como nova sede do império russo para europeizar todo seu império russo, promovendo novos papéis sociais no procênio e ocultando outros nos bastidores. Algo muito similar aconteceu com o Rio de Janeiro do início do século passado. A presente comunicação levanta momentos capitais desse movimento e trazem subsídios sobre memória e história social do jornalismo brasileiro da época a partir de reportagens da *Gazeta de Notícias* e a revista ilustrada *Leitura para Todos*. Especialmente no que concerne ao novo lugar da mulher na sociedade brasileira e o apagamento do negro no espaço urbano, caracterizando assim as bases racistas sobre as quais são erguidas a nascente República no Brasil que traem as suas matrizes na Revolução Francesa de igualdade, fraternidade e igualdade. Nesta pesquisa, privilegiamos um modo de leitura, decodificação e interpretação de uma narrativa visual impressa pelo nascente fotojornalismo da época visando levantar os mais diversos textos pressupostos que o compõe, para lembrar posicionamentos do teórico russo Mikhail Bakhtin.

Gyovana de Castro Carneiro (Univesidade Nova Lisboa / UFG)

A Princesa Leopoldina e a prática do piano a quatro mãos no Brasil oitocentista

Essa comunicação pretende, a partir da chegada do piano a quatro mãos na corte brasileira na primeira metade do século XIX, após a chegada da (então) Princesa Leopoldina ao Rio de Janeiro, analisar as mudanças nas noções de gosto e etiqueta que então imperavam. Através das regras ditadas nestes conceitos de civilidade determinava-se o grau da nobreza, instaurava-se a hierarquia e acentuava-se as diferenças sociais. De maneira velada, por trás dos conceitos definia-se a oposição entre superioridade e inferioridade. O conceito de gosto tornou-se um dos fortes tentáculos destas regras de comportamento e de boas maneiras. Pessoas de bom gosto, nobre ou plebeia, deveriam ser educadas nestes moldes e praticar estas condutas. Houve uma estratificação do gosto como determinante social, que não atenua, mas estabelece as diferenças. (MONTEIRO, 2008, p. 70) O gosto aparece e quando se trata da sociedade de corte, este fenômeno é mais eloquente, pois é nesse meio que se define o que é de “bom gosto” e de “mau gosto”. Um grupo se impõe como superior e dissemina suas posturas e maneiras de ver o mundo, através do comportamento, das maneiras, do vestuário e dos hábitos. Essas práticas aristocráticas eram a demonstração do poder e das diferenças. Eram mais que isso, a aristocracia era sinônimo de “bom gosto”.

Haroldo Ceravolo Sereza (USP)

Arte erótica, ciência e histeria no naturalismo brasileiro

No naturalismo brasileiro do século 19, o discurso sobre a sexualidade feminina expressa um desejo de explorar temas e desejos proibidos, mas também de pôr em prática um controle eugênico dos corpos. Assim, a hipótese de Foucault, de que a “ciência sexual”, ou *scientia sexualis*, talvez não passe de uma “forma particularmente sutil” de “arte erótica”, ou *ars erotica*, permite entender a obsessão naturalista pela figura da mulher histérica, em obras de autores como Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro e Horácio de Carvalho, entre outros.

Heitor Matos da Silva (UFPI)

Fanzines punks: a prática escriturística do ressentimento

O trabalho tem por objetivo analisar e discutir, a partir do estudo de fanzines *punks* feitos no Brasil, a relação entre a prática escriturística dos zineiros e a produção de subjetividades *punks*. Ao mesmo tempo o trabalho procura apresentar os fanzines como uma prática que resiste às estratégias canônicas de produção de sentidos no cotidiano, através, justamente, de táticas escriturísticas. Nesse cenário os *punks*, com um elaborado cuidado de si, procuram escapar da captura de suas subjetividades com a esgrima de uma escrita que lapida sentimentos brutos oriundos de ressentimentos em relação ao sistema e os transforma em ferramenta de ativismo político. Interessa ao trabalho perceber elementos na escrita que endossam o ressentimento como parte integrante dessa autocrítica que visa à resistência, arrastando para a luz o modo como esses sujeitos reinventam suas existências.

Helena Isabel Mueller (UEPG)

Brasil Pinheiro Machado por Brasil Pinheiro Machado. Memórias biográficas

Durante longo tempo a biografia, assim como a memória, foram divorciadas da história em seu pressuposto cientificismo e sua objetivação da verdade. A memória fluida e intrinsecamente subjetiva como é, não poderia ser aceita como retrospectiva histórica objetiva. Presentemente biografia, memória e história retomam seu papel na vida dos seres humanos, cada uma em sua especificidade no relato de um passado, individual ou coletivo, na escrita da história. Há que diferenciar a capacidade de lembrar passiva que se limita a repetir o gravado na memória instituída, semelhante à dos alunos quando repetem um texto “de cor”, daquela atividade humana que requer esforço intelectual para selecionar e ordenar o que está disperso e fragmentado no cérebro, à procura de (re)construir a lembrança do que passou. Isso porque, longe de estar “pronta a ser usada”, como se estivesse guardada em um baú, a memória requer que seja elaborada; ela é intencionalmente seletiva e ligada à vida social e coletiva do presente histórico em um movimento de permanente encontro da razão com a esperança, do passado com o futuro. Memória, ou o ato de (re)lembrar é, assim, uma forma de construir significações/resignificações de um tempo pretérito em um tempo presente, seja enquanto atividade individual ou coletiva. Enquanto atividade individual a memória se aproxima da autobiografia e permite que seja percebida a densidade social de uma vida, o que demanda do historiador usar da imaginação para, talvez, conseguir preencher as lacunas do que lhe é dado a apreender. No presente trabalho serão trabalhados dois cadernos de memórias de Brasil Pinheiro Machado, historiador paranaense, fundador da Faculdade de Filosofia da UFPR onde foi professor. Nas décadas de 1930 a 1960 exerceu intensa atividade político-partidária. Seus cadernos nos contam dessa atividade, das esperanças e angústias que viveu, bem como das decepções que o levaram a optar por se dedicar inteiramente à academia, o que nos leva a pensar a tênue linha que separa o intelectual da política, principalmente no período estudado. O título foi inspirado na antibiografia Roland Barthes por Roland Barthes; a escrita será pensada com RICOEUR; CATROGA; CERTEAU; DOSSE; LORIGA, entre outros.

Helisangela Maria Andrade Ferreira (UFRPE)

“Nem a mulher boneca, nem a mulher soldado”: a inclusão das mulheres pernambucanas no movimento de extrema Direita na década de 1930

Plínio Salgado, chefe nacional da Ação Integralista Brasileira, movimento considerado como de extrema Direita se dedica a escrever em diversos meios de comunicação e publica diversas obras. “A mulher no século XX” é uma das principais obras utilizadas em nossa pesquisa, onde ele descreve de que maneira a mulher deveria se portar. As mudanças que a sociedade pernambucana passava na década de 1930 estavam diretamente ligadas ao lugar da mulher nesses espaços. O movimento integralista era contrário à quebra desses antigos valores, sendo a mulher considerada como o pilar do lar e da nação. A mulher não deveria ser nem uma mulher boneca, ligada às vaidades tão presentes e enfáticas do mundo moderno e personificado no liberalismo econômico. Nem ser uma mulher soldado que seria a mulher ligada as funções masculinas, em

muitos casos estando concorrendo com o homem. O afastamento da mulher do lar seria uma anormalidade biológica, sendo a sua função a missão de educar os filhos e preparar as gerações futuras. Mostraremos de que maneira a mulher pernambucana se inseriu num movimento de extrema Direita e de como era construído esse perfil feminino nas fileiras integralistas. Quais foram às condições e possibilidades que permitiram que as mulheres fossem integradas no campo da política dos anos 30? Quando falamos em política, não estamos nos referindo a uma política tradicional, mas a uma “cultura política” que é um conceito que estabelece uma ponte entre os sistemas políticos propriamente ditos e os aspectos culturais e imaginários de uma sociedade, seus rituais, práticas, discursos e representações políticas, como aponta Barros, (2011, p.45). As mulheres integralistas estariam num campo sociocultural político que para a época estabelecia lugares de permissividade das suas práticas.

Hellen Mayse Paiva Silva (UEMA)

Estado, discurso ideológico e projetos de desenvolvimento no estado do Maranhão

O Estado capitalista viabiliza e prioriza projetos econômicos propícios para a produção e reprodução do capital, tornando os espaços não mais isolados, mas associados à dinâmica econômica não apenas nacional, mas também internacional. Esse modelo de desenvolvimento hegemônico impulsiona a industrialização e a modernização no Brasil. Nesse contexto, destacam-se projetos de desenvolvimento no Estado do Maranhão, em especial no Governo Roseana Sarney (1996-2002) que apresenta o discurso ideológico do “Novo Tempo”, através de projetos de desenvolvimento como a fábrica de confecções da KAO-I em Rosário e o Projeto Salangô em São Mateus. Na gestão atual de Roseana Sarney (2009-2013) intitulada “De Volta ao Trabalho”, destaca-se a implantação da Refinaria Premium I da PETRÓBRAS no município de Bacabeira, a 60 km da capital São Luís. Estas áreas foram previstas como espaços de expansão do capital com possibilidade de sediar conjuntamente projetos de desenvolvimento associadas ao discurso do “novo”, do “moderno”, principalmente no que diz respeito aos projetos de desenvolvimento, que são planejados para “salvar”, para “modernizar” o Estado. Mas, de fato e de verdade “modernizam” o Estado? O objetivo é propor indicações para o debate a fim de compreender quais as relações entre o Estado, o discurso ideológico dos gestores e os projetos de desenvolvimento no Maranhão. Afinal, esses projetos de desenvolvimento são para que e para quem? Esse modelo de desenvolvimento está vinculado ao discurso do “Maranhão Novo” de modernização econômica desde 1965, e que se perpetua até hoje.

Heloisa de Faria Cruz (USP/SP)

Comunicação Popular como espaço de construção de identidade social: movimentos sociais e populares de São Paulo 1970/1990

Problematizando as relações entre comunicação, cultura e História Social, esta comunicação discute sentidos históricos da constituição de espaços e práticas de comunicação popular pelos movimentos dos trabalhadores em São Paulo entre os anos de 1970 e 1990. Evidenciando atividades desenvolvidas pelos movimentos, como a

formação de centros populares, a edição e a distribuição de periódicos, e a articulação de redes voltadas para a comunicação popular, pretende destacar a importância das práticas de comunicação na constituição da experiência social e na construção da identidade coletiva dos trabalhadores e de seus movimentos naquela conjuntura.

Desenvolvida no interior do projeto pesquisa produtividade CNPQ, **Para Além da Imprensa Alternativa - São Paulo 1970/1990**, tem como objeto as redes de comunicação populares e a imprensa e os impressos então produzidos pelos trabalhadores e problematiza a organização e a dinamização de espaços e redes de comunicação que se propunham a falar em defesa dos trabalhadores e dos grupos populares naquela conjuntura e que se constituíam em um dos principais espaços de articulação coletiva e de difusão e visibilidade pública das concepções, projetos, propostas e ações dos setores populares.

Heloisa de Sá Nobrega (USP)

Moda: a auto-imagem e o consumo de si

Nas redes sociais bastam poucos instantes de atividade para que lidemos com duas verdades: a massividade dos “selfies” e a publicidade que circundam os “perfis”.

Todos (ou quase todos) estão sujeitos à exposição das redes sociais, onde nossos segundos ganham uma importância numérica que a afetividade da memória não consegue dar conta.

Expor o que se come, o que se bebe, os locais que se frequenta assume uma importância angustiante. Quem lê e para que servem as fotos e instantes individualizados, que insistimos em evidenciar?

Para o mercado de moda surgem nesse novo formato algumas possibilidades que se relacionam com a afetividade, o emocional e o ciclo de pertencimento do consumidor. O alcance de um “curtir” tem um formato parecido à autenticação dada aos produtos de veiculados em mídias convencionais, e desse modo, os anúncios via *facebook*, vem modificando tanto a forma de exposição, quanto à manipulação do desejo de consumo, o que por sua vez pode modificar a formatação da construção de modelos e *trend-setters*.

Neste artigo tentamos investigar como as “*selfies*” e as imagens corriqueiras do cotidiano veiculadas nas mídias sociais determinam ou codificam os desejos e posturas de moda do usuário de redes sociais, e como a proliferação do interesse nas individualidades pode ser entendida pelos estudos de consumo na busca de incorporar em seu ciclo as influências decorrentes dessa manifestação comportamental.

Na sociedade de Narcisos (Lasch) deflagra-se uma queda da ética em função da estética, onde as aparências e o imediatismo se articulam na multiplicação de novos modelos e na incessante busca da estetização do eu (Foucault).

Na busca da aprovação por seus pares o indivíduo já “dividual” (Deleuze) se transforma em objeto de si mesmo, num ciclo de auto-satisfação e constante exposição inseridas numa rede de múltiplos coletivos individuais. Forma-se então uma rede de auto-consumo, onde as imagens são criadas para um corpo social já pré-determinado, mas que se fecha no próprio indivíduo. Cada qual é, pois, o espelho fraturado desse corpo social visto que a importância dada ao parecer do outro, a partir da criação de realidades

cibernéticas, o reduz a objeto de meu prazer, mas não antes do próprio “si” tornar-se a legitimidade da alteridade.

Heloisa Selma Fernandes Capel (UFG)

“Pintor de raça, artífice da arte brasileira”: Modesto Brocos y Gomez (1852-1936) e a crítica nacional

A comunicação discute o lugar do pintor e professor da Escola Nacional de Belas Artes (RJ) Modesto Brocos y Gomez (1852-1936) no debate sobre a identidade da arte brasileira no final do século XIX e inícios do século XX. Evidencia os primórdios do debate sobre a arte nacional na Academia Imperial de Belas Artes e o posicionamento do pintor compostelano em sua obra escrita e pictórica, bem como as relações estabelecidas entre o pensamento do pintor, suas vinculações institucionais e apropriações pela crítica de arte. Parte da hipótese que a recepção da obra do pintor acompanha os movimentos de parte da elite intelectual brasileira e as tensões políticas que se estabelecem no final do Império e início da República.

Helyom Viana Telles (Uneb)

História da Cultura e o Lúdico: Uma História Cultural do Videogame?

Na obra *O Conceito de História*, Huizinga afirma que a particularidade do conhecimento histórico reside em sua opção de estudar o passado através do que próprio passado produziu. Nesta comunicação, pretendemos retomar a relação entre o lúdico e a história da cultura, tal como é tratada nas obras *Outono da Idade Média*, *Nas Sombras do Amanhã* e *Homo Ludens* de Johan Huizinga para, com base nos aportes teóricos fornecidos por esse autor, que conjugam o estético, o histórico e o visual, refletir sobre algumas das propostas apresentadas para a construção de uma história cultural dos videogames, tema da edição de 2014 do Simpósio Anual de História do Jogo que ocorreu, organizado pela Universidade de Montreal.

Henri de Carvalho (PUC/SP)

Almeida Faria e sua “A Paixão”: individualidade, elocução, caráter e pensamento ao devir histórico no pré Revolução dos Cravos

Em face dos 40 anos da Revolução dos Cravos, cabe dedicar pesquisa sobre a contribuição da literatura portuguesa como linguagem forma/conteúdo que auxiliou a preparação do espírito necessário ao levante pacífico que derrubou a ditadura militar que durou quase cinco décadas. *A Paixão* de Almeida Faria será aqui o nosso objeto de estudo. Não é apenas em função de uma data exata, tão pouco pela publicação e visita do autor na festa Literária Internacional de Paraty que se pretende dar ao empenho crítico nas páginas a seguir. Todavia pela acuidade histórica da arte de um indivíduo que,

sensivelmente, soube expressar o espírito social de seu tempo e lugar, é que se julga importante um estudo dedicado ao autor e sua peça.

A intenção deste artigo é levantar reflexão acerca da manifestação politizada da individualidade, em especial pela arte literária de Almeida Faria. A arte será aqui compreendida como objeto fundamental ao alcance do processo histórico social. Para tanto há que se considerar particularidade a forma artística, também por seu indissociável conteúdo, expressividade mimética das ações, do caráter e do pensamento. A individualidade artística entendida como expressão do devir humano para um mundo carente de transformação, tal como se encontrava Portugal nas décadas de 60 e 70.

Henrique Brener Vertchenko (UFMG)

CRÍTICA TEATRAL E ENCENAÇÃO: escritas e leituras de um projeto moderno

Este trabalho tem como objetivo analisar as relações entre os conceitos de “teatro moderno”, “encenação” e “crítica moderna” a partir de práticas editoriais que se constituíram como escrituras orientadoras de um itinerário teatral moderno no Brasil, tendo em vista o lugar adquirido por esse campo artístico com a criação do Serviço Nacional de Teatro, em 1937. São profundas as relações existentes entre o “nascimento” do teatro brasileiro moderno e a emergência de um novo tipo de crítica veiculada em revistas, jornais e até mesmo livros, evidenciando que a construção da imagem de um “teatro nacional” era articulada pela solidificação de um novo campo de trabalho, que impulsionava, discutia e criava mitos de origem. A publicação desses textos teve papel fundamental em trazer e manter o teatro dentro dos anseios nacionais, desenvolvendo padrões para a interpretação de um teatro brasileiro moderno. Desse modo, estamos lidando com um projeto cultural e pedagógico que operou mudanças nas representações sobre o teatro nacional e internacional, contribuiu na alteração de vocabulários culturais e reordenou os direcionamentos e a escrita da história do teatro brasileiro. A análise da emergência desses discursos demonstra que a modernização do teatro brasileiro foi também um projeto intelectual de onde podemos perceber o papel desempenhado pelas projeções culturais em uma sociedade. Perceber essas práticas editoriais e sua recepção como atuantes na conformação de uma memória e na construção de um horizonte, é reconhecer o teatro como “laboratório voluntário e involuntário da modernidade”, onde a própria ideia de encenação já é parte de um projeto moderno inserido em espaços nacionais.

Henrique Helms (PUC/RS)

A disseminação de doenças entre as grandes cidades

As aglomerações urbanas podem ser relacionadas com as epidemias desde o Século XIV. Alguns estudos mais recentes apontam os meios de transporte, como por exemplo, os aviões, assim como os navios, como importantes vetores de disseminação de enfermidades, especialmente quando falamos de um mundo com as suas grandes cidades cada vez mais interligadas.

Em 1970, cerca de 74 milhões de passageiros cruzaram as fronteiras em voos internacionais. Esse número aumentou para 1,11 bilhão de passageiros em 2011. Os viajantes, muitas vezes, têm preocupações sobre os riscos de um acidente aéreo. No entanto, se preocupam menos vezes com os riscos à saúde que podem estar expostos ao viajar de avião.

Até a Segunda Guerra Mundial, mais vítimas morriam na guerra pelos micróbios introduzidos pelo inimigo do que de ferimentos de batalha (KARLEN, 1995). Muitas vezes, os vencedores de guerras passadas não eram os exércitos mais bem preparados, mas aqueles que carregavam os mais mortais patógenos.

A partir do momento em que as populações começaram a ter contatos de forma mais significativa, os homens passaram a conviver com uma nova ameaça. As doenças de uma determinada população eram transmitidas para outros povos, muitas vezes menos resistentes a esse novo patógeno.

Com a aviação comercial essa disseminação ficou ainda mais abrangente, conforme coloca UJVARI (2003), a facilidade e a rapidez como que as pessoas saem de um continente e chegam a outro aceleram a disseminação de um agente infeccioso. (UJVARI, Stefan Cunha. *A História e Suas Epidemias - A Convivência do Homem com os Microorganismos*. Rio de Janeiro. Senac, 2003, p.267.)

Os meios de transportes, especialmente os aviões e os navios por suas próprias características de interligação de várias regiões do mundo também podem ser considerados importantes vetores na disseminação de doenças, por transportarem pessoas e animais infectados para outras localidades, assim como levam alguns vetores transmissores de doenças, como os mosquitos, para as mais diversas regiões.

Assim, a presente comunicação tem com objetivo, através de estudos históricos e transdisciplinares, analisar a questão da disseminação de doenças entre os grandes centros urbanos, especialmente interligados por inúmeros voos oriundos dos mais diversos pontos do planeta.

Hevilton Wisnieski da Silva (UEPG)

O Sentido da Leitura, em Contradição com a Censura: Redes de Leitura Entre Portugal e América Portuguesa no Século XVIII

O período comumente intitulado “pombalino” (1755-1798) em Portugal, devido à administração do Ministro do rei D. José I, Sebastião José de Carvalho e Melo, que viria a ser nomeado Marquês de Pombal, é marcado por reformas, interpretadas de maneiras divergentes, mas que sem dúvidas trouxeram mudanças no sistema político, econômico e cultural, não somente pelos agentes, mas pela própria cultura das sociedades europeias que vinha se modificando, desde o final do século XVII, com a Revolução Científica. A cultura escrita ganhou adeptos nesse período de mudanças, mesmo com o grande número de analfabetos, cada vez mais se dependia da escrita para as mais diversas ações sociais. Provavelmente ciente disso, a administração de Carvalho e Melo, buscou também mudanças com relação à circulação, posse e leitura de livros, fortalecendo o aparato censório, para o controle do que aspirava Pombal: Reformas e ao mesmo tempo, tradição. O reflexo desse reforço, não é o enfraquecimento de tais atitudes e sim, paradoxalmente, o seu fortalecimento, que será discutido por meio de requerimentos de

comércio de livros e pedidos de posse e leitura de livros proibidos, bem como pedidos de livreiros para a circulação de livros no império para a Real Mesa Censória.

Higina Teixeira Marques (UNESP/Franca)

A cidade idealizada: Ribeirão Preto nos Álbuns, Revistas e Almanques

Este trabalho tem como objetivo geral analisar alguns aspectos da divulgação e do consumo de linguagens modernas (especialmente a fotografia) em Ribeirão Preto, correlacionando-os ao desenvolvimento urbano deste centro produtor de café. O recorte histórico proposto (1891-1923) considera o auge das transformações urbanas motivadas pela expansão da cultura cafeeira, o contato com as novas técnicas decorrentes dessa experiência, a atuação de alguns fotógrafos na cidade e a publicação de álbuns fotográficos, almanques e revistas elaborados para divulgar as transformações ocorridas no meio urbano.

Analisaremos as publicações o *Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto* de 1913, o álbum *O Município e a Cidade de Ribeirão Preto na Comemoração do 1º Centenário da Independência Nacional-1822 a 1922* e a revista *Brazil Magazine* no intuito de elaborar uma síntese das imagens que pretendiam representar a cidade, as intencionalidades de suas escolhas e as relações entre os textos e imagens.

A análise dos atributos das fotografias, associadas a documentação pesquisada, tem como objetivo compreender que ideias as fotografias oficiais (encomendadas), presentes em publicações que circularam no período, constroem sobre a cidade, as propriedades rurais, os trabalhadores das fazendas e as autoridades locais.

Hylio Lagana Fernandes (UFSCAR)

GIBIOzine

O presente trabalho apresenta um histórico e reflexões sobre o processo de produção da revista GIBIOzine: uma revista em quadrinhos de divulgação científico-cultural, ISSN 1984-610X, produzida no âmbito do curso integral de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos (CBLs-UFSCar/Sorocaba). A revista é impressa em papel, no formato 15X21cm, miolo P&B e capa colorida, e conta com o apoio financeiro da pró-reitoria de extensão (Proex-UFSCar). O material gráfico é em parte produzido pelos estudantes de licenciatura em biologia, como um exercício criativo que utiliza a linguagem dos quadrinhos, mas também colaboram como autores estudantes do ensino básico e professores universitários: como resultado temos representados uma gama variada de estilos na sua composição, numa dinâmica que remete a concepção dos fanzines, que respeita diversos estilos e idéias. Ao longo dos 7 anos de sua existência a revista conta com 14 números publicados e sua aceitação, nos espaços em que é gratuitamente distribuída, tem sido boa: tais resultados denotam que essa publicação contribui para entender a linguagem dos quadrinhos como veículo eficiente de comunicação na divulgação científica e cultural. No presente trabalho pretende-se apresentar o percurso da revista, desde 2006 até a presente data, focalizando o processo criativo desencadeado por essa dinâmica pautada na liberdade de expressão

e alguns resultados positivos verificados ao longo desse processo: 1- na perspectiva dos alunos, versando sobre o processo de formação docente, considerando aspectos referentes a construção de conhecimento e ensino aprendizagem; 2- na perspectiva da fanzinagem; 3- considerando a divulgação científica e a importância dos processos educativos em espaços não formais de ensino. Sobre o primeiro ponto há evidências que o trabalho com linguagens imagéticas e envolvimento com processos criativos e artísticos tem contribuído para a formação docente, havendo inclusive relatos em que os professores formados retomam essas práticas com seus estudantes do ensino básico: mídia e mensagem fecham seus círculos; na perspectiva da fanzinagem a possibilidade expressiva garantida pela publicação vem reforçar o ideário anarquista de livre expressão e respeito; por fim, sobre o papel social da divulgação científica, destaca-se para reflexão um número especial (GIBIO#13) produzido sob a temática da dengue, uma vez que essa doença se apresenta como sério problema social na região, com casos de óbito entre estudantes de uma escola vizinha: a produção de uma revista voltada para apresentação dessa epidemia de uma maneira integrada e complexa pode colaborar para melhor compreensão desse fenômeno - e possivelmente para maneiras mais conscientes para enfrentar o problema.

Ianick Takaes de Oliveira (UNICAMP)

Warburg apud Wind: Reflexões sobre o conceito de símbolo warburguiano

A presente proposta de comunicação parte da pesquisa em andamento do proponente a respeito do livro *Art and Anarchy* (1963) de Edgar Wind (1900-1971), no programa de pós-graduação em História da Arte do IFCH/Unicamp, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Marques. O filósofo e historiador da arte alemão defendeu constantemente em sua carreira posições “culturalistas” na análise da obra de arte, ressaltando (1) a conexão epidérmica entre arte e vida; (2) o esclarecimento das obras a fim de revelar seu conteúdo estético; (3) o caráter necessariamente transdisciplinar da investigação da imagem. Da mesma forma, seu ataque à corrente formalista de História da Arte parte de uma compreensão que não busca alijar o fenômeno artístico de seus elementos “sub-lunares”, criticando diretamente Wölfflin e Riegl pela ênfase na “visão pura”. Essa importante tendência de seu percurso intelectual foi profundamente influenciada por Aby Warburg (1866-1929), a quem conheceu em 1927 em Hamburgo, encontro que provocou uma decisiva inflexão na carreira do jovem intelectual. A palestra realizada por Wind na biblioteca Warburg em 1930 – um ano após a morte de seu fundador – é notável pela exposição sistemática do pensamento warburguiano. O título da preleção, “O conceito de Warburg de *Kulturwissenschaft* e sua significação para a estética”, deixa entrever a disposição que fará dos pressupostos conceituais e teóricos de seu mentor. Duas ênfases expostas no texto são notáveis por sua sobrevivência no decorrer da produção intelectual de Wind: a teoria da imagem e a teoria do símbolo em Warburg. Se o primeiro caso versa a respeito da necessidade de análise visual tendo em vista o conceito de cultura como uma totalidade, no segundo temos a relação polar entre “imagem” e “significação”, cujo ponto de equilíbrio é o momento fundante da imaginação pictórica. A teoria, que Wind afirma em Warburg a partir de F. T. Vischer (1807-1887), é a de uma relação instável e dinâmica do homem para com as criações artísticas, que nascem do confronto entre a força coerciva da metáfora e a força disjuntiva do pensamento analítico. Negação do purismo formal, a obra surge de solo fértil e impuro, contínua e contígua ao viver. Nesse sentido, a palavra fundamental para Warburg seria “*Mnemosyne*”, que Wind

afirma em duplo sentido: se as obras de arte são repositórios da experiência humana, essa experiência é ela também objeto de pesquisa histórica. Esta comunicação visa, portanto, tanto expor a leitura, importância e sobrevivência ulterior do pensamento de Aby Warburg por Edgar Wind – que buscou sistematizá-lo – quanto analisar a medida em que sua exposição parte de um programa pessoal e de um contexto diverso.

Iara Conceição Guerra de Miranda Moura (UFPI)

As tentativas de inserção do Piauí na história nacional durante os anos 1970

Este trabalho analisa o interesse do governador do Piauí, Alberto Silva (1971-1974) no engajamento dos intelectuais piauienses, especificamente de historiadores, no sentido de projetar uma imagem positiva do Estado a outras regiões do país. Para isso, ele instituiu em 1972, um concurso de âmbito nacional, de obras históricas que relatassem a participação do Estado nas lutas da independência do país. Além disso, empreendeu neste mesmo ano, o soerguimento do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, através do apoio a edição de sua revista, que não era editada desde 1923. No seu governo também foi criado o Plano Editorial do Estado, cujo objetivo era editar e reeditar obras sobre a literatura e a história piauienses. O critério utilizado para a escolha destas produções era a identificação, no perfil autorizado pelo Estado, isto é, obras que abordassem os principais eventos ocorridos no Piauí, com a finalidade de discutir as raízes da piauiensidade, construindo uma história patriótica, que exaltasse os feitos de seus “heróis”. Neste artigo abordamos apenas a análise dos livros de história, as quais enfatizavam os aspectos fundantes da história local, como a colonização e a independência piauiense. Dessa forma, elas eram caracterizadas como história pedagógica, com efeito, funcional e principalmente, simbólico. Em decorrência da publicidade que conferiu à sua administração, o governador Alberto Silva foi entrevistado pela revista *Veja*, sendo eleito, em 1973, pela imprensa paulista como o Melhor Governador do Ano. Posteriormente, recebeu os títulos de Cidadão Teresinense e Desportista do Ano, além da Medalha Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, e a Medalha Assis Chateaubriand. Em 1978 foi empossado como Sócio Benemérito da Academia Piauiense de Letras, em virtude de serviços prestados a favor da cultura local. E no dia 27 de dezembro de 1988, tomou posse na Cadeira nº 1 da APL. Percebe-se que o valor sociocultural conferido à administração de um governante transparece, sobretudo quando acontecem eleições para instituições historicamente tradicionais, como as Academias de Letras e os Institutos Históricos, que apontam a credibilidade e a importância de seus atos.

Iara Lis Schiavinatto (UNICAMP)

Sociabilidade letrada no mundo luso-brasileiro: os significados do desenho

Numa cartela variada de textos da engenharia militar à história natural, em geral manuais de saber datados a partir de 1720, o desenho foi entrando na formação letrada, inclusive de homens de ofício, no mundo luso-brasileiro até se tornar no *Compendio Scientifico para a Mocidade Brasileira destinado ao uso das Escolas dos Dois Sexos ornado de nove estampas accomodadas às Artes, e Sciencias de que nelle se trata tiradas por Lithografo*

- publicado em 1827, na corte do Rio de Janeiro, escrito por José Paulo de Figueirôa Nabuco de Araújo (1796-1863) - uma disciplina obrigatória da formação escolar de meninos e meninas do Império do Brasil. Nesta comunicação, gostaria de discutir o gênero de texto manual e os saberes os quais atravessa no mundo luso-brasileiro, indicando seu forte caráter colonial em seus usos e funções. Busco assinalar a condição do manual como prática de saber em sua escrita e seus espaços de circulação, envolvendo trânsitos de saber neste universo colonial. Na exposição, tento matizar os sentidos do desenho com as imagens que o acompanhavam e de que maneira, em certa medida, enalteciam a própria tipografia, considerada uma arte correlata ao desenho. Este tema permite entrever a circulação de saberes e os modos do ensino e aprendizagem do desenho no mundo luso-brasileiro entre 1720-1820/30.

Idelmar Gomes Cavalcante Júnior (UFPI)

A besta confusa: Benjamim Santos e a história de uma ousadia não realizada no Teatro Pernambucano

É possível escrever a história daquilo que não aconteceu? No ensino básico éramos orientados a não iniciar nossos questionamentos aos professores de história com a conjunção condicional “se”. O “fato”, tal como teria acontecido era então ressaltado e protegido como a única descrição possível do passado. Atualmente, cerca de cinquenta anos após a historiografia ter descoberto o descompasso existente entre as palavras e as coisas, já podemos questionar o conhecimento histórico como uma construção discursiva, um saber sobre o passado que se legitimou historicamente ao mesmo tempo em que o déficit entre o discurso histórico e o próprio passado é recalcado. Essa nova orientação historiográfica encoraja a produção deste texto, na medida em que usamos para a compreensão do teatro pernambucano da década de 1960, justamente, uma peça que não foi encenada e que, portanto, não chegou sequer a se tornar teatro e ainda ficou esquecida até hoje no arquivo pessoal de seu autor, o dramaturgo piauiense Benjamim Santos. Trata-se de *A Besta Confusa*, escrita em 1966. Ela nos remete ao contexto da Guerra Fria, ao criar uma fictícia estória na qual uma bomba atômica cai, acidentalmente, em Parnaíba-PI sem explodir, gerando apreensão e muitas expectativas na população do lugar. Esse evento é o principal, mas não é a única questão abordada no texto. Com humor e ironia, Benjamim Santos acaba tratando também de temas como o feminismo, ecologia e disputas entre civis e militares. O que estamos propondo, então, é o choque entre ditos e não-ditos como tática para a compreensão dos limites e possibilidades do *fazer* teatral em Pernambuco nos anos sessenta. O trabalho contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí - FAPEPI.

Ieda Avênia de Mello (UFF)

A Visão do Outro - uma análise comparativa entre as narrativas portuguesas e castelhanas no final do século XV

Esta comunicação propõe fazer uma análise comparativa entre as narrativas portuguesas e castelhanas no final do século XV. Toma-se como fontes *As Crônicas dos Reis Católicos* de Hernando Del Pulgar, e as *Crônicas de D. Afonso V e D. João II* de

Portugal. O intuito é mostrar a relação de alteridade da escrita cronística de ambos os reinos, bem como os projetos políticos expansionistas que subjaziam às duas coroas.

Parte-se da temática da Guerra de Sucessão de Castela, também conhecida por Guerra da Beltraneja, conflito bélico para determinar a sucessão da coroa de castelhana. O conflito ocorreu entre 1475 a 1479 entre os partidários de Joana, a Beltraneja, alegadamente filha do monarca Henrique IV de Castela, e os aliados de Isabel, meia-irmã do falecido rei. Segundo estes últimos, Joana seria, na verdade, filha de Beltrán de La Cueva, pajem na corte castelhana – daí ter sido cognominada "a Beltraneja" – e, portanto, não poderia ser a herdeira do trono.

A guerra teve um marcado carácter internacional porque Isabel estava casada com Fernando, herdeiro da Coroa de Aragão, enquanto Joana se casou com o rei Afonso V de Portugal.

O conflito armado entre os reinos cessou-se com a Batalha de Touro, à qual os portugueses se declaram vencedores, vitória esta questionada pelos castelhanos. A guerra acabou em 1479 com a assinatura do Tratado de Alcáçovas-Toledo, que reconhecia a Isabel e Fernando como reis de Castela e outorgava a Portugal a hegemonia no Atlântico, com a exceção das ilhas Canárias. Joana perdeu seu direito ao trono e teve que permanecer em Portugal até sua morte. Além disso, o tratado estabelecia o casamento entre os herdeiros das duas coroas.

Por fim, pretende-se analisar como este embate é tratado nas narrativas portuguesas e castelhanas, seus desdobramentos simbólicos e políticos.

Iêda Moura da Silva (UFPI)

A cidade medicalizada: Teresina sob o signo da modernização em 1937-1945

O presente trabalho pretende discutir a medicalização da sociedade teresinense no âmbito do governo do Estado Novo com Getúlio Vargas no período compreendido entre 1937 a 1945. Entretanto, analisar-se o contexto da medicalização que se constituiu em uma perspectiva histórica, face à realidade de uma política de saúde pública no Brasil nesse período. A partir das pesquisas em fontes bibliográficas e documentais observa-se a implantação e trajetória da política da saúde pública na capital do Piauí, que medicalizou e normatizou a sociedade de Teresina, mediante as práticas sanitaristas entre os séculos XIX e XX. Porém, sendo a segunda metade do século XX o recorte temporal onde se enfatiza os interesses, tensões e limites da política de medicalização do Estado Novo no Piauí, que se caracterizou de forma excludente, autoritária e centralizadora.

Inácio Bittencourt Rebetez (UNICAMP)

A história de um tondo de Piero di Cosimo: das cortes de Innsbruck ao MASP

O *tondo* (pintura em suporte circular) “Virgem com o Menino, São João Batista Criança e um Anjo” é a única obra do renascentista Piero di Cosimo que pertence a um museu do hemisfério sul. Nesta comunicação irei explorar a circulação conhecida da pintura, da Innsbruck (Áustria) do século XVII até sua chegada ao MASP, em 1951. Por conta

do estilo da obra e da biografia de Piero, sabe-se que o *tondo* foi pintado entre 1500 e 1510 em Florença, para um encomendante ainda desconhecido. O primeiro documento que seguramente trata da obra data de 1663; trata-se de um inventário das obras do arquiduque austríaco Ferdinand Karl, que morrera no ano anterior. Ao longo da minha pesquisa de mestrado pretendo descobrir exatamente como a obra chegou na Áustria, mas provavelmente isso se deu por conta da aliança política entre a casa dos Medici e dos Habsburgo, ocorrida no século XVII. O pai de Ferdinand Karl, Leopoldo V, casou-se com Claudia de' Medici em 1626 e Ferdinand Karl casou-se com Anna de' Medici em 1646. No século XIX a obra é transferida para Viena junto com outras que pertenceram a aristocratas no contexto de criação dos museus públicos da Áustria. As mudanças econômicas do pós-Primeira Guerra Mundial fizeram com que uma obra preciosa como essa fosse vendida para o industrial Wilhelm Ofenheim. Com a morte deste em 1932, seus herdeiros enviam o *tondo* de Piero di Cosimo e outras obras para o depósito de um banco que a família Ofenheim possuía em Amsterdã. Já em Setembro de 1933, mesmo ano em que o Partido Nacional-Socialista assume o poder na Alemanha, o *tondo* é emprestado junto com outras obras para o Rijksmuseum, também de Amsterdã. Já em junho de 1937 o banco pede a obra de volta e a envia a Inglaterra, onde é adquirida pela galeria londrina Matthiesen. As obras da família Ofenheim que permaneceram na Holanda foram confiscadas pelos nazistas em entre julho e agosto de 1940, meses após a ocupação do país pelas forças alemãs. Trabalho com a hipótese de que a família Ofenheim era judia, uma vez que suas obras foram confiscadas, e desde os anos 1930, no auge do antissemitismo na Europa, buscou locais seguros para seus bens. Sabe-se que a galeria Matthiesen, que possuía o *tondo* antes do MASP, fora fundada por judeus refugiados de Berlim. Vê-se, portanto, que a circulação desta pintura associa-se às relações entre as cortes de Florença e Innsbruck durante o século XVII e que a história da obra não pode ser dissociada da Primeira e Segunda Guerra Mundial. As relações da arte com a história e a política, portanto, fazem parte da compreensão desta importante pintura que o país possui.

Inglas Ferreira Neiva dos Santos (UFG)

Música sertaneja goiana: a construção do moderno na obra de Marrequinho

Este artigo propõe apresentar possibilidades metodológicas e teóricas para abordagem da linguagem musical, sobretudo sertaneja, a partir da música do compositor Francisco Ricardo de Souza (Marrequinho). Para tanto, o viés escolhido perpassa pela concepção de que a música por configurar-se em linguagem artística, se torna um possível elemento de interpretação da sociedade a qual está inserida. Diante da aceção da música enquanto artefato artístico busca-se explorar o contexto da produção e recepção das músicas do compositor entre as décadas de 1950 e 1970, bem como entrecruzá-las ao traçado de “modernização” das canções sertanejas pela qual o gênero decorreu.

Ingrid Hötte Ambrogi (Mackenzie)

A Cidade e a Escola: uma leitura dos edifícios escolares como marcos do crescimento da cidade de São Paulo. (1889-1949)

O presente estudo trata-se de uma pesquisa documental que busca descortinar as mudanças ocorridas na cidade de São Paulo (1889-1949) através da relação da cidade com os edifícios escolares, estes vistos como imagens emblemas de sua época. Ao trazer a imagem do edifício como registro documental, (KOSSOY,1980) sua proposta arquitetônica possibilita o cruzamento dos propósitos legais em contraponto com aquilo que se via e se vivia, dessa maneira ora os registros são reafirmados, ora são questionados em sua apreensão do cotidiano da cidade. Ao realizar a análise de alguns momentos históricos que se mostram de maneira mais emblemática, tal como a Proclamação da República, que firma como marco da própria existência do novo sistema de organização política o prédio escolar. Em particular a cidade ganha durante a Primeira República a Escola Normal junto a praça que a consagra, essa passagem além de fazer da escola um monumento à própria República - cria uma dicotomia entre a concepção de república e a concepção do edifício da escola normal, que parece voltar aos tempos dos palácios imperiais.

Outro aspecto relevante é que a consolidação da República cria em distintos pontos da cidade marcos avançados desta, com escolas que ora atendem as elites em seus bairros com características semelhantes ao seu modo de vida, ora nos bairros operários onde se tornam um marco do poder público, tendo o prédio características simples em suas fachadas. Posteriormente nos anos 30 e 40 o que se observa na cidade e nos prédios escolares é uma *Ode* às máquinas, nascem os edifícios escolares que se assemelham a navios atracados, a fábricas, o mesmo observa-se nos planos urbanos, na proliferação de grandes avenidas, no uso do automóvel, na mudança de paradigma do modelo europeu para o modelo estadunidense. O ritmo da cidade se acelera e o que vê através de imagens aéreas é uma cidade cujos contornos vão se esparramando, forçando o aumento da rede escolar com edifícios cada vez mais econômicos, em projetos replicados. Perde-se a característica do projeto único para a produção de escolas em escalas maiores, dentro de um modelo de construções em série. O que se verifica é que as imagens dos edifícios escolares são registros da cidade de seu modo de vida e de seus contornos, o que foi periferia tornou-se uma região central, os edifícios escolares guardam a relação no tempo e espaço da cidade com seus habitantes.

Isa Cristina Barbosa Antunes (UFRN)

Práticas médicas em Natal na Primeira República entre os anos 1920 e 1940 : O Leprosário São Francisco de Assis

Durante o período republicano os discursos médicos em prol da disciplinarização do corpo e dos cuidados com a saúde ganharam importância na sociedade brasileira. Esse fato não foi diferente em Natal. Considerando a proclamação da higienização do corpo e da cidade, como aspecto peculiar do período, a nossa pesquisa almeja responder a questão: como se caracterizava as práticas médicas em Natal, em especial o combate à lepra, em fins da década de 1920? A pesquisa analisou, especificamente, os conjuntos documentais pertencentes ao Leprosário São Francisco de Assis, que naquele período se constituía em um importante espaço de incorporação e difusão do discurso médico. É meta do trabalho demonstrar como os saberes e as práticas médicas voltadas para o combate da lepra se vinculavam aos princípios "civilizadores" republicanos difundidos naquele período. O trabalho empírico da investigação se concentrou na análise de documentos institucionais produzidos pelo Leprosário entre as décadas de 1920 e 1940. Esses documentos institucionais se referem a fichas de pacientes, desenhos que

apresentam a evolução da lepra nos pacientes, prontuários médicos, receituários, documentos administrativos. Além do trabalho empírico, a investigação mapeou a produção acadêmica dedicada a compreensão dos leprosários em diversos estados brasileiros. A partir da pesquisa realizada foi possível concluir que o combate à lepra no início da República utilizava a segregação e o isolamento compulsório dos doentes.

Isabel Cristina Martins Guillen (UFPE)

O trabalho do historiador no campo do patrimônio imaterial

O presente trabalho objetiva discutir o trabalho que historiadores vêm desenvolvendo no campo do patrimônio cultural, especialmente no denominado patrimônio imaterial. Essa discussão será feita acompanhando algumas reflexões sobre o papel do historiador diante da crescente patrimonialização da sociedade contemporânea. Além de pensar as já tradicionais atuações dos historiadores na definição do patrimônio material, o trabalho propõe uma reflexão sobre questões éticas e políticas sobre a atuação do historiador junto às políticas públicas voltadas para o patrimônio imaterial, bem como questões e temas que têm emergido nesse debate. Essa discussão terá como pano de fundo a experiência como coordenadora da equipe de pesquisa responsável pelo inventário nacional dos maracatus nação de Pernambuco, pesquisa esta que subsidiou o pedido feito ao IPHAN para o reconhecimento dos maracatus nação como patrimônio cultural do Brasil. A pesquisa foi desenvolvida no LAHOI (Laboratório de História Oral e da Imagem da UFPE), que tem formado acervo sobre a cultura negra em Pernambuco e também sobre o patrimônio imaterial.

Isabel Drumond Braga (Universidade de Lisboa)

Escrevendo Receitas Conventuais: O Caderno de Refeitório de 1743

Partindo de um estudo de caso, o receituário conventual manuscrito designado por *Caderno de Refeitório*, procuraremos desvendar o tipo de escrita utilizada num texto com fins meramente utilitários - a preparação de refeições para a comunidade - e com um público muito reduzido - os que se dedicavam à culinária e à doçaria da casa conventual. Ou seja, pretende estudar-se o tipo de linguagem utilizada, de modo a perceber a simplicidade ou a complexidade dos preparados e o grau de elaboração dos mesmos, ao verificar-se os utensílios referidos e as acções culinárias empregues na confecção das receitas, sem esquecer a originalidade ou a falta dela num texto que terá tido influências diferenciadas resultantes da leitura de obras impressas dedicadas igualmente a receitas de cozinha.

Isabel Silveira dos Santos (UFRGS)

A imprensa como lugar de circulação de idéias e representações sobre negros(as) no Rio Grande do Sul

O final do século XIX e início do século XX foi marcado por representações estereotipadas sobre os negros devido a penetração e consolidação das teorias racialista no Brasil quando significantes corporais como cor da pele, tipo de cabelo, feições do rosto, passaram a ser utilizados como marcadores físicos da inferioridade dos afro-brasileiros e utilizados como forma de excluir e impedir a inserção social da desta população.

A proposta deste trabalho é mapear no jornal *O Exemplo, jornal Opinião Pública e jornal A Federação*, que circularam no Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX, os principais artigos jornalísticos, peças teatrais e outras atividades artísticas que discutiam diferentes representações sobre os negros (as) e sua cultura.

Pretendo problematizar as questões de raça, nação e identidade nacional nesses artigos jornalísticos e nas produções artísticas, particularmente, aquelas que circularam em jornais da chamada imprensa negra. Nas limitações que este trabalho impõe, pretendo ainda pensar como estes jornais através de seus artigos e divulgação de atividades artísticas participaram da construção e da inserção da cultura negra na identidade nacional e na identidade regional do Rio Grande do Sul, estado que possui ma narrativa histórica de ser “ocupado especialmente por imigrantes europeus” e ter tido uma “escravidão residual”.

Isabela Moura Mota (UERJ)

Sátira do cotidiano na capital do Império: as caricaturas de costumes nos primeiros anos da Semana Ilustrada

A proposta dessa comunicação é investigar as caricaturas de costumes do periódico *Semana Ilustrada* em seus primeiros anos de circulação (1860-1864). O hebdomadário foi lançado no Rio de Janeiro no final do ano de 1860, pela firma dos artistas irmãos Henrique e Carlos Fleiüss, em parceria com Carlos Linde, todos de origem alemã e fixados no Brasil há pouco tempo. A *Semana Ilustrada* foi a primeira revista ilustrada a se firmar no mercado, acumulando 16 anos de existência. Em seus quatro primeiros anos, recorte temporal que destacamos no presente trabalho, o semanário se dedicou a satirizar os costumes da sociedade carioca, criticando os hábitos da população no cotidiano da cidade, as modas extravagantes na *toilette* feminina, a conduta interesseira dos arrivistas, o comprometimento político irregular de deputados e senadores, além de criar inúmeros personagens urbanos. Embora afirmasse não ser porta-voz de nenhum partido, a *Semana Ilustrada* inclinava-se ao conservadorismo, demonstrando respeito e devoção ao imperador D. Pedro II, sem com isso poupar o serviço público de caricaturas que demonstrassem desaprovação. A linha editorial era patriótica e as caricaturas cultivavam uma função pedagógica, rindo-se dos maus hábitos com a intenção de corrigi-los. Através das caricaturas de costumes é possível sugerir que a *Semana Ilustrada* criou um discurso satírico que aponta para a existência de um projeto civilizatório. Com o objetivo de incentivar o progresso da atrasada capital imperial e desejando polir os costumes dos brasileiros sob moldes europeus, entendidos como altamente civilizados, o periódico estimulou mudanças de hábitos da população, visando ensinar as regras do convívio social através da lente do humor.

Isabella Karim Morais Ferreira (UFRPE)

Bordando histórias, construindo narrativas: um breve relato de estudos sobre a prática do bordado no Brasil

Esse artigo é resultado de uma busca sobre estudos que tenham como objeto de pesquisa a técnica artesanal do bordado e sua repercussão dentro de determinados grupos sociais. Conta-se a história do bordado em duas cidades distintas do Brasil, por meio de pesquisas realizadas sob a perspectiva de algumas ciências sociais, que contribuem aqui por detalhar alguns aspectos históricos do bordado, sendo uma habilidade tradicional. São usados conceitos de história e memória, patrimônio e tradição, respectivamente de Le Goff (2000), Fonseca (2005) e Hobsbawn (1997). Identificam-se perspectivas históricas que servem aos fins desse artigo. E ressalva-se que há um vasto campo ainda por estudar. Sobretudo no que diz respeito a história desses saberes e fazeres e dos atores sociais neles envolvidos.

Isabelle Cristine de Almeida Souza (UFPB)

Um olhar sobre as Representações iconográficas das populações indígenas em livros didáticos

O presente trabalho, é fruto do trabalho de conclusão de curso e mais aprofundado na pesquisa de mestrado vinculada a linha de pesquisa Saberes Históricos e História da Educação na Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba. Tem como objetivo propor possibilidades de leituras e reflexões nas representações iconográficas dos indígenas em dois livros didáticos de História destinados ao Ensino Médio produzidos nas décadas de 2000. Sabendo que o livro didático atualmente está inserido em intrincadas redes que envolvem mercado editorial, políticas educacionais e sociais e concepções historiográficas, objetivamos perceber como são apresentadas nos materiais didáticos, as populações indígenas, ressaltando os livros didáticos como uma fonte histórica e, por conseguinte, produto da Cultura histórica e Cultura Material Escolar, de significativa abrangência, sendo muitas vezes a maior fonte de conhecimento e pesquisa de professores e alunos no Ensino Básico. As reflexões estabelecidas a partir de imagens focalizarão na análise de permanências e rupturas nas representações iconográficas em suas concepções sobre as populações indígenas, estabelecidas a partir das reflexões dos teóricos Panovsky e Susan Sontag em suas análises e diálogos na teorização, leitura e interpretação de imagens, inserindo também o conceito de representação evidenciado por Roger Chartier. Estas reflexões sobre as populações indígenas e suas representações imagéticas nos permitem perceber as relações entre cultura histórica, políticas públicas, e saberes históricos presentes nos livros didáticos, a representação imagética como veículo de produção de conhecimento ou perpetuador de estereótipos, bem como conceber reflexões sobre as possibilidades de Ensino-aprendizagem da História através de representações iconográficas.

Isabelle dos Santos Portes (UFRJ)

“Diploma de pobre é a marmita”: imaginação social trabalhista, seus símbolos e a estigmatização social a partir das canções de Moreira da Silva (1945-1954)

Este artigo pretende discutir através das canções *Diploma de pobre* (1953) e *Olha o Padilha* (1952), ambas de Moreira da Silva o imaginário trabalhista entre dois momentos: o quererismo em 1945, como movimento social complexo e o período de Jango a frente do Ministério do Trabalho, no segundo governo de Vargas na intensificação de sua crise. E, sobremaneira a marmita como símbolo catalisador dos trabalhadores, capaz de traduzir, além das contradições econômicas e sociais do país, seu forte cunho político. A marmita foi uma força motriz, nesse contexto, aos e para os trabalhadores, empregou-lhes dignidade e unidade de classe.

O imaginário, conceito norteador nesse artigo, conjuga relações entre sentido e poderio, portanto o modo como seus símbolos são apropriados e utilizados são capitais, segundo Backzo, e eficazes se assentados em comunidades de imaginação, com potencial para modelar comportamentos, mobilizar energias, e mesmo legitimar violências, seja no cotidiano ou em esferas institucionais, justamente porque trazem em seu cerne uma organização dialética. Ultrapassa a impermeabilidade entre saber e prática, guarda, pois um vínculo direto com a experiência. Nesse caso específico, a experiência dos trabalhadores relatada pelo cancionista popular, também um trabalhador.

Marmitas e marmiteiros como representação que exprimia a luta de operários estiveram presentes na música popular, na caricatura, e principalmente nos cartazes das manifestações populares, mesmo anos depois do movimento social quererista, durante os anos cinquenta. Sua força simbólica permite adentrar na discussão sobre cidadania e trabalho que permeou o período, ou seja, a construção de uma experiência de cidadania política para defesa da cidadania social, através dos direitos trabalhistas. Porém, a busca pela estabilidade e segurança dos direitos do trabalho não mais pautados apenas na figura mítica de Vargas, no seu “mito de doação”. Essa foi, para Castro Gomes e D’Araújo sem dúvida uma marca indelével do trabalhismo, definido como getulismo, entretanto com o PTB e Jango o trabalhismo foi reelaborado, demonstrando suas diferentes faces e sua complexidade, e como se pretende analisar nesse artigo a representação popular destes fenômenos e experiências a partir da arte de Moreira da Silva, cantor e compositor de samba de breque, além de funcionário público por mais de 27 anos.

Ísis Meireles Rodrigues (UFPI)

Maria do Socorro Meireles Rodrigues (UFPI)

O Ensino Normal em Parnaíba: instituições escolares de formação de professores (1927-1982)

Esse trabalho tem como objetivo geral analisar a constituição do ensino normal na cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, como nível educacional formador de professores, no período compreendido entre 1927 e 1982. O recorte temporal da pesquisa abrange os anos de 1927 a 1982, justificando-se por ter sido no ano de 1927, criada a primeira “Escola Normal de Parnaíba”; Adotando-se a abordagem historiográfica vinculada à nova história cultural, fundamentou-se principalmente nos autores da nova história cultural: Burke (1992) e Chartier (1990); da história da educação brasileira: Azevedo (1976) e Lopes e Galvão (2005); do Estudo das Instituições escolares, sua cultura e seu

cotidiano: Buffa (2002), Faria Filho (2007), Magalhães (2004) e produções historiográficas locais. A pesquisa de caráter qualitativa e descritiva utilizou como instrumento para coleta de dados o questionário, a entrevista semi-estruturada e os documentos produzidos nas escolas pesquisadas. Observou-se ainda que a história e a memória dessas instituições de ensino que trabalharam com a modalidade “normal” se faz necessária não somente para a reconstituição da história das escolas envolvidas na pesquisa, mas também para o reconhecimento de aspectos da realidade piauiense e parnaibana.

Ítallo Francisco Andrade de Sousa (UESPI)

Os sertões do Piauí - As representações do universo sertanejo piauiense nos murais de Nonato Oliveira

Este trabalho se propõe a discutir a representação do sertanejo nos murais de Nonato Oliveira dando-se ênfase às imagens constituídas pelo artista em relação ao cotidiano sócio-cultural daquele sujeito. Nos murais as festas, as crenças, a lida, o espaço físico são elementos utilizados na composição do cenário sertanejo. O método da semiótica é utilizado na análise das obras no sentido de expressar a perspectiva do artista, assim como entrevistas com o autor. O estudo é pertinente à medida que propõe outras abordagens sobre a cultura do vaqueiro, além da utilização de novas fontes no estudo do objeto em questão.

Ivan Carlo Andrade de Oliveira (UFG / UNIFAP)

Uso pedagógico da história em quadrinhos Turma da Tribo

Turma da Tribo é uma história em quadrinhos infantil com roteiro de Gian Danton e arte de Ricardo Manhaes e publicada em dezembro de 2013 com recursos do edital de Literatura Simãozinho Sonhador, da Secult-AP. Com narrativa e visual influenciados pela série francesa Asterix, o gibi mostra uma tribo amazônica resistindo às investidas de um madeireiro e seus ajudantes atrapalhados. A história em quadrinhos subverte os estereótipos comuns na representação dos índios ao mostra-los como agentes capazes, criativos e críticos ao mesmo tempo em que valorização suas tradições culturais, como lendas e comidas. O artigo irá analisar a utilização do gibi em sala de aula não só para discutir temas relacionados ao meio ambiente, mas também a respeito da própria linguagem dos quadrinhos, o que na publicação é facilitado por um anexo que mostra todo o processo de produção.

Ivan Luis Lima Cavalcanti (UEPB)

“Maluco e Teimoso”: uma análise da Censura na produção do cantor Odair José durante a década de 70

Durante as décadas de 60 e 70 vários segmentos do meio artístico, senão todos foram alvos de censura realizada pelo regime militar no país. No meio musical essa inspeção

na produção por parte dos militares atuou rigidamente ao ponto de proibir lançamentos de músicas, trechos e às vezes até discos completos. A censura política foi bastante utilizada nas canções engajadas, mas atentamos para a recusa dos ‘donos do poder’ as músicas de um movimento denominado cafona, e que sofreu bastante negativa quanto a sua produção e distribuição pelos censores. A essas músicas e seus respectivos compositores e interpretes recaía a acusação de incitarem ações imorais em suas canções, aludirem a atos levianos, perversos que transgrediam os bons costumes e a moral da família além da tradicional ordem brasileira. Essa censura atuava com uma repressão a amplos assuntos sociais que passavam desde a religião, crenças populares até um simples namoro em local publico ou roupas menos compostas usadas pelas ‘pessoas comuns’. A discussão para este trabalho é entender como funcionaram os mecanismos de coerção e censura militar (portanto, da censura moral) em torno do artista Odair José (um dos participantes desse “movimento cafona”) e de suas canções, analisando os temas, expressões mais censuradas e seus motivos, e ao mesmo tempo observar que esse artista teve uma grande aceitabilidade do público brasileiro e que suas músicas foram algumas das mais executadas nas rádios de todo o Brasil além de seus discos terem sido uns dos mais vendidos na década de 70.

Ivanilson de Melo Mendes (UFF)

“V de Vingança”: uma leitura da linguagem dos quadrinhos

A História Nova antecipou que o campo do historiador estaria em perpetua expansão, com a resignificação da idéia de documento histórico, afastando-se de sua base tradicional de trabalho, para além de sua zona de conforto, que eram os textos escritos, para uma história mais abrangente com uma variedade muito maior de objetos de estudo, como as novas mídias, entre elas os quadrinhos, linguagem que comporta, toda e qualquer tipo de tema em seus enredos, entretanto a falta de clareza teórica acerca da linguagem dos quadrinhos permite que, determinadas análises sejam superficiais e descontextualizadas, esse trabalho se propõem analisar o quadrinho V de Vingança, obra repleta de referências históricas e de cultura pop, para tratar de um hipotético estado totalitário em uma distópica Inglaterra, mostrando também as diferenças entre o quadrinho e o filme, de como uma linguagem conta de outra maneira a mesma história, tendo como ponto de partida suas especificidades. Nesse contexto, os quadrinhos representam hoje um meio de comunicação de massa de grande penetração popular, elas transmitem modos de vida e visões de mundo, trazem temáticas que podem ser compreendidas, mesmo por quem não está familiarizado com a linguagem, assim os quadrinhos são mais do que simples mediadores de informações, eles vão além e possuem a capacidade de facilitar a compreensão de contextos históricos com aplicação inclusive, pedagógicas.

Iverson Geraldo da Silva (UFJF)

Francisco de Mello Franco e um Novo Portugal: a critica ao atraso português em “Reino da Estupidez” e “Medicina Teológica”

O presente trabalho aborda a crítica do médico luso-brasileiro Francisco de Mello Franco (1757-1822) ao atraso português presente em seu poema *Reino da Estupidez* (1785) e em seu livro *Medicina Teológica* (1794). Para isso, utilizo as propostas de LaCapra que busca romper com a idéia de que um texto literário só possui como característica um “aspecto documental”. O autor leva, também, em consideração o aspecto do “ser-obra” dos textos. Propõe uma inter-relação entre estes dois aspectos, ou seja, considera o caráter documental da obra, contudo, ao mesmo tempo, leva em consideração os aspectos literários do texto a ser analisado. Em busca de uma “reestruturação” da História Intelectual, LaCapra propõe uma problematização daquilo que alguns comumente têm como solução: a relação entre os Textos e seus Contextos. LaCapra identifica seis possíveis contextos dos chamados textos escritos complexos: 1) a relação entre as intenções do autor e o texto; 2) a relação entre a vida do autor e o texto; 3) a relação da sociedade com o texto; 4) a relação da cultura com os textos; 5) a relação do texto com os demais textos do autor; e 6) a relação entre os modos de discurso e o texto. Para o autor, estes contextos são na realidade textos – ou seja, também são construções discursivas. Deste modo, para a análise do livro/poema “*Medicina Teológica*” e “*Reino da Estupidez*” utilizo os três primeiros itens da proposta de LaCapra. Ao mesmo tempo, de forma comparativa, associo a crítica de Mello Franco dentro de uma tradição presente entre alguns intelectuais portugueses, principalmente nos séculos XVIII e XIX, de reavaliação da sua cultura e de seu passado. O objetivo principal é perceber o que Francisco de Mello Franco aponta como elemento destoante de uma sociedade moderna. Aquilo que afasta o reino luso de uma sociedade dita moderna, relegando-a lugar no atraso. Estabelecendo, deste modo, imagem de uma Portugal atrasada e estabelecendo o seu contraponto moderno. Este artigo integra parte de uma pesquisa de doutoramento em andamento, debatendo, assim, alguns pontos já analisados para outros autores portugueses do séc. XVIII.

Ivete Batista da Silva Almeida (UFU)

O outro como espetáculo. Imagens da África e da Amazônia na Revista O Cruzeiro - 1930-1950

O objetivo desta apresentação é discutir as relações que permeiam a escolha das imagens e dos enquadramentos utilizados para representação da África e da Amazônia, e suas gentes, nas fotorreportagens da *Revista O Cruzeiro* entre as décadas de 1930 e 1950. Observando grandes fotorreportagens como ‘As damas do Roncador’, de 1950, e ‘Safari’, de 1954, nota-se que a África e Amazônia, eram representadas como o *wilderness*, em enquadramentos que se relacionam à propedêutica do olhar do turista, (como em Sant’anna e Osborne), o olhar sobre o exótico – que remete o “outro” a uma posição de diferenciação, e mesmo de negação, em relação ao “eu”, criando uma representação necessária para que a sociedade moderna identificasse a si mesma, encontrando um “outro”, o tribal, que a ajudasse, por diferenciação, a se reconhecer. Tomando as representações como sintomas de uma época, como nos sugere Sandra Jathay Pesavento, pretendemos reinterpretar tais imagens, para assim compreendermos em quais dimensões tais representações imagéticas nos revelam o estatuto concedido pela sociedade aos indígenas e africanos; suas relações com os sistemas de ideias, valores e imaginários, trazendo à tona, os princípios que submetem tais escolhas – como o princípio da intolerância, da dominação, do mito civilizatório e do sexismo. Para tanto, iremos nos apoiar em trabalhos como o de Jacy de Freitas e Edward Said, que

contribuem com a análise sobre o “outro” visto como o “não-eu”, como exótico, apontando a necessidade da ordem estabelecida negar o “outro” para positivar a si mesma.

Ivo Canabarro (UFF)

Fotógrafos historiadores

Nesta comunicação, discute-se a importância do olhar do fotógrafo para uma perspectiva de abordagem da sociedade. A produção de imagens pode revelar uma tentativa de construção de todo um campo visual, proporcionando o entendimento de diferentes dimensões de vivência dos atores sociais. A prática da fotografia contribui para pensar na própria cultura fotográfica e seu processo de expansão na sociedade brasileira. Entende-se a atuação dos fotógrafos nesta dimensão da cultura. Os fotógrafos estão presentes em praticamente todos os lugares, isso contribui decisivamente para uma abordagem social através da imagem. As fotografias aparecem como uma possibilidade de adentrar no cotidiano dos retratados, pois são fragmentos e, ao mesmo tempo, testemunhas de que algo aconteceu em uma determinada sociedade, portanto, podem ser utilizadas como indícios para a construção do conhecimento

Ivone Alves de Lima Cavaliere (UFF)

Memórias de experiências traumáticas do Isolamento compulsório vividas por leprosos

O objetivo desse estudo foi demonstrar as experiências traumáticas repletas de barbaridades e revelar modos de superação das dificuldades sofridas por ex-portadores de hanseníase/lepra, que ainda se consideravam internados no ex-hospital colônia Tavares de Macedo-RJ. Para tanto, utilizamos a metodologia de história oral com seis pessoas que vivenciaram tais experiências desde o surgimento da doença.

Alguns pesquisados foram retirados de suas casas e internados à força nessa instituição, onde permaneceram por décadas, mesmo após a proibição do isolamento compulsório. O impacto dessas internações, bem como outros motivos, contribuiu para que eles, ao invés de saírem do hospital, vivessem lá. De modo geral, embora evitassem falar sobre o assunto, deixaram “escapar” que o problema está em seus corpos, pois suas deformidades físicas são o grande empecilho para a convivência em sociedade. As razões enunciadas foram o medo da discriminação, já que a hanseníase, mesmo sem o peso da palavra “lepra”, faz parte de um antigo estigma social, cujo maior impacto negativo é a rejeição. Desse modo, optaram por não sair pela aparência, até mesmo pela auto rejeição perante os padrões de estética desejados e, ainda, pelo pavor que suas deformidades poderiam causar nas pessoas pela crença na transmissão da doença.

O Brasil indenizou os ex-doentes da “lepra” que foram internados em hospitais colônia até 31/12/1986, desde que sob o regime de isolamento compulsório. Assim, com a adoção dessa política indenizatória, admitiu o erro de violação de direitos humanos, ou seja, que a indenização das vítimas, com uma pensão mensal e vitalícia, não foi esmola ou doação, mas um direito adquirido.

Os relatos orais da experiência traumática, pelo “dever de memória” trouxeram subsídios para as relações entre as políticas públicas sociais e de saúde na modernidade. Além disso contribuíram para que a memória não se perca e nem se repitam fatos como esses, pois “quando se faz memória de tempos de atrocidades, evita-se que se repitam” (Frei Beto, 2007), ou seja, as atrocidades quando perdidas na memória sempre se repetem. O fato é que repercutiram não somente quanto à reparação dos danos causados, mas também quanto à elaboração de políticas futuras para não mais haver violação dos Direitos Humanos, como as do isolamento compulsório.

Iza Vanesa Pedroso de Freitas Guimarães (UNIFAP)

Ed Carlos de Sousa Guimarães (UNIFAP)

Treze tiros: violência e crime em Clarice Lispector

Este trabalho ocupa-se da crônica “Mineirinho”, de lavra da escritora Clarice Lispector (1920-1977). O texto, escrito em decorrência do assassinato de José Miranda Rosa, o Mineirinho, assaltante carioca e fugitivo da justiça, é uma crítica singular à violência policial e às injustiças sociais: Mineirinho foi assassinado por policiais, no ano de 1962, com treze tiros à queima-roupa e teve seu corpo abandonado na estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro/RJ. O objetivo do trabalho, ao tomar o escrito clariceano, é estabelecer um diálogo entre a História, Sociologia e Literatura, com vistas a problematizar o fenômeno da produção de representações da violência e do crime na sociedade brasileira em narrativas literárias contemporâneas. A utilização das fontes literárias como material de inquirição para os historiadores disseminou-se a partir dos anos de 1970. Atualmente, o interesse pelas *fontes literárias* é crescente, principalmente, entre historiadores da cultura em diálogo com a Antropologia e a Sociologia. Desde a inserção definitiva da cultura como leitura-problema da história e da sociedade, o estudo do processo de produção das *representações* tornou-se uma preocupação constante entre os historiadores e sociólogos. Lispector, a partir de um texto vigoroso, estremece visões cristalizadas ao questionar o senso comum que acreditava que a eliminação física do famoso “bandido” traria paz para a sociedade carioca, assim como põe em xeque a existência de uma justiça penal idealizada, com suas agências de poder – dentre elas a Polícia – que agiria, em princípio, em conformidade com a lei. De mero evento banal – a morte de “mais” um bandido – Clarice ressignifica a ação dos agentes policiais no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro: sim, trata-se de um crime, de uma vingança, o que desvela o caráter seletivo do sistema de justiça criminal. A escritora também reinventa o “outro” invisível aos nossos olhos e perdido nas estatísticas criminais. Apesar de todos nós abrigarmos a escuridão e o perigo, conforme a narrativa clariceana, as prisões, os manicômios judiciários, a lei penal e a Polícia possuem seus clientes preferenciais: a ralé. Os treze tiros disparados, assim, estavam reservados a Mineirinho.

Izabel de Fátima Cruz Melo (USP)

O eu que só pode ser (n) o outro: Jean Rouch e José Agrippino nas Áfricas dos anos 1970

A possibilidade de comparação entre Jean Rouch e José Agrippino de Paula ocorreu num debate que tratava sobre o transe e possessão no cinema de Rouch e que me remeteu para os filmes realizados na África por Agrippino, que também se aproximam dos rituais das religiões tradicionais de algumas comunidades. Reconhecendo que já existia um interesse anterior no que diz respeito à produção de Agrippino e Maria Esther Stockler, visto que seus filmes em Super-8 foram exibidos nas Jornadas de Cinema da Bahia, durante os anos 1970 – que foram objeto da minha pesquisa durante o mestrado, penso que este artigo pode contribuir na diminuição da lacuna existente em relação às reflexões sobre a sua produção, além de propor uma nova possibilidade de diálogo em relação aos filmes relacionados a transe e possessão de Jean Rouch.

Izabelle Lúcia de Oliveira Barbosa (UFRPE)

Do Divórcio ao Desquite: Um estudo sobre as relações de gênero no Recife entre os anos 1926-1937

Durante o período Imperial brasileiro, a Igreja Católica detinha o controle sobre a vida civil, realizava os registros de nascimento, casamento e morte dos habitantes. Cabendo ao Estado brasileiro legislar sobre as questões que envolviam as propriedades e as heranças. Entretanto, a Igreja, com seu poder também exercia influência nas decisões do Estado. Por meio da proclamação da República, a Igreja foi separada do Estado e o casamento seculariza-se. Conferindo um dos primeiros passos para a ampliação de direitos e garantias pelo Estado. Já no final do Império a necessidade de construção de um Código Civil tornou-se latente, devido ao predomínio da religião católica nas decisões. Alguns intelectuais foram convocados para pensar essa nova organização do Código Civil, entretanto sem sucesso em suas sugestões. Assim, Clóvis Bevilacqua, Jurista formando pela Faculdade de Direito do Recife é convocado em 1899, após a elaboração e análise, o Código Civil é publicado em 1916. Este insere o termo desquite, invés de divórcio, como era durante o Império. Estabeleceu a inferioridade da mulher ao inserir as mulheres casadas como “relativamente incapazes”, necessitando de proteção, orientação e aprovação do marido. Além disso, discorreu sobre a honra e o dote de modos diferentes para mulheres e homens. No mesmo ano, a Igreja Católica inicia o movimento de Restauração Católica, no intuito de aproximar-se do Estado e expandir a fé católica. Os movimentos emancipacionistas ganham força nos anos 30 do início do século XX e lutam pelo espaço político das mulheres. Assim, no fim da primeira República e início da segunda, a existência da família, como símbolo de desenvolvimento do Estado, projeto de Deus, e garantia de felicidade conjugal é questionado. O presente artigo tem como objetivo analisar a inclusão do termo desquite no Código Civil de 1916, e sua divulgação e aplicação na cidade do Recife, a fim de entender como o mesmo versou nos espaços femininos e masculinos. Procurando entender se os movimentos feministas posicionaram-se com relação aos direitos civis das mulheres? Se as mulheres solicitavam ou não o desquite? O corpo documental para responder a problemática será as revistas, periódicos e processos judiciais da cidade do Recife entre os anos de 1926 e 1937.

Jaciene Pereira (UEMA)

Formação social, econômica e cultural do sudoeste maranhense: o caso do município de Carolina-MA

O artigo proposto é resultado dos trabalhos de pesquisa para elaboração da dissertação do curso de mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional e o objeto estudado foi o processo de formação e desenvolvimento do município de Carolina no Estado do Maranhão a partir dos ciclos de exploração econômica do sertão sudoeste maranhense e seu lugar na divisão internacional do trabalho. A pesquisa é de caráter documental, bibliográfico e empírico, buscamos referências teóricas desenvolvidas pelos autores trabalhados nas disciplinas e que buscaram compreender a sócio-gênese e organização espacial da área de estudo; temos como ponto de partida da análise, o modo de produção capitalista e tudo o que ele acarreta sobre a dinâmica espacial, as contradições do capital ali existentes e seu lugar no mundo do desenvolvimento desigual e combinado. Partindo do geral para o local, avançamos na discussão com a caracterização geo-histórica do município de Carolina fazendo suas devidas correlações e contextualizações, abordamos a inserção dos grandes projetos de (des)envolvimento do séc. XX e seus reflexos na dinâmica espacial recente do município e sua população formada por heterogêneas populações sertanejas. Analisar a região permite desvendar os interesses em jogo no processo econômico e social, posto que a mesma é instrumento de produção e reprodução do capital mas também expressão de sua vulnerabilidade, portanto o foco da discussão é a formação e dinâmica socioeconômica e cultural de Carolina no âmbito do (des)envolvimento capitalista, através da perspectiva teórica-metodológica e ideológica de Karl Marx. Os conflitos e problemas sócio-econômicos vividos no espaço brasileiro atualmente e conseqüentemente no espaço maranhense são heranças históricas do tipo de ocupação sofrida nesse território, sendo assim, o espaço não é estruturado e não está organizado ao acaso e os processos sociais ligados a ele são os resultados de cada período da organização social e econômica e para estudá-lo é preciso analisá-lo particularmente fazendo alusão aos seus momentos históricos. Para confecção e exposição desse artigo foram utilizados os dados bibliográficos, documentais e empíricos da pesquisa norteada por uma questão de partida inicial: Quais os reflexos do processo de formação socioeconômica e cultural na dinâmica espacial do município de Carolina-MA?

Jackelina Pinheiro Meira Kern (UEFS)

Patrimônio e Memória no Sertão Nordestino: um diálogo através da imagem

Este artigo faz uma análise das fachadas das casas das cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE como um lugar de memória através do patrimônio arquitetônico. Caminhando pelas cidades e conversando com os seus moradores, percebemos a indignação pela sequência destrutiva do patrimônio secular muitas vezes abandonado pelos proprietários e ao descaso do poder público de todas as esferas. A partir desse ponto de vista, pensar o nosso lar, a casa em que vivemos como parte daquilo que somos, carregando características particulares do que vivenciamos ao longo da nossa história de vida, nos faz pensar nos objetos decorativos, nos traços arquitetônicos como uma extensão do nosso corpo. Baseado no percurso metodológico da hermenêutica da profundidade de Thompson (1995) a história oral e os relatos dos memorialistas, nos permitiu uma reconstrução do passado, que normalmente afloram sentimentos

adormecidos pelo tempo e pela seletividade da memória. O artigo, pretende ainda, analisar a memória como identidade e pertencimento, através das fotografias das fachadas das casas, encontradas nas cidades do vale.

Jacqueline Siqueira Vigário (UFG)

“Vencer os tempos bárbaros”: Confaloni e a recepção da crítica de arte na década de 1960/1970

Esta comunicação objetiva analisar a recepção da crítica de arte em Goiás sobre o pensamento do pintor moderno italiano Nazareno Confaloni (1917 - 1977). Explora o panorama da crítica de arte regional, sua vinculação com instituições culturais e articulações políticas. Parte da hipótese que há uma relação entre os intelectuais a cultura e a política sobre a conjuntura da modernidade inventada para o Estado, e que Confaloni serve à apropriação por parte de grupos hegemônicos que legitimam a relação entre história, arte e cultura. Para boa parte da crítica, Confaloni fertilizou a arte em Goiás e se orgulhava por ter vencido os chamados “Tempos Bárbaros”, maneira como definia a situação da arte em Goiânia desde a década de 1950. Em uma cidade “sem tradição cultural”, Confaloni será considerado como arauto da modernidade.

Jailson Dias Carvalho (UFU)

Elementos da recepção da revolução cultural proletária em A Chinesa de Jean-Luc Godard e a recepção de A Chinesa pela crítica cinematográfica brasileira

A Revolução Cultural Proletária, instituída na China, durante os anos sessenta, teve um papel importante no sentido de difundir entre as frentes culturais cinematográficas (notadamente a francesa e a brasileira) uma atmosfera de novas perspectivas no plano cultural e político. Dessa forma, *A Chinesa* de Jean-Luc Godard, constitui um objeto importante deste processo, visto que congrega em seu interior determinadas nuances que instigam o espectador no que diz respeito à trajetória de cinco jovens militantes e o seu universo da formação. Nesse sentido, a película denota, dentre outras características, aspectos que dizem respeito à conjuntura política com questionamentos sobre o papel de Josef Stalin e da U.R.S.S, e as ambiguidades da esquerda europeia face a emergência da revolução; revela também traços da apropriação pelo cineasta do universo dos guardas vermelhos, braço importante da Revolução Cultural Proletária. Por outro lado, a temática política da fita *A Chinesa* chamou a atenção da crítica cinematográfica brasileira, sobretudo determinados membros do movimento cinema novo, que procuraram capitanear o lançamento de *A Chinesa* para a luta política imediata dos cineastas brasileiros, enxergando em Godard um cineasta que não se enquadrava num único continente, ou que dentro das fronteiras europeias procurava dinamitar as estruturas do imperialismo ocidental do cinema representado pela produção norte-americana. Entretanto, tal posição não foi unânime, pois, parte da crítica enxergou ou preferiu notar na fita, outros aspectos que dizem respeito à fatura interna dela como por exemplo, a sua estreita vinculação com o teatro, a política (sobretudo o maio de 68 francês) e o seu traço documental mediado pela entrevista, aspecto que envolve os personagens na medida em que são interpelados sobre suas trajetórias.

Jailson Pereira da Silva (UFC)

Dizeres sobre e música e política no Brasil pós-64: O Jardim da Política e a arte em tempos de liberdade

No CD “No Jardim da Política” lançado em 1998, Tom Zé entoa um canto de abertura conclamando todos os ouvintes: “vamos passear nesse antigo documento!”. Esse disco surgiu a partir da retomada do material um tanto esquecido, resultado de um show feito décadas antes. O texto do encarte indica os dilemas históricos e o cenário qual o disco foi gestado: “quando este show estreou no Lira Paulista, numa quarta-feira, a Censura Federal, órgão da Divisão de Diversões Públicas (...) estava em plena vigência. Quando fizemos a gravação, na última récita do sábado, terminando a curta temporada, a cuja já tinha sido extinta.” Mas, afinal, por qual tempo Tom Zé nos convoca a passear pelo Jardim da Política, guiado pelo seu documento? Ou dito de outro modo, quanto tempos estão ali? O show é de 1984, como podemos ouvir no já citado canto de abertura. No entanto, no disco, composto por 12 canções de cunho eminentemente político, Tom Zé retoma composições dos anos 1960, presentes no seu primeiro álbum o LP TOM ZÉ-Grande Liquidação, de 1968. O disco, como dissemos, é de 1998 e nossa interpretação ocorre agora, no momento histórico marcado pelos 50 anos do Golpe de 1964. Nosso intuito é aceitar o convite. O que nos interessa precipuamente, no entanto, é menos a paisagem e mais os tempos. Diante desses diferentes contextos, dessas diferentes marcas temporais, desejamos perceber como esse documento nos apresenta, no final da década de 1990, visões do cenário político de pontuaram os anos 1980. A ironia de Tom Zé — que se espalha por todo o disco, ao abordar temas como democracia, liberdade política, partidos políticos, intelectuais e classe operária — funciona como um gesto comunicativo; um tropo fundamental para a narrativa histórica. Para nós, essa ironia indica não apenas um rol de temas sobre os quais se desejava falar, mas também um modo de estruturar essa fala, de fazer emergir disputas, cesuras, travas, limites que eram postas para os atores sociais que questionavam a Ditadura.

Jaime Farias (UFSCar)

Ana Lucia Calbaiser da Silva (UFSCar)

A política de avaliação da educação nas páginas da imprensa sindical: análise do discurso veiculado no Jornal da APEOESP entre 1995 a 2010

Este estudo busca analisar o discurso sobre avaliação da educação veiculado por um impresso sindical, o Jornal da APEOESP, no período de 1995 a 2010, a partir de textos que problematizam a política avaliatória da educação do estado de São Paulo, especificamente o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP). Observando o contexto histórico brasileiro, percebe-se que em meados da década de 1990, as políticas de avaliação externa ganham centralidade. Neste sentido, as políticas educacionais adotadas pelos consecutivos governos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) no Estado de São Paulo são influenciadas por esta concepção gerencialista. Em 1996, institui-se o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), que visa avaliar o sistema educacional

mediante a aplicação de provas padronizadas aos estudantes de determinadas séries da Educação Básica. Trata-se de uma política de avaliação fundamentada em práticas conhecidas como *assessment*, ou seja, pautadas na medição e uso dos resultados. Para compreender como o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) interpretou o processo de implantação e implementação do SARESP analisou-se textos do Jornal da APEOESP, publicados entre 1995 a 2010. Tendo como mantenedor a APEOESP, o Jornal destaca-se por divulgar as ações do Sindicato, atrair novos membros e fortalecer o movimento docente. A partir da Análise Documental, realizada por meio da revisão da literatura e dos 84 exemplares do Jornal, publicados no período investigado, selecionou-se 24 textos que apresentam discussões e/ou argumentos sobre o SARESP. Utilizando-se pressupostos da análise foucaultiana do discurso, percebe-se que o olhar sobre o nível micro proporcionado pela leitura dos textos do jornal, revela determinados aspectos das relações de poder, que não podem ser percebidos apenas na leitura de documentos oficiais. O estudo indicou que o discurso deste Jornal sobre o SARESP transforma-se, embora se mantenha dentro de uma lógica de oposição ao governo. Portanto, este discurso configura-se em meio a quatro movimentos de resistência, descritos como: 1) difusa: quando a política de avaliação é anunciada, mas ainda não há um instrumento; 2) crítico-operacional: centrada no modo de aplicação e divulgação dos resultados do SARESP; 3) crítico-incidental: baseada nos efeitos da divulgação dos resultados e na utilização do SARESP como fundamento a outras políticas educacionais; 4) crítico-estratégica: fundamentada no modelo do sindicalismo de resultados, ou seja, na definição de ações específicas e pontuais do Sindicato, deixando em segundo plano a crítica aos fundamentos da política de avaliação.

Jaison Castro Silva (UFC)

Autonomia e cinema nacional: a V Rassegna e o cinema novo

A constituição de um campo cinematográfico para o cinema brasileiro, após um conjunto de descontinuidades que atravessou décadas, encontra um momento-chave em meados de 1960. Em janeiro daquele ano, o sucesso do cinema novo na V Rassegna do Cinema, evento realizado pelo Columbianum, em Gênova na Itália, mostra-se propício para a discussão desse processo. A recepção desse evento no Brasil se mostra fundamental para compreender o desenvolvimento do movimento cinemanovistas, e seus desdobramentos posteriores, quando a legitimação do cinema nacional como um local de discussão dos problemas nacionais com a consequente instituição do cineasta como intelectual. A partir do evento, a passagem dos cinemanovistas para um cinema urbano é discutida em suas bases de lançamento e a proposta de uma estética da fome é articulada por Glauber Rocha, que podemos citar a título de exemplo como dois marcantes acontecimentos ocasionados pelo evento italiano. De similar importância, mas tópicos não tão discutidos pela literatura sobre o cinema no período, a discussão sobre a construção de uma indústria de cinema sólida no Brasil e a necessidade de equilíbrio entre aspiração pessoal e sucesso comercial também são colocados em foco. Esses aspectos e as contradições a ele inerentes assumem o papel de uma virada interna no cinema novo para uma prática que se propunha diversificada o suficiente para enfrentar o novo momento político do país, com o golpe de 1964, e a vindoura discussão sobre a criação do INC em 1966 e a criação de uma indústria cinematográfica financiada pelo Estado. Nesse ponto, as forças impulsionadoras do movimento, o nacionalismo, o

cosmopolitismo, a contradição entre a representação popular e a auto-crítica da esquerda engajada após o golpe militar, saltam em choque. A partir do debate, ao menos para a maioria dos membros do movimento, o cinema nacional passa a ser vislumbrado como um campo autônomo de exercício da arte cinematográfica, coroando um processo iniciado anos antes, e permitindo o estabelecimento de novas frentes de combate e disputa.

Jamaira Jurich Pillati (UEPG)

Cartas avulsas ao Senhor Bispo de Beja: aspectos do projeto pedagógico português do século XVIII na escrita epistolar de letrados

Entre 1795 e 1797, Antonio Ribeiro dos Santos, bibliotecário mor da Real Biblioteca da Corte, manteve correspondência com Fr. D. Manuel do Cenáculo, importante bibliófilo e mecenas português, a respeito de uma doação do prelado a biblioteca. Algumas correspondências recebidas e enviadas estão transcritas em documento, intitulado *Cartas Avulsas do Ex.^{mo} R.^{mo} Senhor Bispo de Beja e a Correspondencia incompleta com o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos sobre os livros, e a raridade que o Ex.^{mo} Prelado oferecido á Real Biblioteca de Lisboa e outros papéis adquiridos por Fr. Vicente Salgado Ex Geral e chronista da congregação da Terceira Ordem de Portugal*.

Nas cartas podemos observar dois ativos letrados, trazendo nos discursos contidos nas correspondências, o que representavam os livros e a formação das bibliotecas no contexto do reino de Portugal. O progresso, ainda que visto por administradores e pelo próprio Pombal, muitas vezes, como econômico em sua finalização, para estes ilustrados, passava pela distinção da construção do conhecimento através do fortalecimento da “Casa da Sabedoria”, a Biblioteca Real, e tantos outros locais de conhecimento ligados a um projeto pedagógico de ilustração.

Desta forma, as cartas enquanto fontes para análise das ideias que circulavam entre os homens de letras possibilitam uma diversidade de aspectos acerca da forma de sociabilizar o conhecimento, os livros e as ações pedagógicas. Os discursos contidos em suas páginas podem nos elucidar os significados atribuídos ao conhecimento da época, através das palavras dos interlocutores, homens envolvidos diretamente com o projeto pedagógico do Império.

Jamile Cezar de Moraes (UNIRITTER)

O Caminhos da Memória enquanto espaço de reflexão sobre a memória e o patrimônio cultural de Caxias do Sul

A presente pesquisa versa sobre o Caminhos da Memória como espaço de trocas de experiências e reflexão sobre a memória social e a preservação do patrimônio cultural de Caxias do Sul-RS. Tendo como objetivo geral discutir sobre o projeto Caminhos da Memória enquanto instrumento de reflexão e educação não formal voltada à cultura e ao patrimônio cultural edificado de Caxias do Sul-RS. Dessa forma, o problema em questão é “de que forma o Caminhos da Memória aborda o papel da memória social e a preservação do patrimônio cultural caxiense?”. Quanto aos objetivos específicos,

pretende-se analisar sob a perspectiva da memória social o projeto Caminhos da Memória enquanto espaço de trocas de experiências e fatos históricos de Caxias do Sul-RS; e refletir a respeito do papel do Caminhos da Memória na proposição de valorização do patrimônio cultural edificado de Caxias do Sul a partir de uma proposta de educação não formal. Como justificativa, essa discussão se faz a partir da análise desse objetivo de pesquisa visando contemplar um contexto maior na produção da dissertação de mestrado. No entanto, ao observar algumas caminhadas e aprofundar as leituras e pesquisas a esse respeito, percebe-se que o Caminhos da Memória tem sido importante para a sociedade caxiense, pensando no despertar do interesse ao patrimônio cultural, representado nos edifícios históricos ainda preservados ou tombados. Além disso, outra razão que justifica essa proposta é a de levar à sociedade civil a oportunidade de discutir e conhecer mais a respeito do seu espaço de vivência, de modo que o cidadão tenha ciência de seu papel como multiplicador da preservação da história e da memória, como também da cultura da cidade. Essa pesquisa se dá a partir de pesquisa documental, tendo como fonte publicação em jornal, atas referentes ao projeto dos anos de 2008 e 2009; e de observação da atividade em si, enquanto participante no ano de 2014. Como fundamentação teórica, tem-se Halbwachs (2006) e Catroga (2001) para tratar de memória. Choay (2001) é referência ao patrimônio cultural e Geertz (1989) para tratar das questões voltadas à cultura. Além desses autores, publicações de Caxias do Sul servirão como base para apresentar o patrimônio edificado selecionado para a realização da atividade. As considerações parciais abordam o Caminhos da Memória como uma atividade que estimula a sociedade civil a modificar o olhar, voltando-o para a história, a memória e a preservação da cultural local. No entanto, é preciso identificar o público atingido e qual o público que deveria ser atingido, no sentido de cativar olhares futuros, que pensem a cultura e a identidade caxiense como forma de preservar sua herança e de manter vivos os testemunhos marcados nas fachadas dessas construções.

Janaina Cardoso de Mello (UFS / UFAL)

O livro pink do patrimônio cultural sergipano. Histórias de vida, histórias de luta

Ao longo do século XX, várias personalidades tem se destacado na promoção do patrimônio cultural sergipano, dentre estas uma grande quantidade de mulheres que mostraram-se muito importantes para a manutenção das tradições e transmissão destas às novas gerações. Guardiãs da memória, ressignificadoras de sua própria história e proponentes de um destino diferenciado, elas têm colorido de *pink* os segmentos culturais outrora em P&B da herança patriarcal de engenhos e escravidão africana da antiga Sergipe Del Rey. Entre acadêmicas (historiadora, antropólogas, museólogas), representantes do poder público (prefeitas, secretárias de cultura) e integrantes da sociedade civil (lideranças de terreiros nagôs, lideranças quilombolas, lideranças de samba de panelha, lideranças teatrais, lideranças musicais, artistas plásticas e visuais, exímias conhecedoras da gastronomia local) a relação de gênero ora mostra-se complementar, ora revela-se conflituosa na luta por espaços de representação e afirmação identitária. Nos atos, falas e lembranças de Dona Bilina, Dona Nadir da Mussuca, Dona Baby, Beatriz Góis Dantas, Aglaé Fontes, Verônica Nunes, Terezinha Oliva, Ana Medina, entre outras a cultura sergipana assegura sua difusão e continuidade. Por isso, esse trabalho baseia-se em intensa documentação escrita (jornais e escritos elaborados por elas) contida nos Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), no Instituto Histórico e Geográfico Sergipano (IHGSE), nos museus sergipanos e em

entrevistas orais semi-estruturadas com as protagonistas dessa pesquisa. Como metodologia norteadora opta-se pela análise crítica de discurso de Fairclough e a história oral de Verena Alberti. Conceitos como representação social, identidade, tradição e memória farão parte da reflexão proposta. Logo, intenciona-se finalizar as pesquisas apresentando à sociedade o livro *pink* do patrimônio cultural sergipano e contribuindo assim para a historicização das práticas e apropriações “do” e “pelo” feminino frente o universo cultural em suas negociações e tensões.

Janaína Quintas Antunes (MACKENZIE / PUC/SP)

História da Cultura Contemporânea: Cibercultura e Cultura Nobrow

Nobrow é um novo conceito, uma nova estética da cultura e da arte contemporâneas. É um novo momento na história da cultura do século XXI.

A denominação *Nobrow* faz referência à expressão *highbrow* (uma denominação de artes e literatura, que as caracteriza como “intelectuais, de alta qualidade”), e à expressão *lowbrow* (expressão que caracteriza a literatura e a arte como sem conexão ou interesse em ideias culturais sérias/intelectuais), de maneira a representar o conceito de cultura sem uma qualificação de *lowbrow* ou *highbrow*, sem um direcionamento específico a determinado tipo de público, ou à determinada área do conhecimento. Uma cultura que não é nem popular, nem erudita, uma arte não categorizada.

Esta pesquisa se baseia primordialmente nas teorias e conceitos de John Seabrook e Peter Swirski, os dois únicos pesquisadores sobre o *Nobrow*, sendo que ambos já legitimaram a sua existência como mais do que mera releitura dos conceitos de alta e baixa cultura, considerando-se que a mistura destas deu origem a obras chamadas de híbridas. E, por sua vez, o *Nobrow* é a evolução do hibridismo vinda da interatividade típica da cibercultura, uma cultura interativa digital em tempo real.

Nobrow é a união do mundo, de cada obra e artista isolado localmente, na internacionalização da cultura de todos os lugares por meio do ciberespaço, da comunicação proporcionada pela tecnologia.

Desta maneira, pretende-se dar parâmetros mais adequados à cultura atual. A sociedade e a cultura se encontram em nova fase, que não se encaixa mais dentro das definições Pós-modernistas. *Nobrow* é o nome desta nova era da humanidade, é o “Pós-pós-modernismo”; é um fenômeno mundial, consequência da falta de aplicabilidade das antigas divisões da cultura em *Highbrow* e *Lowbrow*, assim como também da defasagem de sentido e termos. Devemos compreender e aceitar o fato de que tanto essas definições quanto a denominação de nosso *zeitgeist* como “Pós-modernismo” estão ultrapassadas e não são mais aplicáveis à arte e à cultura.

Janete da Rocha Machado (PUC/RS)

O veraneio de antigamente: Ipanema, tristeza e os contornos de um tempo passado na zona sul de Porto Alegre

A proposta desta pesquisa é analisar a formação e o desenvolvimento de parte da Zona Sul de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do sul, a partir do uso da região

para o lazer e veraneio na primeira metade do século XX. Considerando as águas do Lago Guaíba como espaços de recreação e de descanso, o aproveitamento do local, à beira rio, desencadeou e sedimentou relações sociais e culturais que culminaram com o progresso de toda a região. A orla do Guaíba, durante muito tempo, foi o local preferido pelos porto-alegrenses que não podiam se deslocar até o litoral, e isso ocasionou um desenvolvimento econômico, motivado pela vinda de grupos que visavam ao lazer. Nesse sentido, será abordada a forma como essas famílias, muitas delas de origem alemã, se apropriaram do local, vivendo e convivendo entre si, transformando a região em uma estação de repouso, de verão e de sociabilidades à beira rio. Centrada em documentos, tais como jornais, revistas, fotografias e depoimentos orais, a pesquisa possibilitou também a produção de novos e instigantes questionamentos, bem como de outras visões. Assim, abordando questões urbanísticas e culturais, esse trabalho pretendeu não só uma análise do veraneio vivido em Porto Alegre no início do século passado, como também um estudo sobre o processo de urbanização dos bairros margeados pelo lago, entre eles o Ipanema e a Tristeza.

Jaqueline Gonçalves Araújo (UNICAMP)

Ciberfeminismos e discursos históricos

O presente trabalho tem por objeto o estudo dos discursos e das atuais práticas feministas realizadas no ciberespaço, ou os ciberfeminismos. Os ciberfeminismos surgem nas duas últimas décadas do século XX, como crítica à negação do feminino na tecnologia, e afirmando o ciberespaço como um lugar próprio de articulação feminina. Em um contexto em que as formas de comunicação, informação e tecnologias são fluidas e rizomáticas, devido a grande difusão e popularização da Internet. Na atualidade as mulheres estão ocupando diversos espaços ligados aos saberes tecnológicos, principalmente à internet com o intuito de viver os feminismos e as experiências possíveis na rede, reescrevendo seus corpos e histórias. Assim, tenho como objetivo analisar essas ocupações dos feminismos e investigar as relações feministas construídas no ciberespaço a partir dos textos publicados no Blogueiras Feministas. O site Blogueiras Feministas é um weblog oriundo de uma lista de e-mails de amigas, que discutiam durante o primeiro turno das eleições presidenciais de 2010, os temas levantados pela candidatura da presidenta Dilma Rousseff. O site foi criado para abrigar e divulgar a pluralidade de opiniões sobre os feminismos. O blog é aberto para mulheres e homens, que queiram escrever sobre feminismos e suas mais variadas práticas. Atualmente, o portal é moderado por dez mulheres. E editado por dezenas mulheres feministas, de diversas cidades do país, algumas anarquistas e outras militantes em grupos como a Marcha Mundial de Mulheres, dos diferentes coletivos da Marcha das Vadias, Software livre, entre outros movimentos sociais que atuam on ou off line. Mulheres que formam um coletivo feminista homônimo ao weblog. O grupo possui no blog centenas de posts inéditos sobre feminismos organizados por data, mas que também podem ser buscados por palavras chaves ou grandes temas como aborto, corpo, cultura, mídia, lei Maria da Penha, sexualidade, violência, entre outros nos quais novos e antigos temas feministas são relidos, construídos e debatidos com os comentários dos internautas. E para entender como essas blogueiras ocupam e transformam os espaços exploro as pesquisas bibliográficas de Donna Haraway, teórica dos ciberfeminismos. E uso como método de trabalho a Análise do Discurso (AD), disciplina que trabalha a opacidade do texto e vê nesta opacidade “a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do

funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique” (Orlandi, 2005, p.21). Ao explorar a materialidade discursiva dos textos, imagens-textos, produções feministas não pretendo analisar comportamentos ou ideias, mas as problematizações através das quais essas mulheres ocupam a internet, ou ainda, as práticas a partir das quais essas questões se formam.

Jean Bastardis (UFRJ)

O plágio como dispositivo de atribuição estética na literatura brasileira do oitocentos

No processo de desenvolvimento do regime literário brasileiro, as acusações de plágio desempenharam papel definidor de seu funcionamento, exercendo com a questão da nacionalidade literária a função de delimitação de cânones, tornando autênticos certos tipos de apropriação literária em detrimento de outros. O primeiro conjunto de fontes considerado é constituído por periódicos publicados entre 1820 e 1940, sobre os quais realizo uma investigação das disputas resultantes de acusações de plágio, no intuito de avaliar sua significação para os literatos e para o público consumidor nesse período. Essa delimitação procura avaliar como o projeto literário romântico teria construído um sistema de legitimação das obras literárias brasileiras sob o fortalecimento da afirmação da nacionalidade literária como critério de sua originalidade. A leitura dos periódicos revela a grande proliferação de críticas a autores pelos plágios que praticam, mas demonstra, sobretudo, a imprecisão do termo durante todo o século XIX. O sentido de imitação está presente em todos os casos em que o argumento do plágio é mobilizado, mas chama atenção que apenas os relacionados à produção literária resultem na desqualificação de seus autores com especial energia. Isso demonstra a existência de grandes disputas no cenário literário brasileiro e evidencia o impacto do plágio na classificação de autores e obras legitimadas.

A fim de acompanhar a evolução da definição do termo plágio, a pesquisa se desenvolve no estudo de processos que tomam os direitos autorais como tema em disputa, além de correspondências em que os autores representam seus interesses e relatam problemas relacionados à propriedade autoral. Processos relacionados diretamente às ocorrências de plágio são raros, mas alguns dedicados aos direitos de editores e autores permitam acompanhar a construção de disputas em torno do negócio do livro e da produção literária e científica. Nesse sentido, outro objetivo é acompanhar o desenvolvimento das categorias de psicologia e de propriedade no processo de definição do regime literário brasileiro, no recurso às disputas legais relacionadas à produção artística, além das discussões críticas veiculadas em periódicos daquele período e nas correspondências entre escritores.

O estudo, portanto, procura compreender o argumento do plágio e sua mobilização no cenário literário brasileiro dos séculos XIX e XX, procurando dimensionar seu alcance nas disputas travadas em torno da legitimação das obras que viriam constituir o cânone literário brasileiro.

Jefferson Cano (UNICAMP)

Literatura e política na imprensa do Rio de Janeiro no final do século XIX

Essa comunicação pretende analisar as discussões suscitadas pela literatura na imprensa da Corte na década de 1880, tendo como foco principal a recepção do romance naturalista. Busca-se

compreender a construção de sentidos para a obra literária no cruzamento entre a assimilação de tendências estéticas e a experiência de leitura em um diálogo político com um veículo por natureza polifônico, que é o jornal. Mais do que pensar a literatura como instrumento de intervenção política, propõe-se discutir como os sentidos dessa intervenção se constroem em sua relação com as possibilidades e limites impostos pelas expectativas dos leitores.

João Augusto Neves (UFU)

Cultura digital e periferia: Sentimentos e subjetividades das classes populares no “funk ostentação” e no ciberespaço

Para muitos o “Funk Ostentação”, uma das manifestações culturais que vem sendo destaque na grande mídia enquanto um dos mais novos ritmos das periferias das grandes cidades, representa a máxima do consumismo e da entrega total dos sujeitos pobres moradores destes conglomerados urbanos à alienação do capitalismo consumista. No entanto, vejo essa leitura muito rasa, carregada de preconceitos e incompreensões sobre as práticas culturais populares e as sensibilidades pulsantes destes indivíduos que (sobre)vivem na periferia. Desta forma, pretendo com este texto apresentar algumas submersões que venho realizando no decurso de meu mestrado. As reflexões que desenvolvi até o momento contribuíram para identificar o “Funk Ostentação” – com suas músicas, roupas, poética, danças e principalmente os vídeos clips – como uma prática cultural das classes populares instaurados na sociedade contemporânea. Quer dizer, a partir do momento que a Cultura Digital, ou melhor, as redes de comunicação e informação do mundo virtual, protagonizada pela internet, são apropriadas pelos moradores da periferia, bem como, a mundialização da cultura torna-se algo intrínseco à sociedade em rede, emerge o Funk de ostentação. Se lermos nas entrelinhas das imagens e textos que compõem este universo da música da ostentação veremos que este discurso representa a brecha simbólica usada pelas pessoas pobres moradoras da periferia para dizer dos seus sonhos, desejos, angustias, pois se esta música expressa uma vida diferente é porque a vida que se tem não vale a pena ser cantada. Por fim, partindo de minhas leituras e pesquisas já realizadas sobre a Cultura digital e das minhas submersões na cultura do “Funk Ostentação”, buscarei com estes texto pontuar algumas primeiras constatações, dúvidas, hipóteses e devaneios que serão delineadores para os próximos passos na pesquisa.

João Batista Lemos dos Santos Júnior (UFG)

Do Corpo à Videoarte: Intervenção artística em registro documental de performance do Grupo Empreza

A arte pode ser entendida como uma manifestação discursiva, não importando quais as ferramentas e procedimentos adotados. Para ganhar uma materialização que lhe capacite ser percebida, há possibilidade de processarmos uma série de informações combinatórias, muitas vezes através de códigos e operações ditadas por determinados dispositivos ou suportes, aqui compreendidos como uma vasta gama de possibilidades. Em decorrência do advento das novas tecnologias o vídeo surge também no contexto da

arte contemporânea, como ferramenta de uma nova forma de expressão, seja ele como característica de registro documental ou como ferramenta para execução de videoarte. Após a discussão do papel do vídeo no registro da arte da performance, o presente artigo pretende tangenciar e elucidar alguns horizontes teóricos e reflexivos para a realização de uma reedição, uma produção artística, em que o registro documental em vídeo de uma performance do *Grupo Empreza* será apropriado de ferramenta de divulgação na internet e usado como suporte para a criação de uma videoarte. O *Grupo Empreza* foi formado em 2001, na Cidade de Goiânia, em Goiás, por um professor e ex-alunos da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, e tem trabalhado, desde então, com pesquisa e prática em performance, intervenção urbana e vídeo. A poética do grupo é fortemente ancorada na materialidade do corpo, e em suas qualidades simbólicas, remetendo às estratégias da *Body-Art* dos anos 60 e 70 do século XX. A intervenção artística propõe a manipulação do tempo, onde a velocidade foi reduzida em várias partes do vídeo, deixando alguns momentos que ela fosse de três a dez vezes mais lenta que o original. Ao reduzir a velocidade no vídeo espera-se fazer o espectador da projeção esperar. Com a percepção do tempo mais vagarosa, a reação estimulada é de provocação, testando assim os limites do quanto o mesmo é capaz de aguardar para assistir uma cena de violência explícita no ato performático. Outra possibilidade apresentada por meio da reedição foi a alteração na linearidade do registro. Com a manipulação de alguns trechos das imagens, foi alterada - além da velocidade - a sequência linear, fazendo que alguns trechos fossem repetidos, em velocidade normal e reversa, criando assim, com as ferramentas da edição e com as imagens do próprio vídeo, novas sequências, antes inexistentes na linearidade original. A expectativa é de que o material possa ser exibido via projeção, streaming, em galerias ou em qualquer âmbito que as possibilidades (ou a interação de muitas delas) possam permitir (ou se fazer permitidas).

João Felipe Gonçalves (USP)

Miami como a capital do exílio cubano: a construção de uma ideologia da cidade

Poucas cidades são tão identificadas com um projeto político como Miami, tida por atores sociais nos mais diversos âmbitos como “a capital do exílio cubano”. Nessa metrópole altamente e cada vez mais multicultural, predomina entre não-cubanos de diversas origens a visão de que os cubanos são o grupo étnico dominante e de que “essa cidade pertence a eles”, ainda que isso nem sempre essa situação seja avaliada de forma positiva. Miami é com frequência apresentada, local, nacional e globalmente, como a segunda capital de Cuba, e por mais de cinco décadas o conflito entre o governo de Cuba e seus opositores exilados tem sido repetidamente visto como um conflito “entre Havana e Miami”.

Este trabalho discute a produção dessa interpretação hegemônica de Miami - um exemplo daquilo que chamo de “ideologia da cidade” - através de cinco meios: 1) representações visuais e escritas na imprensa; 2) discursos míticos sobre a história da cidade; 3) práticas de nomeação de logradouros públicos e estabelecimentos comerciais; 4) construção de monumentos e 5) intervenções no ambiente construído da cidade. Este trabalho parte do pressuposto de que a ideologia predominante sobre Miami não é um simples reflexo de realidades demográficas, políticas e econômicas, mas também é construída através de discursos sobre o espaço e de práticas espaciais.

É verdade que Miami abriga a segunda maior população cubana no mundo (depois apenas de Havana) e a grande maioria dos grupos de oposição ao governo da ilha, que sua economia em grande parte depende do enclave étnico cubano, e que desde os anos 1980 a política local da metrópole é controlada por uma elite de origem cubana. Mas discursos sobre a cidade e práticas espaciais urbanas foram essenciais na ascensão dos cubanos no grupo dominante étnico na cidade e são parte intrínseca da construção da visão de Miami como “a capital do exílio cubano”. Este trabalho discute algumas dessas práticas e discursos, como referências arquitetônicas e visuais tidas em jardins residenciais, a proliferação de monumentos de temas cubanos e de ruas com nomes de figuras políticas e culturais cubanas e o discurso de que Miami era “um campo com luz” antes da grande migração cubana. O trabalho mostra como essas práticas e discursos são imbuídas de relações de poder e têm fortes efeitos políticos, entre os quais o silenciamento da diversidade ideológica e política dos cubanos de Miami, a ofuscação de desigualdades sociais entre eles e limitações ao empoderamento de outros grupos étnicos e sociais que convivem na metrópole.

João Gabriel Rosa de Almeida (UERJ)

Régis Gomes de Oliveira (UNITAU)

A aula V de vingança: O uso pedagógico das histórias em quadrinhos

Atualmente, a cultura audiovisual está cada vez mais presente nas pesquisas acadêmicas, principalmente no campo da História. Os quadrinhos são um fenômeno cultural e mercadológico que, em um contexto mais amplo, envolvem diversas áreas do conhecimento e diversos grupos de pessoas, sobretudo os estudantes, o que será um dos focos desta pesquisa. A partir dessa problemática, o presente trabalho traz às luzes um relato de uma experiência de utilização das histórias em quadrinhos (HQs) como recurso didático nas aulas de História, em uma escola municipal de Ensino Fundamental, na cidade de Taubaté, interior de São Paulo. Intitulado *A aula V de Vingança*, este projeto foi inspirado no quadrinho homônimo de Allan Moore e David Lloyd (1989), sendo desenvolvido pelo professor Me. João Gabriel Rosa de Almeida e os bolsistas Régis Gomes de Oliveira e Alex Sandro Bonafé, do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID/ CAPES), em parceria com a Universidade de Taubaté (Unitau), no primeiro semestre de 2013. Por meio de revisão bibliográfica, os bolsistas elegeram como tema as Revoluções Inglesas do século XVII, abordadas a partir do *comic book V de Vingança*, valendo-se da atração visual e da comunicação quase instantânea do gênero dos quadrinhos para instigar o interesse dos alunos do oitavo ano do ensino fundamental pelo conteúdo escolhido. Após a leitura do *V de Vingança*, foram organizadas aulas dialógicas a partir das quais se explicitavam aos alunos os elementos constitutivos da narrativa *quadrinhesca* (linguagem verbal, linguagem icônica, balões, onomatopeias etc). Em seguida, foram abordados os conceitos de revolução, absolutismo monárquico e a noção de tolerância religiosa no processo revolucionário inglês do século XVII, estabelecendo-se correlações entre a HQ selecionada e o contexto histórico estudado. A inserção da linguagem das histórias em quadrinhos por meio do projeto *A aula V de Vingança* estimulou, de maneira lúdica, a reflexão crítica das informações e conceitos sistematizados em sala, evidenciando, durante a leitura das HQs, mais que o entretenimento, uma fascinante aventura nas aulas de História,

confirmando, assim, que a diversificação das linguagens no ensino de História é produtiva e eficaz.

João Pinto Furtado (UFMG)

Globo News em tela: Geraldo Vandré (2010) e os processos de construção e desconstrução televisivas da imagem

Tomando como referência a problemática do trânsito sócio-cultural entre o Brasil do desenvolvimentismo militar e sua re-elaboração pela memória do período, o objetivo deste texto é investigar alguns aspectos teórico-metodológicos das relações entre uma das dimensões de memória, concebida na televisão, e as diferentes linguagens segundo ela pode se expressar, em especial a linguagem televisiva. Em setembro de 2010, depois de quase 40 anos afastado das telas de televisão, o compositor Geraldo Vandré, nas palavras de seu entrevistador, "finalmente rompeu o silêncio", e decidiu falar a um jornalista da Globo News sobre suas relações com o passado recente brasileiro. A entrevista/documentário, de Geneton Moraes Neto, veiculada durante alguns dias, no mesmo veículo e a partir de então, nos aparece a princípio como um grande embate entre um homem e a manipulação de sua própria História, embate este mediado pela percepção pública de sua imagem e pela tecnologia televisiva. O trabalho de edição inicial, a princípio inaceitável pelos padrões "globais" de qualidade (o sentido de "globais" é aqui propositalmente ambivalente), apresenta decididamente uma fantasmagoria tecnológica, que prepara o campo para construir a imagem de um "velho demente". Como demonstraremos a partir da exibição de um pequeno trecho, nos primeiros minutos, enquanto a câmera passeia livremente, com iluminação explodindo em exagero, a partir de cima, ou sobre a silhueta de um homem de 75 anos, a imagem inicial do compositor/cantor só pode ser identificada a uma imagem espectral. O rosto se revela em pequenos "flashes", sempre envelhecido, frágil e amedrontado. As mãos também aparecem envelhecidas e vacilantes, o que se dá também por "encomenda" da técnica. A apresentação da matéria segue exagerada e caricatural, durante pelo menos três minutos, com o impagável narrador Sérgio Chapelin promovendo a mesma desconstrução em "off", e continua contribuindo para a reiteração desta imagem do velho ensandecido, imagem esta que só será questionada pela voz do entrevistado e pela evidente coerência subsequente de suas próprias palavras e teses. Quando finalmente recebe a palavra, o compositor vai, por seu turno, reconstituindo sua dignidade a partir de uma fala ao mesmo tempo dura e serena, como parecia ser sua música em fins dos anos 1960. O objetivo da comunicação é explorar esta tensão entre um homem, indivíduo auto-declaradamente político, constituído em sua auto-percepção, sua memória e sua imagem pública, bem como sua percepção midiática, o que será feito levando-se em consideração as premissas teóricas do projeto "História e Linguagens", ora desenvolvido pelo signatário.

Jocimara Rodrigues de Sousa (USP)

Mídia, Cultura Periférica e a Nova Agenda Cultural

O presente trabalho pretende analisar a recepção dos produtos da chamada cultura periférica, especialmente o rap, pelas classes sociais abastadas para identificar as consequências deste fenômeno nos processos de produção, difusão e recepção cultural, bem como para os sujeitos envolvidos neste processo. A análise discutirá algumas hipóteses que explicariam o interesse dos jovens provenientes das classes média e alta pela estética periférica, além de destacar as transformações ocorridas, no campo cultural, decorrentes deste fenômeno.

Entende-se também, neste trabalho, que a articulação de movimentos político-culturais periféricos, como o movimento hip hop, emergiram das populações marginalizadas como uma forte resistência à cultura hegemônica, além de se mostrarem uma relevante ferramenta de reivindicação de direitos e de afirmação identitária. Em contrapartida, esta produção cultural tem ganho reconhecimento daqueles que até então as marginalizavam.

Analisando a produção e a recepção dos produtos culturais da periferia, bem como as negociações entre seus artistas e o centro – processo complexificado pela influência da mídia hegemônica – pode-se inferir que esta interferência é relevante sobre a mudança de representações veiculadas e também sobre as mudanças dos padrões de consumo cultural das elites. Essa interpretação traz luz à discussão sobre esse processo que procuramos compreender neste trabalho, cuja principal questão orbita sobre as motivações dos sujeitos de classe média e alta para absorverem as manifestações culturais de sujeitos das camadas subalternas da sociedade. O pressuposto trabalhado é de que a mediação da crítica especializada e da mídia hegemônica, a partir dos anos 90, no Brasil, teria a autoridade de conferir a esta estética a chancela de arte. Portanto, os mediadores (críticos e mídia), à sua época, somados às transformações sociais, legitimam o discurso dos marginalizados socialmente, resignificando o locus de ação dos sujeitos periféricos.

Em resumo, o processo de resistência dos sujeitos marginalizados, produtores da cultura periférica, a mudança nos paradigmas dos gostos que legitimam essas expressões artísticas (tidas num primeiro momento como primitivas ou menores), a um lugar de destaque no cenário cultural e a participação da indústria cultural e da mídia hegemônica em todo este processo, levantam questionamentos sobre a contradição do consumo cultural da estética e do discurso dos subalternos pelos sujeitos abastados.

Joedna Reis de Meneses (UEPB)

História do amor e os enunciados dos amores não correspondidos (roedeira) na música brasileira

Nos últimos anos a produção historiográfica nacional incorporou novos campos e novas linguagens como fontes de pesquisa. A música, desse modo, se estabeleceu como uma relevante fonte documental inaugurando novas possibilidades de pesquisa. A presente comunicação se propõe a analisar as músicas compostas e gravadas nas últimas três décadas do século XX no Brasil e conhecidas como populares românticas (*bregas?*). Os ouvintes/leitores deste gênero musical se apropriam das composições/autorias e associam conceitos como amor e solidão ao sentimento de amor não correspondido, a conhecida "dor de cotovelo". Na região nordeste, principalmente na Paraíba, foi produzida uma expressão popular para designar este ouvinte/leitor sofredor: o "roedor" ou adepto da "roedeira". Compositores/autores como Waldick Soriano, Amado Batista, Lindomar Castilho, Nelson Ned, Reginaldo Rossi e Odair José são os principais representantes do estilo que se convencionou chamar de "brega" e que vêm sendo

analisados nesta proposta de pesquisa. Entre 1970 e 1990, estes compositores registraram uma expressiva popularidade e venda de discos especialmente nos anos 70 e 80 do século XX. Além de analisar a relação entre as composições e os significados a elas estabelecidos pelo ouvinte/leitor, este trabalho se relaciona com o tema das sensibilidades e suas apropriações pelo campo da história. Trata-se, portanto, de analisar conceitos como amor e ciúme na dimensão artística musical brasileira, destacando a história e o significado da palavra “*roedeira*” como produtoras de imagens sobre os homens e as mulheres que se intitulam sofredores do mal de amor.

Joelma Dias Matias (UVA)

Luz na tormenta: As epístolas de Emília Fontes e as práticas amorosas em Sergipe no século XIX

Este artigo tem como objetivo apresentar as propostas iniciais de um projeto de pesquisa que busca analisar as práticas amorosas em Sergipe no século XIX a partir da análise da obra *Luz na tormenta* (1948), de Emília Rosa de Marsillac Fontes. Pretende-se, ainda, compreender as regras socioculturais que controlavam as práticas amorosas no Nordeste brasileiro do século XIX, bem como analisar o comportamento feminino diante dessas regras. Utilizaremos também, como fontes para a pesquisa, jornais e processos criminais que tratam de litígios amorosos entre casais no período a ser analisado. As pesquisas sobre as práticas amorosas no Brasil ainda são ínfimas e no sentido de colaborarmos com a investigação sobre as práticas amorosas no Brasil e em Sergipe, pretendemos com esse estudo lançar novos olhares acerca dos costumes da sociedade sergipana relativos às práticas amorosas no século XIX.

John Lennon José da Silva (UFPE / FAFICA)

A Igreja Católica e o Estado no início do século XX: movimentos católicos, sociedade e anticomunismo no Brasil

No começo do século XX, mudanças como início da República no Brasil, surgimento de novas tendências de atuação da Igreja Católica no país, além da emergência de estratégias de autoafirmação do catolicismo tradicional, transformaram profundamente o palco das relações entre a Igreja e o Estado. O presente trabalho objetiva fazer um apanhado histórico e refletivo da atuação da Igreja Católica, enquanto instituição com características de “sociedade autônoma” no início do século XX, fazendo um apanhado sobre os conflitos e acirramentos entre o clero no Brasil e o Estado. O primeiro buscou estratégias de profunda atuação junto às camadas sociais em um processo de autoafirmação e o último, em alguns casos, toma o papel de contestador, vilão, ou defensor dos interesses da Igreja. Para compreendermos como ambas se misturam no palco das relações sociais, políticas e institucionais fizemos uso de autores como Roberto Romano e o teórico italiano Antonio Gramsci. É na primeira metade do século XX, que a Igreja Católica no Brasil vai também lentamente mudar de perspectiva pastoral, dinamizar seu trabalho de catequese frente à sociedade e as massas populares, através de movimentos do laicato como: o Centro Dom Vital, a Ação Católica, e a promoção do catolicismo tradicional por meio de grupos conversadores, sob o controle ou sem o

controle do clero. No cenário internacional será também o período em que a Igreja Católica vai consolidando uma postura combativa com relação ao comunismo, e inaugurando sua política anticomunista. Postura esta, que será sentida e propagada no Brasil, através do trabalho eclesial da Igreja, além também da utilização dos meios de comunicação como os órgãos de imprensa, sob a posse da Igreja Católica por todo o Brasil, e evocando temas como “ameaça comunista” e “comunização” do país tanto nas grandes circunscrições eclesiásticas, bem como nas pequenas circunscrições eclesiásticas do interior, como no exemplo da Diocese de Caruaru, em Pernambuco com o Jornal A Defesa. O trabalho busca compreender a atuação da Igreja nas décadas que antecedem o golpe de Estado de 1964, assim como a configuração da Igreja enquanto organização, através de um exercício de “regressão” ao passado, aludindo um dos métodos do historiador Marc Bloch, e, portanto, melhor situa a Igreja Católica no golpe civil-militar de 1964.

Jonathan Mendes Gomes (UFF)

Perspectivas de releitura da cultura cavaleiresca a partir da Literatura Técnica da Dinastia de Avis (Portugal, séc. XIV/XV)

O trabalho em questão propõe-se a analisar o conjunto literário denominado Prosa Moralística e Técnica da Dinastia de Avis, produzida a partir da ascensão desta dinastia em Portugal em 1385, dando atenção a duas importantes obras, *O Livro de Montaria* de D. João I, e a *Arte de Bem Cavalgar* de D. Duarte. Trata-se primeiramente de apresentar o papel cultural exercido pela corte que então se constituía no território português, principalmente no âmbito literário, tendo em vista a ampla produção escrita incentivada pelos príncipes avisinios, os quais inclusive se dispuseram a escrever tratados próprios, culminando com o surgimento do conjunto de obras citado.

Com este referencial desenvolve-se a ideia da importância desta literatura, unida às atividades lúdicas, como mecanismos que se propõem à difusão de novos costumes com os quais os governantes pretenderam normatizar seu círculo mais próximo de nobres. Isto porque os jogos, considerados pelos príncipes avisinios como arte, eram elementos já utilizados pela nobreza como exercícios pedagógicos voltados para atividades bélicas, passando a representar um instrumento prático para a moralização das condutas dos nobres, a serem modeladas à imagem do rei.

Ou seja, cabe identificar as diretrizes do discurso utilizado pelo Paço, que relê antigos ideais da cavalaria a favor da realeza, visando produzir novos significados aos comportamentos e sentimentos, e, desta forma, adaptar a visão de mundo desta sociedade ao novo poder vigente. Afinal, os elementos da cultura cavaleiresca não se perderam totalmente com as transformações da atividade bélica ao fim da Idade Média. Estes elementos seguiram uma apropriação e releitura por parte da cultura cortesã, tornando-se pilar dessa. Assim, os jogos cavaleirescos continuaram a exibir sua importância como instrumentos figurativos e distintivos da nobreza.

Ou seja, a preocupação com uma mudança substancial dos hábitos, seguindo a diretriz de um maior controle das pulsões e dos instintos culminou no final da Idade Média com o início da transformação dos cavaleiros em cortesãos. Através do *discurso do Paço*, o rei difundiu a ideologia moralizante e civilizadora que os cortesãos deveriam absorver e

exibir. E encontrou na prosa moralística o instrumento adequado para transmitir tais ensinamentos.

Jordan Luiz Menezes Gonçalves (UERJ)

“O Poderoso Chefão” da Baixada Fluminense - A cobertura da “sucessão” política/violência da Baixada Fluminense

Assim como no filme que deu origem ao título desta comunicação, o poder na Baixada Fluminense foi repassado, não de forma sanguínea, mas sim por formato de alianças e de mitificação da personagem. Na década de 1930, o “poder político” na Baixada Fluminense, tinha um nome muito forte em seu comando, esse era o de Getúlio de Moura, líder político de Nova Iguaçu, que ao longo de sua vida política apresentou a Baixada Fluminense o seu sucessor no “comando” da região. Esse sucessor começou a se notificar pela sua figura um tanto quanto mítica, e mais ainda pela forma que conseguira se resguardar e a forma que impôs a sua política local.

Assim como Getúlio de Moura, que tinha uma política não muito bem quista por aqueles que não habitavam a Baixada Fluminense, Tenório Cavalcanti também “herdou” de seu “Padrinho Político” o uso da violência para controlar o poder na região.

Na imprensa em geral, muitas delas ligadas ao Distrito Federal, Rio de Janeiro, como os jornais O Globo, O Dia, A Revista O Cruzeiro entre outros são aqueles editoriais que sempre trazem a vida política do Brasil, mas também separam um grande espaço para se dedicar a política da Baixada Fluminense. E para muitos desses veículos, a Baixada sempre foi comandada por uma espécie de milícia, um grupo armado que mandava e desmandava na região.

O Globo trouxe a pouco tempo em sua página na Internet, um misto de matérias que trazem como ponto alto a violência na região da Baixada Fluminense, e também a violência política - que se resume na disputa política e, portanto baseada na violência dentro da Baixada Fluminense. A Revista O Cruzeiro traz matérias sobre alguns eventos, como o Crime do Sacopã, onde eles apresentam o envolvimento - seja ele direto ou indiretamente - de Tenório Cavalcanti, o que rendeu a um livro sobre as “Memórias de Tenório Cavalcanti” que foi escrito por um jornalista da própria revista O Cruzeiro.

A finalidade dessa comunicação é apresentar ao Simpósio Temático, uma discussão sobre a política local caxiense e o processo de eventos violentos que se deu na região, onde a disputa política e por terra era muito comum e numeroso.

Jordana Caliri (UFAM)

Folhas da Província: a Imprensa Amazonense Durante o Período Provincial

Com o processo de criação da Província do Amazonas, em 1850, surgiram os primeiros jornais amazonenses, e, nas décadas que se seguiram, foram publicados cerca de 141 periódicos. Nosso estudo vem no sentido de analisar a produção destes periódicos surgidos entre 1851 até 1889, fase correspondente ao período imperial. Procuramos estabelecer o papel desempenhado por esses periódicos na sociedade amazonense e ainda estabelecer as relações entre eles, e deles com o cotidiano da cidade e de seus

habitantes. Através desse estudo, identificamos algumas características comuns entre esses jornais. Características como as críticas constantes feitas à pessoas públicas e a órgãos do governo, e também entre os próprios órgãos da Imprensa, o que era motivo de desavenças entre estes. Uma outra característica que se destaca, é, que os jornais apresentavam um aspecto mais denso, com artigos extensos, que expressavam a opinião dos autores sobre temas variados, textos carregados de subjetividade que traziam e expunham uma determinada visão de mundo. Não estavam preocupados com a notícia imediata, sendo assim na maioria dos jornais, tanto nos de maior circulação quanto naqueles que poucos números publicaram. Os jornais amazonenses desse período já publicavam um discurso em que assumiam um espaço primordial no seio da sociedade, e dessa forma, acreditamos que os mesmos já buscavam consolidar esse papel de destaque enquanto agentes no processo de constituição da Imprensa. Já a partir de 1880, sentindo as mudanças dos novos tempos, com a expansão da exportação da borracha, com a aceleração do processo de urbanização da cidade de Manaus, os jornais também passaram a apresentar novas configurações. Os extensos artigos de opinião vão sendo gradualmente substituídos pelos pequenos textos e por novos tipos de publicações em seu interior, como receitas, anedotas, dentre outros. Cabe lembrar que essa mudança não foi drástica, ela foi acontecendo aos poucos. Importante destacar também a relação com o interior do Amazonas. Os jornais da época provincial publicados na capital dão conta, em grande medida, dos problemas ocorridos no interior desse grande Amazonas. Em suas páginas, vemos desfilar cartas dos moradores fazendo denúncias sobre disputas de terras, conflitos com indígenas, crimes, etc.

Jorge Antonio Dias (FGV-CPDOC)

As Companhias de Aprendizes Marinheiros: um projeto profissional para a Marinhagem Nacional (1840-1889)

O presente estudo tem como objeto as Companhias de Aprendizes Marinheiros como instituições oriundas de um processo de consolidação do Estado brasileiro, com foco na formação profissional da marinhagem nacional no período compreendido entre os anos 1840 a 1889. Nosso objetivo é discutir as principais linhas pelas quais foi traçada a ideia de formação profissional de um grupo social distinto. Formado principalmente por indivíduos pobres, pardos, negros libertos e escravos; diante de uma cultura política de escravidão.

Jorge Garcia Basso (PUC/SP)

Agenor Miranda Rocha: A trajetória do professor e sacerdote das tradições religiosas afro-brasileiras

A proposta deste texto é apresentar os resultados parciais da minha pesquisa de doutoramento, que tem como objeto de estudo, a trajetória de Agenor Miranda Rocha (1907-2004) - sacerdote do candomblé e professor de língua e literatura portuguesa, entre as décadas de 1930 e 1970, no tradicional Colégio Pedro II, com base em seus registros de memória, como parte do corpus documental de minha pesquisa.

O *Professor Agenor*, como era conhecido, trabalhou com Anísio Teixeira, e concomitantemente à sua atuação como docente de ensino secundário, exerceu as funções sacerdotais de *Oluô* e *Olossãe* das tradições religiosas Nagô-Ketu. Nasceu em Luanda, Angola, filho de pais portugueses, Antônio Rocha e Zulmira Miranda Rocha. Seu pai era funcionário diplomático, sua mãe, atriz e fadista, foi criado na Bahia e em 1926, se radicou no Rio de Janeiro, consolidando-se num cânone da memória das tradições religiosas de matriz africana no Brasil.

A reconstituição do itinerário desse educador se justifica pelas possibilidades que apresenta para o estudo das dinâmicas sociais, nas relações entre grupos, e das circularidades culturais na formação social e cultural brasileira, o que faz dele uma referência privilegiada para o estudo historiográfico da educação e da diversidade das práticas culturais e educativas.

A pesquisa explorou acervos documentais de diferentes instituições e acervos particulares, em dois universos socioculturais distintos que se mesclaram na experiência de vida desse professor e sacerdote: o mundo da educação escolarizada e da cultura letrada e outro o mundo religioso afro-brasileiro, dos terreiros, da oralidade, das tradições e conhecimentos de matriz africana, desprestigiados e perseguidos pelo poder oficial de seu tempo.

Jorge Luiz Zaluski (UNICENTRO)

DE NOIVAS À GESTORAS SOCIAIS: a formação de meninas para o lar e a harmonia da sociedade guarapuava na década de 1980

A instituição escolar passa cotidianamente por reformas, na década de 1980 o governo paranaense tentou solucionar problemas gerados tanto por questões sociais, como aqueles por propostas educacionais mal planejadas. Percebe-se que até meados de 1990 muitas escolas lecionavam disciplinas para o ensino técnico tendo em vista uma formação para o trabalho. Em algumas das escolas de Guarapuava que aderiram àquele modelo de matriz curricular voltado à profissionalização fez pensar que homens e mulheres deveriam ocupar cargos diferentes, pois enquanto meninos tinham formações diversas, as meninas eram instruídas com a disciplina de Indústria Caseira da qual tinha como objetivo principal uma formação para tornarem-se futuras donas de casa. Entre os materiais produzidos por professoras, alunas e demais envolvidos com a educação percebe-se que tal instrução envolvia a aprendizagem do que seria de fundamental para a construção de um lar administrado pela família, mas que caberia ao homem ser o chefe enquanto a mulher além das atribuições de dona de casa estaria responsável pelo desenvolvimento harmonioso da sociedade. Tendo como fundamentação os estudos de Joan Scott da qual utiliza a categoria de gênero como análise, pois percebe que homem e mulher são construídos socialmente, esta comunicação tem como objetivo versar sobre a construção do feminino, das diferenças entre ser homem ou mulher em Guarapuava na década de 1980, construção esta vinha sendo reforçada no próprio âmbito educacional. Tal pesquisa conta com diferentes tipos de fontes, entre elas destaco os cadernos produzidos pelas discentes da época, materiais estes que permitem visualizar não apenas regras, comportamentos, aparência, dentre outras características que se esperava de uma mulher, mas sim um universo de relações entre homens e mulheres da qual se tentava firmar posições para manter uma suposta harmonia social.

Jorge Nóvoa (UFBA)

O inferno “são os outros”? representações de um “Fascismo Espontâneo” referidos à imigração no cinema europeu

É um fato cada vez mais incontornável a ascensão do fascismo organizado na Europa, mas também daquele que se manifesta através de atitudes “espontâneas” que não têm aparentemente nenhuma relação com a difusão organizada da propaganda nazifascista. Nossa preocupação aqui é verificar como os referidos elementos espontâneos, não diretamente políticos, se reproduzem no cotidiano de países como a França, a Alemanha e se fazem representar mais ou menos conscientemente em películas cinematográficas diversas. Um dos setores sociais que têm de modo permanente vivido a presença persistente de um “fascismo” cotidiano, é aquele dos imigrantes. Nele se concentram, em grande parcela, as preocupações de setores da sociedade, na Europa que vêm os imigrantes como o repositório das causas das mazelas da crise e dos problemas de cada país.

A crise do capitalismo se aprofundou ao longo do século XXI, muito particularmente na sua dimensão econômica, social, mas também política e cultural. As causas das duas guerras mundiais, que mataram algo em torno de 150 milhões de pessoas, se perpetuam em guerras “menores” que junto aos elementos de desagregação produzidos pelos processos de reprodução desigual do capital terminam produzindo um número enorme de imigrantes. A situação tende a se agravar. Segundo a ONU se tem hoje o maior número de refugiados desde a Segunda Guerra mundial. Em torno de 250 milhões de indivíduos vivem longe de seus países de origem. Os conflitos vividos por imigrantes são inevitáveis. Dois filmes nos ilustram o fenômeno, um pessimista na Alemanha e outro na França mais otimista: **O medo devora a alma** (Rainer Werner Fassbinder, 1974) e **As mulheres do sexto andar** (de Philippe Le Guay, 2011). Neles buscaremos identificar as manifestações de um “fascismo espontâneo” que imana das relações sociais preexistentes.

José Adilson Filho (UEPB / FAFICA)

A morte e a festa do líder: estratégias de mitificação do ex-governador Ronaldo Cunha Lima da Paraíba (2012)

Esta comunicação pretende discutir a morte do ex-governador Ronaldo Cunha Lima, sobretudo as estratégias usadas por aliados e familiares para sacraliza-lo na memória social como uma grande liderança e “mito” político paraibano. Para isso tentamos analisar a ritualística em torno do seu corpo, através da forma teatral e espetacularizada como ela ocorre no Parque do Povo, espaço-emblema dos maiores eventos da cidade de Campina Grande, a exemplo do “Maior São João do Mundo”. O Parque do Povo construído por Ronaldo Cunha Lima quando prefeito na década de 1980 servirá como locus de sacralização do seu criador, a partir de dois momentos singulares: o velório e o primeiro ano da morte do político-poeta. Este último alterou a data dos festejos juninos, já que sua morte ocorreu uma semana após o fim deste grande evento cultural. Trata-se de um tema extremamente contemporâneo, próximo daquilo que chamamos de

História Imediata Para fundamentar nossas reflexões buscamos nos apropriar simultaneamente das contribuições da História Cultural e da Nova História Política, mais especificamente através dos conceitos de representação, imaginário e teatralização, tomados por empréstimos de autores como Peter Burke, Marc Bloch, Balandier, entre outros. E privilegiamos como fontes para a referida algumas entrevistas com aliados e familiares, além de imagens e notícias de jornais e sites paraibanos.

José Antônio Loures Custódio (UFG)

Pepita de Souza Afiune (UEG)

A imersão nos Games e as possibilidades de representação histórica

O artigo analisa a influência que três *games* recebem das histórias em quadrinhos e do cinema, e de qual forma momentos históricos são retratados em sua narrativa. Ambos os jogos são situados em períodos históricos da humanidade. A Primeira Guerra Mundial ambientada pelo game “*Valiant Hearts*”, possuidor de diversas características das histórias em quadrinhos, como por exemplo os seus personagens, esses que não se comunicam pela voz, e sim por balões. A Renascença italiana em “*Assassin’s Creed II*”, aqui todo o esplendor arquitetônico foi recriado digitalmente, junto a participação de personalidades históricas, como Maquiavel, a família Bórgia e Leonardo Da Vinci, e como pano de fundo uma fictícia conspiração milenar. Em “*Civilization*”, a formação e desenvolvimento de grandes civilizações é o seu principal objetivo, mas cabe ao jogador acompanhar uma determinada civilização através das eras, desde o homem nômade à exploração espacial, com a possibilidade do jogador escolher qual religião, tecnologia e política do seu povo. O artigo adentra não apenas em análises visuais e narrativas, mas também nas possibilidades de imersão apresentada aos jogadores por esses jogos. Sendo estes, objetos de interação com o indivíduo, à medida que recriam um verdadeiro mundo paralelo. Estes *games* oferecem possibilidades de aventuras, permitindo o contato com outras realidades. Deste modo a proposta é a discussão acerca de fatos, personagens históricos e a arte nesses jogos, cuja a influência das histórias em quadrinhos e cinema se mostra presente.

José Bezerra de Brito Neto (UFPE)

Memórias políticas da profissionalização do artista plástico em Pernambuco: o caso do boicote a Bienal Nacional de Artes de 1970

Em resposta ao boicote feito à X Bienal de São Paulo, de 1969, marcada pelas arbitrariedades de um regime ditatorial, pelas manifestações coletivas contrárias às injustiças, e pela forte consciência social dos artistas e críticos de arte, Francisco Matarazzo Sobrinho e seus agentes culturais criaram uma espécie de “Pré- Bienal” ou I Bienal Nacional de São Paulo em 1970. Este certame foi criado para escolher a representação brasileira que participaria das Bienais Internacionais de São Paulo, realizando seleções prévias por todo Brasil de artistas locais que iam compor um salão apenas nacional. O objetivo deste artigo é analisar a tentativa do Boicote empreendido pela Associação de Artistas Plásticos Profissionais de Pernambuco a Pré Bienal realizada em Recife em julho de 1970. Mapeando o tenso campo de relações estéticas e políticas,

desenvolvidas por diversos artistas plásticos nos jornais pernambucanos da época. Narrativas estas marcadas pela censura, justificativas temerosas, resistências e táticas estéticas diante do grande evento, a Bienal de São Paulo, que se apresentava enquanto um dispositivo de poder e saber que gerenciava o campo artístico nacional durante os anos da ditadura civil e militar.

José Henrique Bortoluci (University of Michigan)

A descoberta do viver periférico: visões da casa e do popular na arquitetura paulista da década de 1970

Este trabalho trata da relação entre arquitetos paulistas e as questões do “povo” e da “habitação popular” – tanto enquanto construções discursivas quanto como realidades urbanas na São Paulo dos anos 1960 e 1970. A temática da habitação sempre foi central no discurso dos arquitetos paulistas, em suas múltiplas manifestações e plataformas. Nesse sentido, eles não se distanciam dos debates arquitetônicos centrais no modernismo europeu, norte-americano e soviético, assim como de outras sociedades periféricas ou de outras manifestações do modernismo no Brasil. Contudo, a forma como essa temática aparece nos discursos e nas práticas desses arquitetos é diretamente afetado pela formação do campo arquitetônico local e pela forma como este refrata as gramáticas políticas (sobretudo de esquerda) que circulam entre a intelectualidade brasileira - e paulista em particular. Este trabalho focará na passagem dos anos 60 para os anos 70, quando a relação entre arquitetos e as populações pobres periféricas passa por uma primeira virada. Nas décadas de 1950 e 1960, o debate arquitetônico na arquitetura (brutalista) de São Paulo é dividida entre um experimentalismo formal e tecnológico, sobretudo em residências burguesas, e um ímpeto industrializante que supostamente permitiria levar habitações modernas à crescente população periférica da cidade. Contudo, a imaginação acerca do “povo” que circula no campo à época é muito menos informada por uma experiência real de contato com essas populações e seus ambientes de vida, e muito mais uma por visão ou simplificada ou mítica acerca desses, em muito influenciada pelo nacional-desenvolvimentismo dominante entre as elites intelectuais do período. Já em fins da década de 1970, começam-se a criar os primeiros canais que conectam o campo arquitetônico diretamente às experiências vividas dessas populações – entre eles, a publicação do importante livro sobre habitação popular a construída de Carlos Lemos e Maria Ruth do Amaral Sampaio e a crítica à casa popular levada a cabo por Sérgio Ferro. Esse primeiro contato com a habitação popular e as populações periféricas lentamente se associa a uma crítica às práticas projetuais, construtivas e profissionais que marcaram a escola dominante da arquitetura paulista, dominada pela figura de Vilanova Artigas, e pelas rotinas de visita às regiões periféricas da cidade que passam a marcar parte do ensino de arquitetura na década de 1970. Este artigo traça um panorama desses vários canais e das consequências dessa “descoberta do viver periférico” na gramática política que orienta os discursos e práticas dos arquitetos paulistas progressistas a partir desse período.

José Luís de Oliveira e Silva (UFPI / UFG)

O Evento Cipriano e os desafios postos pela narrativa cinematográfica à prática historiográfica

O presente trabalho analisa as formas através das quais o longa-metragem *Cipriano* (2001), aceito como sendo a primeira produção piauiense no gênero, significa o universo sertanejo e como esses significados dialogam com as estereotípias que historicamente se fizeram referências para pensar o sertão. Parto de uma ampla problemática que envolve a relação História e Cinema, a partir da qual procuro estabelecer as possíveis relações entre a narrativa ficcional e as refigurações das experiências frente ao tempo, aos discursos de identidade e memória e à criação de significados afetivos para os espaços. Para tanto, aceito o pressuposto de que a linguagem, ficcional ou não, enquanto construção histórica, é atravessada por temporalidades e, por isso, pode funcionar como um suporte para a compreensão das formas como, numa dada configuração, o ser humano se põe no mundo, se constitui como ser histórico-temporal. A partir desse exercício historiográfico se (re)construiu o que nomeei de *Evento Cipriano*, ou seja, o universo discursivo formado pelo filme, pelas narrativas carregadas de expectativas em relação à memória e à identidade do ser piauiense e, finalmente, pelas diversas formas de se apropriar da obra.

José Luiz Xavier Filho (UFAL)

Identidade negra no contexto pós-colonial: construção do sujeito negro

A história do Ocidente limitada por uma visão eurocentrista, quase sempre tratou como não relevante à história de outras regiões. Esse olhar, que tem subordinado e diminuído a importância de outros povos e que apresenta a Europa como eixo do movimento evolutivo, foi impulsionado desde a Antiguidade. A África, desde então, passou a ser vista como distante, como uma região sem importância. Ao contrário do que prega essa versão estereotipada das populações e das culturas africanas, o continente foi palco de uma ampla e complexa diversidade histórica, que começa com os primórdios da humanidade. Somos herdeiros da civilização europeia ocidental e temos, desde o início, uma história oficial: é a versão escrita pelos cronistas fortemente marcada pela ação dos grupos sociais predominantes, isto é, a história conservadora do branco vencedor. E a história dos negros? Dessa forma, é urgente que se resgate a trajetória de um continente que contribuiu de maneira evidente para a constituição de várias civilizações. O trabalho propõe a teorização acerca da formação da(s) identidade(s) do sujeito pós-colonial, com o propósito de compreender de que forma as identidades desses indivíduos são forjadas nas relações de poder estabelecidas após o colonialismo.

José Maria Almeida Neto (UFC)

O reinventar das táticas e das estratégias no cotidiano dos sujeitos da cidade: um estudo sobre os usos da Praça de Pelotas (1880-1920).

O estudo pretendido trata-se da aplicação de duas categorias relevantes aos estudos de Michel de Certeau em sua obra *A invenção do cotidiano*; para tal invertida permitimos tomar o espaço da cidade, especificamente Fortaleza/CE, e ainda com maior particularidade o lugar em que foi constituída a Praça Visconde de Pelotas (atual Praça Clóvis Beviláqua) para discutir tais invertidas na ordem do cotidiano. A intenção é

propor, através daquilo que M. de Certeau denominou de “táticas” e “estratégias”, o reconhecimento das práticas de moradia no espaço desta praça específica. O objeto, como em quase todo trabalho de História, é fruto da ação de sujeitos históricos, não procuramos entender a Praça apenas no seu sentido físico, mas propondo operações e modo de leituras que permitam, embora superficialmente, entender as diversas maneiras de lidar com o cotidiano elaborando vetores sociais. Através do olhar lançado sobre as décimas urbanas da cidade de Fortaleza para o ano de 1890, assim como utilizando crônicas, jornais, lista telefônicas e fotografias refletimos sobre as propostas de ocupação ordenada da cidade e as maneiras diversas de ‘desviar’ das tais maneiras de controle. A cobrança do imposto predial revela em nossa leitura muito mais que o valor cobrado por residência, em certa medida, permite entrever táticas ‘burlando’ estratégias. A reclamação feita ao dono do jornal ou os assinantes de linhas telefônicas são frestas do passado, assim como a materialidade construída no entorno da praça possível de ser identificada com a fotografia. É válido nesse instante apresentar, ainda que seja minimamente, em que consiste nosso objeto material de estudo: a Praça Visconde de Pelotas. As reflexões que aqui propormos estão conjecturado no interstício do final do século XIX, principalmente na última década, e a primeira década do século XX. as práticas dos sujeitos expõem “as mil maneiras de fazer com”, o que proporciona uma inversão da perspectiva ordenada. Vislumbra-se o cotidiano pelo olhar da inventividade e do jogo de desafios no binário dominador/dominado, no qual é subvertida a dominação. Ao tomar estas categorias - estratégia e tática - somos desafiados a enxergar no cotidiano dos sujeitos as diferenças que os distinguem entre a massa enganadoramente homogênea das cidades; além disso, estas categorias ajudam a perceber as ‘microresistências’, que por vezes formam ‘microliberdades’, instaurando as fronteiras de deslocamento da dominação.

José Maria Vieira de Andrade (UFPI)

Cidadania e questões raciais na produção intelectual de Clovis Moura

Tendo em vista algumas formas de discutir o pensamento racial, oferecidas por novas perspectivas de análise que surgiram no campo dos estudos culturais nos últimos anos, visualizamos, por meio deste trabalho, a possibilidade de realização de um estudo do pensamento racial no Brasil, na segunda metade do século XX. No período em questão, forjou-se uma nova concepção do trabalho intelectual e novas e radicais interpretações da nacionalidade cultural brasileira. Paralelamente, ocorreram também vários esforços revisionistas nos estudos sociais, sobretudo nas discussões de cunho histórico-sociológica. Uma parcela significativa dessas reflexões tomará a questão da história do negro como categoria fundamental para repensar formação social do país. Exemplo disso é o que podemos encontrar entorno da atuação e produção de Clovis de Assi Moura (1925-2004), sujeito dono de uma vasta produção bibliográfica sobre o negro e as questões raciais no processo de formação da sociedade brasileira e que transitou pelos mais diversos campos de atuação no meio intelectual do país, na segunda metade do século XX. Tomando a produção e atuação desse sujeito transitivo como pretexto para uma análise dos dilemas intelectuais do período, nossa proposta de trabalho coloca em questão alguns dos principais livros publicados por Moura, especialmente o livro “Rebeliões da senzala”, de 1959, procurando responder a questionamentos que, na nossa concepção, ainda seriam carentes de estudos mais aprofundados, tais como às indagações sobre como a questão da cidadania foi pensada no Brasil no recorte temporal

em questão? Ou ainda, sobre como essa respectiva idéia de cidadania se relaciona com a reviravolta revisionista presente no pensamento racial de Clovis Moura? Em que medida a proposta de cidadania racial presente nos textos de Moura se relaciona com outras propostas estrangeiras sobre a questão racial? Por fim, como Clovis Moura articula em torno de sua produção historiográfica as noções de tradição cultural afro-brasileira e os anseios de um Brasil Moderno, presente nos movimentos intelectuais brasileiros da segunda metade do século XX, com os quais interagiu?

Josiane das Graças Adorno (UFG)

O memorial Serra da Mesa e a cidade de Uruaçu (GO): notas de pesquisa

Propomos nesta comunicação uma breve apresentação sobre o sentido institucional e cultural do Memorial Serra da Mesa para a região em que está sediado- Uruaçu/GO; entendendo-o como uma instituição relacionada com a história do lugar (a cidade de Uruaçu, o Lago Serra da Mesa) e como espaço de memória do lugar que as águas da Usina Hidrelétrica Serra da Mesa, onde se formou o Lago Serra da Mesa, sepultaram em definitivo. Observamos que a ligação geral do Memorial é com o cerrado e com a construção dessa Usina Hidrelétrica que deixou um saldo de: 36.000 hectares do cerrado e/ou 1784 km² do cerrado submersos. Contudo, a relação imediata do Memorial é com a cidade de Uruaçu, nesse sentido, entendemos que a história de Uruaçu justifica a necessidade do Memorial e esses são os principais aspectos a serem tratados nessa comunicação.

Esta comunicação apresenta resultados parciais da pesquisa que desenvolvemos no Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

Josilene Silva Campos (UEG)

Anticolonialismo, literatura e imprensa em Moçambique

Na luta contra o colonialismo português, os escritores moçambicanos incorporaram o papel de matizes de um novo pensamento e de um novo tempo que se deseja, assumiram o desafio de serem agentes mobilizadores e modificadores da sociedade. A literatura figurou como uma importante arma ideológica de contestação do colonialismo, ao ser uma das transmissoras dos ideais de ruptura e libertação. Sua formação passou pelo ideal nacional, “no discurso literário, o nacionalismo foi a antecipação da nacionalidade, modo específico da escrita se naturalizar como própria de uma Nação-Estado em germinação”. (LARANJEIRA, 2001, p.185).

A divulgação dessa produção poética era realizada basicamente pelos periódicos. A imprensa se configurou como meio privilegiado de divulgação do pensamento de contestação a relação entre jornalismo, literatura e reivindicação da autonomia frente a Portugal caminham juntos. Serão os jornais uma das formas usadas pelos intelectuais moçambicanos para fazer suas ideias circularem entre a população, entre seus pares e a comunidade internacional da época. Serão esses intelectuais os responsáveis pelos movimentos nacionalistas e posteriormente pela organização da luta de libertação nacional.

A importância dessa literatura reside no fato de que ela é uma das primeiras expressões organizadas a nível nacional e internacional contrárias ao colonialismo e que gestam um discurso

fundador alinhado com o anti-colonialismo e com o ideal de independência. Conforme apresenta LEITE (2008) “a nacionalidade literária precede normalmente a nacionalidade política” (2008, p.49) essa poesia funda um discurso que promove uma ressignificação da ideia de Moçambique que “se faz numa relação de conflito com o processo de produção dominante de sentidos, aí produzindo uma ruptura, um deslocamento” (ORLANDI, 1993, p.25). Junto com a poesia, formava-se também o ideal nacionalista que se transformaria em força revolucionária. “Não causa espanto, portanto, que nas vozes de seus poetas se façam ouvir cantos armados de combate e afirmação de nacionalidade” (MACÊDO e MAQUÊA, 2007, p.148).

Joviana Fernandes Marques (UFJF)

ESBOÇANDO A NEW WOMAN: O papel da ilustração na construção de um novo olhar sobre as mulheres americanas no final do século XIX

O final do século XIX nos Estados Unidos viu a difusão massiva de revistas emergir como forte disseminadora e criadora de estereótipos femininos. As novas técnicas de impressão, aliadas a um aumento nas taxas de alfabetização, possibilitaram um crescimento expressivo na circulação e edição de revistas, que se tornavam mais baratas e acessíveis a públicos mais amplos. Neste cenário a “Nova Mulher” americana ganhava forma, nascida das linhas de ilustradores que criavam *personas* femininas em posturas de oposição às velhas fórmulas vitorianas. Influenciando centenas de americanas, tais representações rumaram à uma ampliação das estreitas fronteiras de gênero da época. O surgimento de imagens que mostrassem a mulher ocupando espaços públicos, trajando roupas mais confortáveis e ostentando um semblante de confiança e poder aguardou até o final do século para virem à tona pela obra de artistas como o americano Charles Dana Gibson e sua contemporânea, Nell Brinkley. A *Gibson Girl*, exaustivamente impressa em capas de revistas do período, tornou-se símbolo da mulher americana, incorporando mudanças que se tornaram palpáveis nas transformações históricas da segunda metade do século XIX. Embora ainda mantivessem presentes elementos identificadores da imagem tradicional feminina (como a educação, a beleza e postura), as garotas ilustradas por Gibson cruzavam sutilmente a linha que mantinha bem delimitado o papel da mulher como personificação do ócio e matronas incontestes do lar. Mais engajadas que as produções de Gibson, as ilustrações de Brinkley revelavam uma mulher ávida por maior liberdade, refletindo aspectos e posturas adotados pela própria ilustradora. Suas produções incluíam desde operárias fabris e trabalhadoras rurais à mulheres que possuíam uma carreira consolidada, resultando em uma espécie de *Gibson Girl* feminista. A presente comunicação pretende abordar a importância da produção ilustrativa dos dois artistas citados, ambas publicadas de forma massiva em revistas da época. Desta forma, pretendemos investigar como tais representações contribuíram para a ampliação do olhar sobre a questão de gênero bem como da ocupação de novos espaços pela mulher americana do *fin-de-siècle*.

Juan Manuel Fernández (Universidad Nacional de Córdoba)

João do Rio em Buenos Aires, a Cidade Espelho do Gaúcho Histórico

Em março de 1915, Paulo Barreto, dito João do Rio, escritor e diretor do jornal *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), viajou pra Buenos Aires com motivo de fazer de sua crônica a cobertura da assinatura do Pacto ABC entre Argentina, Brasil e Chile, e pra dar conhecer aos leitores a singularidade da metrópole mais famosa do Cone Sul. A serie de crônicas *Viagem a Buenos Aires* oferece a possibilidade de reconhecer a sua interpretação dos imaginários do presente cultural argentino, cuja principal referencia é a própria urbe, mas também a sua intervenção nas disputas em torno a constituição duma identidade cultural diferenciada, ao mesmo tempo homogénea, no contexto de pactos de integração regional e continental nas primeiras décadas do século XX.

Júlia de Quevedo Manzano (UFRGS)

Gabriel Fleck de Abreu (UFRGS)

Pessoal e político na mesma página: vozes no jornal alternativo Nós Mulheres de 1976 a 1978

O *Nós Mulheres* foi um jornal que circulou entre 1976 e 1978, totalizando apenas oito exemplares. Ele se enquadrava dentro do grupo de jornais alternativos bastante produzidos no Brasil nos anos 60 e 70 e defendia a bandeira feminista, que começava a se destacar na época. O periódico surgiu em São Paulo, tratando de assuntos comuns aos jornais de embate à ditadura civil-militar brasileira – como a anistia e a luta pela volta das liberdades democráticas – e também de aspectos voltados para as mulheres, como o aborto, a violência doméstica e a sexualidade. Era um jornal feito por mulheres e para mulheres.

A proposta desta comunicação é analisar o *Nós Mulheres* a partir de sua inserção nos debates do feminismo de segunda onda que, no Brasil, surge vinculado com a luta contra a ditadura e associado à luta de classes, sendo muitas vezes considerado como uma luta secundária que segmentava a esquerda por desviar o foco da luta pela ampliação do espaço político, originando problemas tanto entre movimentos feministas e outros setores da esquerda, como também dentro dos próprios movimentos.

Julia Galli O'Donnell (IFCS/UFRJ)

“Como se não pertencessem à capital”: mediação e conflito na invenção dos subúrbios cariocas (1900-1910)

A apresentação se baseia numa pesquisa ainda em curso, na qual busco compreender as formas de inserção simbólica dos bairros suburbanos na cartografia carioca do início do século XX. A partir de matérias da grande imprensa e da imprensa de bairros suburbanos no período, a pesquisa visa evidenciar as muitas negociações em torno do lugar material e simbólico dos subúrbios no momento em que eles passavam a ser debatidos como parte mais ampla das questões urbanas da então capital da República. Nesse sentido, procuro ainda pensar o lugar da imprensa como instância de mediação fundamental à constituição do espaço urbano, uma vez que através dela os habitantes da cidade acabavam por constituir mapas e itinerários políticos e afetivos num momento de grandes transformações urbanas.

Julia Soares Leite Lanzarini de Carvalho (PUC/Rio)

Benvinda a mulata: a presença negra na Capital Federal de Artur Azevedo

Durante muito tempo, reproduziu-se no meio acadêmico uma visão bastante negativa em relação à literatura brasileira do século XIX. Estudiosos de diferentes áreas buscavam caracterizá-la como simples imitação do que vinha do Velho Continente, afirmando que a realidade nacional, por ser considerada inferior por seus autores, passava ao largo de toda essa produção. Tendo isso como pressuposto, a crítica literária desvalorizava todas as obras e encenações dramáticas brasileiras anteriores à primeira montagem de *Vestido de Noiva*, de 1943.

Nos últimos anos, novos estudos têm procurado romper com essa tradição e evidenciado como a literatura do XIX, inclusive a teatral, comprometida com a tarefa de forjar uma identidade brasileira, não apenas discutia a questão da cultura popular de matriz africana como muitas vezes buscava valorizá-la, com o intuito de marcar a originalidade do povo brasileiro.

Este trabalho procurará contribuir com essas novas perspectivas. Para isso, será analisada a personagem Benvinda, mulata da peça de Artur Azevedo intitulada *A Capital Federal*, que estreou no Rio de Janeiro em 1898. A ideia central é que esta análise deixará entrever como tal peça, apesar de explicitamente influenciada pelo que era produzido na Europa, não pode ser encarada como um simples mimetismo estrangeiro, já que podia ser lida como expressão de uma “versão otimista das originalidades culturais nacionais (...) e até mesmo dos próprios descendentes de africanos e escravos”. O mais interessante, entretanto, será examinar em que sentido e de que forma essa possibilidade de leitura estava em intenso diálogo com o universo de encontros, trocas e disputas simbólicas e sociais do Rio de Janeiro Oitocentista, não simplesmente refletindo, mas alimentando, amplificando e o reconfigurando.

Juliana da Costa Ramos (UFRPE)

Ana Lúcia do Nascimento Oliveira (UFRPE)

Patrimônio, Museu e a Escrita do Passado

A partir de uma breve prospecção historiográfica a respeito do conceito de patrimônio cultural buscamos refletir sobre como esse termo foi apropriado historicamente, quais as implicações de seus usos no tempo presente e de que maneiras as instituições museológicas, como espaços consagrados da memória e do patrimônio, articularam discursivamente tal conceito e produzem ainda na atualidade narrativas históricas por meio da exposição de elementos da cultura material e dos bens de memória, (re)produzindo lugares sociais, sujeitos e histórias. Essa trajetória nos inclina a problematizar o papel da instituição museológica na construção de narrativas históricas por meio da análise sobre como circuitos expositivos comunicam e fazem circular junto à sociedade representações do passado. Entretanto, para isso é preciso compreender como as exposições, desenvolvidas por certas tipologias museais, são apropriadas como narrativas históricas e as implicações da instauração desses discursos no imaginário social.

O que nos leva a refletir sobre o lugar da instituição museal como um dispositivo de poder-saber, no tempo presente, perante as problemáticas em torno dos conceitos e perspectivas de identidades e representações coletivas instituídas pelos museus ao longo de suas trajetórias, já que tais instituições têm se configurado no último século como referência sobre a história material da sociedade contemporânea. Sobretudo, vale salientar de que maneira os circuitos expositivos operam os discurso de saber. Deste modo nos propomos trazer a baila tais reflexões a fim de compreender que práticas sociais e que categorias de pensamento tornaram, ou não, os discursos expográficos dos museus, balizas no que diz respeito à produção de narrativas históricas e representações coletivas de identidade e memória, tomando como objeto de análise o Museu do Homem do Nordeste e o modo como tal instituição construiu através de sua prática uma representação de identidade nordestina a partir da representação da experiência coletiva de nordestinidade.

Juliana de Souza Silva (FEUSP)

AUTOAJUDA E EDUCAÇÃO: o teor das teorizações voltadas a professores

O trabalho que ora se apresenta é parte da dissertação de mestrado intitulada, "A formação e o trabalho docente: um estudo das teorizações acerca das dimensões pessoais no exercício da profissão" defendida na Faculdade de Educação da USP. O trabalho buscou estudar aspectos relativos à formação e ao exercício do trabalho docente, em particular os ligados às dimensões pessoais e às identidades dos professores. Um tipo especial de fontes foi examinado para que se conheçam elementos considerados importantes pelos docentes no exercício de seu ofício, trata-se de livros que facilitam conhecimentos e fornecem conselhos práticos aos professores, constituindo quase uma "literatura de autoajuda pedagógica" procurando apelar para dimensões subjetivas envolvidas no trabalho docente. No caso do presente estudo foram analisados alguns livros voltados a professores de autoria de Augusto Cury e Gabriel Chalita, ambos vastamente conhecidos no meio educacional. Dentre os objetivos do presente trabalho destaca-se: analisar as características internas das obras selecionadas e, para isso, recorreu-se à análise de livros previamente selecionados. Nas análises foram levadas em consideração questões relacionadas à forma de organização do campo educacional e aspectos relacionados à materialidade e ao conteúdo dos livros estudados. Os autores que dão força às análises empreendidas no estudo são: Roger Chartier com seus estudos acerca da materialidade dos livros e das possíveis apropriações dos mesmos; Pierre Bourdieu e seu conceito de campo, aqui utilizado para discutir o trânsito dos autores supracitados por diversos campos, entre eles o campo educacional e Israel Scheffler e seus estudos acerca das metáforas e slogans educacionais. A investigação nos permitiu apontar características dessas obras quando voltadas à educação, já que, essas guardam formas próprias de tratar essas questões. Também foi possível indicar a posição ocupada, inserção e possibilidade de trânsito de seus autores nos campos educacional, religioso e político.

Juliana Gesuelli Meirelles (UNICAMP)

Luís Joaquim dos Santos Marrocos: fonte histórica e diálogo com a historiografia

Luís Joaquim dos Santos Marrocos foi *escolhido* para fazer a segunda travessia dos caixotes da real biblioteca d'ajuda para o Brasil. Durante o período joanino, o ajudante de bibliotecário compôs quadro de funcionários da Real Biblioteca do Rio de Janeiro (tanto na fase de estruturação como nos primeiros anos de vigência deste *locus* de cultura na *nova corte*) sendo, portanto, uma uma figura central do universo letrado luso-brasileiro no início do Oitocentos.

Sob essa perspectiva, e considerando que a ampla produção epistolar de Luís Joaquim dos Santos Marrocos ao longo de dez anos (1811 -1821) compõe uma excepcional documentação do período joanino, a comunicação tem como objetivo fazer uma leitura mais abrangente do personagem a partir de três vieses: 1. A compreensão dos *sentidos possíveis* de sua narrativa tendo em vista que seu pai, Francisco José dos Santos Marrocos, também bibliotecário da Real Biblioteca d'Ajuda foi seu maior interlocutor. 2. discutir as correspondências de Marrocos concebendo-o como um súdito ilustrado de pouca visibilidade em busca de ascensão social na nova corte; 3. Marrocos como um funcionário público em busca do reconhecimento real que conhece em profundidade a estrutura e funcionamento da Real Biblioteca do Rio de Janeiro e, portanto, nos coloca diante de indícios importantes sobre a complexidade da cultura letrada do período joanino.

Juliana Mastelini Moyses (UEL)

Ana Carolina Ribeiro (UEL)

O jornalismo à sombra dos acontecimentos: uma análise fílmica de Boca de Ouro

Em 1962 Nelson Pereira dos Santos é procurado por Jece Valadão que o convidará para assinar a direção de uma adaptação para o cinema de Boca de Ouro - peça escrita por Nelson Rodrigues. Jece havia conquistado um grande público recentemente com *Os Cafajestes* e queria aplicar os recursos que levantou com o filme em outra produção cinematográfica com apelo popular. O resultado foi uma obra que não se acomoda dentro do que se enquadra como uma estética do cinema novo - grande síntese estética daquele momento e da qual a filmografia de Nelson Pereira dos Santos é um dos grandes expoentes. Nelson Rodrigues era renegado pela esquerda como um autor "reacionário". O cinema novo seguia uma orientação de esquerda e isto contribuiu decisivamente para que essa primeira adaptação de uma peça de Nelson Rodrigues ficasse envolta numa bruma de indiferença e silêncio da crítica, embora tenha sido um sucesso de público.

O artigo que aqui propomos se pauta por uma análise fílmica dessa obra tomando como base as formulações teóricas de Maurice Mouillaud sobre o acontecimento assim como esse é tratado pelo jornalismo (tema da peça de Nelson Rodrigues adaptada por Nelson Pereira dos Santos). Inserindo-se no âmbito do pós-estruturalismo, Mouillaud considera as notícias como construção, o que na perspectiva das teorias do jornalismo (Nelson Traquina) o enquadra como um etnoconstrucionista. É essa convergência entre as teorizações de autores como Deleuze e Guattari, Clement Rosset e as questões da análise do discurso que Mouillaud evoca para discutir o estatuto do jornalismo. O filme de Nelson Pereira dos Santos serve-nos então de objeto para uma análise de como esse estatuto é pensado. O jornalismo como superfície na qual se inscreve a parte da sombra que delimita os acontecimentos em seu sentido histórico.

Juliana Maués Silva Clarino (UDESC)

Norberto Dallabrida (UDESC)

A perspectiva de Jayme Abreu sobre a reforma do ensino secundário na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1955-1964)

O presente trabalho pretende, a partir das noções de produção, circulação e apropriação enunciadas pelo historiador Roger Chartier, analisar a circulação dos ideais de renovação pedagógica expressos nos estudos de Jayme Abreu sobre o Ensino Secundário no contexto no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). O CBPE constituiu-se como órgão de fundamental importância na gestão de Anísio Teixeira (1952-1964) no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Fundado entre 1955 e 1956 o CBPE funcionava como centro coordenador das pesquisas e estudos, constituiu-se, portanto, como órgão que reunia os principais educadores e cientistas sociais brasileiros no audacioso projeto de promoção do desenvolvimento de pesquisas sobre educação para dar subsídio às políticas públicas. Membro da equipe de Anísio Teixeira entre 1952-1964, Jayme Abreu participou ativamente do projeto pedagógico renovador de cunho escolanovista empreendido nesta gestão e produziu importantes estudos e diagnósticos acerca do Ensino Secundário nacional; além de técnico e gestor da equipe anisiana, Abreu foi um intelectual da educação que fomentou com seus escritos a consolidação da pesquisa em educação e a renovação do campo teórico e pedagógico alicerçado sobre os preceitos da Escola Nova. A proposta de renovação pedagógica inscrita nos textos aqui analisados, vai de encontro à reforma de cunho conservador e nacionalista promulgada pelo então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em 1942. Para compreender qual a perspectiva de renovação pedagógica expressa nas publicações de Abreu, este trabalho, almeja debruçar-se sobre os seguintes artigos de sua autoria publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP): “A educação secundária no Brasil”, “Pesquisa e planejamento em educação”, “Escola Média no Brasil”, “Educação e desenvolvimento”, “Ensino médio brasileiro: tendências de sua expansão”, “Educação e desenvolvimento – uma colocação do problema na perspectiva brasileira” e “Classes Secundárias Experimentais: balanço de uma experiência”, publicados respectivamente nos números 58, 63, 88, 88, 89, 91 e 91 da RBEP. A revista em questão circulava no campo educacional entre 1955 e 1964; uma das publicações oficiais do INEP, desde seu nascedouro a revista acompanhou a constituição deste órgão e suas intenções de fomentar a pesquisa e a prática educacional no país. A análise dos textos da RBEP permite o acesso ao que de mais novo estava sendo pensado no campo pedagógico nacional, e, considerando este periódico como referência de um momento de grande valor para a pesquisa em educação, é mister relacionar os sentidos que as publicações produziram e fizeram circular a fim de entender como se idealizou essa nova escola secundária.

Juliana Pegoraro Kus (UEPG)

A cidade em disputa: entre leis, códigos, regulamentos e páginas do jornal em Ponta Grossa - PR no ano de 1914

Com o acelerado processo de crescimento urbano que se configurou em diversas cidades brasileiras no início do século XX, urbanização e modernização foram temas recorrentes entre as preocupações das autoridades municipais da época. Inúmeros documentos que expressam estas inquietações se apresentam, hoje, como potenciais formas de entender fenômenos sociais ocorridos naquele contexto, como a individualização do espaço presente na lógica burguesa.

A cidade de Ponta Grossa, no interior do Paraná, fazia parte desse cenário de crescimento urbano na virada do século XIX para o XX, o que instiga a pesquisa sobre as formas como os preceitos de “cidade moderna” eram percebidos. Este trabalho faz parte de um dos capítulos da pesquisa de Mestrado em História da autora, ainda em andamento, na linha de pesquisa Instituições e Sujeitos: saberes e práticas da Universidade Estadual de Ponta Grossa sob orientação da Prof. Dra. Rosângela Maria Silva Petuba.

Para entender como o poder público considerava que a cidade deveria se organizar, analisamos neste trabalho o Código de Posturas publicado em 191. Como este documento era produzido pela Câmara Municipal, as Atas das reuniões da referida Câmara são estudadas, pois apresentam o processo de produção do Código.

Relacionamos algumas considerações da legislação ponta-grossense com outras cidades brasileiras, a fim de compreender o movimento mais geral de busca por sanear a cidade.

À medida que os impactos do processo de normatização se apresentam, outras parcelas da população vão sendo percebidas através das reclamações publicadas no jornal Diário dos Campos de 1914. As formas como a população se expressava acerca dos problemas urbanos, principalmente em relação às solicitações de melhoramentos, caracterizam questionamentos e disputas provenientes da efetivação do projeto de cidade pelo poder público. Nem sempre as reclamações do jornal eram assinadas, o que não impede de identificarmos conflitos entre a legislação e o que acontecia na cidade. Muitas vezes as reclamações solicitavam medidas que já eram abordadas no Código, ou então pediam mais fiscalização por parte da Prefeitura.

Juliana Resende Bonomo (UNIRIO)

A origem das quitandas mineiras: uma análise das influências portuguesas, negras e indígenas

Esse trabalho tem como objetivo analisar como a mão-de-obra escrava negra, juntamente com os ingredientes indígenas e portugueses contribuíram para a formação das quitandas mineiras. As quitandas são um elemento de extrema importância na culinária mineira, de forma que representam um bem simbólico da cultura e da tradição de Minas Gerais. Eduardo Frieiro, em *Feijão, Angu e Couve* (1982), define as quitandas como o conjunto da pastelaria caseira, ou seja, os biscoitos, as broas, as roscas, os sequilhos e o bolo, e destaca a sua importância no cotidiano dos mineiros.

A venda das quitandas em Minas Gerais iniciou-se no século XVIII com as negras de tabuleiro, também chamadas quitadeiras. Essas mulheres, que trouxeram da África o comércio ambulante de gêneros alimentícios em tabuleiros, tiveram como seus principais consumidores os escravos que trabalhavam na mineração. Brigas, prostituição, colaboração na formação de quilombos e desvio do ouro, de tudo foram acusadas as negras de tabuleiro. Ainda assim, muitas transgrediam as leis da época, aproximando-se

de locais proibidos para venda das quitandas. Quando escravizadas, elas eram escravas de ganho, sendo que, uma vez paga a sua obrigação com o senhor, com o excedente das vendas, elas poderiam comprar a sua alforria.

Quanto às receitas das quitandas, percebe-se que há uma forte influência das negras cozinheiras, que contribuíram utilizando o coco e o leite de coco. Aprendiz das portuguesas, as negras mostram-se extremadas cozinheiras e se adaptaram ao uso do açúcar. Já as índias, que não se adaptaram ao uso do açúcar, também contribuíram com a utilização das farinhas derivadas da mandioca e do milho. As portuguesas, por sua vez, trouxeram de seu país as tradições de mesa e sobremesa, introduziram a comida de passatempo, ensinaram às negras as suas técnicas culinárias e incluíram nas receitas o açúcar, o ovo, o leite e a farinha de trigo.

Portanto, percebe-se que há uma etnicidade como uma herança presente nas quitandas até os dias de hoje. Embora as quitandas, atualmente, não sejam mais relacionadas às mulheres negras, as influências étnicas permanecem nas receitas, a começar pela própria palavra quitanda, de origem africana, e que ainda é utilizada. Da mesma forma, as receitas e os instrumentos de cozinha mesclam elementos indígenas, africanos e portugueses.

Juliana Varella Coqueiro de Vasconcellos (PUC/Rio)

Correggio: uma leitura estética

Consolidada na Itália do século XVI, a conjuntura que conhecemos como Renascimento engendrou-se no ambiente florentino do século XIV cujo quadro espiritual diferia significativamente da época progressiva, “onde a fé prevalece sobre a razão, a linguagem sobre a experiência e o abstrato sobre o concreto”, [LIBÉRA, Alain. *La philosophie Médiévale*. Paris: PUF, 2001. (p. 3). “(...) où la foi l’emporte sur la raison, le langage sur l’expérience, l’abstrait sur le concret, (...)” (Traduzido pela autora, assim como as outras traduções do francês feitas no decorrer do texto)] possibilitando uma outra leitura da Antiguidade greco-romana pelos primeiros humanistas. Inscrito no período de esplendor da pintura renascentista e fruto dessa atmosfera, esta pesquisa tem como proposta redimensionar a notoriedade do pintor italiano Antonio Allegri (1489-1534), conhecido como Correggio, devido ao seu local de origem (Correggio é uma comuna italiana da província de Reggio Emília, localizada na região da Emília-Romanha. Faz fronteira com as regiões da Lombardia e da Toscana.). O historiador da arte Giulio Carlo Argan destaca em um pequeno texto sobre Correggio, que o fundamento de sua arte está, sobretudo, na “cultura humanística do último Quatrocentos”. (ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte Italiana*. Volumes 3. Tradução: Vilma Katinszky. São Paulo: Cosac Naify, 2013. (p.96)) Norteado por essa afirmação, este estudo se concentrará, portanto, nas questões relativas à luz construída por Correggio em suas pinturas de cavalete, suscitadas a partir da observação de quatro telas visitadas em fevereiro desse ano, (Entre os dias 13 de fevereiro e 1 de março de 2014 viajei pelas cidades de Paris, Roma e Florença com o objetivo de ver os quadros de Correggio e seus contemporâneos, bem como contemplar tantas outras obras fundamentais do período estudado.) e o possível diálogo dessas pinturas com as idéias do filósofo italiano neoplatônico Marsílio Ficino. Desse conjunto, duas pinturas compreendem a temática cristã de Correggio: *La Vierge adorant l’enfant* (1524-1526), exposta na Galeria dos Uffizi em Florença e *Le mariage mystique de Saint Catherine devant Saint Sébastien* (1526-

1527), no Museu do Louvre em Paris. Já as outras duas, integram a série de quadros mitológicos: *Danae* (1530), exposta na Galeria Borghese e o esboço em têmpera *Allégorie des Vertus* (1531) na Galeria Doria Pamphily, ambas em Roma. A partir das idéias apresentadas e com a categórica afirmação de Erwin Panofsky, de que:

“Ficino, em suas obras, havia se preocupado com a beleza e não com a arte, e que a teoria da arte também não havia se preocupado com Ficino até então. (...) a doutrina místico-pneumatológica da beleza, defendida pelo Neoplatonismo florentino, reaparece, mais de um século depois, para construir a metafísica maneirista da arte”, (PANOFSKY, Erwin. *Idea: contribuição à história do conceito da antiga teoria da arte*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. (p. 96)) temos o alicerce necessário para investigar as possíveis relações entre as pinturas de Correggio em questão e a filosofia neoplatônica de Ficino, atestando a relevância de um debate acerca de um pintor com tamanha envergadura.

Juliana Wendpap Batista (UFF)

RUMO à São Paulo com Gal Oppido: música e fotografia na cidade

Nesta comunicação pretende-se estabelecer um exercício relacional entre narrativas de naturezas diferentes. Uma delas constitui-se na canção *Ladeira da Memória*, gravada pelo grupo *RUMO*, em 1983; a outra se trata de uma seleção de fotografias de Gal Oppido, realizada a partir de um conjunto de imagens publicado no livro *Dos Degraus à História da Cidade*, de 1998. A intertextualidade busca compreender relações que se estabelecem entre obras/artistas a partir de um ponto em comum: a cidade de São Paulo.

O grupo *RUMO* é considerado um dos principais representantes da dita *Vanguarda Paulista*, uma movimentação musical com novas proposições estéticas, que agitou São Paulo entre os anos de 1970 e 1980. A canção em análise relata o cotidiano dos moradores de uma grande cidade, representando estares e lugares. Gal Oppido, por sua vez, é fotógrafo, arquiteto, desenhista e músico, tendo sido baterista do grupo *RUMO*. Suas fotografias, aqui em questão, integram e corporificam um projeto que intenta redesenhar a cidade de São Paulo, buscando sua historicidade a partir da arquitetura de seus degraus.

Junto às narrativas será somado o relato oral de Gal Oppido, concedido pelo artista para essa pesquisa. Entre sons e imagens, procura-se indagar a experiência social desses artistas, descrevendo suas trajetórias e as representações da cidade de São Paulo, perceptíveis na canção e nas fotografias. A articulação conjetura ainda o interesse na reflexão sobre o engajamento dessas expressões artísticas frente aos desafios vivenciados pelos habitantes daquela grande cidade.

No processo de análise, canção e fotografias são tomadas enquanto textos, e sua leitura realizada levando-se em conta o conceito de representação, conforme a elaboração do historiador Carlo Ginzburg. A capacidade cognitiva contribui na elaboração de metáforas explicativas que buscam dar conta das sensações originadas a partir da audição e visão. Na música são considerados texto poético e texto musical. Nas imagens são procuradas as dimensões de *imagem-documento* e *imagem-monumento*, considerando aspectos técnicos e visíveis, bem como a intencionalidade do fotógrafo e produção.

A questão da intertextualidade também tem em vista a lógica metodológica, empreendida por Ginzburg. Ao serem detectadas semelhanças, homologias e mesmo

distanciamentos entre estes dois discursos artísticos, lhes é remetido um caráter indiciário, no sentido proposto pelo historiador. Concebidas em décadas diferentes, canção e fotografias têm o tema da cidade de São Paulo em comum, o que viabiliza o exercício proposto.

Julierme Sebastião Morais Souza (UFG)

O lugar de Paulo Emílio Salles Gomes na historiografia do cinema brasileiro: resultados de uma pesquisa

Na presente comunicação visamos trazer a público os resultados de nossa pesquisa de doutorado intitulada *Paulo Emílio Salles Gomes e a eficácia discursiva de sua interpretação histórica: reflexões sobre história e historiografia do cinema brasileiro*. Procurando contribuir para o debate contemporâneo pertinente à história do cinema brasileiro, sua historiografia e seus procedimentos de escrita, na presente pesquisa sustentamos a tese segundo a qual a interpretação histórica – composta pelos ensaios *Panorama do Cinema Brasileiro: 1896/1966* (1966) e *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento* (1973) – elaborada pelo crítico e historiador Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), em virtude de seus postulados epistemológicos e estratégias narrativas, constituiu-se em uma versão sobre a história do cinema nacional de expressiva *eficácia discursiva*.

Julio Pimentel Pinto (USP)

Borges & Bioy, autores de policiais

Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares, dois dos principais escritores argentinos do século XX, escreveram em colaboração por mais de trinta anos. A maior parte dessa obra em parceria é composta por histórias policiais e foi publicada sob pseudônimos. Durante décadas, tais escritos foram considerados inferiores às obras individuais de ambos e lembrados a partir das incontáveis brincadeiras, muitas delas cifradas, e dos diversos jogos intelectuais que continham. Hoje, quase oitenta anos após o prosaico início da colaboração, a avaliação crítica é distinta: celebra sua qualidade literária e destaca sua conexão profunda com as obras individuais dos dois autores.

Julliana Garcia Neves (UFJF)

Da Monarquia a República: a trajetória do “Retrato de Pedro II” do Museu Mariano Procópio

O trabalho a ser apresentado problematiza o movimento de destruição dos ícones de representação monárquicos durante o período de transição para a República brasileira. Apresentamos como principal fonte de análise a tela "Retrato de Pedro II" pertencente ao acervo do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora-MG). A pintura em que o Imperador é representando junto ao decreto Imperial n°5349 de abertura da navegação do Rio Amazonas as Nações amigas, recebeu um tiro e golpes de espada no contexto de

transição do Império para a República brasileira. Este relato de vandalismo promovido por republicanos, porém, não está restrito ao caso encontrado no Museu Mariano Procópio, sendo este parte de um conjunto de representações do Imperador que possuem o mesmo histórico de mutilação e resgate. A análise relativa a necessidade de apagamento e desconstrução das imagens inseridas nesse contexto, exige a compreensão do processo de sua construção potencialmente reveladoras sobre a constituição de seu poder simbólico durante o segundo reinado e o destino dessas imagens no período republicano. As problematizações possíveis sobre a História deste objeto, bem como as reflexões e metodologias a serem adotadas para realização da pesquisa, serão abordados para evidenciar a potencialidade do “Retrato de Pedro II” enquanto testemunho iconográfico do contexto histórico de redefinições políticas e simbólicas durante os anos iniciais da implantação do regime republicano no Brasil.

Jussara França de Azevedo (USP)

O Periódico O Industrial na Luta pela Indústria Fabril no Império do Brasil 1881-1882

Este artigo propõe demonstrar a ação do periódico *O Industrial* na luta pela indústria fabril no Império do Brasil século XIX, através da ação política da entidade que foi seu idealizador e sustentador nesta luta a Associação Industrial do Rio de Janeiro.

Em meio a um país agro exportador dependente de um único produto o café a entidade Associação Industrial do Rio de Janeiro lança na década de 1880 um periódico que tinha como objeto revelar a realidade da indústria fabril no Império do Brasil e demonstrar a necessidade de se investir na indústria fabril como um braço alternativo ao desenvolvimento do Império.

Na primeira etapa deste artigo almejo identificar os ideários do periódico *O Industrial* podendo assim compreender as razões do prélio deste grupo. Na segunda etapa revelarei os conflitos e debates do periódico junto a opinião pública e a Câmara com objetivo de poder demonstrar a eficácia da indústria fabril para o Império.

Kamyla Faria Maia (UFG)

O Documentarista Enquanto Artista do Cotidiano: a mimese, a genialidade e relação com as imagens da realidade

O presente estudo tem como principal objetivo analisar o papel do documentarista no campo artístico, o qual ainda é pouco estudado e parece de difícil definição. Acostumado a lidar com imagens e personagens do dia-a-dia, em um trabalho que se aproxima daquele exercido pelos jornalistas, e ao mesmo tempo impelido a dar um tratamento artístico aos fatos, o documentarista pode ser considerado um mero profissional do audiovisual, por um lado, ou até mesmo um artista visual. Ao longo do artigo, busca-se investigar as fronteiras entre as duas definições acima citadas, iniciando por uma abordagem fundada na história da arte e nos conceitos de artesanaria, mimese e arte e finalizando com uma abordagem da interação do documentarista com as imagens que ele capta no mundo real e a fascinação que exerce, por meio dos pressupostos de Didi-Huberman. O estudo é desenvolvido como parte da dissertação de mestrado, desenvolvida dentro do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade

Federal de Goiás, com bolsa pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás, e dentro do Grupo de Pesquisa UFG/CNPQ Interartes: Processos e Sistemas Interartísticos e Estudos de Performance e da Rede Goiana de Pesquisa Interartes Fapeg.

Karen Pinho Moriya (PUC/SP)

Rebelião, ruptura e sensibilidades: as narrativas dissidentes presentes nos mangás

Embora exista no Brasil, um conjunto considerável de trabalhos que tenham por objeto de análise e estudo as histórias em quadrinhos ocidentais, os mangás - termo que designa as histórias em quadrinhos japonesas - ainda carecem de uma abordagem mais ampla, especialmente na área da História. Esta comunicação direciona seu olhar para dois segmentos específicos deste peculiar universo quadrinístico: os *gekiga* e os *shojo* mangás. Os *gekiga*, que tiveram expressivo enfoque, enquanto veículo narrativo de caráter contestador nos anos 1960 e 1970, são mangás que abordam conteúdos mais maduros e complexos, nos quais expressam leituras do cotidiano e da contemporaneidade japonesa (assim como do passado), lidos, em geral, por adolescentes mais velhos e adultos, de ambos os sexos. Os *shojo* mangás, quadrinhos voltados para o público feminino compreendido na faixa etária dos 12 aos 17 anos, passaram a desempenhar um significativo destaque, a partir dos primeiros anos da década de 1970 no Japão, enquanto instrumento de discussão das demandas e sensibilidades femininas que estavam postas à época, com propostas inéditas e revolucionárias, dentro do mercado de quadrinhos japoneses. A ideia é a busca de uma reflexão de como os mangás, muitas vezes, abordam assuntos mais densos e socialmente conscientes, ecoando tons dissidentes e inserindo seus autores no debate sócio-político-cultural de suas épocas.

Karina Helena Ramos (UFRJ)

A revista Mensagem: Uma perspectiva política sobre o discurso literário angolano (1951-1952)

O trabalho analisa o discurso elaborado pelos colaboradores da revista literária angolana intitulada “Mensagem - A Voz dos Naturais de Angola” (1951-1952) que, em seu breve período de circulação, configurou-se como uma revista paradigmática no campo cultural angolano. Atuante em um momento de virada cultural e de reorientação do discurso oficial salazarista, o preenchimento das linhas que norteiam a literatura angolana corresponde às vicissitudes do decurso histórico do país. Destarte, tem-se Mensagem como elemento fundamental para o desenvolvimento investigativo. Seria Mensagem, portanto, uma revista cultural do campo literário, que fazia uso da poesia como instrumento de análise de sua época.

Kátia Eliane Barbosa (Universidade Luterana do Brasil)

Macunaíma em cena: representações da brasilidade

A década de setenta no Brasil foi um período em que a sociedade viveu sob um estado ditatorial, marcado pela perseguição às vozes dissonantes, pela prática da tortura, pela violação da liberdade individual e cerceamento das produções culturais. Mesmo diante desse contexto, muitos artistas de segmentos diversos não compactuaram com o regime militar e responderam estética e politicamente aos impasses da conjuntura. O diretor teatral Antunes Filho foi um dos artistas que se inseriram nas lutas de seu tempo, por meio de trabalhos que estiveram diretamente influenciados pelos encaminhamentos da vida política brasileira. Em sua trajetória ganha destaque *Macunaíma*, considerado um dos espetáculos mais originais e instigantes da contemporaneidade. Produzido pelo Grupo Pau-Brasil, encenado no palco do Teatro São Pedro, no ano de 1978, tornou-se um terreno fértil para debater a riqueza da nossa cultura e o direito de um povo a sua história. Por meio do percurso do personagem Macunaíma - tomado como uma representação do homem brasileiro e herói de nossa gente -, foi possível repensar os elementos que definem e fixam a nossa brasilidade. A adaptação da obra literária do modernista Mário de Andrade para o teatro resultou numa peça de linguagem ousada e metafórica, no qual ganhava destaque à visualidade. Outro fato significativo foi à recusa do diretor aos textos que denotavam claros posicionamentos políticos de esquerda. A construção de uma cena cada vez mais estetizada, em consonância com as tendências do teatro contemporâneo, traduziu uma escolha política do diretor de rejeitar perspectivas que ignoravam a singularidade da história brasileira.

Keila Nascimento Alves (UFPB)

Na festa e depois da festa: “mulheres de vida livre” em momentos de lazer na cidade de Jacobina- BA (1933-1934)

No Brasil as pesquisas historiográficas sobre cidades mostram que esse é um campo amplo e profícuo. Ao compreender a cidade enquanto produção social e histórica em sua materialidade física, experiências sensíveis, produções de imagens e discursos sobre as mesmas, dentre outros aspectos. Os pesquisadores têm contemplado uma multiplicidade de temas a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. E para desenvolver suas pesquisas utilizam um conjunto variado de vestígios do passado, enquanto fontes históricas, como jornais impressos, fotografias, relatos de viajantes e obras literárias. Desse modo, escolhemos a cidade de Jacobina - BA e optamos pelo jornal impresso *O Lيدador* como fonte para investigarmos a presença feminina no espaço urbano entre 1933-1943, mais especificamente a presença de prostitutas em momentos de lazer na cidade. Analisamos que a imprensa local (constituída pelo periódico impresso *O Lيدador*, único jornal a circular entre 1933-1943, com periodicidade semanal e um total de 427 edições) e o setor político administrativo formaram uma narrativa na qual a cidade encontrava-se na senda do progresso. Seus discursos enalteciam a cidade e buscavam normatizar o que não estava em conformidade com o ideal de cidade em progresso e civilidade, desse modo, procurava intervir nas modificações urbanas e no cotidiano da cidade. Ao tempo que a imprensa institui uma imagem de cidade civilizada, também exige um perfil de conduta e de corpo feminino comedido, de maneira que estigmatiza muitos outros corpos diferentes do perfil sugerido. No entanto, entendemos a cidade como campo de controle absoluto, mas como campo de luta, no sentido que a cidade é atravessa por assimétricas relações de forças. E dentre os personagens que driblavam as malhas disciplinares, destacamos as

prostitutas, chamadas no jornal de “mulheres de vida livre” e de “mundanas” em momentos de lazer no espaço urbano.

Kelly Keiko Koti Dias (UNICAMP)

Enciclopédias T(h)esouro da Juventude, obras de fronteira: entre a literatura e vulgarização do conhecimento histórico

Esta comunicação tem a pretensão de apresentar um contexto geral de minha pesquisa de mestrado, a qual pretendeu-se investigar, comparar e analisar duas edições da Enciclopédica *Thesouro da Juventude* de 193(?) e *Tesouro da Juventude*, 1957-58, ambas editadas pela editora estadunidense W.M.Jackson. Para tanto, foram analisadas as seções que envolviam a temática História, as quais são os livros: *Velho Mundo, Novo Mundo, Homens e Mulheres Célebres e Belas Ações*. Este trabalho se alinhou aos estudos da História Cultural, articuladas principalmente a História do Livro e da Leitura, devido à hipótese de que a materialidade, as narrativas históricas e o entendimento dessa coleção como produto editorial e educacional contribuíram como fatores para que essa coleção marcasse a memória de infância de muitos leitores no Brasil desse período.

Através da materialidade das coleções (encadernação, papel, número de páginas, tipos e número de imagens) pode-se perceber que essas enciclopédias não eram produtos acessíveis a toda a juventude brasileira, entretanto, alguns jovens leitores tiveram acesso muitas vezes pelas bibliotecas das escolas e dos diversos municípios, isso devido à forma de vendas desenvolvida pela sua editora. A W.M.Jackson teve um papel importante nesse campo, pois, foi pela aplicação do segmento “porta a porta”, desenvolvida por esta para a venda das coleções, que o *T(h)esouro da Juventude* pode alcançar leitores que estavam fora dos centros editoriais do país, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, entre outras capitais. Além desse campo ligado ao alcance dos leitores, as enciclopédias os conquistaram pelos temas e o modo de escrita sobre história. Essas se aproximavam tanto do formato do “livro de leitura”, como também aos temas das propostas curriculares de história propostas pelo Estado, onde se destacaram tópicos com biografias de “heróis” nacionais, e narrativas muitas vezes anedóticas, mas que afirmavam uma história patriótica e principalmente moral. Dessa forma, viu-se que nessa pesquisa ao analisar estas duas edições do *T(h)esouro da Juventude*, foi necessário o olhar sobre vários ângulos, tanto o físico, como os comerciais e educacionais para explicar os motivos pelos quais tais coleções estão presentes nas lembranças de diversos leitores brasileiros.

Kelly Lislie Julio (UFMA)

A construção de uma mulher ideal - os pensadores e a legislação portuguesa no século XVIII

O presente trabalho que ora apresento é parte de uma pesquisa de doutoramento que tem procurado reconstituir as diferentes estratégias desenvolvidas por mulheres para que as crianças e jovens que de algum modo ficaram sob suas responsabilidades pudessem ser educados. Para isso, foram eleitas as sedes das Comarcas de Vila Rica e São Luís, localizadas nas Capitânicas de Minas Gerais e Maranhão, respectivamente, entre os anos

de 1770 e 1830. O desenvolvimento dessa pesquisa tem possibilitado perceber que, para conseguirem participar efetivamente do processo educativo das crianças e jovens, especialmente quando seus maridos faleciam, as mulheres precisavam demonstrar que possuíam algumas características consideradas essenciais tanto pelas autoridades civis quanto religiosas. Ao mesmo tempo, tem sido possível identificar essas mesmas características sendo difundidas por alguns pensadores que, preocupados com a educação e a civilidade da população, ressaltavam a importância do papel da mulher nesse processo. Assim, nesta comunicação será dado o destaque para os manuais de civilidade e tratados sobre a educação, especialmente aqueles preocupados com a educação feminina. Serão apresentadas as principais ideias presentes em três obras distintas: *Emílio ou Da Educação*, de Jean-Jacques Rousseau (1999); *O verdadeiro método de estudar*, de Luiz Antônio Verney (1952) e *Cartas sobre a mocidade*, de Antônio N. Ribeiro Sanches (s/d). Em seguida serão expostas as condições determinadas pela coroa portuguesa para que as mulheres pudessem exercer a tutoria de seus filhos quando seus maridos haviam falecidos. Essas determinações estão presentes nas *Ordenações Filipinas*. A tentativa é estabelecer uma comparação entre as ideias presentes nas obras citadas e os requisitos instituídos pelo Estado.

Kênia Gusmão Medeiros (UFG)

“MEU TEMPO É HOJE” Reflexões sobre o tempo em Paulinho da Viola

O espaço de trabalho da História cultural ampliou o fazer historiográfico em temas e abordagens metodológicas. Nessa feita, o uso de discursos musicados enquanto fontes historiográficas tem sido recorrentes e possibilitado a realização de pesquisas que se desdobram em temporalidades historiográficas distintas. Neste trabalho, a obra do compositor Paulinho da Viola é assumida como fonte de indícios para a montagem de uma trama historiográfica. Sensações e relações associadas à temática temporal assumem na obra de Paulinho da Viola uma significação constante e clarificadora de sentidos e representações sociais. Em seus discursos musicados a ideia de tempo é articulada a partir de sensibilidades que se articulam em torno de uma escrita metafórica, as expressões mais frequentes são as relacionadas à água, movimento e ao próprio samba. Aparentemente saudosista, seu repertório se desdobra entre reverências aos tempos idos e a contemplação de sentimentos que revelam a importância de constante renovação. Em Paulinho da Viola, as histórias do cotidiano arranjadas em uma narração sempre sensível celebram e reverberam angústias e reflexões acerca de nossas noções e impressões sobre o tempo.

Kênia Hilda Moreira (UNESP)

Escritas e práticas educativas nos cadernos de um professor de escola rural em Mato Grosso na Era Vargas

Objetiva-se apresentar vestígios de práticas educativas pela análise de cinco cadernos que pertenceram ao professor João Pantalhão Dourisbure, que lecionou na Era Vargas, na Escola Corralito, no sul do estado de Mato Grosso. Os cadernos, bem como as demais fontes utilizadas (fotografias, nomeação, certificado de habilitação, Diário Oficial), foram

localizados em um acervo particular. Como referencial teórico, seguimos a perspectiva da cultura escolar (JULIA, 2001; VIDAL, 2005; VIÑAO FRAGO, 2008), da cultura escrita (GÓMEZ, 2003; PETRUCCI, 1999, 2002) e da história regional (SÁ e SÁ, 2011), ancorados na Nova História Cultural. A análise permitiu evidenciar as dificuldades de acesso a recursos escolares no contexto analisado. O aproveitamento das folhas, com a escrita antes da primeira linha e o exercício de escrever primeiro a lápis e depois passar a caneta, parece fazer parte das práticas de escrita da época, elucidando como os cadernos eram raros. Sobre o conteúdo escrito nos cadernos, destacamos vestígios de características marcantes da Era Vargas no Brasil. As aulas de História e Geografia eram revestidas de um conteúdo ideológico e transmitidas, dentre outras formas, por meio de poemas, que valorizavam símbolos pátrios, contribuindo para o sentimento nacionalista. A ênfase nos conteúdos de gramática da língua portuguesa, correspondendo à grande parte dos cadernos analisados, suscita o cumprimento dos decretos de proibição por Getúlio Vargas de outra língua que não fosse a portuguesa, considerando-se especialmente a região de fronteira onde se localizava a Escola Corralito, próxima ao Paraguai e com a presença constante de índios guaranis, fatores considerados ameaçadores da nacionalidade ditada à época. Outro vestígio da Era Vargas presente nos cadernos foi a preocupação em reforçar a importância do trabalho, essencial para as relações sociais e a construção do país no período estado novista. Além disso, a ênfase na valorização do trabalho nos leva a considerar a relação de oposição e negação da sociedade letrada aos modos de vida do índio, presente naquela região, como gente preguiçosa e avessa ao trabalho produtivo. Por fim, destacamos a importância da conservação de fontes como estas, que apresentam “testemunhos insubstituíveis” sobre as práticas escolares.

Laércio Teodoro da Silva (UFPE)

Cinema (in)direto, Super 8 e cultura histórica no campo cinematográfico paraibano (1979-1986)

O aparecimento da bitola Super 8 ampliou as possibilidades de construções audiovisuais, do registro caseiro ao fazer cinema, colocando em novos termos a nossa cultura visual. O Super 8 passou a ser apropriado por amadores, artistas, cineastas em experiências que, levando em consideração as especificidades da câmera, produziram leituras singulares da sociedade e do passado. Neste sentido, a presente comunicação aborda a produção cinematográfica em Super 8 no estado da Paraíba, de 1979 a 1986. O estudo empreende a análise das experiências cinematográficas superoitistas - produção, circulação e recepção - no estado a partir de seus diálogos com a cinematografia brasileira e paraibana dos anos 1960 e 1970. Essa produção encontrou um campo cinematográfico local marcado por tradições que remontam à década de 1960 e que concebe o documentário *Aruanda*, de Linduarte Noronha, como fundante de uma forma de pensar e fazer cinema, o que tornou esse campo marcado por disputas em torno da legitimidade de fala do que seria Cinema e quais temas seriam dignos de serem abordados. O Super 8 lançou novos temas e abordagens no campo cinematográfico paraibano - antes fortemente marcado pelos documentários de cunho sociológico - trazendo, por exemplo, a sexualidade e as questões existenciais para o conjunto de preocupações dos cineastas. As abordagens continuaram na perspectiva do cinema-documentário, mas a *ficção* apareceu como uma nova forma de abordar os novos e velhos temas. Assim, a análise fílmica intenciona compreender como os cineastas, a

partir de uma linguagem singular dentro do campo cinematográfico, empreenderam a construção de leituras sobre a história e a memória local, bem como temas latentes do processo de abertura política brasileiro. Encontramos nesse conjunto temas que perpassam a produção, como a crítica ao regime civil-militar, como no filme *Gadanho* (1979) e no *Imagens do declínio* (1981), e a (des)construção de temas polêmicos no cenário local, como a morte de João Pessoa, a “Revolução de 1930” e seus desdobramentos locais, como na trilogia de Jomard Muniz de Britto sobre a Paraíba. Também encontramos a crítica a personagens da memória local, como o *macho* e a *mulher-macho* paraibana e o cangaceiro. Com efeito, problematiza-se as diversas leituras e as *guerras de representações* acerca das temáticas dos filmes e das próprias películas no formato Super 8 num processo de legitimação da produção enquanto *objeto cultural* dentro do campo cinematográfico. Os filmes em Super 8 são indícios históricos importantes para a elaboração de uma história cultural da sociedade, considerando a trajetória desses superoitistas como construtores de uma memória social e de subsídios culturais num espaço de produção que se encontra distante dos grandes centros culturais.

Laiana Lindozo Barros Cutrim (UEMA)

“MULHERES QUE DÃO NO COURO”: as caixeiras do Divino e o papel da mulher nos festejos ao Divino Espírito Santo na cidade de São Luís - MA

A manifestação festiva para o Divino Espírito Santo - tradicionalmente de origem portuguesa - como a maioria dos rituais ligados ao Catolicismo, possui características variadas de acordo com sua localidade de execução. O Maranhão tem dois dos traços mais diferenciados dessa grande festa religiosa brasileira: a primeira é a presença das caixeiras do divino e a segunda é a inclusão dessa festa nos terreiros de tambor de mina (especificamente na capital do Estado, São Luís). A partir dessas peculiaridades, o ritual da festa do Divino se torna - no Estado do Maranhão - primordialmente ligada a figura feminina, desde a própria Imperatriz até as mulheres pertencentes às casas de mina nas quais esse festejo se realiza, a mulher deixou de ser relegada a espaços limitados e começou a ocupar patamares únicos e singulares naquele tempo de festa. As origens desse festejo e sua implementação em território brasileiro transformaram a festa do Divino uma movimentação cultural essencialmente feminina.

Laís Regina Casquel (Fundação Educacional de Fernandópolis)

Associação Feminina: As Relações de Poder e o Levante Comunista em Fernandópolis/SP (1949)

Este artigo pretende ressaltar as trajetórias das mulheres da cidade de Fernandópolis e suas memórias sobre “levante comunista” de 1949. Levantaremos questões de ordem política e relações de poder que implicam em um passado de perseguições e prisões que serão narrados por mulheres que participaram da Associação Feminina que fazia parte da retaguarda do PCB municipal, já posto, naquela ocasião, na ilegalidade. A partir das histórias que construíram o imaginário comunista da região Noroeste Paulista e amplificaram a ideia de que os comunistas eram subversivos, marginais e desordeiros, fato que afetou o cotidiano de algumas famílias e nos serviu de suporte para traçar as

trajetórias sociais e políticas das mulheres de Fernandópolis, em fins da década de 40 e pelo prolongar da década de 50, que são relevantes à compreensão histórica da cidade.

Lara Jogaib Nunes (UNIRIO)

O Rio de Janeiro nas crônicas da coluna A Cidade

O Rio de Janeiro do início do século XX vivia um momento de transformação intensa, decorrente do processo de modernização promovido pelo presidente Rodrigues Alves e pelo prefeito Pereira Passos. Muitas foram as mudanças realizadas para adequar a capital federal brasileira a era moderna, que tinha como modelo exemplar, a Paris reformada por Haussmann, no século XIX. A abertura de novas avenidas, a mudança na iluminação das ruas, a desaparecimento dos cortiços e habitações populares. Esses foram alguns elementos urbanísticos que sofreram modificações. Contudo, a transfiguração do Rio de Janeiro não parou por aí. Necessitava-se mudar, inclusive, os costumes da população que agora habitaria aquele novo espaço. Assim, leis como a proibição do entrudo ou de se cuspir no bonde foram decretadas pelo governo na tentativa de coibir os hábitos populares que não condiziam com a atmosfera que se pretendia para a realidade carioca. É em meio a esse cenário que circulava Paulo Barreto, cronista carioca que viveu entre 1881 e 1921, e que fez do seu amor pela cidade seu trabalho. Conhecido como João do Rio, ele escreveu entre 1903 e 1904 a coluna *A Cidade*, no jornal *Gazeta de Notícias*, onde fazia crônicas sobre esse Rio de Janeiro em transformação sob o pseudônimo X. Nelas não apenas temos uma fonte histórica que, apesar de ser literária, nos permite conhecer um pouco mais do Rio de Janeiro daquele período. Essas crônicas nos possibilitam observar a cidade textual – e singular – apreendida e representada por ele, um *flâneur* que percorria os seus diferentes espaços e fazia dessa observação a matéria-prima para seu trabalho. Essa comunicação pretende, por tanto, através das mencionadas crônicas, compreender a visão do Rio de Janeiro de Paulo Barreto, ou melhor, de X.

Larissa da Costa Oliveira (UNIFESP)

A construção da nação portuguesa em Alexandre Herculano na primeira metade do século XIX

Este texto é parte do projeto de pesquisa do mestrado em história, em desenvolvimento na Unifesp, o qual pretende compreender de que modo Alexandre Herculano recorta o passado medieval português dialogando com seu presente na construção do que poderia ser a nação portuguesa contemporânea no século XIX. A fonte utilizada é o romance histórico *O bobo*, primeiramente publicado em 1843 no periódico *O Panorama* e, posteriormente, publicado em livro, em 1878.

A partir das possibilidades trazidas pela vertente da história cultural, a análise tem sido feita pensando na relação entre a obra, seu contexto histórico de publicação e a biografia do autor. Por meio deste romance, espera-se entender a tentativa do autor de apontar um caminho para o Portugal contemporâneo. Herculano selecionou um episódio chave da história política portuguesa para o romance, sendo a independência de Portugal no século XII. Acredita-se que, com isto, o autor empreende uma representação sobre a

nação portuguesa e seu papel no novo arranjo europeu, pós Congresso de Viena, na tentativa de legitimar sua própria existência baseada em fatos “verídicos” e na sua importância histórica para o mundo ocidental contemporâneo ao século XIX.

Para tal, são observadas as características relevadas e criticadas, o papel dos personagens, suas caracterizações, trajetórias e destinos, e também os próprios comentários gerais do autor sobre Portugal, sua história e seu presente. Com a análise da sua biografia e do veículo de publicação do romance, o periódico *O Panorama*, infere-se que o conto também busca ajudar na legitimação do novo regime liberal implantado em Portugal, do qual Herculano era um defensor.

Por meio de tal análise, acredita-se que seja possível compreender melhor a criação de um sentido para a nação portuguesa: o desenvolvimento de um sentimento nacional cultural vinculado à experiência, em diálogo direto com uma compreensão da realidade que é permitida por meio dos métodos e objetos propostos pela história cultural. Optou-se pela primeira metade do século XIX porque além de ser o período de elaboração da fonte destacada, os anos de 1848-1850 impuseram conteúdos e contextos políticos e sociais que não serão abordados na pesquisa.

Larissa de Souza Correia (UNISA)

Homero e a construção da imagem do herói clássico

A presente comunicação tem como enfoque analisar a figura de Homero, cujos poemas, *Iliada* e *Odisseia*, se tornaram símbolos do “ideal grego heroico” da Idade do Ferro. A partir dessa análise, compreender-se-á o significado simbólico do autor, não só para a cultura daquele período como também para a ocidental.

Deve-se ressaltar, porém, que diversos estudiosos, entre eles Finley (1963), Jardé (1977) e Jaeger (1995), acreditam que os poemas homéricos são de épocas e de autores diferentes, devido às distinções temáticas e aos estilos de escrita. Jardé, por exemplo, discute não apenas a possibilidade de a *Iliada* e de a *Odisseia* terem sido escritas por autores diferentes, como também que os cantos que compõem os poemas podem ser de diversos poetas, vários “poetas homéricos”.

Apesar de toda a discussão que envolve a existência do próprio Homero e de suas obras, estas foram essenciais para a construção da identidade do “homem grego” bastante presente no período clássico e revisitada pela cultura ocidental em diversos momentos de autoafirmação.

Compreender a representação de Homero, como uma figura de um contexto histórico grego específico permite, portanto, compreender e contextualizar sua resignificação na cultura ocidental

Larissa Kashina Rebello da Silva (USP)

As Amazônias de Gastão Cruls: ficção, memória e história em três publicações

Por aí já se vê quão afastados estamos daquelas enganadoras impressões dos que só viram a hiléia de relance, do alto ou de muito longe. (CRULS, Gastão. *Hiléia Amazônica - aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas*)

Gastão Cruls (1888 - 1959), brasileiro, médico-sanitarista de formação, dedicou toda a carreira à escrita. São objetos do presente artigo, três publicações deste autor que produziu principalmente durante o período da República Velha: *Amazônia Misteriosa* (1925), *Amazônia que eu vi* (1930) e *Hiléia Amazônica - aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas* (1944).

O principal motivo de interesse por estas três publicações, é o percurso não unilateral transcorrido entre a ficção, a memória e a história. Respectivamente, o primeiro livro é um romance, o segundo, um diário de viagem, baseado em uma expedição da equipe do General Rondon e a terceira, um “álbum de aspectos mais peculiares da região amazônica”, (IBID) que conta com a colaboração de profissionais de diversas áreas.

No âmbito da história cultural, interessa aqui discutir, em diálogo com autores contemporâneos, como Peter Burke, Paul Veyne, Alfredo Bosi, Antônio Cândido Franco, entre outros, o entrelaçamento das três obras. Cruls situa-se em um período em que os historiadores brasileiros dividem-se entre o positivismo, o marxismo, e a história culturalista. Seus textos refletem essas ambiguidades de posicionamento, que serão abordadas. Também interessam, como partes da discussão essencial que é o diálogo entre literatura e história, o posicionamento dos narradores, pensando no centralismo ou deslocamento do papel de historiador nas narrativas; a problematização do caráter documental de texto e imagem. Por fim, será analisado, também com base nas fontes primárias que são as imagens e o texto, o movimento de passagem de criação do misterioso/utópico, para o testemunhal, finalizando com a síntese idealizada, que foi o terceiro livro. O argumento do artigo é que o autor, a despeito de sua cronologia literária que parte do ficcional para o não-ficcional,

Larissa Raquel Ribeiro de Abreu (UEMA)

Márcia Andrea Teixeira da Silva (UEMA)

O Contemporâneo como Representação Social: o caso dos Museus

A perspectiva histórica estabelece direta relação com a memória quando segundo Halbwachs (1990, p. 80) devemos compreender a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. O operar, próprio do fazer histórico na sociedade, localizaria em cada indivíduo um procedimento interior semelhante (passado, presente, futuro) através de uma memória.

Assim, é necessário dialogar com autores que trabalham a memória dentro da perspectiva do contemporâneo, tanto da memória individual quanto da coletiva. Neste contexto torna-se de total relevância, ao falar de contemporaneidade, explorar os conceitos de representação individual e coletiva, uma forma de entender as instituições museais no cenário nacional.

Para o diálogo se tornar promissor, é mister transitar por autores que falam sobre os diversos tipos de linguagens, desde os historiadores (que são, ainda, minoria nesta área),

passando por filósofos, sociólogos, filólogos e afins. Partindo dessa premissa, a pesquisa se mostra bastante relevante, pois abre caminhos para discussões posteriores.

Além disso, é importante destacar as leituras específicas das áreas de museus e correlatos, como Regina Abreu e Mário Chagas, por sua relevância nas mais diversas discussões acerca do objeto em questão, sendo um ponto de partida para muitos outros estudos que viriam a seguir. Também há que se destacar as contribuições de estudiosos de educação para compreensão do potencial educativo das instituições museológicas, contribuindo sobremaneira para o enriquecimento da pesquisa.

Dessa forma, o presente trabalho, visa por conseguinte, iniciar uma breve discussão sobre conceitos relacionados à prática pedagógica em museus, traçando, principalmente de narrativas imagéticas, presentes nas instituições museológicas. Pretende ser apenas um primeiro passo numa pesquisa que anseia fecunda e repleta de elementos instigantes por serem atuais e cotidianos.

Laura Lene Lima Brandão (UFPI)

Juventude em trânsito: disputas teóricas e práticas juvenis em Teresina na década de 1970

A categoria juventude tem recebido nas últimas décadas quantidade significativa de reflexões e rearranjos, que refletem a atualização de seus estudos e a polifonia do termo. Em diferentes áreas do conhecimento há similitudes e diferenças quanto a sua definição. Destacam-se alguns enfoques que prescindem um olhar variado para a questão: a juventude enquanto fase do desenvolvimento humano ou um período biológico-corporal, a juventude como o motor de mudanças, como a faixa etária do perigo e que deve ser contida e disciplinada e ainda a juventude enquanto condição e categoria históricas. Seguindo a perspectiva genealógica de Foucault e o aporte teórico que suporta pensar essas questões, o objetivo deste trabalho é investigar as condições de emergência e de constituição da juventude como um conjunto heterogêneo de saberes e práticas durante a década de 1970. Isso possibilita, ao contrário de homogeneizá-la como uma fase natural da vida humana, reconhecer os efeitos que determinados eventos e discursos tiveram na constituição da juventude. Para problematizar a constituição do ser jovem em Teresina como alvo de intervenções na década em estudo, faz-se necessário cartografar os efeitos que algumas práticas e discursos geram na formação da juventude, ou seja, sua produção não deve ser pensada somente olhando para aquilo que a envolve diretamente, mas para uma rede de acontecimentos que, indiretamente, produzem efeitos sobre sua constituição, como as alterações nas espacialidades da cidade, o afluxo de informações, o acesso à novas tecnologias e as mudanças comportamentais em curso naqueles anos e na década que os precederam. Outro ponto a ser considerado são as práticas institucionais de intervenção juvenil, que não fazem parte de um quadro rígido, ao contrário, ocorrem como um jogo de vários discursos que transbordam nos terrenos da economia, da saúde, da educação, e que vão construindo um campo que produz sujeitos. Como afirma Foucault, no bojo das construções discursivas, existe uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que circularam às vezes muito rápido (entre o exército e as escolas técnicas ou os colégios, liceus e igreja), às vezes lentamente e de maneira mais discreta, como no espaço privado da casa e das relações familiares. É no entre-lugar da captura e da fuga que tentamos localizar nossa análise. Analisar a juventude sob esse viés é considerá-la como uma

categoria que é constantemente produzida e (re)inventada no decorrer da história. Significa interrogar as condições que deram sentido e corpo a essa categoria em um tempo e espaço definidos: Teresina na década de 1970. Este capítulo aborda as formas de constituição da juventude teresinense na década de 1970 através de aportes teóricos que suportam pensar a fluidez das movimentações juvenis e localizar os investimentos, as construções subjetivas e os agenciamentos desses sujeitos.

Laurinda Rosa Maciel (FIOCRUZ)

O isolamento compulsório como política de saúde para a hanseníase no Brasil do século XX e a reparação financeira governamental a partir de 2007

A política pública de isolamento hospitalar para os doentes de hanseníase no Brasil foi instituída a partir da aprovação do regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública em 1923, quando foram fixadas as atribuições da Inspeção de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas. Contudo, em 1949, com a Lei 610, esta política foi cumprida com mais rigor, sendo inclusive aceitas denúncias e delações para os casos que permanecessem não divulgados no meio social. Esta prática foi empregada em alguns estados até a década de 1980, quando se deu definitivamente a abertura dos leprosários e a transformação destas instituições em centros de pesquisa ou hospitais gerais.

Segundo alguns leprologistas, o ato de isolar compulsoriamente visava assistir e amparar os doentes, sem esquecer, contudo, de resguardar a população sadia. Os possíveis danos causados por esta política foram minimizados ou não considerados, originando problemas sociais para os pacientes que tiveram suas vidas cerceadas e famílias desfeitas.

Em setembro de 2007, através da Lei 11520, o governo Lula instituiu uma pensão indenizatória para reparar os pacientes que, comprovadamente, foram submetidos à internação compulsória em hospitais colônia. Esta reparação financeira foi uma forma de minimizar os danos causados pela ação do Estado com o ato de isolar. Os casos são julgados pela Comissão Interministerial de Avaliação que foi criada com o objetivo de deferir, ou não, tais pedidos que são apresentados sob a forma de processo.

O objetivo desta comunicação é analisar o papel do Estado como o responsável por prestar assistência e cuidado ao atingido pela hanseníase, mas que ao cumprir tal ação, comprovou-se tratar de crescente violação aos direitos e repressão da liberdade individual em nome da saúde pública e do bem estar da coletividade sadia. Finalizando tal comunicação, serão mostrados dois estudos de caso.

Lays da Cruz Capelozzi (UFU)

“O Casamento” de Nelson Rodrigues e a releitura de Arnaldo Jabor nos cinemas

Nelson Rodrigues é um gênio do cinismo, deboche e outras obsessões, e isto é claro em qualquer uma de suas peças ou crônicas jornalísticas, quando escreveu o romance “O Casamento” (1966), o romance abordava uma família que tinha todos os artifícios para serem felizes e realizados, e por mais que o tentam não são, pois são vítimas de seus próprios desejos e obsessões. A grande marca do livro são os “personagens limites” que neste romance foi trabalhado com mais de intensidade.

Dez anos depois, e muitas adaptações das obras do dramaturgo que se preocupava mais com as cenas quentes do que com a fidelidade a obra, Arnaldo Jabor se propões a filmar “Toda Nudez Será Castiga”, filme que ganhou diversos prêmios, dentro e fora do país. Em 1975, decide filmar “O Casamento”, as adaptações de Jabor são boas, pois olham para os homens ali envolvidos no turbilhão de emoções no qual são jogados, desta forma os detalhes do filme tornam-se sua principal atração, detalhes tais como olhares ou gestos dos autores que representam pensamentos descrito no livro. As duas interpretações mostram uma sociedade diferente, deste modo um Brasil diferente para cada um ao horizonte e este o principal tema desta pesquisa.

Leandro Longui Hernandez (UFU)

O metateatro como politização do cotidiano em “Um grito parado no ar” (1973)

Com o intuito de estabelecermos o diálogo entre história e teatro, discutiremos alguns traços estéticos, em especial, a politização do exercício metateatral presente no texto “Um grito parado no ar”, concebido em 1973 por Gianfrancesco Guarnieri, a fim de apreendermos por meio da estrutura dramática dessa obra dramaturgica os impasses acerca da conjuntura do calor dos anos 1970. Teremos como aporte, além do texto teatral, alguns depoimentos, fontes documentais que consideramos importantes para a nossa reflexão.

É importante lembrar que a trama gira em torno das dificuldades enfrentadas por um grupo de atores, que busca estreir um espetáculo em menos de duas semanas. Porém, a situação econômica da companhia se encontra insustentável, o que torna os atores mais inseguros diante da ideia de prosseguir com o projeto. Com isso, pretendemos sublinhar os impasses sociopolíticos da referida década sem, de fato, negligenciarmos o registro estético de “Um grito parado no ar”. Afinal, após a decretação do Ato Institucional nº 5 (A.I.-5), a arte dita “engajada” não deixou de adotar para si uma postura política\questionadora com relação as coisas existentes no Brasil. E o teatro, em especial, sentiria os efeitos da crise econômica que afligia a sociedade brasileira; questão relevante e que não deixou de ser questionada por Guarnieri, durante a criação de “Um grito parado no ar”; questão também que limitou os espaços de atuação de muitos artistas que se propuseram a engendrar uma arte com viés crítico.

Por esse viés, cumpre reforçarmos: o propósito principal deste trabalho é refletirmos sobre o poder do metateatro, a estratégia narrativa encontrada pelo dramaturgo para tecer a sua crítica naquele e para aquele momento, fator que justifica a relevância de nossa proposta, tendo em vista que, ao fazer da própria realidade do teatro a sua ficção, Guarnieri construiu atores-personagens cujas ações/reações diante do processo criativo - visto como elemento constituinte da própria trama - nos revela as dificuldades vivenciadas pela sociedade brasileira do início dos anos de 1970, como, por exemplo, a presença de sujeitos tolhidos do exercício da cidadania e do direito de ir e vir.

Leandro Penna Ranieri (USP)

Por uma biografia possível do Livro de Viagens, de Benjamin de Tudela

Ora em questão, temos o Livro de Viagens, escrito pelo rabino Benjamin de Tudela (1130?-1173 d.C.), que conduziu uma viagem aproximadamente a partir de 1160, saindo da Espanha e indo em direção ao Oriente Próximo. O livro é o primeiro relato de viagens escrito em língua hebraica que conhecemos. Temos como objetivos do presente trabalho levantar e sistematizar as informações e os direcionamentos para o exame deste caso circunscrito pela temática da história do livro, levando em consideração as implicações dos nexos contextuais e de um determinado “ciclo do livro” relevantes para a dinâmica do objeto focalizado. Século XII d.C., Tudela, reino de Navarra, Espanha, relato de viagens manuscrito em hebraico, hebreu sefardita: temos os primeiros elementos de análise contextual. Podemos também localizar alguns temas de pesquisa mais ou menos já investidos pela literatura: as intenções da viagem, a recepção da obra à época, as edições impressas e traduzidas do livro. Tais temas realçam problemáticas que envolvem a história hebraica e islâmica, as relações com cristianismo à época, as práticas culturais “em diáspora” – em especial, aquela com chegada à Espanha –, os modos de expressão e produção literária, entre outros aspectos. Passando por um “silêncio” em relação às viagens a terras orientais entre a primeira metade do século XIV e os séculos XVI e XVII, outra proposta insere-se no debate do movimento humanista do Renascimento e as publicações possibilitadas tecnologicamente pela prensa tipográfica. Seria possível debruçar-se não somente sobre o livro manuscrito, em seu contexto próprio, mas também examinar sua versão editada e impressa. Nesse outro recorte, é possível localizar e inserir-se no debate entre a dicotomia ocidente-oriente, especialmente estudando os potenciais interesses, privilegiados ou não, de publicação. Contudo, estas motivações do humanismo podem ser lidas como um “exotismo humanista”, um interesse somente curioso pelo oriental. Isso possui implicações inclusive atuais nos estudos sobre o oriente e, em especial, sobre o povo hebreu. No contexto contemporâneo àquele de Benjamin, uma certa disputa entre religiões pode ter marcado uma “estigmatização” dos hebreus. Nesse sentido, parece haver um interesse por aquilo que se esconde, que está nessas raízes e que somente alguns possuem acesso secretamente; o hebreu torna-se exótico, pois algo pode ser revelado sobre ele se bem investigado. Será que toda a contextualização do Livro de Viagens de Benjamin de Tudela foi feita de fora, a partir de uma lógica externa, de um olhar ocidentalizado? A possibilidade analítica pode pautar-se num esforço investigativo em direção à compreensão do objeto circunscrito em seu contexto, especialmente a produção de Benjamin vista sob as lentes hebraicas.

Leandro Pereira Gonçalves (PUC/RS)

Plínio Salgado em São Paulo: momentos de consolidação intelectual e visibilidade nacional

A pesquisa tem como propósito refletir sobre a consolidação intelectual de Plínio Salgado e o seu aparecimento no cenário político e cultural brasileiro. Ao alcançar a fase adulta e migrar para São Paulo, passou a buscar espaços em grupos de relevância intelectual, alcançando importante participação no cenário modernista contribuindo para a organização política em torno do integralismo brasileiro. O estudo está pautado na análise da inserção do autor na intelectualidade paulistana, culminando com a sua participação na Semana de Arte Moderna de 1922, quando foi líder de um dos desdobramentos do movimento, o grupo verdeamarelo e o posterior Anta. Com relevância no cenário cultural, iniciou a preparação para a organização do integralismo.

Tendo como referência os textos e documentos produzidos pelo autor, buscou-se compreender a associação estabelecida entre literatura e política que foi o discurso central de Plínio Salgado em torno do movimento cultural. Percebe-se um autor preocupado com o autoengrandecimento e possibilidades de visibilidade no contexto intelectual brasileiro.

Leandro Rodrigues Gonzalez Fernandez (PUC/SP)

Influências políticas na programação cultural da Casa de Portugal de São Paulo

Esta comunicação baseia-se em estudos elaborados para a tese em construção intitulada “A Casa de Portugal de São Paulo enquanto território português: um estudo sobre a memória e as identidades portuguesas”. Sob a ótica da história cultural, se analisa parte da programação dos eventos que sofrem algum tipo de influência política. A partir da concepção da existência de uma política cultural personificada pelos diretores da Casa, mesmo que afastados diretamente do governo português sofrem interferências de órgãos setoriais ligados a ele. Discute-se a influência recebida de diversos meios: exercida pela entidade Turismo de Portugal no binômio tradição e modernidade como mote para a programação cultural, a distribuição de homenagens e honrarias concedidas pela Casa, sua relação com o partido político brasileiro PSDB e os resquícios deixados pela passagem do Consulado Português e do Instituto Camões no local. Para tanto recorre-se a fontes escritas compostas por periódicos dirigidos a comunidade portuguesa, entrevistas pessoais e consulta a atas de reunião da diretoria dessa associação. A análise das fontes revela que o local é utilizado como vitrine pela representação do órgão oficial de propaganda turística portuguesa, além de passagem obrigatória de políticos portugueses em visita oficial ao Brasil, fazendo da Casa de Portugal um lugar imbuído de prestígio social e poder simbólico.

Leicy Francisca da Silva (UEG)

Refúgio dos Rejeitados? A lepra e o leproso da cidade de Anápolis-Goiás nas imagens dos jornais e revistas locais

Pelas imagens e fotografias, temos a impressão de nos colocarmos diante de uma expressão material de uma história recorrente ou de um determinado momento, como mensagem do que se quer retratar. No entanto, sua produção e divulgação não se fazem sem interesses, às vezes claros, outras vezes nebulosamente percebidos. Portanto, o uso das imagens enquanto documento histórico expõe-nos a necessidade de questionarmos os interesses inclusos nesse processo. É a partir dessa percepção e do desejo de compreender as fotografias, relativas ao processo de constituição da lepra e do leproso em Goiás no período entre 1930 e 1976, e divulgadas nos meios de comunicação local e regional, que situamos essa pesquisa e esse artigo. O problema central deste trabalho é, portanto, apresentar e compreender as imagens relativas à lepra e ao leproso na cidade de Anápolis durante o período anteriormente apresentado.

Leila Andréa Fernandes de Sena (UFMA)

Açailândia-MA do outro lado dos trilhos do desenvolvimento: impactos e lutas de resistência dos Movimentos Sociais

O estudo proposto analisa os impactos socioeconômico-ambientais e lutas de resistência camponesas a partir do contexto do Programa Grande Carajás na perspectiva desenvolvimentista. Aborda-se em linhas gerais a dinâmica socioeconômica e política desenvolvimentista industrial que se deu no âmbito nacional e local a partir do II Programa Nacional de Desenvolvimento com a reestruturação econômica e espacial nas regiões do norte e nordeste para a expansão do capital industrial. Sob essa perspectiva, o Maranhão se insere no Programa Grande Carajás para dinamizar a economia do país; destacando-se, o município de Açailândia pela sua configuração socioespacial e seus recursos naturais. Esse município é precipuamente selecionado pelo capital na empreitada dos grandes investimentos no setor minero-metalúrgico e agropecuário. As contradições do propagado “desenvolvimento” não tardarão em expressar os impactos socioambientais na vida da população da cidade e do campo. Paradoxalmente, o crescimento econômico em virtude da agropecuária e siderúrgica guseira é acompanhado de concentração fundiária e de renda, de intensos conflitos e violência no campo entre latifundiários, posseiros e grileiros. Nesse contexto, o Assentamento Novo Oriente é um dos assentamentos rurais mais impactados com as ações da empresa mineradora VALE na região. A duplicação da Estrada de Ferro tem efeitos nefastos sobre a vida dos camponeses e das comunidades tradicionais. Os grandes investimentos alteram, substancialmente a vida da população rural; desrespeitando a diversidade cultural das populações territorializadas nas áreas atravessadas pelos trilhos da VALE. A dinâmica dessa empresa mineradora tem interferido na preservação da identidade das comunidades. A violação de direitos humanos e sociais compõe a face perversa do capitalismo predatório. As lutas de resistência dos camponeses têm como uma das principais bandeiras: a Reforma Agrária, sob uma perspectiva democrática e de justiça social, que acopla outras lutas em virtude das contradições impostas pela dinâmica dos grandes projetos. A mobilização e articulação de vários setores da sociedade civil, tais como: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, Comissão Pastoral da Terra-CPT, Organização Justiça nos Trilhos, Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos e outros Movimentos Sociais tem sido fundamental na luta conjunta contra um modelo de desenvolvimento que os exclui.

Leilane Aparecida Oliveira (UFU)

Diálogos Estéticos e Dramáticos na obra de David Mamet: a imagem da decadência em Perversidade Sexual em Chicago (1974); Bufalo Americano (1975); Glengary Glen Ross ou Sucesso a qualquer preço (1984)

Essa proposta de comunicação é parte de um projeto inicial de doutorado, que surge da vontade de investigar a fundo a obra do artista norte-americano David Mamet, bem como suas características e o que consagra esse artista enquanto intelectual e sobretudo, dramaturgo. A pesquisa permitirá com que lancemos base para questionarmos o lugar de Mamet no contexto do drama moderno norte-americano, historicizando sua obra bem como sua dramaturgia.

Antes de se chegar à obra de Mamet torna-se imprescindível conhecer o passado do teatro norte-americano bem como o próprio conceito de drama que é antes de tudo um

conceito histórico, até chegar ao drama contemporâneo, percebendo suas problemáticas, contradições e mesmo as mudanças estilísticas que surgem ao final do século XIX que revelará as diversas formas de fazê-lo. Desse ponto de vista quem é David Mamet? Em que medida ele se aproxima dessa ou daquela forma dramática? Ou seja, até que ponto ele se aproxima ou rompe com a forma clássica do drama encontradas em Ibsen e Tchekhov? Ou drama naturalista? Como ele se aproxima da própria corrente existencialista representada aqui por Arthur Miller? Ou da peça de conversação de Beckett? E, sobretudo: qual a relação do passado e presente em sua obra? Ou seja, qual a relação sujeito e objeto em sua dramaturgia? Como ele constrói seu diálogo dramático? O que é o drama contemporâneo a que Mamet está inserido?

Essas são algumas das questões para pensarmos em consonância com a abordagem de algumas de suas principais obras. Assim, serão questionados os discursos sociais que permeiam a dramaturgia “mametiana” a partir da década de 1970, com sua primeira obra *Sexual Perversity in Chicago*. Ora, ele encara a sociedade Americana como um mito, o sonho americano também, assim como o slogan de liberdade. É donde surge sua visão considerada tão pessimista acerca da sociedade em que ele vive em que tudo é decadência. Assim ele questiona: “What happened to this nation? Or did it ever exist...did exist with its freedoms and slogan. Where is America? I say it does not exist. And I say it never exist. It was all but a myth”. (O que aconteceu com este país? Ou será que existe ... será que existem com seu slogan de liberdade. Onde está a América? Eu digo que não existe. Ele nunca existiu. Foi tudo um mito (tradução nossa). In: BIGSBY, C. W. E. *Modern American Drama (1945-2000)*. Cambridge University Press, 2000, p. 199.)

Dessa maneira, como podemos perceber ou não essas questões e tantas outras nas obras: *Perversidade Sexual em Chicago* (1974); *Bufalo Americano* (1975); *Glengary Glen Ross* ou *Sucesso a qualquer preço* (1984)?

Leon Frederico Kaminski (UFF)

Estrada e contracultura nas páginas do underground: a imprensa alternativa como fonte para o estudo da prática da viagem entre os jovens da década de 1970

Na década de 1970, em plena ditadura militar, muitos jovens brasileiros apropriaram-se do imaginário e das práticas da chamada contracultura. Uma dessas práticas foi a de viajar, de “cair na estrada”. Apesar de ter sido uma atividade muito comum após 1968, há, no país, raras narrativas publicadas em livros. Na pesquisa que desenvolvo sobre o tema, os jornais undergrounds são uma importante fonte de informações e suporte de narrativas de experiências de viajantes. Neste sentido, tenho como objetivos apresentar e discutir, a partir do material já estudado, as possibilidades do uso da imprensa alternativa como fonte para o estudo da prática da viagem entre os jovens dos anos setenta.

Leonardo Augusto Silva Fontes (UFF)

Afonso X, o rei tradutor

Ao longo da Idade Média se desenvolve a concepção de tradução como uma espécie de *enarratio* (uma parte da gramática), onde o comentário praticamente substitui o texto original. A tradução em língua vulgar dos autores clássicos é uma atividade indissociável da exegese, do comentário e da apropriação textual. Mas a tradução não era simplesmente uma reprodução do texto da língua de partida na língua de chegada. O tradutor era, portanto, também autor. Além disso, a tradução era também um dispositivo de assimilação do Outro (Antiguidade e Islã), por meio da construção de semelhanças. A tradução pode ser vista como condição de possibilidade do diálogo intercultural ou a uma ontologia da linguagem.

O texto medieval não era considerado como algo imutável e definitivo, mas passível de interpretações, fabricos e reinvenções segundo tempo(s) e época(s). A possibilidade de enriquecer, corrigir, alterar, mudar e comentar era vista como uma condição de valorização, não uma deturpação da ideia original. Assim, traduzir significava não apenas transpor significado entre línguas, mas também uma operação que envolvia comentários, glosas e (re)construção de semelhanças.

Nessa época era praticamente impossível distinguir as categorias de escrita e leitura, ou escrita e oralidade, pois havia forte complementaridade entre ambas. A palavra se associava diretamente à escritura bíblica. No caso de Afonso X, a escrita foi tratada como um patrimônio, inclusive material, para a posteridade. O rei sábio integrou suas obras em seu patrimônio régio, de caráter político, cuja expressão material são textos escritos com caráter oficial, compostos e custodiados como verdadeiros bens, inclusive hereditários.

Portanto, o ato de traduzir na corte afonsina fazia a obra final adquirir um estatuto de verdade não apenas por ser fruto de uma oficina régia; desse modo, a tradução mobilizava todo um universo novo de categorias semânticas (com a aquisição de diversos vocábulos), de construções metafóricas e dos súditos a favor do rei e de seu imaginário.

A metáfora pode ser vista como produtora discursiva de semelhanças, implicando a identificação do mesmo no outro e do outro no mesmo. A tradução é um terreno ideal para a metaforização do mundo, por meio de tensões comparativas e construções de comparáveis. Principalmente no medievo, época em que o mundo era compreendido, em grande parte, por meio de metáforas e analogias, que longe de serem meros recursos linguísticos, constituíam-se então em produtoras de semelhança, de sentido e de presença. É sobre essas questões entre tradução, circulação e poder que esse trabalho visa contribuir.

Leonardo de Oliveira Conedera (PUC/RS)

Bernardino Frescura: a narrativa do geógrafo veneto sobre o Rio de Janeiro

A partir da segunda metade do século XIX, inúmeras viagens provenientes do continente europeu circulavam pela América do Sul escrevendo monografias descrevendo suas impressões a respeito dos lugares e cidades que conheceram. Então, a presente comunicação visa analisar a obra, *Sull'Oceano cogli Emigranti*, de Bernardino Frescura. Através da análise textual discursiva, buscar-se-á destacar aspectos presentes na narrativa de Frescura acerca do Rio de Janeiro no princípio do novecentos. A partir do relato deste viajante italiano, que descreveu a sua passagem pela capital federal nos primeiros anos do século passado.

Leonardo Guimarães Leite (UFRB)

La guerra del fin del mundo e a reescrita da história de Canudos

La guerra del fin del mundo (1981) é um romance escrito pelo renomado escritor peruano, Prêmio Nobel de Literatura (2010), Mario Vargas Llosa, no qual o autor retoma um dos temas mais importantes da história brasileira: a Guerra de Canudos (1896-1897). Configurando-se como a primeira obra de Vargas Llosa na qual o contexto e as personagens situam-se para além da realidade do Peru, o romance em questão, utilizou como principal referência à clássica obra de Euclides da Cunha (1866-1909), *Os Sertões* (1902). Essa comunicação objetiva discutir alguns aspectos relacionados às motivações ideológicas, políticas e artísticas de Vargas Llosa na construção do seu romance, buscando estabelecer, um diálogo acerca do procedimento metodológico utilizado, onde analisaremos as relações entre história, literatura e memória. Diante disso, dialogamos com obras literárias, jornais, artigos e entrevistas, na perspectiva de evidenciar as hibridações entre relatos históricos e narrativas literárias. Finalmente, pretendemos destacar como o escritor peruano rememora e ressignifica a história da guerra de Canudos através da sua obra.

Leonildo José Figueira (UEPG)

Observação, testemunho, descrição do Brasil em Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai, por Richard Francis Burton entre 1865 e 1868

Considerado um dos mais marcantes intelectuais do seu tempo, Richard Francis Burton nasceu em 1821 em Hertfordshire e morreu em 1890 em Trieste; curiosamente viveu numa época de grande importância política para seu país, período de reinado da Rainha Vitória. Ele foi militar, diplomata, cientista, naturalista, autor, tradutor etc.; Como explorador do continente africano empreendeu ousadas expedições no continente africano ao lado de John Hanning Speke com o qual esteve envolvido nos acalorados debates sobre a nascente do Rio Nilo. No Brasil, Burton foi cônsul inglês em Santos entre 1865 e 1869, deixando importantes relatos de viagem, uma brilhante narrativa sobre a Guerra do Paraguai e sobre o contexto brasileiro da época, sob forma epistolar. As cartas-reportagens de Burton eram endereçadas a um destinatário anônimo “Z ...”; A obra *Letter From the Battlefield of Paraguai*, publicada em Londres (1870), Richard Burton reuniu 27 missivas, a primeira datada de Montevidéu em 11 de agosto de 1868, e a última escrita em Buenos Aires em 21 de abril de 1869, depois de visitar os campos de batalha por duas vezes (de 15 de agosto a 5 de setembro de 1868 e de 4 a 18 de abril de 1869). Além de refletirmos a maneira como o Brasil é representado na obra de Burton, analisaremos, os interesses que motivaram o viajante a percorrer o Brasil estabelecendo relações nesse território, bem como seu “lugar social” cujos relatos que vão além da observação pitoresca e nos servem de fonte histórica a antropológica.

Letícia Badan Palhares Knauer de Campos (UNICAMP)

A cultura visual e o cinema de horror italiano - Apropriações e uso das artes

A proposta de comunicação que se segue parte da pesquisa de mestrado “A cultura visual no cinema de Dario Argento”, sob orientação do Prof. Dr. Jorge Coli (UNICAMP) e fomento da FAPESP. Como os demais gêneros do cinema, o horror, o terror e o suspense trabalharam de forma constante a representação e utilização das obras de arte e da cultura visual. O cinema de horror italiano, sobretudo, apresenta as citações plásticas como artifícios de medo e inquietação na composição de cenas, momentos e personagens. Dentre alguns cineastas que utilizam as imagens a seu favor, podemos citar alguns, como Dario Argento, Mario Bava, Michele Soavi, Pupi Avati e Lucio Fulci, que, através de diversas formas e concepções inserem na tela as obras de arte. Para além das recriações de pinturas, como no caso de *Nighthawks* (1942) de Edward Hopper em *Profondo Rosso*, 1975, Argento concebe seus espaços de maneira a dialogar insistentemente as disciplinas artísticas, a saber, o cinema, a pintura, a escultura, a arquitetura, a ópera e a literatura. Lucio Fulci, em contrapartida, insere a arqueologia como tema central de alguns filmes, trabalhando a cultura material como aspecto sobrenatural e carregado de mistério. Pupi Avati nos exhibe em *La casa dalle finestre che ridono*, 1976 o restauro de uma obra, cujo repertório visual transpassa a história e iconografia do martírio de São Sebastião. Mario Bava, por sua vez, nome supremo na história do cinema fantástico na Itália, afirma ter utilizado como inspiração para cenas de *La maschera del demonio*, 1960, a passagem na floresta da narração de “A Branca de Neve”. Esta comunicação, tem portanto como objetivo salientar como um cinema demasiado popular na Itália, trabalha com um repertório cultural tão amplo e refinado. É evidente que o cinema se faz por e através da cultura, mas nos casos acima citados evidenciamos uma vontade latente de mesclar arte e horror.

Letícia Gonçalves Alfeu de Almeida (UNESP/Franca)

Imagens, imaginação e introspecção na leitura devota proposta aos simples (século XV)

Na passagem do século XIV ao XV, o célebre teólogo da universidade de Paris, Jean Gerson, escrevia em francês uma série de textos devocionais destinados ao “simples”, isto é, aos laicos desconhecedores do latim. Entre esses escritos encontra-se o texto da “Montanha de Contemplação”, em que Gerson aborda a teologia mística e defende que a vida contemplativa, baseada na solidão meditativa e na introspecção, não é exclusiva dos clérigos, mas é algo a que todos os cristãos deveriam aspirar. Nesta obra em particular, destaca-se o incentivo ao esforço imaginativo por parte do leitor, que, a partir das indicações fornecidas pelo autor, deveria construir na memória a imagem alegórica da montanha e seus obstáculos. Com base nesse texto de Gerson e nos livros que o difundiram no período, este trabalho propõe mostrar como o ensinamento religioso e moral é organizado a partir da imagem (entendendo por imagens tanto aquelas evocadas verbalmente pelas descrições ou as imagens materiais, das ilustrações da página). Pretende-se avaliar o papel e o peso das imagens e das prescrições relativas à visualização e à imaginação na obra de Gerson, com o intuito de desdobrar como o texto se une à imagem na proposição de uma forma de leitura e devoção específicas, amparadas nos exercícios de meditação e na introspecção. Trata-se de compreender o papel de Gerson na definição das práticas de devoção do período, em que as imagens e a imaginação lhes servirão de apoio, num momento de acentuado desenvolvimento do interesse dos laicos pelas experiências espirituais e pelas práticas privadas de oração, no contexto francês.

Liane Maria Nagel (UFSC)

Leituras sobre as Missões guarani-jesuíticas através de obras artísticas do século XX e XXI

A respeito das Missões guarani-jesuíticas da Região Platina inúmeros estudos historiográficos foram feitos e muito já foi escrito, resultando um conjunto de análises do ponto de vista econômico, político, demográfico, arqueológico, antropológico, arquitetônico, artístico e outras. Sobre as obras de arte produzidas durante os séculos XVII e XVIII, período em que os índios guaranis, sob a orientação dos jesuítas, fizeram esculturas representando santos católicos e construíram catedrais com elementos do estilo Barroco, também existem muitos estudos. A respeito das obras inspiradas nas Missões, nos séculos XX e XXI, poucos.

Ao estudar outras possibilidades de leituras sobre as Missões, através das obras de arte publicadas por artistas brasileiros na segunda metade do século XX e início do XXI, percebi que algumas exploram conceitos como os de espaço e tempo, referenciando os remanescentes arquitetônicos do ponto de vista físico. Algumas trabalham com memória e se referem aos personagens da história, como os índios, os jesuítas, os bandeirantes, os soldados portugueses e espanhóis. Outras tratam da iconografia dos símbolos religiosos, ligados ao trabalho de evangelização desenvolvido pelos integrantes da Companhia de Jesus junto aos índios.

Essas imagens podem ser encontradas nas galerias de arte e em coleções particulares, ou expostas em museus e Casas de Cultura. Outras em murais e painéis, junto a lugares públicos ou de circulação, como na entrada do Trensurb, em Porto Alegre; em Universidades, como na UNISINOS, em São Leopoldo (RS) e na URI, em Santo Ângelo (RS).

As análises acerca das Missões no imaginário e nas representações das artes visuais no Rio Grande do Sul oportunizaram refletir sobre a maneira como parte da atual sociedade rio-grandense se relaciona com essa história, com seus remanescentes arquitetônicos e artísticos bem como com seus significados. A produção de imagens continua a ser exercida e apresentada em exposições como a da Bienal do MERCOSUL em 2011, comprovando o quanto a memória das Missões é importante.

Outra questão a ser refletida é sobre as possibilidades de trabalho com os alunos sobre essa iconografia, de significados tão caros não só aos rio-grandenses, mas também aos habitantes de toda a região platina. O tema contém um gigantesco potencial para suscitar novas pesquisas e interpretações, que poderão contribuir para o nosso autoconhecimento, condição indispensável para a projeção e construção de uma sociedade mais justa e tolerante, na qual todos os povos tenham sua cultura reconhecida e respeitada.

Lidiane Álvares Mendes (UFAM)

A fala da loucura através dos prontuários médicos do Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro - Manaus (1960-1070)

A nova historiografia vem constantemente superando as temáticas existentes em relação às fontes de pesquisa, onde estão à disposição novos cunhos para as análises históricas, inclusive no que tange o corpo e a mente humana. Como perspectivas de estudos médico, sanitarista, urbanístico e de sociabilização dentro do espaço público, possibilitando novos estudos em fontes até então não convencionais. Desta premissa, os prontuários médicos são hoje fontes que nos falam através das múltiplas facetas dos enfermos, da loucura, e dos loucos, suas características de internamento, diagnóstico, alta, fuga ou óbito. Os prontuários médicos escritos sob o olhar dos profissionais da saúde e, sobretudo esmiuçados sob a ótica do historiador, nos concedem os aspectos de internação, das conjunções sociais destas pessoas e da urbanização do espaço público, que determinam toda uma teia de que são submetidos estes sujeitos sociais. Dentro deste aspecto esta análise remete-se a problematizar os prontuários médicos do Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro, no município de Manaus/AM, entre os anos de 1960 a 1970, tendo como prioridade o estudo de gênero, aqui refletidas no homem. Os homens, indigentes, funcionários públicos, comerciantes, servidores braçais, seringueiros, pedreiros, marítimos, indigentes, vagabundos, larápios, com diagnósticos precoces, crônicos ou surtos determinados por fatores esporádicos, muitas vezes levados ao hospício pela polícia, outras tantas pela própria família, outros recebiam alta mais retornavam várias vezes. Houve os que fugiram. Os que vieram a óbito. E os que passaram a morar no hospital. Pretende-se nesta análise privilegiar de forma quantitativa a relação do doente com sua família, com a internação e diagnóstico, e o limiar de sua doença que transcorre muitas vezes com momentos de lucidez e crises. Estabelecer esse cruzamento de informações é o objetivo precípua desta análise que se concretiza dentro da conceitualização da loucura, da constituição do espaço público enquanto agente criador dos hospícios, do papel da família, dos discursos médicos, sanitarista, de urbanização e do papel do Estado nas concepções de medicalização destes indivíduos.

Ligia Cristina Machado (UNICAMP)

Julia Lopes de Almeida folhetinista: “A família Medeiros” nas páginas da Gazeta de Notícias

Essa comunicação procura apresentar uma produção romanesca da escritora Julia Lopes de Almeida, “A Família Medeiros”, durante sua veiculação no periódico carioca *Gazeta de Notícias*, no final de 1891, um período conturbado da transição entre a monarquia e a república. Muito reconhecida em sua época, Julia Lopes foi considerada a maior escritora do entre séculos, ainda assim sua obra e seu nome foram praticamente esquecidos na atualidade. Autora de diversos romances, Julia Lopes foi bastante elogiada por essa produção. Na introdução da segunda edição do romance, publicada em 1894, foi dito aos leitores que a primeira edição da obra se esgotara em três meses. Pensando-se nessa boa recepção, busca-se relacionar essa produção literária da autora com seu meio de veiculação original de modo a estabelecer uma relação entre a narrativa e as preocupações sociais da época transmitidas pelos demais artigos do periódico.

Lilian Bado (Goldsmiths University of London)

Liberdade e corpo na arte de Hélio Oiticica

Esta apresentação é sobre o artista Hélio Oiticica, tendo como objeto de estudo seus textos e ambientações das décadas de 60 e 70. O embasamento teórico ficou por conta da comparação de conceitos em comum, embora visões diferentes, entre Oiticica e o filósofo Jean-Paul Sartre como: liberdade, corpo e a importância do vazio na vida do ser humano. O tema central da pesquisa é a análise da importância do vazio nos trabalhos de Hélio Oiticica.

O vazio aparece em duas instâncias na obra de Oiticica: uma na criação do espaço a ser ocupado pelo corpo do participante e outra com a falta de significado de seu ambiente. O vazio concreto está na estrutura para abrigar o corpo, que acontece quando o artista usa elementos para receberem o corpo (redes, ninhos, colchões, espuma). Já o vazio abstrato vem da falta de sentido simbólico, embora Oiticica faça espaços para ser abrigo do corpo do espectador/participador, este espaço difere de todos os outros espaços habitados. As ambientações de Oiticica não tem função determinada como os lugares de circulação; em um aeroporto, supermercado ou sala de jantar, as regras de comportamento são previamente conhecidas, nos trabalhos de Oiticica as regras de comportamento não estão claras, o participador tem liberdade de experimentar e criar comportamento nestas ambientações artísticas.

Oiticica defende o vazio como elemento fundamental para individualização, pois quando se acessa o vazio o participador tem espaço para fundar/criar seu próprio comportamento ao invés de viver segundo controles disciplinares externos. Assim, Oiticica propõe um caminho para a reflexão sobre o comportamento, distinguindo imposições sociais de comportamentos que estão de acordo com as necessidades do participador enquanto sujeito, não objeto. A partir desta vivência, conquista-se a clareza de quais escolhas fazer rumo a uma vida vivida com o exercício da liberdade. Desta maneira a pesquisa traz reflexões sobre autoria da obra de arte, uma vez que Oiticica convida o participador a ser co-criador, e relações do indivíduo com a sociedade, já que Oiticica apresenta o comportamento do indivíduo como influenciado ou determinado pela sociedade, sendo necessário reorganizar-se para que cada indivíduo funde seu próprio ser.

Como embasamento teórico, trago a importância existencial do conceito de nada em O Ser e o Nada, Jean-Paul Sartre, na constituição do ser humano enquanto responsável por sua própria vida e por sua formação. Sartre e sua obra acima citada estão nos arquivos de Oiticica como referências para o projeto do livro Newyorkase. Ambos tinham preocupações éticas, morais, de liberdade e engajamento social e tentaram resolvê-las em suas áreas de atuação em forma de ensaios e obras de arte. Enquanto as ambientações de Oiticica são exercícios para a liberdade, a literatura e teatro de Sartre são laboratórios para seus personagens viverem o existencialismo.

Lilian Cristina Côrrea (MACKENZIE)

Luciana Duenha Dimitrov (MACKENZIE)

*Variáveis de crítica política, social e histórica em peça e filme *The Crucible*, de Arthur Miller*

Ao escrever *The Crucible (As Bruxas de Salem)*, Arthur Miller apresenta ao leitor o contexto social do período colonial americano para retratar uma questão de sua atualidade: o macartismo. Ambientada na cidade de Salem, Massachusetts, em 1692, a

peça retoma episódios que marcaram a vida dos habitantes de toda aquela região, quando em uma comunidade estritamente religiosa, onde a teocracia e a religiosidade puritana andavam lado a lado, mulheres eram condenadas à morte sempre que envolvidas com bruxaria. Esse episódio, que foi nomeado de caça às bruxas, predomina na trama criada por Miller; entretanto, mascara a real caça às bruxas que o dramaturgo vivia, a saber, a perseguição aos comunistas. Envolto em críticas veladas ao período pós II Guerra Mundial, o dramaturgo apresenta em seu texto teatral as inconsistências dos julgamentos das bruxas de Salem e o comportamento extremo de seus habitantes, resultante de desejos obscuros e intenções secretas. O filme homônimo de Nicholas Hyther, datado de 1996, teve seu roteiro escrito pelo próprio dramaturgo, o que indica a temática da peça como recorrente e interessante em qualquer momento histórico-social. Os questionamentos que permeiam tanto texto teatral quanto fílmico são alicerçantes na proposta que se apresenta aqui: analisar a versão para o cinema de *As Bruxas de Salem*, atentando a aspectos referentes à adaptação do hipotexto, como tentativas de estabelecer um paralelo entre as suas linguagens e seus efeitos como obras que dialogam não somente entre si, constituindo uma relação intertextual explicitamente marcada, mas que também promovem uma relação dialógica com o contexto social a que se referem, denotando variáveis de crítica política, social e histórica.

Liliane Carneiro dos Santos Ferreira (UnB)

A imprensa e ópera italiana nos primeiros anos da República (Rio de Janeiro - 1889-1898)

Pretendemos discutir, na comunicação proposta, a relação entre a imprensa e os espetáculos de ópera da primeira década da República, compreendendo os periódicos como importantes fontes de pesquisa sobre os costumes e gostos do público fluminense.

Como expressão da *belle époque*, período em que a elite brasileira buscava se espelhar nos hábitos franceses, a ópera italiana manteve-se como uma das atividades culturais mais apreciadas pelo público proveniente das classes abastadas cariocas nos primeiros anos da República. Os jornais que circulavam na época, bem como periódicos semanais, dão destaque às apresentações de ópera, que ocorriam em temporadas líricas no principal teatro do Rio de Janeiro naquele momento, o *Theatro Lyrico*.

A imprensa, portanto, se configura como importante fonte de pesquisa para a percepção do espaço que a ópera ocupava na sociedade, seus significados, sua recepção, não deixando de retratar as polêmicas provenientes dos embates entre os críticos dos diferentes jornais a respeito do gosto musical do público fluminense. Nas páginas dos principais periódicos em circulação no Rio de Janeiro está registrada a preferência do público pela ópera italiana e pela música vocal, a admiração pelos artistas estrangeiros, o orgulho das estreias triunfais de óperas de Carlos Gomes em Milão. Também está presente certo inconformismo de alguns críticos em relação ao gosto musical fluminense, em decorrência das características anteriormente elencadas.

Lis de Araújo Meira (UFPB)

Técnicas e simbologias no processo de recrutamento militar na Paraíba Oitocentista (1840-1860)

O trabalho proposto pretende analisar as formas pelas quais as autoridades paraibanas efetuaram o recrutamento de homens para o Exército brasileiro, no contexto da construção do estado imperial.

As forças militares, no Império brasileiro, se constituíam de maneira muito complexa e ambígua, ora sendo controladas pelo Estado, ora sob influência de particulares. Essa falta de espírito bélico se explicaria pela sua história sem grandes conflitos militares de caráter nacional e sem disputas exteriores. Assim, o Brasil não precisava se preocupar em manter um efetivo considerável no Exército. O período liberal, que deu origem à criação da Guarda Nacional, pretendia conter as rebeliões apenas com a força da Milícia Cidadã, já que o Exército, nesse período, representava uma organização composta por estrangeiros.

Como é sabido, o Exército no Brasil só ganhou maior consistência após a Guerra do Paraguai (1864-1870). Antes disso, era uma instituição mal vista e suas condições de serviço eram precárias. Ser soldado, nessa época, correspondia a um sacrifício do qual se deveria escapar de todas as formas possíveis. É desse pavor que nascem as redes de isenções, das quais fazia parte uma parcela privilegiada da sociedade.

Levando em consideração que uma das formas pelas quais o Estado manifesta o seu poder é através do monopólio da violência, o estudo da manutenção das forças repressivas é fundamental para o entendimento desse processo de construção do Estado brasileiro. O recorte proposto neste trabalho corresponde a um período importante para a História do Brasil, em que se percebe um maior aparelhamento do Estado. Porém, é importante lembrar que cada região absorveu as ordens centrais de acordo com suas culturas políticas, sendo assim, analisaremos as formas pelas quais esse processo se desenvolveu na província da Paraíba.

O recrutamento militar operado no período imperial significava a conscrição de uma população marginalizada, além disso, esse processo também representava um espaço de disputa por poder, no qual adversários políticos se enfrentavam, medindo seus espaços de atuação e controle.

Lívia Bernardes Roberge (UDESC)

As influências das ideias de Thomas Morus e Nicolau Maquiavel durante o reinado de Henrique VIII da Inglaterra (1509-1547)

A proposta deste artigo constitui uma breve primeira análise das influências das principais ideias presentes nas obras de Nicolau Maquiavel e Thomas Morus (respectivamente, "O Príncipe" e "Utopia") no contraditório e polêmico governo de Henrique VIII, que foi rei da Inglaterra entre os anos de 1509 e 1547. Henrique VIII fora um monarca que mudou para sempre a história da monarquia inglesa por ter sido o responsável pela decisão de ruptura entre o Vaticano e a Inglaterra, dando origem assim à Igreja Anglicana, que tem o monarca como chefe de Estado e líder da Igreja simultaneamente (configuração esta que mantém-se até os dias atuais). Conhecido por ter sido um monarca que admirava abertamente as ideias de Maquiavel, Henrique VIII teve como *Lord Chancellor* o notável Thomas Morus (canonizado pela Igreja Católica em 1935), entre os anos de 1529 e 1532. Morus é autor da aclamada obra de ciência política "Utopia", escrita em 1516, onde ele expressa seus pensamentos acerca de alguns

dos problemas enfrentados pela Europa do século XVI, bem como "soluções", dando origem assim ao termo "utopia". Será explorado aqui de maneira leve o fato curioso de Henrique VIII ter sofrido muito mais influência das ideias maquiavélicas contidas em "O Príncipe" (escrito em 1513 e publicado em 1532) do que das ideias de Morus. Henrique VIII eventualmente acaba por condenar Morus à morte pelo fato de este se recusar a reconhecer o divórcio entre o rei e Catarina de Aragão, bem como por se recusar a aceitar Henrique VIII como chefe da Igreja Anglicana, já que Thomas Morus era conhecido por ser um devoto católico bastante fiel. Tecer-se-á, então, uma análise do governo de Henrique VIII vinculando o mesmo às ideias dos dois pensadores. Faz-se necessário considerar este artigo enquanto um trabalho bastante introdutório, fazendo parte de uma pesquisa que tem como objetivo adensar-se.

Luã Ferreira Leal (UNICAMP)

“Estamos praticamente na estaca zero”: comentários de Ary Vasconcelos sobre música popular

Há na escrita da história da música popular duas questões que perpassam diversas obras de autores não acadêmicos: a busca pelas origens da musicalidade nacional e a crítica à mercantilização da cultura. A reformulação estrutural do mercado de bens simbólicos no Brasil está inextricavelmente ligada aos investimentos em modernização das tecnologias de comunicação durante o regime militar. A partir da década de 1960, a cultura popular foi tratada por um conjunto de intelectuais como espaço de resistência, ainda que débil, frente aos avanços da indústria cultural. Em um movimento de “busca do povo”, artistas e intelectuais se dedicaram a resgatar e a preservar a relação tida como autêntica entre as camadas populares e a expressão cultural brasileira. Entre os diferentes autores que se dedicaram aos estudos da música popular, sobretudo em escrever a história e preservar a memória, ressalto a produção do jornalista e radialista Ary Vasconcelos. Em 1964 foram lançados dois volumes do “Panorama da Música Popular Brasileira” - no preâmbulo dessa obra, Vasconcelos afirma que “estamos praticamente na estaca zero” em relação aos “estudos de história da música popular” - e em 1977, “Panorama da Música Popular Brasileira na Belle Époque” e “Raízes da Música Popular Brasileira (1500-1889)”. Seus livros reúnem pequenas biografias de “personagens” julgados como relevantes para a história da música, as quais são seguidas de bibliografia pertinente sobre os músicos biografados. Ao analisar esses três livros, destacarei dois aspectos centrais para sua concepção de pesquisas sobre música popular: por um lado, a necessária preservação (ou recuperação) da “raiz” e das origens, por outro, os critérios de definição dos protagonistas do processo de formação, inclusive com a demarcação da “época de ouro”.

Luana Tiekko Omena Tamano (USP)

As classificações do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental e o impacto sobre a vida das crianças

O Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM) foi um órgão criado em 1933, e posto em funcionamento em janeiro de 1934, vinculado ao Instituto de Pesquisas

Educacionais (IPE) no Rio de Janeiro. Tinha como objetivo a prevenção e correção dos desvios comportamentais apresentados pelas crianças assistidas por ele, matriculadas nas escolas experimentais. Para alcançar suas metas, o Serviço contava com uma equipe formada pelos diretores e professores das escolas, visitantes, psicólogos, médicos e os pais dos alunos; e interferia diretamente na vida das chamadas crianças-problema e de sua família. Assim, com este trabalho, almeja-se, por meio de uma análise histórica, refletir como as classificações do Serviço (violenta, arredia, mentirosa, deficiente intelectual, agitada, etc) afetavam estas crianças-alunos-problema, criando estigmas que acabavam sendo apropriados por elas. Esta intromissão podia causar neuroses que eram, justamente, os alvos a serem prevenidos pelo SOHM. Destarte, será por intermédio das fichas comportamentais, que buscaremos compreender nosso objetivo proposto, uma vez que nelas é possível observar como as crianças eram esquadrihadas, seu comportamento classificado, sua família vigiada e seus hábitos modificados.

Lucas de Araujo Barbosa Nunes (UNESP/Assis)

Mario Pedrosa - Historiador da Arte

Esta comunicação pretende destacar a originalidade do pensamento de Mário Pedrosa na área de história, principalmente uma faceta pouco conhecida do público: o de historiador da arte. Ele buscou, ao longo de sua trajetória como crítico de arte, desenvolver sua visão sobre a história da arte no Brasil, não se limitando a olhar para o presente, ou somente para as obras produzidas na época, mas procurando compreender o fenômeno artístico em seu conjunto. As suas obras nos revelam não apenas um crítico de arte, mas também um historiador que utiliza a perspectiva histórica para entender o processo artístico e perceber as suas mudanças que a cada momento ocorrem. A história da arte, neste ponto de vista, não se configura apenas nas grandes narrativas de mestres ou obras-primas, mas é uma ferramenta que permite comparar e refletir o passado, tendo como objetivo verificar as condições de criação da arte na atualidade.

Foi com essas convicções que ele escreveu a tese “*Da Missão Francesa - Seus Obstáculos Políticos*”, escrita na ocasião do concurso à Cátedra de História Geral e do Brasil do Colégio Pedro II (CPII), em 1955. Nessa tese Pedrosa trabalha como um historiador, principalmente no manejo cuidadoso com as fontes e na pesquisa detalhada sobre os fatos e personagens que cercaram a vinda da “Missão Artística Francesa de 1816” ao Brasil. A originalidade da tese consiste em ser o primeiro trabalho a desmistificar a versão difundida por Afonso E. Taunay que afirmava ser a “missão francesa” uma iniciativa exclusiva de D. João VI e do seu ministro Conde da Barca. Analisando os documentos diplomáticos entre o chefe da “missão francesa” Joachim Le Breton e os agentes portugueses, o nosso crítico levanta a hipótese da não oficialidade do convite, sendo que os artistas vieram para o Brasil por conta própria, precipitado pelas perseguições políticas que assolou a França depois da queda do Governo dos Cem Dias de Napoleão Bonaparte. Mas a tese de Pedrosa vai além das explicações sobre o fracasso da “Missão Artística Francesa”. A intenção de nosso crítico era mostrar os problemas das influências externas na história da arte brasileira. A seu ver, a presença daqueles artistas franceses no Brasil de D. João VI contribuiu para interromper o curso de nossa tradição artística, o barroco, via Lisboa. Em suma, a sua tese nos apresenta elementos preciosos para uma reavaliação a respeito dos personagens e fatos que cercaram a vinda

desses artistas franceses ao Brasil, lançando novas luzes sobre o problema das influências estrangeiras em nossa cultura.

Lucas de Sousa Medeiros (UFU)

Questões de gênero em publicações para juventude e histórias em quadrinhos

Dentro do conjunto das produções consideradas típicas da indústria cultural no século XX, as publicações voltadas para juventude, como histórias em quadrinhos e literatura infanto juvenil - ou young adult -se destacam por conquistarem um largo mercado e vivenciarem uma crescente ampliação de público, à medida que a própria adolescência vai sendo estendida. Tais publicações acabam corroborando com modelos dominantes de gênero, reproduzindo tipos ideais de homens e mulheres e anti-modelos que não raro são punidos por fugir a norma. Através de seus personagens, as publicações para juventude retratam situações vividas ou revelam anseios e desejos com os quais os leitores se identificam, mediando os horizontes de expectativa (projeção) com os valores socialmente estabelecidos (identificação). As revistas em quadrinhos, pelo foco atribuído à ilustração é um terreno propício para a disseminação de metonímia visuais que alinhem valores morais e éticos com valores estéticos e narrativos, fazendo-os um terreno propício para construção de tipos sociais e modelos de conduta. As representações de homem e mulher nas histórias em quadrinhos voltadas a juventude é marcada por um elemento forte de projeção, no qual o realismo é colocado em segundo plano diante de um idealismo gráfico. Essa comunicação tem por proposta analisar a relação entre os valores axiológicos e o realismo fantástico das histórias em quadrinhos acerca dos aspectos de relação de gênero nos quadrinhos de aventura e super-aventura voltados a juventude e publicados no Brasil nas décadas de 40 a 60.

Lucas Ricardo Simone (USP)

Dmitri Likhatchov e a cultura da Rússia Antiga

Dmitri Serguêievitch Likhatchov nasceu em 1906 em São Petersburgo, e ali faleceu em 1999. Testemunha do século XX, o acadêmico Likhatchov tornou-se um dos mais importantes pensadores de seu país: produziu uma bibliografia extremamente vasta, e contribuiu de maneira decisiva para os estudos de história cultural e de literatura na Rússia.

Nosso objetivo é apresentar um panorama da biografia e da obra de Dmitri Likhatchov, com ênfase em seus trabalhos acerca do período pré-petrino.

Lucia Silva Parra (USP)

Leituras anarquistas em São Paulo

Estudo da circulação de livros e práticas de leitura entre anarquistas atuantes na cidade de São Paulo na década de 1930. Foi analisada a formação e o desenvolvimento do

acervo da biblioteca do Centro de Cultura Social (CCS). Organizado por anarquistas em 1933 e fechado em 1937 com o Golpe do Estado Novo, encerrando sua primeira fase. Sua biblioteca, neste período foi constituída por livros, jornais e documentos de militantes anarco-sindicalistas e tinha como função servir de subsídio para as atividades deste centro de cultura, como leituras comentadas, palestras, cursos e atividades teatrais. Além desta fonte de pesquisa foram usados também resenhas e anúncios de venda de livros publicados nos jornais *A Lanterna* e *A Plebe*, entre 1933 e 1935 e documentos do DEOPS/SP, tais como autos de busca e apreensão de bibliotecas particulares de anarquistas e relatórios de investigação que tratavam de circulação de livros e jornais libertários. As pesquisas sobre história dos livros e práticas de leitura de Robert Darnton foram usadas como referencial teórico. No que se refere à circulação dos livros verificou-se que eram vendidos em algumas livrarias na cidade de São Paulo, através dos jornais libertários e pelos próprios militantes. Entre os anarquistas eram frequentes tanto as práticas de leituras comentadas em espaços como centros de cultura e bibliotecas populares quanto as leituras individuais de obras adquiridas através de compra e guardadas em pequenos acervos particulares.

Luciana Almeida das Chagas (UFF)

E o jornalismo, para que serve? A persistência do mito da imparcialidade à luz da literatura e da história

Esta comunicação é resultado parcial de pesquisa em andamento e tem o objetivo de propor uma reflexão sobre os motivos pelos quais o jornalismo praticado no Brasil contemporâneo insiste frequentemente em qualificar-se como abordagem neutra, imparcial e isenta da realidade. Ao divulgar os seus princípios editoriais, o maior grupo de mídia do país reitera essa posição. Analisando artigo do diretor geral de jornalismo da Rede Globo de Televisão, fica evidenciada a pretensão daquele veículo no que diz respeito a este aspecto. Contudo, no passado, a presença de literatos nas redações e nas páginas dos jornais e revistas já indicava justamente a parcialidade consubstanciada no texto, a visão parcial de quem escreve. Além disso, os historiadores, ao lidar com a imprensa enquanto fonte, expressam a convicção de que os jornais e revistas não ultrapassam a condição de documento que precisa ser confrontado na busca pela compreensão do passado e do presente. Cotejando a relação de escritores e historiadores com a imprensa, esta comunicação pretende evidenciar que todo e qualquer veículo de comunicação interpreta a realidade a partir de uma perspectiva própria, que é atravessada pelos seus interesses políticos, econômicos, ideológicos e editoriais. A afirmação da imparcialidade e da isenção nada mais é do que uma estratégia deliberada de omitir ou negar os interesses que a imprensa historicamente sempre defendeu. Cabe ao pesquisador cumprir o papel pedagógico de investigar e tornar público os interesses que sempre estão em jogo. Ocultar e negar o conflito entre versões é, nesse caso, uma forma de negar também conflitos de outra natureza, notadamente os interesses de classe ou a própria luta de classes.

Luciana Cavalcanti Mendes (USP)

Diários fotográficos de bicicleta em Pernambuco: os irmãos Ulysses e Gilberto Freyre na documentação de cidades na década de 1920

Esta pesquisa objetiva analisar 66 fotografias de alguns prédios e ruas das cidades pernambucanas de Recife, Olinda e Jaboatão tomadas entre os anos de 1923 e 1925 por Ulysses Freyre (UF), durante excursões de domingo realizadas de bicicleta junto com seu irmão, o sociólogo Gilberto Freyre (GF). Busca-se então elucidar a fotografia amadora de cidades em vias de transformação urbana que os irmãos Freyre se preocuparam em registrar na época quando GF volta de viagem de seus estudos no exterior e resolve documentar o que estava em vias de desaparecimento por conta das inúmeras transformações urbanas que ali estavam acontecendo e a utilização destas imagens posteriormente. Será necessário também ressaltar o uso destas fotografias por (GF) como instrumento de pesquisa - no período embrionário da composição/organização por parte de (GF) do “Livro do Nordeste” e também como artefatos de memória afetiva de apreensão das já aqui citadas cidades de Pernambuco nas primeiras décadas do século XX. Alinhava-se assim, esta parceria documental fotográfica entre o sociólogo e seu irmão (UF) neste percurso de bicicleta que pode ter favorecido tanto ao fortalecimento da relação de afetividade deles, quanto ao próprio ato de fotografar a arquitetura das cidades, dando notoriedade à fotografia vernacular (amadora, do cotidiano) objetivada aqui. As imagens citadas são inéditas ao público e estão acondicionadas no acervo da Fundação Gilberto Freyre no bairro de Apipucos, em Recife, Pernambuco. Fazem parte do vasto arquivo do sociólogo composto por além das inúmeras cartas, textos, livros, desenhos feitos por ele e cerca de 18.000 fotos utilizadas por GF como objeto auxiliar de pesquisa.

Luciana Coelho Barbosa (UFRGS)

Imaginando a nação uruguaia: pintura e história sob a perspectiva de Juan Manuel Blanes

O diálogo entre imagem e palavra é componente essencial para a análise da construção identitária, daí pode-se inferir que a relação entre a escrita da história nacional e a pintura histórica evidencia a interação entre os contextos político e cultural. O “fazer a pátria” pela via institucional coloca em consonância o trabalho dos pintores históricos e dos historiadores, haja vista que, assim como o discurso histórico estava engajado no processo de construção de uma narrativa identitária nacional, esses artistas também atuavam na formação de uma memória nacional por meio do discurso pictórico. A esperada identificação do espectador com as cenas representadas nas pinturas iria depender de um meticuloso trabalho de investigação. Nesse sentido, a relação entre verdade e conhecimento historiográfico esteve presente como pressuposto importante para a execução do trabalho artístico, que procurava representar o passado através de seus vestígios.

As imagens propagam valores de um determinado período, mas o ponto de vista dos autores, suas preocupações, seus valores, suas próprias mensagens, estão imbricados nelas. Assim, devemos entender as imagens não como algo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada no desenvolvimento temporal. A proposta dessa comunicação é discutir algumas relações entre a escrita da história oficial do Uruguai e suas representações imagéticas sob a perspectiva da pintura histórica de Juan Manuel Blanes.

Luciana da Costa de Oliveira (PUC/RS)

A temática do gaúcho na pintura de Pedro Figari

O presente estudo tem por objetivo, inicialmente, perceber a forma com a qual a imagem do gaúcho foi trabalhada na obra do artista uruguaio Pedro Figari (1861-1938). Homem que ocupou grandes cargos públicos em sua juventude, Figari dedicou-se à pintura apenas aos sessenta anos de idade. Sua produção artística, ligada ao que ele próprio defendia por identidade, estava relacionada, também à busca do primitivo e dos elementos mais típicos na construção de uma nação.

A temática de Pedro Figari centra-se, fundamentalmente, no folclore e na cultura popular uruguaia. Dentre estes, os mais recorrentes em sua obra são os referentes ao *candombe* e às cenas cotidianas do *gaúcho*. Tendo essa questão em vista e, ainda, objetivando analisar a forma com a qual o artista trouxe para suas telas o homem do campo, organizou-se uma série temática onde, tanto o *gaúcho* quanto a paisagem rural, são tomadas como elemento central da obra. Assim, é a partir dos elementos que estiveram nas cercanias dessas produções que o presente estudo se fundamenta.

Assim, afora visualizar as obras em si, primou-se por observar tanto a trajetória de Figari quanto seu trânsito por centros artísticos da época, como Buenos Aires e Paris. Além disso, outra questão de grande relevância é, pois, a percepção do contexto intelectual ao qual Pedro Figari estava ligado quando da elaboração de suas pinturas, onde a literatura assume importante papel. Igualmente importante é perceber, pois, a circulação e a recepção de sua obra, uma vez que suas pinturas são realizadas em meio a um campo artístico que se transformava ao mesmo tempo em que os debates acerca da arte moderna avançavam.

Luciana Garcia de Oliveira (USP)

Turco, árabe ou simplesmente palestino? O exílio e a história dos movimentos de resistência em São Paulo

Desde o início da entrada de estrangeiros no Brasil, a parcela de imigrantes e refugiados que passaram a ser classificados como os “outros” pelos órgãos oficiais de imigração no Brasil, ou seja, aqueles que não poderiam ser definidos como europeus, católicos e brancos, muitos árabes, sírios, libaneses e palestinos foram, à primeira vista, denominados genericamente como “turcos”, isso porque quando os imigrantes do Oriente Médio chegaram ao Brasil, em fins do século XIX, o Império Otomano ainda dominava a região e por isso era diretamente responsável pela expedição de passaportes aos seus imigrantes. Em um olhar mais atento aos imigrantes palestinos, sobretudo aqueles que imigraram em decorrência dos horrores da guerra de Independência de Israel e da *Nakba* (catástrofe, em árabe) palestina em 1948, muito além da recusa pela denominação de “turcos”, considerada desagradável, uma vez que acabavam por ser identificados com um dos seus maiores opressores, os palestinos estavam submetidos à uma situação de reafirmação da sua própria identidade palestina em uma conjuntura em que a nação estava sob uma ameaça real. O que culminou para que, mais tarde e, diante de inúmeros ciclos de violência na Palestina e em Israel, fossem criados alguns movimentos políticos e associações culturais com base nas diretrizes da recém instituída

Organização pela Libertação da Palestina (OLP), como foi o caso do surgimento da chamada Juventude *Sanaud* (Voltaremos, em árabe), Federação Árabe Palestina do Brasil (FEPAL) e, mais tarde, do comitê “Estado da Palestina Já!”, todos criados em função de um esclarecimento do público brasileiro e no intuito de melhor pressionar as autoridades brasileiras para que sejam tomadas ações mais assertivas com relação as inúmeras políticas de violações israelense, em âmbito internacional, por intermédio da diplomacia brasileira, como fora realizado através da proclamação do voto antissionista brasileiro em 1975, na Assembleia das Nações Unidas, que declarou o sionismo como uma forma de racismo e de discriminação social.

O trabalho, no entanto, pretende resgatar a história desses movimentos sociais, suas ações e projetos políticos militantes na cidade de São Paulo, por intermédio da história oral desses mesmos atores palestinos da diáspora e seus descendentes que dão continuidade aos mesmos movimentos e às entidades existentes até os dias de hoje.

Luciana Verônica Silva Moreira (UFJF)

Subúrbios e suburbanos de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro no início do século XX: da identificação à negação

Segundo Angel Rama historicamente, haveria um grupo social especializado na garantia da missão civilizadora das cidades: os letrados. Para Rama, seja na construção de mitos ou identidades, no registro das impressões do novo ambiente urbano moderno do final do século XIX e início do século XX, na imprensa engajada, na produção literária ou na atuação politizada dos partidos políticos, os letrados terão a cidade como locus privilegiado de suas produções, seja como local de trabalho ou residência, analisando suas contradições internas ou sua relação com o ambiente externo. Com base nas premissas de Rama, pretende-se analisar a condição dos subúrbios e da sociedade suburbana em formação no início do século XX nas cidades de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Com base na produção letrada e nas imagens em circulação no período, objetiva-se identificar aproximações ou distanciamentos estabelecidos entre o morador, frequentador ou observador do subúrbio e os lugares assim denominados. Utilizando-se dos jornais produzidos em bairros e regiões suburbanas das referidas cidades, além das crônicas e textos literários, procura-se desenvolver um entendimento sobre o discurso produzido sobre o subúrbio e os, assim denominados, suburbanos.

Luciane Alves Santos (UFPB)

Maria Alice Ribeiro Gabriel (Museu de Tolerância USP)

Dos engenhos aos sobrados: a cultura oral em Gilberto Freyre e Jayme Griz

Esta comunicação propõe discutir a inscrição do mito e da História nas narrativas insólitas que compõe as obras *Assombrações do Recife Velho* (1955), de Gilberto Freyre, e *O Cara de Fogo* (1969), de Jayme de Barros Griz. Os contos reunidos por Griz surgem a partir de narrativas orais provenientes de comunidades da zona da mata de Pernambuco, no período de transição entre a extinção dos antigos banguês e o surgimento das usinas. Já a maior parte dos contos de *Assombrações do Recife Velho*

foram coletados por Freyre na esfera do mundo urbano. As duas obras apreendem as transformações do Brasil colonial para o republicano. Discute-se, sucintamente, a presença do sobrenatural nesses contos sob o ponto de vista de Jacques Le Goff (2010), Jean Molino (1980) e Remo Ceserani (2006). Em seguida, aborda-se a questão do narrador e dos elementos que validam a narrativa enquanto testemunho do passado, além do papel do mito na transmissão e preservação da memória histórica local. Apesar de pouco divulgado, o conjunto da obra de Jayme Griz, em prosa e verso, é significativo, tecido pelo rico acervo das canções, lendas, mitos e tradições de Pernambuco. São narrativas em tom de rapsódia, sobre o decadente Nordeste escravagista e patriarcal de fins do século XIX e início do século XX. Os poemas, cantos, ensaios, fábulas e contos de Jayme Griz atestam seu valor como pesquisador das tradições de seu povo. Domínio que se estende à sua obra memorialística e ensaística. Assim, o objetivo primordial do trabalho é definir, comparativamente, como o mito se expressa através do sobrenatural nos contos analisados. Ao lado da função de transmissão da memória social que evolui em confrontação com o mundo moderno, é possível detectar alguns elementos da história e cultura pernambucana nos contos reunidos por Gilberto Freyre e Jayme Griz. Por se ambientarem em uma época que anuncia transformações na distribuição do tempo, ritmo e organização do trabalho, os contadores de histórias locais são influenciados por esse contexto em suas obras. Dessa forma, o narrador assume outras funções, além de compilador, entrevistador e ouvinte, ele é também o mediador no diálogo entre a cultura oral e o patrimônio escrito.

Lucilene Rezende Alcanfor (PUC/SP)

Práticas de leitura na série “Na escola e no lar”, de Thomaz Galhardo, no ensino público paulista

Por meio da análise dos livros didáticos que compõem a série Na escola e no lar, do Professor Thomaz Galhardo (1852-1904), criada entre as duas últimas décadas do século XIX, no estado de São Paulo, nos propomos a analisar as práticas de leitura apresentadas pelo autor, de modo a formar, como ele mesmo enfatiza um “todo harmônico”, ligado pelo “desenvolvimento gradual e metódico das historietas” que compõem os “conhecimentos que desde logo devem ser ministrados à infância”. A série de livros iniciada pela Cartilha da Infância e seguida pelo Segundo livro de leitura, continua no Terceiro livro de leitura, compondo o repertório de livros de alfabetização e leitura entre os mais utilizados nas escolas primárias no final do século XIX e início do XX. Essas séries graduadas de leitura surgem, na educação paulista, num momento de expansão e estruturação do ensino primário, a fim de atender as necessidades de escolarização em massa, como importante objeto cultural para o ensino da leitura e como auxiliar do trabalho docente. Pensar a articulação entre os discursos e as práticas de leitura para as séries iniciais requer considerar o papel desempenhado por essas séries graduadas, que tornam o livro de leitura como uma das matrizes do discurso pedagógico do século XIX. Portanto, identificar nas modalidades partilhadas do ler, não somente as práticas, mas, também nas representações sociais do texto, nos incita a analisar os processos pelos quais um texto é historicamente produtor de sentido. No entanto, para que as obras adquiram sentido, é preciso reconstituí-las a partir de três eixos: o texto, o objeto que serve de suporte e a prática que dele se apodera.

Ludmila Gomides Freitas (UFU)

A “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba”: o uso da efrase nas cartas de Pe. Antônio Vieira

Durante os séculos XVI e XVII as cartas tiveram um papel fundamental para a unidade institucional e doutrinária da Companhia de Jesus, sendo, sem exageros, a “espinha dorsal da ordem”. Forma exclusiva de comunicação e registro, as cartas eram essenciais à organização e controle do corpo hierárquico, pois mantinham a conformidade da prática missionária às normas da instituição. Esta correspondência circulava em dois sentidos, da hierarquia na Europa às províncias em todo o mundo, e dessas províncias para as autoridades eclesiásticas europeias. Ademais, as cartas promoviam a união dos irmãos em uma só vontade, alcançada por seus efeitos consoladores e edificantes. Os modelos retóricos e os padrões teológico-políticos que informavam a interpretação de mundo no século XVII compunham parte essencial da escritura destes discursos. Por esta razão, as cartas jesuíticas escritas no espaço americano devem ser interpretadas à luz destes elementos. Nesta comunicação pretendemos analisar o discurso de um dos mais proeminentes jesuítas do século XVII: Pe. Antônio Vieira. Se muitas de suas cartas foram facilmente identificadas como pertencentes ao gênero epistolar, há, todavia, outros escritos que foram posteriormente nomeados como “parecer”, “informação” ou “relação”, sem que tais classificações se configurem precisamente como gêneros discursivos. A partir da análise da “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba” objetivamos demonstrar que este escrito, embora fosse uma epístola, aproximavam-se, também, do gênero histórico uma vez que sua *inventio* era fundada na experiência e no testemunho ocular. A “Relação” aqui analisada cumpria as funções básicas de informar sobre o estado das missões, evidenciar que a Companhia era um corpo místico de “todos em um”, além de promover uma experiência devocional. A fidedignidade do relato era garantida não apenas pela autopsia, mas, sobretudo, pela construção retórica do caráter (*ethos*) prudente do narrador. Neste sentido, é nossa intenção identificar os conteúdos efrásicos da “Relação” – capaz de produzir com vividez a representação que “coloca diante dos olhos” – bem como os elementos que davam credibilidade ao narrador. Ambos aspectos constituíam-se, assim, em efeito de verdade e prova do discurso.

Luis Alberto Gottwald Junior (UEPG)

Iracema no Cinema: as representações sociais do corpo indígena no cinema nacional e seus diálogos com a obra de José de Alencar

No cinema nacional da década de 1970, é perceptível a multiplicidade de corpos que transitavam entre os personagens de filmes, cuja produção emanava baixo orçamento e havia a necessidade de lançamento rápido das narrativas. Por mais que houvesse restrições impostas pelo regime militar, por meio da censura, no que diz respeito à nudez e à sexualidade, um novo gênero cinematográfico surge no bairro da Luz, em São Paulo: a pornochanchada. Devido ao sucesso de público e à alta lucratividade, cineastas de outras áreas do cinema passaram a se utilizar da nudez como estratégia de angariar retorno financeiro. Dentre essas obras, a mulher indígena passa a ser retratada como uma personagem cuja nudez era justificada pelos relatos de viajantes, que remontavam cinematograficamente o período colonial. Assim, o filme *Iracema*, a virgem dos lábios

de mel, de Carlos Coimbra, é uma destas obras, que fazem uma releitura erótica do romance alencariano do século XIX, mas que trazem elementos que vão além de uma leitura fiel à obra literária de Alencar. O corpo feminino indígena é erotizado e evidenciado em seus contornos sensuais, quer seja na solidão do espaço natural (sendo vislumbrado somente pelo expectador), quer seja na interação com outros personagens. O filme foi financiado pela Embrafilme, empresa brasileira de filmes que controlava e fiscalizava a produção cinematográfica nacional. Na mesma década, vários outros filmes de temática indígena foram liberados e financiados pela mesma Instituição, o que mostra, por um lado, um processo de resgate do nacionalismo, e por outro, uma estratégia dos cineastas em obter fundos e bilheteria. Passando pela narrativa fílmica, o corpo feminino da indígena transita entre a proximidade do discurso alencariano e o afastamento deste, em nome do erotismo que tanto apregoava a pornochanchada. Além disso, o filme traz a tentativa de Coimbra (evidenciada em biografia) de trazer uma “heroína” para o Ceará, uma figura feminina que remetesse ao nacionalismo e à busca de valorização da região. Vale lembrar que Helena Ramos (atriz de pornochanchadas) protagonizou *Iracema*, o que mostra a tentativa de mostrar o erotismo do corpo e trazer o público masculino até os cinemas. Desse modo, evidencia-se os dos projetos nacionalistas que passam pelo corpo feminino: um no século XIX, que destacava o heroísmo e a inocência, e o outro, que destaca o heroísmo e o erotismo.

Luis Filipe Brandão de Souza (UFPI)

Os entrelaçamentos de Zero e Não Verás País Nenhum com a tradição do pessimismo, a literatura do medo e o Regime Militar

Este trabalho propõe um estudo das sensibilidades durante o Regime Militar (1964-1985) a partir dos Livros *Zero* (1974) e *Não verás país nenhum* (1981) de Ignácio de Loyola Brandão. Através destas obras de Loyola buscaremos compreender como a experiência com o regime de exceção é representada na literatura, e como esta literatura produz sentidos através da história do período, contribuindo para construção de uma memória da violência e do pessimismo sobre o Brasil. Como suporte teórico serão usados Michel de Certeau, Sandra Jatahy Pesavento, Carlo Ginzburg, Gilles Deleuze, Idelber Avelar, Arthur Herman, Russel Jacoby entre outros. Como fontes primárias para este trabalho, *Zero* e *Não Verás país nenhum*, junto com os outros romances de Ignácio de Loyola Brandão, suas entrevistas publicadas em revistas e jornais, livros que se entrelaçam com os aqui estudados, além de produtos culturais em que as narrativas façam referência.

Luís Manuel Domingues do Nascimento (UFRPE)

Recife: uma condensação das modernizações urbanas

Esta comunicação tem o propósito de analisar e criticar o processo de modernização urbana da cidade do Recife durante a década de 1970. Um processo que foi atravessado pelas marcas de nossa história contemporânea e entrelaçado por uma reificação modernizante, configurando-se, dessa forma, em uma produção de um espaço histórico que sintetizava em si sua tradição, sua modernidade e suas modernizações. Nesse

período, disseminou-se e se consolidou na cidade do Recife os instrumentos e meios que vão forjar uma identidade cultural composta de valores, modelos e mitos fabricados de acordo com as exigências da ordem tecnológica e de funcionamento do mercado. Na esteira desse processo de modernização, havia o seu reverso: a dilapidação e exaustão das classes subalternas da cidade. Concomitante com essa análise e crítica, procuraremos refletir, a partir da narrativa do romance *A rainha dos cárceres da Grécia*, do escritor Osman Lins, como os emblemas da tradição urbana, representados pela cidade de Olinda, e os da modernização, urbana caracterizado pela cidade de São Paulo, são articulados e mediados e são depositados sobre a cidade do Recife, agregando, dessa forma, os referenciais da tradição urbana e da modernização urbana para lhe prover de sentidos em nossa contemporaneidade, permitindo-nos interagir com a mesma para que seja operado o estranhamento, distanciando-se, assim, de si para descobrir e produzir uma crítica da modernização urbana da cidade do Recife no período em foco.

Luísa Kuhl Brasil (PUC/RS)

O Barroco: fotografia e sobrevivências

O trabalho do fotógrafo Miguel Rio Branco não deve ser analisado de forma diacrônica. As correlações associativas estão presentes em sua obra, assim como a característica marcante de extrapolar os limites estabelecidos pelos estilos, lembrando diretamente os pressupostos fundamentais de Aby Warburg. Elementos filmicos que remetem ao movimento e à latência da luz consubstanciada nos aspectos obscuros fixados pela lente fotográfica remontam ao barroco de Caravaggio, proporcionando uma profundidade que destoa do estado de torpor vivenciado no repertório das imagens atuais.

A partir do políptico *Barroco* apresentado em uma exposição na Alemanha em 1994, iremos refletir sobre o modo que o artista lida com o passado da história da arte e a memória da obra no presente. O gesto de deslocamento e reagrupação de elementos pictóricos através do fotográfico forma uma constelação de sentidos e intuítos que, neste trabalho, serão interpretados a partir da influência de algumas características do barroco, principalmente o claro-escuro de Caravaggio.

Buscar as sobrevivências nas imagens de Rio Branco demanda olharmos além da obviedade comparativa de estilos. Por conseguinte, são nas fraturas, nos detalhes pouco observados que nosso olhar deve se atentar. Nesse caso, olharemos para o não mostrado, para a escuridão que a lente errante de Rio Branco insiste em trazer à tona. Na textura quase material ou orgânica que o jogo entre o claro e o escuro proporciona no políptico fotográfico analisado, busca-se interpretar a sobrevivência barroca, dialeticamente, na latência da luz pelo obscuro. O ato interpretativo está justamente no processo de desdobramento da imagem pelo menos visível. O que se persegue não é o que está aparentemente visível na imagem, mas sim o entremeio entre o que se esconde e o que se dá a ver. Logo, nosso ponto de partida é a própria escuridão como forma deflagradora de uma troca de experiências imagéticas que, anacronicamente, sobrevivem na obra *Barroco* apresentada pelo fotógrafo Miguel Rio Branco.

Luiz Alves Araújo Neto (Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ)

Os relatórios de serviços de saúde entre a História das Ciências e a História cultural: o caso do câncer no Ceará (1951)

O presente trabalho analisa dois relatórios produzidos em 1951 por serviços de saúde pública no estado do Ceará: o Serviço de Câncer Fernando Pinto e o Serviço de Anátomo- Patologia Clínica da Faculdade de Medicina do Ceará. Ambos os documentos reportam as atividades desses dois serviços desde suas respectivas criações na década de 1940; apresentando um cenário geral sobre a situação do câncer no estado: incidência da doença, variedades de tumores, distribuição demográfica e geográfica da enfermidade, além dos tipos de tratamentos oferecidos aos pacientes de câncer nessas instituições. Esse tipo de estudo está inserido no movimento de conformação do câncer como um objeto científico e problema de saúde pública, configurando uma nova significação cultural e social para a doença, que, até então, era diretamente ligada a um grupo específico da sociedade (a parcela mais abastada da população) e às zonas mais desenvolvidas do mundo. A partir dos anos 1940, um grupo específico de médicos cearenses mobilizou uma série de ações para a inserção da enfermidade na agenda científica local, o que trouxe à tona a ideia de uma doença pública, não restrita a um grupo específico e capaz de atingir a toda a sociedade. O objetivo desta comunicação é discutir como a atividade científica, especificamente no campo médico, constrói significados para as doenças, a partir de índices de incidência e fatores de mortalidade. O discurso científico sobre o câncer, ao longo do século XX, está diretamente ligado ao controle exercido pelo complexo biomédico nos hábitos cotidianos e na própria relação que se traça entre doente e doença, como aponta o historiador David Cantor. A partir dos dois relatórios citados anteriormente, será discutida a relação entre a conformação do câncer como objeto científico e problema sanitário, o desenvolvimento de ações para o controle da doença, e a construção de um novo significado cultural da enfermidade no Ceará.

Luiz Carlos do Carmo (UFG)

Práticas sócio culturais: estratégias educacionais, leituras políticas e a construção de uma sociedade

O grande número de práticas sociais brasileiras obriga-nos a pensar no histórico de nossa formação e a variedade de práticas educativas institucionalizadas ou não. Tem-se que algumas práticas sociais em que grupos rezam, dançam, expressam-se musicalmente, comemoram aspectos de um passado com importância para o seu presente, entre outros, confrontam as leituras fossilizadoras, que esvaziam fundamentos. Esta disposição precisa ser revista, pois como inspira Chartier (1991, p.177), “considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo” as práticas sociais parecem encerrar disposições sociais, lembranças, leituras numa composição histórica que não chegam a ser uma novidade em quase nenhuma cidade brasileira. O desafio pode ser percebido nas palavras de Brandão (2010, p.19) ao afirmar ser “difícil captar o sentido da cultura que se costuma colocar mitos, máscaras e fantasias, tanto no corpo dos envolvidos, como no rosto de seu próprio conceito.” Na região Central do Brasil, como em outras, a presença de instituições centenárias, como as Irmandades Negras, as Associações de Ajuda Mutua, os prédios do Clubes Negros, dentre outros, parecem

remeter a um sólido conjunto de práticas sociais que ofuscam-se no emaranhado de informações nacionais, mas podem ser pensadas como disposições sociais, que parecem silenciados, mas de tempos em tempos dão o ar da graça. Capitaneado pelas disposições de homens e mulheres, nas cidades de Patrocínio, Uberlândia, Uberaba, Sacramento, dentre outras no Estado de Minas Gerais, somadas às de Catalão, Ipameri, Goiandira, Itumbiara além de outras no Estado de Goiás possuem celebrações em que as populações de negros, de outrora, imiscuem-se a brancos pobres e não brancos e não pobres, em tempos atuais destacam-se para esta reflexão. A canção entoada por ternos das Congadas das regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Sudeste de Goiás com trechos como: *“Eu sô africano/Eu vim par’u Brasil/contra vontade/Trabaiá na escravidão/Di dia e de noite/Sem podê tê liberdade”*, (O trecho coletado por PAULA, Maria Helena. *Cantigas das congadas de Catalão - aspectos lingüísticos e identidade cultural*. 2000, 128 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2000.) impõe-nos várias questões. Interessa analisar a capacidade de transmissão de saberes não escolares, que adensaram sentidos ao longo dos anos, e claro os propósitos de seus fundamentos. Problematizar-se-á as práticas escolares à luz da capacidade de transmissão de saberes não escolares, por meio de algumas práticas sociais regionais.

Luiz Carlos Teixeira (UFOP)

Sobre o conceito de “registro”: notas de pesquisa e revisões teóricas para uma abordagem dos manuscritos do tabelionato de ofício na América Portuguesa

Esta comunicação visa fazer públicas algumas notas de pesquisa referentes à “cultura escrita” na segunda metade do século XVIII, em Minas Gerais. O título da pesquisa, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto - PPHIS/UFOP - é *Registro Manuscrito: a escrituração no tabelionato de ofício em Vila Rica, 1750-1822*. A problemática discutida nesta investigação é a seguinte, a constar: *o que um registro?* E à jusante desta pergunta existencial, somam-se outras indagações correlatas; objeções, em princípio, ontológicas, não-estruturalistas, filosóficas, historiográficas e paleopragmáticas; quais sejam: (i) o que é presença/ausência no registro manuscrito? (ii) *quem é* no registro manuscrito - i.e. quais são os “lugares de fala” no registro setecentista lusoamericano? (iii) *o que é do* registro manuscrito - i.e. o que lhe pertence; e, conseqüentemente, o que não lhe pertence? e (iv) quais são os *apriori* do registro escrito e manuscrito - e sua questão metodológica adjacente: ser-nos-ia permitido fazer uma *epoché* dos *apriori* históricos e colocar a forma do registro à frente das representações dos registros? Por estas indagações preliminares, observar-se-á, para este colóquio, especificamente, que pretendemos estabelecer uma discussão introdutória em torno do conceito de “registro”, utilizando para isto, como aporte e matéria de arquivo, fontes seiscentistas e setecentistas produzidas no contexto ibero lusitano. Neste aspecto, a hipótese levantada para este simpósio temático - e que pretendemos defender através das proposições e argumentações em torno dos sentidos, acepções, denotações e significados do termo - é a seguinte inferência: o conceito em questão - registro - enquadra-se perfeitamente como terminologia válida e substancial nos debates acadêmicos contemporâneos em torno das relações história/memória; memória/esquecimento; documento/monumento; simultaneidade diacronia/sincronia. Por outro lado, entende-se que os sentidos etimológico, histórico e filológico da palavra “registro”, são ponderações consideráveis

em relação à certas questões filosóficas da história, sobretudo em relação às fontes/monumento e aos documentos/registros como arquivos historiográficos; por exemplo, as questões: tempo e temporalidades; regimes de historicidade; evasão, dispersão e narrativas; discursos e sociodiscursividades; apoderamentos, lugares de fala e sistemas restritivos na ordem do discurso, tanto no Antigo Regime quanto na Modernidade. Por estas razões, pretende-se apresentar neste colóquio e fazer públicas notas de pesquisa em torno do conceito, da ideia, da noção do termo “registro” no antiquariado lusitano colonial e de uma subcategoria bem específica: o registro manuscrito.

Luiz César de Sá Júnior (UFRJ)

O epistolário de Damião de Góis do ponto de vista de suas técnicas retóricas

As práticas letradas portuguesas quinhentistas tiveram em Damião de Góis (1502-1574) um de seus representantes mais prolíficos. Dentre os vários gêneros retóricos que empregou ao longo de sua atividade, um destacou-se: o epistolar. Este artigo propõe uma análise de duas cartas do epistolário ativo goisiano, averiguando suas estratégias de *auctoritas* mais recorrentes do ponto de vista da arte do discurso em que elas foram escritas e dos lugares aonde originalmente se destinavam. Argumenta-se que seria legítimo discorrer sobre elas a partir de um critério que respeitasse eixos importantes nos quais Góis escolheu operar seu *ethos*. Assim, a primeira parte trata produção de *auctoritas* baseada na *humilitas*; a segunda, deste *ethos* humilde associado à amplificação do *auctor* enquanto *especialista* retoricamente dedicado aos elogios às conquistas portuguesas no ultramar.

Luiz Felipe Batista Genú (UFPE)

Leituras de um projeto artístico: As representações do Teatro de Cultura Popular (TCP) na imprensa - Recife, 1961-1964

“Teatro de Cultura Popular”, ou TCP, foi o nome definitivo adotado pelo grupo que compunha a divisão de teatro do Movimento de Cultura Popular (MCP). Criado durante a gestão de Miguel Arraes como prefeito do Recife, em 1960, o MCP foi um órgão técnico-administrativo que congregou intelectuais e artistas de diversas áreas (e tendências políticas) e auxiliou a Prefeitura do Recife no desenvolvimento e aplicação de iniciativas voltadas para as áreas social e cultural da cidade, na qual se destacou a campanha de alfabetização de adultos. Quando Miguel Arraes assumiu o cargo de governador de Pernambuco, em 1963, o MCP expandiu as suas atividades para o âmbito estadual.

O artigo em tela tem como objetivo investigar as representações tecidas pela imprensa que circulava em Pernambuco a respeito do Teatro de Cultura Popular (TCP), entre os anos de 1961 e 1964. Nesse sentido, nos interessa construir uma narrativa que explore, por meio dessas representações, a multiplicidade de formas de recepção de órgãos da imprensa no que se refere ao projeto artístico desenvolvido pelo TCP. Outrossim, procuramos também esquadrihar as relações entre as representações do TCP publicadas em críticas jornalísticas com as disputas entre os grupos políticos, tendo em

vista o acirramento dessas disputas durante o início dos anos 1960. Para tanto, abarcamos em nossa análise três periódicos diários: o *Jornal do Comércio*, o *Diário de Pernambuco* e o *Última Hora Nordeste*, bem como uma edição da revista *O Cruzeiro*.

Luiz Felipe Falcão (UESC)

Alguns temas sobre memória, História Oral e resistência à ditadura brasileira

A comunicação se propõe a explorar algumas ideias em torno das temáticas da memória e da História Oral no que se refere ao engajamento de antigos militantes e/ou ativistas de esquerda nas lutas de resistência à ditadura militar que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985 e em favor da democratização do país, de maneira a aproveitar depoimentos concedidos por eles para conhecer e dar a conhecer de um modo mais preciso e crítico os fatores que estimularam a participação política no período em apreço e o alcance e os resultados da atuação das esquerdas, organizadas ou não, em todo este processo.

Luiz Maurício de Abreu Arruda (UERJ)

“Para atrás leprosos! Piedade sentimos por vós”. Um estudo sobre a Colônia do Iguá, em Itaboraí/RJ (1935-1950)

O texto que apresento é parte dos resultados da pesquisa que venho desenvolvendo desde 2013, para a conclusão de minha dissertação de mestrado.

O objetivo da pesquisa consiste na análise da construção do primeiro leprosário fluminense, privilegiando o movimento de resistência contra sua instalação no município de Itaboraí, além de considerar os relatos de alguns ex-internos do antigo leprosário, incorporando suas memórias, visto que ninguém melhor do que eles para expressar o dia-dia de um sistema que os segregou socialmente. Busco privilegiar não só a análise desta “cidade” em miniatura, mais também os impactos político-sociais ocorridos a partir de sua construção, em um município que alimentou durante a primeira metade do século XX, a ideia de reflorescimento político-econômico, influenciada por um período áureo, quando ocupou importante papel na economia fluminense e conseqüentemente do Brasil.

A intenção em tomar como objeto de estudo a Colônia de Iguá, é justamente a de analisar um rígido mecanismo profilático, baseado no isolamento compulsório de leprosos, sendo utilizado por décadas em todo território nacional. Nesses espaços de cura e de segregação, estão presentes os elementos que retratam histórias de um difícil capítulo acerca do universo do doente, além de contribuir para o entendimento de um determinado padrão institucional, implementado através de políticas públicas de combate à lepra.

Os marcos cronológicos da pesquisa se referem, respectivamente, ao ano de 1935, quando foi lançada a pedra fundamental para construção da Colônia de Iguá, marcado também pelo início do Plano Nacional de Combate à Lepra, que representou uma aceleração na construção e modernização de instituições dessa natureza em todo país. Como marco final, estabelecemos o ano de 1950, quando é atribuído um novo

significado a doença a partir da década de 1940, graças a descoberta das sulfas e maior conhecimento da etiologia, modificando a forma de se tratar a doença.

Lydiane Batista de Vasconcelos (UFPE)

As cartas de José Lins do Rego como espaço de socialização

Investigaremos as representações epistolares construídas por José Lins do Rego entre as décadas de trinta e quarenta do século XX. Pensando as redes de sociabilidade estabelecidas entre o autor e outros intelectuais e seus posicionamentos diante das instituições que compunham o campo literário na cidade do Rio de Janeiro. Conhecido como grande missivista, José Lins do Rego troca correspondências entre os anos de 1924 a 1956, com os intelectuais e editores. Nessas cartas eram divulgadas e debatidas idéias, pesquisas, conferências proferidas na Paraíba e em Pernambuco, fatos relativos da política da época e ao ambiente literário e a apresentação material de seus textos, ou seja, havia uma preocupação dos autores para com o suporte das suas publicações e as dimensões estéticas das obras. As epístolas funcionavam como um espaço de socialização de idéias entre os intelectuais. As correspondências são utilizadas nessa pesquisa por serem instrumentos de formação do campo intelectual que criou uma rede de sociabilidade e de interação entre os intelectuais. A escrita epistolar é o espaço preferencial para a discussão das obras, personagens e formatação das publicações dos romances. A análise dessa “escrita de si” trocada entre José Lins nos permite conhecer a constituição de suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas, bem como projetos, opiniões, interesses e sentimentos correntes à época (GOMES, 2004)

Maday de Souza Morais (UFPB)

A cadeira de história na Paraíba imperial

O presente trabalho está embasado em nosso projeto de mestrado aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, em 2014, no qual está sendo desenvolvido um estudo sobre a cadeira de História na Paraíba Imperial. Reconhecemos a amplitude historiográfica que circunda nossa temática, a saber, as disciplinas escolares, os sujeitos, as práticas, os objetos, os espaços educacionais, entre outros. A partir disto, procuramos através de uma diversidade de fontes - como o aparato legislativo, os relatórios dos presidentes de província e os jornais - cercar o enredo da disciplina de História no contexto paraibano do século dezanove, sua interlocução em âmbitos sociopolíticos, culturais e econômicos, como também questões religiosas e científicas, buscando as possibilidades de diálogos no caminho entre semelhanças e/ou diferenças entre os planos imperiais e provinciais, ou seja, a relação da província paraibana com a Corte. Dessa forma, este trabalho vincula-se também a nossa trajetória anterior de pesquisa, atrelada a algumas preocupações com a formação e organização da cultura escolar e da cultura material escolar para o recorte proposto. A investigação esforça-se no mapeamento dos pormenores da formação dessa cadeira, intentando examinar a relação entre essa cadeira e sua configuração nos aspectos da formação do estado nacional e as expectativas nacionais, através de organizações como

o Colégio de Pedro II (1837) e o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (1838). A leitura dos discursos oficiais produzidos no interior dessas instituições e suas perspectivas a respeito da instrução fazem parte de nossa análise. Podemos dizer que o processo de legitimação dos saberes marchou lado a lado as questões da utilidade destes saberes para a mocidade letrada. Pensamos também nas breves informações acerca dos enunciados acerca de como o conteúdo de História estava e deveria ser trabalhada no ensino primário. Por fim, considerando esses apontamentos iniciais, levantamos essa proposta, ressaltando o vasto arcabouço historiográfico em torno da temática que é o ensino de História, porém destacamos igualmente a leitura e análise desta na territorialidade da Paraíba imperial, conectando-a as prosas da formação do Estado Nacional Brasileiro, o pensamento civilizador/o ser cidadão/o homem brasileiro, a construção da história da nação e a sua aplicação no ambiente escolar (como disciplina e conteúdo).

Magno de Oliveira Cruz (UFCG)

(Re)Construindo uma cidade: experiências urbanas em Feira de Santana/BA nas primeiras décadas do século XX

Desde a virada do século XIX para o XX, o ordenamento da cidade se impôs como fruto da reivindicação pela provisão das necessidades básicas aos cidadãos: higiene, iluminação, segurança, locomoção, demandando a criação de elementos vigilantes para estes serviços devido à concentração populacional que criava problemas aos administradores. Dessa forma, o presente artigo se esforça em analisar as experiências de urbanização na cidade de Feira de Santana, Bahia, aliada aos ideais modernizantes e progressistas através do jornal Folha do Norte durante as três primeiras décadas do século XX, na sua materialidade: traçado de ruas, abertura de novos bairros, zoneamento, adoção de técnicas construtivas atualizadas, estilos adequados para expressar visualmente a “chegada” do progresso. Percebe-se através do jornal a persistente preocupação dos órgãos públicos e das autoridades locais em realizar o deslocamento da representação da Feira de Santana enquanto uma cidade de bases rurais, para defini-la como uma urbe dotada de um poderoso comércio e de uma estrutura cidadina. Assim, nesse sentido, cabe inquirir sobre as relações entre os ideais modernizantes presentes no ideário republicano e sua aliança como novas formas de percepção da cidade expressas naquele periódico.

Maíra Guimarães Paschoal (UNICAMP)

“Observer de haut et sans passions”: os olhares utópicos dos viajantes na Revue des Deux Mondes

A *Revue des Deux Mondes*, fundada em 1829 na França, é um importante periódico que ainda circula pelos mais diversos países. No Brasil dos Oitocentos, ainda que não se possa afirmar que tivesse ampla divulgação, esteve presente nos círculos letrados e políticos. A *Revue*, quando de sua fundação, tinha como proposta preencher a lacuna de estudos especializados, apresentando artigos sobre a vida política, a administração e os costumes de diferentes povos. Para tanto, o corpo editorial enfatizava que seus

correspondentes haviam morado ou pelo menos viajado por longos períodos para o local do qual falavam.

O Brasil, como tema, teve uma presença manifesta na *Revue*. Em seu primeiro número, por exemplo, cinco artigos foram destinados a discutir a situação financeira e a registrar impressões sobre o país e sobre o Imperador Dom Pedro I. A análise de tais artigos nos possibilita, para além da apreensão do olhar do viajante sobre o outro, identificar os tipos de relações (comerciais, políticas, culturais) que se estabeleciam entre as partes, que pressupunham pré-conceitos, trocas e criações.

Dessa forma, valendo-me como fonte de pesquisa da *Revue des Deux Mondes*, analisei os artigos sobre o Brasil produzidos pelos viajantes-letrados durante as primeiras décadas de impressão do periódico. Neles, é possível constatar a importância do “ver”, da presença física que conduz ao (re)conhecimento e que legitima os discursos sobre o outro.

Como forma de aprofundar tal discussão, conjugo a chave da utopia à história, uma vez que através dela é possível compreender, por exemplo, a persistência da ideia do Brasil como um paraíso terreal, ao mesmo tempo em que era apresentado como um lugar onde a crise financeira e moral imperavam. Portanto, das conexões entre passado, presente e futuro emergem as utopias-metáforas, que (retro)alimentam os olhares estrangeiros sobre o Brasil. Assim como das crises nascem as utopias-ideias, projetando a nação, dando-lhe identidade e futuro. Da dicotomia entre o que se vê e o que se almeja, nasce o olhar do viajante.

Maíra Ielena Cerqueira Nascimento (UFS)

Uma Nação em Risco: interseções entre cultura, educação e ensino de história nos EUA entre as décadas de 1980-1990

Os Estados Unidos da América se constituíram na primeira federação do mundo moderno. O princípio federativo expresso na Carta Magna do país confere aos estados liberdade para estruturação dos sistemas locais de educação. Não obstante, no ano de 1983, a edição do relatório *A Nation at Risk* (Uma Nação em Risco) pelo governo federal alarmou toda nação ao apontar uma profunda crise na educação do país. O documento indicava especificamente problemas currículos e programas estaduais, acusados de se tornarem generalistas e pouco instrutivos. Enquanto os índices educacionais da maior potência capitalista do globo declinavam vertiginosamente, ganhava terreno entre estudiosos e políticos a polêmica ideia da elaboração de parâmetros curriculares nacionais de todas as disciplinas escolares vigentes nos EUA, a fim de nortear professores e estudantes rumo à excelência. Nesse sentido, o presente artigo visa analisar as interseções entre cultura e educação entre as décadas de 1980 e 1990 nos EUA, investigando os impactos políticos e educacionais da edição do ANAR e suas consequências sobre o ensino de História na pátria do Tio Sam. Para tanto, me valho dos conceitos de disciplina escolar (CHERVEL, 1990) e currículo (SILVA, 1999), e concluo que os discursos políticos engendrados nos Estados Unidos da América tiveram impactos decisivos sobre as prescrições voltadas ao ensino de história no país.

Maíra Ines Vendrame (UFMS)

Este trabalho tem por objetivo analisar aspectos da realidade sócio-cultural de um dos núcleos coloniais fundados no centro do estado do Rio Grande do Sul nas últimas décadas do século XIX. Para isso, parte-se da trajetória de um padre imigrante – Antônio Sório – que construiu patrimônio material e imaterial considerável na região, adquirindo terras e bens para garantir a transferência de seus parentes da Itália. Através de práticas de apadrinhamento, direto ou por meio de seus sobrinhos, Sório ampliou as redes de relações da família, atuando igualmente como agente consular e coordenando a fundação de uma sociedade de mútuo-socorro, acumulando, desse modo, prestígio entre os paroquianos. O status conquistado permitiu que o pároco fosse representante dos imigrantes perante as instâncias externas de poder. Durante o período de dezenove anos (1881-1900), Antônio Sório concentrou poderes através de uma política centralista e reforçou os vínculos com as famílias de conterrâneos da região colonial. Porém, em 1900, um fato colocaria fim a trajetória do sacerdote: encontrado ferido numa estrada deserta da paróquia, faleceu três dias depois. Essa morte propiciou o surgimento de algumas versões entre a população local, gravitando entre acidente e crime de vingança ligado a questões de honra familiar. Essa última versão encontra explicação na realidade social vivenciada pelos imigrantes nos núcleos coloniais do sul do Brasil, onde os ajustamentos se davam através de práticas de justiça autônomas e acordadas entre os indivíduos envolvidos em disputas.

Maiza Pereira Lôbo (UFT)

Gênero e Religião: a participação social e evangelística das missionárias como mecanismo de efetivação do Campo religioso batista

Este trabalho pretende aprofundar os estudos sobre as formas de atuação social e evangelística de missionárias batistas no antigo norte goiano, tentando compreender como esse espaço se configurou enquanto palco de importantes mudanças na forma de ver e apreciar a participação feminina no interior da denominação. Entendemos que as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder. Deste modo, a visão que se tem das mulheres no interior da instituição batista, e também no âmbito social, se modifica a partir do momento em que as mulheres se posicionam ativamente enquanto missionárias, desconstruindo o ideal de mulher unicamente mãe e esposa, e colocando em seu lugar uma mãe, esposa, professora, missionária, e em certos casos, missionárias solteiras. Sabemos que o lugar ocupado pela mulher, assim como os papéis dedicados a ela no interior das instituições religiosas sempre estiveram relacionados com o mito do pecado original. O cristianismo historicamente representou a mulher de acordo com as escrituras sagradas, relegando-lhes a subalternidade e reclusão. Falar da mulher enquanto sujeito relevante para o crescimento e manutenção de determinada denominação religiosa torna-se possível com aparato da história cultural. Até porque, durante muito tempo a história das mulheres ficou restrita ao ambiente doméstico, separada da história política, e social, justamente porque como nos diz BUTLER (2013), “o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação (p.19). Para falar da mulher enquanto sujeito relevante para o crescimento

e manutenção de determinada denominação religiosa, trabalharemos a história das religiões em interface com a história cultural. De acordo com SILVA (2011), a religião cimenta relações sociais e políticas, por isso, é crescente o número de historiados e cientistas sociais que se apropriam do fenômeno religioso enquanto objeto de estudo. Deste modo, ao se trabalhar com determinado grupo religioso, intenciona-se conhecer atitudes, ritos, sentimentos, práticas religiosas e sociabilidades de sujeitos pertencentes a um determinado contexto social, temporal e histórico. Por serem, como diz SILVA (2011), sistemas que operacionais que permitem outros sistemas, o estudo das religiões não se limita à análise do fiel com sua religiosidade, é necessário ir além e compreender as relações que são socialmente construídas por intermédio das experiências religiosas.

Manoel Hermínio Gomes Neto (UFRN)

Representações das praias de Natal nas crônicas de Newton Navarro

Na segunda metade da década de 1940 a Prefeitura de Natal promoveu um número considerável de obras que modificaram a ordenação urbana da cidade. Essas obras, que faziam parte de um projeto de modernização da cidade, também mudaram as relações da população de Natal com as praias urbanas. Diante desse fato, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise das representações do espaço da praia da cidade de Natal durante a segunda metade da década de 1950. A opção por esse tema está relacionada com o fato do espaço praiano de Natal ainda ser pouco estudado pela historiografia. Nesse sentido, serão analisadas as relações entre as representações da cidade moderna e as representações do espaço praiano presentes nas crônicas do artista norte-riograndense Newton Navarro publicadas ao longo do período mencionado, além do confronto dessas crônicas com a bibliografia existente. Assim, o propósito deste artigo é entender como as representações do espaço da praia estão inseridas no contexto da modernização da cidade de Natal.

Mara E. Burkart (UBA/CONICET)

Violencia política y amnistías según el humor gráfico de Brasil y Argentina

Propuesta del artículo es analizar comparativamente las coyunturas en que se sancionaron las leyes de amnistía durante los regímenes militares de Brasil (1964-1985) y Argentina (1976-1983) a través de la prensa de humor gráfico de ambos países. En 1979, como parte del proceso de distensión de la dictadura militar brasileña se sancionó la Ley de Amnistía en medio de una fuerte campaña llevada a cabo por la oposición civil al régimen. Dicha ley es la que hoy en día impide en Brasil el juzgamiento de los militares sospechados de violaciones a los derechos humanos durante el régimen militar. Por el contrario, en Argentina la Ley de Amnistía fue decretada en 1983 por los militares derrotados en la Guerra de Malvinas. La ley recibió un fuerte rechazo por parte de la sociedad civil y una de las primeras medidas adoptadas por Ricardo Alfonsín al asumir su mandato democrático fue su derogación, abriendo el camino para los Juicios que se llevaron a cabo en 1985. Este trabajo quiere analizar comparativamente las luchas simbólicas en torno a estas leyes y a la violencia política, sobre la cual la ley se posicionaba, que tuvieron por escenario a las revistas O Pasquim y HUM@. Estas son

los principales exponentes de la prensa de humor gráfico de Brasil y Argentina, y durante las dictaduras se constituyeron en observatorios y actores privilegiados de las luchas políticas.

Mara Rubia Sant'Anna (UDESC)

A liberdade em corpos nus, a publicidade de moda e os seus sentidos

Parece evidente que os corpos e a moda, na Sociedade Ocidental, desfrutam de liberdade. Não existem leis suntuárias que impeçam o uso de calças compridas pelas mulheres, nem do biquini sobre as areias balneárias. A minissaia, mesmo em sua versão mais micro, pode chocar alguns transeuntes conservadores, mas não levará sua portadora a uma detenção ou pagamento de multas. Os homens usam cor-de-rosa, estampados, shorts curtos, andam com o torso nu e não são impedidos por nenhum apelo pelo pudor e pela decência. Praias destinadas ao naturismo e sua conseqüente nudez pública existem ao longo do litoral brasileiro e estrangeiro sem que ameaças legais ou policiais proíbam seu funcionamento. Todavia, essa nudez ou forma de se vestir do contemporâneo não se constitui "automaticamente" numa expressão da liberdade conquistada. São os discursos que a contornam que, em determinadas épocas, a conceberam como possibilidades de expressar a liberdade e, entrelaçadas com outras configurações históricas, passaram a simbolizar a conquista ou a luta pela liberdade.

Muitas poéticas já exploraram por diversas linguagens as possibilidades discursivas que contornam a liberdade e o corpo. Nessa proposta de comunicação o propósito se coaduna a partir da análise da peça publicitária da marca Gucci, publicado em Maio de 1997, na revista Vogue França. Nesse objeto se vê/percebe dois corpos nus, deitados, ao prazer de si, num ato de liberdade. Como a mediação entre palavra, corpo, texturas, cores e formas emolduradas pelo ato fotográfico se aproximam e se distanciam numa possibilidade de discussões e trânsitos pela liberdade, despindo e vestindo sujeitos da recepção proporcionada pelo prazer estético da observação gráfica, pictórica e publicitária, é a questão norteadora de minha proposta de diálogo.

Marcela Boni Evangelista (USP)

O aborto dos homens: limites da participação masculina na decisão sobre o aborto voluntário

Até que ponto o homem tem o direito em interferir na decisão sobre o aborto?

Esta pergunta nos serve de ponto de partida para elaborar uma reflexão baseada na pesquisa de doutorado em andamento "O aborto em questão: subjetividades, direitos e escolhas", na qual busco registrar e analisar o fenômeno do aborto a partir de entrevistas de história oral de vida, realizadas com quatro redes principais: mulheres e homens que vivenciaram a experiência do aborto em suas trajetórias e mulheres e homens que, independente desta vivência, se manifestam publicamente a respeito do assunto, seja com posicionamento favorável ou contrário à prática.

Por se tratar de um estudo que se ampara na perspectiva de gênero, apesar da centralidade das mulheres no que diz respeito à questão, a opinião e as experiências

masculinas se mostram tão importantes quanto as das mulheres, de modo que nos impele a não apenas registrar suas entrevistas, mas considerar suas subjetividades.

De forma complementar, o contexto sócio-cultural que nos serve de cenário fornece elementos que estimulam tanto a análise de transformações sensíveis nos papéis assumidos por mulheres e homens quanto de permanências históricas, as quais nos remetem a uma memória coletiva e percepções construídas historicamente.

Buscarei discutir a participação dos homens na decisão sobre o aborto a partir de duas entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa em questão, atentando para os pontos convergentes de seus discursos, bem como as especificidades que remetem às trajetórias individuais.

Marcelo Balaban (UnB)

Frente a Frente: a lei dos sexagenários segundo a caricatura - Rio de Janeiro - 1884-1886

A comunicação analisa imagens de negros publicadas em jornais de caricatura da corte durante os debates parlamentares e a aprovação da lei 3070, de 28 de setembro de 1885. Mais conhecida como lei Saraiva/Cotegipe, ou lei dos sexagenários, este texto legal agitou o universo político e social do Rio de Janeiro. Abolicionistas de plantão manifestaram-se na imprensa, em *meetings* e em reuniões em teatros como o Politeama. No parlamento, foram acalorados os debates. Após alguns meses de discussões, a Câmara dissolvida e eleições foram convocadas. Eleita nova legislatura, o gabinete Dantas - que deu início ao processo -, não resistiu. Substituído pelo gabinete Saraiva, o projeto da lei seria alterado para ganhar forma final e ser aprovado em novo gabinete, agora sob a liderança conservadora do Barão de Cotegipe. Resumindo, foi um processo complexo e tenso. Enquanto acontecia, os jornais de caricatura da corte se refestelaram. Foi grande o número de estampas inspiradas pelos muitos aspectos da questão. Chama a atenção, nestas imagens, a forte presença de personagens negros. Analisar essa presença é a intenção central desta apresentação. Ao constatar haver um conjunto variado de desenhos com personagens negros, argumenta que essa presença evidencia os modos como escravos passaram a ser reconhecidos como sujeitos políticos tanto pelos autores das caricaturas, como pelos responsáveis em aprovar a nova lei sobre a questão servil.

Marcelo de Sousa Neto (UESP)

NASCE UM BAIRRO, RENASCE A ESPERANÇA, RESISTE A CIDADE: História e memória de moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde (Teresina-PI, décadas de 1970 e 1980)

Inserida em problemáticas múltiplas, a questão da ocupação e expansão das cidades brasileiras durante a história republicana tem despertado a atenção de pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas, entre as quais a História se pronuncia entre as mais inquietas e férteis. Aproximar-se destas questões e de sua historicidade é o interesse central da presente pesquisa, que visa discutir o processo de ocupação populacional da cidade de Teresina (PI), bem como as estratégias de acesso à moradia e as formas de

habitar e de sentir a cidade, privilegiando problemáticas que envolvam histórias, memórias e as maneiras de se envolver e se relacionar com o cenário urbano, seja pelas ações ou pela subjetivação do vivido. Dessa forma, como objeto de análise, procurou-se aproximar da cidade por meio dos conjuntos habitacionais Dirceu Arcoverde I e II, localizados na região Sudeste de Teresina, na região do Itararé. Estes conjuntos habitacionais, com pouco mais de três décadas de história, tornaram-se centro da vida socioeconômica de um verdadeiro conglomerado de bairros, vilas e favelas que orbitam ao seu entorno e respondem hoje por uma população superior a 150 mil habitantes. Nessas pouco mais de três décadas, a capital radicalmente transformou sua face e a região do Grande Dirceu acompanhou estas transformações. Discutir a história e memória de seus primeiros moradores, destacando os desafios enfrentados e o cotidiano destes moradores no novo conjunto, representam também interesses da pesquisa, em um conjunto habitacional que segregava de forma velada parte da população empobrecida da cidade das regiões mais centrais e valorizadas da cidade. A pesquisa realizou-se com o uso da metodologia da História Oral, mais especificamente a partir de entrevistas com trajetórias de vida e uso de entrevistas temáticas, como propostos por Lucília Delgado (2010, p. 22-3), com os moradores mais antigos do bairro e que ainda residem na região, em um recorte temporal de 1976-1986, período identificado pelas fontes consultadas como o período de formação do conjunto e no qual seus moradores mais dificuldades enfrentaram.

Marcelo Flório (Universidade Anhembi Morumbi)

Telma Martins Peralta

As propagandas de cosméticos e o discurso publicitário: construindo a identidade da mulher brasileira no início do século XXI

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso publicitário, utilizado em propagandas de produtos de cosméticos, dirigido ao público feminino de várias idades. O trabalho está ancorado nos fundamentos teóricos que preconizam o discurso como objeto de estudo e nos pressupostos articulados acerca da construção da identidade do indivíduo pós-moderno. O *corpus* de análise é composto por propagandas, encontradas em revistas femininas de grande circulação entre as brasileiras. O estudo apontou para o fato de que o discurso publicitário busca a adoção de práticas consumistas sedutoras, que trabalham o imaginário da mulher no que tange à sua perfeição estética.

Marcelo Gonçalves Ramos (UFRJ)

Avante, soldados; para trás. o avesso da retirada. O Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados e o texto de Deonísio da Silva

O livro *Avante, Soldados: Para Trás*, de Deonísio da Silva, não se trata de um texto historiográfico ou com pretensões de ser. É definitivamente um romance. Um romance histórico, mas ainda assim uma ficção, cuja função não é a de reproduzir a história oficial, mas de contradizê-la.

O livro é uma narrativa histórica sobre diversos acontecimentos da Retirada da Laguna. Neste evento da Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai, travada entre 1864 e 1870, o exército brasileiro foi obrigado a se retirar do território paraguaio de maneira dramática. Durante a marcha regressa o contingente brasileiro sofreu muitas baixas, devido ao exército inimigo, à fome e à cólera.

Deonísio da Silva procura narrar os aspectos menos conhecidos do evento e para isso usa o famoso texto de Visconde de Taunay como comparativo: *A Retirada da Laguna - Episódio da Guerra do Paraguai*. Esse sim tido como um texto historiográfico pelo narrador, mas que nem por isso detentor de maior credibilidade histórica.

Ao subverter os textos tidos como mais “exatos” Deonísio também relativiza a própria história ou memória oficiais. Quase sempre de maneira sutil, o autor reforça sua opinião: *“A verdade é bem diferente daquilo que nos ensinam. É também diferente daquilo que a gente aprende.”* (p. 93).

O narrador está a perguntar: *“Não sou a continuação plebeia do visconde de Taunay, a quem tantas vezes admirei?”* (p. 219).

Tentaremos refletir sobre esta questão através da análise dos ícones que compõem o monumento em homenagem ao episódio que se encontra no Bairro da Urca no Rio de Janeiro, identificando-os no texto de Deonísio e analisando a importância dada pelo autor aos mesmos.

Situado no Bairro da Urca no Rio de Janeiro, o monumento é uma homenagem aos soldados mortos nas batalhas da Retirada da Laguna e de Dourados, eventos da Guerra do Paraguai, ocorrida entre 1864 e 1870. Sua inauguração ocorreu em novembro de 1935, no governo de Getúlio Vargas. Possui 15 metros de altura e 53 metros de circunferência e tem como ícones representações do episódio militar conhecido como Retirada da Laguna.

Marcelo Lima Costa (UFMA)

Ancestralidade e Modernidade: Identidades híbridas na São Luís do Estado Novo

O viés desenvolvimentista do Estado Novo, sobretudo a partir dos modelos do urbanismo aplicados em cidades como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, influenciou a capital maranhense a ser palco de melhorias que visavam dar à urbe ‘ares de cidade moderna’, como novas avenidas, grandiosos edifícios. O Estudo que visa analisar as identidades distintas de cidade os embates gerados entre as elites - atentando a metodologia de desenvolvimento e tipologia urbana e suas - à luz da implantação de um saber urbanístico moderno na cidade de São Luís. Para tanto os conceitos elaborados pelo filósofo alemão Oswald Spengler de “cidade mundo” - moderna e cosmopolita - e “cidade espírito” - fechada em sua identidade ancestral - são de grande importância para a análise do processo urbanístico modernizante de São Luís. Contribuem para a operacionalização do tema os conceitos de ordem e modernidade elaborados por Zygmunt Bauman e de temporalidade da experiência moderna tecido por Perry Anderson, que perpassa o ser, o sentir e o fazer moderno das pessoas na cidade, através das trocas de saberes e suas construções teóricas de identidade cidadina, enquanto agentes pacientes no tempo histórico. A partir desses elementos, a construção retórica da elite evidencia a questão da identidade local, tricentenária ciosa de suas ancestralidades e de suas características enquanto espaço que em um passado quase

mítico - a partir de uma interpretação historiográfica clássica - onde a cidade fora metrópole durante os séculos XVIII e XIX. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva o conceito de identidade se combina com a ideia de diferença, de modo que a identidade é pavimentada em uma vida da construção de diferenças de modo que a identidade da cidade não é um mero elemento natural. É elaborado artificialmente, a partir de perspectivas, ora modernas, ora *anti-modernas* - ou urdidas dinamicamente. Essa identidade, de acordo com Stuart Hall, apresenta-nos elementos que nos ajudam a compreender a identidade de cidade antiga, ou *cidade-espírito*, mas que em certa medida valoriza aquilo que lhe falta, a modernidade por nós interpretada como *cidade-mundo*, afastando-se da concepção tradicionalista ortodoxa de identidades fixas, homogeneizadas pela imprensa e sacralizadas por intelectuais do período estudado.

Marcelo Monteiro dos Santos (UERJ)

História da Imprensa no Vale do Paraíba Oitocentista: aspectos quantitativos e qualitativos

Esta comunicação tem por objetivo traçar um panorama das possibilidades de pesquisa em História da Imprensa, compreendendo a imprensa periódica para além de seu uso como fontes para também levar em conta o seu caráter político e cultural. Como espaço dessa análise foi delimitado o vale do Paraíba fluminense. Enquanto temporalidade, o século XIX, especialmente o período que vai da década de 1830 até o fim do século. Foi realizada uma pesquisa quantitativa e qualitativa visando elaborar um quadro das publicações empreendidas ao longo desse século e cujos exemplares ainda se encontram disponíveis para pesquisa, principalmente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A historiografia brasileira encontrou na imprensa fértil campo para estudos, sejam como documentos, testemunhos de uma época, ou sujeitos históricos, a partir da atuação de homens e mulheres no mundo dos impressos. No vale, principalmente a partir da segunda metade do século, esses veículos promoveram um debate local e regional de questões que afetavam todo o Brasil a época. Ao longo do Oitocentos dezenas de periódicos foram impressos em municípios como Barra Mansa, Paraíba do Sul, Resende, Valença ou Vassouras. Centros da cultura do café, do labor escravo, da legitimação da ordem política que sustentava o Império. Mas também da circulação de ideias. Os vestígios dessa cultura, se interrogados, podem fornecer uma maior compreensão da “civilização cafeeira” que outrora se desenvolveu no vale e ampliar os lugares de construção das “culturas políticas” no Brasil Império.

Marcelo Silva Cruz (UFPI)

O QUE A “GELEIA” GEROU NA CIDADE? Artistas atuantes nos festivais de música popular da cidade de Teresina (1970 e 1980)

O presente texto analisa em que medida a “geleia” idealizada por Torquato Neto, realmente “gerou” frutos, ou seja, estuda os artistas que foram influenciados pela atitude musical de vanguarda do poeta piauiense, investigando especificamente para isso a atuação destes nos festivais de música popular teresinense nas décadas de 1970 e 1980 por meio de alguns depoimentos orais, em que a memória é matéria-prima de artistas

que vivenciaram esse momento, observando com isso também as sociabilidades que estes conferiram à cidade de Teresina, em particular do músico Geraldo Brito, compositor, guitarrista e violonista piauiense, merecedor de grande respeito entre seus pares, já que participou dos principais momentos da música autoral produzida no Piauí nas décadas estudadas. Assim, investigaremos como os protagonistas desses eventos se organizavam e (re) significavam, com sua arte, os espaços urbanos de Teresina, cheio de contradições econômicas e sociais. Como enfim demarcaram suas práticas e vivências na cidade. O recorte temporal, por sua vez, está localizado nas décadas de 1970 e 1980 e a intenção é trabalhar os quatro festivais de maior repercussão entre esses músicos e na imprensa escrita da época na cidade de Teresina, os quais estão relacionados a seguir: Festival Universitário da FUFPI – Fundação Universidade Federal do Piauí, iniciado em 1973; FESPAPI – Festival de Música do Parque Piauí, que começou em 1975; FMPBEPI – Festival da Música Popular Brasileira do Estado do Piauí, com edição única em 1980; I Encontro de Compositores e Intérpretes do Piauí, ocorrido em 1984 e que teve como fruto o LP Geleia Gerou, lançado em 1985. Para tanto mapearemos concisamente os principais aportes teórico-metodológicos da história oral, (DELGADO, 2006), estabelecendo também um diálogo entre História Cultural e Música Popular (NAPOLITANO, 2005) e, discutindo por fim, a ocupação do espaço urbano de Teresina por meio do estudo correlacionado das noções de representação e práticas culturais (CHARTIER, 1990).

Márcia Almada (UFMG)

Prendas da Adolescência ou Adolescência Prendada – um manual prático para o ensino da caligrafia e da iluminura no século XVIII português

Prendas da Adolescência ou Adolescência Prendada foi uma obra escrita por José Lopes Baptista de Almada e publicada em Lisboa em 1749. O autor era Doutor em Direito Canônico e calígrafo amador. Redigiu e publicou seu compêndio, às suas expensas, a partir de extensa pesquisa em diversos manuais de pintura ou de caligrafia. Sua visão de ensino era claramente pragmática e o público alvo de sua obra eram os *curiosos* e, em especial, os jovens que recebiam educação doméstica. Desta forma, divulgou receitas de fácil execução que permitissem que jovens aprendizes ou leigos na arte da caligrafia pudessem aprender e executar os ornamentos da letra conforme os padrões formais do século XVIII.

Márcia Azevedo de Abreu (UNICAMP)

A leitura de romances no contexto da circulação transatlântica dos impressos

Este trabalho tem como objetivo analisar a produção de livros espíritas, supostamente psicografados pelo médium mineiro Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) e editados pela Editora da Federação Espírita Brasileira (FEB), durante as décadas de 1930 e 1940, no Brasil. O propósito é examinar a gênese, a circulação e o consumo dessa volumosa “literatura” que pôs na ordem do dia, na imprensa periódica nacional, temas relativos ao estatuto da literatura moderna, tais como: originalidade, autoria e copyright. Ao levar a público obras compostas por poemas, crônicas e romances cuja autoria foi atribuída a espíritos de escritores famosos e já

falecidos, o jovem Chico Xavier e a sua editora dão origem a uma querela judicial e provocam um intenso debate em torno da legitimidade das obras e das supostas autorias, de modo que escritores e juristas são chamados a todo momento à imprensa para emitir pareceres sobre essa “literatura”. A partir da análise dos textos espíritas em questão, das reportagens publicadas nos jornais da época e por dados editoriais da FEB (dados sobre tiragens e distribuição) é possível construir uma interpretação acerca do significado dessas obras para o cenário das edições não só espírita, mas do contexto editorial brasileiro como um todo, refletindo-se, especialmente, sobre especificidades do campo literário brasileiro dos anos 1930 e 1940.

Márcia Azevedo de Abreu (UNICAMP)

A leitura de romances no contexto da circulação transatlântica dos impressos

No presente trabalho realizo uma breve discussão sobre a família escrava na primeira freguesia de Feira de Santana, São José das Itaporocas no período de 1785-1826. Enfatizo a importância dos laços familiares, no contexto escravista, a partir das análises interpretativas feitas, inicialmente nos livros de batismo e casamentos de escravos da região. Logo, o estudo sobre apadrinhamento de cativos, busca redimensionar o foco da historicidade da escravidão que tem privilegiado a capital - Salvador e o Recôncavo Baiano. Nesta perspectiva, afirmo a possibilidade de superação dos limites geográficos e conceituais sobre a Historiografia da Escravidão Baiana, no tocante das redes de sociabilidades criadas pelos escravizados/as e assim contextualizar as formações familiares no território feirense. As discussões contemporâneas sobre família escrava visam desconstruir os olhares eurocêntricos que a caracteriza como promíscua, inexistente, desestruturada. E os novos estudos sobre a formação dos lares familiares reconfigura os relatos dos viajantes que escreviam e caracteriza essas uniões escravas, a partir de suas visões e interesses em fazer uma imagem sobre determinado povo, etnia, país, porém, mantendo sua posição de poder. Assim, os lares escravos eram representados por um olhar branco sobre um lar negro criando interpretações próprias e limitadas sobre a constituição familiar dos negro/as cativos/as. Essas visões estrangeiras e eurocêntricas sobre lar escravo foram carregadas de preconceitos e permaneceram no imaginário social por um longo período. Assim, o papel da nova historiografia da escravidão é elencar a importância desse vínculo consanguíneo. E a família escrava é caracterizada pelos múltiplos significados afetivos, emocionais e de solidariedades para os escravizados/as. A solidariedade familiar estendia além dos laços de sangue ou da chamada família nuclear, ou seja, a família para o negro escravizado significava sobrevivência e resistência dentro e fora do cativeiro. Argumento que, conhecer melhor a trajetória dos laços familiares para a possível (re) construção historiográfica da vida familiar cativa em Feira de Santana.

Márcia Azevedo de Abreu (UNICAMP)

A leitura de romances no contexto da circulação transatlântica dos impressos

Márcia Azevedo de Abreu (UNICAMP)

Como pensar a história no apocalipse zumbi?

A proposta consiste em trabalhar com a emergência das representações do monstruoso enquanto artefato cultural da contemporaneidade, para compreender a produção editorial juvenil que trata aspectos do insólito e do fantástico, problematizando as relações intermediárias (Hq, seriado televisivo e literatura) do universo de *The Walking Dead*. A abordagem trata do circuito de produção (edição, autoria e leitura) das representações sobre o monstruoso para pensarmos as representações semióticas sobre a contemporaneidade enquanto uma vivência distópica do tempo. Assim, o enfoque seria na produção intermediária sobre os zumbis (os mortos-vivos) em seus múltiplos suportes, propondo uma leitura histórica sobre o tempo presente que considere essas representações culturais sobre a vida e a morte como uma prática de subversão do paradigma realista, como instituidoras do real e como espaço de leitura da vida contemporânea. Utilizaremos como suporte teórico e metodológico a história cultural da leitura, a cibercultura, os estudos interartes e intermediários, bem como a crítica literária que trata dos processos narrativos e sua relação com o fantástico e com o insólito.

Márcia Juliana Santos (USP)

Fotografia e cinema em “São Paulo de ontem, São Paulo de hoje”, do fotocinegrafista B. J. Duarte (1943)

O objetivo desta comunicação possibilita diálogos entre cinema e fotografia visualizados no curta-metragem silencioso **São Paulo de ontem 1863... e São Paulo de hoje - 1943**, lançado em 1943, pelo foto-cinegrafista B. J. Duarte. A produção da Prefeitura Municipal de São Paulo tinha o objetivo de registrar as mudanças materiais e arquitetônicas vivenciadas pela cidade, entre os anos de 1863 a 1943. O recorte do filme e os temas abordados privilegiaram os registros feitos pelos fotógrafos Militão Augusto de Azevedo e Guilherme Gaensly, que no final do século XIX capturaram com suas câmeras elementos diversos da vida urbana da cidade.

Na década de 1940, foto-cinegrafista B. J. Duarte, então técnico do setor de iconografia do Departamento de Cultura da prefeitura, produziu esse filme utilizando fotos de Militão e Gaensly que tinham sido restauradas pelo próprio Departamento.

De vilarejo colonial à metrópole imponente, a cidade de 1943 deveria ser vista como resultado de um rápido progresso material, capturado em seu primeiro estágio pelos fotógrafos oitocentistas e, mais tarde, por B. J. Duarte, em meio ao avanço e a rapidez das transformações pelas quais viviam a capital paulista. As sequências de **São Paulo de ontem e de hoje** (1943) são intercaladas por muitas legendas que antecipam imagens, sobretudo por fotos e mapas que conduzem o espectador a partes de uma cidade que não existe mais, ou que sofreu mudanças na paisagem urbana.

Identificamos no recurso de sobreposição de fotos, seguidas por imagens em movimento, os marcadores temporais do filme: enquanto a foto representava o passado, a imagem em movimento era o tempo presente e prenúncio do futuro.

A sequência final do filme, por exemplo, mostra a tela cheia dos detalhes da foto do largo São Francisco produzida por Militão, em 1862, portanto, anterior às grandes intervenções urbanas da década de 1930. A paisagem captada identifica a presença do

tráfego de carroças conduzidas por animais, o número reduzido de pessoas que andavam pelas ruas e a deterioração das fachadas da igreja e da faculdade. O recurso fotográfico é substituído pela câmera cinematográfica para mostrar o que ficou e o que desapareceu. O ano de 1943 surge com o movimento próprio do cinema. As colunas internas da faculdade “balançam”, o velho bonde é substituído pelo ônibus e o antigo convento franciscano desaparece, dando lugar a um imenso prédio com colunas neoclássicas.

Márcia Maria da Silva Barreiros (USP)

Entre o romance e a autobiografia: a escrita feminina e a memória histórica (Bahia, século XX)

O estudo analisa a relação entre o romance e a autobiografia na primeira década do século XX. Com o romance histórico intitulado *Helena* a escritora baiana Anna Ribeiro Góes de Bittencourt (1843-1930) se insere em um campo quase exclusivamente masculino, as letras, e elabora um discurso relacionado à história da Bahia e à memória épica da sua terra. Numa clara evidência de uma escrita subjetivada, a referida autora, considerada como a primeira ficcionista do Estado, constrói enredos onde se entrelaçam história de vida, escrita de si, memória familiar/biográfica e episódios/fatos históricos. Com uso de estratégias narrativas inerentes aos romances nacionais e históricos latino-americanos, a escritora rememora, reelabora e ressignifica aspectos sociais e culturais de um passado-presente. Em *Helena* (1901), publicado em forma de folhetim no periódico *A Bahia*, que circulava no contexto em estudo, encontra-se uma produção literária feminina que persegue o filão documentário da terra derivada do modelo romântico. No entanto, no romance, há uma evidente preocupação da autora em problematizar as discussões acerca da fundação da nação brasileira, recuperando emblematicamente o mito da *Independência Baiana* e a data cívica do *2 de Julho*, em um referendo explícito à memória histórica do Estado. Do mesmo modo, a referida prosadora, de larga experiência intelectual, registra uma memória coletiva acerca das relações entre os sexos no contexto em que vivia e, mais do que isto, produz uma crítica sobre a condição das mulheres no período, narrando na primeira pessoa em um nítido exercício intimista. Seu discurso é dirigido a um público especial: as mulheres leitoras.

O romance enfatiza, ainda, um discurso político sobre o seu país, a sua nação, nos tempos pretéritos de constituição e consolidação de uma “identidade nacional”. A narrativa *Helena* se enquadra no tipo de romance épico caracterizado por tramas patrióticas comuns às ficções que emergiram a partir do século dezenove na América Latina e que tem com pano de fundo aventuras e desventuras de personagens históricos - ou não - ficcionalizados e, também, de indivíduos comuns pertencentes ao clã familiar da romancista. Em *Helena* reencontramos Anna Ribeiro Góes de Bittencourt, na condição de mulher, mãe, escritora, intelectual e membro de uma elite social do Recôncavo baiano.

Márcia Moreira Pereira (MACKENZIE)

Desterritorialidade urbana no romance Estorvo de Chico Buarque e sua adaptação cinematográfica

O objetivo deste trabalho é analisar a representação da cidade urbana na produção ficcional de Chico Buarque, em especial no romances *Estorvo* (1991), em comparação com sua respectiva adaptação cinematográfica (*Estorvo*, 2000, por Ruy Guerra). Partimos da hipótese da existência de um vínculo inextricável a cidade urbana e a pós-modernidade - já assinalado por autores diversos, como Renato Cordeiro Gomes (GOMES, 1991; GOMES, 2000) -, buscando compreender quais as possíveis conexões entre alguns dos princípios teórico-estéticos do pós-modernismo e o texto / filme aqui estudados, tendo o espaço citadino como principal mediador. Desse modo, atuando como elemento estrutural tanto do romance quanto do filme estudados, a cidade assume papel relevante tanto na configuração da forma de ambos os discursos, quanto no condicionamento dos temas e motivos neles presentes, agindo, assim, não apenas como um amálgama de valores éticos, mas também como um vértice de sentidos e significados estéticos. Nesse contexto, a *cidade urbana* afirma-se, nas narrativas literária e fílmica, como espaço de *desterritorialização*.

Márcia Nunes Maciel (USP)

Roberta Mageski (UNIR)

Comunicação: Festa da Melancia em Nazaré

Objetivo: Perceber as percepções da relação da terra e produção e as relações sociais estabelecidas na festa da melancia

Metodologia: Observação de campo e entrevistas curtas

Resultado parcial: A festa da melancia é realizada no mês de agosto na comunidade de Nazaré que se localiza às do rio Madeira no Estado de Rondônia que reúne produtores da comunidade e de outras comunidades próximas. Conversando com os moradores antigos percebemos que há duas versões da criação das festas, uma é de que foi criada por um morador local com o objetivo de reunir a comunidade para festejar a produção da melancia, a outra é que foi uma proposta do órgão governamental para fazer a escoação da produção com fins de gerar renda para a comunidade. Ao participar da festa que por muitos de fora é vista como uma festa comercial podemos perceber que há uma troca cultural entre as comunidades e também uma diferenciação de percepção do modo de plantação e produção da melancia, uma que está baseada na influencia da lua outra que está voltada apenas para a técnica de plantação agrícola, também foi possível perceber que na festa foi criado um espaço de atuação da mulher que também faz sua plantação de melancia e concorre a premiação da maior melancia com as que são produzidas pelos homens. Nesse sentido, nos propomos a fazer uma leitura por meio da observação da festa e conversas com os produtores e produtoras da melancia das suas percepções em relação ao modo de plantar e com o espaço social vivenciado na festa da melancia.

Márcia Ramos de Oliveira (UDESC)

Memória nas mídias

A comunicação ocupa-se em apresentar o contexto de criação e emergência do espetáculo e *Lp*, homônimo, intitulado “O Banquete dos Mendigos” (1973), enquanto projeto de autoria do músico e compositor Jards Macalé, como evidência do processo de cerceamento a atividade artística e musical durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), apoiando-se na repercussão mediatizada sobre o episódio após 40 anos do lançamento do espetáculo e 35 anos de circulação do disco, especialmente tendo por fonte de pesquisa as notícias divulgadas pela internet. As reflexões apresentadas orientam-se pela História do Tempo Presente e procuram dimensionar a importância da fonte audiovisual e musical no trabalho do historiador e na construção da memória, tendo por parâmetro este estudo de caso em específico.

Márcia Scarpari De Giacomo (UNESP)

Sueli Iwasawa (UNESP)

A Historiografia Moderna, a tendência cultural e suas influências para a História da Educação

Este artigo tem por interesse realizar uma pequena reflexão a respeito da história da historiografia, ou seja, desvelar um pouco da complexa trama pela qual o estudo do passado se efetiva, a partir de sua configuração enquanto ciência até alcançar a fase contemporânea, ocasião em que ganha corpo a tendência da historiografia cultural e, nesse meandro, desponta-se um crescente interesse pela historiografia no âmbito da educação. O objetivo, no primeiro momento é levantar alguns aspectos referentes aos modos pelos quais as narrativas históricas vieram sendo entendidas, construídas e reconstruídas, a partir das ocorrências de movimentos de ressignificação de sua escrita e no segundo momento refletir as contribuições desenvolvidas pela concepção da história cultural para a renovação na investigação da história da educação. No campo da História da Educação duas tendências influenciaram profundamente o campo: primeiro o marxismo e posteriormente, a Nova História, trazendo-lhe novos objetos de pesquisa, novas abordagens e novas fontes. Para esses dois intentos, procuramos fazer um pequeno incursão na trajetória de alguns historiadores que tem seus nomes ligados à inovação e que se tornaram referências para o universo historiográfico e em consequente analisar as convergências entre o campo da história cultural e o da história da educação. Baseando-nos nas contribuições de alguns autores como Burke, Dosse, Burguère, Cardoso, Vainfas, Fernandes, entre outros, procuramos levantar algumas reflexões, articulando as histórias: da historiografia, cultural e a da educação.

Marcio Barradas Sousa (UEPA)

Saberes ancorados no corpo: experiência sociocultural de uma rezadeira evangélica

O estudo tem por objetivo analisar as práticas de cura presentes nos atendimentos de pessoas submetidas às orações e tratamentos realizados por Odinéia dos Santos Barbosa, dona Dionéia, 54 anos, moradora da Comunidade Quilombola de Abacatal, localizada no Município de Ananindeua, Região Metropolitana de Belém/PA. Parte-se do pressuposto que na prática de benzer/orar de dona Dionéia há saberes que se movimentam dentro do ritual de cura por ela mediado onde a corporeidade se mistura

a técnicas ritualísticas e terapêuticas de promoção à saúde, ao uso dos remédios da mata, ao uso de fármacos industrializados e a religiosidade. A dimensão sociocultural dessa prática historicamente ancora-se nas relações tecidas no cotidiano da Comunidade onde os sujeitos inscrevem em seus corpos toda a experiência vivida no processo doença/saúde. Recorrendo ao saber popular, a religiosidade, ao serviço de saúde institucionalizado dona Dionéia e sua clientela contam a partir dessa experiência uma história cultural dos saberes do corpo. A partir dessa constatação pergunta-se: Como a corporeidade presente nos atendimentos realizados por dona Dionéia se expressa nessa prática? Que saberes são por ela mediados? Que relações o processo saúde/doença nesse contexto estabelece com o serviço de saúde institucionalizado ali presente? Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, sob o uso da metodologia da história oral com a realização entrevistas semiestruturadas. Teoricamente, o estudo recebe contribuições dos trabalhos de Burke (2005); Hunt (1992); Alberti (2005); Csordas (2008); Quintana (1999); Gruzinski (2001; 2003); Martinic (1994); Thomson (1997); Bosi (2003); Mauss (1934); Geertz (2008); entre outros. Entre os saberes mediados pela prática de cura realizada por dona Dionéia estão os saberes espirituais; ecológico-ambientais, medicinais. A igreja, a casa, a rua são alguns dos espaços formativos de construção e transmissão desses saberes. A memória constante em sua narrativa revelou aspectos de sua trajetória como uma mediadora cultural em um processo que se configura como educativo não escolar.

Márcio de Araújo Pontes (UFPI)

Fotografias e Narrativas de Mulheres Dramistas

A proposta a ser apresentada discorrerá sobre a narrativa de mulheres dramistas, em torno das apresentações de drama na cidade de Tianguá, Estado do Ceará. Compreendendo dramistas como grupo formado por moças e senhoras, de determinada comunidade, que encenam pequenos quadros dramáticos, sem estrutura fixa. Os dramas se desenvolvem em torno de cantos e danças, tendo acompanhamento musical, através de violão, sanfona, pandeiro, zabumba e triângulo.

As dramistas possuem indumentária característica para suas apresentações, destacando-se pela elegância e adornos dos vestidos, sendo complementadas com adereços de cabeça (tiara, véu, coroa, chapéu) e de mão. Nessa perspectiva, pretende-se suscitar possibilidades de compreensão metodológica que se utilize da fotografia como suporte condutor de lembranças depositadas na memória dessas mulheres dramistas.

As dramistas, quando se apresentam ao público, rompem com o cotidiano se apropriando de papéis diversos e revelando personagens que vivenciam uma realidade improvisada, por alguns instantes, onde a irreverência atrai o público. São atitudes e situações comportamentais que se destacam em um processo de criação onde as dramistas participantes de determinado grupo seguem uma linha de apropriação e encontram liberdade para criar, recriar, ensinar e aprender a ser dramista. A fotografia congela alguns desses momentos e como resíduo do passado, possibilita interpretações que a qualificam como fonte histórica que pode ser trabalhada pelo historiador.

Nesse contexto, a fotografia pode ser utilizada como ferramenta, promotora de sentimentos emotivos, que transporta, para o tempo presente, uma fragmentação da memória que faz com que o narrador rememore o espaço temporal daquele instante fotográfico, ressaltando que ao trabalhar com a narrativa, a lembrança é uma categoria

que nos remete ao individual, porém, se constitui em meio ao convívio da coletividade e revela fatos passados em um tempo presente e atual.

É nessa perspectiva que se pretende trabalhar essa comunicação.

Marcio Marchioro (UFPR)

Santos e demônios no Carnaval nordestino: quatro cordéis escolhidos de J. Borges

A literatura de cordel, expressão típica do Nordeste brasileiro, surge como forma institucionalizada de arte por volta do início do século XX e fins do século XIX. Seu principal autor é Leandro Gomes de Barros que se apropria de uma cultura oral que já circulava no Nordeste com repentista e contadores de histórias e resolve publicá-las. A partir disso, uma gama infindável de autores aparece e um deles é J. Borges. Radicado no município de Bezerros em Pernambuco, J. Borges constrói sua carreira, sobretudo a partir de suas xilogravuras. Porém sua obra poética também é bastante extensa, completando mais de 200 publicações. O objetivo desta comunicação é apresentar dados sobre e analisar quatro de suas principais obras: duas obras da década de 1970 - *O exemplo da moça que encontrou a besta-fera* e *O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno* - e duas da década de 1980 - *A moça que dançou depois de morta* e *A chegada da prostituta no céu*. Procura-se estabelecer através deles, rupturas, continuidades e influências culturais. Ao destrinchar essas obras referenciadas acima, foi possível identificar algumas tendências de J. Borges utilizadas em suas histórias. O personagem do Diabo e o da “mulher” são os mais utilizados para fazer julgamentos moralizantes sobre as mudanças do seu contexto histórico. O Rock representado pela geração da Jovem Guarda brasileiro que inverte valores, sobretudo no papel da mulher na sociedade também é julgado pelo autor por meio da figura religiosa do *Besta-fera*. Se antes a boêmia era algo destinado a homens e “mulheres da vida”, agora por meio das músicas de Roberto Carlos e Cia a mulher passa a se vestir diferente e sair à noite para dançar, o que no interior do Nordeste brasileiro nas décadas de 1970 e 1980 devia ser um espanto. Esta pesquisa faz parte de um artigo desenvolvido para a conclusão do curso de especialização em História do Brasil nas Faculdades ITECNE de Cascavel.

Marcio Pizarro Noronha (USP / PUC/RS)

Questões em torno da teoria e da metodologia da pesquisa em história e teoria interartes

Este artigo tem como objetivo identificar alguns aspectos das transformações dos objetos artísticos e culturais em sua relação com o pensamento historiográfico da História da Arte na atualidade. A perspectiva de um métier estável do historiador da arte tem sofrido questionamentos em face de uma nova relação entre as formas sensíveis (sensação, percepção), os novos objetos, relações ampliadas com a esfera da tecnologia e, uma confluência do pensamento psicanalítico, redesenhando a noção de objeto e de obra. Estas proposições aparecem no pensamento de teóricos continentais europeus tais como Georges Didi-Huberman e Giorgio Agamben, bem como nos pensamentos de Lacoue-Labarthe, Jean Luc Nancy, e, no pensamento de autores como Slavoj Žižek e Peter Sloterdijk. Meu interesse é levantar um quadro de questões apontadas por este grupo de pesquisadores filósofos e historiadores contemporâneos e, a partir destes tópicos,

identificar problemas recorrentes entre eles, como o problema historiográfico propriamente dito, o desenvolvimento de teorias e metodologias de pesquisa em processo de abertura (as cesuras na contemporaneidade), a obra de arte e seus processos como lugar do sujeito e de subjetivação, elementos associados aos aspectos tais como, recalque, fantasmagoria, espectralidade. Assim, ao final, procuro elencar uma agenda de pesquisas realizadas nos oito anos de trabalho do grupo de pesquisa Interartes processos e sistemas interartísticos e estudos de performance e as transformações teórico-metodológicas vividas bem como o desdobramento nas séries e objetos de investigação (objeto-sujeito).

Marcio Roberto Pereira (UNESP/ Assis)

Biografias oblíquas: a correspondência entre Jorge de Sena e Vergílio Ferreira — (1950-1975)

A proposta desta pesquisa é discutir as representações do intelectual na produção epistolar de Jorge de Sena (1919-1978), mais especificamente na correspondência com Vergílio Ferreira (1916-1997), ocorrida entre os anos de 1950 a 1975. Alguns temas, como a condição do intelectual em tempos de ditadura, a posição do escritor e suas relações com a estética do Neo-realismo e a condição do exílio, são importantes assuntos que compõem grande parte das preocupações de ambos os escritores. Por meio da confissão, das relações com espaços públicos e do cotidiano, os intelectuais fazem um contraponto entre sua condição de deslocamento político e intelectual e os processos de representação da realidade, num mosaico de ideias que ganha um contorno maior a partir de testemunhos que se transformam em biografias oblíquas.

Marco Alexandre Nonato Cavalcanti (PUC/SP)

Patrimônio Cultural e desenvolvimento na Vila de Paranapiacaba

Esse trabalho pretende debater a importância do trabalho referente ao Patrimônio Cultural como uma forma de apropriação social e política e servindo também como instrumento eficaz de integração das políticas públicas de preservação e desenvolvimento econômico e social regional. Para isso é levantado o caso da Vila de Paranapiacaba, que possui um papel de destaque na preservação e formação de uma identidade cultural, com o debate de vários planos de preservação desde 1999 pelo município de Santo André, e que tem por objeto recuperar e preservar os conjuntos arquitetônicos, urbanísticos e ambientais, associando esse processo a um possível desenvolvimento local. O seu patrimônio que passa a ser um elemento importante para o desenvolvimento da região e deve promover o envolvimento de sua comunidade com sua história, sua memória social e seus atrativos socioculturais.

Para isso, é feita uma reflexão sobre o "Plano Patrimônio" (2003), que é o documento base de ações relevantes do município sobre o tema e que tem por objetivo alcançar as finalidades apontadas. Análise sobre sua efetivação e eficácia que vem a servir para o entendimento como ocorre o desenvolvimento econômico da vila, o ainda desconhecimento sobre o conteúdo cultural local, questões que devem ser revistas de

ordem social e como é que ocorre o desenvolvimento local por meio da recuperação e preservação.

Marco Antonio de Lara (PUC/MG)

Bhakti-Kārya: organização social e política na perspectiva da tradição Bhāgavata

Nesse presente trabalho apresentamos os resultados da investigação sobre as similitudes permeadas nas noções de sociologia e política atribuídas ao sistema de *varṇāśram-dharma* (divisão de ordens sociais e espirituais denotadas pela ocupação do indivíduo), contidos na antiga tradição hindu pela perspectiva da própria literatura canônica dos *Vedas* na porção que trata sobre o *bhagavata-dharma*, ou o culto de devoção ao Deus Viṣṇu (tradição Vaiṣṇava), explícito em textos como a *Bhagavad-gītā* e o *Bhāgavata Purāṇa*. Como o ideal de *bhakti-kārya*, ou a cooperação amorosa e harmônica entre *brāhmaṇas* (classe intelectual e sacerdotal) e *kṣatriyas* (classe militar e administrativa), os quais se protegiam e cooperavam mutuamente entre si, assim como a cabeça e os braços a zelar pelo bem-estar do grande corpo social, trazendo toda progressividade e dinamismo em sua totalidade. Como tal sistema se degradou e transformou-se no que chamamos hoje de sistema de castas. Estaremos lançando mão do viés da Filosofia da Religião a fim de problematizar questões e introduzir as devidas considerações axiológicas.

Marco Antonio Milani (UNESP/Assis)

A Bricolagem nos fanzines punks

O traço mais marcante no punk é a apropriação de elementos do cotidiano em uma realocação que os atribui um novo sentido. Assim, as roupas comuns são cobertas de significados através de rasgos inscrições e aplicações de patches; os símbolos do rock grandiloquente financiado por grandes gravadoras em shows espetaculares são empregados no punk rock, que quebra a parede de Brecht em shows em pequenos espaços, com melodia grotesca e estridente; os impressos produzidos pelos punks, fanzines e encartes de discos, são uma composição caótica de textos por eles escritos com enunciados e imagens roubados de jornais e revistas. Os *cultural studies* ingleses, viram nesse fenômeno a bricolagem, noção adaptada de Levy Strauss, comum tanto aos punks quanto as demais “subculturas”, como os skinheads e os mods. Dentre os punks, no entanto, a bricolagem é exacerbada, servindo ao desafio de criar algo realmente subversivo num mundo onde as práticas e as formas discursivas são cada vez mais restritas àquilo que a indústria cultural produz. De tal modo, a produção do estilo punk, se entendida como uma forma de representação, assemelha-se às esculturas de sucata, objetos que dão um novo significado aos restos da cultura dominante, descritos por Michel de Certeau com relação a sua noção de táticas. Tem-se, então, o subsídio para analisar os fanzines punks. Esses impressos produzidos através de fotocópias estão permeados de colagens inspiradas no trabalho de Jamie Reid, artista situacionista que criou as primeiras capas de disco para o conjunto Sex Pistols. Reid recuperava imagens canônicas da cultura britânica e as profanava, como a clássica imagem da Rainha com uma tarja sobre os olhos. Nesse viés, os fanzines recuperam imagens canônicas ou

malditas e as inserem lado a lado, combinando com enunciados que subvertem seu sentido original. Assim são preenchidas suas páginas, das quais não resta sequer um espaço em branco, ainda que seja necessário cobri-los por vezes com traços aleatórios. Propõe-se, portanto, que a análise dos fanzines parta da busca pela relação entre cada um desses elementos, riscos, imagens, textos. Tais relações tornam o observador capaz de definir enunciados e situa-los em uma determinada formação discursiva, estando ainda atento ao que há de não-discursivo em sua materialidade.

Marcos Antonio da Silva (USP)

Orfeus brasileiros – Vinicius de Moraes, Marcel Camus e Cacá Diegues

A peça teatral Orfeu da Conceição, de Vinicius de Moraes, com música de Tom Jobim, é mais lembrada, hoje, através dos filmes Orfeu negro ou Orfeu de carnaval (1959, dirigido por Marcel Camus) e Orfeu (1999, dirigido por Cacá Diegues). Cada um desses filmes possui qualidades próprias. No primeiro, destaca-se muito a música de excepcional nível, criada por Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Luís Bonfá e Antonio Maria, interpretada por Agostinho dos Santos, encarada como uma das pedras de toque da Bossa Nova. O mais recente carrega o evidente mérito de revisitar um clássico textual brasileiro e também repensar sua primeira filmagem.

O filme de Camus, produção franco-italiana, investe em certo exotismo brasileiro para estrangeiro ver (natureza, figuras humanas). Diegues explora uma tensa contemporaneidade dos morros cariocas, com ênfase no tráfico de drogas.

Ambos perdem muito da carga clássica carnavalizada, que Vinicius de Moraes explicitou originalmente em sua peça teatral, particularmente, através dos nomes de seus personagens – mantidos nas filmagens, evocam figuras mitológicas da Grécia antiga –, associada ainda aos diálogos em versos. Ao mesmo tempo, esse perfil classicizante dialogava, no primeiro filme, com uma modernidade brasileira dos anos 50, tanto na reconfiguração de padrões populares de produção artística (no caso, particularmente, o samba) quanto numa ousada mistura entre diferentes “níveis” de arte – a música de mercado e a mitologia e a tragédia gregas antigas; e, no filme seguinte, com uma modernidade tornada cosmopolita (os ritmos do samba mesclados à cena pop internacional) e perigosamente degradada – o tráfico de drogas e suas extremas tensões.

Esta comunicação reflete sobre diferenças entre as três versões (uma peça e dois filmes), enfatizando a autonomia de cada uma e procurando explicar suas conexões históricas, suporte das referidas diferenças.

Marcos Paulo Amorim dos Santos (Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas)

Representações da macumba no Jornal Estado de São Paulo, 1930 - 1950.

Pretende-se, com esta comunicação, problematizar a criminalização da palavra macumba por meio de relatos presentes no Jornal Estado de São Paulo entre as décadas de 1930-1950. Percebe-se nos textos o tratamento excludente e arbitrário com que as religiões de matrizes africanas teriam sido tratadas pelo periódico, fomentando um imaginário social

depreciativo sobre o tema, tendo em vista que todas as menções ao tema estão presentes no noticiário policial do jornal. Assim, através dessas fontes, deseja-se questionar os discursos implícitos no texto e ainda observar o que se publica sobre a ação policial na repressão das religiões afro-brasileiras.

Marcos Rizolli (MACKENZIE)

Nelson Leiner: multiculturalismo, em arte multidimensional

O artista brasileiro **Nelson Leiner** nasceu em 1932, em São Paulo.

Da origem pictórica, ao longo de sua carreira, investiu em excêntricas formas de expressão, apresentando objetos que anunciavam a noção de apropriação que iria marcar sua carreira e seu trabalho. Formou o grupo **Rex**, um coletivo que questionava, por meio de exposições, ações e debates, o excesso da institucionalização da arte. Realizou *happenings* e produziu peças feitas para serem manipuladas pelo público.

Artista e professor, produziu objetos, intervenções e inúmeros textos meta-críticos em que expunha, com ironia, os vários interesses que controlam o mercado de arte, procurando, ainda, dissolver a ideia de autoria de uma obra de arte. Participou frequentemente de exposições no Brasil e no exterior, em eventos coletivos e individuais, tendo trabalhos apreendidos sob a alegação de obscenidade, em episódios que desencadearam uma campanha nacional contra a censura nas artes visuais.

Contudo, apesar da prolífera carreira artística, este estudo pretende analisar uma obra em especial. A saber: a instalação **A Grande Parada**, apresentada em 1999, na Biennale di Venezia - Itália.

Somando extas mil e novecentas pequenas peças, dispostas triangularmente no espaço do chão, a instalação ocupava praticamente toda a sala. O cortejo de imagens evoluía em progressiva ocupação espacial e dispunha geometricamente estátuas de gesso ou plástico - todas, representativas da cultura brasileira. A fila da frente era maior e aos poucos ia diminuindo, até que a última fila compreendia uma única estátua: a do Cristo, que vinha resguardando toda a multidão.

Em **A Grande Parada**, o conjunto de imagens apropriadas sintetiza a plataforma criativa de **Nelson Leiner**: a mistura estética, bem brasileira, em seus contornos multiculturais e em versão artística multidimensional.

Marcus Vinícius Macri Rodrigues (UFRJ)

O Salão de Banquetes do Palácio do Catete: A Arte de Receber. A Invenção de uma Tradição Clássica nos Trópicos

O Palácio do Catete, atual Museu da República, localizado no Rio de Janeiro, é mais conhecido por ter sido a sede da Presidência da República no período de 1897 a 1960. O edifício foi projetado em meados do século XIX para servir como uma residência digna da posição do Barão de Nova Friburgo, humilde imigrante português, que conseguiu criar fortuna com comércio de comércio de café e escravos no interior fluminense, chegando a ser considerado o homem mais rico do Império.

A arquitetura do Palácio, de estilo neoclássico, remete a um momento em que o Brasil esforçava-se para afirmar uma tradição inspirada na cultura européia, buscando no Velho Continente, e, mais especificamente, na Antiguidade Greco-romana, as fontes para a civilização brasileira. No seu Salão de Banquetes, assim como em todo o Palácio, há a preocupação em mostrar a riqueza do Barão de Nova Friburgo, seja nos serviços importados da Europa, no mobiliário, nos estuques e, principalmente, nas pinturas, que fazem referências à alimentação. Destacam-se no recinto vinte e quatro pinturas de naturezas-mortas que decoram o Salão, mesclando elementos decorativos romanos e brasileiros, como frutas nacionais.

Procuraremos estudar um dos motivos decorativos do Palácio do Catete através da comparação das pinturas do Salão de Banquetes com as imagens dos *triclinia* (salas de refeições) das casas de Pompéia e Herculano, encontradas em escavações arqueológicas. Consideramos que, na construção do Palácio e nas escolhas feitas para a decoração do Salão de Banquetes, o Barão de Nova Friburgo e, por extensão, a aristocracia brasileira, inseriram-se no processo de invenção de uma tradição, na aceção conceitual de Hobsbawm (1984), fundamentada na cultura clássica, que serviu como marco de distinção social.

Margarete Almeida Nepomuceno (UFPB)

Os vestidos de Laerte: A estética da resistência por outra ética da existência

O/a cartunista Laerte descobriu a ideia binária de gênero ao propor uma estética da resistência aos padrões normativos e morais do corpo e do desejo. A sua performance de gênero se propõe a construção de uma variável, fronteira, prática significativa dentro de um campo cultural. Para tanto, Laerte encontra no vestuário, o dispositivo de ressignificação no trânsito no universo dito masculino e feminino como provocação de uma nova forma pós-identitária na produção de si. Na Modernidade ainda impera no vestuário e na moda, o lugar do controle social dos corpos e de gênero com seus determinismos biológicos e subjetivos. Este trabalho propõe refletir a indumentária/moda como espaço estético/corporal/subjetivo de resistência, produtor de ações afirmativas que buscam conceber o fluxo e a descontinuidade como territórios de potência criativa por parte de uma sociedade que escapa as normas de pertencimento normalizador. A base teórica desta questão estará pautada na Teoria Queer, que desafia as normas regulatórias da sociedade, denuncia os efeitos de exclusão, de hierarquia, de classificação e dominação, e que para tanto, veste o desconforto da ambiguidade e do entre-lugares. Além das questões de identidade e poder dos Estudos Culturais e do vasto campo de discussão sobre resistência e existência proposta pelo filósofo francês Michel Foucault. A estilística da liberdade sobre os corpos e gêneros implica em formas de vida inventiva e ousadas na experimentação histórica. Laerte e outros personagens queers contemporâneos utilizam o objeto de assujeitamento, no caso o vestuário e seus imperativos, como projeto político de existência por uma estética própria de resistência a este poder.

Maria Ângela de Faria Grillo (UFRPE)

Mercado de São José: lugar de memórias e narrativas

No Recife, o Mercado de São José se constitui um lugar de memória dos vendedores ambulantes, do som das violas dos cantadores e do recitar dos folheteiros. Assim, se constitui em um lugar em que saberes, celebrações e formas de expressão se reúnem em toda sua complexidade. É um lugar privilegiado em que se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas e em que a circulação e consumo dos bens da cultura imaterial se encontram em toda sua ambiguidade. Ao redor daquele imponente edifício se estabeleceram uma grande quantidade de cantadores, poetas e vendedores de cordel, mostrando que a cultura popular tinha raízes mais profundas que as elites pernambucanas imaginavam. Ao escolhermos registrar essa experiência, identificamos a importância das referências culturais que estão em circulação no mercado, para a construção das identidades locais, regionais e nacionais. É importante ainda considerar que essa cultura imaterial não era reconhecida enquanto patrimônio cultural da cidade. Diante de tantas manifestações que compõem a vida cultural do Recife, é importante que, ao promovermos a discussão e a valorização das práticas culturais que transformam o mercado em um lugar, possamos contribuir para a aceitação das diversidades e da legitimidade desse fazer.

Maria Angélica Zubaran (ULBRA)

A leitura de romances no contexto da circulação transatlântica dos impressos

O presente artigo analisa as narrativas étnico-raciais e de gênero produzidas na imprensa negra porto-alegrense, assim como, as pedagogias culturais disseminadas pelo jornal negro *O Exemplo*, na década de 1920, durante a campanha em defesa da construção de um monumento em homenagem à “Mãe Preta”. Inicialmente, trata-se de colocar essa discussão em uma perspectiva transnacional, no cenário mais amplo dos intercâmbios culturais que ocorreram entre periódicos da imprensa negra norte-americana e da imprensa brasileira neste contexto histórico. Na perspectiva da História Cultural, considera-se o jornal *O Exemplo* das primeiras décadas do século XX, como um espaço de troca de idéias e de apropriações culturais de textos que circulavam no resto do Brasil e do mundo. Por outro lado, a partir da abordagem teórica dos Estudos Culturais entende-se a imprensa como um artefato cultural que não apenas informa, mas que produz representações e significados que contribuem na constituição dos sujeitos, de suas subjetividades e identidades. Pretende-se mapear as possíveis pedagogias culturais que este jornal da imprensa negra fez circular na cultura da época, no contexto do nacionalismo e das noções de branqueamento. Neste trabalho pretendo demonstrar que a imprensa negra do Rio Grande do Sul, através do jornal *O Exemplo*, também se engajou na campanha da construção do monumento em homenagem à Mãe Preta e participou do intercâmbio de idéias que circularam em torno da construção desse monumento étnico na década de 1920. O objetivo desse trabalho é mapear as construções discursivas de “raça” e de gênero vinculadas à “mãe preta” por ocasião da construção desse monumento, no jornal *O Exemplo* em Porto Alegre, na década de 1920. Busca-se avaliar de que forma os afro-rio-grandenses se apropriaram dos textos culturais disponíveis na cultura da época, para veicular suas próprias representações e valores.

Maria Antonia Dias Martins (Centro Universitário Fundação Santo André)

Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos: revistas culturais para discutir identidade e política na Ibero-américa

Esta apresentação busca comparar os projetos editoriais das revistas culturais *Cuadernos Americanos* e *Cuadernos Hispanoamericanos* e as ideias veiculadas em suas páginas, com o intuito de construir as identidades ibero-americanas no período de 1942 a 1955. Estas identidades eram consideradas pelos responsáveis dos periódicos como indispensáveis para a formação de blocos políticos unificados.

Embora partilhassem do mesmo objeto – Ibero-América, as duas publicações tiveram origens distintas: *Cuadernos Americanos* foi idealizada por intelectuais mexicanos e exilados espanhóis em decorrência da Guerra Civil que se identificavam com o republicanismo e opositores do franquismo. *Cuadernos Hispanoamericanos* surgiu posteriormente, com objetivo de ampliar as bases de apoio do regime franquista na América Latina.

As revistas não publicavam apenas artigos produzidos especificamente para seus números mas também poesias, críticas literárias, ensaios e outros gêneros literários, através dos quais defendiam perspectivas políticas e culturais para a Ibero-América.

Maria Betânia Barbosa Albuquerque (UEPA)

Saberes culturais, educação, história e religiosidade de um curandeiro da Amazônia

O texto objetiva analisar a trajetória de vida e os saberes construídos por Sebastião Mota (1920 - 1990), seringueiro e curandeiro amazonense com fama de rezador em crianças, picadas de cobra e partos difíceis. Seus saberes foram forjados inicialmente na escuta evangélica da Bíblia e no espiritismo. Na década de 1960, ao ingressar na religião do Santo Daime, tornou-se uma liderança incorporando em seus rituais diferentes cosmologias tais como: o xamanismo, o cristianismo, a umbanda e o esoterismo, configurando uma prática religiosa intercultural. A vida pautada em valores ecológicos e comunitários despertou a curiosidade de muitos forasteiros que, embalados pelas utopias do movimento *hippie*, cruzaram fronteiras atrás dos seus ensinamentos. Sem ter frequentado escola, Sebastião Mota, contudo, era dotado de profunda sabedoria e um carisma nato para o ensino cuja transmissão ocorria no dia a dia, nas diversas funções que desempenhou como mateiro, seringueiro, construtor de canoas, músico, rezador, parteiro e curandeiro. Seus conselhos, orientações práticas para o bem viver configuram uma filosofia e uma pedagogia do cotidiano, baseadas, fundamentalmente, na experiência tornando Sebastião Mota um *mediador cultural* de saberes. Mas, como em sua trajetória de vida foi possível a construção de seus saberes? De que modo o contexto histórico-cultural em que viveu, marcado pelo comércio internacional da seringa, influenciou essa construção? O texto analisa, portanto, os saberes que Sebastião Mota acumulou em vida abrangendo um recorte temporal que compreende o início de suas incursões pela espiritualidade nos anos 40, até os anos 90 do século XX, ocasião em que sua doutrina rompeu as fronteiras regionais da Amazônia em direção a outros Estados do Brasil, até internacionalizar-se nos anos 90. Metodologicamente, o texto resulta de uma pesquisa de campo realizada a partir de narrativas orais de pessoas idosas que conviveram com Sebastião Mota. A visada à história de vida de um indivíduo singular em sua marginalidade sócio-cultural, insere a pesquisa no âmbito da chamada *micro-*

história. Porém, essa singularidade é pensada em conexão com os aspectos macroestruturais que influenciaram sua trajetória e que tornaram possível a construção de seus saberes. Compreende-se que um amplo aspecto dos processos de formação de subjetividades escapam do cânone da educação, ensejando novos objetos a serem investigados de modo a subsidiar a ampliação do olhar sobre a experiência pedagógica.

Maria Cecília Barreto Amorim Pilla (PUC/PR)

“Vamos preparar os quitutes”? Práticas e sabores nas páginas do “Jornal das Moças”: década de 1950

A historiografia do final do século XX e início do século XXI vêm se preocupando mais intensamente com as questões relativas à História e da Cultura da Alimentação. Nesse sentido, estudos vêm sendo desenvolvidos nessa área, relacionando a temática da alimentação às mais variadas áreas do conhecimento, tais como religião, política, economia, gênero e direitos humanos. Dessa forma uma questão se impõe: Que relações podemos estabelecer entre a produção e consumo dos alimentos na sociedade brasileira ao longo do século XX? Ora, as questões relativas à vida doméstica trazem à tona reflexões sobre gênero, classes sociais, vestuário, moradia e alimento. Grande parte dessas atividades se dá no espaço doméstico, espaço este, que na primeira metade do século XX a mulher tinha a maior responsabilidade e funções. Nesse sentido, a elas é imputada, quase sempre, a responsabilidade das escolhas alimentares. A partir dessa premissa é que se quer analisar as fontes, a coluna “Vamos preparar os Quitutes” contida na revista feminina “Jornal das Moças” na década de 1950, período em que o padrão familiar era o do “doce lar”, em que os membros da família se encontravam sob a proteção da casa, espaço em que a mulher deveria reinar soberana como dona de casa e mãe.

Maria Célia da Silva Gonçalves (UnB)

Margareth Vetis Zaganelli (UFES)

Culto Mariano no noroeste de Minas: representações dos romeiros da festa de Nossa Senhora da Abadia do Andrequicé

O presente trabalho investiga a representação dos milagres atribuídos à Nossa Senhora da Abadia pelos romeiros que frequentam a tradicional **Festa de Andrequicé**, realizada desde o século XIX, em um vilarejo no município e Presidente Olegário, distrito de Galena (MG). A Romaria de Nossa Senhora da Abadia acontece todos os anos na primeira quinzena de agosto, culminando no dia 15/08, data em que é comemorado o dia da Santa, reunindo fiéis dos municípios de Presidente de Olegário, João Pinheiro, Varjão de Minas e São Gonçalo do Abaeté, dentre outros. Para João Pinheiro, essa festa já faz parte do calendário religioso de cidade sendo possível observar comércios fechados e centenas de pessoas se dirigindo para Andrequicé nos dias dos festejos. Esses romeiros muitas vezes se deslocam de suas casas em direção ao Santuário fazendo longas caminhadas ou em carros de bois, oferecendo assim, um verdadeiro espetáculo de tradição e religiosidade aos olhos dos visitantes. Diante da Observação e participação da consecutiva da festa surgiu o seguinte questionamento: quem são os romeiros? De onde

eles vieram? O que os motivaram a participar da festa? Qual o papel de Maria em suas vidas? Existe uma consciência do valor cultural da tradição da festa? Quais são os principais milagres atribuídos à santa? Como se dá a convivência entre o espaço sagrado e profano da festa? A metodologia utilizada para a presente pesquisa se ancora na História Oral, por meio do registro das memórias dos romeiros. A opção pela história cultural se justifica porque de acordo com Chartier (1990) a história cultural estuda, por um lado, as classificações e exclusões que constituem a configuração social de determinada época e espaço, questionando a existência das estruturas sociais como um real em si mesmo, enquanto as representações são apenas seus reflexos, e, por outro lado, as práticas que, pluralmente, e contraditoriamente, atribuem sentidos ao mundo, rompendo assim com as ideias de que os textos possuem um sentido intrínseco.

Maria Clara Lysakowski Hallal (UFPEL)

A construção da cidade moderna: imagens de Brasília na revista O Cruzeiro

Este trabalho procura abarcar a imprensa brasileira, mais especificamente, a revista O Cruzeiro. Essa foi lançada em 1928 como uma revista semanal de variedades e possuía circulação nacional. A partir da década de 1940 começou a publicar em suas páginas fotorreportagens, tornando-se pioneira nesse segmento no Brasil. Nos anos 1940 e, principalmente nos anos 1950 começou a projetar-se no Brasil uma identidade nacional, baseada em projetos ufanistas e de modernização. A Marcha para o Oeste, que o então presidente Getúlio Vargas empreendeu para preencher as imensas áreas desocupadas no interior, fez surgir dezenas de pistas de pouso, vilas e cidades e promoveu o contato com tribos indígenas desconhecidas. Juscelino Kubistchek em seu mandato desenvolveu a indústria automobilista, construiu novas estradas e colocou em prática a construção da nova capital federal, Brasília. Dessa forma, as revistas publicavam e publicavam esses novos paradigmas modernos, obviamente tecendo críticas quando julgassem necessário ou, quando houvesse divergências políticas/editoriais. A revista O Cruzeiro, retratou as peculiaridades e as contradições desse Brasil moderno, sendo assim, nesse trabalho optou-se por privilegiar as fotorreportagens do período entre 1956 a 1960, período desde o início das obras até a inauguração da nova capital federal. O projeto de Brasília era permeado por questões modernas e, em seus discursos Kubistchek afirmava que a cidade representaria os ideais modernos e urbanísticos que desejava para o país. Entende-se também que tal período representa um marco, com todos seus problemas e avanços, para a modernização do Brasil. Por conseguinte, o foco será nas imagens produzidas pelos fotógrafos e suas relações nas fotorreportagens publicadas. Serão analisadas as projeções da cidade moderna, representadas na construção e posterior inauguração de Brasília.

Maria Cristina Rosa

Corpos de delito e o conhecimento sobre os corpos

Pesquisar sobre a história da saúde e da doença no século XVIII pressupõe compreender o corpo como local de inscrição, produção e expressão da cultura, bem como considerar que práticas específicas no trato dos corpos doentes são base para a

formação do conhecimento científico de medicina nesse período. Este artigo tem por objetivo tomar ciência dos conhecimentos sobre o corpo dos cirurgiões a partir da análise de corpos de delito realizados em devassas cíveis. O estudo empregou procedimentos de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Realizou-se coleta documental em devassas do século XVIII, no Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto/MG. A amostra foi composta por 78 devassas. Do total de devassas, 64 apresentaram corpo de delito. Foram identificadas 69 vítimas, a maioria escravos. Dessas, 29 foram a óbito. Nos corpos de delito, a partir das ações feitas geralmente pelo cirurgião, como tentear, olhar e examinar, há indicações de que se entra no interior dos corpos. Uma ação que gera um saber autorizado apenas a alguns licenciados e, muitas vezes, repetido, até mesmo no conteúdo dos depoimentos de pessoas comuns. A descrição dos corpos limita-se à região modificada pela ferida, contusão etc., embora seja realizada tendo como referência outras partes corporais. Essa descrição, no entanto, não se limita à exterioridade (largura, tamanho etc.), importando, da mesma forma, o seu interior, como a profundidade da lesão, que é importante por caracterizar a sua gravidade, e as estruturas corrompidas, como músculos e veias. Fala-se também de partes internas que saem, como intestinos, bofes e miolos; de líquidos e outras substâncias, como sangue e apostema, que vertem para fora. Poucos corpos de delitos apresentam procedimentos de cura dos corpos, como a cura mediante realização de pontos na ferida. Quando há apontamento sobre a cura, afirma-se apenas que “houve cura”, sem especificar. O cirurgião apresenta um conhecimento, mesmo que mínimo, da organização interna do corpo, importante para melhor compreender os tratos corporais.

Maria da Conceição Francisca Pires (UNIRIO)

Henfil e Angeli: o humor entre o ideal revolucionário e o niilismo

Em nossa exposição nos dedicaremos a uma análise comparativa da produção humorística dos cartunistas Henfil, publicada na revista *Fradim* entre os anos de 1973-1980, e Angeli, especificamente a personagem Rê Bordosa. Henfil levou às últimas instâncias o desafio de produzir um humor político e engajado cujo caráter polifônico lhe assegurou um confronto dialógico com outras formas de percepção da realidade. Angeli, por sua vez, produziu um humor que renunciou e repudiou os mitos que alimentaram as ideologias do seu século e a base moral que fundamentou a cultura tradicional ocidental.

Proponho examinar os estratagemas discursivos e gráficos empregados pelos cartunistas para agir sobre seu presente e encenar a realidade vivida. Entendo que ambas produções humorísticas, a de Henfil como a de Angeli, foram importantes veículos para recuperar tudo aquilo que, aos olhos da história oficial, parecia não ter significação. De formas distintas colocaram o dedo nas feridas de seu tempo, promovendo através do humor, uma reflexão sobre as questões sociais e políticas vividas. Nos auxiliam a visualizar as rupturas cotidianas, descerrando as indeterminações em que viviam, retomando, desse modo, o sentido lato da palavra *krisis* em grego quando pensam e julgam as indeterminações de seu tempo.

Maria Dalva Fontenele Cerqueira (UFPI)

O TREM PEDE PASSAGEM: a ferrovia (re)criando paisagens na cidade de Parnaíba-PI

A Estrada de Ferro Central do Piauí começou a ser construída na cidade de Parnaíba em 1916. Nessa época o espaço urbano da cidade era formado pelo Porto das Barcas, e os bairros Centro, Tucuns, Coroa e Quarenta. A cidade se apresentava com um aspecto “acanhado”, com ruas de areia, estreitas e tortuosas, onde a principal era a Rua Grande. O presente artigo pretende analisar as alterações ocorridas na paisagem urbana de Parnaíba provocados pela construção da ferrovia no início do século XX; entender de que forma a construção das estações, guarita e vila operária contribuíram para o surgimento de novos bairros e espaços de sociabilidades – em especial os bairros de Fátima, São Francisco, Campus, Sabiazal e Catanduvas – e as memórias que essas construções abrigam. Para realização do trabalho recorreremos a periódicos locais e livros de memórias escritos por parnaibanos, fundamentando-nos, entre outros, em Ana Fani Carlos, Michael de Certeau, Michel Pollak, Raquel Rolnik. A construção da ferrovia provocou mudanças na paisagem urbana de Parnaíba como a formação de novas ruas e bairros às margens dos trilhos e das estações ferroviárias. Os trilhos aos poucos foram se entrelaçando à cidade, redesenhando uma nova (re)criando paisagens por onde passaram. As estações tornaram-se locais de sociabilidades e centros irradiadores de ruas, avenidas e atividades urbanas. Além disso, a presença da ferrovia é sentida pela população que passou a ter no trem uma referencia de tempo, a “hora do trem” e nas informações que passaram a circular com maior rapidez.

Maria Helenice Barroso (UnB)

“Ceilândia, cidade em flor”: Imagens da cidade em Manoel Raimundo

Percebendo a literatura de cordel como expressão de seu tempo histórico, o contato com o Cordel *Ceilândia, cidade em flor* - de Manoel Raimundo, acerca da cidade de Ceilândia-D.F., despertou em mim a vontade de melhor compreender o modo como as imagens construídas por esse cordelista criam e recriam sentidos e significados para as práticas cotidianas experienciadas pelo indivíduo no seio daquela coletividade.

Na narrativa de Manoel Raimundo estão presentes os imaginários do grupo social da cidade de Ceilândia no momento histórico de seu nascimento. Imaginários esses que movem as vidas dos moradores, perpassam suas ações e materializam práticas cujos significados somente poderão ser apreendidas pelos historiadores a partir de estudos que por ventura se enveredem pelos caminhos do inacreditável, do inusitado, da persistência e da crença na condição humana de criar, pensar e sentir no e com o seu grupo social, ou seja, em tudo aquilo que encerra a dimensão humana da existência. (Ver AREDENT, Hannah. “Os domínios público e privado” In: *A condição humana*; trad:Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. - 11 ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.)

Durante muito tempo os estudos históricos deixaram uma grande lacuna por se ocuparem apenas da história das grandiosidades, das sumidades, ou seja, daquilo que cabia na moldura formulada pelos discursos legitimados. Hoje, no entanto, parte daqueles que se dedicam à construção do conhecimento histórico tem em mente que as visões de mundo, as diferentes formas de produções artísticas, as concepções, os diversos

modos como os indivíduos se organizam, inclusive os homens ordinários (Certeau), devem ser levadas em conta para a construção de um conhecimento histórico ampliado para todas as esferas sociais.

Seguindo tal premissa, acredito que voltar o olhar para as imagens criadas na literatura de cordel como fonte de estudos históricos possibilita a construção de uma forma do conhecimento do real a partir da apreensão desse real pela esfera do sensível, do subjetivo e também do racional que perpassa as imagens criadas nessa narrativa, onde razão e sensibilidade se unem para atribuir ao mundo vivido significados e sentidos que tanto podem ser contestados quanto partilhados.

Maria José Saenz Surita Pires de Almeida (UFMS)

A sífilis no diário do general Couto de Magalhães 1887-1890

Em um importante artigo publicado em 1985, Roy Porter defendeu uma nova abordagem da história da medicina, que em sua opinião deveria expandir-se além da história dos médicos para privilegiar o ponto de vista do paciente. Inspirado em uma abordagem thompsoniana, Porter defendeu a medicina vista de baixo para compreender o papel ativo dos doentes no processo da busca pela cura – o que nem sempre exigia a presença de um médico.

Este artigo analisa o diário do general Couto de Magalhães (1837-1898) pelo viés dos registros e anotações sobre suas doenças. Dentro da perspectiva apontada por Roy Porter, meu objetivo é compreender a maneira como Couto observava e tratava de suas doenças, bem como o modo como relatava experiências de sofrimento e dor. Nesta análise eu pretendo relativizar o papel controlador do médico no passado, questionando até que ponto predominou no século XIX a visão da medicina normalizadora.

Buscar a relação entre médico e paciente no passado – partindo do ponto de vista do paciente – pode ajudar a compreender muitos fenômenos da atualidade, como por exemplo o hábito da automedicação. Seja por falta de acesso aos serviços de saúde ou por escolha própria, quase 80% dos brasileiros tem o hábito de se automedicar, de acordo com recente levantamento feito em 12 capitais brasileiras feito pelo Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade.

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre (UFRRJ)

Nova Iguaçu segundo a literatura: As representações de uma cidade a partir da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL-1955-1970)

Entre os anos de 1920 e 1940 a cidade de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, integrou a política de policultura e modernização da agricultura no estado do Rio de Janeiro. A citricultura tornou-se a principal atividade econômica local e consolidou as práticas de uma elite rural. Em meados da década de 1940, a região viveu uma era de loteamentos e emancipações de seus distritos. O processo de industrialização avançou assim como a participação de novos agentes e partidos políticos. Mediante a esta conjuntura, “filhos da geração ruralista” fundaram em 11 de agosto de 1955 a Arcádia Iguassuana de Letras (AIL). A instituição produziu um conjunto de obras, objeto

deste estudo, estabelecendo a relação entre passado, agricultura e promessa. A literatura produzida pelos árcades completou um conjunto de ações urbanísticas e culturais iniciadas em períodos anteriores. “Estas vozes oficiais”, os árcades, fundiram seus nomes a um modelo histórico reproduzido até os dias atuais. Segundo Angel Rama, no centro de toda cidade existe uma *cidade letrada* capaz de compor a ordem e poder de um determinado grupo. Neste sentido, as obras permitem analisar como a Nova Iguaçu de outrora foi mitificada frente às mudanças que se apresentavam. Metodologicamente, estamos elaborando um conjunto de dados biográficos de cada árcade, arrolando e analisando parte da produção intelectual de cada um. Para isto, suas obras estão sendo catalogadas segundo data de publicação, número de volumes, temas, editora e abordagem. Entre tantos títulos selecionei aqueles que elegem a cidade como tema, e neles explorei categorias como campo, urbano e progresso. Nossas pesquisas, até agora, reforçam nossa hipótese de que a escrita da história iguaçuana foi o esforço de um grupo de letrados na concretização de uma memória sobre Nova Iguaçu.

Maria Petrova (USP)

As bruxas na obra de Nikolai Gógol: uma evolução da imagem folclórica

A bruxa é uma das personagens mais frequentes nas novelas de Nikolai Gógol, incluídas nas coletâneas *Noites na Granja perto de Dikan'ka* (1831-1832) e *Mirgorod* (1835). As duas peculiaridades principais dessas obras são o romantismo alemão, com seus temas de feitiçaria a erigir um universo fantástico e grotesco, e a ligação com o conto maravilhoso eslavo, com a luta tradicional do homem com o diabo e a difícil vitória do bem sobre o mal. Neste sentido, a imagem da bruxa, adotada pelo então jovem escritor da vasta tradição folclórica russa e ucraniana, parece ser uma clara representação dessas duas tendências. Além disso, essa personagem ajuda a compreender melhor mais um aspecto da poética gogoliana – a sua visão de mulher tanto na sua obra literária quanto na vida.

O objetivo do presente estudo é traçar a evolução da imagem da bruxa na obra do escritor. Em primeiro lugar, pretende-se delinear um breve quadro dessa personagem folclórica, tal como ela é representada nas crenças eslavas: a sua aparência, os seus poderes mágicos, as suas fraquezas e os seus costumes. Parcialmente se pode observar o processo criativo do escritor através das suas anotações no *Livro de toda variedade* (*Kniga vsiákoj vsiátchiny*), um caderno de notas em que Gógol, desde seus dezessete anos, registrava as anedotas, provérbios, descrições dos costumes, lendas e os diferentes rituais das festividades populares, bem como os diferentes jogos e os textos das canções.

Depois disso, deve-se comparar essa imagem com as personagens gogolianas. São três bruxas na primeira coletânea: a bruxa-curandeira da *Noite da véspera do dia de Ivan Kupala*, que ajuda o personagem-demónio a seduzir a alma do protagonista, a bruxa-madrasta d' *Uma noite em maio, ou uma moça afogada*, que na novela cumpre o papel de vilã, e a bruxa-colona da *Noite de Natal*. Também é importante analisar a imagem coletiva da “tribo diabólica” que aparece na curta novela *A carta perdida*, em que a imaginação popular combinou com as ideias de Gógol sobre o grotesco. Finalmente, na coletânea *Mirgorod* aparece a bruxa-pánnotchka da novela *Viy*, uma imagem mais complexa, desenvolvida por Gógol sob a influência do romantismo e, particularmente, de E.T.A. Hoffmann. A evolução da imagem da brux nas novelas de Gógol é marcante:

desde uma feiura grotesca até uma imagem contrastante da “beleza terrível” da bruxa em *Viy*, que adiciona na novela um aspecto místico-religioso.

Maria Teresa Villela Bandeira de Mello (UERJ)

Fotografias de arquivo e cultura visual

O objetivo desta comunicação é desenvolver uma reflexão sobre a fotografia no âmbito dos arquivos públicos problematizando as diversas variáveis envolvidas nessa questão: a produção do registro fotográfico, seu ingresso num lugar de memória, os processos que a levam a se constituir enquanto fonte documental e seu potencial na difusão do conhecimento histórico. A proposta é de examinar o estatuto de documento arquivístico das imagens fotográficas levando-se em consideração suas peculiaridades. Trata-se de investigar e tornar explícitos tanto o contexto de produção quanto os vínculos que ligam as imagens às funções que desempenham ao longo de sua trajetória como documento. Nosso universo de análise incidirá sobre as coleções e arquivos fotográficos que integram o acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Janeiro. Provenientes de diversos órgãos do executivo estadual e de coleções e arquivos privados, esses acervos possuem características diferenciadas quanto à sua natureza bem como às suas formas de produção e acumulação. Pretende-se, neste trabalho, delinear um quadro que permita o estabelecimento dessas especificidades e contribua para a utilização da fotografia na produção do texto histórico.

Mariana Bracks Fonseca (USP)

Iê Aruanda! A memória de Angola na roda da capoeira

A história de Angola aparece pouco nos livros e nas bibliotecas, não está escrita, não é ensinada nas escolas, mas é conhecida por parte da população brasileira. Os povos desta região africana foram os maiores alvos do comércio de escravos e povoaram o Brasil em grande proporção, trazendo suas histórias, visões de mundo, sabedorias e crenças. Aqui, os angolanos encontraram formas de contar suas histórias e ensinar os valores de sua terra natal.

Esta comunicação pretende refletir sobre como a Capoeira Angola registra e canta em suas rodas as memórias dos povos angolanos e de seus descendentes. Através de suas músicas- ladainhas, chulas e corridos- são desvelados os sentimentos, desejos, hábitos e cosmovisões dos negros escravizados. Acompanhada por berimbaus, a roda canta o sofrimento dos navios negreiros, lembra de seus heróis e das lutas por liberdade, mostra a interação social, conflitos e estratégias que os africanos viveram no Brasil desde a colonização.

A Capoeira Angola permite que a história dos povos angolanos seja lembrada e atualizada, sua prática traz para nossa sociedade os valores de mundo e o entendimento espiritual compartilhado por seus antepassados. A partir dos trabalhos de Ki- Zerbo, Hampatê Ba e Jan Vansina, que conectaram a história da África à oralidade e validaram as tradições orais como fontes do saber, pretendo discutir como as canções e gestuais da capoeira dão a compreender o universo social dos negros no Brasil e em Angola.

Mariana Corção (UFPR)

A cozinha nacional brasileira de Câmara Cascudo

História da Alimentação no Brasil é uma obra que muito cooperou para a cristalização de uma ideia da cozinha nacional brasileira. O presente trabalho se propõe a analisar a proposta de Cascudo nessa obra que foi publicada nos anos 1967 e 1968, considerando as lembranças e os esquecimentos que direcionaram a construção discursiva do autor. Destacamos a reverberação do mito das três raças fundadoras, portuguesas, índios e negros referenciando no universo da culinária um amalgama pacífico da formação da nação e a centralidade do sertão nordestino. Aspecto que silenciou outros grupos de imigrantes europeus, sobretudo, os que chegaram a partir do século XIX e destacou a mandioca, como o principal ingrediente da cozinha nacional. Observamos a presença de culinárias regionais, como a cozinha baiana e a mineira, e a ausência da cozinha litorânea do Rio Grande do Norte, região em que Cascudo passou toda a vida. Apesar de exaltar a brasilidade dos ingredientes, mesmo ressaltando o caráter colonizador das técnicas, Cascudo silencia sobre alimentos industrializados, como o refrigerante sabor guaraná, característico da região amazônica e o leite condensado, sabor de preferência nacional muito apreciado pelo próprio autor em seu mundo privado. Para além das questões pontuais, identificamos uma interessante proposta do significado social da alimentação que vai de encontro às tendências contemporâneas, que valorizam tanto ingredientes locais, como a qualidade da refeição em termos de sociabilidade.

Mariana Inácio Reis (USP)

Gueroi rok-n-rolla - Uma breve história do rock russo no período soviético

Esta comunicação tem por objetivo apresentar uma breve história do rock russo no período soviético e sua influência na cultura jovem. O rock surgiu na URSS em 1957, durante o governo de Krushchov. Apesar de não ser um estilo musical oficial, muitos conjuntos oficiais de jazz incluíam o rock em seu repertório, e discos de artistas ocidentais como Bill Halley & His Comets e Chuck Berry circulavam ilegalmente por toda a URSS. Como esses LPs eram escassos, uma forma de pirataria se tornou muito popular, o *roentgenizdat*, que consistia em chapas de raio-x onde se inscreviam as ranhuras dos LPs. Em 1964, a *beatlemania* chegou na URSS, e logo os jovens passaram a copiar as roupas e os cortes de cabelo de seus ídolos. Não demoraria muito para que grupos de rock surgissem em território soviético. A princípio, o Ministério da Cultura não reprimiu as bandas de rock, mas também não oficializou o estilo musical: os grupos poderiam tocar em locais controlados pelo governo, como os bailes estudantis e clubes, desde que não desestabilizassem a ordem pública, mas, por outro lado, não teriam acesso aos instrumentos musicais de ponta distribuídos pelo governo, não poderiam gravar discos e nem se apresentar na TV e nas Casas de Cultura. Era uma medida para desestimular as bandas, criando dificuldades para os músicos, mas que logo não se mostrou eficaz: a cena *underground* se expandiu, instrumentos musicais eram construídos pelos próprios jovens, e álbuns eram gravados de forma caseira com gravadores de fita (*magnitofon*). O governo, percebendo que a “febre do rock” era séria, criou uma contrapartida para esse estilo musical, o *VIA* (Vokal’no-instrumental’nyi

ansambl', "conjunto vocal-instrumental"). Tratava-se de uma versão oficial do rock, baseada no *twist* e no *beat*, cujas letras não abordavam os temas do rock ocidental, como o sexo, as drogas e a violência. Muitos jovens acharam a proposta interessante e decidiram se tornar músicos oficiais, cedendo em muitos pontos ao governo para, finalmente, seguirem uma carreira profissional. Outros não concordaram com a proposta e continuaram no caminho do underground. Com a censura mais forte na década de 1970, muitos grupos não-oficiais foram proibidos de tocar nas festas e clubes e tiveram seus instrumentos musicais confiscados. Em 1981, numa tentativa do governo de controlar esses grupos, foi criada a casa de shows *Leningrad rok-klub*, mas foi outra tentativa fracassada. A censura se tornou mais branda apenas no período Gorbatchov, no final da década de 1980, e as bandas underground finalmente puderam gravar álbuns em estúdios oficiais e se apresentar na TV, nas Casas de Cultura e em festivais.

Marianna Gomes Pimentel Cardoso (UFT)

A memória da cidade: o valor patrimonial dos jardins de Roberto Burle Marx em Brasília

A modificação da paisagem por meio da criação dos jardins sempre fez parte da cultura humana, possibilitando o pertencimento social, estabelecendo vínculos simbólicos entre os tempos históricos e transformando os jardins em obras de fundamental importância documental e memorial. Além disso, as obras paisagísticas possuem um inegável valor artístico, fruto do posicionamento do homem frente à natureza e ao momento histórico em que vive. O inegável valor que o jardim histórico ganhou nos últimos anos do século XX, proporcionou um aumento significativo nas discussões sobre o tema. Em consequência dos debates, a classificação de "monumento" dada pela Carta de Florença (1981) para esse objeto não é mais usual e o conceito de jardim histórico transformou-se, passando a inserir-lo em uma categoria dentro das paisagens culturais, conceituados como "paisagens da natureza modificadas pelos seres humanos". Para tanto, o presente seminário concentra-se na discussão da importância patrimonial do objeto "jardim" e do objeto "paisagem cultural", apropriando-se do legado de Roberto Burle Marx em Brasília, somado a sua contribuição para o pensamento moderno e para o surgimento de uma nova linguagem no paisagismo mundial. O trabalho discute ainda as relações entre patrimônio paisagístico no Brasil, a inserção dos valores materiais e imateriais deste objeto, ressaltando a problemática da paisagem cultural no contexto das obras de Burle Marx na capital. Nesse sentido, a discussão proposta restringe-se aos jardins públicos e praças tombados pelo Governo do Distrito Federal em 2011. Mesmo sendo um tombamento distrital, simboliza o reconhecimento dos jardins do mais importante paisagista brasileiro e permite que a capital federal seja reconhecida tanto pelo seu patrimônio arquitetônico e urbanístico quanto pelo patrimônio paisagístico.

Marília Rodrigues de Oliveira (PUC-RJ)

Entre Sherlock e Reiss: as personagens do romance judiciário e os saberes da polícia científica na obra de Elysio de Carvalho

Anarquista, decadentista, nacionalista e diretor do Gabinete de Estatística e Identificação da Polícia do Rio de Janeiro. A trajetória do intelectual Elysio de Carvalho, além de

controversa e multifacetada, nos permite analisar a circulação de um amplo e distinto espectro de ideias presentes na capital carioca no início do século XX. Sob o codinome Dr. Dupont, em referência ao detetive Auguste Dupin criado por Edgar Allan Poe, o intelectual tinha uma coluna fixa no jornal *O Imparcial* no ano de 1914, na qual se dedicava a divulgar os avanços dos estudos do campo da polícia científica. Numa perspectiva transnacional, este trabalho tem como objetivo analisar a circulação e apropriação das personagens dos detetives de romances judiciários europeus, como Sherlock Holmes, Monsieur Lecoq e Auguste Dupin, nos escritos de Elysio de Carvalho. Através de um diálogo com tais referenciais literários, o intelectual construía um saber híbrido, defendendo a partir dos estudos de Bertillon e Reiss, a consolidação de uma polícia científica brasileira. Ao associar as personagens dos detetives, caracterizados por um saber racional e uma inteligência excepcional, Elysio buscava legitimar outro perfil de detetive policial, que através de determinados saberes e experimentos científicos seriam capazes de elucidar, controlar e prevenir as práticas criminais.

Marina Procópio Rodrigues da Cunha (UnB)

Representações da Guerra dos Mil Dias em Cem Anos de Solidão

Este artigo se propõe a uma análise das representações da Guerra dos Mil Dias (1899 – 1902) contidas na obra de Gabriel García Márquez: *Cem Anos de Solidão*. Neste artigo partimos da hipótese de que é possível estudar a história por meio da literatura a partir das representações da realidade colombiana que esta contém. A literatura é fruto de seu tempo histórico e é possível compreender o mesmo na própria literatura. Esta análise será feita principalmente por meio da personagem da obra previamente mencionada: o Coronel Aureliano Buendía. A personagem é veterano da Guerra dos Mil Dias e pretendemos, ao nos debruçarmos sobre ele, fazer uma análise das representações da situação conflituosa que vivia a Colômbia no século XIX e da Guerra dos Mil Dias em si. Este estudo se realizará sob a égide da metodologia qualitativa, que se encaminhará pelo viés da História Cultural.

Marina Simões Galvanese (CES-UC)

As construções discursivas acerca do lugar do emigrante no Portugal do pós-Segunda Guerra Mundial (1947-1974)

Finda a Segunda Guerra Mundial, a emigração portuguesa voltava a crescer. O regime de António Oliveira Salazar criou, então, um departamento especificamente voltado para lidar com o fenômeno. A Junta da Emigração (JE) deveria, de acordo com o decreto nº 36:558, de 28 de outubro de 1947, manter um estudo sempre atualizado dos fluxos emigratórios, regular a emigração de acordo com os interesses econômicos do país e proteger os emigrantes. A JE deveria, em suma, elaborar e executar a política emigratória do Estado Novo. Para tanto, era preciso definir o *emigrante* (aquele abrangido pelas políticas estabelecidas), diferenciando-o, por exemplo, do *turista*, do *viajante* ou do *colono* que se dirigia para as colônias portuguesas em África. Assim, o decreto que criou a JE construiu também o lugar do *emigrante* e, logo, o espaço de atuação da nova instituição. No contexto de um regime autoritário, cada vez mais anacrônico na nova

ordem internacional, o *emigrante* foi construído pelos discursos oficiais da JE como um ser passivo que se deixava iludir facilmente e que, por isso, dependia de um Estado forte, capaz de o proteger e de decidir por ele se deveria ou não emigrar. Contudo, a forma como a JE construiu a categoria social do *emigrante* não era unânime e colidia com os discursos dos proprietários rurais acerca dos *emigrantes*, mas também do novo grupo de tecnocratas que crescia no seio do regime. Os primeiros viam no *emigrante* um ser ambicioso que contribuía para a crise de mão-de-obra na atividade agrícola, e defendiam, por isso, a proibição da emigração; já os segundos compreendiam-no como um indivíduo que escolhera a emigração em função do baixo desenvolvimento econômico do país. Acreditando na capacidade inovadora dos *emigrantes*, os tecnocratas defendiam a liberalização da emigração. As disputas entre elites políticas e econômicas que posicionavam o *emigrante* sem nunca o consultar geraram políticas ineficazes e incapazes de resolver o problema gerado pela forma clandestina pela qual milhares de portugueses deixaram o país rumo a França entre as décadas de 60 e 70. Visando refletir sobre a relação entre os discursos produzidos sobre um determinado grupo social (os *emigrantes*) e as políticas voltadas para esse mesmo grupo, este trabalho analisará a forma de construção do *emigrante* em leis e decretos, recomendações e propagandas elaborada pela JE; correspondências entre esta instituição e outros atores envolvidos; debates parlamentares e outros materiais de interesse produzidos entre o ano de criação da JE (1947) e o fim do Estado Novo português (1974). Com uma periodização que se estende para além do ano de extinção da JE (1970) pretende-se perceber em que medida os discursos dos tecnocratas, responsáveis pelo tema durante o Marcelismo, alteraram a política emigratória anteriormente seguida.

Marina Vieira de Carvalho (UERJ)

Boas Entradas: as representações sobre a virada do ano nas páginas do Rio Nu

Este trabalho tem por objetivo analisar as representações criadas pelos autores do periódico carioca *Rio Nu* (1898-1916), em torno de uma temática premente de significados socioculturais: a virada do ano. Como este imaginário foi significado pelo *Rio Nu*? Que classificações do *real* estas representações efetivaram? Com quais *horizontes de expectativas* elas dialogaram? Para isto exploraremos como essas mediações se comunicaram com o seu público, isto é, os efeitos que esperavam provocar em seus leitores (de textos e imagens).

Mario Sergio Ignácio Brum (UERJ)

Imagens do Rio de Janeiro nas histórias em quadrinhos do Zé Carioca

Trataremos nesse *paper* das representações da cidade do Rio de Janeiro e do cotidiano do morador da cidade através das histórias em quadrinhos do personagem Zé Carioca. O personagem foi criado pelo estadunidense Walt Disney durante sua visita ao Brasil no começo da década de 1940, dentro da Política de Boa Vizinhança promovida pelo governo dos Estados Unidos como forma de angariar simpatia da América Latina para alianças no esforço da II Guerra Mundial.

Dessa forma, nascia o personagem representativo de uma ave emblemática da fauna brasileira, bem como figura bastante presente no anedotário popular.

A produção das histórias em quadrinhos possui várias fases, desde a produção norte-americana da década de 1940 até a produção por artistas brasileiros nas décadas de 1960 a 1990 (embora quase nenhum fosse carioca) que serão abordadas nesse trabalho como forma de analisarmos os diferentes enfoques sobre o Rio de Janeiro a partir de uma projeção internacional sobre a cidade que ora a destacava como ‘jóia do Atlântico’, ora indicava a existência de uma ‘outra cidade’, onde pobreza e malandragem se conjugavam para freqüentar e colher as benesses da cidade dos cartões postais. No decorrer do tempo, a produção local foi ‘abrasileirando’ o personagem e trazendo às suas histórias diversos hábitos e comportamentos associados ao cotidiano do morador do Rio de Janeiro e além, do brasileiro urbano típico, notadamente os das classes mais populares que vivem em ‘morros’ e ‘vilas’, sambam, jogam futebol, têm dificuldades financeiras... em que paisagens e locais da cidade do Rio de Janeiro são tanto pano de fundo quanto componente das histórias.

Marisa Geralda Barbosa (COEB – Escola Cooperada Nova Geração)

O uso de filme como recurso didático no ensino de história

Esta comunicação busca apresentar como o uso de filme no ensino de história, especificamente do filme “Guerra contra o terror”, (The Hurt Locker) de 2008, dirigido por Kathryn Bigelow, pode contribuir na compreensão da construção da alteridade e da história do povo islâmico. A importância deste estudo está em colaborar para a desconstrução da imagem distorcida do “outro”, revelando os interesses ideológicos, econômicos e políticos presentes em produções fílmicas desta natureza.

Dividir o mundo entre “nós” e o “outro” significa classificar, hierarquizar, incluir e excluir, normalizar, demarcar fronteiras. Há uma estreita relação entre identidade e diferença, mas a identidade é sempre tomada como parâmetro, o modelo, o referencial, a norma. O cinema hollywoodiano tem contribuído na retroalimentação da construção da diferença. Esta construção também é legitimada pela mídia televisiva e pelos demais meios de comunicação, que acabam produzindo, via de regra, imagens distorcidas do “outro”, como a comum associação entre fundamentalismo, terrorismo e religião islâmica.

Neste filme, a imagem canônica que se pode citar é a do iraquiano, entendido como muçulmano e terrorista, integrante do “eixo do mal”. Cabe ao professor de história questionar que necessidades estas imagens atendem e por que as imagens alternativas são raramente veiculadas. Percebe-se, também, a intenção de monumentalizar algumas cenas. Ao utilizar o filme, o importante não é saber se tais fatos ocorreram ou não. Deve-se capturar o processo de monumentalização e de construção da imagem do “nós” e do “outro”, e entender o sentido que esses monumentos adquirem nas telas. O que transforma o documento em monumento é a utilização deste pelas instituições de poder (as instituições que produzem, editam, difundem, manipulam, selecionam e descartam imagens). A tarefa do historiador e professor é, com uma ampla crítica histórica, analisar as condições de produção dos documentos/monumentos. Por isso, a produção fílmica deve ser tratada como produção coletiva e resultado de múltiplas determinações; é

fundamental investigar que determinada visão da história o filme quer impor e quais as razões disso.

O mundo atual vem se tornando, a cada dia que passa, muito mais visual do que nunca antes imaginado. Daí a importância da utilização do recurso imagético, em especial o filme, nas aulas de história. O papel do professor será o de estimular a criticidade dos alunos, tornando-os também sujeitos da produção de seu próprio conhecimento.

Marissa Gorberg (CPDOC/FGV)

Um olhar sobre o Rio de Janeiro: representações e domínios nas caricaturas de Belmonte (1923-1926)

O presente trabalho visa propor uma reflexão sobre o modelo de metrópole urbana construído no Rio de Janeiro, desvelando alguns de seus paradoxos inerentes, levando-se em conta a multiplicidade de domínios que nela se apresentavam, a partir da depuração crítica de algumas caricaturas de Belmonte publicadas nas revistas *Careta* e *Frou-Frou* na década de 1920.

Como um etnógrafo da cidade e seus habitantes, o humorista pode documentar no suporte gráfico situações, tensões e idiossincrasias por ele observados no espaço público, nos oferecendo uma visão privilegiada das interações entre indivíduos, cidade e sociedade num momento formativo da modernidade brasileira nos grandes centros, conforme os moldes da agenda republicana no primeiro estágio de sua instituição. No balanço entre a antiga tradição rural e a novidade do cosmopolitismo, é possível perceber traços distintos, entre mutações, rupturas e continuidades, na fusão de temporalidades históricas que se manifestavam nas multirealidades vividas.

Na presente pesquisa, interessam-nos suas caricaturas publicadas em revistas que circulavam no Rio de Janeiro na segunda década do século XX, sobretudo aquelas que tratavam dos usos do espaço urbano e do convívio entre seus transeuntes, sensíveis à captação da multiplicidade de funções sociais que se apresentavam na ressignificação do cotidiano dos atores daquela nova conjuntura. Trataremos, especificamente, de parte de sua produção, sobretudo as obras que se voltavam para a cidade como palco do encontro ou desencontro de seus habitantes, ela própria (urbe) também despontando como personagem, ganhando agência numa nova articulação da realidade, consequência e também causa de novas visões de mundo. Nas interseções de atores que compunham uma sociedade diversificada, hierarquizada e excludente que se adaptava às novas sensorialidades de um ideal racional e positivista a partir de um modelo liberal-capitalista, à luz de um espelhamento estrangeiro, a cidade passava a atuar como verdadeira mediadora entre história e cultura, diante da polifonia de classes e papéis que passavam a circular pelo espaço público.

Na “pesquisa de campo” do artista, são registrados o contato entre o “almofadinha” e o mendigo, o patrão e o pedinte, o *flâneur* e a melindrosa, o policial e os banhistas; numa narrativa calcada sob a veia do riso e do humor, temos um prisma possível para pensar a urbanização no Rio de Janeiro, a partir de aspectos cotidianos que podem contribuir para uma apreensão sociológica da cidade de seu tempo, seus padrões cognitivos, sua escala de valores, e a genealogia de seus comportamentos.

Maristela Bleggi Tomasini (USP)

Minha Querida Lysia

“Minha querida Lysia. Escrevo-te a lápis, porque a Parker está com Francisco...”. Assim começa uma das cinco cartas de Maria escritas para essa mesma destinatária (Lysia) entre 1950 e 1954, todas enviadas durante viagens da remetente, que acompanhava o marido em compromissos profissionais. O casal hospedava-se em diferentes cidades do país, razão pela qual quatro desses documentos apresentam timbres de hotéis nos papéis e nos respectivos envelopes, dado não verbal que serve como referência à autenticidade dessas cartas. O conteúdo propicia retratos do cotidiano, em especial no que concerne à vida íntima e familiar. Pretende-se, assim, apresentar tais dados a partir, primeiramente, do estabelecimento do contexto primário dos documentos, sua origem e suas características materiais, com uso de imagens, inclusive, ainda que preservada a identidade de remetente e destinatária. Uma vez estabelecida essa origem, — dado relevante para que se aprofunde o grau de verossimilhança que se pode razoavelmente atribuir à fonte em questão —, vai-se apresentar e comentar exemplos sensibilibidades e sociabilidades no cotidiano de pessoas comuns colhidos nessas fontes epistolares. Por tratar-se de cartas femininas, trocadas entre mulheres que mantinham laços de parentesco inclusive, os documentos sinalizam diversos aspectos ligados ao que se convencionou chamar de “assuntos femininos”, roupas, em especial, que Maria gostava de enfatizar: [...] hoje, quando fui vestir o vestido branco, quase desmaiei: ele chegava aos meus pés. Espichou, como se fosse elástico” (carta escrita nos dias 1 e 02/04/1950, Petrópolis). Além disso, chama atenção o dado político que uma das cartas apresenta, a saber, comentário sobre a chegada, pelo aeroporto, de Ademar de Barros, vindo de uma visita à Europa. “Havia também autos de luxo e, por todo o trajeto, balançando ao vento, os dizeres dos estudantes, trabalhadores do povo, saudando Ademar de Barros” (carta de 12/10/1952, Santos). Com isso, pretende-se abordar a chamada escrita epistolar de pessoas comuns, seus limites e suas possibilidades como fonte histórica, em particular, no âmbito da chamada História Cultural.

Mariza Pinheiro Bezerra (FIOCRUZ)

“CHEGOU ENFIM A SAÚDE”: a frente de combate à peste bubônica sob a administração do Dr. Victor Godinho em São Luís (1904)

A partir das teses de Rosenberg (1992) para o qual as doenças são socialmente “emolduradas” (*framed*) através de técnicas intelectuais e sociais que lhe conferem identidade, o objetivo deste estudo é analisar a atuação do médico paulista Victor Godinho durante o surto de peste bubônica ocorrido em São Luís-MA, no ano de 1904. O agravamento da epidemia e o medo de que a peste atingisse todo o país motivou as autoridades sanitárias federais a enviar para São Luís uma equipe de médicos paulistas, sob a liderança do Dr. Victor Godinho, com a missão de por fim à doença. Com base nos escritos desse médico, especialmente no relatório intitulado *A Peste no Maranhão*, verificamos que Godinho (1904, p.9-20) ocupou-se da ineficiente estrutura médica do município, liderando o “Serviço Extraordinário de Hygiene Publica” e reorganizando os serviços sanitários existentes. Para isso, o médico estabeleceu atividades eficientes no

Desinfectório, na Polícia Sanitária, no sistema de vacinação e no diagnóstico calcado em análise laboratorial.

Há que se considerar que a presença do laboratório demonstrou que “[...] criaturas microscópicas específicas, e não vagos miasmas químicos causavam doenças infecciosas” (ROSEN, 1994, p.231) engendrando a “construção” de uma nova identidade da doença, que “[...] dependia de um novo modo de pensar e de ver [com base na] forma como o laboratório via e pensava” (CUNNINGHAM, 1992, p.224) as enfermidades. A validação desse princípio foi possível através de conhecimentos específicos, materializados na análise laboratorial, concebida como prática legítima e mais adequada ao contexto médico da Primeira República. Visão nem sempre aceita entre a população que convivia com suas práticas de combate às doenças e cuidados com o corpo.

Enfatizamos os impactos que a presença da equipe médica liderada por Victor Godinho causou no centro urbano de São Luís, especialmente, através de uma concepção idealizada da capital, o *Código Sanitário de 1904*, que deveria ser implantado com o fim daquela missão “salvacionista-civilizadora”. Para isso, assumimos um posicionamento que se distancia da visão delineada por Basalla (1967), que prescreve a predominância do “dipolo” centro (provedor de conhecimentos) e periferia (locais de absorção desses conhecimentos), ao abordar questões relativas a um suposto processo de “difusão da ciência” proveniente de São Paulo, referência em serviços sanitários da época, e São Luís, remota região do “norte” do Brasil. Por isso, ao analisarmos as ideias médicas e sanitárias propostas pelo médico paulista, julgamos relevante ter em perspectiva os escritos de Kapil (2013) que pensa em termos de “apropriações” e “negociabilidade” de ideias e práticas científicas prevalentes entre culturas e tradições variadas.

Marlene de Fáveri (UDESC)

A revista Manchete como fonte: memória social e representações do Brasil contemporâneo

A revista *Manchete* constitui-se se num dos mais importantes impressos que circulou no Brasil, durante toda a segunda metade do século XX, entre 1952 a 2000; perpassou pelos grandes acontecimentos em nível nacional e internacional no período, e nos proporciona olhares que apontam para as memórias sociais e a cultura política do país. Na análise de suas páginas, percebem-se representações sobre o Brasil contemporâneo na produção de estratégias e práticas sociais (CHARTIER, 1990), e representa um rico campo de análises para a compreensão histórica, constituindo-se num impresso que estava em cena e articulava visões dos fenômenos sociais e da cultura política. Para este trabalho, foca-se nas discussões teóricas do Tempo Presente, observando normas e valores que a sociedade faz de si mesma, o seu passado e seu futuro (BERNSTEIN, 1998); e do uso de ferramentas que possam mediar o ofício do historiador, as categorias na construção da trama (DOSSE, 2012; MOTTA, 2009). O cuidadoso aspecto visual da *Manchete*, bem como sua forma de linguagem, o fotojornalismo, impressionou na época, e através de suas páginas ficaram as imagens de um país que se transformava: modernização acelerada, rumos da economia e da política ditavam comportamentos das pessoas, momento de consolidação do mercado editorial; assim, observa-se um impresso como fonte histórica peculiar, e remete a construções históricas referidas tanto a espaços discursivos quanto a práticas e experiências elaboradas nas interações sociais. Este trabalho faz parte de um projeto intitulado “Um país impresso: revistas semanais,

democracia, política e cultura no Brasil (1970-1990)”, (Edital CNPq), na linha de pesquisa Culturas Políticas e Sociabilidades, do Programa de Pós-Graduação em História: História do Tempo Presente, da UDESC.

Marlene de Jesus Gomes Costa (UEMA)

Territorialidade sertaneja no território chapada das mesas

A territorialidade do sertanejo do Parque Nacional da Chapada das Mesas é fruto de um processo histórico com a ocupação do sertão maranhense, impressa na paisagem por meio de sua cultura. Sua convivência com o ambiente é intensa e se dá com pouca alteração da paisagem. Para a realização desta pesquisa utiliza-se uma abordagem qualitativa, estabelecendo uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito resultante de um processo histórico de formação iniciado com a frente de colonização pastoril ocorrida no sertão maranhense. Constatou-se que o modo de vida das comunidades da região é tradicional seguindo um padrão de identidade própria na qual se verifica uma intrínseca relação com a produção de sua territorialidade local. A discussão é importante para a conservação da paisagem cultural brasileira ameaçada pelas transformações paisagísticas que vêm ocorrendo. Espera-se contribuir com a valorização dessa cultura subsidiando as políticas de ordenamento territorial que estão em desenvolvimento nesta região.

Marli de Oliveira Costa (UNESC)

“Elas ainda recordam”: Memórias de Mulheres sobre a técnica da arte cerâmica em Imaruí -SC

Trata-se de um estudo acerca do patrimônio imaterial que envolve a técnica de cerâmica no litoral de Santa Catarina, cidade de Imaruí. Tal técnica encontra-se em vias de esquecimento. A pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa: história e Memória da Educação- GRUPEHME e ao Grupo de Pesquisas: Patrimônio Cultural: Histórias e Memórias, ambos da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina-UNESC. Busca-se com esse trabalho compreender a forma como a técnica da fabricação de utensílios em cerâmica foi desenvolvida no local pesquisado situando-o como “arte popular” e patrimônio imaterial. Trabalhou-se com a história oral temática. Foram cinco entrevistas realizadas com filhas e netas das mestres na fabricação das “louças de barro”, como elas mesmas denominam essa arte. Além das entrevistas buscaram-se publicações acerca do município e da arte da fabricação da cerâmica realizada por pesquisadores catarinenses. As categorias de análise foram: memória, história, patrimônio imaterial e identidade. A idade das mulheres entrevistadas varia entre 75 a 95 anos. A pesquisa tem indicado um bairro específico de Imaruí onde as mulheres realizavam esse trabalho, o bairro Taquaraçutuba, próximo ao centro da cidade. Acredita-se que tal fato se dê pela presença da argila adequada nesse local. As mulheres entrevistadas descrevem como era o processo de fabricação das louças, desde a coleta da argila até a comercialização das mesmas. As mulheres davam a forma das louças, com ajuda de materiais encontrados no lugar como o “porongo”, que servia de molde e a “coronha”, que servia de lixa, entre outros. Depois de modelados, os utensílios eram postos em um forno para a queima.

Após todo o trabalho as louças eram comercializadas nas redondezas do lugar bem como, no porto de Laguna. A fabricação desse artesanato permaneceu na localidade desde a sua fundação, no século XIX até meados dos anos de 1970. Segundo dados do IBGE dos anos de 1950, esses utensílios era uma das principais economias da cidade. O ofício era repassado de mãe para filha, até o momento só encontramos mulheres na fabricação dessas louças. Atualmente não existe mais ninguém na referida comunidade que fabrique esse artesanato. No entanto, percebe-se ainda entre os mais idosos que a fabricação das louças de barro, apresenta-se como referencia do trabalho na comunidade do Taquaraçutuba. Esse estudo é uma contribuição ao direito à memória, oferecendo visibilidade a uma arte que tende ao esquecimento.

Marlise Regina Meyrer (UPF)

Paraíso e Inferno : a construção dos estereótipos da nação brasileira na mídia

Se as imagens do país foram construídas por muito tempo pelos viajantes estrangeiros, a partir de meados do século XX, esta função coube, cada vez mais, aos meios de comunicação, que desenvolveram diferentes estratégias para a construção, reprodução e transformação de estereótipos e pré-concepções sobre o país. Sobre esta questão, Burke (2006), publicou um interessante artigo discutindo o episódio das críticas ao filme "Turistas". Nele o autor diz que os estereótipos sobre o Brasil tem sido historicamente construídos e, no último século, reforçados pela mídia, tanto interna quanto externa, que reproduzem duas visões do Brasil: como paraíso e como inferno. A avaliação de Burke inspirou o título do estudo aqui proposto, que tem como objetivo analisar a construção das representações identitárias do Brasil a partir de imagens e estereótipos difundidos nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* nos anos 1950. Principal veículo na categoria *revistas*, do Brasil à época, o periódico tinha uma posição privilegiada no campo jornalístico, participando das lutas de representação de que nos fala Bourdieu (1992) pela imposição de determinadas visões de mundo.

Martinho Alves da Costa Junior (UNICAMP)

Os retratos de Alice Ozy por Théodore Chassériau

O objetivo principal desta comunicação é a análise dos retratos de Alice Ozy realizados pelo artista Théodore Chassériau (1819-1856). Para tanto, outros retratos de Ozy executados por outros artistas também se faz necessário. Os retratos realizados por Chassériau possuem particular interesse na história das artes do século XIX. A retratada, importante atriz entre os anos 1830-1850, possui uma relação íntima com o pintor, entre os anos 1849 e 1951 estão ligados amorosamente. A história deste relacionamento está atrelada a vida íntima de Ozy que havia se relacionado com Théophile Gautier e, sobretudo, Charles e Victor Hugo (filho e pai). Estes protagonizaram situações que ressonaram diretamente quando ela estava com Chassériau. "D'après nature", capítulo de *Choses Vues*, 1887, de Hugo pai, atesta a raiva intensa que o escritor nutria por Chassériau, certamente por este estar atrelado a Ozy. Por codinomes, muito próximos aos nomes reais, Victor Hugo, apresenta Alice Ozy como uma mulher dominadora e impetuosa, enquanto Chassériau um artista medíocre, doente e miserável.

Provavelmente o retrato mais importante de Chassériau de Alice Ozy seja *Baigneuse endormie près d'une source*, 1850, na qual ele mostra a atriz deitada na relva de braços erguidos e pelos aparentes, especialmente nas axilas, obra singular pertencente ao Musée Calvet, e que certamente é parte integrante da história das imagens de nus alongados na relva, com um tom moderno de sexualidade franca. Seguem-se a estes dois retratos dos anos 1848 e 1849 em que percebemos, entre outras coisas, a intimidade ou o respeito do artista pela atriz. E *Un bain au sérail*, de 1849, obra excepcional que a exhibe como uma banhista se secando em um oriente, o ambiente úmido e precioso é próximo à ideia de um corpo extremamente cultuado da figura feminina. Nosso objetivo deste modo é compreender o papel destes retratos na cultura, não apenas no século XIX, mas contemporaneamente ao mesmo tempo em que a literatura e a vida de Chassériau e Ozy possuem importância capital para esta comunicação.

Mateus Cavalcanti Melo (UFRGS)

Quando o cuchillo era a lei: compadritos, gauchos, orillas e pampas através dos escritos de Jorge Luís Borges

Desdobramento de uma dissertação ainda em elaboração, o presente artigo analisará como os escritos de Jorge Luís Borges podem ser utilizados para auxiliar a compreensão e interpretação acerca de aspectos da história e cultura argentinas. Para tanto, focasse em alguns contos específicos do autor, onde são protagonistas personagens emblemáticos como os *compadritos*, com seus duelos de *cuchillos* pela honra e coragem; ou como os *gauchos* nas regiões rurais, mais conhecidas como *pampas*. De certa forma, Borges não somente escreveu sobre algumas temáticas que dizem diretamente respeito com aspectos da história e cultura argentina, como também ajudou a “construir” todo um imaginário sobre esses personagens, por mais que usando de *ficções*. Investigaremos como que algumas das ficções de Borges auxiliaram a lapidar e realçar algumas temáticas como os *compadritos*, *orillas*, *arrabales*, *cuchillos*, *gauchos* e *pampas*, muito recorrentes por boa parte da Literatura e História argentinas. Perceberemos que, assim como ocorreu com outras temáticas, esta mais relacionada com uma espécie de “cor local”, ou com uma tentativa de “literatura gauchesca” também se fará presente durante toda a obra de Borges (mesmo na fase considerada por muitos como “cosmopolita”), desde sua juventude (como escritor) até a maturidade. Analisaremos contos como *História de Rosendo Juárez* (1970), que é uma versão “alternativa” para *Homem da esquina Rosada* (1935), primeiro conto que Borges publica, ambos onde figuram a personagem do *compadrito*, embora sejam publicações muito distantes entre si temporalmente. Também serão cotejadas nessa análise três contos que figuram no “meio” (cronologicamente) dessa lacuna entre os dois contos citados acima, são eles: *O morto* (*O Aleph*), *O fim*, *O sul* (*Ficções*). Por fim, analisaremos como as próprias opiniões de Borges sobre os *compadritos*, *pampas* e *cuchillos*, mudam através do percurso de sua carreira literária.

Mateus Fávoro Reis (UFOP)

No es chiste: uma análise sobre as caricaturas e charges que criticaram a ascensão do militarismo na América Latina por meio do semanário uruguaio Marcha

A presente comunicação tem por objetivo problematizar a utilização de imagens, particularmente de caricaturas e charges para a construção de um discurso de crítica à ascensão do militarismo na América Latina, ente as décadas de 1950 e 1970. O debate historiográfico a propósito do lugar das imagens deve estar atento para os interesses dos grupos que as veiculam, para os enfrentamentos de visões de mundo e para o que ficou esquecido. O semanário montevidense *Marcha*, fundado em 1939 e empastelado em 1974, ocupou um lugar de destaque para a edificação de uma rede de sociabilidade intelectual latino-americana contrária à ascensão do militarismo, dos distintos golpes que ocorreram em muitos países na América Latina e de suas ditaduras. Além de editoriais, manifestos e vastos debates textuais, o semanário abriu espaço para caricaturistas e charginistas expressarem o repúdio ao chamado gorilismo no Uruguai, Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Bolívia, Guatemala, República Dominicana, entre muitos outros países.

Tanto as caricaturas como as charges apresentaram a capacidade para configurar uma significativa parte do discurso político dos periódicos. Ainda que haja diferenças entre caricaturas e *charges*, pode-se dizer que possuem uma evidente intenção crítica e zombeteira, e, no caso específico de *Marcha*, foram capitais para a elaboração da crítica social e política, por meio da ironia, do humor e da comicidade.

Os títulos das páginas do semanário uruguaio sinalizavam para as possibilidades de se lidar com os desafios políticos por meio das imagens: *No es chiste, Parece chiste, Cari-capturas*. Em todos os casos, podemos dizer que havia fluídas visões a respeito de como lidar com as apreensões do momento. A alternância entre “Não é piada” e “Parece piada” demonstrava a mistura de posições, entre o desejo de informar e opinar, de um lado, e de mostrar a perplexidade de outro, face à atuação mais proeminente de militares na esfera pública e aos golpes que se sucederam na América Latina. Além disso, o título *Cari-capturas* reivindicava uma relação mais fluida entre as fotografias e as caricaturas, para dirimir qualquer dúvida em relação à hierarquia entre ambas, sobretudo das possibilidades de se representar a realidade.

Mateus Monteiro Barbosa (Mackenzie)

FALA COMIGO DOCE COMO A CHUVA: Uma análise do texto de Tennessee Williams e um paralelo com a pintura de René Magritte

O presente artigo se propõe a fazer uma breve apresentação de um dos mais importantes dramaturgos do século XX, Tennessee Williams, seguida do estudo detalhado da sua peça curta intitulada “Fala Comigo Doce Como a Chuva”, sob dois aspectos. O primeiro irá analisar a relação dos dois personagens, que mesmo morando no mesmo quarto, expressão uma incomunicabilidade que constrange e não demonstra solução dramática (ou melodramática) mais convencional, como esperado sempre pelo grande público não habituado à interpretação de textos mais provocativos. Outro viés que será apresentado, é o paralelo que há entre a peça ora citada e as pinturas do artista surrealista francês René Magritte, mostrando que o mesmo estranhamento causado pelo pintor ao utilizar elementos realistas em situações improváveis, acontece nesta peça de Tennessee Williams, que não usa de elementos fantásticos, mas reais que colocados no mesmo espetáculo dão vazão à contemplação de uma estrutura “surrealista realista”, como era por vezes considerado o pintor francês.

Matheus Moura Silva (UFG)

A adaptação de Blueberry para os cinemas e a representação visionária

A proposta do presente trabalho é analisar o longa-metragem *Blueberry, l'expérience secrète* (França, 2004), dirigido por Jan Koumen e inspirado no personagem dos quadrinhos Blueberry, de Jean Giraud (Moebius) e Jean-Michel Charlier. O filme, mais do que uma adaptação, procura expandir os sentidos expostos nos quadrinhos a aprofundar a relação do leitor com a personagem. Tanto que o diretor, Koumen, prefere se referir a película mais como uma versão, ou inspiração, do que adaptação propriamente dita. Isso porque, por exemplo, alguns pontos tocados no filme a respeito da personagem foram criados pelo próprio diretor e não pelos autores originais – apesar da supervisão de Moebius. Porém, mudanças como essas não foram deliberadas, estão calcadas nas experiências que a personagem, Blueberry, teria, e até mesmo seus criadores, passado. No caso específico são as experiências de ordem xamânica, baseadas em transe e visões intensas de outras realidades, propiciadas por plantas psicotrópicas. A própria narrativa do filme, trama e propósito de criação foram contaminados por tais experiências ao ponto de se poder caracteriza-lo como Visionário. Principalmente quando são retratadas as visões do protagonista e do antagonista ao ingerirem a poção dada pelo xamã. Tendo em vista tais relações, neste artigo serão levantados aspectos presentes nos processos criativos do diretor, os sentidos empregados na narrativa e a influência do trabalho original na composição do filme. Enquanto Arte Visionária, é usado como parâmetro o traçado pelo artista plástico Laurence Caruana no livro *Manifesto of Visionary Art*, de 2001. Neste compêndio é determinado o que viria a ser Arte Visionária, dando-a contornos definidos como aspecto real e presente no contexto das diversas formas de manifestação artística do mundo contemporâneo. Como objetivo o intuito é a investigação dos processos criativos e mapeamento quanto a produção de Arte Visionária, quadrinhos e filmes com ênfase no universo das HQs. Para metodologia de pesquisa, serão feitas análises conceituais, simbólicas e dos processos criativos envolvidos no fazer das histórias em quadrinhos e filme selecionados com base nos estudos de Fayga Ostrower (1972), Scott McCloud (2004), George F. Kneller (1976), Cecília Salles (2009) dentre outros. Como hipótese parcial, se a Arte Visionária busca retratar imagens surgidas em outra realidade, invisíveis a mente em estado ordinário cotidiano, é bem provável que os autores tenham tido contato com os mesmos repertórios imagéticos, o que acaba por justificar as semelhanças entre o visto no filme Blueberry e outras produções do gênero. É possível compreender que, a bem da verdade, as similaridades não são similaridades reais, pois, uma vez perscrutado os recônditos da mente humana e cósmica, um mundo comum acabou por surgir.

Maurício Silva (UNINOVE)

Vestígios da estética art nouveau na imprensa brasileira pré-modernista

No Brasil, a estética *art nouveau* ultrapassou os limites do século XIX, permanecendo presente em nossa produção cultural até, pelo menos, as duas primeiras décadas do século XX. Fundamentalmente antiacademista e combatendo, até certo ponto, a superficialidade e o conservadorismo artístico, a estética *art nouveau* buscava diferenciar-

se de modo cabal da arte acadêmica, sobretudo no que concerne às artes plásticas, mas também à literatura. O objetivo deste trabalho é analisar alguns vestígios da estética art nouveau no Brasil pré-modernista (passagem do século XIX para o XX), sobretudo na imprensa da época, mostrando como essa manifestação artística – que, em muitos sentidos, precedeu o impulso das vanguardas modernistas – se manifesta em capas de livros, estampas e decorações gráficas, publicidade, ilustrações e desenhos etc., instaurando assim uma tendência comum na produção impressa e de nosso pré-modernismo.

Maurizio Russo (ICIB / CEM)

C'eravamo tanto amati, o cinema italiano e a sua visão do fascismo entre passado e presente

O que foi o fascismo italiano? E o que foi o cinema italiano? Estas duas perguntas incluem uma série de complexas implicações historiográficas que se entrelaçam com a história e o desenvolvimento do país. Fenômenos complexos e articulados, de enorme importância na história italiana eles podem ser colocados em relação numa dialética hipotética que atravessa aproximadamente 90 anos de história italiana.

O fascismo conquistou a Itália, a modificou, a modelou, a infantilizou, a paternalizou, a militarizou, a arregimentou, a barbarizou e a envolveu numa guerra. Neste processo ele usou o cinema, o olho do regime que devia forjar a imagem vencedora e marcial da Itália fascista. “A cinematografia é a arma do mais forte”, amava dizer Mussolini e entre 1924 e 1945 o Istituto Luce foi o instrumento útil para construir e difundir itálicos mitos marciais, para construir e propor aos italianos uma realidade alternativa àquela que cotidianamente eram constrangidos a viver e reconhecer.

Quando o fascismo foi arebatado por os eventos históricos, derrotado sob o ponto de vista militar e ultrapassado politicamente, o grande fenômeno cultural que foi o cinema italiano do pós-guerra não podia deixar de se ocupar daquele *padre-padrone* que o havia restrito aos limites estreitos e asfixiantes da censura e reduzido ao papel de simples reprodutores de modelos comportamentais úteis ao regime. Se o fascismo tinha encorajado e fomentado a produção de um cinema heróico ou a visão adocicada pequeno-burguesa da família feliz (enquanto a realidade italiana se distanciava sempre mais daquele quadro idílico) o cinema assumiu a sua longa e fria vingança após a queda do regime mussoliniano. Começou nos anos do Neorrealismo mostrando a “verdade neorrealista” de uma Itália assustada e martirizada, continuou nos anos 50 com a explosão dos grandes *direttore* italianos, e ainda cravou seus dentes, nos anos 60 e 70, nas ridículas paranóias do regime com a *commedia all'italiana* e algumas obras-primas inclassificáveis feitas por Pasolini, Scola, Fellini, etc.

O cinema não podia ignorar o fascismo e o tratou de modo obsessivo, ainda que, às vezes, com um certo temor. Na Itália o debate historiográfico sobre o fascismo começou lentamente: a monumental *Storia d'Italia nel periodo fascista* de Salvatorelli e Mira foi publicada pela Einaudi em 1956; o primeiro estudo sobre o fascismo de Renzo De Felice, è de 1961, *Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo*; também alguns interessantes escritos de Bobbio sobre este tema datam dos anos 60; os importantes trabalhos de Angelo Del Boca sobre a África fascista se afirmam somente nos anos 90; para dar apenas alguns exemplos.

O cinema, ao contrário, começou o seu inexorável trabalho de demolição do modelo fascista desde o início com as obras denúncia do Neorrealismo. Não por acaso, o Neorrealismo tem o seu próprio manifesto em um filme como *Roma città aperta* de Rossellini (1945).

O cinema deu respostas, interpretações, visões sobre o fascismo antes que a historiografia analisasse, decifrasse e se movesse sobre o lento caminho da análise histórica.

Mauro Dillmann (FURG)

“Ao pio leitor”: advertências e condução da leitura em manuais de devoção portugueses do século XVIII

Esta comunicação tem intenção de identificar como diversos autores da literatura religiosa portuguesa do século XVIII referiam-se aos seus leitores nos prólogos, introduções e preâmbulos, bem como analisar os discursos no sentido de advertir e conduzir a leitura desejada da obra, a partir de elementos pré-textuais e textuais que demonstram as maneiras como o livro deveria ser interpretado. Nesse sentido, é apresentado o juízo dos próprios autores sobre a relevância das suas obras, sobre o processo de pensamento e amadurecimento das ideias visando à produção da obra. Interessa, portanto, destacar o “diálogo”, a “alocução”, a “conversa” do autor com o leitor com intenção de construir padrões de leitura e de interpretação baseadas na moralidade cristã moderna.

Mayra Izaura de Moura (UFPI)

O futebol e a Invenção da metrópole: A imprensa esportiva e a sociedade teresinense na primeira metade da década de 1970

O presente artigo tem como objeto central Teresina, na primeira metade da década de 1970, e busca analisar como se deu o processo de apropriação do futebol como prática cultural teresinense e como essa prática transformou-se em um fenômeno social que passa a compreender relações econômicas, políticas e sociais durante o período em estudo. Como eixos centrais da pesquisa estão à relação do futebol com o mundo urbano e moderno em construção na cidade e as representações produzidas através dos espaços dessa prática esportiva, dos times, dos discursos jornalísticos, das torcidas organizadas e a intervenção do poder público elucidando sobre o universo do futebol na capital. Nesse sentido, buscamos mostrar as especificidades desse processo na cidade de Teresina e os significados que o futebol pode ter assumido ao longo desse período, isto tendo em vista a influência do discurso jornalístico dos periódicos *O Dia e Jornal do Piauí* da época em estudo.

Merilin Baldan (UFSCar)

Redes de Sociabilidade na Série Atualidades Pedagógicas (1931 a 1939): autobiografias, círculo de intelectuais e políticos na condução dos projetos de modernização da educação e da sociedade

Ao estudar a Série Atualidades Pedagógicas, no período de 1931 a 1939, fazendo um recorte pelos títulos nacionais vinculados a discussão da psicologia e da biologia como ciências fundamentais para a renovação da educação e da sociedade emergiu a seguinte problemática: de que maneira o editor da serie escolheu os títulos e os autores para serem publicados no interior da série? Como garantir a coesão e a coerência do pensamento entre os autores/títulos escolhidos para garantir a autoridade pedagógica e as estratégias políticas e comerciais da série? Mediante essa problemática consideramos como objetivo geral descortinar as “redes de socialibilidade” presentes entre editor e autores no interior da serie Atualidades Pedagógicas. Para tal, temos como objetivo específico: identificar o papel do editor da Serie Atualidades Pedagógicas, Fernando de Azevedo, para a seleção de títulos e autores; investigar, por meio das (auto)biografias, os círculos nos quais o editor e autores atuavam; analisar as redes de socialibilidade e o projeto modernizador presente no pensamento do editor e dos autores. Para tal, organizamos o texto em três seções: Papel Político Pedagógico do Editor na Imprensa Pedagógica; Editor e Autores: percursos, atuação e redes de sociabilidade; Redes de Sociabilidade e Projetos de Modernidade na Educação e na Sociedade: encontros no pensamento do editor e autores. Na primeira seção buscamos analisar o papel do editor no processo de seleção dos títulos e dos autores para compor a Série/Coleção no que tange as estratégias políticas e comerciais. A segunda seção procura desvelar a atuação individual do editor e dos autores por ele selecionados e as redes de sociabilidade que permitiu com que seus percursos e trajetórias se encontrassem. Por fim, buscamos evidenciar como o pensamento político pedagógico do editor e dos autores se encontram nas redes de sociabilidade dos quais faziam parte e como as redes de interpretação do pensamento de modernização da educação e da sociedade permite que editor/autores componham a Serie dentro de uma coesão e coerência no pensamento pedagógico e político difundido pela Serie. Destaca-se, portanto, que os intelectuais representaram um importante papel político frente ao projeto modernizador da educação e da sociedade brasileira, em especial, no início do século XX. A atuação política destes intelectuais repercutia na autoridade por eles representada e utilizada como estratégia comercial pela Imprensa Pedagógica Brasileira e a estratégia política de veicular os seus projetos para a nação e a educação. As principais redes de sociabilidade estão na sua atuação como jornalistas por meio dos quais estabeleciam contatos intelectuais e políticas e no próprio ambiente da imprensa e das editoras a partir das quais muitas trajetórias e percursos se encontraram.

Michel Gomes da Rocha (UFPE)

História, cinema e política: “Clube de compras Dallas” e a crise de saúde nos Estados Unidos dos anos 1980

O seguinte trabalho toma como itinerário de reflexão a narrativa fílmica de “Clube de compras Dallas”, filme este que se debruça na história de vida de um eletricista texano que no ano de 1985 descobre ser portador de HIV e daí busca meios para sua sobrevivência através dos recém-desenvolvidos medicamentos que atenuam o avanço da doença. O período histórico é também conhecido como Era Reagan, pela presidência do neoconservador que chegou ao poder com apoio de agremiações conservadoras e com forte perfil religioso, entre tantos elementos a gestão caracterizou-se pelos cortes paulatinos no financiamento da saúde pública e de programas de assistência que se

mostraram saltares em um contexto de crise. A narrativa possibilita ainda refletir o impacto que o HIV trouxe a milhares de vidas daqueles que se viram acometidos, notadamente os homossexuais, grupo que teve maior percentual de vitimas, bem como das indústrias farmacêuticas que viram na epidemia uma oportunidade de lucro.

Michele Aparecida Evangelista (UFV)

Os japoneses segundo a perspectiva europeia: uma análise das correspondências jesuíticas (1563-1571)

No decorrer das *Grandes Navegações* que marcaram o século XVI, a Companhia de Jesus ocupou uma posição significativa no intercambio euroasiático e, de igual modo, na divulgação de saberes sobre distintas civilizações na Europa. Dispostos a propagar a fé cristã em qualquer lugar do mundo, os Jesuítas chegaram ao Japão em 1549 e por lá permaneceram por quase um século. A troca de correspondências constituiu-se como um importante mecanismo de comunicação entre os religiosos da referida Ordem. Além de informar sobre as atividades missionárias, as cartas contêm descrições detalhadas sobre a sociedade japonesa quinhentista e trazem subsídios para a compreensão dos mecanismos de interpretação do *Outro* adotados pelos Jesuítas perante as diferenças culturais. Partindo desta premissa, o intuito desta comunicação é avaliar o modo como os japoneses e o seu universo sociocultural foram abordados na epistolografia inaciana. Para tal, a análise centra-se nas correspondências do Padre Luís Fróis (1532-1597) escritas no período de 1563 a 1571 e publicadas em 1598. Por meio desta reflexão almeja-se contribuir para o avanço dos estudos sobre as relações luso-nipônicas no século XVI e a proposição de novas problemáticas sobre a Missão Jesuíta no Japão. Este trabalho apresenta alguns dos resultados da Monografia de conclusão do curso de Bacharelado em História defendida em 2013.

Michelle Silva Borges (UFU)

Rosana de Jesus dos Santos (UFU)

Os álibis para a violência de gênero

Sob a ótica de uma análise cultural, balizada por percepções muitas das vezes de ordem divina ou biológica, é que as construções sociais de gênero são organizadas e por ela, a cultura, definidas. A partir disso, o que se tem são relações de gênero construídas de modo que ao homem seja dado, em caráter legítimo, o exercício do poder, da autoridade e da intervenção sobre as mulheres. Práticas de controle que, embora venham sendo (re)discutidas, tornando-se objetos de novas possibilidades de compreensões e análises, ainda se revelam resistentes às transformações preconizadas pelos feminismos. Nessa perspectiva, o que se propõe é uma análise sobre a atuação do Estado, por intermédio da polícia, como instrumento de reforço às práticas de autoridade masculina sobre a feminina através da concessão do direito de registro de um boletim de ocorrência não criminal aos homens cuja finalidade é coibir ou reprovar posturas “inadequadas” por parte das mulheres com as quais mantêm uma relação amorosa. A possibilidade da utilização desses documentos para tal propósito é compreendida como tecnologia de gênero, nos termos de Teresa de Lauretis, quando

esta define que o gênero continua a ser produzido em vários espaços, inclusive nas e pelas instituições. Essa situação traz como resultado a existência de uma instituição que, ao invés de atuar como executor ou mediador das medidas protetivas sobre a problemática que cerca o gênero, funciona como um instrumento de ratificação ao cumprimento de papéis socialmente estabelecidos, pois, embora o conteúdo do boletim de ocorrência não criminal seja de fatos atípicos, a possibilidade de sua confecção, em se tratando de naturezas como essa, pressupõe que o fato possa ser reclamado e, por conseguinte, torna o estado solidário aos álibis da violência de gênero percebidos nos discursos que legitimam as práticas de agressão sobre as mulheres.

Milena Domingos Belo (UNIFESP)

Representações de escola e infância: um estudo sobre os livros de leitura

A partir do final do século XIX, com a proclamação da República no Brasil, importantes intelectuais dedicaram-se em planejar e promover um significativo processo de regeneração social do país no qual a escola fora eleita como instituição poderosa, capaz de viabilizá-la. Esta instituição seria a responsável em formar os futuros cidadãos, ou seja, as crianças que passaram a ser vistas como o futuro da nação. Em consequência cresceu neste momento a produção de livros de leitura para uso nas escolas que para além de sua função de contribuir para o desenvolvimento da leitura corrente, expressiva e suplementar eram imbuídos da responsabilidade pela missão civilizadora dos alunos, ou seja, deveriam cooperar na efetivação da função estabelecida para a instituição escolar: formar o cidadão republicano de modo que estes pudessem ser ordeiros, disciplinados, saudáveis, higiênicos e patriotas. Deste modo, constituem-se como objeto principal deste trabalho, os Livros de Leitura da *Série Puiggari-Barreto*, elaborados pelos professores paulistas Romão Puiggari e Arnaldo O. Barreto e os livros da *Série Rangel Pestana*, escrita por João Köpke. O estudo destes livros utilizados na escola primária no Brasil pretendeu investigar as representações acerca de um ideal de infância brasileira bem como a centralidade conferida à escola como instituição responsável pela socialização das crianças. Baseou-se, para tanto, nos estudos da História Cultural, mais especificamente na categoria de representação desenvolvida por Chartier (1990). Fundamentou-se, ainda, nos aportes da história da infância no mundo ocidental (Ariès, 2011; Heywood, 2004; Narodwski, 2001) e, mais especificamente da história da infância no Brasil (Freitas, 2001; Veiga, 2010; Kuhlmann Jr., 2000) que demonstram a produção da noção da infância pelos discursos e práticas vigentes em determinada sociedade e período histórico, ressaltando a relação existente entre o processo de escolarização e a produção da concepção de infância nas sociedades modernas.

Miriam Bianca Amaral Ribeiro (UFG)

O local e o regional para além da sala de aula: a linguagem teatral e o ensino de história

Esta comunicação apresenta o projeto que combina pesquisa e extensão, a partir de uma intervenção de ensino de história regional proposta pelo texto de teatro “Quecosô, oncotô, oncovô: Goiás, singulares no plural”, de nossa autoria. O espetáculo, encenado pelo Teatro Destinatário, com duração de 50 minutos, já foi visto por 40 mil pessoas,

em 130 apresentações realizadas nas escolas, teatros, centros comunitários, praças públicas e outros espaços. O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ciências Humanas da Faculdade de Educação da UFG pesquisa as articulações entre metodologia das Ciências Humanas, história regional, ensino de história e formação de professores, entre outros temas. Aqui apresentamos o espetáculo citado como componente e resultante desse trabalho. A linguagem teatral problematiza a questão da identidade regional discutindo os processos históricos, as contradições e confrontos que constituíram o lugar onde vivemos, tendo como referência o conceito de cultura histórica como pensado por Le Goff. Questões como as relações entre o individual e o coletivo, o particular e o geral, o próximo e o distante, o regional e o nacional, objetos das discussões sobre o ensino do local e do regional, problematizam nosso trabalho. No exercício da linguagem teatral, problematizamos as relações entre arte e conhecimento, desafiando o uso operacional das artes na ação educativa que, costumeiramente a reduz a recurso didático, que tem seu lugar, mas não é o da arte. O projeto inclui material pedagógico disponibilizado para professores e alunos, que, dependendo de suas condições e interesses, o utilizam ao longo do ano letivo. O projeto inclui visita e bate papo com alunos e professores na escola; apreciação do espetáculo na escola ou no teatro e disponibilização do material pedagógico para trabalho em sala após o espetáculo. Essa produção está registrada como projeto de extensão e cultura na UFG.

Mirtes de Moraes (PUC/SP)

Histórias Veladas

A ideia dessa apresentação tem como foco discutir a interligação entre história, arte e gênero.

Para trabalhar esses aspectos foram escolhidas duas artistas brasileiras, Adriana Varejão e Rosana Paulino, que buscam dar um novo significado ao corpo feminino através de suas obras.

Adriana Varejão apresenta grande acervo relacionado a violência feminina que foi mascarada por discursos oficiais. O enfoque buscado em Varejão é a profundidade e a interioridade, adentrada por meio de rasgos e rugas, onde se tem a sensação de penetrar de forma violenta no universo feminino.

Rosana Paulino mostra mulheres negras que foram caladas na história pelo discurso dominante de homens e brancos. O aspecto abordado em Paulino é o entrelaçamento de pontos e linhas onde é possível perceber a forma em foram tecidos alguns remendos provocando uma forma forçada de silêncio.

Ambas, de formas diferentes, foram analisadas buscando dar um ressignificado ao corpo feminino, revelando por meio das imagens, histórias veladas.

Mônica Maria Lopes Lage (UFMG)

Sedução, amor e violência nos seringais do Amazonas

No final do século XIX e início do XX, nos seringais do Amazonas a paixão “andava solta.” As relações que se estabeleciam entre homens e mulheres não eram medidas por

obstáculos. Homens mais velhos se envolviam com meninas e mulheres mais moças, casados envolviam-se com solteiros, solteiros envolviam-se com amasiados e assim sucessivamente. O amor, a transgressão amorosa e a paixão eram constantemente exaltadas nos periódicos que circulavam nas regiões próximas aos seringais. Entretanto estas relações também foram palco de muitos conflitos e violência na mata. Com base nas histórias relatadas em alguns processos criminais e jornais que percorreram o Amazonas no final do século XIX e início do XX, apresentaremos alguns casos onde a mulher aparece ora como vítima, ora como agente direta da violência. Apontaremos também alguns relatos que revelam que a sedução foi uma “arma” poderosa utilizada por algumas mulheres para conseguir satisfazer os desejos mais íntimos de sua existência.

Mônica Martins da Silva (UFSC)

Educação Patrimonial e Patrimônio Imaterial: Percursos formativos para a docência em História

Esta apresentação objetiva apresentar alguns eixos do projeto “Formação de Professores e Educação Patrimonial - Experiências na Educação Escolar no Sul da Ilha de Santa Catarina”, da área de História do “Programa Institucional de Iniciação à Docência” (PIBID) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desenvolvido em conjunto com as Escolas de Educação Básica “Dilma Lúcia dos Santos” e “Batista Pereira”, ambas da rede municipal de Florianópolis, durante três semestres (2012-2 a 2013-2). Os professores em formação e os supervisores desenvolveram a pesquisa de temas relacionados ao patrimônio cultural imaterial não consagrado dos bairros da Armação do Pântano do Sul e do Ribeirão da Ilha, onde estão localizadas as escolas. Dado o limite dessa apresentação destacarei dois temas: *Pesca e Maricultura: Saber Fazer, Cultura Material e Turismo no Ribeirão da Ilha* e *Festas, Tradições e Patrimônio Cultural: A Festa do Divino Espírito Santo no Ribeirão da Ilha*, evidenciando o potencial dessas temáticas para a compreensão do processo de Patrimonialização do Ribeirão da Ilha, distrito de Florianópolis localizado no sul da Ilha de Santa Catarina, a partir dos anos de 1970, quando ocorreram diversas transformações econômicas, sociais e culturais no lugar, resultando na construção e reafirmação de discursos identitários associados a determinadas tradições e práticas sociais. A partir do pressuposto que a prática pedagógica é indissociável da prática da pesquisa, os bolsistas desenvolveram a pesquisa por meio de diferentes estratégias e constituíram um acervo de fontes escritas, visuais e orais que, posteriormente, foram utilizadas para a produção de um conjunto de materiais didáticos que compõe a Caixa de História intitulada “Educação Patrimonial e História Local”. Esse material se caracteriza por propor a abordagem da História Local por meio do Patrimônio Cultural Imaterial, problematizando os saberes prévios dos estudantes em diálogo com suas práticas sociais de referência e o campo do Patrimônio Cultural, utilizando diferentes atividades de leitura e escrita, análise de fontes históricas e diferentes atividades de pesquisa.

Mônica Menezes Perny (UNIRIO)

Denise Maurano (UNIRIO)

Carnaval e Máscaras: um fenômeno sociocultural contribuinte na formação da sociedade do Rio de Janeiro

Esta comunicação traz algumas considerações sobre a utilização das máscaras no cenário carnavalesco da cidade do Rio de Janeiro. Para isto serão tomadas como base duas ideias que possibilitarão a evolução da pesquisa: a primeira é como as festas de máscaras podem ser socialmente estudadas como um espaço onde atores sociais agem de modo a expressar uma lógica de ação outra do que a habitual, que lhes permite quebrar tabus, preconceitos e regras ditadas pelas culturas de cada época; a segunda enfoca a prática do uso de máscaras e as mudanças pelas quais passaram as comemorações carnavalescas, partindo da necessidade dos atores sociais expressarem suas próprias interpretações do contexto histórico e social da cidade do Rio de Janeiro. O Carnaval como uma festa realizadora e conscientizadora é uma festa que concentra e redistribui riquezas, capaz de suprir as necessidades reais, ao mesmo tempo que as simbólicas. O carnaval como uma festa que vivifica a história popular tão importante na constituição da formação sociocultural carioca, pode ser entendida como modelo de ação e participação social. Ela também representa a principal festa para vários povos, repleta de simbolismos, muitos dos quais não sobreviveriam até as décadas contemporâneas. Esta observação é ainda válida para a festa símbolo do Brasil e importante para a memória social brasileira, quando observadas às alterações de suas características, em especial a tradição dos “Bailes de Máscaras”, empregadas desde sua origem no cenário carioca. Desde as primeiras civilizações o homem demonstra interesse pelas práticas lúdicas, trazendo dentro de si uma ânsia de “ser outro”. As máscaras revestem-se de uma riqueza simbólica subjacente, e seu uso, de uma força e amplitude cujos contornos vão muito além do Carnaval. A multiplicidade de suas formas, que muitas vezes funde numa mesma figura traços humanos e animais, bem expressa à infinidade de forças circulantes no universo que, captadas pela máscara, aglutina-se de modo a permitir ao ser humano confrontar-se com potências que jazem dormentes no inconsciente, desconhecido e sombrio. As diversas formas das máscaras, seus traços, seus desenhos, suas cores, suas funções, representam a complexidade dos grupos humanos e suas peculiaridades, ao mesmo tempo em que são uma mostra da riqueza simbólica nos ritos, mitos, tradições, manifestações e celebrações festivas que, após superar e passar a prova do tempo sobrevivem em nossos dias como símbolos universal.

Monique Ferreira dos Santos (UFF)

Fotoclubismo, fotografia e arte nos Boletins dos Fotoclubes (1940-1960)

Durante as primeiras décadas do século XIX observamos no Brasil o desenvolvimento do fotoclubismo por todo território. Um dos principais propulsores desse movimento foram as Revistas e Boletins Oficiais dos fotoclubes. Utilizando o Boletim, do Foto Cine Clube Bandeirantes e a FotoRevista, da Sociedade Fluminense de Fotografia investigamos como aconteciam os intercâmbios de ideias e obras no Brasil e no Mundo em 30 anos dessas publicações.

A pesquisa explora as discussões sobre as diferentes manifestações estéticas: pictorialistas, documentais, modernas e suas diferentes acepções e transformações nessas três décadas dos boletins, além das valorizações e críticas a cada uma delas. Também analisamos as constantes discussões e valorização, de fotógrafos, entre outros

profissionais. Bem como da fotografia artística ou fotografia como arte, que ainda era uma importante questão na década de 1950, mesmo com o desenvolvimento e estabelecimento no fotoclubismo do avanço das experimentações no meio.

Questões internas da linguagem fotográfica, importantes para o fotoclubismo, também são destacadas, como: a separação da técnica e composição, a importância e real valor de “regras” para o campo, diversas técnicas e equipamentos – algumas datadas e criticadas, mas ainda presentes nas páginas da revista e nas paredes dos salões, os seus gêneros com suas transformações e continuidades. A partir da análise de seus textos conseguimos nos aproximar das relações, interações e concepções desses homens sobre o seu meio e da fotografia em geral.

Destacamos imagens e palavras de diversas partes do globo ilustrando os boletins e os catálogos das exposições. Esses empreendimentos são fundamentais para compreender o desenvolvimento de toda a arte fotográfica. Inicialmente excluídos dos lugares da arte tradicional (belas artes), esses homens formaram um lugar próprio para a sua arte, um campo que possibilitou a fotografia artística crescer e se diversificar.

Morgani Guzzo (UNICENTRO)

Luta e conquista de espaço e representatividade: uma análise da atuação do Movimento de Mulheres da Primavera, de Guarapuava-PR

Alguns espaços públicos foram historicamente constituídos como identificadores de masculinidades. A política partidária é um desses espaços em que as mulheres, com árduo esforço e luta, vêm conquistando lentamente seu lugar, ampliando, por meio de sua inserção nesse âmbito, as discussões a respeito das identidades femininas e das representações construídas sobre as mulheres. Ao alcançar o âmbito político partidário, a experiência de algumas mulheres torna possível a transformação da sociedade ao aumentar a visibilidade de algumas questões polêmicas e historicamente silenciadas, como a violência de gênero.

A experiência vivida pelas mulheres de um bairro periférico da cidade de Guarapuava, no centro-oeste paranaense, torna possível pensar a relação entre a inserção de mulheres no espaço da política partidária e a possibilidade de transformação social e cultural. Por meio do estudo do *Movimento de Mulheres da Primavera* – movimento social formado por mulheres do bairro Primavera, em Guarapuava –, objetivamos demonstrar de que forma a união de algumas mulheres pôde concretizar objetivos amplos como a inserção de mulheres na política e a luta contra a violência de gênero no contexto conservador e católico da cidade de Guarapuava. Para tanto, se faz necessária a conceituação desse movimento como movimento feminista e a análise de sua ação dentro da perspectiva das relações de gênero.

Por meio da observação participante – realizada em reuniões do Movimento – e da análise de alguns materiais da imprensa regional, iremos compreender a ampliação dos espaços de discussão sobre a violência de gênero na cidade de Guarapuava e relacionar o aumento da visibilidade da violência com a conquista política de uma das representantes do *Movimento de Mulheres da Primavera*.

A inserção dessa militante na política partidária – como vereadora e, depois, como vice-prefeita – tem trazido avanços para a sociedade guarapuavana. Se ainda não é possível pensar numa mudança cultural do machismo e da submissão das mulheres nesse

contexto, é necessário reconhecer que a atuação das mulheres do *Movimento de Mulheres da Primavera* tem estimulado o surgimento de novas reflexões sobre a violência de gênero, de redes para o acompanhamento e punição de agressores e de cursos de formação e fortalecimento de mulheres vítimas de violência, objetivando sua emancipação financeira e emocional.

Munir Lutfé Ayoub (PUC/SP)

Plaquetas de ouro e mitologia nórdica: A representação das linhagens reais na Escandinávia do período Viking

O presente trabalho por meio de uma metodologia comparada entre as fontes literárias e arqueológicas buscou compreender as modificações ocorridas nas práticas culturais que possibilitaram a forja de ideais, de legitimação e a formação das funções das realezas escandinavas, além de buscar as funções e ânsias que esses homens tinham sobre seus deuses. Evidenciando por fim a importância dos antigos costumes nórdicos e da mitologia nórdica como instrumento de legitimação e de criação de poderes sociais, contribuindo para a compreensão de um período onde rito, mito e os poderes sociais estavam em plena conexão, relações essas que marcariam o período Viking na Escandinávia. Tendo assim sua baliza temporal inserida entre os séculos VIII e X sendo o primeiro o século no qual surgiram as primeiras realezas escandinavas e o segundo o século no qual os povos escandinavos começaram a sofrer um processo de conversão ao cristianismo.

Nádia Cristina Ribeiro (UFU)

Guarnieri: questões políticas e artísticas de 1958-1964

Este trabalho procura refletir sobre a produção dramaturgical de Gianfrancesco Guarnieri, no período de 1958 a 1964, articulando os aspectos sociais do momento histórico às produções artísticas, bem como suas múltiplas interlocuções. Ator, dramaturgo, ensaísta e militante político, Guarnieri ao longo de sua vida sempre esteve comprometido com a realidade brasileira. Fez de sua arte bandeira de luta por uma politização cada vez maior da sociedade. O comprometimento político assumido por sua produção artística viabilizou um teatro engajado em torno de projetos que propiciassem a tomada de consciência da sociedade brasileira em prol de mudanças políticas. Como militante do PCB e defensor de uma dramaturgia nacional, procurou construir uma estética que refletisse a sua visão de mundo e da história. Por meio de sua posição política, produziu discussões que apontaram para os projetos e ideais ligados à realidade brasileira. Militou em prol da construção de uma dramaturgia nacional. Esteticamente suas peças tinham o compromisso de conscientização das massas para a construção da “revolução burguesa” apontada pelo Partido. Produziu importantes trabalhos, dentre eles: *Eles não usam Black-tie*, que se tornou marco para o teatro brasileiro no final dos anos de 1950. Produziu antes do golpe militar *Gimba, A Semente* e *O filho do Cão*. Textos importantes que criticavam a sociedade da época e apontavam possíveis opções de enfrentamento.

Natalia Azevedo Crivello (UERJ)

Fotografia e paisagens urbanas: um palimpsesto da memória

Propomos a possibilidade do estudo das transformações históricas urbanas bem como de suas representações fotográficas a partir da metáfora do palimpsesto: uma imagem arquetípica para a leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a.C., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, o palimpsesto era um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto. A escassez de pergaminhos dos séculos VII a IX generalizou os palimpsestos, os pergaminhos nos quais se apresentava a escrita sucessiva de textos superpostos, mas onde a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos dos outros precedentes, que se mostravam, por vezes, ainda visíveis, possibilitando uma recuperação. Cf. em HUYSSSEN, A. *Present Pasts. Urban palimpsests and the politics of memory*. Stanford: Stanford University Press, 2003. A cidade, escrita, apagada, reescrita, ou mesmo co-existindo diversos de seus elementos de maneira sobreposta, sempre captada pelo olhar cheio de intenções de um fotógrafo, ou mesmo de um historiador.

Natália Maria da Conceição Oliveira (UFPI)

Entre o Sagrado e o Profano: A prostituição na rua Santo Antônio no século XX

Este trabalho constitui um estudo sobre a zona de prostituição da cidade de Campo Maior- Piauí, localizada no centro-norte do estado, a 84 km da capital Teresina no século XX. A Rua Santo Antonio, durante este período era conhecida também como Zona Planetária. Ela era formada por um quarteirão de casas de propriedade do Major Honório Bona. Elas possuíam no alto da porta o nome dos planetas. Porém nesta rua também havia bares, restaurantes e algumas residências familiares. Interessante destacar a existência de uma zona de prostituição tão próxima da igreja matriz da cidade, a igreja de Santo Antônio. Isso se devia ao fato de que em volta deste templo estavam concentrados os comércios, a prefeitura, pontos de ônibus, dentre outros lugares que favoreciam o fluxo de clientes para a zona de prostituição. No entanto, apesar do profano se encontrar tão próximo ao sagrado, as moças de família e as senhoras casadas jamais poderiam frequentar ou ao menos passar por esta zona. Este era um espaço dedicado aos homens, que além de satisfazerem seus desejos sexuais ainda aproveitavam o ambiente para conversarem sobre negócios. Para o desenvolvimento do trabalho, foram utilizados documentos oficiais que, associados aos jornais da época e fonte oral dos que vivenciaram o período, possibilitou o entendimento das vivências na sua multiplicidade, com suas muitas realidades, nas quais tentou-se mergulhar através das sensibilidades dos campo-maiorenses que deixaram rastros de seus cotidianos nestes meretrícios que compõe este espaço citadino. Constatou-se que o sagrado e o profano mantinham uma relação de proximidade física, uma vez que se encontravam no mesmo ambiente, o centro da cidade. Além disso, que ocasionalmente os espaços imbricavam-se.

Nathália Sanglard de Almeida Nogueira (UFF)

Um peregrino na floresta: a viagem como experiência para a escrita dos ensaios amazônicos de Euclides da Cunha

Este trabalho visa a refletir sobre a viagem realizada por Euclides da Cunha à região amazônica como ponto de partida para a elaboração dos ensaios que integram a primeira parte de *À margem da história*, publicado em 1909, pouco depois da morte do autor. Nomeado chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, Euclides embarcou de Belém para Manaus, em dezembro de 1904, retornando em outubro de 1905. Esta experiência lhe permitiu coletar informações para historiar a natureza, os costumes das gentes e as lutas dos seringueiros naquelas porções de terra.

Há nestes ensaios a marca do testemunho, uma vez que Euclides forneceu ao leitor os indícios de sua presença na selva amazônica, por empregar verbos na primeira pessoa e se identificar com o observador em trânsito. Este recurso pode ter sido veiculado a fim de garantir a veracidade do que se narra, a qual decorreria do exercício da visão, da vivência em campo. Assim, o autor conferia primazia à observação e mobilizava uma retórica da sinceridade, de modo a assegurar a legitimidade e a autoridade de seu texto. Além de seu fidedigno testemunho ocular, Euclides arrogava para si o mérito de conhecer a leitura de viajantes do século XIX, como Carl von Martius e Alexander von Humboldt. Por vezes, retificava as impressões dos viandantes, inclusive as científicas, forjando-se não apenas como um sujeito que havia visto, mas que sabia ver melhor.

Este exercício de olhar a selva confrontou-se com as expectativas prévias, oriundas da poeira dos arquivos, de suas consultas a manuais, tratados e relatos de viajantes. Portanto, Euclides trouxe impressões reconfiguradas, idealizações em ruínas e um ímpeto revigorado de escrever sobre a Amazônia e os sentidos de encantamento e frustração que aquela travessia havia lhe proporcionado.

É sobre a importância do deslocamento das bordas da civilização em busca do incógnito da floresta para a escrita dos ensaios amazônicos de Euclides que este estudo pretende se debruçar. O autor, que atribuía a si o epíteto de peregrino em suas correspondências, lançou-se ao que identificava como um abismo geográfico, para trazer ao conhecimento do centro, o que existia à margem da história da nação.

Nayara Elisa de Moraes Aguiar (UFPR)

Debatendo o “mal necessário”: os discursos científicos acerca da prostituição e sua influência sobre a prática policial na cidade de Curitiba (1928-1937)

Em abril de 1929, meses após a criação da Delegacia de Costumes da cidade de Curitiba, a Polícia Civil do Paraná iniciava o processo de identificação das meretrizes que atuavam no centro da cidade. Este processo ocorreu através do preenchimento de prontuários, levado a cabo pelo Gabinete de Identificação e Estatísticas, que reunia determinadas informações físicas e sociais das mulheres identificadas. Do arquivo formado por estes prontuários, 914 documentos foram preservados e são objeto de análise da pesquisa de mestrado “Um incômodo moral: o meretrício e os seus meios de controle em Curitiba (1929-1937)” desenvolvida atualmente no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

A configuração de tal prática por parte da Polícia Civil do Paraná tem relação direta com a criação da Delegacia de Costumes no ano de 1928. No primeiro relatório do Delegado Francisco Raitani ao chefe de polícia, elaborado ao final do ano de 1928, o lenocínio e a prostituição figuravam como um dos principais temas. No relatório, Raitani condena o lenocínio, apresenta um breve debate sobre a regulamentação da prostituição e as exigências da imprensa curitibana em relação a localização do meretrício. Ao apresentar estas questões ao seu superior, o delegado demonstra certo conhecimento relativo aos debates jurídicos e médicos envolvendo a questão da prostituição. Cita as opiniões de criminalistas como Evaristo de Moraes, o psiquiatra Auguste Henri-Forel, o educador Abraham Flexner, além de mencionar sua intenção em alinhar suas ações com as discussões desenvolvidas na Conferência Judiciária Policial do ano de 1917.

Diante de tais citações, fica evidente a necessidade de pensar como as práticas policiais no contexto da Curitiba do início do século XX, são informadas por debates nos âmbitos jurídico e médico. Para tanto, pretende-se estabelecer uma análise a partir dos autores citados nos relatórios de polícia até as discussões mais amplas sobre a regulamentação da prostituição que mobilizaram tanto estudiosos brasileiros quanto europeus. Busca-se compreender de que forma as ciências médica e jurídica fundamentavam a aplicação de métodos de controle e vigilância por parte da polícia considerando o exercício da prostituição uma ameaça à saúde pública e a moralidade, ao mesmo tempo em que, atribuíam-lhe uma função no corpo social, nomeando-a de mal necessário.

Neemias Oliveira da Silva (PUC/SP)

A Arte da Guerra nas séries Roma e Spartacus: uma análise a partir das obras Estratagemas de Polieno e Sexto Julio Frontino

Este trabalho tem como objetivo propor a análise das séries Roma e Spartacus com base nos manuais militares de Polieno e Sexto Julio Frontino nas obras Estratagemas escrita entre os séculos I e II d.C, tendo como contexto o principado romano. Neste sentido, a expansão do mundo romano e as estratégias de conquista militar apresentadas nos manuais evocam em suas narrativas um vocabulário específico, carregado de significados, tais como a virtude (virtus), o comedito (commetio), a justiça (iustitia), a determinação (constantia) e a disciplina (discipulus). Por meio deste vocabulário buscaremos compreender a legitimação do poder imperial frente às batalhas, o poder do imperador representado no poder militar, a dignitas, o poder de comando, potestas e a auctoritas, a arte de dominar e de ser obedecido. A busca da tradição militar, dos mores maiorum, costume dos ancestrais representava o espaço militar, da ordem e da hierarquia. Assim, de que forma a guerra apontada nos manuais militares é adaptada para o cinema? Como ocorre o processo de transposição? De que forma a legitimação do poder imperial é visto nos textos literários (manuais de guerra) e narrativa cinematográfica? A metodologia para analisarmos as produções fílmicas e os manuais militares pauta-se no diálogo entre a literatura, a história e o cinema. Assim, para compor este quadro da representação política militar romana tomamos como base obras de autores contemporâneos e classicistas, bem como referenciais da obra Estratagemas e sua representação midiática nas séries Roma e Spartacus.

Neide Ana Pereira Ramos (UNIRIO)

Reunindo elementos teóricos que possam contribuir para a realização desse artigo, nosso objetivo consiste então, em realizar uma discussão em torno das críticas nietzscheanas referente à educação na modernidade, enfatizando os aspectos de técnicos e burocráticos das instituições escolares alemãs do período novecentista. A partir de tais pressupostos é possível levantar os aspectos da moral imbricadas no pensamento visceral da filosofia nietzscheana com efeitos, repercussões e desdobramentos sentidos na educação contemporânea. De um modo geral, as instituições de ensino sofrem do excesso do burocratismo ao invés de formar homens com espíritos livres que eternizassem a celebração da vida. O filósofo alemão, sonhava com um ideal de educação tal como era na Grécia Antiga, uma educação ancorada nas experiências da vida. Também nos parece importante observar os problemas que foram fortemente combatidos por Nietzsche na educação alemã, tais como: o Alargamento da cultura; Perigo da especialização; Universalização da cultura e Reduccionismo cultural. Todos estes assuntos vieses tem origem a um mesmo problema que assola o sistema educacional moderno e que Nietzsche combate de maneira intensa e visceral: a desvalorização do saber autotélico, isto é, a desvalorização de um saber cujo fim esteja em si mesmo, no prazer da inquirição, na busca do conhecimento. Outro ponto relevante, destacado pelo filósofo, refere-se o excesso de historicização e erudição que colocariam o homem a serviço de uma ciência, de um produção mercantil e de um Estado capitaneado pelo capitalismo exacerbado. Para tanto, Nietzsche sinalizou a importância dos "homens superiores" na educação dos indivíduos. As críticas de Nietzsche não se restringiram só a apontar um futuro mais promissor para as instituições de ensino, a partir de uma espécie de revolução dos métodos pedagógicos que teria como objetivo final não só o homem corrente, mas o homem livre e criativo, figura essencial para a construção de uma cultura autêntica e verdadeira. Entretanto, Nietzsche, sempre enxergando para além do seu próprio tempo, postula uma educação pra a criação, uma educação para a superação e afirmação da vida. Contrariamente a esses valores, o que Nietzsche propôs-se a fazer de maneira magistral foi incutir no homem a certeza de uma busca permanente da verdade, a qual rejeita qualquer tentativa de imposição de limites arbitrários à autonomia, à reflexão, à criação que a que embasa e fundamenta o verdadeiro conhecimento.

Neide Jallageas (USP)

Andrei Rublióv (o filme), ou Tarkóvski lendo a Rússia do Século XX

O estudo parte da hipótese de que o cineasta russo Andrei Tarkóvski mergulhou na história russa para realizar o filme *Andrei Rublióv (Strasti pa Andrieiu, 1966)* como método investigativo que instrumentalizasse a compreensão da cultura de seu próprio tempo, meados do Século XX. O cineasta lançou mão da visão moderna do historiador da arte, matemático e teólogo russo, Pável Floriênski, sobre espaço e tempo nas artes, para problematizar, através da saga de Rublióv, no Século XV, a herança cultural russa do período soviético. O ícone que o monge-pintor legou à humanidade, a *Trindade*, é trazido em nossos estudos como "símbolo universal", conceito que se encontra esmiuçado nos escritos de Floriênski, bem como nos escritos de Tarkóvski e nossa proposta é discutir a pertinência e a validade deste conceito (de "símbolo universal") como elemento transiente de uma semiótica (antecipada por Floriênski e interpretada

por Boris Uspenski, da qual Tarkóvski lançou mão) no arco da cultura russa que compreende quinhentos anos: a partir do monge e pintor de ícones Andrei Rublióv, no Século XV, passando pelo teórico da arte Pável Floriênski, no início do Século XX, até alcançar o cineasta Andrei Tarkóvski, na segunda metade do Século XX. Enquanto conceitos fundamentais de nossa pesquisa sobre a história da cultura russa destacamos o de perspectiva inversa e o de tempo inverso, ambos discutidos nos textos de Floriênski e encontrados na cinematografia de Tarkóvski.

Neli Maria Teleginski (UFPR)

Comida polonesa do centro-sul do Paraná: emblemas, tradições, maneiras

Entre 1890 e 1914 a região centro-sul paranaense passou por mudanças recebendo levas de imigrantes europeus, simultaneamente à construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande Railway que, com outras ferrovias, uniram essa região ao porto de Paranaguá, a Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Essa facilidade de transporte motivou a instalação de núcleos coloniais no período conhecido como "grande imigração" ou "febre brasileira", no qual milhares de imigrantes poloneses e ucranianos chegaram no Brasil, especialmente no Paraná. Identificados como "polacos" ou "poloneses", esse grupo étnico apresentava peculiaridades histórico-culturais de suas regiões de origem, muitas delas reelaboradas na sociedade que o acolheu, como ocorreu com a cultura alimentar. Se uma parte dos saberes culinários desses imigrantes sofreu poucas alterações no contato com a sociedade paranaense, outra parte passou por adaptações, recriações, incorporações, trocas e invenções. As práticas e memórias desse conhecimento culinário constituem para os descendentes de poloneses importante elo com o passado imigratório e com os vestígios de seus antepassados na região. Certos pratos da culinária polonesa se difundiram em diferentes grupos sociais sendo incorporados aos hábitos alimentares de parte dos paranaenses. Um exemplo claro é o pierogi. Um prato emblemático na Polônia atual, mas que também é emblemático nas áreas de imigração polonesa representando um forte símbolo de identidade étnica e regional, explorado pelas iniciativas turísticas e culturais. Partindo dessa trama, esta comunicação tem por objetivo debater aspectos das práticas culinárias tradicionais e memórias alimentares identificadas entre descendentes de imigrantes poloneses em áreas rurais e urbanas dos municípios de Irati, Mallet e Prudentópolis. Utilizamos a metodologia da história oral e dialogamos com recentes pesquisas em história e cultura da alimentação para tratar das experiências culinárias e a difusão de saberes e sensibilidades alimentares entre os descendentes. Para tanto, consideramos a memória alimentar, a memória das práticas culinárias dos tempos da imigração e as receitas amiúde lembradas na construção de identidades sociais e étnicas. Assumindo o alimento enquanto categoria de análise histórica, esperamos contribuir para o estudo da história e cultura alimentar dos imigrantes poloneses e seus descendentes e da alimentação no Brasil.

Nelly de Freitas (PUC/SP)

Escrever para manter os laços: as correspondências dos imigrantes madeirenses em São Paulo

Como já apontado pela historiografia, entre os milhões de Europeus que atravessaram o Atlântico no contexto das migrações de massa de meados do século XIX até os anos 1930, quase dois milhões eram portugueses. Dentro desse universo, apesar de suas relativas dimensões e população, o arquipélago da Madeira representou, juntamente com o dos Açores, grande parte da diáspora portuguesa em termos comparativos. Sobre esse grupo, a socióloga portuguesa Maria Beatriz Rocha-Trindade enfatiza já há longo tempo a necessidade – para estudar os movimentos migratórios – de considerar, além dos fatores históricos, geográficos, demográficos ou econômicos, « os fatores sociais e culturais que os determinam ». Considerado esse contexto histórico e historiográfico, em um primeiro momento, quando de nossas pesquisas de doutorado, privilegiamos uma abordagem quantitativa e elaboramos uma base de dados com cerca de quatorze mil indivíduos a fim de conhecer o número e o perfil socioeconômico dos emigrantes provenientes do arquipélago da Madeira que rumaram para o Estado de São Paulo em finais do século XIX. Em um segundo momento, nas pesquisas pós-doutorais, a fim de recompor as trajetórias individuais e alcançar uma análise qualitativa do referido fluxo, decidimos recorrer às cartas e correspondências trocadas entre os imigrantes madeirenses e a terra de partida. Tais documentos foram encontrados no acervo do Memorial do Imigrante de São Paulo e no Arquivo Regional da Madeira. A formação desse corpo de fontes nos tem permitido revelar um universo mais íntimo e privado das famílias e do cotidiano dos madeirenses no Estado de São Paulo. Considerando esses últimos estudos, a presente proposta de comunicação ambiciona apresentar de forma crítica as referidas fontes epistolares, revelando os métodos de trabalho, seus potenciais e limitações como fonte histórica. Apoiando-nos nas cartas já analisadas, pretendemos demonstrar como a utilização desse “arquivo único da escrita das pessoas ordinárias”, como ensina David Gerber, permite aos pesquisadores representar a experiência migratória dos madeirenses através de uma perspectiva familiar. Mais precisamente, baseando-nos nos ensinamentos de William Thomas e Florian Znaniecki, que preconizaram estudar a organização social e cultural dos imigrantes, nosso objetivo será de examinar, através das correspondências familiares, as trajetórias de imigrantes madeirenses e seus esforços para reorganizar suas vidas no Estado de São Paulo, mas também para manter laços com a terra de partida. Finalmente, buscaremos ressaltar como a questão do gênero (sendo as cartas majoritariamente de autoria masculina) influencia as reflexões sobre tal corpo de fontes.

Nincia Cecilia Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO)

Gênero em revista: ilustrando masculinidades

A arte visual desempenha importante papel nos processos de elaboração de valores sociais e interações simbólicas, afetivas e morais. Ela expressa e traduz formas de pensamento, sentimentos e valores coletivos e uma determinada época e em um determinado local. Tal conhecimento, construído por meio de mediações sociais (linguagem), atuando na base da nossa percepção sobre o mundo: ao orientar, por meio das representações, nossa percepção sobre os objetos e sobre o outro. A representação é uma prática, é a produção de significados através da linguagem (de signos e códigos convencionados socialmente). Ou seja, as coisas em si não têm significado, são as pessoas que imprimem significado às coisas, dependendo do contexto. É por meio do uso que fazemos das coisas e o que dizemos, pensamos e sentimos (como os representamos) que

damos significado. A cultura envolve todas as práticas que não estão programadas geneticamente ou biologicamente em nós, mas que nos transmitem valores, que precisam ser interpretados significativamente pelos outros, ou que dependem do significado para seu efetivo funcionamento. A pesquisa busca analisar as masculinidades geradas a partir de ilustrações de revistas paranaenses no início do século XX. A questão da representação do masculino emergiu com força nos estudos de gênero no Brasil na última década dos anos 1980. Um dos principais enfoques sobre o estudo das masculinidades é compreensão de como ocorre a construção, produção e reprodução das masculinidades, levando em consideração o fator cultural. Lígia Amâncio (1994) registra que “masculinidade e feminilidade constituem formas de pensar, dizer e fazer, socialmente construídas em diversos planos da vida em sociedade, incluindo o das relações entre homens, entre mulheres e entre homens e mulheres.” (1994, p. 10). Os estudos sobre a masculinidade enquanto construto social surgiram com especial força nos Estados Unidos, Inglaterra e Austrália. O que vemos como sujeito masculino é resultado de um processo histórico e social que determinou características de representação de cada um dos gêneros. Inicialmente vista como a diferenciação entre os sexos (biológico: macho/fêmea) e, portanto, fixa e imutável, a questão de gênero passou a considerar a construção cultural em torno dos papéis adequados aos homens e às mulheres, em dada sociedade e época.

Norma Sueli Semião Freitas (UFC)

“Que seria uma alma sem corpo?”

A migração de trabalhadores da região nordeste do Brasil, sobretudo do Ceará, para a Amazônia, ainda é um processo de nossa recente história social a ser mais bem compreendido em toda sua complexidade e densidade de implicações socioculturais. Uma boa abertura para perscrutar esse recrutamento de mão-de-obra para o Norte é tentar delinear, no contexto, as relações estabelecidas entre os binômios, Igreja Católica e Estado, poder espiritual e poder temporal, a fim de compreender em que medida tal articulação cumpriu papel de levantar homens - “soldados da pátria” e “de Cristo” - para o combate/trabalho numa nova frente que se abria no Brasil, naquele momento, o *front* da borracha. Nessa ação, o governo federal criou vários órgãos, dentre eles o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), o qual passou a utilizar a propaganda como o principal mecanismo de mobilização dos flagelados e de adesão da opinião pública, utilizando intensamente um conjunto de imagens, textos, legislação (contrato de trabalho). Dessa forma, o SEMTA foi estruturado em moldes para atender a diversos interesses “construtores” do discurso nacionalista do Estado Novo, como a crença na saúde, na higienização de corpos e espíritos, na instrução, no povoamento dos “espaços vazios”, créditos tais que dotariam o país de soberania, ao mesmo tempo em que consistia em um sistema para dar assistência às famílias, seleção dos trabalhadores, exames médicos, alimentação, assistência religiosa, alimentação, transporte, vestuário e adiantamentos. Logo, busca-se perceber essa aliança entre Estado Novo e Igreja, na qual foi institucionalizada uma política própria dessa articulação, uma política da crença, uma operação sobre a fé e o imaginário social dos católicos mobilizados, cultivando esperanças, acerca de destinos melhores, no qual indivíduos pobres e desvalidos de toda sorte poderiam projetar imagens de um lugar quase messianicamente esperado, desejado com fé, como uma “terra santa”, “terra de esperança”. E, aqui, discute-se todo o ideal de trabalhador que a

ideologia estadonovista elaborou, articulando elementos da eugenia, da medicina social, da medicina da força de trabalho, da saúde do corpo e da alma, da educação física, dentre outras, voltada para a constituição de corpos – individuais e sociais – higienizados, disciplinados, que fossem condizentes com o regime que vigorava, capazes de defender a pátria quer pela demonstração de força militar, quer pelo trabalho (nos seringais).

Odomiro Barreiro Fonseca Filho (USP)

“A Questão Feminina”, uma bandeira do Niilismo Russo e suas reverberações literárias

A discussão sobre os direitos de emancipação da mulher na sociedade russa começou no final da década de 1850, à baila de um movimento questionador e ativo; conhecido popularmente pelo nome de Niilismo Russo. A “Questão Feminina” pairava, basicamente, no direito das mulheres em frequentarem o ensino superior, de possuírem uma educação igualitária e de terem mais liberdade sexual (o direito de se separar do conjugue). Uma luta que começou como caridade de mulheres nobres e ganhou contornos políticos à medida que os pensadores “niilistas” gozavam de mais respaldo entre os jovens intelectualizados.

A “Questão Feminina” ganhou espaço nas revistas grossas e logo estava nas páginas das novelas e romances. Em “Pais e Filhos” (1862), o escritor Ivan Turguêniev já traça um suave perfil dessas novas mulheres, mas em “Que Fazer?” (1863), romance de Nikolai Chernichévski, a personagem Vera Pavlovna rompe com a tradição de submissão feminina e enfrenta a ordem vigente tornando-se a primeira “revolucionária” da literatura russa. A partir dos romances de Turguêniev e Chernichévski, todos os escritores russos da década de 1860 se posicionaram sobre o tema com as mais diversas interpretações.

Nosso trabalho tentará focar nesse momento histórico (final dos anos 1850 e início dos anos 1860) em que jornalismo e literatura, liberdade e servidão, ordem e iconoclastia disputarão espaço para a discussão de uma nova perspectiva para a sociedade russa – onde a mulher se inclui de forma decisiva.

Olivania Maria Lima Rocha (UFPI)

Rychelly Lopes dos Santos (UFPI)

Crítica da separação – linguagem cinematografia e reapropriações

O diálogo entre as teorias históricas, filosóficas, sociológicas e cinema contemporâneo é bastante profícuo, pois demonstram as preocupações que a sociedade e os indivíduos têm nesses tempos de mudanças. Nossos objetivos são, através da linguagem cinematográfica voltada para a hermenêutica do cotidiano, compreender como se dá a reinvenção da sociedade, discutir a (re)apropriação dos signos (significante /significado) presentes na obra, verificar se o filme pode ser classificado como anti-filme dissociado do seu autor. Nosso objeto de estudo escolhido foi o filme Crítica da Separação de Guy Debord. Esse trabalho tem como letimov porque o filme Crítica da Separação se apropria de alguns signos e outros não para representar a sociedade? Para compreender essa indagação utilizamos de Andrew (2002), Baudrillard (1991), Benjamim (1994), Benveniste (2006), Brunel (2004), Eco (2000), Jauss (1994), Martin (1963), Sontag

(1987). Temos a (in)conclusão que um olhar despreocupado de um espectador pode não perceber os jogos sógnicos e simulações que (re)criam tradições modernas.

Olivia Candeia Lima Rocha (UFPI)

1964: a autobiografia de Iracema dos Santos Rocha e a repressão militar em Teresina-PI

Propõe-se discutir a produção memorialista de Iracema dos Santos Rocha, integrante do Partido Trabalhista Brasileiro-PTB, em Teresina-PI, considerando o impacto do Golpe de 1964 em sua trajetória de vida. Para a realização desta análise será utilizado a obra *Minha vida: 50 anos de lutas e amor 1947/1997*, e bibliografia sobre os acontecimentos do período no Piauí. Iracema dos Santos Rocha atuava como jornalista e professora, foi a primeira mulher a concorrer à Prefeitura de Teresina, em 1962, contudo sem êxito. Foi demitida dos cargos públicos que ocupava, e sua participação em concursos públicos foi vedada. Segundo Kozelleck (2006), ao analisar relatos sobre determinados acontecimentos, não é o passado que estamos tangenciando, mas a experiência elaborada sobre o vivido. O passado faz-se presente, não apenas como memória, mas também pelos efeitos sociais, políticos e subjetivos que perduram na contemporaneidade.

Olivia da Rocha Robba (USP)

Fala, memória e patrimônio cultural - A relevância da história oral para a realização de um estudo biográfico do cientista Wladimir Lobato Paraense

Este trabalho tem por objetivo chamar a atenção para a importância das entrevistas como fontes orais em estudos biográficos na área de História da Ciência e particularmente na construção de uma biografia do cientista Wladimir Lobato Paraense (1914-2012). O estudo pretende destacar a importância desse personagem em dois aspectos: em relação à criação da coleção museológica de malacologia (moluscos) do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz a partir da segunda metade do século XX e sua relevância para o desenvolvimento e consolidação desse Instituto como uma instituição de referência na pesquisa sobre moluscos planorbídeos (caramujos) e doenças parasitárias tropicais.

A fonte principal utilizada é o depoimento prestado por esse cientista em 1998 à pesquisadoras da Casa de Oswaldo Cruz que faz parte do acervo institucional da Fiocruz. As fontes orais, bem como aquelas oriundas dos arquivos pessoais e institucionais, preservam uma parte importante não só da memória da ciência no país, mas também da história do IOC. Pretendemos, ainda, enfatizar aspectos que resultaram na formação da coleção de moluscos e sua relação com a pesquisa científica desenvolvida dentro deste Instituto ao longo do século XX.

Olivia Macedo Miranda Cormineiro (UFU/UFT)

TENSÃO CULTURAL, GÊNERO E EXPERIÊNCIA TRÁGICA NA OBRA VIAGEM CIENTÍFICA: pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás

Em viagem a serviço do Instituto de Manguinhos, os médicos Artur Neiva e Belisário Pena visitaram alguns estados nordestinos e o Estado de Goiás a fim de realizar pesquisas de “medicina, higiene e história natural”, estudos estes requisitados pela Inspetoria de Obras Contra a Seca. As anotações e diários desses médicos não se resumiram a atuar na sua especialidade, realizando os mesmos um inventário social e cultural das regiões percorridas e, sobretudo, de Goiás. A linguagem constitutiva da narrativa oscila entre o vocabulário científico e um vocabulário sociológico que se desdobra em construções semânticas que vão desde o folclore e os costumes até moral e valores. Mas a que se notar que Neiva e Pena também reforçam sua linguagem transpondo para sua narrativa elementos de uma poética, no sentido dado por Aristóteles de “uma construção narrativa necessária à excelência e à beleza da criação poética”. Trata-se da leitura do mundo sertanejo dada por Neiva e Pena que significa o Sertão como uma tragédia e, nesse sentido, estabelece algumas relações estéticas e sociais. Nosso objetivo nessa apresentação é justamente problematizar a presença do elemento trágico como estilo e forma e sua circulação em meio ao vácuo sociocultural construído nas narrativas dos médicos que enunciam o esvaziamento da experiência trágica e/ou da ação trágica como explica Raymond Williams.

Orna Messer Levin (UNICAMP)

O teatro nos folhetins da imprensa fluminense: reações e apropriações da opereta francesa

Sem resultar de atividade crítica especializada, os folhetins teatrais registram, de início, reflexões e pensamentos de homens de letras e diletantes frente aos estímulos provocados pela cena. São, portanto, respostas intelectuais e emocionais aos efeitos produzidos pelo repertório ou pelas montagens. Tais reações ganham expressão nas colunas dos folhetins semanais e se misturam às informações sobre as peças em cartaz ou sobre o desempenho e a vida dos artistas, colhidas, na maioria das vezes, na leitura de periódicos estrangeiros. As características híbridas dos folhetins teatrais, onde se misturam assuntos de arte e assuntos da vida social, bem como as particularidades de sua conformação estilística, quando comparada a outras sessões dos jornais, serão objeto de atenção deste trabalho.

Nessa comunicação se pretende acompanhar as crônicas teatrais, apontando aspectos relacionados à internacionalização dos espetáculos e dos impressos, que motivou formas novas de apreensão da cena e produziu expectativas a respeito do universo artístico. O impacto da mundialização das referências culturais resultante das investidas empresariais em torno das operetas francesas será assinalado tendo em vista o caráter opinativo dos folhetins, nos quais os padrões judicativos se disseminam ainda que o gênero brasileiro não tenha correspondência direta com os textos de crítica publicados na imprensa europeia, nos quais eventualmente se apoiam.

Oscar José de Paula Neto (UERJ)

A dissintonia entre críticos de cinema e a chanchada: a negação de um gênero e a tentativa da criação de uma cultura cinematográfica na década de 1950

A presente apresentação trata de como a relação dos críticos cinematográficos com as chanchadas foi calcada na tentativa de construção do próprio pensar e fazer cinema no Brasil. O gênero foi renegado pelos críticos embora tivesse sido a responsável por manter a indústria cinematográfica brasileira em funcionamento durante anos. A negação do cinema feito no Brasil pelo cinema que deveria ser feito, segundo o critério dos críticos de cinema, era baseada na dissintonia da visão de mundo dos críticos com a realidade do cinema brasileiro. Ainda, o gosto estético do público era menosprezado ou entendido como algo vulgar e indigno de atenção. A maioria dos críticos acreditava na função didática de seus escritos e desse modo no ensinamento do bom gosto e da apreciação de filmes conforme seus próprios parâmetros para uma massa sem cultura e analfabeta.

Em contrapartida, durante a década de 1950, o gênero da chanchada alcançou o seu melhor momento: tanto por parte da associação com Luiz Severiano Ribeiro, que garantia a exibição, assim como pela renovação de sua própria forma, que deixava cada vez mais de lado a sua dependência dos temas carnavalescos e do sucesso dos artistas de rádio. Assim, na negação da experiência cinematográfica tida até aquele momento, os críticos desvinculavam a história do cinema brasileiro da história do cinema mundial por este não se encontrar afinado com o gosto do campo a qual detinham. Ao direcionar nossa atenção para os escritos dos críticos, colocamos em pauta a construção do próprio campo da crítica cinematográfica no Brasil e o modo como o discurso sobre filmes e gêneros foram difundidos e apropriados pela história.

O trabalho se baseia nos postulados do historiador francês Antoine de Baecque e portanto pensamos que o filme depende de uma série de produtos e produtores, ações e espaços que existem em função e através dele, tais como os livros, as revistas, as cinematecas, os cineclubes, o público, a crítica. Esta última determina o sucesso, o fracasso, a importância e o espaço a qual o filme vai ocupar e ser compreendido na sociedade e na história.

Pâmela Cervelin Grassi (UDESC)

Tudo que ela “expoz” na carta é ela que sente: as relações amorosas nos recônditos femininos entre 1946 e 1952 em Caxias do Sul

O título do trabalho faz referência aos escritos de uma jovem apaixonada, que elege a carta como espaço privilegiado para declarar seu amor a um rapaz, pois “*como ela não pôde dizer-te pessoalmente, escreveu, o que é muita mas fácil*”. Procura-se analisar o significado dos elementos afetivos e amorosos presentes nas correspondências da jovem, que contribuíram na cristalização do imaginário da instituição do casamento como sendo a realização da apoteose romântica. O conjunto epistolar integra o acervo pessoal de uma jovem pertencente à elite empresarial da cidade de Caxias do Sul, RS, produzidos entre 1946 e 1952. As correspondências foram trocadas com suas relações mais próximas como amigas e irmãs e, principalmente, com o objeto de seu afeto, revelando as redes de sociabilidades e traços da experiência de namoro e noivado, bem como

apontam para a representação de amor romântico vigente na época e também sobre as práticas afetivas e amorosas. O ato de escrever cartas é uma prática da cultura escrita, onde os sujeitos expressam seus modos singulares de viver, seus sentimentos e suas idealizações de vida que interagem com as representações do mundo socialmente construídas. Geralmente produzidos em locais isolados, revelam práticas onde o íntimo pessoal foi desnudado em palavras. As fontes são compreendidas no âmbito das *escritas ordinárias* e, além de guardarem uma memória pessoal na forma de escrita, podem corresponder a uma memória material do indivíduo em seu tempo, e dizem respeito a momentos e experiências pessoais, que foram guardados com afeto.

Patrícia Aparecida Guimarães de Souza (USP)

Retratos femininos nas missivas de um poeta: as mulheres nas cartas de Álvares de Azevedo

Nesta comunicação pretendo analisar a correspondência ativa de Álvares de Azevedo (1831-1852), no que tange as representações femininas. Ela faz parte de um projeto mais amplo, em nível de Mestrado, no qual analiso a obra do autor, defendendo, diferentemente de algumas perspectivas, que sua visão sobre as mulheres não se limitou às imagens estereotipadas e dicotômicas das “virgens intocáveis”, de um lado, e das “prostitutas”, de outro. Em grande parte da obra do autor é possível identificar sua pretensão de representar a mulher como um sujeito, capaz de tomar decisões, inclusive em relação ao seu próprio corpo.

Temos acesso a um corpo de 71 cartas e bilhetes, escritos entre 1840 e 1851; contudo, não conhecemos a correspondência passiva. A maior parte das cartas foi enviada a sua mãe. Eram primeiramente bilhetes infantis - cabendo ressaltar que a escrita epistolar fazia parte da formação educacional no século XIX. Mais tarde, já morando em São Paulo, escreveu à mãe cartas nas quais contou sobre o seu cotidiano, as novidades, fez reclamações da cidade, compartilhou suas aflições, mostrou trechos de poesias, pediu notícias da família e mandou recados à irmã. É notória a expectativa do poeta de obter a aprovação da mãe, e o fato de dirigir-se de maneira prioritária a ela. Em relação às cartas enviadas ao seu pai, conhecemos apenas duas: uma sobre seu aniversário de 18 anos e outra com temática política. Também contamos com 8 cartas ao amigo Luís Antônio da Silva Nunes, que são as mais longas. Nelas faz descrições da cidade de São Paulo, discorre sobre literatura, sobre seus sentimentos de solidão, melancolia, saudades do amigo e sobre as mulheres que conhecia, evidenciando suas projeções sobre como “deveria ser” a mulher que receberia seu amor e as que não o mereceriam.

Como parte da escrita de si, as cartas têm por característica entrelaçar elementos reais com expectativas e fantasias do autor. Assim, procuro nelas pistas não só sobre como o autor entendeu as mulheres, mas também a respeito das mulheres que compunham o seu círculo cultural e social.

Patrícia Carla Mucelin (UFSC)

Corpos sensuais: uma análise dos anúncios de Lycra nas Revistas Nova Cosmopolitan e Playboy de 1978

Este artigo propõe fazer a análise de dois anúncios publicitários, a partir da pesquisa que realizamos na elaboração de nossa dissertação, que teve como proposta analisar os discursos produzidos pelas revistas Nova Cosmopolitan e Playboy sobre os comportamentos masculinos e femininos na década de 1970, e como tentavam determinar normas acerca das identidades de homens e mulheres. Analisamos os anúncios concernentes à campanha da marca Lycra, apresentando roupas de banho para homens, no caso da revista Playboy e para mulheres na Nova Cosmopolitan, que se encontram na edição 63 da revista Nova Cosmopolitan, de dezembro de 1978 e na edição número 40 da Playboy de novembro de 1978. Através da perspectiva de gênero de Scott, para quem “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder [...]” (SCOTT, 1995, p. 86), procuramos perceber como esses anúncios construíram discursos que conferiam significados às práticas de homens e mulheres. Para compreendermos os significados envolvidos nos sistemas de representação dos anúncios, através de Chartier, tomamos a representação como um processo cultural que estabelece identidades individuais e coletivas, baseando-se em sistemas simbólicos. Os anúncios publicitários de Lycra se utilizavam de promessas de aquisição de felicidade e bem estar através da compra dos seus produtos e evidenciavam a sexualidade e a sedução através das imagens fotográficas do corpo masculino e feminino erotizados. A Lycra através de sua campanha lançou anúncios publicitários nas duas revistas com um mês apenas de diferença, e, mesmo assim, seus discursos apresentavam grandes diferenças entre sua publicação em uma revista masculina e outra feminina. Em ambas os anúncios havia uma recorrência em relação à promessa de beleza e sensualidade para mulheres e homens como a principal maneira de atrair e conquistar o sexo oposto. Na Nova Cosmopolitan, a padronização do corpo feminino através do anúncio prometia atrair os homens e satisfazer os interesses sexuais dos parceiros das consumidoras, afinal elas deviam embelezar-se para eles, enquanto na Playboy, a sedução implícita no anúncio residia na promessa de status, bom gosto e refinamento, ostentações que ajudariam aos homens atrair e conquistar as mulheres.

Patricia Ferreira Moreno (UFJF)

Galeria Miguel Rio Branco: um encontro de linguagens

A galeria Miguel Rio Branco situada no Instituto de Arte INHOTIM - MG reúne obras do artista a partir de 1979, tais obras foram realizadas em suportes diversos como vídeos, filmes, audiovisual e fotografia. O presente trabalho pretende analisar como esse espaço expositivo apresenta essas imagens e como se deu o processo de musealização das mesmas. Nossa abordagem está centrada na pesquisa sobre a alteração na relação obra/musealização/espacos expositivos, tripé que, ao combater a tradicional passividade do olhar meramente observador, torna-se parte protagonista de um estágio, adequando às demandas do público em um momento cujos limites da arte não poderiam mais ser construídos de forma exógena. Consideramos que, atualmente, museus e galerias, imbuídos de um formato que vem se tornando usual nas exposições de Arte Contemporânea, constroem espaços expositivos que buscam desvelar o conteúdo das obras em um ambiente entendido como propício à fruição. Dessa forma, pretendemos investigar, utilizando a galeria Miguel Rio Branco como exemplo, como o museu contemporâneo vem “Musealizando temporalidades” e criando ambientes museológicos

diferenciados, cujo caráter se inspira, algumas vezes na linguagem cinematográfica, proporcionando a criação de um *museu-cinema*, com imbricações específicas e de caráter contraditório, heterodoxo e cheio de nuances a serem investigadas.

Patrícia Helena Soares Fonseca (FAAP)

O Supermercado Chanel: discussões sobre moda, arte e consumo

A partir de dois desfiles da Casa Chanel, o texto a ser apresentado traça um pequeno histórico das relações contemporâneas entre os mercados de arte e de moda. Procura também investigar como as parcerias entre arte e moda hoje se pautam em questões sobre consumo, mais do que sobre simbioses de metodologias criativas. Nas relações contemporâneas entre moda e arte, esses campos partilham processos que, se até há algum tempo resultavam em renovações de linguagens e estéticas, hoje implicam em estratégias compartilhadas de vendas, exibição e valoração de produtos. O texto busca traçar um pequeno histórico desses rearranjos de relações e suas implicações nos sistemas de moda e de arte contemporâneos.

Patrícia Lucena de Araújo (UFRN)

Manoel Dantas intelectual e educador militante

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da trajetória do personagem norte-rio-grandense, de evidente destaque, trata-se do Seridoense Manoel Gomes de Medeiros Dantas, popularmente conhecido como Manoel Dantas. Personalidade que exerceu importante papel social e intelectual no RN, destacando-se por seus pensamentos e ideias, por suas contribuições intelectuais, políticas e culturais desenvolvidas na província no período do advento da república, momento este que vai de encontro às ideias, aos novos ideais, ao sentimento de mudança instalado com o regime. Dantas adotou o discurso de desenvolvimento e progresso e começou a tentar desenvolvê-lo nas terras potiguares, especialmente na região do Seridó.

Importante ícone da historiografia norte-rio-grandense que merece ser destacado de forma relevante através de um estudo historiográfico. Concentraremos nosso estudo na figura de Manoel Dantas, envolvendo a questão da identidade e da biografia como fontes e instrumentos importantes de memória que são capazes de fazer lembrar, de conservar e eternizar para que jamais seja esquecido. No campo historiográfico está sendo cada vez mais frequente o interesse e retomada no estudo de narrativas que envolvam indivíduos, como também o olhar para um dado indivíduo na perspectiva e preocupação de abarcar, de captar esse sujeito individual e o seu entorno.

De acordo com José D'Assunção Barros a biografia é talvez um gênero que existe há muito tempo e que tem duração quanto à própria História, tendo em vista que, “os homens de todas as épocas sempre foram frequentadores assíduos deste fascinante campo de estudos que poderia ser chamado de História das vidas humanas”. Com base nos conhecimentos do campo historiográfico procuraremos dar visibilidade ao que Benito Schimidt chamou de ‘a recuperação dos sujeitos individuais’ com narrativas e construção do personagem. Traçar a trajetória deste homem público que desperta nosso

interesse dado a sua personalidade, aos seus ideários e legado que deixou marcas inapagáveis na nossa história, as quais foram/são transmitidas para as gerações futuras. Destacou-se através da Política, da Educação, do Direito e do Jornalismo, tornando-se um intelectual de renome e erudição conhecido e discutido a partir das suas ideias em ambientes escolares e acadêmicos.

A partir desse personagem específico poderemos ainda chegar ao entorno e retratar um pouco a sociedade de sua época. Compreender o seu pensamento e opiniões é poder perceber sua importância, sua história e um pouco da própria História do Rio Grande do Norte e particularmente da história do Seridó no período de sua vivência.

Referências bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 6. Ed.. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias...Historiadores e jornalistas: Aproximações e afastamentos. **Estudos históricos**. n.17. 1997.

Patrícia Pizzigatti Klein (UERJ / CEUT)

A construção de novas representações da juventude favelada a partir das políticas públicas: um estudo de caso do “Caminho Melhor Jovem”

Estão estampadas nas mídias e estatísticas que a juventude favelada é um grupo alvo de ações violentas da polícia militar, do descaso e ausência de serviços públicos qualificados de saúde, educação, cultura e lazer, entre outros, e do preconceito e exclusão social.

Facina (2010) diz que passamos por uma política de extermínio de jovens pobres e pretos moradores de favelas e periferias urbanas, no qual passam por discriminações as suas práticas culturais e indenitárias, como gostar de funk, hip-hop, rap ou qualquer outro estilo musical, assumir o cabelo afro e vestir-se da maneira que quiser. Os jovens são percebidos e tratados como possíveis criminosos corroborando para o preconceito a eles (MACHADO DA SILVA e LEITE, 2008). Neste sentido, Fernandes (2013) também percebe duas visões sobre a juventude produzidas por moradores de favela mais velhos: uma que vitimiza-os por suas escolhas, na qual a entrada no tráfico pode ocorrer pela falta de oportunidades “melhores” e outra que culpabiliza-os, assumindo que os jovens da favela estão perdidos e sem perspectivas de outro futuro e por isso entram no tráfico. São conceituações nas quais “deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande” (GOFFMAN, 1988, p. 6).

Por outro lado, projetos sociais e culturais buscam construir outras representações dos jovens favelados. Este trabalho realiza uma análise dos discursos textuais e imagéticos a partir do site, facebook e instagram oficiais do Programa “Caminho Melhor Jovem”, política pública realizada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, com ações em cinco favelas do Rio de Janeiro, na busca de entender como discursos oficiais de projetos representam a juventude favelada.

Referências bibliográficas

FACINA, Adriana. "Eu só quero é ser feliz": quem é a juventude funkeira no Rio de Janeiro. REVISTA EPOS (eletrônica), v. 1, p. 218, 2010.

FERNANDES, R. B. **Vítimas ou autores?** Percepções sobre a juventude e o tráfico em um conjunto de favelas 'pacificadas' no Rio de Janeiro. 2013. (Apresentação de Trabalho/Congresso). 37º Encontro Anual da ANPOC

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio; LEITE, Márcia Pereira. **Violência, crime e polícia**: o que os favelados dizem quando falam desses temas? In MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org.), Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

Patrícia Trindade Trizotti (UNESP/Assis)

O rez-de-chaussée no jornal: notas de pesquisa

Um dos grandes destaques da imprensa dos séculos XIX e XX foi o chamado *rez-de-chaussée*: o rodapé do jornal. Esse basicamente constituía-se num espaço localizado na parte inferior da página dos periódicos, no qual durante muito tempo foi alocada à rubrica "folhetim" e nela se publicava textos de diversos gêneros. A temática variava entre apresentar críticas de peças teatrais, resenhas de livros, informações sobre comércio e agricultura, reprodução de palestras e discursos proferidos na sociedade, poesias, cartas, romances, entre outros. Assim, o objetivo da presente comunicação é realizar um balanço acerca do rodapé do jornal *O Estado de S. Paulo*, destacando a rubrica folhetim, presente desde sua fundação em 1875 até a década de 1940, momento em que o *Estado* descontinuou sua publicação. Pretende-se discutir o conteúdo apresentado pelo matutino nesse espaço, sua ligação com a prática de premiação dos assinantes do jornal e outras questões pertinentes ao tema.

Paula Cabral Tacca (UNICAMP)

A fotografia expandida no Acervo Fotográfico do Museu de Arte Moderna de São Paulo

A presente comunicação visa apresentar e analisar as fotografias 'expandidas' do acervo fotográfico do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP).

Fotografia expandida, contaminada, híbrida ou plástica, dentre outras possibilidades de nomeação, são conceituações desenvolvidas por diferentes autores que refletem e discutem o fotográfico; como Tadeu Chiarelli, Rubens Fernandes Junior, Dominique Baqué, entre outros. Trata-se de um conceito abrangente que absorve todas as possibilidades de uso e interação da fotografia com outros suportes e especificidades da arte.

Consideramos, além dos diálogos com outras linguagens, o apagamento ou dissolução do referente, ou o que poderíamos denominar 'fotografia abstrata', como indício importante para considerar uma obra fotográfica como obra expandida.

O uso da fotografia como veículo por outras formas de arte ganhou força a partir das décadas de 60 e 70, quando os artistas em geral descobriram uma força expressiva do fotográfico para registro e desenvolvimento de seus processos criativos.

Entretanto, desde sempre a fotografia foi expandida e expansionista de qualquer olhar e qualquer intencionalidade expressiva. Ontologicamente o fotográfico se define como carregado de potencialidades poéticas e vieses dialógicos com outras construções artísticas.

Desde aí, e partindo de um acervo de valor inquestionável, como é o do Museu da Arte Moderna de São Paulo, analisou-se como esse tipo de produção, este que ultrapassa questões de excelência técnica e de registro documental, entra e garante seu espaço na instituição museológica, que é a grande e maior legitimadora do que pode e deve ser considerado obra de arte.

Muitos artistas com diferentes tipos de construções expressivas, figuram nessa coleção que se compõe por trabalhos adquiridos, doados pelos artistas ou como parte do clube de colecionadores que o museu propõe. Apresentar-se-á, a partir de suporte teórico específico, essas obras, tanto como algumas exposições temporárias do museu que atestam e legitimam o lugar da fotografia como arte e importante instrumento expressivo de nossa época e de outrora, figurando ao lado de obras que prezam a pureza e excelência da técnica e do registro, legitimadas também artisticamente desde o início da institucionalização da fotografia, em 1940, com a criação do departamento de fotografia do MoMA (Museu de arte Moderna de Nova Iorque), por Bewmont Newhall.

Paula Joelsons (PUC/RS)

Amforp em Porto Alegre (1928 e 1959): multinacional norte-americana de energia elétrica

A American Foreign Power Co. (Amforp) foi uma empresa norte-americana de produção e distribuição de energia elétrica que atuou em Porto Alegre de 1928 a 1959, através da aquisição de duas subsidiárias, a Companhia Energia Elétrica Rio-Grandense (CEERG) e a Companhia Carris Porto Alegrense (Carris). A multinacional chegou no Rio Grande do Sul no contexto em que o estado vivenciava profundas transformações no seu traçado urbano. A energia elétrica, inerente a esse processo, contribuiu para a construção do imaginário moderno da cidade. Ao longo do período analisado, percebe-se que por um lado, a Amforp provocou euforia da modernidade, do progresso e do desenvolvimento, e por outro, frustração frente aos poucos investimentos e as crescentes necessidades. Esta insatisfação termina a levar grande parte da população a apoiar a encampação da empresa pelo governo de Leonel Brizola, em 1959. Como consequência desse episódio, ao longo do tempo, a gestão norte-americana caiu no esquecimento da memória da cidade. A Amforp, apesar de ter administrado o setor elétrico da cidade de Porto Alegre por décadas, não está associada aos locais de memória da eletricidade que permaneceram como patrimônio histórico nos dias de hoje. Assim, o presente trabalho, tem como objetivo recuperar a memória da gestão da empresa norte-americana durante seu período de atuação.

Paulo Fernando de Souza Campos (UNISA)

Cartas para Esther: história, sentimento e escrita epistolar (1910-1919)

O estudo das cartas ou escrita epistolar emerge no campo historiográfico como possibilidade de interpretação de acontecimentos, sujeitos e práticas históricas. Ainda que o interesse dos historiadores pelos sentimentos e afetos seja relativamente recente, como preconiza os estudiosos da área, o presente estudo reitera que essa corrente evoca experiências e percepções que definem identidades e sociabilidades. A presente comunicação é resultado parcial da pesquisa realizada com um conjunto de cartas escritas por Maximiliano Medina àquela que seria sua futura esposa, Esther de Figueiredo. Escritas no intervalo de 1910 a 1919, período no qual se casam e tem seu primeiro filho, as cartas apresentam múltiplas questões de interesse histórico. Contudo, para essa primeira fase do estudo, o objetivo é perceber questões relacionadas à representação da mulher. As cartas, postadas na cidade de São Carlos como resposta às que recebia remetidas da cidade de São Paulo, talvez por se tratar de um Engenheiro Agrônomo a serviço no interior do Estado de São Paulo, apresentam uma linguagem diferente da recorrente às cartas de amor, escritas com frases feitas, emocionadas e apaixonadas, pois as cartas para Esther narram acontecimentos do cotidiano, relações sociais estabelecidas no convívio com familiares e amigos, ambiente de trabalho, doenças, mortes, assim como relações de gênero, implícitas nos ajustes do relacionamento amoroso que levou ao casamento celebrado supostamente em 1916. Nesse sentido, o que se pretende para essa comunicação é i) caracterizar os aspectos teórico-metodológicos que sustentam a presente pesquisa; ii) apresentar o conjunto documental que serve de fonte primária para o estudo em desenvolvimento e iii) esboçar uma versão preliminar das representações da mulher no contexto em que se insere.

Paulo Henrique Rodrigues Melo (UFPE)

Um campo e sua seara: aspectos do campo artístico pernambucano nos anos 1920

A presente comunicação é dedicada a uma breve análise da estrutura do campo artístico pernambucano na segunda década do século XX. Estruturado por relações que passam pelas instâncias de poder, pelas instâncias ideológicas e pelo *habitus* inerente a este campo, fortemente marcado, pela chegada das ideias modernistas, almejamos delinear as bases deste campo, percebendo como as mesmas orientaram as práticas e os posicionamentos dos indivíduos que nele encontravam-se inseridos.

Paulo Marcelo Cambraia da Costa (PUC/SP)

O perigo é essa Capitania ficar sem escravos: fugas de pretos escravos e formação de mocambos entre o Grão-Pará e a Guiana Francesa (1790-1810)

O objetivo desta comunicação é abordar as fugas de pretos escravos e a formação de mocambos na área fronteira entre a capitania do Grão-Pará e a Guiana Francesa, entre os anos de 1790 e 1810.

Em 1798, o governador do Grão-Pará D. Francisco de Souza Coutinho, relatava para seu irmão e secretário de estado da marinha e ultramar, D. Rodrigo de Souza Coutinho,

às preocupações com a ratificação do tratado de paz assinado com o governo francês, que versava sobre os limites fronteiriços da capitania do Grão-Pará com a Guiana Francesa, a região entre os rios Oiapoque e Araguari, e conseqüentemente as defesas necessárias para a proteção do Estado frente à ameaça da movimentação de ingleses e franceses nas fronteiras da Capitania. A essas preocupações, juntava-se a angústia do governador em acompanhar impotente a fuga de negros e índios em direção a mocambos cada vez mais numerosos, se tornarem incontrolláveis, e que sem a cooperação dos Franceses na contenção das fugas e no dismantelo dos mocambos, a ruína para os dois países era fatal.

Para desespero do governador Coutinho, não só as fugas continuavam como os mocambos tinham suporte para bancar a ida de pretos mocambeiros as vilas com a intenção de incentivar e facilitar a fuga de escravos. Os mocambeiros das cercanias da vila de São José Macapá atravessavam fronteiras territoriais e contatavam com cativos nas plantações e construções militares, fugitivos, índios e soldados desertores da Guiana Francesa. Coutinho observava de maneira resignada e perspicaz que os escravos que fugiam para viver nos mocambos, não sobreviviam sem furtar as vilas, os sítios, as povoações e cidades. Nesse caso, o furtar se aplica tanto aos viveres necessários, quanto aos escravos que se encontravam cativos, ou seja, os mocambos não existiam de maneira isolada, sem contado nenhum com as povoações.

Ao que parece os mocambeiros dos campos e altos do Araguari aterrorizaram os governantes e senhores de escravos por muito tempo. A ousadia daqueles era tão dilatada, segundo os oficiais da câmara da vila de Macapá, que era impossível aquele grupo agir sozinho, sem a ajuda e maquinações dos franceses do Oiapoque, que viam naquelas agitações uma maneira de ofender e desestabilizar a colônia lusa. De qualquer maneira, as trilhas, as rotas e caminhos dos escravos que fugiam para liberdade eram bem conhecidos pelas autoridades coloniais, o que impressiona ainda mais a articulação, mobilidade e comunicação dos pretos escravos fugidos do Grão-Pará e da Guiana Francesa.

Paulo Miguel Moreira da Fonseca (IFG)

Caminhos dissonantes: a trajetória do médico Francisco dos Santos Florêncio Franco nas Gerais na virada do XVIII ao XIX

O presente texto visa explorar a trajetória do médico Francisco dos Santos Florêncio Franco, residente em Minas Gerais entre as décadas de 1770 e 1820. A partir de sua documentação epistolar, procuraremos mapear a formação de redes de sociabilidade e estratégias sociais na passagem do século XVIII para o XIX nas Minas Gerais coloniais como parte do império ultramarino português. É através das ações e estratégias do sujeito histórico frente aos sistemas normativos que procuramos demonstrar a ocorrência de uma transformação nas formas de representação de si no mundo português. Para além da escrita comercial que vigorava até então, o fim do século XVIII consolidou outras identidades e representações, que valorizassem a escrita como uma forma de relacionamento e estratégia social.

Paulo Roberto Alves Teles (UFS)

Reacionários virtuais: uma análise do discurso autoritário através da página “Canal da Direita”

Sim, somos reacionários; nossa reação é contra tudo que não presta. O presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso autoritário apresentado pela página brasileira *Canal da Direita* exibida através da Rede Social Facebook e que tem a frase acima como slogan de abertura de sua página. Auto-definida como organização política, o *Canal da Direita* apresenta posturas autoritárias e revisionistas, além de postagens ultraconservadoras sobre inúmeras temáticas. O discurso misógino e a convocação da sociedade para uma suposta tentativa de golpe político são também nítidos e presentes nesse ciberespaço. Outro aspecto é a seleção de líderes e representantes das ideias defendidas por essa página, os quais são indicados de acordo com as suas declarações nos mais diferentes meios midiáticos. O artigo selecionou algumas postagens encontradas nessa página para a análise e discussão sobre as opiniões políticas apresentadas por ela. A utilização da internet como ferramenta para a propagação de ideias fascistas é presente desde os anos 1990. O crescimento de movimentos autoritários e grupos de extrema-direita tem sido frequente no mundo virtual, pois estes se valem do argumento de exercício da liberdade de expressão, e para isso, utilizam inúmeros tipos de redes sociais como o Facebook, Twitter e o Youtube para propagandear discursos de ódio e posturas políticas fascistas especialmente contra algumas minorias e também partidos e movimentos políticos considerados de esquerda. Esse crescimento sido uma tônica desde os anos 1990 com a popularização da internet. Inúmeras razões são apontadas para isso, o seu baixo custo e as facilidades de propagação de ideias, são apenas algumas delas. Assim, consideramos a internet como importante objeto de estudo para a compreensão de inúmeras manifestações sociais, especialmente no que se refere aos estudos desenvolvidos pela História do Tempo Presente. Por isso, selecionamos a página *Canal da Direita*, a qual consta atualmente com 38 mil 836 curtidas (dados fornecidos pelo próprio Facebook) por ser um exemplo de utilização da rede como canalizador de opiniões autoritárias e fascistas.

Paulo Roberto de Azevedo Maia (UFPB)

Glauber Rocha - Um Cineasta Na Televisão

Glauber Rocha não se limitou a fazer a leitura do Brasil apenas com sua câmera, a máquina de escrever, às vezes sua caneta, lhes foram úteis para revelar seu pensamento através de livros e artigos escritos na grande imprensa. O seu último trabalho demonstrou o interesse de expandir o seu público e vivenciar uma nova experiência estética. A televisão, considerada por Glauber o “cinema popular por excelência”, guardou, nas imagens do programa *Abertura*, veiculado entre fevereiro de 1979 e maio de 1980 na Rede Tupi, um pouco de todos os adjetivos atribuídos a ele e revelou a continuidade de seu pensamento em um veículo novo, mas eficaz para discutir questões variadas e, em particular, a abertura política. Reconhecendo a importância da participação do cineasta baiano no programa por sua irreverência, criando repercussão na imprensa da época, mas principalmente por se tratar do grande modelo de intelectual herdeiro da tradição contestatória romântica revolucionária dos anos 1960 é que tenho como proposta fazer, nessa comunicação, uma leitura do pensamento e das imagens criadas por Glauber

Rocha no *Abertura*, partindo de suas influências e formulações políticas, culturais e sociais ao longo dos anos 1970.

Paulo Roberto Monteiro de Araujo (MACKENZIE)

Imaginação e Linguagem em David Lynch

A presente comunicação tem como propósito analisar o processo de elaboração do processo de linguagem cinematográfica de David Lynch. O referido cineasta parte das ideias que surgem inicialmente de modo fragmentado em sua mente, no sentido de não haver um eixo metodológico, para elaborar a sua linguagem estética. Deste modo, cada fragmento ou punhado de fragmentos que surgem em sua mente leva a outros, os quais em uma espécie de truque são amarrados por meio de uma concepção que lhes dá forma. Daí Lynch salientar em uma entrevista sobre *Mulholland Drive* (Cidade dos Sonhos): “Com *Mulholland Drive* eu tinha por completo ramos de um determinado tipo de fragmento – aberto-completo fragmentos (- open-ended fragments). Sendo assim eles precisavam de um determinado tipo de ideia que viesse amarrá-los todos juntos. Isto era um truque” (Chris Rodley. *Lynch on Lynch*. Nova York. Faber and faber, 2005. P. 284 – tradução nossa).

A ideia de truque ou trapaça (trick), Lynch confessa ter tirado dos Surrealistas e, portanto a sua criação filmica não deve ser compreendida dentro de parâmetros reflexivos, cuja determinação está em uma lógica racional linear (como em uma equação matemática, por exemplo). A linguagem narrativa que Lynch constrói se encontra em uma espécie de pré-lógica em que a imagem filmica não tem a preocupação de transmitir nenhuma claridade cognitiva objetivada ou conceitual. A inteligibilidade do filme se mostra no exercício de compreensão dos truques ou trapaças que o diretor faz ao elaborar a sua narrativa. Compreender as trapaças feitas por Lynch é adentrar no campo da imaginação. Mas poderíamos perguntar o que vem a ser esse campo da imaginação?

Paulo Tiago Fontenele Cardoso (UCAM)

Nas Paredes e Fissuras da Memória: história, arquitetura e preservação em Piracuruca-PI

O presente estudo tem o objetivo principal de analisar a paisagem da cidade de Piracuruca, Piauí, tomando por parâmetro o patrimônio arquitetônico do centro urbano e histórico da cidade. Como recorte temporal, partiu-se da primeira lei municipal voltada para o patrimônio, de 1993 (Lei 1359/93) e a última lei, do ano de 2006 (Lei Complementar N°001). São leis que versam sobre o Patrimônio de maneira genérica, mas que dão diretrizes sobre algumas dimensões de preservação e conservação considerando que, em linhas gerais, as políticas voltadas para o patrimônio arquitetônico da cidade ainda sofrem com a falta de esclarecimentos acerca de noções conceituais relacionadas aos usos e funções que cercam as posturas de valorização da materialidade urbana. Isso se dá pelos conflitos que cercam, além da dimensão material, os aspectos das subjetivações e da imaterialidade, como os sentimentos de pertencimento e de identidade dos lugares de memória e os cidadãos. Como bases teóricas recorreu-se a autores como Funari (2006), Soares (2007) e Choay (2006) para as discussões sobre

Patrimônio e educação patrimonial. Além disso, as discussões de história e memória feitas por Le Goff (2012) e Ricoeur (2012) foram fulcrais para pensar as políticas e ações de preservação e conservação como indicadoras das relações de memória e de identidade da cidade e sua população.

Pedro Eurico Rodrigues (USP)

Expectativas na ordem do dia: utopias, distopias e expectativas na imprensa brasileira entre as décadas de 1970 e 1990

Procura-se entender neste trabalho, de que forma as questões sobre o futuro promovido pela popularização da Microeletrônica em forma de bens de consumo foram se modificando ao longo das décadas de 1970 a 1990. Por meio da imprensa brasileira, pretende-se embasar a pesquisa nos periódicos O Estado de São Paulo e a Revista Veja. É salutar entender que a intenção de pesquisar a imprensa se faz com o intuito de encontrar nuances destes futuros possíveis, pois ao mesmo tempo nos periódicos pesquisados podem não apresentar as questões vindas do presente. Entretanto é uma intenção de encontrar a presença neste objeto, já que estas ideias de futuro são encontradas em outros meios como a literatura, a música e o cinema do período, que possivelmente podem ser documentos que auxiliarão a delinear o trabalho. A partir da Revolução Microeletrônica início da década de 1970, vários bens de consumo foram introduzindo nas camadas altas (e posteriormente nas camadas baixas) da sociedade brasileiras. Contudo estas novas tecnologias, para além de seus conectores, fusíveis e placas de silícios, geraram sonhos e expectativas das mais variadas, provocando a aproximação e o afastamento do(s) futuro(s) possíveis (utópicos e distópicos). Estes questionamentos são abordados na perspectiva Tempo Presente, que possibilita pensarmos um passado-presente, onde os recuos e aproximações com os documentos são possibilitados pelas escolhas do historiador que problematiza este presente.

Pedro Krause Ribeiro (UFRJ)

Raul Pederneiras beletrista e a cidade moderna: uma análise dos seus contos e dos livros Nós pelas costas (1930) e Musa Travessa (1936)

O trabalho que proponho apresentar abordará a trajetória de Raul Paranhos Pederneiras, conceituado intelectual-humorista da Primeira República, observando a relação entre a “rua” e o “personagem”, entre a cidade do Rio de Janeiro e Raul Pederneiras. Raul foi mais do que um indivíduo da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX, foi um personagem marcante da antiga capital do país, copiado como uma caricatura por seu tipo esguio, por seus bigodes compridos e negros, por seu chapelão preto e por suas habilidades “trocadilhescas”. Raul era indissociável da capital da República, era uma referência de *homo urbanus*.

Longe de querer-se anônimo, Raul deixava rastros, vestígios e opiniões. Como intelectual conceituado, participante das altas rodas sociais, com inserções políticas e como um cidadão doutor, Raul Pederneiras, o “célebre” Raul, vivenciou a transformação física da cidade do Rio de Janeiro, seu remodelamento e sua urbanização. O aspecto humorístico da visão dessa transformação – contraditória e pautada nas diferenças entre a cidade que

se pretendia e a cidade real – da urbe já foi identificado e analisado pelos trabalhos de Laura Nery e de Rogério Souza Silva, que também têm a obra do autor como objeto. Cabe-nos, então, nessa apresentação que se propõe, observar outra vertente de produção de Raul Pederneiras sobre a cidade do Rio de Janeiro: seus trabalhos como poeta e como prosador. Portanto, o Raul beletrista.

Partiremos dos poemas de Raul publicados na coletânea *Musa travessa: ruma de rimas sem rumo*, de 1936, bem como utilizaremos as crônicas e contos publicados na *Revista da Semana* e no *Jornal do Brasil*. Em um primeiro momento, analisaremos como o *ethos* artístico perpassa a trajetória do indivíduo, observando a melancolia e o passadismo através de seus textos. Por fim, relacionaremos a visão de Raul sobre a cidade do Rio de Janeiro à imagem que o autor constrói das “cidades-capitais” europeias Roma e Paris, quando por lá esteve entre os anos de 1927 e 1928. Procurar-se-á mostrar como Raul, ao observar *in loco* as cidades de Paris e Roma, redefine a sua paixão pela cidade do Rio de Janeiro. Para tal, utilizaremos o seu livro *Nós pelas costas: notas soltas de um caderno de viagens*, publicado em 1930. Sendo assim, analisaremos como Raul constrói a sua versão para a cidade moderna através da imprensa e de impressos.

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

Nos traçados da escrita e da cidade: história, memória e cidade na narrativa de O. G. Rego de Carvalho

O presente estudo tem o objetivo principal de compreender as inter-relações entre a narrativa ficcional do escritor Orlando Geraldo Rego de Carvalho (1930-2013) e as suas representações e memórias dos espaços urbanos das cidades de Oeiras, Teresina e Timon, no Piauí. O recorte temporal basilar dessa análise se dá, então, entre as décadas de 1920 e 1990, interstício que está contemplado nas descrições memorialísticas e narrativas do literato. As discussões chamam a atenção para as temáticas conflituosas concernentes aos espaços, no entrecruzamento entre o rural e o urbano, visto que traços de urbanidade e de ruralidade configuram as memórias do autor e as experiências de seus personagens. As dimensões do “não-lugar” ou do espaço de transição também estão presentes nos livros e lembranças do escritor. Além disso, as questões ligadas aos vieses da memória, da biografia e da autobiografia constituem ponto importante para o entendimento das narrativas do escritor sobre os espaços. Metodologicamente, o estudo se utilizou da leitura analítico-interpretativa dos principais livros ficcionais do literato: *Ulisses entre o Amor e a Morte (1953)*, *Rio Subterrâneo (1967)* e *Somos Todos Inocentes (1971)*. Além disso, o livro *Como e por que me fiz escritor (1994)*, a *Revista da Academia Piauiense de Letras (edição de 1994)*, os livros dos críticos Francisco Miguel de Moura (1972) e Kenard Kruehl (2007) foram fulcrais para a observância de inúmeras informações acerca das trajetórias pessoal e intelectual do escritor, bem como para o entendimento de características do seu fazer literário. Como arcabouço teórico-metodológico, para pensar as ligações entre história, memória e cidade, recorreu-se às proposições de Bourdieu (2010), Chartier (2002), Le Goff (2012), Ricoeur (2007), Santos (1999), Sennet (1997) e Williams (1989). Considera-se que a narrativa ficcional do literato apresenta inúmeras possibilidades para as discussões e análises acerca da produção e recepção das memórias dos espaços urbanos, contribuindo, ainda, para as reflexões sobre as aproximações entre história, literatura e memória.

Philippe Delfino Sartin (USP)

Moderação e discrição na cultura portuguesa: Corte na Aldeia (1619) de Francisco Rodrigues Lobo

Trata-se de identificar, na obra de Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), importante escritor português da época do domínio espanhol, elementos que possibilitem a leitura de um *ethos* especialmente cultivado e de uma provável linha de força na cultura portuguesa. Tais elementos – a *moderação* e a *discrição* – se fazem notar no principal escrito desse autor, *Corte na aldeia e noites de inverno* (1619), no qual as sutilezas da vida urbana e cortesã são comparadas à simplicidade das coisas do campo, num momento em que Lisboa deixara de ser corte e a nobreza se voltara para o interior do país, sendo o exemplo mais eloqüente o dos Bragança em Vila Viçosa. Tal experiência histórica concorreria para a idealização de uma identidade tipicamente portuguesa face à alteridade espanhola (e europeia) com base nos elementos apontados. Nosso objetivo, para além de interrogar a obra de Rodrigues Lobo, é avaliar a relação entre os elementos identitários oriundos do período de domínio hispânico e a presença duradoura, na cultura portuguesa, desses ideais de moderação e discrição, tão influentes, por exemplo, na rejeição ostensiva de uma religiosidade exaltada – dos místicos e beatas – já em fins do século XVII e meados do XVIII. Nossa proposta, mais no caminho da indagação que da afirmação, busca problematizar a relação entre os ideais culturais de uma nação e as obras literárias que neles se baseavam, e que os reforçavam.

Piero Sbragia (MACKENZIE / FGV)

A verdade do ser: Nietzsche, Kubrick e o questionamento do real

O cinema de ficção é construído a partir do conceito de ilusão. Tudo é um truque. Porém reconhece-se uma necessidade ímpar de discutir um tema essencial para o entendimento do filme como arte: a busca pela verdade absoluta. Este artigo pretende estabelecer um diálogo entre o livro “O Anticristo”, de Friedrich Nietzsche e o filme “2001: Um Odisséia no Espaço”, de Stanley Kubrick. As obras podem ser analisadas com referência ao questionamento do ser. A arte pós-moderna incorpora um debate comum aos estoicos, a manifestação cultural como busca de sentido àquilo que não existe, ou que não podemos comprovar racionalmente. Como autores para fundamentar o estudo estão Gilles Deleuze, e sua lógica do sentido, e Jacques Derrida, além de Kubrick e Nietzsche.

Poliana do Santos (USP)

História e subjetividade em contos machadianos

Este trabalho pretende, por meio da análise literária e histórica, examinar como algumas personagens machadianas têm o seu comportamento moldado pelas condições econômicas brasileiras, especificamente o caráter especulativo que marcou a transição do Império para a República, do qual o ponto máximo foi o encilhamento. A galeria dos seres que Machado de Assis (1839-1908) confecciona é assinalada pela multiplicidade.

Há de tudo: tipos com características patológicas, excessivas, moderadas, perfeccionistas, obstinadas e volúveis. E são essas qualidades que deliberarão as suas ações e práticas cotidianas, individualizando o modo de agir em relação aos elementos externos ou à força social. Tem-se o objetivo de mostrar como o subjetivo se impõe dentro das situações históricas, constatando que cada personagem traz, dentro de si, um mundo, e que o impulso do tempo é manifestado singularmente nos seus atos e movimentos, a partir de certas aptidões e desejos. Para tanto, tomar-se-á como objeto de estudo alguns contos do escritor, cuja importância se dá não apenas pelo seu caráter de testemunho e o seu papel artístico, mas também pela elaboração de uma consciência e reflexão histórica imerso na narrativa.

Priscila Gomes Correa (UNEB)

Lindonéia desaparecida: leituras artísticas da opressão social e policial sob a ditadura

Este trabalho parte da análise de duas obras artísticas, intituladas “*Lindonéia*”, que apresentam leituras críticas sobre as sensibilidades que despontam sob um contexto de repressão: o quadro de Rubens Gershman (1966) e a canção de Caetano Veloso/Gilberto Gil (1968). Esta última, feita sob a encomenda de Nara Leão, estabelece um diálogo com a obra plástica de Gershman a partir da simbologia do reflexo, como simulacro ou como verdade, abordando a história de uma jovem sonhadora, suburbana, sob o signo brutal de seu desaparecimento. Um contexto de violência cotidiana que então ganhava destaque sob o acirramento da repressão militar. A partir disso, observam-se as interfaces possíveis entre os dois movimentos artísticos aos quais tais obras estavam associadas, a *Nova Objetividade Brasileira* e o *Tropicalismo*, e que apostavam na crítica e na inovação (estética e temática) como foco de suas produções, assim esboçando brevemente uma rede de interlocução e performance entre linguagens artísticas diversas.

Priscila Kaufmann Corrêa (UNICAMP)

Escritas femininas: o diálogo de três escritoras de literatura infantojuvenil com as novas gerações

Em diferentes países do mundo e em períodos relativamente próximos entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, três mulheres encontraram na literatura infantojuvenil uma forma de se expressar, reinventando suas memórias, conquistando reconhecimento por seu trabalho pelos adultos e sucesso entre crianças e jovens. A Condessa de Ségur, Louisa May Alcott e Maria Clarice Marinho Villac têm suas trajetórias conectadas pela literatura, sendo seus livros publicados até hoje. A Condessa de Ségur tornou-se célebre na França com seus livros presentes na coleção *Bibliothèque Rose* da editora Hachette, enquanto Louisa May Alcott registrou em sua obra as experiências vivenciadas em sua família ao lado de seu pai Amos Bronson Alcott, adepto da filosofia transcendentalista. Maria Clarice Marinho Villac, por sua vez, narrou sua infância no interior paulista entre as fazendas da família e a vida no colégio interno, em histórias que concorreram com os livros de Monteiro Lobato.

As três mulheres se mostraram ousadas em seus gestos e atitudes, tanto em sua infância, quanto na vida adulta, fugindo dos padrões impostos pela sociedade. Por meio da escrita

puderam expressar suas concepções acerca da infância e ajustar as contas com seu próprio passado, marcado por alegrias, sofrimentos e até mesmo privações. Suas vivências continuam dialogando com crianças e jovens até hoje, trazendo à tona questões sobre a infância e, especialmente, a feminilidade que estão presentes na atualidade.

Seus livros sofreram variações em suas versões até mesmo no seu país de origem, com supressão de cenas, ilustrações, ou advertências de editores sobre algumas passagens mais “fortes”. Em diferentes momentos os livros ganharam conotações variadas, podem ser vistos como romances para “meninas e moças”, trazendo valores conservadores e sendo criticado por feministas, ou sendo criticados pela violência contra crianças. O estudo da trajetória de vida destas mulheres fornece um novo olhar sobre estas questões e permite compreender a longevidade destas publicações.

Neste trabalho procurar-se-á apresentar os diferentes significados dados às obras destas mulheres ao longo do tempo, inclusive no que se refere à materialidade das primeiras edições e suas ilustrações. Frutos de seu tempo, elas mantêm um diálogo vivo com as novas gerações que perdura por várias décadas.

Priscila Nascimento Marques (USP)

Resenhas de L. S. Vygotski sobre dança: entre o clássico e o contemporâneo

A presente comunicação tem por objetivo apresentar duas resenhas de L. S. Vygotski em que o autor comenta as turnês de Ekaterina Gueltser (publicada em *Nach Ponedielnik*, no. 3, 1922) e de Leonid Utiôsov e Nikolai Foregger (publicada em *Nach Ponedielnik*, no. 47, 1923). Será traçado um breve panorama do balé russo clássico, especialmente a partir das reformas de Mikhaïl Fokin até as Danças das Máquinas de Foregger. Nesses textos, Vygotski se posiciona em relação ao tema da expressividade na arte (neste caso, na dança), muito em voga desde Fokin e Duncan e que teve ressonâncias fundamentais no desenvolvimento do teatro a partir de Stanislavski, na mesma época. O debate central aqui se refere a posições antagônicas quanto à necessidade de o movimento revelar um conteúdo psicológico identificável, por um lado, e, por outro, a afirmação da “autonomia” do movimento corporal na dança, isto é, sua independência em relação a qualquer conteúdo, sua intencional artificialidade e distanciamento do cotidiano.

Priscila Quintana (USP)

Evguéni I. Zamiátin e a Rússia dos séculos XIX e XX

Algumas obras retratam períodos históricos, como é o caso dos contos do escritor Evguéni Zamiátin. A Rússia passou por modificações, durante a metade do século XIX e o início do século XX, que passaram a influenciar o campo literário. A Revolta Dezembrista em 1825, onde vários soldados conspiraram contra a coroação de Nicolau I, e as discussões promovidas pela *intelligentsia* ao longo desse período até o início do século XX resultaram em uma mudança na visão e na produção da arte.

Com a formação da União Soviética, a arte foi institucionalizada e, ao invés de acabar com as discussões entre os diversos grupos, acabou criando e formando novos tipos de

oposições. É nesse contexto em que alguns escritores como Mikhail Bulgákov e Evguéni Zamiátin se posicionam contra a falta de liberdade e satirizam o regime.

Ainda pouco estudado e conhecido no Brasil, Zamiátin (1884-1937) é um importante autor de romances, novelas, contos, críticas literárias e algumas peças. Seus escritos foram retirados de circulação durante o regime comunista e somente foram trabalhadas no exterior.

Seus contos, muitas vezes, criticam a realidade enfrentada pela sociedade, como nos contos “Coisas de Província” (Uezdnoe) e “Sargento” (Starshina). Através deles podemos ver um retrato da vida da época e analisar seus aspectos.

O conto “Coisas de Província”, de 1913, retrata a vida de moradores de uma pequena província (como já adianta o próprio título) e “Sargento”, de 1914, traz como cenário a antiga cidade de Lenivka, na Ucrânia, atual Melikhovka. Nele, o protagonista Ivan Tyurin, descrito como um homem grande, forte e desajeitado, que possui incapacidade de aprender, mostra sua vida em um distrito rural. O conto, quase cômico, traz também outro personagem marcante: o homem mais velho é também o mais subdesenvolvido.

Analisando seus contos, podemos analisar também parte da história da Rússia. Em “Sargento” não existe um narrador que demonstre emoções ou nos revele pensamentos, ele está lá apenas para falar diretamente o que está acontecendo na vida de Ivan no distrito. Esse estilo de narração é uma característica marcante de Zamiátin. O narrador em suas obras sempre mantém um distanciamento e imparcialidade. As conclusões sobre as críticas apontadas pelo autor nas obras ficam por conta do leitor, facilitando o estudo de um recorte da história.

Priscila Salvaia (UNICAMP)

O folhetim em meio ao jornal: algumas observações sobre as possibilidades de recepção do romance Helena (1876), de Machado de Assis, através das páginas do Globo

Nesta comunicação apresentaremos parte dos resultados de nossa dissertação de mestrado, onde pesquisamos as inter-relações e alguns dos possíveis significados da presença do folhetim *Helena* (1876), de Machado de Assis, no jornal fluminense *O Globo*. Dessa maneira, propondo uma leitura do romance em interlocução com seu suporte de publicação e à roda de seu próprio tempo, buscamos nos aproximar do meio que envolveu o escritor e sua obra. Nesse processo, também pudemos flertar com a experiência de leitores e leitoras que acompanharam o folhetim através das páginas de um periódico que primava por um discurso jornalístico pretensamente moderno, que de maneira recorrente, abordava a temática da situação das mulheres no Brasil e no mundo. Assim, considerando o debate em torno dos papéis de gênero, acreditamos que o público-leitor se deparava com percepções que dialogavam com a concepção da altiva protagonista machadiana e com todo o universo fictício proposto nesta obra.

Priscila Zanganatto Mafra (MACKENZIE / PUC/SP)

Janaína Quintas Antunes (MACKENZIE / PUC/SP)

Análise da Sociedade Inter e Hipermediática Contemporânea: Resultados práticos na concepção dos museus interativos e suas consequentes novas sensações, percepções e representações

Os diversos museus interativos que surgem em grande número refletem os novos paradigmas da sociedade intermediária e hipermidiática contemporânea e são resultado direto das necessidades nascidas devido aos novos parâmetros da estética do século XXI. Por meio da análise das características desta sociedade, traçaremos os caminhos que levaram ao surgimento dos museus interativos e suas consequências na história da arte.

Para tal, primeiramente faremos uma análise da sociedade inter e hipermidiática contemporânea, de sua origem e suas características, em especial, suas novas linguagens e mídias. Estabelecidas estas, delinearemos a história e evolução dos museus até o surgimento dos museus interativos. A partir destas, estabeleceremos as consequências de tal surgimento: a superação do sistema museológico tradicional, os novos métodos de mediação, as novas percepções e sensações destes museus, as novas formas de interação com/do público e as novas concepções, representações e contextualizações dos museus e das obras de arte.

Priscilla D G de Paula (UFJF)

A construção de um espaço adjacente para as artes do corpo

A comunicação tem como objetivo expor e apresentar as formulações oriundas da experiência dos *Festivais de Artes do Corpo* (FAC), evento anual realizado pelo Grupo de pesquisa *Intervenções em lugares, espaços e adjacências* (ILEA) do Instituto de Artes de Design (IAD) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O *Festival de Artes do Corpo* se propõe como espaço de investigação e experimentação das poéticas centradas no corpo e tem como objetivo estender os estudos das artes do corpo e da performance em suas várias manifestações na arte contemporânea. Anualmente abrimos um edital para envio de proposições artistas e pesquisadores de todo o país.

A criação da FAC foi a forma com que o grupo de pesquisadores, artistas e alunos envolvidos encontrou para sanar a imensa carência que tínhamos de produção cultural e teórica nesta área específica em nossa região. A construção de um espaço adjacente onde experiências de trabalho e de pesquisa na performance e em áreas afins foi a solução para que nossas pesquisas avançassem de fato e acompanhassem a produção contemporânea das artes do corpo nacionais.

Na sua terceira edição, o FAC já é um lugar eficiente de intercâmbio entre artistas e pesquisadores das artes do corpo e sua inserção no circuito nacional de festivais e mostras sobre poéticas do corpo sugere que a academia é um lugar privilegiado para este tipo de experiência na arte contemporânea.

Rafael de Ávila Betencourt (IUPERJ)

A literatura indigenista peruana e a ascensão de um movimento político

Na passagem do século XIX para o XX a sociedade peruana assiste a ascensão de um novo movimento político e estético: o indigenismo. A contextualização do surgimento de uma literatura indigenista expressa não só uma inovação estética e artística para a época mas, sobretudo, a construção política de um ideal de nação. O movimento

indigenista se expande no debate político da época, preenche o espaço utópico que a crise da república crioula gera no final do século XIX e seu anseio artístico traduz uma intenção de reabilitar social e culturalmente a figura indígena. Escritores como Jose Maria Arguedas e Ciro Alegria, se tornam referências intelectuais na tentativa de resgatar a cultura dos povos andinos. Nesse sentido, o historiador Alfredo Flores Galindo analisa o movimento indigenista como mais uma expressão de algo que permearia toda a construção da nação peruana, a existência de uma utopia andina.

Segundo Galindo Flores, a utopia andina seria uma das raízes de todo futuro debate político daquela país no século XX. A Derrota para o Chile na Guerra do Pacífico no final do século XIX impulsionou a crise de um Estado oligárquico que fracassou em elaborar um projeto nacional que unisse uma parte modernizada simbolizada na capital Lima e outra andina, colonizada e oprimida, simbolizada na cidade de Cuzco. A estrutura de poder oligárquico se concentrava nas relações de poder nos latifúndios, a questão indígena era sobretudo uma questão nacional. Portanto, o indigenismo é um movimento intelectual que se expressa em diferentes sectores da sociedade, na política ele influencia directamente algumas tentativas de formulação de um novo modelo político que dê conta de uma autêntica nacionalidade peruana, desvinculada da experiência colonial e que se manifesta através da cultura dos povos andinos.

Uma das expressões políticas do fenómeno indigenista foi o projeto de socialismo indoamericano de José Carlos Mariátegui. O pensador peruano considerava que a ideia de nação ainda não havia se realizado plenamente, não sem a incorporação do índio em sua essência. Seu socialismo indo-americano enxergava nas tradições camponesas indígenas, no chamado “comunismo inca”, a possibilidade de se vivenciar de fato uma nação genuinamente peruana e socialista, as duas ideias essencialmente vinculadas. Mariátegui conjugou a tradição de um indigenismo político com as categorias críticas do marxismo, seu anticapitalismo alinhado a um discurso anti-imperialista o fez se tornar uma referência para a esquerda latino americana ao longo do século XX.

Rafael de Farias Vieira (UFC)

Vivendo em um tempo de encruzilhada: o medo e a recriação da Censura de Diversões Públicas entre as décadas de 1960 e 1980

O grupo de poder da Ditadura Civil-Militar (1964 - 1985) construiu sua narrativa de legitimação por meio do medo. Contudo, mais do que apenas um pavor da Revolução Comunista, militares e civis temiam o esfacelamento de um mundo de valores permanentes e universais. A Censura de Diversões Públicas não foi uma invenção da Ditadura, mas o regime a recriou como guardião desses valores. Compreender os valores que fundamentaram essa ação é necessário para nos afastarmos de narrativas folclóricas sobre o passado autoritário, percebendo não somente esses valores como frutos de um projeto político ambicioso e autocrático nas décadas de 1960 e 1980, mas também servindo como lembrança das tentativas de preservação desses valores como bandeiras de lutas conservadoras na atualidade. Destarte, pretendo abordar quais pesadelos eram acalentados pela Ditadura e como essas imagens do medo constituíram o projeto político cultural do regime. Tomarei como foco as preocupações que a revolução sexual e a revolução tecnológica trouxeram a grupos conservadores, tendo em vista seus “perigos” para a moral ocidental e cristã, como caracterizada pelo regime.

Rafael de Oliveira Falasco (UNESP / Franca)

A conquista da fama pelo Conde de Buelna em El Victorial

As crônicas particulares surgem no final da Idade Média como uma inovação historiográfica. Redigida por súditos fiéis, a exaltação da trajetória de vida desses grandes indivíduos tinha por finalidade máxima a construção de uma história exemplar a ser perseguida por seus leitores. Expressão deste tipo de literatura em Castela, *El Victorial* conta os sucessos de Pero Niño, Conde de Buelna (1378-1453), através da escrita de seu alferes, Gutierre Díez da Games. A fim de criar um livro capaz de narrar a vida exemplar de seu senhor, Díez da Games se preocupou em criar um extenso panegírico, onde disserta sobre a origem da fidalguia, os valores da cavalaria, as guerras peninsulares e os feitos de Pero Niño. Não seria, pois, de se espantar a presença de vários gêneros literários (ou padrões narratológicos) no mesmo texto, quando é notável a coexistência de elementos típicos da crônica como também de novela cavaleiresca, da biografia e da tratadística nobiliárquica. Na presente comunicação, buscarei esmiuçar os elementos biográficos do *El Victorial* e os seguintes desdobramentos e cuidados: a presença de fontes e da tradição livresca, as bases do panegírico medieval e suas diferenças em relação à hagiografia, a questão do indivíduo e individualidade no período e, por fim, as categorias valorativas que mereceram o destaque de seu autor como forma de enaltecimento. Ao mesmo tempo, na esteira do clássico de María Rosa Lida de Malkiel, procurarei discutir o enlace entre os ideais cavaleirescos e a ideia de fama e glória advinda dos grandes feitos para a compreensão do fortalecimento do gênero biográfico no século XV, capaz de salvaguardar a boa memória desses fidalgos e de sua linhagem frente a uma monarquia cada vez mais poderosa no cenário ibérico.

Rafael Luis dos Santos Dall’olio (USP)

Representações da Paisagem Brasileira por lentes francesas: um estudo de caso

O presente trabalho pretende discutir, de forma sucinta, os resultados obtidos por meio da pesquisa de mestrado intitulada “Representações da Paisagem Brasileira por lentes francesas: um estudo de caso”, realizada entre 2009 e 2012 no Departamento de História Social da Universidade de São Paulo.

Essa pesquisa verificou em que medida o álbum fotográfico *Brésil*, pode ser considerado um caso exemplar da dimensão visual da sociedade brasileira nas décadas de 1940 e 1950 quanto à representação do país nesse suporte específico.

A fonte utilizada para o estudo foi o supracitado álbum fotográfico, composto por fotografias DE Pierre Verger, Marcel Gautherot e Antoine Bon sobre estados brasileiros como São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, e de temas como índios, vegetação, o rio São Francisco, Amazônia e nordeste do Brasil. Organizada pela editora francesa Paul Hartmann em 1950, foi distribuída no Brasil em 1952 e 1957 pela editora Agir.

Para tal proposta, utilizamos instrumentos metodológicos oriundos de outros estudos, denominados de descritores icônicos e formais, que possibilitaram a criação de padrões

temáticos. Dessa forma, tornou-se possível identificar grupos de fotografias com atributos formais e figurativos próximos, caracterizando assim uma proposta visual de representação das paisagens brasileiras.

Ao sintetizar diversas identidades visuais regionais, segundo um discurso articulado entre o editor, fotógrafos e consumidores, o álbum fotográfico configurou-se como um documento visual privilegiado para entendermos as imagens-ícones dessa sociedade.

Percebemos como resultado da análise icônica e formal dessas fotografias uma caracterização figurativa das regiões brasileiras, formalizada pelo padrão temático regional. Ao inserirmos essas fotografias num circuito imagético ampliado – outros álbuns fotográficos e revistas ilustradas –, notamos que algumas temáticas eram recorrentes, o que nos induziu a acreditar que o álbum *Brésil* utilizou um repertório imagético já reconhecido em outros espaços discursivos.

Ao comparar com uma base documental específica, os livros didáticos, percebemos que as imagens-ícones presentes em *Brésil* não eram totalmente equivalentes nesses livros: a despeito da grande semelhança nas regiões norte, nordeste, leste e centro-oeste, a região sul apresentava diferenças significativas quanto às representações urbanas, embora fosse semelhante com os outros tipos de representação (natureza e tipos humanos). Em outras palavras, tal repertório de imagens não pode ser entendido como um consenso, sedimentado e estável, mas sim como uma escolha possível, fluida e dinâmica.

Rafael Ribeiro de Andrade (USP)

A Tolerância Religiosa no Império Russo como um Projeto Cultural Catarino

Desde a conquista de Kazan, em 1553, a Rússia possui um contingente expressivo de muçulmanos como parte de sua população. A anexação definitiva da Criméia (1783) e a conquista do Cáucaso e dos khanatos da Ásia Central no Século XIX aumentaram ainda mais o número de muçulmanos em território russo, e no começo do século XX eles já passavam a compor 15% da população do Império, o que torna a Rússia um caso único dentre os Impérios europeus, tendo quase 500 anos de convivência com populações islâmicas dentro dos limites de seu território. Essa percentagem e a persistência das populações islâmicas a não se converterem à ortodoxia não passou batido pela administração imperial, o que criou um enorme dilema: como lidar com essa população muçulmana? O governo de Catarina, a Grande tentou alcançar uma solução para esse problema com a criação de uma política de tolerância ao islamismo, tendo como objetivo a absorção de sua hierarquia pelo Estado, uma política que alcançou sua consolidação na criação do Ministério de Assuntos Religiosos e Educação, no ano de 1810. A criação do Ministério, porém, nem de longe acabou com o debate dentro do Império sobre a direção correta da política religiosa, estando essa discussão presente até os últimos anos de existência do Império Russo.

Esta comunicação procurará abordar justamente esses debates sobre a política religiosa dentro do Império, apresentando ao público os detalhes da política de tolerância catarina e seus defensores, bem como seus principais opositores, como os membros da Escola Teológica de Kazan, além de apresentar as mais recentes discussões historiográficas sobre o assunto, este em grande parte desconhecido do público brasileiro.

Rafaela Basso (UNICAMP)

Gilberto Freyre e a construção de um discurso sobre a culinária nacional

A presente comunicação pretende analisar os discursos sobre a ‘culinária nacional’ presentes no pensamento de Gilberto Freyre. Para tanto, abordaremos o tema nas obras *Casa-Grande e Senzala* e *Manifesto Regionalista de 1926*. Podemos propor que a alimentação surge na obra de Gilberto Freyre, bem como na de outros intelectuais brasileiros, como um dos temas para compreensão da sociedade e da cultura brasileira. A escolha de Gilberto Freyre não foi arbitrária, pois além do seu trabalho ser importante para entender algumas das bases do pensamento político e social brasileiro nas primeiras décadas do século XX, ele acabou sendo o principal responsável pela formação da ideia de cozinha nacional que temos até hoje. É inquestionável o pioneirismo do autor em explorar a alimentação em suas principais obras, sobretudo por ser esse um tema que só recentemente ganhou espaço na área acadêmica. Apesar disso, temos que entender a alimentação como parte integrante de sua interpretação maior sobre a formação da sociedade brasileira, de suas tradições étnicas e culturais. Tanto em *Manifesto Regionalista* como em *Casa Grande e Senzala* é possível visualizar um projeto político de reinterpretar as origens coloniais da sociedade brasileira, tendo em vista empreender a valorização das potencialidades de nossa formação mestiça para a imposição de um projeto ‘democrático’ para o país.

Rafaela Cobbe Dias (UFPR)

O tempo que se fragmenta, memórias que se distendem e a história que persiste

A comunicação tem como premissa discutir questões referentes à literatura, história e memória a partir da análise do romance *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, que aborda a ditadura salazarista, em Portugal. A aproximação entre história e literatura, abre algo como um novo horizonte conceitual, em função da recuperação das formas de ver, sentir e significar o real de instantes passados. As memórias compartilhadas por um grupo de idosos portugueses através do fluxo de consciência do protagonista da narrativa, o Sr. Antonio Silva, são exemplo dessa aproximação, pois nos fazem emergir em diversas sensibilidades, desde saudosistas às traumáticas. A pesquisa é feita levando em conta a crise contemporânea em Portugal e a representação do regime salazarista na atualidade, uma vez que, o protagonista narra a história durante o século XXI, relacionando o passado autoritário e o presente democrático. A memória, através das percepções do teórico Michael Pollak (1992) se dá como um posto essencial na reconstrução das experiências que estabelecem os dados particulares a cada indivíduo, atuando diretamente na construção da memória coletiva. Dessa forma, Valter Hugo Mãe nos traz diferentes camadas de sentido que se acumularam como consequência de suas vivências e das vivências de terceiros.

Rafaela Gomes Lima (UECE)

O livro nos jornais: a recepção de obras literárias na imprensa de Fortaleza (1890-1900)

O presente trabalho trata acerca da recepção das obras literárias publicadas em Fortaleza durante a última década do século XIX, período no qual se observou um aumento considerável no número de publicações de autores locais. Objetiva-se perceber de que forma essas obras, bem como seus autores eram recebidos no meio letrado em geral. Para tanto realizou-se a pesquisa tendo por base os principais periódicos em circulação na cidade no citado período, sobretudo aqueles de caráter literário como o jornal "O Pão", periódico pertencente ao grêmio literário e artístico Padaria Espiritual. Nesses periódicos, são observadas e analisadas principalmente as sessões voltadas para a literatura e a crítica literária, mas também esteve em foco a sessão de anúncios, tendo em vista a observância das propagandas de livrarias anunciando seus lançamentos. Não se pretende, portanto, analisar a recepção dessas obras pelo leitor comum e sim como os trabalhos de alguns autores eram vistos por seus pares. Tendo em vista a crescente visibilidade da História do Livro compreende-se a importância de se observar a presença deste na imprensa, assim sendo, o trabalho ora realizado permitiu visualizar o livro não só como mercadoria anunciada nos jornais, mas sendo elemento provocador de debates no meio intelectual e cultural da cidade.

Rafaela Martins Silva (UFPI)

A saúde pública em Teresina no período republicano: a assistência médica e as medidas de combate às doenças infecto-contagiosas

Este trabalho tem como objetivo discutir como a medicina enquanto saber legitimado atuou em Teresina, no período de 1889 a 1930, no sentido de prestar assistência médica à pobreza através de instituições hospitalares como a Santa Casa de Misericórdia de Teresina, bem como em relação ao empreendimento de medidas sanitárias no que diz respeito às epidemias e doenças contagiosas que mais ceifavam vidas na cidade, tais como a varíola, a malária, a lepra, a sífilis e a tuberculose. De acordo com Gilberto Hochman (1998), a Primeira República no Brasil significou um momento de ações incisivas do movimento sanitário em relação às políticas públicas de saúde, principalmente no que diz respeito ao combate às doenças epidêmicas e às medidas de saneamento rural. Portanto, a intenção é perceber como as doenças eram entendidas pelas autoridades político-administrativas e pela população de um modo geral, analisando as ações normativas e as representações do “medo do contágio” em torno do doente e da propagação das doenças. Em Teresina foram realizadas campanhas de vacinação, a construção de um posto sanitário em 1920, e também foram propagadas medidas de higiene e prevenção de doenças contagiosas. Assim, buscou-se analisar notícias de jornais, relatórios governamentais e decretos e leis deste período em torno da saúde pública teresinense. Portanto, para a compreensão deste estudo, o suporte teórico está situado, dentre outros, em Michel Foucault, em *Micro-física do Poder* (1979), Gilberto Hochman, em *A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil* (1998), Jurandir Freire Costa, na obra *Ordem Médica e Norma Familiar* (1983) e Lilia Schwarcz, em *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930* (1993).

Rafaela Sales Goulart (UNESP/Assis)

Em defesa em um patrimônio imaterial: memória e identidade nas folias de reis

Tendo como base o registro e a investigação histórica de um grupo de folia de reis do interior do Estado de São Paulo, o grupo Flor do Vale de Florínea, propõem-se discussões sobre a memória e a identidade produzidas a partir destas manifestações da cultura popular, as quais, por sua vez, são ressignificadas pelos seus praticantes. Neste sentido, mesmo não registradas como bens de natureza imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), as folias de reis são parte do patrimônio imaterial brasileiro e, portando, é de suma importância refletir sobre o papel do Estado e da sociedade civil com relação às políticas públicas que intencionam a preservação desta celebração.

Rafaella Sudário Ribeiro (UnB/ UFG)

Retratos de família: Usos e funções da fotografia e os regimes de visualidade da sociedade goiana (1889 - 1979)

O presente trabalho tem por objetivo investigar dois álbuns de família pertencentes às mulheres da família Fleury, mais especificamente Maria Paula Fleury e Marilda Godoy, com o intuito de analisar como os corpos são ali visualizados e construídos à luz das representações de gênero. A família Fleury teve suas raízes na Cidade de Goiás. Era considerada tradicionalmente como uma típica família goiana; tinham em seu grupo familiar homens participantes da política e, as mulheres da mesma família desenvolviam atividades relacionadas às artes e a literatura.

Os usos e funções sociais dos retratos de família, ancorada nos Estudos Visuais tornam-se um importante caminho para a compreensão de uma sociedade em uma determinada época histórica. Desta forma compreende-se o álbum de fotografias de família como uma maneira de delimitar laços sociais, ordenar e conformar a coesão do grupo, instituir papéis e normatizar comportamentos além de verificar a comunidade cultural em que esta família está inserida. Portanto, este trabalho circunscreve aos entrecruzamentos dos Estudos Feministas e de Gênero, dos Estudos Visuais e da Pesquisa Histórica com Fotografias.

Raimundo Nonato Lima dos Santos (UFPI)

Nos acordes literários do Nós e Elis: história, memória e sociabilidades em Teresina, nas décadas de 1980 e 1990

O artigo articula história e memória (RICOEUR, 2007) por meio da análise de textos poéticos - de Ico Almendra, Edvaldo Nascimento, Climério Ferreira e William Melo Soares - que representam liricamente personagens e vivências no bar Nós e Elis, nas décadas de 1980 e 1990, na cidade de Teresina, estado do Piauí, no Brasil. Acompanha as *caminhadas pela cidade* (CERTEAU, 2008) dos frequentadores do referido bar, procurando traçar uma cartografia sentimental (GUATTARI E ROLNIK, 2005) dos espaços percorridos da *Cidade Verde*, através da *flanerie* (BENJAMIN, 1989) destes consumidores que se materializa em seus versos. O bar Nós e Elis fechou, deixou de ser *visível*, passando a ser *sensível, imaginário* (PESAVENTO, 2007), constituindo-se como

um dos *fantasmas urbanos* (CERTEAU, 2008) da capital do Piauí, um *lugar de memória* (NORA, 1984) que reabre simbolicamente suas portas para atividades musicais, cênicas, literárias, coloquiais, étlicas, degustativas, flertativas e extraconjugais por meio do exercício de lembrar.

Rainer Gonçalves Sousa (UFG)

Fotografias e conceitos: uma reflexão a partir da Educação Histórica

A frequente circulação de fotografias estabelece a organização de sentidos e ideias que permeiam a identidade dos sujeitos no mundo contemporâneo. Logo, entendemos que a fotografia seja um elemento de forte sentido na vida prática das pessoas. Contudo, não se restringindo à captura do presente, as fotografias também são fontes que constroem uma memória que, das mais variadas formas possíveis, pode ser acessada na formulação de narrativas que mobilizam a consciência histórica desses mesmos sujeitos dentro e fora do meio acadêmico. Mediante a centralidade assumida por tais fontes, esta apresentação tem por objetivo constituir uma reflexão sobre como as fotografias permitem uma compreensão do passado que extrapole o usual emprego “ilustrativo” que as mesmas usualmente assumem no ensino de história. Para além de uma simples “fonte segura”, as fotos e o modo como os alunos se relacionam com elas nos possibilitam entender como tal público utiliza dos documentos fotográficos para a elaboração de suas próprias narrativas, a formulação de conceitos que sintetizam experiências e a importância das fotografias em comparação às demais fontes que também remetem ao passado.

Raphaela Rezzieri (UFMT)

“Ideologias poéticas”: a literatura como instrumento de legitimação da cultura cuiabana

A presente comunicação propõe uma reflexão sobre o processo de construção do imaginário acerca do sujeito cuiabano. No desenvolvimento desse trabalho, analisamos o período que compreende parte dos governos militares e do início da abertura política no país. Durante a administração militar, ocorreu em Cuiabá um intenso processo de modernização, marcado pela destruição dos antigos símbolos da cidade, e também pela intensificação das relações capitalistas. Para apreendermos esse movimento entabulado pela intelectualidade local, partimos do constructo literário difundido pela Fundação Cultural de Mato Grosso, entidade que atuou no Estado, colocando em prática as orientações e procedimentos estabelecidos pelas políticas nacionais de cultura que estavam sendo gestadas. A partir do material editado e publicado pela referida instituição, denotamos como ocorreu a valorização de alguns símbolos da identidade local e como estes contribuíram para sedimentar a ideia sobre a legitimidade do ser cuiabano.

Raquel Campos (UFRJ)

A unidade pelo nome próprio: crítica e sátira do Romantismo em Machado de Assis

Publicados no início da década de 1870, *Contos Fluminenses* (1870) e *Histórias da Meia-Noite* (1873) não escaparam do persistente menosprezo votado pela crítica à primeira fase da literatura machadiana. Lúcia Miguel Pereira (1936) e Barretto Filho (1955) tomaram suas narrativas por “material de baixo valor”, produzidas apressadamente para satisfazer necessidades econômicas e republicadas em livro “sem a verificação íntima de seu valor” e escolhidas arbitrariamente. Por meio da análise das repetições na onomástica e das mudanças na nomeação das personagens, das versões originais saídas no *Jornal das Famílias* para aquelas em volume, trata-se aqui de contestar tal juízo, procurando-se demonstrar, pelo contrário, que Machado de Assis buscou criar uma estreita articulação entre os contos de seus volumes, insistindo em determinados antropônimos. Essa monotonia onomástica era, em nosso entender, o correlato de um projeto de aperfeiçoamento do Romantismo – projeto desdobrado em duas estratégias distintas: a crítica séria e a sátira dos enredos românticos tradicionais.

Raquel da Silva Guedes (UFPB)

José Valmi Oliveira Torres (UFCEG)

“Você vai prestar vestibular para engenharia?” a participação feminina na Escola Politécnica da Paraíba (1952-1974)

O artigo em questão objetiva realizar uma reflexão que apresente os aspectos das relações das mulheres que estiveram inseridas no campo da ciência e tecnologia da Escola Politécnica da Paraíba, que fora criada em 1952, inicialmente com o curso de Engenharia Civil, e em 1963 com o curso de Engenharia Elétrica. Sabe-se que a EPP tornou-se rapidamente referência em Ensino Superior do Nordeste e passou a atrair olhares desejosos de formação superior. Apesar de ser um ambiente visto como culturalmente masculino, passou a atrair também os olhares femininos que buscavam formação profissional na área científica e tecnológica. A importância deste trabalho está em descobrir como essas mulheres desbravaram os pudores da época em busca de um espaço profissional? Como influenciaram o público feminino da *posteriori*?

Rayssa Andrade Carvalho (UFPB)

As imagens em livros didáticos de história: leituras de representações de mulheres negras

O presente trabalho compreende as reflexões iniciais do trabalho dissertativo em desenvolvimento no PPGH/UFPB. Assim, temos o intuito de discutir possíveis leituras de representações imagéticas de mulheres negras em livros didáticos de História para o Ensino Médio, utilizados na rede pública de ensino do estado da Paraíba, na década anterior (1990) e posterior (2000) a aprovação da Lei 10.639/2003. Para tanto, ressaltamos os debates acerca da análise de imagens na produção do conhecimento histórico. Nesse sentido, tratamos da produção de Peter Burke (2004), além das obras de Erwin Panofsky (2009) e sua abordagem teórico-metodológica sobre a análise e leitura de imagens. Portanto, nos aportamos teoricamente na História Cultural, e utilizamos, sobretudo o conceito de representação de Roger Chartier (2002). Nesse sentido, investigamos como as mulheres negras aparecem nas imagens dos livros didáticos, entendendo o contexto em que tais representações foram produzidas, e como essas imagens, enquanto representações, com todos os elementos que as constitui, são

inseridas numa literatura didática que possui uma “natureza” própria – enquanto fonte histórica singular, relacionada às políticas editoriais, mercadológicas e às políticas educacionais que envolvem o governo, as instituições escolares e a Academia, e às normas educacionais sobre essas produções didáticas, como o Programa Nacional do Livro Didático, necessitando, assim, da análise dos contextos de sua produção – e que também podemos considerar como uma forma de representação numa linguagem com fins pedagógicos. Dessa forma, buscaremos alguns resultados parciais de nossas reflexões sobre as leituras visuais que podem ser feitas acerca da construção das representações imagéticas de mulheres negras na literatura didática. Portanto, ponderamos como essas representações contribuem para a construção de uma cultura escolar que ou reforça ou combate os preconceitos e as discriminações nas relações étnico-raciais no ensino de História.

Rebecca Guimarães Enke (USP)

Rio Grande: a cidade e a modernidade no final do século XIX e início do XX

Esta comunicação tem como objetivo promover uma análise da sociedade riograndina do final do século XIX e início do XX sob o olhar da modernidade. Nosso recorte temporal relaciona-se a ascensão econômica, social e cultural da cidade de Rio Grande neste período através do crescimento de seu comércio atacadista de importação e exportação, a instalação de indústrias e a adoção de práticas europeias, como o comportamento dos atores sociais no interior da trama urbana. A cidade se transformou e conquistou lugar de destaque no imaginário da população, no momento em que passou a ser vista/apreciada como local de convívio social e cultural e não apenas como um entreposto para o armazenamento de produtos para a importação e exportação. O cenário citadino de Rio Grande esboçou características sociais europeias, conferindo a seus habitantes, as suas ruas e as formas arquitetônicas de prédios e residências, aos seus hábitos e costumes uma maneira de viver calcado nas experiências trazidas pelos imigrantes, viajantes, navegadores, além da circulação de jornais e revistas com notícias políticas, econômicas e culturais do velho continente. Nesse contexto, a elite rio-grandina incrementou suas atividades de lazer e cultura. O processo de urbanização e industrialização favoreceu a fundação e organização de teatros, salas de espetáculos, bares, bilhares, *cabarets*, bibliotecas, escolas, clubes, sociedades dramáticas, sociedades musicais, jornais, etc. Além das opções de lazer, a sociedade rio-grandina passou a copiar o estilo de vida europeu, adquirindo roupas e acessórios, lendo revistas sobre moda e comportamento, aprendendo a língua francesa, inspirando-se principalmente em Paris, exemplo de cidade cosmopolita e grande centro cultural e social.

Reginaldo Carlos de Melo Souza (UFRN)

O Romântico e a Várzea: a biografia de Manoel Rodrigues de Melo e a paisagem da Várzea do Açú

Este trabalho situa-se no campo da História Política e tem como uma de suas premissas metodológicas a Micro-história. Objetiva apresentar questionamentos presentes no trabalho, em curso, referente à aquisição do título de Mestre em História, pelo Programa

de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-UFRN). E nele trataremos a respeito de uma possível escrita biográfica que possa adentrar à esfera das culturas políticas presentes no Estado referentes à primeira metade do séc. XIX, tentando relacioná-la à produção de uma categoria espacial, assim como à organização de uma dada proposta de identidade para o Estado pelo nosso biografado. Acreditamos ser isto viável a partir da trajetória do erudito e do teor de seus escritos, de cunho etnográfico e memorialístico. Tendo lançado seu primeiro livro, “Várzea do Açú”, em 1940, foi responsável pela construção da sede da Academia Norte Rio-grandense de Letras, presidido a instituição por mais de vinte anos. Além de haver se tornado sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte a partir de 1946, chegando à vice-presidência da autarquia em 1983, e exercendo o cargo até a data de sua morte, no ano de 1996. Manoel Rodrigues de Melo foi, ainda, “Chefe Provincial” do movimento integralista no estado no ano de 1935 e eleito vereador na cidade de Natal no ano de 1948 pelo Partido de Representação Popular (PRP), partido este composto em grande parte pela antiga ala integralista no Estado.

Renan Pereira Fontes (UNIRIO)

O gênero biográfico como forma de escrita historiográfica: D. João VI no Brasil, de Oliveira Lima

Na pesquisa busca-se a possibilidade de entender o livro de Oliveira Lima, *D. João VI no Brasil*, de 1908, trazendo um debate sobre a forma de se escrever biografia no início do século XX, em diálogo com os parâmetros estabelecidos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. É necessário dizer que o *D. João VI no Brasil* é um livro de 1908, fruto de um concurso do IHGB, em comemoração aos 100 anos da chegada da Família Real ao Brasil. Oliveira Lima saiu vencedor do concurso por ter escrito a melhor biografia sobre o momento de D. João VI na sua colônia portuguesa, por isso o livro tem como objetivo recontar os aproximados 13 anos de estadia da Família Real em nosso país.

O recorte temporal da pesquisa está situado entre os anos de 1889 e 1908 porque se inicia, historicamente, com a instabilidade política ocasionada pelo final da Monarquia e início da República no Brasil, até a publicação do livro de Oliveira Lima em 1908. Ao longo destes 19 anos será preciso notar os diversos usos do passado feito pelos sócios-biógrafos, como por exemplo que tipos de virtudes dos biografados são exaltadas, de que forma as biografias são observadas como fonte de ensinamento enquanto se utiliza processos científicos de pesquisa e como se olha de forma distinta para o regime monárquico e republicano. O objetivo deste trabalho se situa em um momento de transformação da escrita histórica no IHGB entre o final do século XIX e início do XX, no Brasil. Estão presentes ao mesmo tempo as ideias de progresso, civilização e ensinamento pela história, podendo-se afirmar que há uma *apropriação singular* de conceitos europeus aplicados a nossa realidade.

Renata A Sopelsa (UFPR)

“UM SONHO A DOIS”: um estudo sobre as mulheres imigrantes e suas relações familiares (interior do Paraná, final do século XIX)

Ao final dos oitocentos, pequenas cidades Ponta Grossa, Guarapuava, Imbituva, Ipiranga, entre outras localizadas no interior paranaense, receberam centenas de famílias de origem europeia. Poloneses, alemães, russos, italianos e diversos grupos imigrantes foram responsáveis por diversas mudanças no cotidiano dessas figurações sociais na medida em que construíam suas casas, circulavam pelas ruas, pelas igrejas e praças falando outras línguas, vestindo roupas diferentes, bem como demonstrando hábitos e costumes que causavam estranheza entre os brasileiros. Importa-nos destacar, no entanto, que um dos pontos de maior estranhamento estava ligado à forma de comportamento apresentado pelas mulheres imigrantes, que diferentemente das senhoras locais, frequentavam livremente ruas e comércio, trabalhavam, falavam alto, gesticulavam, brigavam em lugares públicos. Companheiras na travessia do Atlântico de seus pais, irmãos, esposos e filhos, possuíam uma forma de sociabilidade e sensibilidade peculiar. Eram sonhadoras, mas também guerreiras e trabalhadoras. Com efeito, é objetivo desse trabalho realizar um estudo sobre o cotidiano, as relações familiares, as relações de trabalho e as formas de sociabilidade vivenciadas pelas mulheres imigrantes no interior do Paraná, no final do século XIX.

Renata Barboza Carvalho (MACKENZIE)

“Selfies”, Surrealismo e Francesca Woodman

Este trabalho tem como intenção introduzir uma discussão à cerca da autorrepresentação na história da arte com ênfase na obra da fotógrafa americana Francesca Woodman que produziu num período curto e intenso diversos trabalhos influenciados pelo Surrealismo - onde os autorretratos tem destaque- com grande relevância na fotografia contemporânea.

Renata Bulcão Lassance Campos (UFRJ)

No Meio do Caminho: Os cronistas carnavalescos do pós-abolição

Este trabalho pretende fazer algumas reflexões acerca da figura do cronista carnavalesco, que surge no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX. Nesse sentido, pretendemos analisar de que maneira o contexto intelectual, social e cultural foi decisivo para o surgimento e consolidação da crônica carnavalesca, assim como das mudanças ocorridas nos modelos e na forma de organização das manifestações festivas. Os cronistas aparecem nesse momento como grandes divulgadores não só do carnaval dos salões, mas, principalmente, da folia das ruas. Dessa forma, mantinham contato com um mundo letrado - por conta de suas posições nos jornais - e também com um mundo “popular” - devido ao objeto com que trabalhavam, sendo considerados por muitos autores como “mediadores culturais”. Essa noção, no entanto, pressupõe que existam dois mundos distintos e opostos, pelos quais esses cronistas circulavam. Este trabalho propõe uma análise diversa.

Para analisarmos o Carnaval do início do século XX, vamos nos basear em uma concepção de cultura como um espaço de conflitos, e não de totalidade. Para isso,

devemos ressaltar que não consideramos a cultura como ponto de partida para a ação, mas, ao contrário, acreditamos que o homem é capaz de ler e fazer uso da cultura de acordo com suas escolhas. Entendemos os indivíduos aqui estudados como sujeitos ativos na utilização dos símbolos que circulam pela sociedade. Esses símbolos são incorporados e articulados de forma consciente ou não, da maneira como lhes convém e de acordo com a imagem que pretendem formar de si mesmos em determinado momento. Por isso é necessário uma análise contextualizada, na medida em que a identidade se faz no indivíduo e no contexto, e não no grupo social ao qual ele pertence. Dessa maneira, é impossível nos referirmos a uma “cultura popular” ou uma “cultura erudita”, já que estes termos reúnem sob um mesmo teto manifestações, pensamentos, interpretações e comportamentos os mais distintos, de forma homogeneizante.

Procuramos, portanto, analisar esses sujeitos aqui estudados em suas individualidades e em seus lugares específicos. Os cronistas carnavalescos deixam de ser, portanto, simples “mediadores” e se tornam indivíduos muito mais complexos, que defendiam visões específicas sobre nação, raça e identidade nacional.

Renata Cristina de Oliveira Maia Zago (UFJF)

A Bienal aceita todos os artistas inscritos

Durante a década de 1970, houve um período de crise da Fundação Bienal e concomitantemente uma promessa de renovação na estrutura da Bienal de São Paulo. A Bienal já não era um evento sem iguais; suas tentativas de inovação não foram somente provocadas por novos paradigmas internacionais (notadamente a documenta 5 de Harald Szeemann em 1972) como teve competidores locais: práticas experimentais já estavam sendo apoiadas em exposições anuais, que incluíam, por exemplo, o 'Salão de Arte Contemporânea' (1966-75) no Museu de Arte Contemporânea de Campinas e a JAC (Jovem Arte Contemporânea, 1963-74) no MAC-USP.

Sem se decidir por uma permanente alteração estrutural, diversificadas práticas experimentais, incluindo vídeo, performance e intervenção urbana, foram absorvidas pela Bienal durante os anos 70. A criação de mostras exclusivamente brasileiras assinalaram a tentativa da instituição para a efetivação desse compromisso de renovação estrutural. No entanto, ideias e conceitos diferentes seriam necessários para abarcar a arte contemporânea produzida no período. A escolha da Fundação Bienal seria então possibilitar a descoberta de novos artistas ao invés de insistir na presença daqueles já consagrados no final da década anterior. A primeira mostra, em 1970, deu início a nova e complexa missão, primeiramente realizando mostras regionais em diversos Estados Brasileiros, encaminhando para São Paulo artistas novatos que dialogavam com os preceitos de arte propostos no edital da mostra e, posteriormente, elegendo artistas que figurariam na Bienal Internacional do ano seguinte. A segunda edição foi dividida em duas mostras e integrou-se às comemorações oficiais do Sesquicentenário da Independência do Brasil, em 1972. A terceira edição da Bienal Nacional retoma a proposta original da primeira, ou seja, escolher a representação brasileira para a Bienal do próximo ano e na última mostra, de 1976, a decisão do júri é aceitar todos os inscritos.

Essa comunicação pretende discorrer sobre essa última edição da Bienal Nacional: *A Bienal aceita todos os artistas inscritos*. Todavia, sabe-se que essa decisão, um simples “deixar entrar tudo” não resolve o problema do esvaziamento qualitativo das mostras que ocorreram naquele período. Sem recusados altera-se fundamentalmente o

panorama. O júri da mostra afirma que sua decisão não significa nivelamento do conjunto examinado, mas que todo ele lhe parece merecedor de atento exame de reflexão. Aceitar todos os trabalhos inscritos e examinados, independente de quaisquer juízos de valor, pode ser visto como uma parte representativa do quadro “real” da arte brasileira. O júri premiou um conjunto de artistas entre os inscritos e para assegurar a representatividade da mostra, a solução foi contar com um grupo de artistas convidados. Nesse contexto de tentativa de renovação da estrutura da Bienal Internacional, repleto de mostras nacionais e internacionais que discutem a estrutura da própria exposição de arte, o que significa para a Fundação Bienal realizar uma mostra exclusivamente brasileira sem artistas excluídos?

Renata Ferreira Munhoz (USP)

A circulação dos manuscritos no Brasil como base à transmissão da cultura após a criação da Imprensa Régia

Esta comunicação baseia-se na análise da circulação da cultura literária, técnica e cotidiana, por meio de manuscritos no Brasil que antecedeu ao Império. Diferente das demais colônias europeias no continente, onde a imprensa existiu desde o [século XVI](#), a sociedade colonial brasileira foi essencialmente manuscrita, uma vez que no Brasil foi proibida qualquer atividade de imprensa, até [13 de maio](#) de [1808](#), com a criação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro. Tidos como os únicos mecanimos de difusão do conhecimento, serão estudados alguns exemplares manuscritos do período em que Dom Luís Antonio de Sousa, o Morgado de Mateus, atuou como governador e capitão-general da capitania de São Paulo (1765-1775). Com destaque a documentos que tratam da temática da cultura letrada, serão apresentados manuscritos ascendentes e descendentes dessa governança. Por exemplo, tratam de assuntos como os da contratação de amanuenses, da dificuldade de se encontrarem profissionais da escrita na capitania de São Paulo e da proibição de existirem fábricas de cartas de jogar e papelões na colônia. Essa documentação oficial, trocada na forma de manuscritos entre o Morgado de Mateus e as mais altas instâncias do governo português, sempre redigidas em três vias, atesta, por exemplo, a tentativa de manutenção do prestígio da cultura manuscrita. Vale mencionar que a observância da função coeva dos manuscritos pode ser construída por meio das análises discursiva, diplomática, paleográfica e codicológica. Com as metodologias propostas por essas análises, pretende-se, portanto, discutir as formas que antecederam o estabelecimento do sistema de circulação da escrita no Império.

Renata Gomes Cardoso (UNICAMP / USP)

Cartas entre Anita Malfatti e Mário de Andrade: arte e crítica de arte, criação e recepção

Anita Malfatti e Mário de Andrade se conheceram em 1917, no âmbito da segunda exposição individual da artista em São Paulo. Mário de Andrade ficou impressionado com a obra de Anita Malfatti, tornando-se um de seus principais interlocutores desde então. No início dos anos de 1920 os dois participaram do conhecido *Grupo dos Cinco*, junto com Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia, precedendo a

organização da Semana de Arte Moderna. Mário de Andrade atuou diretamente na concessão de uma bolsa de estudos que permitiria a volta de Anita Malfatti à Europa, em 1923, com o financiamento do Pensionato Artístico de São Paulo, para um estágio de cinco anos. A partir de então, o número de cartas trocadas entre os dois aumentou consideravelmente. Essas cartas foram guardadas por ambos, ao longo dos anos, sendo doadas posteriormente, junto com os acervos de cada um, ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP, por suas famílias. Trata-se de um conjunto de longas missivas em que discutiam tanto o trabalho e a atividade de Anita Malfatti na cena cultural francesa, quanto os textos em que Mário de Andrade trabalhava à época. Mário de Andrade enviava sugestões, críticas e dúvidas sobre a produção de Anita Malfatti e, a partir das respostas e notícias que esta dava, publicava notas e comentários na imprensa brasileira sobre a atuação dos brasileiros em Paris. Pretendemos com essa comunicação apresentar uma parte desse diálogo entre Anita Malfatti e Mário de Andrade, que envolvia a discussão sobre arte, literatura e as relações entre os modernistas brasileiros. Essas cartas são documentos para entender a recepção crítica das várias tendências do período, sendo reveladoras do processo de inserção dos brasileiros em Paris, dos interesses de cada um quanto às diversas tendências da arte moderna em circulação na Europa, e também da própria articulação do modernismo no Brasil, pois colocavam em pauta todas as premissas e diretrizes do movimento, criticando, analisando ou defendendo cada uma das manifestações do período.

Renata Patrícia Silva Moraes (UFPE)

Entre a casa e a rua: olhares, memórias e vivências nos jardins das residências recifenses no Estado Novo (1937 - 1945)

No tempo de Rostand Paraíso o seu namorico com as moças que conhecia nas festas era no jardim bem cuidado da casa da pretendente, no máximo mãos dadas entre as plantas que simulavam esconderijo, mas cujos gestos ousados elas deixavam escapar para os olhos da mãe zelosa. Já para Gilberto Freyre falar de tal assunto era tratar dos grandes jardins laterais das casas (para ele) tipicamente brasileiras, modelados com canteiros de mariscos, com fruteiras das mais deliciosas, palmeiras e ervas para todo tipo de cura. Falava também, não com aprovação, daqueles jardins aburguesados, “imitões” do que se achava ter na Europa inglesa e francesa cada vez mais recorrente nos bangalôs de chaminés e telhas beirando o pitoresco, com plantas exóticas e a esperança de morangos e peras para virem à mesa. Agamenon Magalhães, bom sertanejo que era, lembrava em seus artigos diários como seria bom que cada um tivesse seu chão para desenvolver jardim e horta, e de como tal ação colaborava para o bem estar da família e, por consequência, da nação; com as suas próprias mãos o operário em seus fins de semana, ajudado pela mulher e filhos, a cuidar das flores e demais plantas que haveriam de crescer na frente de suas moradas dignas e higiênicas, tão diferentes dos nefastos mocambos que assolavam a paisagem e a vida dos cidadãos. Alguns reforçaram mais a opinião de que esse cuidado desenvolve e demonstra bom caráter, outros destacarão o quão sofisticada e bonita uma casa pode se apresentar para vizinhos e visitantes, tal qual uma casa burguesa. Existem outros espaços “vegetais” (como o quintal) circundantes àqueles mais íntimos presentes no lar, mas este aqui tratado se destaca por pertencer àquele momento de transição entre a rua e a morada “por ela mesma”, entre o espaço dos empregados e os do lar, do visitante no portão e o anfitrião em sua porta, entre outras relações. Tal como os móveis da casa, ele apresenta a quem vem de fora em que

território ele está se localizando no momento, e a quem ali habita proporciona a afirmação de que aquilo que o rodeia lhe é familiar. As experiências na cidade devem ser compreendidas enquanto em comunicação intensa com os espaços privados nela existentes; assim sendo, o estudo do cotidiano doméstico (e no artigo proposto, dos jardins) é visto como mais que ilustrativo: ele faz parte no esforço de maior compreensão sobre as relações sociais e culturais vivenciadas entre os seres e seus tempos.

Renata Pitombo Cidreira (UFRB / UFBA)

O indivíduo contemporâneo como visibilidade consumível

Das galerias do século XVIII aos shoppings centres contemporâneos, circulando pelas lojas de rua e pelos espaços virtuais, o consumidor atual exercita uma espécie de flânerie e é estimulado por imagens cada vez mais sedutoras. Imerso nesse cenário urbano transformado em imagem, o indivíduo se vê, também ele, como mais uma dessas imagens em fluxo. Apoiada nas reflexões seminais de Walter Benjamin (1989) e Georg Simmel (1998, 1999, 2005, 2006), e em companhia de alguns autores mais contemporâneos, como Jean Baudrillard (1981), Gilles Lipovetsky (1989, 2005), Michel Maffesoli (1996), entre outros, procuramos refletir sobre o perfil do consumidor do século XXI, transformado ele próprio em visibilidade consumível, acentuando uma performatividade corporal através da aparência. Nesse sentido, buscamos compreender essa aparição que atualiza constantemente um engajamento corporal numa cena, cuja historicidade compartilho com outros, mas que só se constitui a partir da minha presença, mas que também se estende para além dela.

Renata Rendelucci Allucci (PUC/SP)

Consumir as cidades históricas

Partindo de alguns elementos constituintes das cidades, tentamos desvendar como se constroem os sentidos sociais de seus espaços públicos. A Agenda 21 da Cultura, primeiro documento que estabeleceu as bases de um compromisso das cidades e de seus governos para o desenvolvimento cultural, pontua a relação entre cidade como lugar de pleno desenvolvimento das atividades culturais e suas consequências políticas e sociais. Recorremos às definições de discursos oficiais encontrados em seus manuais, com especial atenção aos elaborados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e dos Ministérios da Cultura, das Cidades e do Turismo; enveredamos por suas dimensões, segundo as reflexões de Lefebvre, com especial atenção à do espaço imaginado; indagamos pelos seus patrimônios e pelos que decidem por sua permanência. Chegamos, então, às cidades históricas brasileiras, assumidas como representantes da referência urbana, e consideradas “lugares especiais” da nação. Mas para quem elas têm esse sentido? Como entendê-las em novos contextos, nos quais as cidades são consumíveis? Em meio a diversos atores, a postura de cada um e a de todos, conjuntamente, decidem os usos sociais desses modelos estéticos e simbólicos da cultura brasileira. Hoje, encontramos muitas cidades históricas em processo de refuncionalização, por meio de uma nova conformação espacial e reordenamento dos usos de seus patrimônios, determinantes nas estratégias públicas e privadas de sua

valorização turística. Como exemplo dessas estratégias, e parte integrante do Programa da Aceleração do Crescimento – PAC do Governo Federal, encontra-se o PAC Cidades Históricas. Defendemos, por fim, a utilização efetiva do espaço público, a real participação social, para evitar o congelamento cenográfico das cidades.

Renata Rufino da Silva (UFRJ)

Disputa de projetos modernistas: a troca de cartas entre Sérgio Milliet e Mário de Andrade

O presente trabalho está inserido na minha pesquisa de doutorado que iniciei ano passado. O objetivo central da pesquisa é analisar o papel de Sérgio Milliet (1898-1966) no movimento modernista brasileiro. Sociólogo por formação, mas também ensaísta, poeta, tradutor e crítico de artes, Sérgio Milliet teve um papel decisivo, porém pouco estudado, nesse movimento: foi um importante mediador entre os campos literários europeu e brasileiro, principalmente nos anos seguintes à Semana de Arte Moderna de 1922. Sua articulação se deu a partir do estabelecimento do “consulado mental paulista em centros europeus”, nas palavras de Oswald de Andrade.

Além de receber os brasileiros chegados em Paris, Milliet foi um divulgador de obras de autores brasileiros. Publicou na revista belga *Lumière* (1919-1923), o texto “Une semaine d’art moderne à Sao Paulo”, em abril de 1922. Nessa mesma época, Milliet intermediou a colaboração de Charles Baudouin, seu companheiro na revista *Le Carmel*, e de Roger Avermaete, que conheceu na *Lumière*, como correspondentes de *Klaxon*, considerado o primeiro periódico de divulgação das ideias modernistas pós-1922, na França e na Bélgica, respectivamente. Atuando como *porteur*, Milliet investiu igualmente na atividade de tradução que, aliás, foi marcante na sua trajetória. Traduziu poemas de modernistas brasileiros, entre eles os de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida.

Vivendo em Paris entre 1922 e 1925, Sérgio Milliet se correspondeu com Mário de Andrade. A partir dessas cartas, é possível perceber as intenções de cada um dos missivistas: enquanto o primeiro tentava articular uma rede de relações entre as vanguardas brasileira e francesa, procurando investir na divulgação de textos de autores brasileiros, o segundo tentava “nacionalizar” Milliet, insistindo para que esse voltasse ao Brasil e, estabelecido aqui, cumprisse sua “missão” com o programa do modernismo.

Assim, nesse trabalho analisaremos as cartas trocadas por esses dois intelectuais e a partir de suas confidências, ajudas mútuas e contendas literárias procuraremos compreender seus projetos estéticos em relação ao modernismo. Além disso, buscaremos entender como esse projeto de “internacionalização” de Sérgio Milliet não perdurou (a nosso ver, também por interferência de Mário), uma vez que, em 1926, Milliet voltou definitivamente para o Brasil, passando a frequentar, esporadicamente, o circuito artístico europeu.

Renata Silva da Costa (UFPA)

Religião que ensina, uma abordagem sobre práticas educativas não escolar em terreiros de Candomblé em Belém

O presente trabalho pretende abordar as religiões de matriz africana sob um aspecto educacional, enfatizando o caráter não escolar dos saberes que circulam em terreiros de candomblé e de que forma o corpo se localiza nessa aprendizagem. Para tanto serão utilizados conceitos como “Técnicas corporal” (MAUSS), “Texto vivo” (SANTOS) e “Corpo vivente” (Merleau-Ponty). Ao analisar o Candomblé, percebemos que o mesmo possui uma visão de mundo diferenciada daquela a qual estamos habituados, é uma visão não ocidental na qual os ensinamentos, a transmissão de saberes culturais, se dão pela vivência, por palavras, movimentos, gestos e atitudes fazendo da religião uma forma de educação não escolar onde se aprende por meio do olhar, ouvir, repetir e sentir. O corpo não é visto como fonte de pecado, ele emana axé, força vital, e carrega as marcas da religião, portanto, não pode ser renunciado, ele também é o “altar vivo”, o instrumento das divindades e uma forma de perpetuar o conhecimento cultural e religioso da comunidade, é o centro sensível da aprendizagem, na iniciação. A educação neste espaço visa formar o caráter e a identidade do praticante para os âmbitos internos e externos da religião, além de nortear a vida dos adeptos do Candomblé. Esta educação também é importante, pois por meio dela há o acesso à memória cultural e histórica dos antepassados vistas através das narrativas de mães e pais de santo e outros praticantes da religião. Acredita-se que grande parte da riqueza histórico-cultural afro-brasileira se encontra em suas práticas religiosas, desta forma o conhecimento das mesmas é de suma importância para o entendimento dos processos culturais que formaram a história de resistência dessa população.

Renato Florêncio Pavanelli Ortega (UFU)

As representações do intelectual no século XX: uma análise de “A Vida de Galileu” de Bertolt Brecht

O presente trabalho pretende, em linhas gerais, discutir as representações do intelectual no século XX, com o intuito de promover uma possível ferramenta de análise para o texto dramático “A Vida de Galileu”. Tal obra, foi produzida por Bertolt Brecht em 1938-9, porém reeditada na década de 1940. O texto está ambientado na Itália do século XVII e trata de uma parcial biografia do físico e filósofo Galileu Galilei. Brecht, entre condições financeiras de pesquisa e vida até polêmicas sobre descobertas astronômicas que questiona a autoridade da Igreja Católica, inscreve Galileu num debate intelectual sobre a condição e produção do conhecimento na sociedade do século XX. Percebendo todas as desastrosas experiências das Grandes Guerras, Brecht produz uma obra para refletir e passar uma mensagem a sociedade. Para tanto, pretendemos fazer uma discussão acerca do intelectual no século XX. Procuraremos em Sartre, Edward Said, Gramsci, entre outros, possíveis respostas sobre as representações de intelectual brechtiano.

Renato Kleibson da Silva (UFRN)

A memória como uma ilha de edição, o Narrador no cinema de Eduardo Coutinho: uma análise do documentário, Cabra Marcado para Morrer

Este artigo pretende discutir a relação entre o *Narrador* segundo a acepção de Walter Benjamin em cotejo com o método fílmico do documentarista Eduardo Coutinho, especificamente, em *Cabra marcado para morrer* [1984]. Tendo em vista que na construção benjaminiana do *Narrador*, encontram-se elementos fortemente relacionados com o método de construção do filme de E. Coutinho em questão, entre eles: o retorno à experiência; ênfase na palavra falada; o contato com a morte; o trabalho manual como fruto da experiência narrativa entre outros. Para Benjamin, existem duas famílias de narradores que encontraram-se nas corporações de ofício na Idade Média, são elas: os “nômades” e os “sedentários”. Estas duas estirpes, representadas respectivamente pelo lavrador da terra e pelo caixeiro viajante foram fragmentadas e separadas, devido, fortemente, a grave crise de experiência do mundo contemporâneo agravada pelo surgimento, entre outros fatores, do romance, da imprensa, da forte higienização das grandes cidades e o correlato banimento da morte da vida pública etc., essa crise dos elementos que suscitavam à narrativa: oralidade, o moribundo no leito de morte, o trabalho coletivo nas corporações irá gerar, segundo o autor alemão, uma pobreza de experiência narrativa na vida moderna, como por exemplo: os soldados que regressaram da I Guerra Mundial, não sabiam narrar o que lhes aconteceram. Em cima deste argumento, comparo o método fílmico empregado por E. Coutinho com os elementos do *Narrador* em Benjamin como tentativa de buscar uma *narrativa desarticulada* dos camponeses e da família Teixeira perpetrada pelo Golpe Militar de 1964 no Brasil. Coutinho mistura resgate histórico; reportagem; metacinema; intertextualidade; alteridade da voz. Em resumo, é um filme síntese que buscou responder um período extremamente violento da história contemporânea brasileira a partir da soma de diversas formas de narrativa em uma chave fortemente marcada pelo *Narrador* no seio da família Teixeira e dos camponeses do Engenho Galileia em Vitória de Santo Antão, zona da mata pernambucana.

Renato Mesquita Rodolfo (UFC)

A instalação e expansão da Universidade Federal do Ceará entre o Benfica e a Gentilândia, disputas espaciais e mnemônicas (1956-1967)

A instalação da então Universidade do Ceará (UC) no Benfica em 1956 acarretou mudanças na configuração espacial do bairro, interferindo também nas vivências dos sujeitos que compartilhavam daquele perímetro e para além dele, tornando-o um bairro universitário para Fortaleza. A compra do palacete de José Gentil - localizado atualmente no quadrilátero formado pelas Avenidas da Universidade e Treze de Maio e pelas ruas dos Remédios e Paulino Nogueira - se deu em 1956. Ali se instalou a Reitoria da recém-criada instituição de Ensino Superior, lugar que ocupa até os dias atuais. Partindo desse ponto, a Universidade do Ceará passou a se expandir pelas imediações do Benfica e da Gentilândia, apropriando-se de vários lotes, edifícios, residências, modificando, demolindo, construindo, modelando, adaptando. As questões de partida são: de que maneiras as pessoas que daquele ambiente partilhavam, nesse momento, viam as modificações feitas para atender as intenções da instituição? Como essas modelagens e remodelagens, a partir da instalação desse equipamento, afetaram as vivências desses sujeitos entre si e com o espaço? Como a memória construída sobre o bairro sofre(u) a interferência da Universidade? Que conflitos se estabeleceram na construção dessa memória? Que relações podem ser estabelecidas entre a memória da Universidade e a memória do bairro? Como resultados desse projeto, têm-se os inventários de fontes que

estão possibilitando a identificação e problematização das memórias formadas no espaço estudado, o sumário comentado da dissertação que permite discutir a estrutura do que será o texto final e a escrita do terceiro capítulo mais um tópico do segundo e outro do primeiro. Esses resultados são parciais, mas estão se encaminhando para aquilo que será o texto final, no qual se discutem as implicações da instalação da então Universidade do Ceará no Benfica. A pesquisa é financiada pela CAPES, está em caráter inicial e seus resultados são parciais.

Renato Toledo Silva Amatzuzi (UEPG)

Novos sabores e novos temperos: a influência islâmica na culinária catalã medieval

O presente trabalho tem como objetivo identificar a influência islâmica na culinária catalã medieval, especificamente no reino de Aragão, Catalunha, território que hoje se entende como Espanha. Como objeto de análise utilizarei a fonte documental “As Regras de Saúde a Jaime II”, escrito pelo físico catalão Arnaldo de Vilanova, em 1308, destinado ao rei de Aragão, Jaime II. Neste manual, Arnaldo dedica oito capítulos – dos dezoito que o regimento possui – para tratar da questão dietética como ponto fundamental da saúde preventiva e para o equilíbrio dos humores do rei. Ao longo do Regimento, Arnaldo sugere um rico leque de alimentos, assim como técnicas de preparo, seleção e consumo dos mesmos que possibilitam o historiador observar um fenômeno de aculturação culinária no hábito alimentar, fruto de séculos de ocupação islâmica em território cristão europeu.

Rennan Pinto de Oliveira (UEFS)

Entre fotos e notícias: formas de celebrar Senhora Sant’Ana a Excelsa Padroeira

Senhora Sant’Ana é a Excelsa Padroeira da cidade de Feira de Santana-BA. Durante muitos anos entre o século XIX e XX as festas realizadas em sua homenagem ocuparam na urbe feirense grande destaque e importância, uma vez que mobilizava toda comunidade em torno do festejo que chegava a durar de quinze a vinte dias. Havia muitas manifestações culturais dedicadas a celebrar a Padroeira desde o bando anunciador, as novenas, a Lavagem, a Levagem da lenha e a procissão. Entre essas manifestações culturais podemos destacar a Lavagem da Igreja que fazia parte das festas em homenagem a Sant’Ana na parte externa do templo, sendo chamada por membros da Igreja e da comunidade como festa de largo ou profana. A Lavagem da Igreja se destaca pela sua composição múltipla de símbolos e agrupamentos de pessoas que desfilam pelas ruas da cidade não apenas no intuito de se divertir, mas também de celebrar e expressar sua fé a homenageada da cidade. Os participantes da Lavagem saíam em espécie de alas: de baianas, homens vestidos de mulheres, mascarados, Tribunais populares que teatralizavam críticas à sociedade feirense e nacional, homens a cavalo e carroças enfeitadas. Essa festa de Largo era também um espaço agregador de uma miríade de expressões políticas e religiosas, produtoras de diversas práticas culturais passíveis de serem lidas e interpretadas pela História cultural e sua instrumentarias de recursos para compreender e entender os sentidos e significado deste tipo de evento na comunidade no qual estava inserido. Tendo a história cultural como base teórica e uma riqueza de

fotografias da lavagem publicadas nos jornais locais foram possíveis fazer várias análises e interpretações dos símbolos presentes na fotografia, sendo ela usada como importante fonte para investigar a festa da Lavagem nas homenagens a Excelsa Padroeira.

Ricardo de Aguiar Pacheco (UFRGS)

O Museu como lugar de aprendizagem: o tempo histórico

Os museus foram criando e continuam a ser pensados como espaços de ensino e aprendizagem. Dos colecionadores de curiosidades do século XV as instituições públicas e privadas do século XXI a prática de promover o contato do público com o objeto teve sempre a ideia de estimular os sentidos e promover a aprendizagem. Para realizar esta tarefa - que é apenas parte das funções de um museu - são planejadas e desenvolvidas diferentes ações educativas. Nesta comunicação estruturamos o referencial para identificar e caracterizar ações educativas desenvolvidas em diferentes espaços museais no que diz respeito ao conceito de tempo histórico.

Ricardo Henrique de Sousa Costa (UEMA)

Jozenilma Lindoso Matos (UFMA)

Problemas infraestruturais urbanos e o seu contexto socioeconômico: Breve histórico do saneamento em São Luís

A invasão, colonização e formação do território que hoje compreende o Maranhão, bem como sua capital: a cidade de São Luís - como parte do mundo luso americano - é resultante da expansão da metrópole portuguesa que, como as demais, o ambicionava, através do modelo político e econômico mercantil-monopolista. Sendo que maioria populacional foi sendo posta a margem de tal sistema e tratada como resíduos sociais, e no máximo serviam para a consumação de tais ideais de enriquecimento de uma minoria, enquanto que uma significativa parcela populacional foi sendo escravizada, como os indígenas e africanos, e/ou explorados sob diversos viés. Conforme as relações sociais que foram se estabelecendo, foi se configurando uma população heterogênea em termos hereditários, sociais e culturais. Mas concepções como essas, estiveram, de uma forma ou de outra, presente na história do Maranhão, onde a constituição da pobreza e escassez de serviços públicos, para os grupos mais empobrecidos, estará sempre presente. A infraestrutura urbana da cidade de São Luís, como parte do território brasileiro, tem sido historicamente afetada pela falta de políticas que busquem atender as demandas sociais; essa carência tem repercussões socioambientais que se fazem sentir ainda nos dias atuais. Princípios este artigo tratando, de forma geral, sobre problemas infraestruturais urbanos, dentre eles a precariedade de saneamento básico e ambiental, demonstrando as possibilidades do por que de ambos influenciarem a geração de problemas sociais que estão fortemente presentes na cidade de São Luís até os dias atuais.

Ricardo Neumann (UFSC)

O objeto de meu trabalho é a cena musical alternativa do norte de Santa Catarina. O principal espaço de sociabilidade desta cena foi certamente uma chácara em Guarapirima, o Curupira Rock Club. Criado em 1990 para ser um bar de som mecânico, o Curupira logo foi transformado em uma casa de shows para bandas de música própria. O Curupira era, nas palavras do colunista Rubens Herbst, “uma lendária trincheira da música autoral alternativa”. O lugar foi realmente um ponto de encontro importante das bandas alternativas, não só de Santa Catarina, mas do Brasil. Muitas bandas nacionais e internacionais passaram pelo palco do Curupira: RDP, Cansei de Ser Sexy, Garotos Podres, Júpiter Maçã, Nada Surf, entre tantas outras. “Era o nosso CBGB´S, símbolo do rock`n roll catarinense”. (Ver ESPÍNDOLA, Marcos. Lugar do Caralho. Diário Catarinense, Florianópolis, 19 maio. 2011. Variedades, p. 8.) Neste trabalho vemos o caráter rebelde do Rock como político em muitos contextos. Se pensarmos na política vista de maneira “clássica”, a dos partidos e agentes especializados – os políticos, por exemplo, não poderíamos enquadrar a música, a arte, como política. No entanto, ao contrário de teorias que viam as criações artísticas como ornamentos da realidade, neste trabalho, seguindo Baczkó, não se vê como paradoxal a relação entre imaginação e poder. Ao contrário de uma tendência cientista/realista da história que separa o “real” da ilusão, percebe-se que as práticas condicionam a construção do espírito, mas, certamente, estas também influenciam as práticas. Em uma sociedade conservadora como a sociedade catarinense do início dos anos 90, ter atitudes desviantes, que fugiam aos padrões dos “guardiões” do sistema, certamente pode ser visto como uma atitude política. A rebeldia, o desvio, são motivos para se atribuir aos jovens da cena norte catarinense e roqueiros de outros lugares do Brasil uma atitude política. Novos ritos eram estabelecidos e as regras sociais impostas eram quebradas por meio dos desvios representados no uso do corpo (roupas, piercings, tatuagens), da arte (música, letras, cartazes), de um desenvolvimento de uma linguagem, um comportamento e uma visão de mundo diferente da dos impositores de regras. Assim, neste trabalho procura-se explorar a ligação entre o rock e política por meio do estudo da cena alternativa norte catarinense da década de 1990-2000.

Rilton Ferreira Borges (UNIFESP)

Émile Zola e as percepções do tempo em Germinal

Entre as inúmeras mudanças que a Segunda Revolução Industrial trouxe, a que provavelmente causou maior impacto no cotidiano de pessoas em diferentes grupos sociais se deu na percepção do tempo. Esta nova percepção do tempo não surgiu de uma só vez, nem é fruto exclusivo do século XIX, porém a combinação entre descobertas científicas e a implementação de novos modelos de produção gerou um fenômeno sem precedentes, o qual marcou a sociedade como um todo e que chamaremos aqui de “tempo industrial”. E. P. Thompson aponta para a necessidade de problematizarmos a ideia de “industrialização”, por se tratar de um processo extremamente complexo e que não se deu de forma igual em todos os lugares.

Os seres humanos que vivenciaram esta grande mudança não viam como “natural” esta nova forma de encarar o tempo, tão radicalmente distinta daquela com a qual estavam acostumados, de tal modo que o “tempo” tornou-se a grande discussão que permeava

áreas de conhecimento das mais variadas: geologia, biologia, física, história, filosofia, medicina, psicologia e engenharia, além de trabalhos nas artes plásticas, literatura e cinema, exemplificam a preocupação com a natureza, medição, duração e impacto do tempo no mundo e, sobretudo, no cotidiano das pessoas.

Frente a esta novidade, as atitudes foram variadas, desde entender este novo tempo como a expressão máxima do progresso humano, até ver neste novo momento o início do declínio humano. As descobertas científicas davam suporte tanto para o otimismo evolucionista quanto para o pessimismo da degeneração.

Para investigar esta nova percepção de tempo que se formava ao mesmo tempo em que se tornava hegemônica, bem como as contradições dela decorrentes, foi escolhida como fonte a obra *Germinal*, de Émile Zola. *Germinal* tem como uma de suas principais características a densa pesquisa documental, bibliográfica e de campo feita por Zola para caracterizar o trabalho e os trabalhadores em uma mina de carvão. A preocupação de Zola com a “realidade” é o eixo central do programa de literatura naturalista, do qual era o principal nome.

O objeto central desta obra, nas palavras do próprio Zola, é “a luta do trabalho contra o capital”. O objetivo de Zola nesta obra era mostrar o cotidiano dos trabalhadores das minas de carvão da França, desde suas condições de trabalho até seus momentos de lazer. Se assumimos que a principal mudança trazida pela nova percepção do tempo se dava no cotidiano, e sobretudo no trabalho, a investigação feita por Zola sobre o cotidiano do trabalhador torna-se de grande interesse para quem investiga as novas formas de se perceber o tempo.

Rita Maria Mendonça de Figueiredo (UFRGS)

Universidade e Cidade, as interfaces de uma história

Este trabalho visa problematizar a questão das interfaces da história de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, com a história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), instituição esta com alguns cursos existentes há mais de cem anos.

Dentro destas interfaces históricas será dada ênfase à questão da espacialização e da materialidade da universidade dentro da cidade. Lançando mão das ferramentas teóricas ligadas à história cultural, trabalhar-se-á o vínculo histórico nos diferentes contextos de época da Instituição Universidade com o urbano. A narrativa histórica abrangerá todo o período de existência desta universidade, porém, se estruturará a partir de recortes temporais que analisam o contexto urbano, social, político, econômico e educacional nos períodos em que houve mudanças organizacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Acredita-se ser importante o estudo e a reflexão a respeito do fenômeno, que se pode constatar ser mundial e secular, onde a Universidade, neste caso a UFRGS, contribui com o desenvolvimento da cidade ao mesmo tempo em que a Instituição é influenciada pelas necessidades, tendências e pelo contexto histórico que vive a cidade, no nosso caso, Porto Alegre.

Com o conhecimento do que hoje é a UFRGS, verifica-se como se deu seu crescimento físico dentro da cidade de Porto Alegre, quais as inter-relações e reflexos da instituição

na cidade e vice-versa. A universidade é um dos “agentes” do meio urbano e pode “especializar-se” de diferentes formas dentro da cidade onde se encontra, de qualquer forma, é certo que uma interfere da materialidade da outra, ou seja, a cidade e a universidade se constroem mutuamente.

Tem-se como pressuposto a constatação de que a criação de cada um dos novos câmpus da UFRGS causou, de forma irrefutável, mudanças no entorno urbanos onde eles se instalaram. Uma das hipóteses levantadas é de que a UFRGS foi, em determinados momentos da história, um dos fatores incentivadores do crescimento físico da malha urbana de Porto Alegre tornando-se foco de interesse da população nestas áreas. Outra hipótese ainda seria que também a cidade de Porto Alegre, seus habitantes, suas necessidades socioeconômicas, os momentos políticos, o poder público, as reformas educacionais e os planos urbanísticos para a cidade, nos diferentes momentos históricos, influenciaram na criação e construíram paulatinamente o que é hoje a UFRGS.

Rita Morais de Andrade (UFG)

Indumentária em museus brasileiros: um panorama atual das coleções

Esta comunicação apresenta parte dos resultados de pesquisa sobre a formação de coleções de indumentária em museus brasileiros com base em dados do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Durante estágio de pós-doutoramento (2013-2014) foram investigadas determinadas características dessas coleções, suas categorias, os períodos históricos e grupos sociais que representam. Esse mapeamento inédito revela uma importante disparidade na configuração do patrimônio cultural institucionalizado no país. A partir dele, apresenta-se as motivações que levaram à preservação de milhares de artefatos - roupas, sapatos, tecidos - que raramente são expostos ao público ou estudados por pesquisadores. Os desafios do processo de investigação, especialmente no acesso à informação a respeito dos acervos têxteis, contribuíram para a formulação das seguintes ideias: a indumentária não é tratada como vetor importante da cultura brasileira nos museus; a concepção de indumentária brasileira precisaria ser desestabilizada e as categorias existentes precisariam ser desnaturalizadas para respeitar a pluralidade dos modos de vestir no Brasil; a patrimonialização da indumentária e do vestir estão na urgência de serem trazidas a um amplo debate público para enfrentar os danos irreversíveis já causados às coleções existentes. Conclui-se que a ausência de políticas públicas específicas para a preservação de indumentária - do passado e do presente - no país prejudica o já precário estado das coleções enquanto demonstra não representar a diversidade cultural de seu povo.

Rivadavia Padilha Vieira Júnior (UFF)

MAIORA TIBI: Triunfo dinástico de Felipe II na alegoria da batalha de Lepanto (c. 1573-1575), de Ticiano Vecellio

A imagem, em um sentido mais específico relacionado ao campo da cultura visual e material, já é reconhecida como documento de indiscutível valor histórico. Porém, este “reconhecimento” e “valor histórico” não podem ser admitidos de maneira naturalizada às imagens, cabendo ao historiador estabelecer sua historicidade por meio da análise de

sua natureza, atributos e condições como documento. Para a aproximação dos usos e funções da imagem, é fundamental compreendê-la a partir do estudo e análise da sociedade em que foi produzida. Dentre os estudos que buscaram novas perspectivas a partir do recurso das fontes imagéticas estão aqueles que se desenvolveram dentro do campo da história política, ao refletir sobre os meios não coercitivos, mas persuasivos, em que a arte e a imagem foram utilizadas. No presente estudo, desenvolveu-se a análise centrada sobre uma pintura produzida por um dos mais renomados artistas do Renascimento italiano, Ticiano Vecellio (c. 1490-1576). A obra, conhecida como *Felipe II, después de la victoria de Lepanto, ofrece al cielo al príncipe don Fernando* (1579-1575), em salvaguarda do Museu Nacional do Prado, em Madri, foi realizada em resposta a uma encomenda do monarca espanhol Felipe II (1527-1598) com a intenção de celebrar dois momentos marcantes de seu reinado no ano de 1571: a vitória naval sobre a frota turca na batalha de Lepanto e o nascimento de seu herdeiro, o infante Dom Fernando. Com o objetivo de compreender os sentidos e as funções da obra nesse contexto, interpreta-se a linguagem simbólica da pintura em conexão com os acontecimentos contemporâneos a sua produção. A pintura analisada, apesar de ser reconhecida como a “alegoria da batalha de Lepanto”, não põe foco sobre o acontecimento bélico. A batalha, *de facto*, está representada no último plano da composição, sendo eclipsada por uma série de elementos carregados de simbolismo dinástico e religioso.

Roberta do Carmo Ribeiro (UFG)

Humor político e macarthismo em Testa-de-ferro por acaso (1976)

Essa comunicação pretende fazer uma análise da comédia política *Testa-de-ferro por acaso* (1976), destacando a questão da identidade judaica presente na representação da América moderna realizada por Woody Allen. Esse filme retrata o Macarthismo, um dos episódios mais importantes da história americana. Os judeus americanos, comumente considerados os donos dos meios de comunicação, são figuras amplamente aceitas como participantes da sociedade contemporânea? Os judeus precisaram se “reinventar” para serem aceitos? Durante o macarthismo, no imaginário político do período, houve a construção de uma relação imediata entre o judaísmo, enquanto etnia, e o chamado “perigo vermelho” dos comunistas? Essas são algumas das questões levantadas nesse trabalho.

Robson Mendonça Pereira (UEG)

Autobiografia e projeções do heroísmo nos diários de Cândido Rondon

Em 1958 foi publicada postumamente a biografia do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958). Intitulada “Rondon conta sua vida” o grosso volume era prefaciado por Rachel de Queirós que fazia questão de revelar o papel decisivo representado por Esther de Viveiros que transcreveu os diários de campo de Rondon, e sob sua supervisão colheu informações com base em entrevistas para composição do texto definitivo que aspirava evitar certos estereótipos ligados à imagem construída ao longo do tempo sobre Rondon e suas façanhas como militar e sertanista. Assim,

pretendo analisar essa biografia a partir de seu caráter híbrido: registro autobiográfico, pois é narrado em primeira pessoa, e ao mesmo tempo romance biográfico escrito por duas pessoas que compartilhavam os ideais do positivismo. De origens mamelucas Rondon sai do Pantanal mato-grossense, com passagem pelo Liceu Cuiabano, dirigindo-se ao Rio de Janeiro em 1881 onde ingressa na Escola Militar da Praia Vermelha, tendo contato com Euclides da Cunha, Lauro Müller e Gomes de Castro. Participa ativamente do episódio do movimento da Proclamação da República, influenciado pela adesão aos princípios do Apostolado Positivista proferido por seu professor Benjamin Constant e pelas conferências de Silva Jardim. Em 1890 torna-se engenheiro militar ingressa na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia como alferes sob o comando do major Antônio Ernesto Gomes Carneiro, experiência decisiva para sua formação como sertanista e indigenista. Na virada do século XIX para o século XX passou a comandar as expedições ainda em Mato Grosso, vindo em 1906, no governo de Afonso Pena a se destacar na exploração do Rio Negro e da região amazônica que o tornaram famoso. Após a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) participa da Expedição Científica na companhia do ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt para o reconhecimento do Rio da Dúvida em 1914. Logo após empreende suas últimas campanhas sertanistas até 1919. Alcança o posto de General de Brigada na primeira metade dos anos 1920. Após a Revolução de 30 mantém o seu prestígio como herói nacional em vida, dedicando-se sua atividade na defesa dos índios. Existem é claro muitas brechas na análise dessa biografia/autobiografia de Rondon que surgem nos seus relatos como o ardor republicano alimentado pela operação de construção das linhas telegráfica comandada com mão de ferro. O progresso sob a batuta da ordem militar o aproxima da imagem mítica do bandeirante a desvendar as fronteiras e também se deslumbrar com as paisagens pitorescas do Brasil Central. Rondon constrói um relato no qual justificar seus atos que aparentemente seguem de maneira coerente o ideal do herói clássico, do grande homem capaz de servir a uma causa maior que sua própria vida. Assim surge uma questão central: de que maneira essa narrativa autobiográfica contribui para reforçar um suposto protagonismo histórico em construção.

Robson Pereira da Silva (UFG)

“Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher...”: personas liminares na obra de Ney Matogrosso - sujeitos marginais como uma partilha estética do sensível

Este trabalho tem por objetivo colocar em debate as proposições performáticas de Ney Matogrosso, no período de 1975, o qual o artista iniciou sua carreira solo após passagem pelo grupo musical Secos & Molhados, e, nos estendemos até o lançamento do disco Mato Grosso, de 1982. O referido debate estabelece uma investigação das personas incorporadas nos procedimentos performáticos do artista a fim de corporificar uma experiência estética, logo, entendemos que esta atitude estética possa ser compreendida como uma partilha do sensível, sobretudo, de cunho marginal, pois evidenciam no cenário artístico-cultural brasileiro sujeitos liminares expostos à margem pelo processo das normativas estruturais no período da ditadura civil militar. As personas liminares que podem ser identificadas nas figuras do índio (*Mato Grosso/1982*), bandido (*Bandido/1976*) e, o homem fundido com um bicho (*Homem de Neanderthal/1975*). Estes procedimentos serão percebidos e confrontados por meio das obras de Ney Matogrosso (áudio/visual) em um diálogo com os debates inscritos no ambiente artístico do referido período. Como a crise da arte/cultura escalonadas por setores artísticos diversos e da

crítica, na tentativa de estabelecer domínios e temáticas que, firmava ou não, o entrelace entre arte e política, discussão esta, disposta em bibliografias e artigos jornalísticos sobre os chamados patulhamentos. Destarte, pode-se assim perceber que, na atuação performática de Ney Matogrosso, evoca-se o corpo e exprime sujeitos liminares como dispositivos de comprometimento com uma atitude estética contracultural, ou seja, há uma partilha sensível da marginalidade, quer dizer o entrecruzamento entre arte e política.

Robson Scarassati Bello (USP)

O videogame como narrativa, jogo e representação histórica em Assassin's Creed (2007-2012)

Esta comunicação como primeiro objetivo constituir os Videogames como objeto de estudo da História a partir da análise da narrativa e da jogabilidade da série *Assassin's Creed* entre os anos de 2007 e 2012 dando ênfase a *Assassin's Creed III* (2012), que pretende representar a Independência dos Estados Unidos. Além de se propor a introduzir o debate teórico a respeito do videogame na disciplina, e a partir disso analisar criticamente os jogos principais a fim de compreendermos de que forma representações sociais, discurso histórico e narrativa compõe um meio audiovisual participativo novo e ainda pouco estudado, buscamos demonstrar como nos diferentes *games* da série, diferentes tempos históricos distintos - como as Cruzadas, a Renascença, a Revolução Americana e o Caribe do século XVIII - são representados dentro de uma linguagem própria em sua narrativa, jogabilidade e espaços reconstituídos a serem navegados. Estas representações se inserem circuito industrial de produção e circulação que se amplia para outras mercadorias que compõem uma narrativa transmídia além plataforma digital.

Rodrigo Capistrano Camurça (UFCA)

A cidade e o cinema: um olhar sobre Fortaleza

Analisando acerca dos usos dos espaços e das reflexões sobre o tempo no cinema, alguns filmes da atual cena audiovisual desenvolvida no estado do Ceará tem despertado nosso interesse. Nos referimos às obras audiovisuais capazes de suscitar inquietações com relação aos deslocamentos dos sujeitos na cidade de Fortaleza, refletindo sobre espaços ainda não institucionalizados e fazendo interrogações acerca de múltiplas temporalidades. Falamos aqui do tempo não como uma medida, nem passível de cálculo, mas marcado pela sua própria impossibilidade de apreensão. Algumas de suas camadas de significação são demarcadas a partir do momento que os filmes não se preocupam em enquadrar totalmente o espaço. O interesse maior é a realização de uma experiência com esse lugar, trabalhando também com o entrecruzamento de tempos, que simultaneamente convergem e se distanciam. Para acessarmos algumas dessas questões, nossa comunicação partirá da análise de dois curtas-metragens realizados pelo cineasta Victor Furtado, "Raimundo dos queijos" (2010) e "Meu amigo mineiro" (2012), sendo este último dirigido em parceria com Gabriel Martins.

"Raimundo dos queijos" circulou nos festivais de cinema do país com a seguinte sinopse: "um oásis de gente revela outro lado da vida no centro da cidade." Ali, amanhecendo o

dia, um jovem caminha pelo centro da cidade de Fortaleza. Atravessando calçadas e ruas vazias, ele chega a um bar, o referido “oásis” mencionado na sinopse. Além da câmera que revela os frequentadores e hábitos daquele espaço, conseguimos adentrar no ambiente através das informações deixadas por escrito pelo personagem principal. "Meu amigo mineiro" acompanha o percurso do diretor Gabriel Martins em Fortaleza. Recebendo um convite de Victor Furtado para conhecer a cidade, ele chega no aeroporto portando uma carta que recebeu do amigo, estabelecendo uma espécie de roteiro de lugares para serem conhecidos. Após tentativas frustradas de se comunicar com Victor, Gabriel parte sozinho em algumas andanças pela cidade, tentando identificar os locais apontados na referida carta. São filmes que guardam bastante consonância, com narrativas simples e econômicas, mas que apresentam todo um potencial de complexidade no que diz respeito ao tratamento dispensado às experiências espaço-temporais. Nesses filmes, mais do que tentativas de representar a cidade de Fortaleza, temos obras que pretendem construir formas de experienciar o referido espaço urbano.

Rodrigo Christofolletti (UniSantos)

Engenhos de açúcar americanos com potencialidades a Patrimônio Mundial. Comparações entre o Engenho São Jorge dos Erasmos (Brasil) e alguns engenhos da Rota dos Escravos (República Dominicana)

A comparação entre bens culturais análogos constitui uma das etapas mais difíceis da candidatura à Patrimônio Mundial. Compara-se para se ativar os possíveis pontos de convergência que fortalecerão a admissão do bem na lista indicativa do Estado-parte, mas, sobretudo para confirmar as especificidades do bem pleiteante. O propósito da análise comparativa é verificar se há escopo na Lista do Patrimônio Mundial para a inclusão do bem indicado, bem como demonstrar que não há bens comparáveis na mesma área geocultural (bens culturais) com valores semelhantes. Há, atualmente, dois lugares no planeta em que a primitiva cultura do complexo açucareiro ainda guarda reminiscências de seus episódios mais longevos: na República Dominicana, em Santo Domingo e no Brasil, na Ilha de São Vicente, atual município de Santos. Cada qual guarda especificidades com relação às técnicas construtivas, a forma de implantação e função de seus elementos. O primeiro representando um exemplo típico de engenhos caribenhos de arquitetura espanhola e o segundo testemunho único de um engenho de tipo açoriano de influência portuguesa. Significativo exemplo que serve de comparativo à candidatura do engenho brasileiro são alguns engenhos da chamada Rota dos Escravos, conjunto de engenhos de açúcar datados do princípio da colonização espanhola (XVI e XVIII) e que fazem parte da lista indicativa da República Dominicana à Patrimônio Mundial, desde 2001. Portanto, nossa curva comparativa toma como mote de análise as especificidades do Engenho dos Erasmos (hoje em ruínas) e as ruínas desse conjunto de antigos engenhos dominicanos. Tais sítios representam e transmitem fatores sociais, econômicos, culturais e ambientais que dão origem a indústria açucareira na América, mas, o que há de proximidade e ou de especificidade entre esses exemplares?

Rodrigo de Almeida Ferreira (UFMG / Centro Universitário UNA)

Educação para o conhecimento histórico e o cinema: o exemplo do filme Xica da Silva (1976)

A proposta dessa comunicação é refletir sobre o potencial educativo do cinema-história, inclusive em espaço não-escolar, a partir do estudo do filme *Xica da Silva* (1976), dirigido por Cacá Diegues. Considerando a cinebiografia da ex-escrava do Tejuco, perscrutam-se aspectos do processo de construção da narrativa cinematográfica da história, mediante a articulação de outras fontes sobre a temática filmada, e a circularidade do conhecimento histórico (Ginzburg, 2006). A relação entre o filme e a história há tempos é objeto de análise (Ferro, 1992; Lagny, 1997; Napolitano, 2008; Rosenstone, 2010), e sua pertinência se justifica pela dimensão da cultura audiovisual em nossa sociedade, como exemplificam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o ensino de História que recomendam práticas metodológicas escolares por meio do filme. Nesse sentido, a análise de *Xica da Silva* se desenvolve na interface com a história cultural em diálogo com a história da educação, numa tentativa de atender, de certo modo, a observação feita por Roger Chartier (2010) quanto à relevância de se pensar a articulação entre os discursos e as práticas na construção de representações na sociedade. *Xica da Silva* se desenvolve no contexto da sociedade brasileira escravocrata do século XVIII, o que pode favorecer a problematização de questões históricas e os imaginários sociais ali representados (Baczko, 1985). Considerando que a educação em história se desenvolve em meio a uma guerra por narrativas (Laville, 1999), o filme contribui na educação do conhecimento histórico, tanto no espaço escolar, inclusive reverberando na produção de materiais didáticos, quanto não-escolar, pois muitas pessoas tomam contato com a história do Brasil escravista a partir do cinema.

Rodrigo de Freitas Costa (UFTM)

História e Teatro: considerações sobre o Brasil do início do século XX a partir da recepção de Luigi Pirandello

Esta comunicação pretende discutir o processo de recepção da produção teatral de Luigi Pirandello nos palcos brasileiros. Pirandello é um importante dramaturgo italiano, responsável por inúmeras inovações estéticas e temáticas nas artes cênicas ocidental e que vivenciou e foi um dos responsáveis pelo processo de modernidade teatral. Sua chegada, leitura e encenação no Brasil se deu a partir dos anos de 1920 e está relacionada com as aproximações intelectuais entre Brasil e Europa, assim como com o processo de migração italiana em nosso país. Tendo o nome de Pirandello como referência, buscaremos valorizar os intercâmbios entre História e Teatro com o objetivo de elucidar os principais aspectos que envolvem momentos recentes de nossa História, da história do teatro brasileiro e da historicidade estética.

Rodrigo de Oliveira Soares (UFG)

Goiânia: A cidade que você vê, é sim a cidade que você vive

A “cidade que você vê” seria a expressão do discurso moderno existente na década de 1930 e, como “vontade de poder” (SILVA, 2010), teve no Estado Novo a proposta de

que a modernidade levaria o Brasil a construir a verdadeira nacionalidade, através da unidade, contrária às ideias fragmentárias da “Velha República”.

O nacionalismo criava a comunidade ideal necessária à legitimação social do novo projeto político. A construção de Goiânia materializava a inserção de Goiás no projeto nacionalista em curso nos anos 1930. Ao provar sua capacidade de implementar o progresso e ultrapassar o isolamento e atraso que marcaram a velha capital e o poder da oligarquia Caiado, os setores emergentes do estado (sul e sudoeste modernizantes) se credenciavam como participantes ativos no plano integrador do nacionalismo autoritário.

“Dar uma forma à Modernidade” (BOLLE, 1994, p. 23), sugere Benjamin sobre o sentido da construção de Goiânia dentro dos aspectos local e nacional do Brasil na década de 30 do século XX. Sob o discurso da modernização, o projeto da capital goianiense assumia a nuance de representação de como a modernidade brasileira estava sendo concebida desde seus primórdios, no início do século XX, ou seja, como uma forma inacabada de utopia, uma fantasmagoria de modernização.

Trata-se de variáveis, diante do pano de fundo permanente da ordem burguesa capitalista, e ao mesmo tempo, de uma encenação repetida de nouveauté, característica do sistema. A Modernidade é a expressão artística e intelectual de um projeto histórico chamado de “modernização” – contraditório, inacabado e mal resolvido (BOLLE, 1994, p. 24).

A modernidade, como projeto histórico, prometia que o progresso poderia trazer uma vida melhor, mas, como prática, o que imperou foi a falaciosa realidade de um mundo novo que, através de suas fantasmagorias, mascarava essa situação “mal resolvida”. Mais especificamente no caso brasileiro, esse panorama ficava mais claro com a atribuição de um rosto a esse momento: a cidade Goiânia. Ela dava fisionomia a um projeto inacabado e mal resolvido de modernidade desde a sua concepção.

Rodrigo Francisco Dias (Escola Estadual Messias Pedreiro)

Jânio Quadros e João Goulart na tela do cinema: apontamentos sobre os filmes “Jânio a 24 Quadros” (1981), de Luís Alberto Pereira, e “Jango” (1984), de Sílvio Tendler

Este trabalho se ocupa das relações entre Cinema e História do Brasil. Os nossos objetos de estudo são dois filmes brasileiros: **Jânio a 24 Quadros** (1981), de Luís Alberto Pereira, e **Jango** (1984), de Sílvio Tendler. As duas obras foram produzidas na década de 1980 em um momento em que o país passava pelo processo da redemocratização política após o longo período da ditadura civil-militar. Posto isso, uma questão colocada neste trabalho é que os dois filmes não só dialogam com o seu tempo, mas também elaboram, cada um à sua maneira, uma narrativa sobre a recente história do nosso país.

Nessa perspectiva, os aspectos formais e de conteúdo das obras serão salientados com o intuito de entender como os dois filmes abordam as trajetórias de dois presidentes brasileiros: Jânio Quadros e João Goulart. Mais que isso, este estudo procura entender como os filmes, a partir das figuras dos dois políticos, interpretam a história brasileira ao construir explicações para a ocorrência de um evento como o Golpe de 1964, por exemplo.

Ademais, cabe dizer que este trabalho procura dar contribuições ao debate acerca da *escritura fílmica da história*, sobretudo por meio de uma reflexão sobre o aspecto cômico de **Jânio a 24 Quadros** e o aspecto trágico de **Jango**. Entender as diferentes opções estéticas adotadas pelos cineastas Luís Alberto Pereira e Sílvio Tendler será fundamental para a compreensão de como os filmes escrevem parte da História do Brasil e de como essa escrita dialoga com a produção historiográfica dos historiadores de ofício e com a própria memória histórica em torno dos acontecimentos relacionados aos presidentes Jânio Quadros e João Goulart.

Enfim, propomos com este trabalho pensar as relações entre Cinema e História do Brasil por meio de uma forma de olhar que enxerga nos filmes não apenas documentos de uma época, mas também uma forma de pensamento histórico e de escrita da história.

Rodrigo Ribeiro Paziani (UNIOESTE)

Humberto Perinelli Neto (UNESP)

Máscaras do poder, narrativas de civilidade, véus da barbárie: uma microanálise das biografias de Joaquim Macedo Bittencourt e Antônio da Silva Prado

Os estudos biográficos (e autobiográficos) têm conquistado um novo patamar de compreensão da “complexidade” do real em virtude das possibilidades abertas pela “história cultural”, que se voltou para uma abordagem hermenêutica de indivíduos e grupos particulares, situados em locais e períodos bem circunscritos na história - fato que permitiu novos debates acerca do papel dos sujeitos, da narrativa, do cotidiano. Os historiadores culturais têm destacado o lugar ocupado pela biografia no debate sobre a narrativa (Duby; Schmidt), nas reflexões teóricas acerca da história enquanto forma de aproximar-se do “real” (Le Goff; Pesavento), bem como os métodos de pesquisas que articulam a biografia com áreas das ciências humanas (Le Goff; Levallois). Particularmente, interessa-nos as contribuições da micro-história italiana (Espig; Espada Lima; Loriga; Levi): não apenas por entenderem que o estudo biográfico permite repensar o lugar dos sujeitos, das “trajetórias” ou das singularidades na história (Ginzburg; Espada Lima), mas também por possibilitar ao historiador debater acerca do “estatuto biográfico” (Candar), ou seja, da legitimidade (ou validade) epistemológica dos “usos” da biografia (Levi) para a compreensão de problemas, relações e situações de âmbito “global” ou “social”, sem cair nas armadilhas do “individualismo metodológico” e de uma história meramente “psicologizante” (Revel).

Partindo destes pressupostos teórico-metodológicos, o objetivo da proposta de comunicação será o de abordar os processos ambivalentes de modernidade e urbanização no Brasil - particularmente, as relações entre o público, o privado e o íntimo - em duas cidades do interior Paulista, Ribeirão Preto e Barretos, durante o período republicano, através da biografia micro-histórica do Conselheiro Antônio Prado (Barretos) e do médico baiano Joaquim Macedo Bittencourt (Ribeirão Preto). Pretendemos analisar algumas faces da “cultura cafeeira” construída em torno das redes de sociabilidade, negócios e empreendimentos ligados, direta e/ou indiretamente, ao “mundo do café” (Doin; Perinelli Neto & Paziani), tomando como fontes de microanálise o “Relatório Administrativo Municipal” elaborado por Bittencourt em 1920 e a “Comissão Promotora das comemorações do 1º. Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado” (documento de 1946). Mais do que simples documentos protocolares e/ou comemorativos, essas fontes - consideradas aqui como narrativas

(auto)biográficas – apresentam um conjunto notável de representações, experiências e práticas que misturam os âmbitos públicos e privados e até roçar as fronteiras do íntimo.

Rodrigo Rodriguez Tavares (UFPR)

Imagens da Força Expedicionária Brasileira na imprensa comunista

A participação brasileira na vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), por meio da Força Expedicionária Brasileira, e a redemocratização do país com o fim do Estado Novo (1937 - 1945) trouxeram euforia à população brasileira. A contradição entre o combate às potências do eixo, enquanto o Brasil vivia sob ditadura, tornava o retorno, a recepção e como lidar com os expedicionários um tema importante. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) apoiou Getúlio Vargas após o envio de homens para o campo de batalha e, já no ocaso de sua ditadura, pode atuar às claras depois de anos de ação no subterrâneo.

A imprensa brasileira teve em Joel Silveira um importante correspondente de guerra, mas o Partido Comunista Brasileiro montou uma pujante imprensa diária e jornais como *Tribuna Popular* e *Folha do Povo* também deram destaque aos pracinhas, os heróis brasileiros na luta contra o nazi-fascismo, por meio de reportagens, fotojornalismo e desenhos publicados em diversas edições no fim da guerra. Comunistas também participaram da FEB e deram sua contribuição, como o desenhista Carlos Scliar.

Imagens e textos publicados na imprensa comunista fazem uma leitura sobre o papel desempenhado pelos pracinhas nos campos de batalha, mas também no Brasil. A “leitura” da imprensa comunista traz omissões e ênfases, que devem ser comparadas com outros relatos, e são explicadas pelo contexto político da época e pelos próprios interesses do partido. As principais queixas, as reivindicações, a recepção aos combatentes, entre outros, são temas que perpassam as preocupações do PCB. A comunicação analisa as charges, fotografias e reportagens sobre os pracinhas, demonstrando qual o sentido essas fontes deram aos expedicionários.

Rogério Justino (UFU)

Raquel Discini de Campos (UFU)

Educando pela Publicidade: O higienismo nos anúncios publicitários no Jornal a Tribuna na Uberabinha da década de 1920

O objetivo desta comunicação é demonstrar, por intermédio da reconstrução histórica, como a publicidade em circulação no interior do Brasil nos anos de 1920 colaborou para a disseminação da educação médico-higienista no país. Destacaremos, em especial, as intersecções existentes entre os anúncios publicitários, ou seja, entre os artefatos elaborados com intenções comerciais, e a conformação dos corpos, gostos e sensibilidades dos leitores interioranos. Trabalhamos, portanto, com uma ideia de história da educação que ultrapassa os muros escolares.

O espaço geográfico a ser analisado como palco para o desenrolar desse movimento educativo, civilizador, é o Triângulo Mineiro, com especial destaque para a cidade de Uberlândia, MG, conhecida à época como Uberabinha. As fontes utilizadas nessa

operação historiográfica, conforme nomeou Michel de Certeau, são provenientes do impresso *A Tribuna* (1919-1945), um dos mais emblemáticos da região no período. O recorte cronológico efetuado, a década de 1920, justifica-se em função da importância adquirida pelo impresso no período, bem como pela grande recorrência de propagandas de cunho médico-higienista em circulação naqueles tempos. Ressalte-se que as fontes são analisadas à luz das pesquisas de Roger Chartier, Robert Darnton e Michel de Certeau.

Rogério Pereira de Arruda (UFMG)

Cultura fotográfica e itinerância em Minas Gerais no século XIX

O primeiro registro do uso de um processo fotográfico em Minas Gerais ocorreu em Ouro Preto, em 1845. O artista e daguerreotipista francês Hypolito Lavenue passou alguns dias na capital mineira demonstrando o processo que fora anunciado na França, em 1839, a daguerreotipia. Sua presença foi divulgada no periódico literário denominado *Recreador Mineiro*. Esta observação ao mesmo tempo em que marca uma suposta origem da entrada da daguerreotipia na cultura visual da região (Ouro Preto/1845), é significativa também porque aponta a imprensa como um dos principais meios de divulgação da nova invenção. Assim estudos sobre a expansão da fotografia não podem prescindir do uso da imprensa como uma das fontes principais. Desse modo, a partir de uma ampla pesquisa em jornais e almanaques do período estudei o processo de disseminação social da fotografia na região, entre 1845 e 1900. O estudo permitiu conhecer os daguerreotipistas, retratistas, e fotógrafos que atuaram em Minas Gerais, nos desvelando o modo como expressaram nas cidades mineiras as características da cultura fotográfica do período. Uma das características principais da atuação deles foi a itinerância, a maioria exerceu seu ofício a partir do deslocamento entre as cidades, traço da expansão mundial da invenção. Assim, nesta comunicação apresento a itinerância, tal como ela pode ser caracterizada pela imprensa do período. Proponho estudar estes fotógrafos a partir da sua divisão em três grupos. O primeiro seria dos fotógrafos que realizam a itinerância interprovincial/interestadual; o segundo seria dos fotógrafos que realizam a itinerância intraprovincial/intraestadual; já o terceiro grupo reúne os fotógrafos estabelecidos e que não tem na itinerância a forma principal de exercício do ofício, ou até mesmo é provável que não a realizassem. Na apresentação vou destacar a trajetória de alguns dos fotógrafos vistos em atuação em Minas, em especial dos Irmãos Passig, de Francisco Manuel da Veiga, e de Hugo Zaramella, como forma de traçar o que denomino dinâmica da itinerância, esperando contribuir assim para o adensamento dos conhecimentos sobre a cultura fotográfica no Brasil.

Rogério Souza Silva (UNEB)

Política e costumes na obra humorística de Raul Pederneiras

A presente comunicação mostrará a vida política do Brasil e do mundo no início do século XX através do olhar do caricaturista Raul Paranhos Pederneiras (1874-1953). Uma das preocupações que será discutida é como ele se posicionou diante de uma República que frustrava distintas parcelas da população. O autor via os processos

políticos que marcaram o país e como os vários setores sociais interagem nos conflitos, analisando os diferentes tratamentos dados pelas autoridades como, por exemplo, na Revolta da Vacina. Para Raul Pederneiras, a política era um jogo de tensão entre palavras e ações. Assim, os seus trocadilhos - tão marcantes em sua obra humorística - eram usados para entender as contradições e as expectativas não alcançadas pelo regime. Diante desse quadro, o pessimismo tornou-se uma das marcas do autor aparecendo em seus escritos e desenhos. Entretanto, ele, enquanto ator social, agiu sonhando em mudar o estado de coisas no país seja como presidente da Associação Brasileira de Imprensa, como professor de direito ou como artista. As contradições da política apontadas pelas suas caricaturas e textos aparecem em sua própria pessoa, pois ele demonstrou inúmeras escolhas que eram aparentemente inconciliáveis. Nas primeiras três décadas do século XX ele manifestou entusiasmos nacionalistas, socialistas, pan-americanistas, anti-imperialistas e antiamericanos. Porém, uma das mais impactantes aparece no relato de sua viagem à Itália nos anos de 1920, onde ele manifestou uma enorme simpatia pelo fascismo e por Benito Mussolini.

Rômulo José Francisco de Oliveira Junior (UFPE)

Recife aos olhos literários: cotidiano, urbanização e práticas de sociabilidade (1870-1910)

As cidades no final do século XIX e início do XX, no Brasil, estavam repletas de bens simbólicos e dinâmicas expressadas em comportamentos, sensações e expressões que ditavam o sentir e o agir dos indivíduos que vivenciaram o processo de mudança urbana. Este trabalho tem por objetivo analisar as representações construídas para a cidade do Recife pela literatura de ficção entre os anos de 1870 e 1910. O processo metodológico da pesquisa consiste em investigar a partir de textos como: folhetins, romances, contos, crônicas e poemas, produzidos pelos literatos que fundaram a Academia Pernambucana de Letras, na qual as descrições da cidade emergem dando significados plurais ao espaço, às transformações urbanas, às relações sociais do cotidiano e aos lugares e práticas e sociabilidade. Na pesquisa, além do aparato documental buscou-se compreender a construção das representações cidadinas pela ótica do historiador Roger Chartier e pelo sentido de bens simbólicos de Pierre Bourdieu. O trabalho é parte integrante da pesquisa de doutoramento em história na UFPE, cujo objeto é entender a constituição do campo literário, a produção e circulação da literatura de ficção na virada de séculos no Recife. Acredita-se que a leitura da cidade é fundamental para conhecer como os literatos viam e difundiam as transformações vividas outrora.

Ronualdo da Silva Gualiume (UEPG)

Os cem anos da Praça Frei Capinzal, suas mudanças e permanências nas práticas de sociabilidades na cidade de Santo Antônio da Platina - PR

A cidade de Santo Antônio da Platina, no Paraná comemorou em agosto de 2014 seu centenário de emancipação política. Um dos seus maiores símbolos e presentes no cotidiano da população local é a Praça Frei Capinzal as margens da paróquia Santo Antônio de Pádua! A praça foi palco nesse centenário de variados momentos de sociabilidade, sua planta original, seus arbustos da década de 20, seu chafariz imponente,

suas ruelas, iluminação. Um ambiente disponível para encontros e sociabilidades tem sua história modificada através de regimes, política e governos, transpassados nas variadas reformas que a praça sofreu ao longo dos anos, modificando estruturalmente seus componentes principais, assim como os espaços dados às sociabilidades. Assim, Angelo Magalhães Silva, defende o conceito de “cidade produtiva” sobre as transformações do espaço e construções pelas vias da influência do capitalismo. Sua competitividade e produtividade que as cidades são empreendidas trazendo as mudanças do espaço social, o marco da globalização, as trocas do consumismo e as identidades na formação de uma determinada região ou bairro;

Já para Ana Keila Pinezi, a sociologia da Escola de Chicago concentrou-se na orientação teórica e linha de pesquisa que concentraram nos estudos da sociologia urbana e do imigrante, nas relações raciais e no problema das populações negras nos Estados Unidos. A práxis da Escola de Chicago estava nos temas interessados aos pesquisadores sobre a sociedade moderna e contemporânea, as sociedades tribais e tradicionais. Esse conceito da Escola de Chicago está muito bem determinado na concepção tradicional de uma determinada comunidade e nas rupturas impostas pelo advento das práticas contemporâneas em todos os seguimentos do ambiente social;

Por fim João Tonucci, teoriza a respeito da cidade e suas transformações sociais a partir do desenvolvimento do capitalismo e suas malhas que fazem essa profunda mudança nas classes sociais, nos ambientes e construção das relações de trocas e seus conceitos. Os ambientes, construções e espaços são bombardeados por novas concepções de vida, de consumo, de organização social, assim, muda-se, diverge, desconstrói uma determinante sociabilizadora para nascer outra, evidenciado nos espaços públicos.

Rosa Claudia Cerqueira Pereira (UFPA)

Carimbos Fisionômicos Urbanos: produzidos por José Girard e Valério Vieira no início do século XX

Esta apresentação propõe uma reflexão sobre os documentos fotográficos que tornaram-se os "carimbos fisionômicos" de Belém e de São Paulo no início do século XX, representando as expressões particulares e únicas dessas cidades. Nesse sentido, pretendemos apresentar uma análise da produção dos fotógrafos José Girard e Valério Vieira, os quais produziram um acervo documental importante para a história sobre as referidas cidades no início do século XX, revelando cenas urbanas que fazem parte da construção de uma memória para a cidade. A linguagem visual permite divulgar uma cidade moderna, ao mesmo tempo em que traz a luz uma cidade de acordo com os modelos provenientes da Europa, percebe-se o registro de uma outra cidade que nos remete a espaços de convivência de diferentes realidades. A imagem fotográfica, assim como outras fontes e objetos visuais, constitui-se em importantes instrumentos de investigação histórica para identificar novos objetos e novos problemas. A contribuição deste estudo se aporta no uso da fotografia como principal documento de análise para produção historiográfica, entendendo que a fotografia representa um testemunho que “fala” do passado na intensidade que o historiador a questiona. Este estudo busca analisar a relação entre os fotógrafos e as cidades, a partir da narrativa visual das produções fotográficas. A interpretação das fotografias de José Girard que foram incluídas nos relatórios municipais (sete volumes) produzidos no período da administração do intendente Antonio Lemos (1897-1912), e da obra criativa de Valério

Vieira, com ênfase nos panoramas e cartões postais que produziu no período de 1901 e 1922, constitui-se em uma das estratégias metodológicas para abordagem do uso da fotografia como documento para o historiador, considerando que nesse tipo de documentação pode mostrar aspectos da cultura visual dispersos ou mesmo silenciados por outras fontes de pesquisas.

Rosana Horio Monteiro (UFG)

Imagens médicas e a partilha do sensível

No contexto da cultura visual contemporânea o corpo assume a condição de sujeito ativo e de suporte da atividade artística. Alguns artistas assumem-se simultaneamente como sujeito e objeto de suas obras; outros propõem seres mutantes, ou transformam seus corpos em cibercorpos, através do uso de próteses, ou intervenções cirúrgicas, filmadas em vídeo e transmitidas ao vivo. Assim, o corpo não é mais a fronteira óbvia e natural entre o mundo objetivo externo e a experiência interior subjetiva. O corpo tornou-se uma zona fluida e híbrida entre o interno e o externo, mutável como qualquer outro artefato cultural. Partindo de estudos anteriores em que investiguei os processos de apropriação de imagens médicas por artistas, argumento nesse trabalho que a estética das imagens médicas torna-se visível já na configuração de seus componentes dentro do ambiente em que são produzidas. Ou seja, as possibilidades estéticas de tais imagens não estão conectadas exclusivamente ao seu uso por artistas, mas sim relacionadas à forma que os vários elementos que atuam nas tecnologias produtoras de tais imagens se conectam entre si e ao sujeito que as percebe de tal forma a criar uma nova distribuição do sensível, conforme argumenta Rancière (2005), em *A partilha do sensível*. Assim, as imagens médicas estariam esteticamente carregadas já dentro dos espaços científicos em que são produzidas; suas possibilidades estéticas, contudo, se tornariam mais visíveis em outro contexto ou espaço, como, por exemplo, aquele de uma exposição de arte.

Rosana Maria dos Santos (UFPE/UFRPE)

Reflexões sobre o carnaval do Recife (1972 - 1979)

O artigo pretende trazer uma reflexão sobre o carnaval do Recife entre os anos de 1972-1979, período em que a Comissão Promotora do Carnaval através da lei nº 10.537 passou a organizar a festa de momo na cidade. A pesquisa dialoga com historiadores da história social da cultura, como E. P. Thompson e Michel de Certeau, com o objetivo de entender as formas festivas da sociedade e principalmente o ser social que está inserido nas suas normas e estruturas. Dialogamos também com pesquisadores que estudam a cultura festiva no Brasil: Rachel Soihet e Maria Clementina Pereira da Cunha. Desse modo, pretendemos mostrar que o carnaval vai além de três dias de folia e que principalmente, existe muita coisa séria na festa do riso. Os sujeitos não são apenas espectadores passivos, eles são sujeitos ativos, ao contrário do que defendem muitos pesquisadores que estudam a festa.

Rosane Marcia Neumann (UPF)

Marlise Regina Meyrer (UPF)

Os museus e a construção de uma narrativa da memória do processo de imigração e colonização alemão na RS

O trabalho é um estudo comparado das narrativas visuais e materiais sobre o processo de imigração e colonização nas colônias de imigração alemã, denominadas de colônias velhas, e nas do noroeste colonial, onde se situam as colônias novas. O estudo tem como objeto os museus de memória da imigração e alemã, entendidos como lugares de memória e como tais, produtores de narrativas específicas, neste caso museográficas. Ligadas a Instituições e/ou grupos sociais, estas narrativas inserem-se nas disputas políticas e ideológicas pela memória, ou seja, disputas pelas formas de "contar a história". Como espaços de memória, optou-se pelo estudo inicial do Museu Visconde de São Leopoldo, situado em São Leopoldo, primeira colônia de imigração alemã no RS, e o Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP), localizado em Ijuí, primeira colônia pública criada no início da República, no noroeste do estado, como um núcleo de colonização mista, pretendendo-se a "nova São Leopoldo", ou seja, como um núcleo formando no final do século XIX.

Rosângela de Sousa Moura Souto (UFT)

Memórias subterrâneas: sertanejos pobres, guerrilheiros e militares num sertão sui generis

Este artigo pretende discutir os caminhos percorridos das narrativas construídas sobre o processo histórico Guerrilha do Araguaia, entre as décadas de 60 e 90, que relatam, enquanto participantes da luta somente sujeitos oriundos de dois grupos, guerrilheiros e militares. As leituras dessas narrativas, nos conduziu a problematização de como os discursos sobre a Guerrilha do Araguaia oriundo desses grupos, são produtores de uma memória que se pretende homogeneizante, e nessa pretensão promove a opacização da memória de outros sujeitos, moradores da região, que habitam um sertão particular, onde o seu modo de viver é modificado por ações com interesses específicos, do lado dos guerrilheiros, a busca da consolidação de uma ideologia socialista, e do lado dos militares, a repressão pautada na ideologia da Segurança Nacional, dentre esses dois extremos estão os moradores da região, lançando mão de estratégias que "garantissem" suas práticas costumeiras. Nesse contexto a memória que se pretende consolidar é de caráter hegemônico, disputada entre os dois grupos já citados, que desvincula a participação dos sertanejos pobres como sujeitos ativos do processo. E, por vezes, a memória desses sujeitos, quando são citadas nessas narrativas, é apenas para preencher as lacunas dos discursos dos referidos grupos que buscam "colocar" nas falas desses moradores o apóio irrestrito aos seus interesses, do lado dos guerrilheiros, adesão à luta armada, e do outro lado dos militares, a cooperação para manutenção da ordem do país. Nesse sentido, a Região do Araguaia se torna um "sertão" narrado a partir dos olhares "externos" dos dois grupos acima referidos. Olhares que impregnam valores e percepções que não eram daquele sertão.

Rozélia Bezerra (DEHIST)

“Os trabalhos de hygiene em Pernambuco - 1919”. Epidemiologia e medidas de controle da peste bubônica

Depois de séculos livre da doença a Europa se via assolada pela Peste bubônica. No ano de 1899 o médico português Jorge Pinto descrevia a ocorrência da epidemia na cidade do Porto. A doença não tardou a chegar ao Brasil, via marítima. Nesse mesmo ano deu entrada pelo porto de Santos, através de um viajante oriundo da cidade do Porto (NASCIMENTO, 2011). Em 1902, Pernambuco fez seu primeiro registro da doença, já causando elevada letalidade. Apesar de ter causado certa desconfiança entre a população (BEZERRA, 2014) a Peste foi, paulatinamente, sendo registrada nos boletins epidemiológicos do estado, vencendo a resistência inicial que se instalou na cidade, mesmo diante da ação dos órgãos de saúde pública que insistiam na ocorrência da enfermidade, como era o caso da Inspetoria de Hygiene. Em 1913 era criada a Diretoria de Hygiene e Saúde Pública do estado de Pernambuco, mas que teve vida efêmera. Desse modo e passados tantos anos após o registro da entrada da Peste Bubônica em Pernambuco questiono: qual a situação epidemiológica da doença e quais as medidas profiláticas adotadas pela Diretoria de Hygiene e Saúde Pública do estado de Pernambuco? O objetivo desta comunicação é relatar **OS TRABALHOS DE HYGIENE EM PERNAMBUCO** naquilo que concerne à epidemiologia da Peste Bubônica e nas medidas profiláticas adotadas. As pesquisas mostraram que essa Diretoria foi desativada em 1919 e em seguida houve a criação do Departamento de Assistência à Saúde, dirigida pelo médico Amaury de Medeiros. Tivemos os indícios (GINZBURG, 1994) que este Relatório consistiu o último registro das ações sanitárias desenvolvidas pela Diretoria de Hygiene e Saúde Pública do estado de Pernambuco. Neles foram registrados o perfil epidemiológico e nosológico de Pernambuco, bem como as medidas sanitárias adotadas nos diferentes agravos. Em relação à Peste Bubônica percebeu-se que a letalidade entre 1902 e 1919 foi decrescente. As ações profiláticas ficaram restritas a alguns municípios do Agreste pernambucano, considerados áreas de focos da doença. As medidas higiênico-profiláticas envolveram o doente e o ambiente, sugerindo uma superação da dicotomia entre os médicos contagiogistas e não contagiogistas que vigorou no Recife do século XIX e que a hygiene ia muito além do limpo e do sujo.

Rubens César Baquião (UNESP)

A manifestação textual de conceitos filosóficos na estrutura sincrética dos quadrinhos

A composição das histórias em quadrinhos desenvolve-se no equilíbrio entre a narrativa visual e a narrativa verbal. É possível criar histórias em quadrinhos apenas com desenhos, sem palavras, mas o inverso não é possível, já que os quadrinhos são um tipo de discurso predominantemente visual. Esta apresentação analisa a história em quadrinhos *Brouillard* (Nevoeiro), feita pelo artista francês Caza em 1981 e que é inspirada em um texto filosófico do artista inglês William Blake. A análise da história de Caza mostra como ocorre o processo de adaptação dos conceitos de William Blake, que são escritos originalmente em forma verbal, para a estrutura sincrética dos quadrinhos. Nesse caso, os temas filosóficos de Blake adquirem um revestimento figurativo e, embora a essência

dos conceitos filosóficos seja mantida, a história de Caza os manifesta de maneira diferente, em uma composição em que predomina o discurso visual. A fundamentação teórica dessas análises é a semiótica greimasiana, principalmente os trabalhos escritos por J. M. Floch e J. Fontanille. A história de Caza articula o plano da expressão visual ao plano do conteúdo por meio da relação entre os formantes visuais e os temas apresentados. O ritmo da narrativa que estrutura o plano da expressão relaciona-se ao ritmo da narrativa do plano do conteúdo e essa relação entre a expressão visual e os conceitos é explorada na análise da história em quadrinhos. Assim, compreende-se que conceitos filosóficos de textos literários podem ser desenvolvidos na estrutura sincrética das histórias em quadrinhos, sem que a manifestação discursiva dos quadrinhos altere o conteúdo do texto literário.

Rubia Caroline Janz (UEPG)

Dones Cláudio Janz Jr. (UEPG)

Racismo, mito da democracia racial e Lei 10639/03

O racismo e o preconceito parecem existir na história humana desde a gênese das relações de poder entre os homens. Todavia, desde a Antiguidade até os dias atuais, muito se avançou em termos de direitos humanos e instrumentos de combate ao racismo, o que poderia nos levar a crer que o racismo é um problema quase inexistente, em vias de se resolver. Entretanto, Wieviorka (2007) discorda disso ao afirmar que “O racismo pertence ao presente da humanidade, e não somente ao seu passado.” O que ocorre é que o racismo assume novas facetas, mais discretas e maquiadas, mas não deixa de fazer parte das sociedades humanas. Isso é muito claro no Brasil, onde para muitos autores existe um racismo cordial, silencioso e sem atores. O brasileiro se julga não-racista “porque tem uma empregada negra que é quase parte da família”, ou porque tem “vários amigos negros”, mas essa cordialidade não impede que as marcantes desigualdades sociais entre brancos e não-brancos continuem a crescer. Nesse contexto, o Movimento Negro vem lutando por melhores condições de vida, trabalho e educação para a população afrodescendente do nosso país, sendo que uma das conquistas mais recentes nessa empreitada é representada pela Lei 10.639/03 a qual torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. Ela foi aprovada em consonância com a agenda do governo do presidente Lula, pautada na valorização da raça negra e da diminuição das desigualdades raciais, somadas às exigências da Conferência de Durban. A lei se encontra no âmbito das medidas afirmativas propostas pelo governo e, nesse sentido, tem como um de seus principais objetivos combater o racismo e as discriminações especialmente contra os negros. Além disso, a lei pretende ser um meio de efetivar “o direito dos negros de se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia (...) seus pensamentos” (BRASIL, 2004, p. 10). Dito isso, ainda poderíamos nos questionar sobre a real necessidade da Lei 10.639/03. Por que foi preciso criar uma Lei que tornasse obrigatório o ensino de história afro-brasileira e africana na educação básica? Esse trabalho traz propostas para a análise de tal aspecto.

Ruth Cavalcante Neiva (UFES)

O intelectual ítalo-argentino, José Ingenieros, inspirou-se na Literatura Naturalista produzida por médicos argentinos do começo do século XX para elaborar a sua obra criminológica *Multidões Místicas e Delinquentes*. O intelectual fez uma análise da novela sociológica *Hacia la Justicia*, afirmando que ela abordava a questão social pelo viés genético, funcional e resolutivo. Tal novela era inspirada pelo estilo literário naturalista e buscava descrever tipos característicos de agitadores de multidões em situações de conflito social. Ingenieros acreditava que *Hacia la Justicia* era uma crítica a sociedade argentina da sua época e, por essa razão, se propôs a fazer uma análise da psicologia dos personagens presentes na novela com a finalidade de traçar um perfil psicológico dos indivíduos de comportamento antissocial. Para Ingenieros, o personagem *Germano* seria o protótipo de fruto do meio social que habitava, pois era um morador do subúrbio que vivia em miseráveis e precárias condições de vida. *Germano* foi analisado por Ingenieros como um indivíduo que era resultante da sua hereditariedade psicológica, das sugestões que recebeu do meio social que habitava, e da sua falta de educação moral. Ou seja, na interpretação ingenieriana, *Germano* era um desequilibrado e homicida porque sua hereditariedade psicológica se somava a sua miséria e a sua inferioridade mental. É relevante analisar como Ingenieros se apropriou da Literatura Naturalista para elaborar suas teorias criminológicas que refletiam sobre as situações de caos social-urbano em Buenos Aires e também sobre a psicologia dos indivíduos delinquentes, pois a criminologia ingenieriana refletia um projeto de ordenamento social para a Argentina em que indivíduos de comportamento considerado antissocial deveriam ser segregados da nação.

Sainy Coelho Borges Veloso (UFG)

A IMAGÉTICA DE ULISSES EM JOSÉ EMÍLIO BURUCÚA. Performances desterritorializadas e migrações transnacionais contemporâneas

Em 2014, José Emílio Burucúa, argentino, publicou um livro intitulado *El mito de Ulises en el mundo moderno*. No livro, obra da maturidade do autor, Burucúa percorre a histórica do mito universal de Ulisses e suas apropriações nas artes. A ideia da investigação de Burucúa começou em 2002, ao ler nos jornais sobre uma operação militar conjunta de alguns países da Comunidade Econômica Européia - Espanha, França, Itália e Inglaterra - no Oceano Atlântico para resolver o drama social (Turner, 1974; Geertz, 1997) de migrantes da África que se aproximavam da costa mediterrânea e devolvê-los ao seu porto de origem. A despeito da continuação dessa prática, naquele momento, dois fatos lhe causaram estranhamento: O plano estratégico com apoio da Inglaterra, apesar de não ser uma potência mediterrânea e a denominação de “Operação Ulisses” para a devolução desses migrantes. Burucúa expressou sua indignação em uma carta, na qual reflete sobre a operação militar e a impropriedade de seu nome, e enviou-a a jornais locais e no exterior. A partir de então, recebeu apoio de muitas pessoas como também, recebeu críticas à sua posição política e à contestação do uso inadequado do mito. O autor começa então, a realizar uma extensa pesquisa como colaborador em *Wissenschaftskolleg* de Berlim/Alemanha. Para tanto, contou com duas bolsas de estudos, uma do *Getty Research Institute* e a outra do *Kunsthistorisches Institut* de Florença/Itália (Entrevista oral, 22.08.2014). No livro Burucúa mostra a imagética

definidora do mito de Ulisses, em diferentes interpretações culturais e momentos históricos. De maneira multidisciplinar, sua investigação contempla a literatura, o teatro, as artes plásticas, a música, o cinema, a vida política e religiosa. Sua análise recai em diferentes entendimentos culturais da *performance* dessa figura mitológica grega, bem como seu lugar na arte e no marxismo. Como há uma rica profusão imagética no livro, delimito minha investigação ao capítulo XV, intitulado “Ulises romântico: entre la literatura (Tennyson, Coleridge, Melville) y la pintura (Fussli, Hayez, Turner). Ulises, neo-paganismo y decadentismo del *fin de siècle*”, para maiores aprofundamentos em como uma imagética da desterritorialização já anunciava migrações transnacionais contemporâneas. (Avila, 2007; Barth, 2012; Bonassi, 2000; Cogo, 2012; Haesbaert, 2007).

Salatiel Ribeiro Gomes (UNICEUB)

O filme de comédia como um modo singular de lidar com a memória

A memória de acontecimentos traumáticos (guerras, ditaduras, holocausto judeu) construída pelo cinema caracteriza-se, comumente, pela capacidade de produzir/despertar no espectador afetos penosos – piedade, horror, ressentimento, entre outros. Quando o objeto da narrativa fílmica é um passado recente, como é o caso das ditaduras no Cone Sul, a produção de afetos muitas vezes funciona como um dispositivo de impedir o esquecimento e como mecanismo de manutenção do sentido da luta por justiça, sobretudo porque as feridas e ausências provocadas por esses eventos ainda estão por ser superadas pelas sociedades, de modo geral. No caso de filmes de comédia, quais estratégias narrativas são usadas para evocar tais memórias sem produzir esses afetos dolorosos? Como tornar risível a memória da dor e da perda? De quais possíveis fenômenos a comédia aí pode ser lida como sintoma? Nesta comunicação, buscamos refletir sobre tais questões, a partir das formulações de Bérghson e Freud acerca do riso e do humor, e, para tanto, tomamos como exemplo o filme argentino *Mas que un Hombre* (2007), dos diretores Dady Brieva e Gerardo Vallina, no qual alguns elementos da memória da experiência ditatorial argentina são arrolados em situações cômicas que desviam a narrativa do modelo predominante de representação da ditadura pelo cinema.

Samara Elisana Nicareta (UFSC)

As marginais, as perdidas, as honestas e as desejadas: as categorias da imagem feminina na imprensa curitibana nos anos 1980

Toda imagem apresenta em seu cerne um projeto civilizador, uma lógica disposta a ser difundida e reproduzida no âmbito da sociedade. Esta premissa nos leva a considerar que toda seleção de imagem, mesmo que aparentemente não intencional, acabe por perpetuar determinados padrões culturais impostos, descritos como desejáveis. A imprensa paranaense, formada por jornais regionais, incute um determinado padrão proposto para a mulher no limiar dos anos 1980. Todavia este padrão não é único, representa diferentes cenários na construção de divergentes imagens femininas. Consideramos neste estudo três jornais de grande circulação comercial: Gazeta do Povo, Diário Popular e Tribuna do Paraná. Ambos com grande difusão na sociedade

curitibana, mobilizadores de perspectivas, criadores de um campo ideológico e reprodutores das manifestações e conflitos da própria sociedade. Dada as fontes imagéticas, utilizaremos como princípio os estudos de Barthes, que nos apresenta bases teóricas *Studium* para a construção da criação da imagem feminina, enquanto seu cenário social, histórico e cultural constituído por vários sujeitos e elementos; e a essência descrita para a imagem feminina, revelado pelo *punctum*, enquanto elemento de uma singularidade própria, o signo presente ou ausente, que transpassa um detalhe sobre o contexto. Amparada por referenciais culturais a imagem feminina difundida na imprensa ultrapassou a dicotomia da mulher mãe e mulher promíscua, construindo mais representações entre o privado e o público que outrora esperávamos. A mulher foi exposta como perdida, marginalizada, honesta e desejada nos limites dos instrumentos tradicionais da imprensa. As perdidas vulgarizam a o sexo, partilham do promíscuo, da pobreza; uma exposição pública das mazelas humanas. As honestas, simbolizam um estilo de amparo e preocupação social, comumente tratadas como damas da elite socioeconômicas, são mulheres públicas que difundiam relações de poder amparadas na reprodução de padrões culturais hegemônicos. As marginalizadas, advém de outro espectro da sociedade, exigem astúcia e perspicácia, rompem com os padrões comuns, pois, adentram o universo do crime, da luxúria e garantem seu poder através de suas artimanhas nebulosas. As desejadas compreendem um grupo selecionado pelos homens, para seu uso público e sexual, mais que desejadas não são menosprezadas, tampouco consideradas perdidas, manifestam o poder feminino através da sensualidade explícita e pública. A articulação do universo feminino, desta forma, permeia um discurso imagético, silencioso e dotado de signos; ideológico e apropriado por uma época de abertura política, social e cultural, que extravasou os limites do lar, passando a perceber a mulher pública nas suas diferentes acepções.

Samara Mendes Araújo Silva (UESPI / SEDUC/PI)

As “Comidas do Norte” e as “Comidas do Sul”: a regionalidade de algumas comidas piauienses

A grande extensão territorial nacional engendrou uma diversidade de práticas culturais, inclusive de âmbito alimentar. Propiciando, inclusive que algumas destas ficassem restritas a certos ambientes sócio-geográficos o que as tornou desconhecidas e estranhas aos demais, quer seja ao próprio Estado quer seja aos demais entes da federação nacional. Em termos alimentares, certas práticas, por vezes tornam-se populares a ponto de identificar determinada área do país por sua comida, implicando em generalizações que nem sempre são coerentes com o cotidiano alimentar da população residente em toda uma extensão sócio-geográfica. Deste modo, o que propomos discutir, neste trabalho, é que mesmo possuindo comidas que, por vezes, estão presentes em todo o território, há certos pratos que em decorrência da historicidade, da significância e simbolismo cultural permanecem seu consumo permanecem circunscrito a determinado espaço social. Para tanto tomamos como lugar de análise o Estado do Piauí, onde a população designa comumente como existindo “comidas do Norte” e “comidas do Sul” para diferenciar as origens das tradições alimentares existentes naquele espaço, utilizamos como fontes documentos hemerográficos e orais os quais foram fundamentamos sob a ótica da História e Cultura da Alimentação. Deste modo percebemos, mesmo com o intenso processo migratório ocorrido nas últimas três décadas do século XX, o qual propiciou a intensa difusão de diferentes práticas do sertão

no meio urbano, ainda permanece, a clara diferenciação e regionalização das comidas o que contribui em grande medida para fortalecer os aspectos identitários e diferenciadores entre as duas regiões do Estado do Piauí. E, estendendo esta consideração para as demais regiões do país, podemos afirmar que as comidas são elementos portadores de identidade e da historicidade de um grupo social, e, em grande medida, responsáveis pela manutenção da vivacidade dos regionalismos que persistem em nossos territórios Brasil a fora.

Samuel Silva Rodrigues de Oliveira (CPDOC-FGV)

A Comissão Nacional de Bem Estar Social (CNBS): habitação popular, favelas e migração (1951-1955)

A comunicação propõe analisar o lugar da Comissão Nacional de Bem Estar Social (CNBS) na formulação de um projeto de política de habitação popular na década de 1950. Fundada no ministério do trabalho no segundo governo Vargas (1951-1954), a comissão prometia a racionalização das políticas públicas para o trabalhador e expansão dos direitos sociais. Em claro diálogo com a tendência internacional presente de formação de um Estado de Bem Estar Social (*Welfare State*) no pós Segunda Guerra, a CNBS produz relatórios para oito áreas, divididas nas seguintes subcomissões: Seguro Social, Serviço Social, Habitação e Favela, Saúde, Indústrias Domésticas e Artesanato, Colonização e Bem-Estar Rural, Recreação e Cultura, e Assistência Técnica. A comunicação centra especial atenção na Subcomissão de Habitação e Favela, que foi *locus* da discussão sobre o “problema urbano” e a habitação popular.

Um dos pontos centrais para a discussão das representações de cidade na CNBS foi a nacionalização da imagem das favelas e da migração rural/urbana (o “rurícola” que se tornava “trabalhador”) para refletir sobre a urbanização brasileira. Diferente da imagem de uma razão universalista e neutra guiando as práticas estatais e políticas públicas, essa comunicação compreende o Estado como produtor de um conhecimento que reproduz e reinventa as hierarquias e classificações sociais, produzindo *tecnologias de identificação* (NORIEL, 2005). Assim, entender a maneira como os atores da CNBS operacionalizam o conceito de urbano e propuseram a formulação de práticas estatais é o eixo central de nossa comunicação.

A pesquisa apoia-se na análise da documentação do Arquivo Pessoal de Alzira Vargas do Amaral Peixoto, sob guarda do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV). Ainda que seja considerado um acervo privado, o arquivo compõe-se da documentação pública produzida nos governos de Getúlio Vargas e é pouco explorado na bibliografia sobre a habitação popular e a história das políticas urbanas.

Sandra Izabele de Souza (UFRPE)

Civilizando o amor: o namoro e as normas higiênicas ao casamento na cidade do Recife (1900-1912)

O presente trabalho se propõe analisar como as autoridades públicas, a imprensa e as camadas abastadas empreenderam políticas e estratégias de controle e moralização dos comportamentos das camadas pobres do Recife nos primeiros anos do século XX. As principais capitais brasileiras passavam por um intenso processo de modernização, o que certamente contribuiu para mudanças nos hábitos e costumes da população, deixando muitos segmentos sociais preocupados com os “bons costumes”. Assim, parece que o namoro e as relações amorosas passaram a ganhar atenção entre os moralistas da época, preocupados com a dissolução dos costumes e da família. Uma atenção maior deveria recair sobre os jovens das camadas pobres, especialmente para as mulheres, ora por serem consideradas presas fáceis para os sedutores, ora por serem acusadas de incitar ou tirar proveitos dos rapazes, ora por serem responsáveis pela difusão das normas higiênicas na família. Uma família higiênica necessitava que homem e mulher assumissem seus papéis: Ao homem, a dominação, o trabalho fora do lar, a virilidade; e à mulher, a submissão, a dedicação ao lar, a pureza, a fidelidade. A intenção era clara: civilizar os comportamentos das “classes perigosas” a partir da difusão de modelos de família, de masculinidades e feminilidades ideais a construção de uma sociedade moderna e civilizada, como propalava Rui Barbosa: “a pátria é a família ampliada” (ESTEVES, 1989, p. 76). No Recife, a presença de mulheres nos espaços públicos, como ruas, praças e tavernas, fora percebida por muitos historiadores/as. No entanto, essa parcela feminina, em regra, pertencia às camadas pobres, fazendo da rua seu espaço primordial de trabalho e, por vezes, de lazer, ao mesmo tempo, significava uma ameaça aos costumes, aos modelos e ao projeto de sociedade defendido pela elite brasileira. Apesar dos enormes esforços de enquadrar os comportamentos populares aos modelos ideais de conduta amorosa, sexual, familiar e social, as histórias de sedução, os casos de defloração e “namoros indecentes” eram frequentemente noticiados pelos jornais e comentados pelos habitantes da cidade. A justificativa para os delitos, em regra, era que a mulher não tinha assumido sua passividade e submissão, qualidades importantes para o equilíbrio das relações entre homem e mulher. No centro dos julgamentos estava, quase sempre, a investigação dos comportamentos femininos. Comportamentos, modos de viver e formas de amar característicos de uma cultura autônoma e diferentes dos parâmetros vigentes, resultado das condições materiais e de escolhas culturais, como apontou Esteves (1989, p. 123).

Sandro Tôrres Batista (UFG)

Salão Nacional de Artes de Goiás - Prêmio Flamboyant: Relações de HISTÓRIA/ARTE/MERCADO. Uma análise

Durante um período de 06 (seis) anos na história recente das artes em Goiás - entre 2001 e 2006 - seis edições de um salão de artes, com alcance nacional, que se inscreveu na capital goiana e teve como característica a parceria da iniciativa privada e do poder público, a primeira, o então maior shopping center da região, patrocinando e sediando o evento e o segundo, o MAC GO (Museu de Arte Contemporânea de Goiás), um braço da Secretaria de Cultura de Estado, chancelando e avaliando o eixo curatorial do evento. Ao todo passaram pelo salão 185 artistas e um total de 55 obras ‘adquiridas’ na forma de prêmio-aquisição e passaram, em seguida, a fazer parte do acervo do MAC GO, juntando-se ao acervo já existente do museu inaugurado em 1988 com o objetivo de tentar ‘perfurar’ uma cena eminentemente modernista nas artes visuais em Goiás à época, e alinhar esse cenário ao das grandes cidades. A partir desse histórico do salão

nacional ficaram alguns questionamentos: Qual a contribuição histórica dessa série de eventos para a cidade? Qual o legado do ponto de vista cultural? Cumpriu seu papel como modelo de fomento cultural? Porque o Salão Flamboyant durou apenas seis edições? Essas são algumas questões a serem levantadas no arrolar dos fatos, além de estabelecer o contexto da cena das artes visuais em que se inscreveu tal salão. O objetivo do artigo é, através de uma revisão bibliográfica de 03 (três) obras específicas, tentar compreender melhor estabelecer um eixo temático que faz a triangulação entre História-Arte-Mercado; são essas obras o livro Arte e Mercado do professor de economia da Universidade de Paris, Xavier Greffe, especialista nas relações arte-mercado, o livro Museus de Fora, do professor e pesquisador Dr. Emerson Dionisio Gomes de Oliveira, da Universidade de Brasília, especialista em artes plásticas, arte contemporânea e acervos de memória e, por último, da tese de Doutorado Arquivo, Museu, Contemporâneo- A Fabricação do Conceito de Arte Contemporânea no Museu de Arte de Santa Catarina, MASC, de Suely Lima de Assis Pinto, da Universidade Federal de Goiás, Jataí/GO. Em seu livro “Arte e Mercado”, o autor francês Xavier Greffe dedica um capítulo inteiro ao tema “Legitimação da arte pela economia”, onde nos conduz através de uma linha cronológica e de análise do impacto dos efeitos mercadológicos na apropriação das artes, mais especificamente o autor enumera um tópico que vai ao encontro do tema que pretendemos tratar: “o uso da arte para reforçar a imagem das empresas”; já o livro do professor Emerson Dionísio descreve como se deu a constituição do acervo do MAC GO e faz analogia com outros museus do Brasil; Suely Lima em sua tese de doutorado traça, em capítulos, a trajetória do MASC e a constituição de seu acervo.

Sávyo Enrico Rodrigues Alves (UFC)

Entre bárbaros e civilizados: As representações do Imperialismo no anime “Code Geass”

O presente trabalho busca pensar a discussão do conceito de “Imperialismo” com o uso de fontes audiovisuais, mais especificamente, animações japonesas denominadas como “animes”, que podem ser de grande valia para discussões em sala de aula. Levando em consideração, principalmente, as reflexões propostas por autores como Edward Said e Jack Good que buscam entender o fenômeno de construção do Oriente. Buscamos aqui transcender a discussão para além das disputas comerciais europeias e, sim, para a exportação de um novo modelo de sociedade “iluminada” pela luz dos europeus. Diante disto, estabeleceremos um diálogo crítico partindo das questões levantadas pelo anime Code Geass - Lelouch of the Rebellion da franquia Code Geas, que também contém “mangás” (os quadrinhos japoneses, alcunhados desta forma) e jogos de videogame em seu modus operandi de existência. A trama exibida no Japão pela rede televisiva MBS no período de 5 de outubro de 2006 à 28 de julho de 2007 contém 25 episódios dirigidos por Gorō Taniguchi e escritos por Ichirō Ōkouchi. O anime conta, basicamente, a história de um país imperialista chamado de Sacro Império Britannia, uma grande potência mundial que conquistara uma série de localidades ao redor do mundo. Império este que transformaria a denominação das localidades conquistadas em números. Como fora o caso do Japão, que fora subjugado e teve seu nome mudado para “Eleven”. Percebe-se, aqui, uma questão importante de discussão dessa espécie de arte, que é a capacidade de homogeneizar e massificar o conquistado que podem ser percebidas nas atuações imperialistas do séc. XIX e XX. Além deste quesito, logicamente, há uma série de temas abordados ao longo dos episódios e na própria constituição moral dos personagens que serão abordados e concatenados criticamente neste processo analítico.

Nota-se que o anime não foi feito com o objetivo de se tornar material didático como usufruto em sala de aula, porém, o importante é a percepção e o encaminhamento do professor na análise deste discurso embasado com as “preocupações” e as discussões teóricas da História. No entanto isso não deve ser tomado como uma barreira para o uso dessas novas estratégias em sala de aula, mas, sim, um estímulo para que se promova um diálogo diferenciado e inovador com o alunado.

Senaide Wolfart (UNIOESTE)

Cinema, sociabilidades e recepção em Pitanga-PR (1950 - 1990)

O presente resumo retrata a proposta de pesquisa de analisar as salas de cinema no município de Pitanga-Paraná, abordando o período entre 1950-1990, no qual houve quatro cinemas, dois destes obtivemos maiores informações, o *Cine Recreio* e o *Cine Teatro São Luiz*, quanto aos outros dois ainda temos poucas informações até o momento, sabe-se que funcionaram apenas durante a década de 1950. Parte-se da prerrogativa de que ao longo dos estudos sobre cinema, no campo historiográfico, pouco foco se deu ao espectador, a recepção, e ainda pouco se pesquisou sobre o “fenômeno cinematográfico”, ou seja, as salas de cinema, os espectadores, as exibições propriamente ditas. Há alguns anos houve um crescimento nos estudos sobre as salas de cinema, abordando as sociabilidades e as cidades, mas ainda pouco se explorou no âmbito da relação entre Cinema/Cidade/Público. Portanto, dentre a essas exposições, nossa hipótese é de que as salas de cinema das pequenas cidades podem apresentar outras percepções frente a experiência cinematográfica e a sua relação com a percepção da modernidade nestes locais. De modo que a pesquisa contará com a análise de depoimentos orais de espectadores, não espectadores, projetistas, administradores, e sujeitos que de alguma maneira estiveram envolvidos com as salas de cinema na cidade de Pitanga. Além de que, possui-se o acervo pessoal de fotografias de um dos administradores do *Cine Teatro São Luiz*. Ao analisar tais temas, percebendo as transformações da cidade, temos a possibilidade de realizar uma comparação entre os distintos sentidos, significados e apropriações acerca das salas de cinema, pois o impacto destas salas nas pequenas cidades é, ainda, pouco explorado na historiografia dedicada ao tema.

Sérgio Hamilton da Silva Barra (PUC/Rio)

A colonização do sertão na construção do novo império português na América (1808-1822)

No meio da vasta produção emanada dos prelos da Imprensa Régia do Rio de Janeiro entre 1808 e 1822, é possível encontrar diversos roteiros de viagem, mapas populacionais e notícias sobre a pacificação das nações indígenas que habitavam os ainda vastos *sertões* da colônia. Essas publicações visavam ressaltar as medidas tomadas pela Coroa portuguesa, estabelecida no Rio de Janeiro, com o fim de promover a integração política das diferentes *regiões* surgidas do processo de colonização portuguesa da América. Tais medidas eram consideradas fundamentais para a efetivação do projeto político de construção do *novo império português*, posto em prática a partir da transferência Família

Real portuguesa para o Rio de Janeiro. A presente comunicação tem o objetivo de analisar esse conjunto de publicações chamando a atenção para dois aspectos: por um lado, para o papel político exercido pela imprensa no projeto ilustrado de reforma do Império português, ressaltando a relação existente entre cultura e poder nesse projeto. E, por outro, para a oposição, que sobressai da leitura dessas memórias e notícias, entre os conceitos *sertão* e de *civilização*. Entendendo que a representação que os homens que viviam na colônia portuguesa da América no início do século XIX faziam dos *sertões* como um *espaço mental* relacionado à barbárie e a selvageria, engendrava um conjunto de discursos e práticas culturais, principalmente com relação às populações indígenas que originalmente habitavam esses espaços.

Sérgio Roberto Gomes de Souza (UFAC)

As outras artes de curar: feiticeros e curandeiros no Acre Territorial (1904 a 1930)

No então Território Federal do Acre, entre os anos de 1904 e 1930, práticas de medicina popular, realizadas por sujeitos sociais denominados pela imprensa local e em relatórios oficiais de prefeitos departamentais e governadores como feiticeros e curandeiros, faziam parte do cotidiano dos habitantes em um período que antecede a chegada da empresa gumífera, na segunda metade do século XIX. Inicialmente eram desenvolvidas por populações indígenas, a partir de uma intensa relação com a fauna e flora existente nos territórios que ocupavam. O padre francês Constant Tastevin, por exemplo, tratou sobre esses saberes e fazeres em relatório produzido durante viagem ao rio Tarauacá, no ano de 1926 (TASTEVIN, 1926, p. 193). O mesmo fez o jornal Folha do Acre, editado na cidade de Rio Branco (AC), que em sua edição nº 296, de 17 de janeiro de 1920, publicou matéria intitulada “Nauiki”, ressaltando que o vegetal era de grande valia para as mencionadas populações, por ser dotado de “diversas propriedades terapêuticas”. (Nauiki. Folha do Acre, 17 de janeiro de 1920, ano X, nº 296, p. 01.)

A estes fazeres e saberes somaram-se outros, vinculados, principalmente, ao cotidiano de habitantes do semiárido do Nordeste brasileiro, (Belisário Penna e Arthur Neiva relataram experiências de medicina popular, no interior do Piauí, em relatório denominado: “Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí, e de norte a sul de Goiás”.) protagonistas, a partir da segunda metade do século XIX, de intenso movimento populacional em direção à Amazônia, para atuar como mão de obra na exploração do látex e produção da borracha.

Existe, no entanto, um aspecto a ser notado. Nos jornais editados no Território do Acre, nas três primeiras décadas do século XX, observa-se uma clara distinção de uso entre os que prescreviam remédios caseiros, homeopáticos ou alopáticos, e os que recorriam ao espiritismo e a magia, com intuito de realizar curas, praticar adivinhações e ritos que despertassem ódio ou amor. Os primeiros, geralmente, recebiam a denominação de curandeiros, enquanto os segundos, em algumas ocasiões, eram caracterizados como feiticeros, não havendo, no entanto, um padrão para a utilização do termo.

Um dos fatores que contribuiu para a intensificação da medicina popular no Acre, no período citado, foi a frágil estrutura dos serviços públicos de saúde existentes no Território, o que dificultava o acesso à assistência médica e medicamentosa. A busca por outras artes de curar, nessa perspectiva, pode ser compreendida como uma importante estratégia de sobrevivência, considerando que, para muitos, passaram a representar a

única alternativa capaz de fazer frente às moléstias que se manifestavam de forma endêmica e epidêmica na região.

Sergio Willian de Castro Oliveira Filho (UNICAMP)

O Romance protestante de Mary Hoge Wardlaw na esteira de um possível protagonismo feminino

Publicado em 1902, nos Estados Unidos, o romance “*Candida; or, by a way she knew not. A story from Ceara*”, de autoria da missionária estadunidense Mary Hoge Wardlaw, postava como seu objetivo primordial demonstrar ao público leitor protestante e norte-americano como se tinha dado o esforço para a implantação da Igreja Presbiteriana na Província do Ceará na década de 1880. Entretanto, mais que a percepção acerca das nuances da atuação desta missionária no Brasil, esta comunicação tem por objetivo analisar até que ponto poderíamos considerar seu escrito inserto na noção de “protagonismo feminino” lançado por Maria Jordán Arroyo. Isto é, propomo-nos a discutir as possibilidades de o romance “*Candida*” abrir espaço para um protagonismo feminino inserido em uma rede de relações assimétricas e atuando constantemente no campo de acomodações e astúcias.

Silvana Assis Freitas Pitillo (UFU)

O Oratório de D.Bosco - linguagens artísticas

Este estudo tem por objetivo analisar as diversas linguagens artísticas utilizados nos trabalhos realizados por Dom Bosco com jovens marginalizados na cidade de Turim, na Itália no período de 1845 a 1860. Ele elegeu o Oratório Festivo, como espaço privilegiado para atuar junto à juventude desta cidade que em processo de industrialização via formar um exército de meninos e meninas desprotegidos em todos os âmbitos social, político, econômico e jurídico. O Oratório foi para ele a primeira escola organizada não acadêmica e fundadora de uma práxis pedagógica que se convencionou denominá-la sistema preventivo.

Dom Bosco nasceu nos arredores de Turim em 1815, sua vida e obra foram perpassadas pelas tensões do século XIX, entre a Restauração monárquica e a Revolução Francesa e os ideais iluministas. Na Itália oitocentista ocorreram dois grandes momentos históricos, o processo de unificação territorial e político e a revolução industrial. Turim está no epicentro desses acontecimentos, portanto vivencia a explosão de movimentos políticos, sociais, econômicos e culturais. Nesse contexto, o movimento operário adquiriu força, alimentando-se dos ideais comunistas e socialistas, enquanto a constituição de um Estado laico e unificado ganha contornos advindo do liberalismo econômico e político.

Para o padre piemontês a juventude pobre ficou desprotegida, exposta a este vendaval de ideias, ideologias e novas doutrinas que a arrastava para a perdição. Dom Bosco tinha que enfrentar esses embates, além de tentar conter as influências “malévolas” do protestantismo em expansão no território italiano. Diante disso se viu compelido a dar

respostas e sua opção foi trabalhar com esta juventude marginalizada ou em via de marginalização.

O Oratório enquanto espaço de catequese não foi uma criação de Dom Bosco, mas ele lhe acrescentou algo inovador, a metodologia: o uso de linguagens artísticas (a dança, o teatro, a música) como meios para catequizar os meninos e colocá-los em contato constante, nos fins de semana e feriados, com os preceitos da religião católica.

Silvana Bagno (UNIRIO)

Memórias e Narrativas de moradores de uma favela carioca e sua representação no imaginário social

Partindo da escuta das memórias de um grupo de idosos, moradores em uma favela do bairro de Santa Teresa, Rio de Janeiro, Brasil, e da literatura sobre favelas, constata-se que o discurso e as representações no imaginário social que recaem sobre estas sempre foram discriminatórios e o termo *favelado* continha forte conotação pejorativa. Posteriormente, alguns desses espaços passaram a ser controlados pelo narcotráfico e os seus habitantes, indiscriminadamente vem sendo apontados como criminosos, sofrendo constantes abusos pela polícia, mesmo após a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), pois a relação entre moradores, sobretudo os jovens, e a polícia tem sido permeada por conflitos.

Nas narrativas desses moradores, nota-se um desejo de reconhecimento, de valorização e respeito às favelas e seus moradores, desconstruindo o preconceito e a discriminação com que foram vistos ao longo de mais de um século. Esse anseio pelo reconhecimento nos remete ao discurso veiculado desde o surgimento das primeiras favelas, no final do século XIX, quando essas eram representadas como sinônimo de criminalidade - cujo significado, nessa ocasião, era o de “invasão ilegal do terreno alheio”. Somente a partir da década de 1980, esse termo passou a significar violência urbana, crimes violentos, em geral praticados pelos traficantes de drogas, assim como pela polícia em ação nas favelas (Campos, 2011; Maiolino, 2008; Gomes *et al*, 2006).

Mas, nos últimos 30 anos, as favelas passaram a ser consideradas uma solução para os problemas de habitação para as populações mais pobres. Acadêmicos, pesquisadores, artistas, dentre outros, têm contribuído para um novo olhar sobre esse segmento da população, valorizando o capital cultural local (Maiolino, 2008; Gomes *et al*, 2006; Valladares, 2005).

Observa-se, ainda, que os discursos sobre as favelas e seus moradores oscilam entre aqueles mais pejorativos, discriminatórios, criminalizadores e aqueles que as valorizam, reconhecendo seus recursos humanos e potenciais. Ambos têm influência marcante na constituição desses sujeitos, uma vez que a linguagem - em especial, ao sermos chamados por um nome, ou insultados - produz efeitos quanto ao reconhecimento e a identificação do sujeito (Butler, 2004; 2006).

O grupo de idosos do Fallet quer, acima de tudo, *falar*. Narrar sua história, suas origens, seu passado glamoroso, seu patrimônio humano, cultural e desportivo, de suas perdas, transmitir suas memórias àqueles que não tiveram essa experiência (Nora, 1993). Precisam acima de tudo, esclarecer a identidade espacial do Fallet e, por conseguinte, a sua própria (Gupta e Ferguson, 2000; Elias e Scotson, 2000).

Silvia Cristina Martins de Souza (UEL)

“A crise mais formidável que se conhece nos fatos econômicos do Brasil”: a quebra da Casa Souto e as relações entre história, música e política (Rio de Janeiro, segunda metade do século XIX)

No ano de 1864, o sistema bancário carioca sofreu um dos seus maiores abalos quando foi à falência a casa bancária do Souto levando no seu rastro uma série de outros bancos. A situação colocou a população em pânico e afetou diferentes setores da economia e da sociedade. Neste artigo analisamos esta crise a partir das letras de alguns lundus compostos no seu contexto de emergência. Trata-se de uma análise que se foca na recepção e interpretação da crise, em termos culturais, que tem como objetivo compreender as diferentes visões presentes nas letras destes lundus sobre um tempo de dificuldades e carências, notadamente para a vida de pessoas comuns.

Sílvia Rachi (UFMG)

Sem sujar os dedos de tinta: os iletrados e a escrita mediada na sociedade colonial

Escrever é expressar a vida numa folha de papel. É confrontar-se com a existência em forma de lembranças e projeções, de esquecimentos e expectativas. Trata-se do encontro com pensamentos, expressos em memórias, necessidades e representações. Ato de manifestação pessoal, redigir um texto pode, todavia, ocorrer de maneira mediada. Assim o foi, em especial, nas sociedades do Antigo Regime, onde o aprendizado das primeiras letras era contemplado por poucos.

É sabido que na Época Moderna, o domínio da cultura letrada possibilitava distinção e ascensão social e que a posse e o uso dos impressos, bem como a propriedade das maiores bibliotecas particulares, faziam parte do mundo dos proprietários e/ou daqueles que exerciam atividades que demandavam certa formação intelectual. Não discordamos dessa análise, porém, advogamos a necessidade de se levar em conta outras perspectivas de estudo no que tange à escrita. Em nossa pesquisa descentramos a atenção da posse da cultura letrada para nos focarmos nas formas de escrita, especialmente dos iletrados. Como nos esclarece a historiografia, no referido contexto o poder de grafar autonomamente concentrava-se nas mãos masculinas, brancas e abastadas. Nesse sentido, para alguns agentes, dentre eles, as mulheres, a ação de escrever realizava-se, grosso modo, de forma solidária. Ainda que houvesse aquelas capazes de redigir, compuseram manifesta minoria, fator que não anulou, contudo, a utilização da escrita por esses sujeitos.

Este texto é um recorte da pesquisa de doutorado por meio da qual investigamos os usos sociais da escrita feitos por mulheres, em Minas Gerais, no período de 1780 a 1822. O corpus documental selecionado para a investigação apresenta como principais fontes os testamentos post mortem. Partimos da convicção de que as relações com a escrita ultrapassam em muito a capacidade de redigir de “próprio punho”. Defendemos a ideia de ser o autor de um texto escrito aquele que conhece, compreende e avalia a realidade, ou seja, quem fornece os conteúdos redacionais numa situação de comunicação. Daí decorre o entendimento de que escrevendo por outras mãos e fornecendo os conteúdos

para a redação de textos, as mulheres, na sociedade em causa, foram capazes de fazer valer seus direitos, de forjar identidades e de estabelecer contato com as instituições de poder.

Simone Aparecida Dupla (UEPG)*Quem irá arar minha vulva?: Religiosidade e erotismo na literatura mesopotâmica*

O território que corresponde ao atual Iraque foi conhecido na Antiguidade com o nome de Mesopotâmia, termo grego que significa *entre rios*. Essa macro-cultura onde surgiu uma das religiões mais antiga da humanidade, que se têm registros até o momento, apresentava em suas cosmogonias e hierofanias o elemento feminino ocupando papéis centrais na criação do universo e na organização da vida econômica, política e cotidiana. Entre as diversas divindades femininas se destaca Inanna, Deusa da vida e das Infinitas Manifestações da Vida. As características do culto e da personalidade dessa divindade deixam-se entrever nos textos literários produzidos para fins litúrgicos ou políticos. Inanna/Ishtar foi uma das divindades mais importante na história das culturas mesopotâmicas, foi capaz de metamorfosear-se, de tomar poderes e símbolos para si e tramar estratégias para sobreviver em um universo patriarcal. Este trabalho analisa as representações acerca da sexualidade divina e as funções rituais presentes no culto a essa divindade. Para tanto utilizou-se textos de literatura sumeriana datados do final do terceiro milênio antes da Era comum ao período babilônico antigo, assim como a literatura cortesã que fazem menção a essa divindade. Assim, por meio das noções de representação de Chartier (1990) e de sagrado de Eliade (1978) buscou-se salientar a relação entre o culto à divindade Inanna/Ishtar e os aspectos relevantes da sociedade. Por meio das fontes percebeu-se que Inanna não governava apenas os homens, os deuses e a natureza, governava a força motriz que os fazia viver e sobreviver sobre a terra. As práticas sexuais na Mesopotâmia possuíam uma estreita ligação com mundo divino, ditava normas comportamentais ao mesmo tempo em que permitia estratégias e desvios para a diversidade sexual que permeava essa sociedade.

Simone Borges Paiva (USP)*Estação Memória Paraisópolis: diálogos entre o passado e o presente*

A Estação Memória Paraisópolis é um dispositivo de informação e cultura que visa reafirmar os vínculos inextricáveis existentes entre informação e memória social e individual, favorecendo condições objetivas de diálogo entre passado e presente, base à formação de vínculos intergeracionais significativos, estimuladores das esperadas das esperadas trocas simbólicas, tão necessárias ao Brasil, que é historicamente marcado por desigualdade na oferta de informação e educação pública, bem como na valorização dos movimentos culturais não acadêmicos. No presente trabalho, apresentamos o processo de implantação do dispositivo junto à Comunidade de Paraisópolis, a segunda maior favela de São Paulo e quarta na América Latina, sua história e as memórias de seus moradores, foram base para as nossas questões científicas iniciais, que buscavam compreender o processo de formação da comunidade e a necessidade de disseminação de tais conteúdos como estimuladores aos processos de apropriação e protagonismo

cultural. A Estação Memória Paraisópolis, dispositivo de natureza empírica, proporcionou diálogos intergeracionais mediados pelas memórias dos idosos, tendo em vista os processos de reinserção sociocultural da Experiência e sua apropriação pela comunidade, facilitando o encontro, a aproximação, o conhecimento entre os sujeitos. A metodologia adotada foi a de realização de entrevistas estruturadas, segundo os princípios da história oral. Para o tratamento dos materiais coletados foram adotados princípios da organização da informação. Para a disseminação cultural, foram realizados encontros intergeracionais semanais denominados Oficinas de Memória, bem como, exposições fotográficas e a criação de uma base de dados para armazenamento e conservação dos conteúdos coletados e produzidos ao longo do projeto.

Simone Cléa dos Santos Miyoshi (UFU)

Representação de mulheres leitoras na pintura e as relações com os projetos de modernidade paulista no final do XIX

Esta comunicação tem como objetivo compartilhar algumas reflexões acerca da pesquisa sobre a representação da mulher leitora na arte brasileira, tendo como eixos de abordagem os saberes oriundos das áreas da história da educação, da história cultural e da história da arte.

O recorte temporal e geográfico abarca o final do século XIX e o início do XX no Estado de São Paulo; e as fontes utilizadas são as obras do pintor paulista José Ferraz de Almeida Júnior, artista consagrado em sua época tanto pela crítica quanto público.

Os quadros em questão foram criados em um momento singular da história política do Brasil, onde a capital paulista procurava se erigir perante a nação como modelo de civilização e progresso. Um dos quadros pesquisados *Leitura* (1892), por exemplo, foi uma encomenda do período para compor o acervo do Museu Paulista, espaço arquitetado pelas elites econômicas e culturais da região para ser o símbolo máximo da cultura e da ciência naquele Estado.

Além disso, a leitura crítica dos quadros se dá, inicialmente, pela identificação não apenas dos seus temas, mas, também, das condições de sua produção (circunstâncias de encomenda, inserção das obras nos ambientes públicos e/ou privados, reprodução em outros suportes, como revistas, jornais, recepção crítica, entre outros). Analisa-se, sobretudo, qual o público “leitor” das obras, bem como as relações entre as temáticas retratadas e o contexto sócio-cultural e político da época.

Dessa maneira, procurou-se lançar luzes sobre os sentidos da representação da mulher leitora nas artes visuais produzidas no Estado de São Paulo na virada dos séculos XIX e XX, refletindo sobre a consonância de tais obras aos projetos de modernidade e educação em curso no período.

Simone Lopes de Almeida (UFAL)

Imaginário Camponês: Ritos e Crenças em Lagoa da Areia dos Marianos

Neste trabalho refletimos sobre a construção do imaginário camponês através de seus símbolos que constituem o cotidiano de homens e mulheres que buscam na crença, nos

ritos, uma forma de resistência. São signos que pertencem a gerações, e que embora já tenham sofrido influências da modernidade apresentam-se como ressignificações da sua própria existência. Neste sentido o camponês vivencia permanências e continuidades, conduzidas pelo calor das lutas cotidianas. E nas contradições dos embates, ainda reverencia uma mística própria, na arte de produzir, na crença, nos valores. Práticas construídas para si e que dão sentido às suas vidas. São representações individuais e coletivas do imaginário camponês, este que é social e histórico dentro, de uma perspectiva extremamente singular diante de toda pressa e angústia da modernidade. O camponês constitui-se daquilo que o individualismo do capitalismo ainda não se apropriou. Neste universo encontram-se práticas que são sinônimos de dependência mútua. Estes ritos e tantos outros transformam as dificuldades em solidariedade, evidenciado no trabalho coletivo, na camaradagem, nos laços de parentesco e vizinhança. Conhecendo talvez uma forma de tornar a labuta mais suave debaixo do sol ardente do semiárido, e quem sabe o desejo da mesa farta impulsiona vontades. O trabalho na roça, as curas pelas mãos das benzedeiras, o nascimento de mais um, vindo através da experiência das parteiras, são protagonistas desta história, que se revelam oralmente e simbolicamente os aprendizados de geração a geração. Outro aspecto fundante se traduz nas práticas religiosas, se é que podemos separar da vida camponesa as práticas na agricultura dos ritos da religião. É próprio do ser humano a habilidade de recriação do real através das representações. É no seu cotidiano que o camponês expressa o que compõe o seu imaginário, utopias, crenças, vivências. Tanto os sonhos, quanto o que reporta a vida constrói o que chamamos de realidade. Existem elementos que são essenciais na vida, de quem vive e trabalha no campo, quanto à sua diversidade cultural, capaz de produzir um jeito próprio de ser, marcada com o vínculo com a terra, com os ciclos do tempo e pela convivência com a natureza, a relação mística com a terra, a água e até a falta dela, a vida, a morte, são presenças permanentes, além da música, da dança e da poesia, revelam traços desta cultura, que vão além dos embates e conflitos econômicos. Neste cenário, nós vamos encontrar práticas centenárias de uma comunidade, como também aspectos modernos e contemporâneos. São justamente estas situações que enriquecem o trabalho do historiador que vai a busca das pegadas deixadas pelas emoções e sensibilidades desse imaginário camponês.

Suelen de Andrade Silva (UFPB / Iphan/MinC)

Maria Olga Enrique Silva (UFPB / FGV)

Centro Histórico de João Pessoa/PB: lugar de memória

O presente estudo nasce a partir de projeto idealizado dentro da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Paraíba (IPHAN/PB), concebido como trabalho de ressignificação da memória de antigos bairros da cidade de João Pessoa no Estado da Paraíba, onde os principais narradores dessa história foram seus antigos moradores. O citado projeto tem por objetivo realizar um levantamento histórico, social e espacial da comunidade que ainda reside no Centro Histórico da Cidade de João Pessoa (CHJP), a partir de suas memórias. O CHJP foi reconhecido enquanto Patrimônio Cultural Nacional desde 1997 e tombado em nível federal no final do ano de 2007. Ao longo dos anos, com advento em larga escala da modernização que impulsionaram o surgimento de indústrias, comércios, movimentações intensas de mercadorias e produtos, trouxe para a população ali remanescente uma certa “reclusão”. Antes o que representava um importante palco de eventos sociais da cidade e de grande

parte das relações humanas, gradativamente foi desocupada. Desta forma, com a finalidade de fazer conhecer novamente a comunidade pertencente ao centro da cidade, buscou-se reconstituir lembranças, histórias, ritos, mitos, festas, através da realização de entrevistas com os moradores residentes há mais de 30 anos no local, compreendendo as dinâmicas sociais deste espaço, reconhecendo-os como protagonistas de seu tempo, fazendo de suas memórias um registro do tempo. Sob a perspectiva da memória social, o tombamento, tal qual a dos Centros Históricos, representa um campo de disputas e embate entre lembrança e silêncio dos excluídos da participação da patrimonização do objeto em questão. Com isso, esse estudo se faz importante para análise do espaço atual. Através dessa coleta de informações, objetivamos a produção de material de pesquisa, corroborando para uma ação pontual de educação patrimonial promovida pela Casa do Patrimônio de João Pessoa (CPJP - IPHAN/PB), aproximando frequentadores e moradores do Centro Histórico de João Pessoa ao seu universo socioespacial, uma vez que contribuirá para despertar sentimentos de pertencimento e aproximação e, conseqüentemente, o anseio de preservação por meio da formação da identidade coletiva.

Sueli Garcia (Centro Universitário Belas Artes de São Paulo)

Arte e cultura da moda como fundamentos do vestir contemporâneo

Intitulada “Arte e cultura da moda como fundamentos do vestir contemporâneo”, teve como hipótese central a questão do ato de vestir como expressão das conexões entre arte e cultura da moda. A ideia central foi investigar a moda e sua importância na formação da subjetividade como meio de elaborar uma aparência que revele a dimensão do autoconhecimento do indivíduo. A aparência reflete o entendimento que o indivíduo tem de si, como também de sua identidade como um modo de ser. A questão simbólica e a interdisciplinaridade da moda correspondem às expectativas do indivíduo no processo da criação de uma aparência que extrapola a sua funcionalidade. A moda na esfera do sensível nos permite refletir sobre o grau de autoconhecimento do indivíduo que se expressa por meio das imagens provenientes da vestimenta no espaço público. Portanto, o autoconhecimento expresso pelo indivíduo por meio da aparência e da moda o posiciona no mundo como um modo identitário de ser, isto é, de expressar o seu *self*.

Suely Lima de Assis Pinto (UFG)

História e teoria interartes: elementos para se pensar as poéticas visuais contemporâneas

As produções contemporâneas e suas poéticas visuais incitam uma nova forma de perceber a arte e sua relação com o público. São questões que permeiam os estudos sobre a arte contemporânea (em suas diferentes terminologias) e que são importantes para a “História e Teoria Interartes” por ampliar os estudos tradicionais, possibilitando uma nova forma de entender a arte do tempo presente. Este processo se efetiva por meio de uma história que apreenda também as poéticas visuais produzidas no interior de diferentes movimentos artísticos, com isso é preciso que novas estruturas desse sistema ajudem a compreendê-las. O estudo das manifestações artísticas contemporâneas deve

se pautar em um novo modelo de abordagem, que não se caracterize nos moldes já estabelecidos. Este estudo investiga como os estudos em História e Teoria Interartes lidam com uma interdependência entre as linguagens, ou uma inter-relação que integra as linguagens de forma interagente. E diante deste novo paradigma, diferentes autores (Noronha (2006a, 2008), Cauquelin (2005a, 2005b), Freire (1999) e Venâncio (2006), Millet (1997) assinalam para uma necessidade de reflexão acerca das teorias e metodologias que envolvem o estudo e a compreensão da arte contemporânea no contexto da História e Teoria da Arte. Nesse contexto, a “História e Teoria Interartes” apreende o modo particular de pensar o tempo nas poéticas visuais, considerando que as diferentes linguagens interartísticas se apresentam no tempo de sua produção e no tempo de sua fruição. Ou seja, é preciso um estudo que apreenda não só as questões imbricadas no contexto cultural e social de produção, mas em amplas camadas de temporalidades que afloram a partir da relação presente-passado-presente. Essa relação se efetiva a partir da percepção da obra como uma questão essencial, capaz de remeter o observador a elementos da memória, do seu eu, das relações entre a memória e o objeto e construir e reconstruir, a partir daí, esse novo modo de olhar e ser olhado.

Surya Aaronovich Pombo de Barros (FEUSP)

Ser escravo, ser livre: as ambiguidades em ser negro na Parahyba do Norte oitocentista à luz dos conceitos de estratégias e táticas

Pretende-se discutir os limites entre ser livre e ser escravo no que se refere à população negra paraibana do século XIX e possíveis consequências disso para as experiências com a cultura escolar. A partir da conceituação de estratégias e táticas de Michel de Certeau e usando como fonte a imprensa paraibana, assim como documentos oficiais da administração provincial como ofícios e relatórios e tendo como referências trabalhos de historiografia social da escravidão e história da educação da população negra, sugere-se que no caso de estudos de história da educação é mais fecundo para a análise da sociedade imperial paraibana – e brasileira – pensar na população negra como um grupo. A partir de referências à presença negra em espaços escolares, encontradas em notícias de jornal, defende-se não dividir esse segmento da população em livres e escravos, uma vez que os limites entre uma condição e outra eram tênues no período.

Suzana Marinho dos Santos (UFT)

A CULTURA SERTANEJA: Representações sobre o viver Sertanejo na literatura e no memorialismo Boa Vista de Goiás - 1870/1930

O objetivo dessa comunicação é reconstruir as representações sobre os sertanejos do antigo extremo norte de Goiás, atual Tocantins e os seus modos viver, entre os anos de 1870 – 1930. Por meio das representações construídas por fontes, memorialística e literárias, problematizamos os aspectos centrais que constituíram a imagem dos sertanejos pobres, habitantes da região acima referida, especialmente sua cultura de trabalho e a forma como vivenciavam a religiosidade, por meio de relações estabelecidas com os líderes políticos e/ou religiosos que a partir das vivências e apropriação das práticas dos sertanejos tentavam reforçar seu poder hegemônico. A construção da

hegemonia que não sendo exclusiva e única, incorporava os costumes dos sertanejos pobres e suas experiências cotidianas para a consecução de seus interesses específicos.

Buscando desvendar os aspectos dessa cultura partilhada pelos sujeitos da região dos Vales do Araguaia e Tocantins, investigaremos suas memórias, que do ponto de vista metodológico só é possível sondando-se as memórias que acerca deles foram construídas, mesmo que estas surjam apenas residualmente nas obras memorialísticas e literárias elaboradas pela cultura letrada, tomadas aqui como fontes. Concomitantemente à ampliação das possibilidades históricas proposta pelos *Annales*, os estudos que se dedicam à memória e a seus vínculos com a História tornam-se um demanda política e social nos estudos históricos. E conforme essa revolução historiográfica/documental se estabelecia no meio dos historiadores, a literatura passou a figurar como possibilidade de reconstrução de aspectos sociais e históricos, muito embora a validade da utilização da literatura como fonte, ainda suscite fortes debates na academia. Apesar da utilização cada vez mais recorre da literatura como fonte histórica, a literatura e sua estrutura cognitiva, não pode ser confundida com a História e a sua produção de conhecimento. Como nos propõe Sevcenko sobre as proximidades entre os campos: “Nem reflexo, nem determinação, nem autonomia: estabelece-se entre os dois campos uma relação tensa de intercâmbio, mas também de confrontação”. (2003, p. 299). Logo compreendemos que nessa interdisciplinaridade a Literatura oferece ao campo historiográfico um vasto campo das possibilidades, possibilitando compor um quadro “imagético” do passado que por outros meios o historiador não consegue alcançar.

Tainá Guimarães Paschoal (UNICAMP)

Tesouros alimentares de João Daniel na Amazônia colonial (1741-1757)

João Daniel foi um padre jesuíta português que viveu entre os anos de 1741 e 1757 no Estado do Maranhão e Grão-Pará. Trabalhou como missionário e percorreu aldeias e estabelecimentos rurais da região. Deportado em 1757 para Portugal, ficou preso até a sua morte em 1776. Durante os anos em que esteve preso, escreveu a obra *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*. Extensa e de caráter geral, a obra permite seu uso como fonte nos mais diversos estudos, como índios, agricultura, natureza, animais, rios, etc.

O interesse do trabalho é de utilizar a obra como fonte para compreender o alimento na região. A comida tem uma importância vital a fim de garantir a posse e o povoamento das terras portuguesas. A proposta da comunicação é relacionar e destacar os alimentos considerados os tesouros da Amazônia por João Daniel. Queremos compreender o alimento nos diversos aspectos: econômico, social e cultural. Interessam as práticas e representações, formas de consumo, utensílios, comércio, formas de preparo e divisões sociais a partir dos alimentos locais.

Tainah Negreiros Oliveira de Souza (USP)

Uma forma cinematográfica para contar uma vida: As Praias de Agnès (2008), de Agnès Varda

O cinema de Agnès Varda demonstra uma relação inquieta da diretora com o mundo em que ela explicita seus caminhos para chegar aos modos de mostrá-lo e representá-lo. Seja através de seus filmes, de suas fotografias ou de exposições, sua obra revela um conjunto de peças íntimas em contato com as experiências coletivas. A obra da diretora pode ser entendida a partir desse “movimento sem trégua entre privado e público”, como definiu Luciana Fina (2003, p.10). Esse trabalho se dedica a investigar como a diretora concebe esse movimento e o articula, principalmente através da montagem, em seu filme mais recente, *As praias de Agnès* (2008).

As praias de Agnès é uma autobiografia filmada em que a diretora põe em contato a intimidade das suas experiências, a história de sua época e aspectos da sua filmografia. Analisar *As praias de Agnès* é um exercício de abordagem da história da diretora, de análise que atravessa toda sua obra e também a história do cinema francês a partir da década de 1950. O filme faz o movimento que passa pelas primeiras memórias da diretora na Bélgica, onde nasceu, passa também pela concepção dos seus primeiros filmes, a relação e a criação voltada para celebrar a memória do seu companheiro, o diretor Jacques Demy e, ainda, seguindo nesse percurso, pelo seu processo de criação e pelas questões fundamentais para ela, como a relação com os movimentos sociais como os Panteras Negras e o Movimento Feminista. A partir desse emaranhando que a obra oferece, a proposta é observar o modo como a diretora trata de questões próprias das suas memórias e estabelece contato com questões históricas e, ainda, investigar elementos que a diretora mobiliza nessa busca de uma forma cinematográfica para contar sua vida, com enfoque para o trabalho de montagem.

Talitta Tatiane Martins Freitas (UFU)

Dzi Croquettes: a remição de um grupo

A presente comunicação tem como proposta analisar aspectos concernentes à elaboração do documentário *Dzi Croquettes*, dos diretores Tatiana Issa e Raphael Alvarez. O objetivo é discutir a forma como a urdidura de enredo da referida obra foi construída com a finalidade de construir efeitos de sentidos que dizem respeito à maneira como o grupo teatral *Dzi Croquettes* deve ser lembrado ou, concomitantemente, a partir de quais ideias forças a trajetória dos seus integrantes deva ser interpretada.

Para tanto, delimitou-se para essa comunicação a exploração de uma temática específica: a relação construída entre a Ditadura Militar Brasileira e o trabalho do grupo *Dzi Croquettes* ao longo dos anos 1970. A partir desse recorte, buscar-se-á perceber a maneira como o grupo é retratado no documentário e quais as consequências advindas dessa construção. Ao mesmo tempo, estabelecer um contraponto com os materiais recolhidos sobre o grupo nos anos 1970, a fim de confrontá-los.

Tarine Castro de Oliveira (UNISA)

Dante Alighieri: a representação de mulher na obra Divina Comédia

O estudo ora apresentado teve como proposta estudar o campo da História das Mulheres no mundo medieval em perspectiva cultural por meio da obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Deste modo, foram abordadas as seguintes problematizações: como a mulher é retratada na obra? Qual a diferença entre as mulheres apresentadas que mereceram o inferno e Beatriz, personagem de destaque na obra em questão? A pesquisa teve como objetivo geral, contribuir para o campo da história cultural por intermédio do estudo da obra em pauta. Para o desenvolvimento do trabalho realizado, utilizou-se o método documental/bibliográfico a partir da análise da fonte/obra literária, fundada no conceito de representação. A obra *A Divina Comédia*, fonte central da presente pesquisa, permitiu analisar de forma diferenciada o papel da mulher na história. O autor da obra nasceu em Florença, Itália, no ano de 1265, uma época de crescimento do país e de movimento nos campos econômico e intelectual. De gênio forte, com fé inabalável e senso crítico rigoroso, Dante escreve sua obra com fervor, dedicando-a sempre a sua bela aventurada Beatriz Portinari, amor de infância que morre ainda jovem, e vira sua inspiração por toda vida. A *Divina Comédia* é escrita em um contexto medieval, com ideologia de sua época, mas que se reflete até os dias atuais. Dividida em três partes, a obra conta a passagem de Dante pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, guiado por Virgílio, poeta e ídolo do autor. Como resultado a obra pode ser vista como uma crítica do autor a sua época, a discriminação e visão de inferioridade imposta às mulheres.

Tathianni Cristini da Silva (USP)

A exposição histórica das comemorações do IV centenário da cidade de São Paulo por Mário Neme

Pretendo analisar a Exposição Histórica das Comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo como um campo fundamental para a projeção de Mário Neme, como intelectual de destaque, no debate de ideias da cidade de São Paulo, dos anos de 1950. Comemorar o IV Centenário da Cidade de São Paulo, no ano de 1954, foi um verdadeiro empreendimento sociocultural desenvolvido pela prefeitura do município e pelo estado, e acompanhado por seus mais renomados intelectuais. As comemorações foram diversas, desde espetáculos de balé e teatro, chuva de prata pela cidade, criação do parque do Ibirapuera e uma grande exposição histórica. O objeto de estudo em questão é a Exposição Histórica, que teve lugar no parque do Ibirapuera, inaugurando a tradição das grandes exposições naquele espaço, e o campo em que estavam imersos os intelectuais responsáveis por esta. O português Jaime Cortesão, responsável direto pela exposição, Mário Neme seu assistente e Ernani da Silva Bruno assistente do assistente, eram os três idealizadores oficiais dos trabalhos. Jaime Cortesão passou boa parte do tempo trabalhando pela Europa, buscando e coletando objetos para a Exposição Histórica. Mário Neme permaneceu no Brasil identificando peças e tecendo contatos com diversos intelectuais e instituições, a fim de desenvolver os trabalhos e acompanhar sua efetivação. As reflexões seguiram a perspectiva histórica da história de São Paulo como porta voz da história nacional. A projeção conseguida por Mário Neme foi essencial para sua carreira de intelectual polígrafo, pois, após as atividades junto a Comissão (1953-1956) que ele se tornou diretor da Casa do Bandeirante, e em 1960 foi nomeado Diretor do Museu Paulista, popularmente conhecido como Museu do Ipiranga. Entendo a passagem pelas Comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, como elemento definidor na trajetória intelectual de Mário Neme.

Tatiana Gonçalves de Oliveira (UFJF)

A prática educacional entre os índios no Aldeamento de Itambacuri (1873-1889)

A educação no Brasil esteve por muito tempo nas mãos dos religiosos, inclusive a educação dos índios. Através dos aldeamentos, que foram espaços criados para “civilização” dos nativos, diferentes práticas educacionais foram forjadas na experiência missionária na Colônia e depois no Império. No primeiro momento, com a ordem dos jesuítas, a educação foi entendida como catequese, e por consequência conversão dos aldeados. No entanto, as diferentes problemáticas em torno da questão indígena no século XIX, como a questão da formação do Estado Nacional, mão de obra, terras, identidade nacional entre outros fatores das mais variadas ordens sociais e culturais modificaram a ideia de educação para índios nos aldeamentos. A partir de 1840, com a vinda de novas ordens para a missionação no país, principalmente com os capuchinhos italianos, é pensado um novo regulamento para atuação das mesmas entre as tribos do interior. Nesse sentido, criou-se o Regulamento das Missões de 1845, que tinha entre outros objetivos a criação de escolas dentro dos aldeamentos para meninos e meninas. No entanto, a educação moral religiosa deveria ser acompanhada de um ensino profissional agrícola. Procuramos analisar como essa prática educacional se desenvolveu no Aldeamento de Itambacuri, fundado no norte de Minas Gerais em 1873 por frades capuchinhos. Aproximamos da perspectiva micro-histórica para análise do objeto, ao entendermos que a diminuição da escala para um micro espaço de configuração social, como os aldeamentos, nos ajudará a entender novas experiências, e nesse sentido, outras dimensões da realidade educacional no oitocentos. No entanto, buscamos fugir das armadilhas dos paradigmas totalizantes, que buscaram entender o todo pelas somas das experiências individuais. Pelo contrário, entendemos a cultura a partir de suas múltiplas experiências, que de forma alguma podem ser compactadas como modelos a priori.

Tatiane Rocha de Queiroz (UERJ)

O periódico O Brasil nos meandros dos debates políticos no século XIX

O presente trabalho consiste no estudo e na análise de alguns editoriais e reportagens do periódico *O Brasil* fundado no ano de 1840, por Justiniano José da Rocha a pedido do então Ministro da Justiça Paulino Soares de Souza, representante do partido Conservador. O intuito de fundação do *O Brasil* era o de criar um espaço onde os projetos e ideais do Partido pudessem ser explicitados e defendido na arena política, do período. Dessa forma o objetivo maior deste trabalho consiste em verificar de que maneira as falas e os argumentos do partido Conservador foram explicitados e defendidos no *O Brasil*, frente aos demais jornais oposicionistas, Como por exemplo, o periódico *O despertador*, tendo em vista que considero o jornal como um espaço de enfrentamento e mediação simbólica dos vários projetos políticos do século XIX.

Tatiane Vieira da Silva (UFMG)

Nos embalos de domingo a noite: memórias e saudades dos Bailes do Palanque em Umbuzeiro - PB

Buscaremos aqui, por intermédio da comunicação proposta, abordar os bailes públicos que aconteciam no palanque da cidade de Umbuzeiro-PB, tomando-os como uma das formas peculiares de apropriação da urbe. Destarte, objetivamos fazer uma concisa leitura desta, a partir do uso de um determinado ambiente público e de uma prática festiva social. Essa se refere, aos chamados “Bailes do Palanque”, que ocorriam geralmente aos domingos, ou em ocasiões específicas após algum outro evento. Estes, por sua vez, eram bastante frequentados por boa parte dos moradores, devido ao fato de estar localizado em um espaço aberto ao público e de fácil acesso a todos. Contudo, é também nesse recinto de lazer, que intencionamos observar, por meio da memória, as diversas sociabilidades, os comportamentos sociais e os variados usos do referido espaço citadino.

Telma Dias Fernandes (UFPB)

A história e seus outros: Ave Sangria, música e transgressões na década de 1970

A década de 1970 no Brasil, período marcado pelos momentos mais bizarros do regime civil-militar brasileiro, posterior ao AI-5, foi um momento de intensas experiências vivenciadas nos embates políticos sob diversas formas. O repúdio ao regime autoritário levou muitos para a espacialidade das trincheiras, vivia-se em guerra. Muitos foram os que militaram em facções políticas e pegaram em armas, outros tantos atuaram nas trincheiras através das artes. Ocupo-me destes últimos. Para esta comunicação, focalizo a Banda Ave Sangria, formada em 1972 na cidade do Recife (PE), por alguns jovens que perceberam na música e na poética uma forma de projetar uma proposta de vida libertária e contrária às interdições da sociabilidade experimentadas naquele momento que, através da ditadura e das práticas sociais moral e eticamente conservadoras, eram impostas. “Os meninos” da Ave Sangria, sob influência de movimentos musicais nacionais e estrangeiros e de práticas políticas como as de maio de 1968 na França, misturando ritmos, chocando com suas roupas, cabelos, sons estridentes subiram ao palco do principal teatro da cidade do Recife, o teatro Santa Isabel, de batom. Trocavam selinho (bitocas) e levaram o público ao delírio. A transgressão como forma de luta política e moral ganhava contornos pela forma e pelo conteúdo -, nas músicas, no comportamento e na estética. Os versos dos poemas e das músicas rejeitando os cânones artísticos da época, o uso das drogas expandindo o pensamento e abrindo corpos -, cartografias rizomáticas (DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix, 1995) que desnudavam a impostura dos decalques e faziam emergir a alteridade e multiplicidade dos sentidos. A arte produz um entendimento, uma interpretação da experiência histórica. Ao pensar a história no âmbito do cruzamento entre história e arte, o historiador se coloca diante de uma forma de compreensão do mundo. Se pode ou não derivar desse encontro alguma informação, no sentido de dados sobre o que aconteceu, isso é irrelevante. O que o historiador tem diante dos seus olhos e sentidos é a possibilidade de problematizar, através das construções do sensível, a historicidade da qual faz parte a obra de arte. Tanto do momento de sua produção quanto dos seus desdobramentos por temporalidades/espacialidades diversas. As narrativas literárias e a escrita da história compartilham de muitos aspectos, além de se constituírem ambas em

uma forma narrativa, com construções de enredos e criação de personagens, são imbuídas de sentidos a partir de suas recepções. Consigo carregam camadas de historicidades e se prestam, a cada espaço de que participam, a uma interpretação singular.

Thaiane Barbosa da Silva (UFRJ)

A Cruzada São Sebastião do Leblon e as suas representações ao longo de quase seis décadas de história

A Cruzada São Sebastião foi idealizada por uma corrente progressista da Igreja Católica, que tinha como seus maiores representantes Padre Lebrez e Dom Helder Câmara, fazia parte de um projeto que visava dar moradia digna aos moradores de favelas e impedir que os favelados se filiassem a uma política comunista. A criação do conjunto era baseada sobre o tripé da política eclesiástica, que consistia na “Urbanização, Humanização e Cristianização” dos favelados. Nesse sentido, não bastava só dar casa aos favelados, por trás do projeto tínhamos toda uma política de reabilitação moral. Construída no ano de 1957, a Cruzada São Sebastião tem o total de 965 apartamentos, distribuídos em 10 blocos, tais apartamentos apresentam três tipologias: 168 apartamentos conjugados nos três primeiros blocos, 84 apartamentos quarto e sala nos quatro blocos seguintes, e 42 apartamentos de dois quartos nos três últimos blocos.

Thaina Pacheco Schwan (UFRJ)

Victor Andrade de Melo (UFRJ)

Bebida, comida e entretenimento: As fábricas de cerveja no Rio de Janeiro (1856-1884)

A partir de meados do século XIX, no cenário de mudanças múltiplas que ocorreram no Rio de Janeiro, na época capital do Império, observa-se a melhor estruturação de um mercado de “luxos” e divertimentos, relacionados, inclusive, à conformação de uma sociedade civil mais organizada, que desejava e necessitava expor publicamente seus símbolos de *status* e distinção. Entre as novidades que surgiram, podemos situar espaços públicos de alimentação que, inspirados no continente europeu, se constituíam também como alternativas de entretenimento. Este estudo tem por objetivo discutir a experiência de um tipo desses estabelecimentos: fábricas de cerveja, localizadas na região central da cidade. Para alcance do objetivo, como fontes foram utilizados jornais e revistas publicados no momento em tela. Trata-se fundamentalmente de uma história da cidade a partir da alimentação, na sua interface com a dimensão do entretenimento. Foi possível identificar que os discursos de valorização desses espaços articulavam o reconhecimento de suas contribuições para as “artes industriais” no Brasil com a exaltação da sua dinâmica de funcionamento, marcada pela oferta de bebida (além da cerveja, eram consumidos refrescos gelados), comida (inclusive o tão procurado sorvete) e diversão (jogos, apresentações de companhias circenses, bailes e exposições). As fábricas de cerveja se constituíram em locais frequentados por distintos estratos sociais, indicadores da gestação de uma cultura pública na capital.

Thaís Leão Vieira (UFMT)

Crítica e Recepção das Comédias de Oduvaldo Vianna Filho no período ditatorial

Analisar as obras cômicas de Oduvaldo Vianna Filho significa lidar com uma sacralização de suas obras dramáticas. Essa linha de interpretação se deveu, sobretudo, ao caráter dado por alguns trabalhos que, no momento de sua produção, não foram capazes de estabelecer uma relação de distanciamento com a documentação construída no campo da crítica teatral, responsável por construir uma memória histórica sobre a dramaturgia de Vianinha que, sob o rótulo do teatro engajado, privilegiou seus textos de cunho dramático. Nesse sentido, faz-se necessário aqui a, partir das duas peças e da recepção da crítica a elas relacionadas, propor um confronto com essa memória que, além de rotular a obra de Vianinha, acaba por depreciar sua produção cômica. Nesse aspecto, o objetivo dessa comunicação é compreender a crítica como um movimento intelectual que possui ações com vistas à construção de determinadas memórias. Refletir sobre o papel dessas críticas significará pensar sobre hierarquizações que creditaram valores estéticos e políticos à dramaturgia de forma específica.

Thais Nívia de Lima e Fonseca (UFMG)

História Cultural e História da Educação no Brasil: metodologias e problemas de pesquisa

A influência dos pressupostos conceituais da História Cultural são visíveis no campo da História da Educação há várias décadas, particularmente em algumas de suas vertentes, como aquelas identificadas à obra de Roger Chartier e à história do livro e da leitura e suas “aplicações” à História da Educação. Conceitos bastante conhecidos como representações e apropriações, circulação e práticas culturais tem sido traduzidos para os problemas de pesquisa da História da Educação, identificando-se fortemente a ela. Ainda são relativamente usuais as discussões que envolvem os imaginários, e segmentos cada vez maiores da historiografia da educação se apresentam como associados à História Cultural por meio dos pressupostos metodológicos da micro história. Menos disseminados, mas já ampliando sua presença nas discussões da área, as ideias de mestiçagem e mediadores culturais tem sido apontados como instrumentos analíticos importantes para o estudo de alguns temas da História da Educação. Tais movimentos, embora contribuam para o avanço da pesquisa no campo, não se fazem, contudo, sem problemas de natureza metodológica e trazem a necessidade de mais cuidada reflexão sobre a construção dos problemas de pesquisa com base nas referências conceituais da História Cultural. Nesta comunicação pretende-se desenvolver uma discussão focada nestas questões, provocando a reflexão sobre as bases nas quais se tem assentado a produção historiográfica da educação que se apresenta como vinculada teoricamente à História Cultural, e sobre as diversas tendências e abordagens postas em cena na construção dos problemas de pesquisa em História da Educação no Brasil. A discussão proposta toma como ponto de partida a produção mais recente da área, presente em trabalhos publicados em periódicos especializados, livros e anais de eventos científicos, e suas próprias indicações quanto às referências na História Cultural. Não se propõe realizar um mero levantamento da produção, mas sim uma discussão sobre suas características e seus pressupostos, de modo a contribuir para a reflexão sobre as

metodologias e os problemas de pesquisa na confluência entre a História da Educação e a História Cultural.

Thaís Teixeira Dias da Conceição (PUC/SP)

A Resistência Portuguesa em São Paulo: O jornal Portugal Democrático e a coluna “O Obscurantismo Salazarista” (1964 - 1970)

O presente trabalho pretende mostrar através da coluna “O obscurantismo Salazarista” de Joaquim barradas de Carvalho, publicada no jornal *Portugal Democrático*, a visão que os portugueses exilados tinham sobre o regime português.

O jornal foi fundado em 1956 por Manuel Ferreira Moura e Vitor Ramos, com o intuito de divulgar para a comunidade portuguesa os problemas vividos em Portugal. O jornal foi publicado até o ano de 1975, um ano após o fim do regime salazarista, mas o recorte deste trabalho será até o ano de 1974. Apesar de no início das publicações o jornal não ter tido uma boa aceitação, deixando de circular em alguns meses, acabou se tornando um veículo muito importante para a difusão de informações e circulando não apenas no Brasil, mas também em outros países.

A maior parte das reportagens publicadas no Portugal Democrático era escrita por intelectuais portugueses exilados no Brasil, principalmente na cidade de São Paulo, como é o caso de Joaquim Barradas. Através da análise da coluna presente no jornal é possível perceber uma forma de resistência organizada no exílio e a inserção de intelectuais portugueses no Brasil.

Thaiz Carvalho Senna (UERJ)

A nova mulher e os limites das representações femininas nos pôsteres de propaganda soviéticos (1917-1930)

A propaganda partidária realizada pelo comunismo soviético foi um mecanismo essencial em um processo que o Partido Comunista buscava instaurar: a apresentação de novas ideologia e o convencimento delas pela classe trabalhadora - isso é, a transformação da consciência desse ou, minimamente, de suas práticas. Assim, o indivíduo historicamente marginalizado tornava-se então o foco dos cartazes e de outros instrumentos de propaganda, sendo chamado para protagonizar também a nova sociedade. Nesse contexto em que os excluídos da história apresentam-se ao mesmo tempo enquanto público e representação, gostaríamos de investigar um sujeito em que se convergiam duas exclusões: a mulher trabalhadora. Ao contrário do lugar comumente designado a tal gênero, percebe-se, na maioria dessas obras, que a mesma não é colocada como objeto, mas sim, como sujeito, possuidor de capacidade transformadora, tal como o homem. Ao mesmo tempo, enquanto trabalhadora, pode-se observar a retirada da restrição da mulher ao ambiente doméstico, representando-a em meio ao ambiente público e como participante desse.

Tal iniciativa não era mera utopia do Partido Comunista. Esta era baseada em uma dada materialidade - por um lado, o constante aumento das mulheres no mercado de trabalho e, por outro, a gradativa formação de uma mulher celibatária e emancipada, como

propõe a líder bolchevique Kollontai. Porém, ao mesmo tempo, essa possibilidade apresentada pelos cartazes não era uma realidade experimentada massivamente em toda a sociedade. Assim, era necessário que houvesse o diálogo entre as formas, a fim de que o público pudesse se familiarizar com esse novo sistema de referências, isso é, o novo horizonte de expectativas proposto pelas obras.

Tal esforço, deveras inovador, de potencializar a emergência dessa “nova mulher”, tal como igualá-la ao homem, teve, porém, seus limites. Esses apareceram de forma mais implícitas até os anos 1930, anteriores à consolidação extensa do stalinismo e, também, ao realismo soviético. Tais formas podem, então, nos servir como indícios para investigar até que ponto a igualdade de gênero poderia existir. Diante de uma forma tão vitoriosa quanto o pôster soviético, visto sua grande duração e circulação e a recepção do público, faz-se necessário, assim, analisar não só a relação dialética entre os lugares que o Partido Comunista designava como sendo próprios das mulheres, mas também, aquilo que era possível de se vislumbrar pelo seu público – ou, ainda, aquilo que não era, mas que foi transgredido por tais cartazes.

Thamara Parteka (UNIOESTE)

A recepção e releituras de narrativas da loucura

As narrativas da loucura têm ganhado espaço na sociedade contemporânea, isso por que desde a luta antimanicomial tem se reivindicado um lugar para o sujeito diagnosticado - para além do espaço da loucura -, tem aumentado, também, o número de pesquisas que valorizam a narrativa do louco tanto para diagnosticá-lo, para servir de método terapêutico ou para ter conhecimento de como estes sujeitos vivenciaram a experiência da internação e da loucura. Muitas pesquisas têm se dedicado a essas narrativas, a fim de perceber o discurso do interno: de que maneira ele apropriou valores e discursos médicos, como interagiu com outros internos, como experenciou o processo de “enlouquecimento”, como forma de perceber a própria subjetividade da pessoa considerada louca, mas são poucos os trabalhos que se dedicam a analisar a forma que essas narrativas são recebidas. Neste artigo, buscaremos analisar como o livro *Todos os Cachorros São Azuis* de Rodrigo de Souza Leão – autor considerado louco – foi recebido por alguns leitores e como algumas pessoas criaram uma leitura própria do livro formando novas produções artísticas como peça teatral, espetáculo de balé, poesias etc. Além desse material utilizaremos como fonte alguns e-mails que o autor recebeu de leitores comentando sobre o livro.

Thiago de Faria e Silva (USP)

As paisagens de Seara Vermelha nas palavras e na tela

A comunicação pretende discutir, de forma comparada, o livro *Seara Vermelha* (1946) de Jorge Amado e o filme homônimo de 1963, dirigido por Alberto d’Aversa. Criados em contextos históricos e linguagens diferentes, as obras artísticas compõem discussões importantes sobre a relação entre a arte e a política.

Thiago de Jesus Araújo Cruz (UEMA)

Áurea de Fatima Lopes Silva (UEMA)

Novas perspectivas para o ambiente educacional brasileiro

A partir da Escola dos Annales, conceitos como o de sujeito histórico ganhou novo contorno, principalmente em sua relação com os fatos e com o tempo histórico. A História tradicional com seu enfoque centrado nos grandes eventos e nos grandes vultos deixou de ser o único caminho para a produção historiográfica. Com o advento da Nova História ganha espaço uma nova abordagem voltada para as ações coletivas, para as lutas por mudanças, para os valores e perspectivas de grupos sociais que até então se encontraram marginalizados e silenciados.

Com essa nova perspectiva é possível tentar ultrapassar antigos vícios transmitidos aos alunos e por eles internalizados, como o da memorização, que a um bom tempo se mostra como algo cansativo e monótono, e assim fazê-los se enxergarem como inseridos na própria dinâmica história. Quando a atividade desenvolvida é única e exclusivamente a “decoreba” de uma lista de nomes e feitos, nada se pensa ou se discute. O conhecimento histórico deve ser um instrumental para que as pessoas e os alunos compreendam melhor a sua situação e, ao mesmo tempo provocar um questionamento da forma como as coisas estão colocadas em sociedade. Na nossa relação com o passado não devemos simplesmente nos valer do que Foucault chamou de “o jogo consolador dos reconhecimentos” e nem tampouco vê o passado como algo desvinculado do presente, mas devemos estabelecer problematizações, questionamentos.

Este trabalho procurará abordar temas que de uma forma ou de outra tem haver com a realidade educacional: leitura, formação dos professores, contexto escolar, ou seja, aspectos que dizem respeito ao processo de ensino/aprendizagem; a importância da leitura e seus aspectos receptivos e interpretativos, principalmente em disciplinas como a história que tem assumido seu caráter de construção discursiva e do papel do professor como um personagem que tem como principal função mostrar essa faceta do discurso historiográfico para os alunos.

Thiago Herzog (UFRJ)

O teatro brasileiro em panorama: a história e o teatro em Panorama do teatro brasileiro

A apresentação pretende analisar o livro *Panorama do teatro brasileiro* (1996. [1962]), de Sábato Magaldi, considerado um dos “pais fundadores” da historiografia teatral brasileira. Esta obra se tornou um cânone dos estudos históricos teatrais e um guia fundamental de aulas nos cursos de graduação e pós-graduação em teatro e artes cênicas.

Partindo de uma minuciosa análise do livro, e da busca de referências em outros livros deste crítico, pesquisador e historiador, serão investigadas as matrizes referenciais que nortearam esta escrita, procurando-se entender os jogos de força do campo intelectual e artístico no qual o autor em questão atuava, as alianças estratégicas firmadas, a posição ocupada e as disputas que levaram à construção e consagração desta narrativa.

O objetivo é compreender os projetos de teatro e história, por trás da realização dessa obra; e, dessa maneira, compreender os pressupostos das atuais pesquisas em teatro.

A partir desta abordagem crítica e sociológica, será possível debater as formas de hierarquização das obras teatrais proposta pelo livro estudado e as manifestações excluídas desta historiografia e, possivelmente, propor novos caminhos para a formulação de uma história do teatro brasileiro.

A investigação é parte da pesquisa para dissertação de mestrado, intitulada *Teatro brasileiro sabático: Investigação sobre as referências de história e teatro em Panorama do teatro brasileiro*, financiada pela Capes, vinculada a linha de pesquisa Sociedade e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em História Social, PPGHIS, do Instituto de História, IH, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. É orientada por Henrique Buarque de Gusmão e o co-orientada por Andrea Casa Nova Maia.

Thiago Oliveira Lima Matioli (USP)

Ricardo José de Moura (UFRJ)

Rio de Janeiro de favelas e de complexos

O Rio de Janeiro, ao longo de século passado foi pensando como uma cidade dividida em duas, a cidade e a favela. No fim do século passado, essa divisão tomou a forma de uma “cidade partida”, título do livro de Zuenir Ventura (1994). Pensar a capital fluminense na chave da divisão tem limites analíticos e reifica os processos históricos e sociais de produção do espaço urbano, ainda que enquanto uma forma de representar a cidade tem efeitos concretos de poder. Todos estes aspectos foram contemplados por Matioli (2103). Por outro lado, Valladares (2005) propõe uma análise sociológica sobre a noção de favela. Mapear formas como esse termo surge nos discursos sobre a cidade do Rio de Janeiro e como ele circula entre produtores culturais acadêmicos e não acadêmicos, no que a autora diz ser uma “sociologia da sociologia das favelas cariocas”, foi o objetivo da autora.

Tendo em vista essas duas propostas analíticas, o que o presente texto propõe é uma análise dos efeitos de poder das circulações dos usos da noção de “favela”, em uma continuidade com os trabalhos anteriormente citados. Acreditamos que é possível identificar uma nova forma de circulação da noção e “favela”, qual seja, a ideia de “Complexo de favelas”. O prefixo “complexo” povoa o imaginário carioca, é identificado pelos meios de comunicação de massa e orienta a territorialização de políticas públicas, principalmente as de segurança. Por outro lado, ela pode ser um aglutinador político local, e a identificação de moradores com o “complexo de favelas” em que vive, pode ter efeitos de potencialização da organização social. Posto em outros termos, a definição de um “complexo de favelas” é flutuante e responde a diversos momentos de disputa política em torno da definição do espaço.

A proposta analítica será feita a partir de pesquisas feitas no Complexo do Alemão, um bairro da cidade do Rio de Janeiro. Por dois motivos: ser o campo de pesquisa dos autores e também porque entender a circulação da noção de “complexo” passa, necessariamente, por entender o surgimento do “Complexo do Alemão”, primeira área da cidade a ser conhecida como “complexo”, pelo poder público, em decreto municipal de 1986. O que sugerimos é partir desse momento e mapear como a ideia de “complexo” ganha efeitos de poder ao circular entre outros atores políticos como os meios de comunicação, a polícia e a organização política do lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MATIOLLI, Thiago Oliveira Lima. *Metáforas da cidade partida: a divisão territorial do Rio de Janeiro nas eleições de 2008*. Rio de Janeiro, Ed. Multifoco, 2013.
- VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela*. Rio de Janeiro, FGV, 2005.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
-

Thiago Venícius de Sousa Costa (UFPI)

Lima Barreto e os Robinsons suburbanos da Primeira República

A presente comunicação tem como objetivo estudar as vivências marginais da população dos subúrbios no Rio de Janeiro da Primeira República por meio da literatura de Lima Barreto, cotejadas em seus artigos e crônicas. Pretende-se investigar como essas relações foram forjadas pelo literato em relação às mudanças advindas com o novo regime político no país, em uma abordagem que significa as diversas experiências na cidade pela suburbanização carioca. E aqui, particularmente através de sua idealização dos Robinsons suburbanos, caricato ao personagem título do romance do escritor inglês Daniel Defoe, na obra *Robinson Crusóe* (1719), onde estes sujeitos não esperam ser resgatados de um simples naufrágio, mas carecem do socorro dos órgãos públicos com ações concretas sobre o aumento das desigualdades e a miséria social. Questões, que, aliás, ressonam sobre os problemas mais gerais na vida do suburbano, em relação à falta de emprego, educação, saúde e moradia; colocando em suspensão uma série de prerrogativas que para o nosso cronista seriam as representações dos deveres fundamentais da Administração Municipal do Rio.

Tiago Gomes da Silva (UFRJ)

Taxi Driver: de Nova York à Nova Hollywood

A presente comunicação propõe uma análise da obra cinematográfica *Taxi Driver* (dir. Martin Scorsese, 1976). No estudo buscaremos pensar, além da análise fílmica, elementos externos a obra que permitem uma melhor compreensão da própria. Procura-se realizar uma reflexão que debata também o contexto da indústria cinematográfica norte-americana e dos Estados Unidos durante a primeira metade da década de 1970.

Primeiramente, devemos destacar o contexto dos Estados Unidos nesse período, pois diversas temáticas desenvolvidas no filme *Taxi Driver* estão diretamente relacionadas a diferentes questões que estavam presentes na sociedade norte-americana do período, como por exemplo: a figura do veterano e o trauma da Guerra do Vietnã; a questão da violência, principalmente nas grandes cidades como Nova York, cenário em que se passa a trama; desconfiança em relação à política e seus representantes eleitos. Todos esses temas, assim como outros desenvolvidos no longa-metragem, são melhores compreendidos quando analisamos a realidade norte-americana na primeira década de 1970.

Outro ponto fundamental para compreendermos melhor o filme selecionado, como também toda a produção cinematográfica de Martin Scorsese durante a década de 1970, é o contexto da indústria cinematográfica norte-americana, mais especificamente o período conhecido como Nova Hollywood. Esse momento da história do cinema hollywoodiano é tema de um grande debate, em que diversos autores propõem distintos balizamentos e significados para ele.

Buscaremos na apresentação destacar que ao se analisar uma fonte fílmica, o historiador não deve direcionar os seus esforços somente a obra cinematográfica, mas sim, buscar compreender e relacionar com elementos externos a ela, no caso a realidade dos Estados Unidos e de Hollywood no momento de realização do longa-metragem.

Tiago Guilherme Pinheiro (UNICAMP)

O demônio da literatura: Dostoiévski e Nietcháiev se encontram em The Master of Petersburg de J. M. Coetzee

Autor de uma obra empenhada em retratar e compreender a história de violência que marcou o território sul-africano, desde o período colonial até o auge do sistema do *apartheid*, J. M. Coetzee realiza um importante giro nesse percurso com a publicação de *The Master of Petersburg*, em 1994. Nele, acompanhamos a busca de Fiódor Dostoiévski para compreender a morte de seu enteado Pável, investigando a ligação dele com o círculo anarquista de Serguei Nietcháiev. O encontro entre o autor de *Crime e castigo* e o de “O catecismo do revolucionário” transcorre nos capítulos finais, num debate acentuando em torno de questões de autoridade e paternidade, de liberdade e tarefa da literatura, tendo como pano de fundo a Rússia de 1869. É por meio do recurso a esse contexto tenso – ressaltado por algumas projeções não-factuais (o suicídio de Pável aos 20 anos, a reunião de Dostoiévski e Nietcháiev, etc.) – que Coetzee irá produzir sua intervenção na situação de incerteza pelo qual atravessava a África do Sul no início dos anos 1990, em meio à transição para um regime democrático não-segregacionista, num país onde a atmosfera de hostilidade do conflito armado não havia se dispersado. Se, nos ensaios de Coetzee, os escritores eslavos tiveram um importante papel na reflexão sobre a confissão e, principalmente, sobre os mecanismos de proibição de ou em textos literários ao longo da história, em *The Master of Petersburg* a questão aparece reformulada como conflito ou mesmo impasse entre a exigência por liberdade transformada em dispositivo de destruição (Nietcháiev) e o emprego da ficcionalidade do literário como defesa enunciativa no ato da confissão e do enfrentamento dos fantasmas passados (Dostoiévski). A questão de fundo que percorre essa contenda entre o jovem terrorista e o autor em sua maturidade está no entrecruzamento entre o teológico, o político e o estético: afinal qual é o tempo e o lugar da palavra justa, de fazer justiça com as próprias mãos? Assim, buscaremos identificar o uso que Coetzee faz do texto de *Os demônios* – largamente aludido em seu livro (especialmente o capítulo “Com Tíkhon”, proibido na época de sua publicação) e cujo personagem Piotr Vierkhóvinski foi diretamente inspirado em Nietcháiev – para compreendermos a problemática que o autor sul-africano projetava no contexto da transição de seu país, na passagem entre dois sistemas legais de circulação da palavra, do autoritário para o (neo)liberal, a partir de uma reencenação de vidas e obras na Rússia do século XIX.

Ulisses do Valle (UFG)

Existe uma filosofia da história em Oswald de Andrade?

Oswald de Andrade (1890 - 1954) é normalmente conhecido como um dos poetas símbolo da primeira geração de modernistas brasileiros. Sua obra, entretanto, extravasa o já amplo espectro da poesia e atinge também outras formas de expressão que, no que se refere ao autor em questão, foram menos exploradas pela crítica. Outra forma muito utilizada pelo autor, além da poesia, do romance ficcional, do teatro e da crônica, foi o ensaio. Este trabalho pretende resgatar a dimensão ensaística do pensamento oswaldiano e nele investigar a existência de elementos que guardem afinidade com uma filosofia substantiva da história, sob a hipótese de que tais elementos se difundem em sua utopia política e mesmo em suas teorias estéticas, cujos manifestos *Pau-Brasil* (1924) e *Antropófago* (1928) são os exemplos mais conhecidos. Na constituição de uma filosofia da história que permanece na forma de uma utopia política, Oswald divide a história da experiência humana em três fases: a fase do matriarcado, seguida pela fase do patriarcado cuja crise e decadência, por sua vez, daria origem a uma fase pós-patriarcal que resultaria na conciliação de um novo matriarcado com o instrumentário técnico-científico da sociedade ocidental moderna. Em a *Crise da Filosofia Messiânica* (1950), Oswald delinea a longa trajetória de ascensão e declínio da fase Patriarcal em paralelo a seu registro na literatura e no pensamento ocidental - processo que vai de Hesíodo e Ésquilo e chega até Sartre. É a partir desses rastros que o trabalho que se segue delineará os elementos fundamentais da leitura filosófica da história empreendida pela utopia oswaldiana. Em paralelo a isso, pretende-se dar uma esquematização tipológica e comparativa para os diferentes tipos de cultura engendradas em cada uma dessas fases, ressaltando assim as especificidades fundamentais daquilo que Oswald chamou de uma Cultura Antropofágica em oposição a uma Cultura Messiânica, bem como o projeto utópico de uma síntese de ambas que, no seu entendimento, abriria as portas para a constituição de um novo ideal de homem: o *Homo Ludens*.

Valdirene Pereira de Sousa (UFSC)

INFÂNCIAS NAS PÁGINAS DO JORNAL A UNIÃO (1930/1940): A institucionalização de um novo modo de ser criança sob a ação das práticas escolares

Este artigo tem como objetivo discutir as representações de infâncias construídas sob determinadas práticas e valores que visavam instituir um novo modo de ser criança que demandasse cuidados afetivos, materiais e pedagógicos. Infâncias anunciadas e narradas nas páginas do Jornal paraibano *A União*, durante as décadas de 1930 e 1940, produzidas discursivamente a partir das intervenções dos discursos higienistas e pedagógicos. A demarcação temporal tomada para análise é reveladora de uma racionalidade política investida pelo projeto de civilidade e progresso, que visava construir um modelo de governabilidade infantil, assentado sob os códigos de escolarização e de práticas normativas com vistas a moldar as concepções de criança e de infância. Nesse sentido, cabe problematizar a construção desses lugares infantis, institucionalizados pelos saberes pedagógicos e médico- higienistas, como dispositivos a serviço de uma racionalidade moderna que primava pelo progresso e civilização da sociedade paraibana durante o referido período.

Valéria Cristiane Moura dos Santos (FAFICA)

A produção de representações do Cangaço no cinema brasileiro

O presente trabalho, construído a partir de reflexões proporcionadas pela nossa pesquisa de especialização em busca da história do Cangaço e suas repercussões no presente, tem por objetivo discutir o processo de reprodução de representações do Cangaço no cinema brasileiro. Visando compreender de que maneira os cineastas reconstroem a figura do Cangaço e dos cangaceiros a partir de imagens cinematográficas, buscamos subsídios em livros, folhetos de cordel, filmes e fotografias, a fim de identificar como o cinema pode tornar-se uma ferramenta de leitura de representações sociais, bem como um documento de pesquisa científica, permitindo ao historiador entender de que forma os filmes abordam em suas narrativas aspectos históricos, investigando quais desses aspectos são relevantes para o campo da História.

Valter Guimarães Soares (UEFS)

*A narrativa ficcional como prática historiadora: uma leitura do romance *Cascalho*, de Herberto Sales*

O propósito deste trabalho é apreender e problematizar uma dada historicidade da complexa relação entre história e literatura. Em um plano mais geral, compreende-se que a noção de arte, aí se incluindo a “arte de escrever”, assim como a ideia de operação historiográfica, com pretensão de ciência, são, elas próprias, uma particularidade histórica, cuja emergência ocorre na cultura europeia moderna. Se os cruzamentos entre história e ficção vêm sendo colocado na ordem do dia, o que se explicita pela retomada da história pelos estudos literários e pelo interesse dos historiadores pelas questões que envolvem a linguagem, tal relação nem sempre se deu de forma amistosa. Pelo contrário, houve momentos em que eles (os termos) sequer existiam na acepção que os entendemos atualmente. Em outros, não existiam fronteiras definidas entre estória e história. Também ocorreram intervalos em que as fronteiras se fecharam, estabelecendo-se limites definidos entre o que seria ficcional e o que seria científico. No plano específico, e como pretexto, tomo como material de análise um rebento tardio do chamado “Romance de 30”, a obra *Cascalho*, do escritor andariense (de Andaraí, Chapada Diamantina, Bahia) Herberto Sales (1917-1999), publicada pela editora O Cruzeiro em 1944 e que projetou o autor no arraial federal das Letras, vindo mais tarde a ocupar um acento na Academia Brasileira. Na interpretação abraço como pressuposto de leitura a ideia de que uma época não apenas escreve como também se inscreve nos textos que a configuram. Assim, procuro espreitar as circunstâncias históricas (econômicas, políticas, estéticas) que envolvem a emergência deste acontecimento literário. Ademais, e considerando um momento em que a literatura participa do esforço de re-descoberta do Brasil, ofertando sentido às várias realidades do país, especulo sobre a possibilidade de hibridização entre as narrativas ficcional e histórica. Neste sentido, *Cascalho* é lido como um romance que se quer história, como uma operação historiadora que projeta inscrever no mapa simbólico da Bahia e do Brasil o mundo das Lavras diamantinas.

Vanderlei Marinho Costa (UFBA)

Identificando o Anticristo: escritos apocalípticos antinapoleônicos no espaço luso-brasileiro

Uma das marcas culturais do Brasil do século XIX foi a ocorrência do *apocalipsismo* – entendido como o conjunto de imagens, símbolos (contidos na apocalíptica, o conjunto dos textos apocalípticos canônicos), expectativas e comportamentos que gravitam em torno da crença no fim do mundo e nos eventos a ocorrer naqueles “últimos dias”. Na comunicação proposta, exponho algumas de suas manifestações letradas, escritos apocalípticos de feição política reacionária provenientes de Portugal (e Espanha) e aqui publicados, na primeira metade daquele século, enfatizando a questão dos posicionamentos, expedientes utilizados e embates em torno das representações sobre o advento e a identidade do Anticristo, ponto central das disputas em torno do entendimento e das representações acerca dos últimos dias.

Vanderley de Paula Rocha (UEPG)

Reflexões sobre os festejos do Divino enquanto patrimônio imaterial da cidade de Ponta Grossa/PR

Esta comunicação tem como objetivo central discutir os festejos em honra ao Divino Espírito Santo ocorridos na cidade de Ponta Grossa/PR enquanto patrimônio imaterial da comunidade aqui estudada, refletindo sobre a relação dos diferentes atores sociais no que diz respeito ao processo de registro desse bem cultural. Ao refletir sobre patrimônio imaterial, entendemos que o mesmo “(...) é constituído por práticas, representações, expressões, saberes e fazeres – assim como instrumentos, objetos, artefatos, e espaços culturais que lhe são associados – que comunidades, grupos e, quando for o caso, indivíduos reconhecem como parte de sua herança cultural” (FONSECA, 2004, p.22). Visando atingir nosso objetivo, temos como fonte o processo de tombamento do imóvel, denominado: “Casa do Divino”, espaço onde ocorrem as celebrações em honra ao Divino em Ponta Grossa, pois o mesmo foi tombado sob a seguinte justificativa, somada a outras: “esse edifício possui uma característica muito peculiar de patrimônio cultural intangível, representado pelo culto ao Divino Espírito Santo que acontece em seu interior, pois na sala frontal existe um altar, onde as pessoas se dirigem para fazer suas orações” (COMPAC, 2006). Utilizamos também, os periódicos locais, a fim de identificar o valor atribuído a tais práticas pela comunidade que as desenvolvem, identificando-as como uma herança cultural definidora de identidade de parte da comunidade ponta-grossense.

Vaner Silvia Soler Bianchi (Mackenzie)

A importância da imagem nos estudos de História Cultural

O presente artigo trata do estudo de imagens de um ambiente que através do tempo, desde sua inauguração tem feito parte da história da cidade de São Paulo, dando sua contribuição para manter a cultura e a memória do paulistano. A Casa Godinho, como é chamada a mercearia, está localizada à rua Líbero Badaró, centro da cidade de São Paulo e é uma casa de comércio tradicional que procura preservar de forma ativa sua memória, resgatando a sua história e mantendo vivo o ambiente do período em que foi inaugurada. É considerada um comércio tradicional e possui 126 anos de existência.

A pesquisa interdisciplinar sobre a Casa Godinho, trata de assuntos como as transformações sociais, urbanas e culturais da cidade de São Paulo, dando ênfase à importância do comércio, que modificou a vida do paulistano do final do século XIX, início do século XX, faz conexões com a arte, a arquitetura, a gastronomia e o cotidiano da cidade. Para uma melhor compreensão cronológica do surgimento do local foi realizado um estudo das imagens do ambiente, sem as quais jamais teríamos concluído trabalho de levantamento histórico do ambiente.

A importância da memória para a elaboração da identidade da sociedade é algo que devemos levar sempre em consideração, buscando sempre novas informações, e pudemos detectar por meio das imagens as respostas para nossas buscas. Na história nada é dado por acabado, há necessidade de constantes atualizações e novas descobertas se fazem necessárias. Por meio de informações de outras áreas do conhecimento, pudemos ter uma melhor compreensão desse lugar de memória que sobreviveu até nossos dias.

Enfim, por pensar na cidade a partir de seus lugares, seja o comércio ou qualquer outro ambiente, e percebendo como cada lugar com suas características pode mudar ou influenciar o comportamento humano, é que escolhemos o tema e as pesquisas realizadas por meio das imagens comparativas, contribuíram novas descobertas.

Vanessa Costa e Silva Schmitt (UNIVERSITÉ DE GENÈVE)

O lugar e o papel do hospital em Soeur Philomène (1861) dos irmãos Goncourt: instituição do patológico e clínica da pobreza na Paris de 1860

Pioneiros do Naturalismo, os irmãos Goncourt deram voz ao povo em seus romances. Embora o argumento que as classes socialmente inferiores devessem ser representadas pela literatura apareça definitivamente no prefácio à *Germinie Lacerteux* (1865), os autores já flertavam com a pobreza e a doença (assuntos vis) em sua obra *Soeur Philomène* (1861), cuja protagonista é uma irmã de caridade que exerce funções de enfermeira em um dos maiores hospitais de Paris em meados do século XIX. Cabe lembrar que, à época, a instituição hospitalar era reservada aos mais desfavorecidos.

Vanessa Costa Ribeiro (USP)

O Parque Dom Pedro II pelas lentes de seus usuários (1920-1950)

A presente comunicação pretende discutir a apropriação do espaço do Parque Dom Pedro II, região localizada entre a colina central de São Paulo e o bairro operário do

Brás, por meio da análise de um conjunto de 101 fotografias tiradas por usuários deste território e fotógrafos ambulantes no período de 1920 a 1950.

Objetiva-se com essa comunicação não só demonstrar o potencial dos registros fotográficos para compreensão de fenômenos históricos, mas também indicar a especificidade deste tipo de representação visual no processo de construção de identidades e memórias de grupos sociais urbanos.

Vanessa Generoso Paes (USP)

Imigração e Gênero - conflito e negociação nas relações de parentesco de uma comunidade boliviana em São Paulo

O seguinte trabalho analisa por meio das histórias de vida de um grupo de bolivianos, o trânsito identitário e o processo de negociação do pertencimento de uma família e seu grupo social afetivo na sociedade brasileira. Utilizamos os procedimentos da história oral de vida para construir o *corpus* documental do trabalho. Assim, faremos também uso de fotografias tiradas em uma inserção de pesquisa de campo para explicar o processo migratório de uma comunidade boliviana em São Paulo, bem como, analisar as relações de gênero que atravessam as narrativas dos imigrantes em sua diáspora para o Brasil. Os relatos dos imigrantes serão analisados a partir de um diálogo às linhas de argumentação dos entrevistados enfatizando a diáspora boliviana, a feminização da imigração e a nova constituição da família no contexto migratório. Tal processo pode ser interpretado como a transculturação de uma comunidade de migrantes na cidade de São Paulo, ao traduzir as relações de pertencimento a este espaço.

Vanessa Lepick (UFU)

José Carlos Souza Araújo (UFU / UNIUBE)

As práticas de ensino das professoras do grupo escolar Clarimundo Carneiro e as prescrições do Programa do Ensino Primário de Minas Gerais no período de 1963 a 1973

O problema deste estudo está na análise e reflexão das práticas de ensino das professoras da segunda a quarta séries do Ensino Primário do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro buscando compreender se estas práticas atendiam às prescrições estabelecidas no Programa do Ensino Primário de Minas Gerais. As questões colocadas são: Como eram as práticas de ensino das professoras da segunda a quarta séries do Ensino Primário do Grupo Escolar Clarimundo? As práticas de ensino estavam de acordo com as prescrições estabelecidas no Programa do Ensino Primário de Minas Gerais? Como eram realizadas as avaliações dos alunos? Quais foram os materiais didáticos utilizados nesse processo? Entendemos que o estudo das práticas de ensino das professoras no grupo escolar tem suas particularidades sendo permeadas de diversidade de aspectos culturais e, portanto, acreditamos que o campo teórico da historiografia que nos fornecerá os aportes necessários para a realização deste projeto é a Nova História Cultural. Esta escolha se deve por entender que este domínio da história que tem contribuído muito com as pesquisas em história da educação, por seus procedimentos e

sua estrutura interdisciplinar (GATTI JR. E PESSANHA, 2005). O percurso metodológico foi concebido com o auxílio de estudos anteriores que cruzaram dados documentais com fontes orais. Através da pesquisa documental buscaremos cartilhas, jornais, fotografias, documentos escolares, materiais didáticos, bem como legislações educacionais do período estudado e quais quer outras fontes que possam auxiliar neste estudo. Por meio da análise de fontes orais é possível valorizar as vivências de professoras e assim revelar detalhes que documentos oficiais não informariam. Compreendemos que todas as fontes precisam receber um tratamento especial, ou seja, não podem ser utilizadas ingenuamente, visto que sempre carregam consigo significados que vão além da sua simples materialidade. Desta maneira, Le Goff (2003, p.535-536) nos esclarece que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado” muito mais do que isso, o documento “é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa”.

Vanessa Matheus Cavalcante (CPDOC/FGV)

A Juriú (1919): a temática sertaneja como expressão do nacional nos palcos da Primeira República

O objetivo deste trabalho é analisar a atuação de intelectuais conhecidos como mediadores culturais, ou seja, aqueles que têm como principal preocupação a divulgação da história brasileira para um grande público. Para tanto, utilizarei como objeto de estudo o escritor maranhense Viriato Corrêa (1884 - 1967), visto como um intelectual que tem na disseminação do conhecimento histórico uma de suas principais missões. Dentre sua vasta e multifacetada obra, entende-se que o autor encontra no teatro um importante vetor cultural para atingir seus objetivos intelectuais. Dessa forma, a análise de algumas de suas peças teatrais será de grande valia para apreender como o autor tornava pública sua noção de história cívico-patriótica, em um contexto considerado estratégico no que concerne à construção de uma identidade nacional republicana.

Apesar de sua vasta produção teatral - são cerca de 50 peças escritas ao longo de sua trajetória - serão objeto de análise nesta comunicação aquelas escritas durante as primeiras décadas do século XX. Assim, o objetivo desse trabalho é demonstrar como as primeiras obras teatrais escritas pelo literato e teatrólogo expressavam e propagavam um projeto nacional que valorizava o “popular” para se entender o Brasil, tendo como uma das mais relevantes referências o sertão. Daí a denominação deste momento de sua trajetória como uma “fase sertaneja”, que se integrava ao contexto maior de produções artísticas das chamadas manifestações regionalistas.

Para tanto, foi uma opção metodológica a escolha de uma de suas produções teatrais como estudo de caso. A peça em questão é *Juriú*, opereta sertaneja encenada no final da década de 1910, que pode ser considerada uma das peças mais importantes da trajetória do dramaturgo. Ela chama atenção pelo fato de ter alcançado estrondoso êxito, tendo sido alvo de elogios da imprensa da época, sendo readaptada inúmeras vezes e até mesmo plagiada, na década de 1920.

Vanessa Paola Rojas Fernandez (USP / Prefeitura Municipal de Campinas)

Mônica Fernanda Bonomi (PUCCAMP / UNICAMP)

Educação e Memória: Ensino da Ditadura Civil-Militar Brasileira a partir da relação entre História e Artes

Esta comunicação é um relato e análise de experiência sobre o ensino da ditadura civil-militar brasileira em uma escola de Campinas/SP. Para isto, a interdisciplinaridade entre História e Artes foi norteadora de todo o trabalho. Após a introdução do tema curricular junto aos estudantes envolvidos, a partir de leituras de textos, filmes, músicas e artistas, uma visita ao Memorial da Resistência em São Paulo foi efetuada e uma exposição intitulada “Ditadura: 50 Anos do Golpe de 64” foi instalada na escola com trabalhos iconográficos e materiais desenvolvidos pelos próprios alunos. A realização de uma performance e de um encontro desses alunos com uma integrante da ALN, que foi presa e torturada durante o período analisado, também fizeram parte do trabalho. Para além dos resultados imediatos desta experiência, que foram a ampliação de conhecimentos e sensibilidades sobre o assunto entre a comunidade escolar envolvida e a repercussão na mídia impressa e digital da cidade, também estiveram presentes a valorização de uma educação com reflexões e ações de respeito às diversidades, aos direitos humanos e ao patrimônio cultural. A análise desta experiência, baseada nos conceitos de memória coletiva (HALBWACHS, 2006), lugares de memória (NORA, 2003), memória e história (MENEZES, 1992; LE GOFF, 2003), patrimônio cultural (DE DECCA, 1992; IPHAN), identidade (BAUMAN, 2005; HALL, 2006), arte conceitual (FREIRE, 2006) e educação das sensibilidades (DUARTE JUNIOR, 2008), entre outras perspectivas, será tema central desta comunicação.

Vanuza Souza Silva (UFPE/UFAL)

A arte de andar nas ruas: as mulheres e as práticas criminosas em Campina Grande-PB

Este texto é parte de minhas pesquisas de doutorado na Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, a qual teve como tema de pesquisa as mulheres presas na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB. Com esta pesquisa tentei compreender as mudanças históricas que tornaram possível o envolvimento das mulheres na cidade de Campina Grande com crimes diversos, como exemplos, tráfico de drogas, homicídios, furtos e roubos. Desde a segunda metade do século XX, especificamente a partir dos anos 60 do século XX há uma mudança cultural nos espaços sociais das mulheres, muitas saem de casa para as militâncias nas ruas, para o mercado de trabalho e estudos nas Universidades. Com esta pesquisa, venho discutir que os feminismos não afetaram da mesma forma todas as mulheres, as mulheres pobres, por exemplo, desde os anos 60 do século XX vêm sendo impactadas de outras maneiras, vão para as ruas, mas não para trabalhar, estudar, mas sim, traficar, assaltar, roubar, matar. É possível pensar que a partir da segunda metade do século XX, como afirma Lipovetsky, muitas mudanças estão ocorrendo na cultura das mulheres, inclusive o acelerado envolvimento das mulheres com crimes, mulheres que não tendo acesso ao trabalho e estudos, envolvem-se com crimes os mais diversos. Em Campina Grande-PB a partir dos anos 90 do século XX tem-se o aumento acelerado de mulheres com tráficos de drogas e outros crimes, mulheres que roubam, de um lado, para terem acesso a uma

roupa de marca, uma tinta de cabelo da moda, outras para alimentarem seus filhos, por isso, foram presas por terem roubado um litro de leite, um quilo de feijão. As mudanças históricas que redefinem o lugar da mulher na segunda metade do século XX tornam possível pensar o aumento significativo do envolvimento das mulheres com crimes. Evidente que as reivindicações feministas, nesse sentido, são práticas que inspiram a pensar as mudanças culturais relacionadas ao feminino e às mulheres, ao mesmo tempo, tornam possível pensar que nem todas as mulheres mudaram da mesma forma e que o crime, para muitas mulheres, a exemplo, do tráfico das drogas, dos assaltos, roubos e crimes, tornaram-se possibilidades para a construção de outros lugares para as mulheres, para o exercício do gênero feminino. Em Campina Grande, na Paraíba, desde os anos noventa do século XX, há um aumento significativo do envolvimento das mulheres com o tráfico de drogas, mulheres que habitam não apenas os municípios da região paraibana, mas também, que vêm dos estados vizinhos, como exemplo, Pernambuco, e regiões dos estados mais distantes, a exemplo de São Paulo, em que muitas mulheres vêm enquanto “mulas” do tráfico, contrabandear drogas. Os lugares das mulheres mudaram, os crimes também mudaram, o envolvimento de mulheres com crimes diversos na nossa presentidade vem significando outras subjetividades femininas, as quais envolvidas com os crimes, também resignificam os crimes, as violências, as cristalizadas identidades sociais que constroem lugares para as mulheres, para as violências e para os crimes.

Venize Nazaré Ramos Rodrigues (UEPA)

Ser vaqueiro no Marajó: ofício, épica e ancestralidade

A arte de ser vaqueiro no Marajó, mais que um ofício, é ícone da Amazônia marajoara, pois não é possível pensar neste território sem a cultura decorrente deste espaço e desta relação. Este fazer remete à práticas ancestrais, herdado através das cadeias familiares, onde avós, pais, filhos retiram sua sobrevivência, marca identitária na região que historicamente se afirmou no cenário regional pela produção de gado e seus derivados. Pesquisar este mundo, os saberes da experiência e as marcas deste ofício são basilares para caracterizar a vaqueirice tradicional, cultura ancestral que aproxima e opõe práticas e saberes do vaqueiro moderno. A metodologia da história oral, aliada a fontes bibliográficas, documental e iconográfica, apoiam este trabalho, onde se constroem cartografias afeitas à cultura do vaqueiro no mundo do trabalho nos campos do Marajó, suas práticas e inscrições culturais no cotidiano dos grupos sociais e cenários amazônicos e na memória social da região.

Véra Lúcia de Góes (Mackenzie)

Uma leitura da obra de François Truffaut

François Truffaut nascido na década de 30 foi um dos principais diretores e críticos do cinema frances. Teve uma infância difícil e infeliz e desde cedo buscou refúgio em uma sala de cinema para sua solidão e medo.

Foi acolhido na casa de André Bazin com quem aprendeu muito sobre cinema convivendo e inclusive escrevendo artigos críticos para as publicações *Arts* e *Cahiers du Cinema*. Neste contexto, e de sua relação com outros diretores do cinema francês em

decorrência desta situação, foi que surgiu o “movimento espontâneo” responsável pelo conjunto de idéias chamado de “*Nouvelle Vague*”.

Na concepção de Truffaut o espectador é um dos elementos essenciais do cinema, portanto não poderia deixar de levar em consideração as conjecturas e sentimentos de seu público.

Uma das principais características que marcam seu cinema é a relação com o tempo e com a realidade. E dos temas recorrentes em sua obra temos o amor em suas diferentes naturezas e formas de expressão, além de ser evidenciado seu fascínio pela figura feminina que marca fortemente sua obra.

O cinema é uma arte que retrata uma forma de cultura influenciada por um estado social e é neste sentido que esta análise se propõe a explorar um momento histórico através da obra de François Truffaut.

Vera Rozane Araújo Aguiar Filha (UFC)

A produção fílmica e a história da arte: relações possíveis para o ensino e a pesquisa histórica

Esta comunicação discute o uso do filme *Maria Antonieta* (2007), da diretora Sofia Coppola, para o ensino e a pesquisa na área de História. O referido filme retrata a vida da rainha da França Maria Antonieta, membro da nobreza austríaca que se casou com o então rei da França, Luís XVI, visando à manutenção das relações de poder entre as casas dinásticas dos dois países. A partir disso, o enredo se desenrola na ambiência da corte francesa, retratando seus espaços e seus costumes, com destaque para as relações de etiqueta estabelecidas entre os membros da nobreza cortesã e os significados simbólicos de seus atos e posturas. Entende-se, aqui, que a produção fílmica é um elemento extremamente interessante para a discussão sobre a estrutura dos estados monárquicos na Europa Moderna, além de permitir compreender como se organizou, a partir do ambiente das cortes, uma forma de se comportar na sociedade aristocrática. O uso de *Maria Antonieta* em sala de aula tem como objetivo gerar reflexões nos estudantes a partir de recursos audiovisuais, compreendendo os processos históricos com base em representações visuais, como vestimentas, expressões corporais e pinturas. O último item listado é ponto de inflexão para a discussão sobre o uso da produção como fonte para a pesquisa histórica. As pinturas apresentadas em *Maria Antonieta* revelam um significado da obra de arte para a sociedade aristocrática europeia, importando ao historiador tanto os elementos de sua produção – estilo artístico, técnica empregada – quanto os relacionados ao seu uso – significado da obra, relações de posse da obra de arte. O diálogo proposto tanto para a reflexão sobre o ensino de História como para a pesquisa histórica é com os campos disciplinares das artes visuais e da História da Arte, oferecendo uma discussão mais ampla sobre o fazer artístico e seus significados sociais.

Verônica D’Agostino Piqueira (Mackenzie)

O corpo na tela: O cinema autoral de Tod Browning

É em torno do problema a respeito dos padrões institucionalizados de normalidade que o diretor Tod Browning desenvolveu sua estética e narrativa, que pode ser notado, por exemplo, em seus filmes *Dracula* (1931), ou em sua obra-prima *Freaks* (1932).

A trajetória artística do diretor, desde sua atuação em circos e *vaudevilles* até seus trabalhos na indústria do cinema em Hollywood, permeados pelo elemento *outsider* norte-americano, permite o diálogo com a multiplicação simbólica do elemento *freak* a partir das décadas de 1960 e 1970, reverberando até os dias atuais na cultura norte-americana.

Partindo da análise de sua filmografia, é possível notar uma posição política, visual e estética frente à retórica da eugenia, presentes no cinema clássico de horror norte-americano. O temor provocado sobre a degeneração escondida no corpo de certos grupos e indivíduos é confrontado pela sua exposição nas telas de cinema, dando uma nova perspectiva aos padrões e moral estabelecida, evidenciando a construção de uma nova corrente estética. Dessa forma, a atribuição dos significados políticos, sociais, bem como culturais e psicanalíticos conferidos aos personagens de seus filmes permitem compreender como monstros simbólicos apresentam o olhar norte-americano com relação à diversidade de sua cultura.

Ao diretor, é atribuída uma considerável cadeia de influências em diversas manifestações da cultura *outsider* em variadas formas de expressão artística. Ao mesmo tempo, seus filmes forneceram subsídios para a construção de correntes estéticas e ideológicas resistentes à contemplação da beleza e da diferença entre “normais” e “anormais”.

O presente trabalho pretende revelar como a permanência do imaginário simbólico da cultura *outsider* exposta por Browning ainda se faz presente no *mainstream* da cultura popular norte-americana, auxiliando uma análise de revisão contínua do padrão da normalidade, do monstro e do humano, na contemporaneidade.

Veruschka de Sales Azevedo (PUC / SP)

A Baronesa e seu Diário: A recepção do 1º Cinema nas “terras do Café” 1889-1930

A comunicação tem o objetivo de apresentar e discutir, por meio da documentação pesquisada, o cenário cultural das “cidades do café” e a convivência do cinema com outras formas de manifestações culturais. Um destaque importante do texto é o registro das impressões de uma espectadora que deixou em um diário suas impressões sobre os filmes que assistiu tanto na cidade de Franca quanto em visitas às salas de Ribeirão Preto. Maria Amélia Pinheiro, conhecida como a “baronesa da Franca,” deixou registrado no referido diário, intitulado “Ir ao Cinema”, suas idas ao cinema na segunda década do século XX. Os registros estendem-se de 1916 até 1926, o que nos mostra a importante presença do cinema no cotidiano dos cidadãos do período.

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso (UFMS / UFU)

“Imprensa o que?”: A imprensa gay como fonte e o objeto de análise histórica e as sexualidades contra-hegemônicas no Brasil (1978-1981)

O nosso objetivo por meio deste trabalho é analisar a importância do uso de periódicos como fonte e/ou objeto de análise histórica, uma vez que eles são capazes de criar sentidos de realidade que se disseminam na cultura. Para isso, trazemos como fonte/objeto de análise o jornal *Lampião da Esquina*, fundado em abril de 1978 e o primeiro a circular em âmbito nacional no que diz respeito à imprensa gay. Desta forma, analisaremos como ele constrói as representações sobre as sexualidades contra-hegemônicas no período de sua existência (1978-1981), para que possamos perceber a conjuntura e as práticas daquele período no que tange ao tratamento dado aos sujeitos que se comportam fora da norma heterossexual vigente. A motivação para tal trabalho parte do incomodo de perceber que a imprensa gay atual está despreocupada com assuntos que se referem à exclusão ou repressão desses sujeitos, e não só, mas também pelo fato da sociedade brasileira ser capaz de assassinar um homossexual (um dos sujeitos fora da norma heterossexual) a cada 26 horas no país, fazendo nos perguntar qual seria o papel social da imprensa gay em relação a esse assunto. Tomar uma fonte como objeto, ainda mais sendo ela um meio de comunicação da imprensa, deve-se partir do pressuposto que ela não se constitui abstratamente, a imprensa seja qual for, é constituída por pessoas e interesses, e que cabe ao pesquisador ao analisa-la, observar a lógica dos discursos e esses interesses. Ou seja, o texto em si não apresenta uma única realidade em sua forma, e o pesquisador pode por meio de uma análise profunda analisar algo que sobressaia desse documento. Pretendemos assim dialogar entre a análise de um periódico e o que suas representações podem gerar para uma ou várias épocas. Assim sendo, por meio do *Lampião da Esquina* é possível perceber a maneira como as sexualidades contra-hegemônicas eram tratadas, e, além disso, o tratamento por meio da imprensa e sociedade da época, bem como pela figura do Estado.

Vilma de Lurdes da Fonseca (UEM)

Cartografia da dependência: Fronteiras imaginárias e territorialidade nas relações socioculturais de pessoas usuárias de álcool e outras drogas na cidade de Maringá-PR

O termo “empoderamento” tem sido aplicado para definir ações executadas com o intuito de fazer valer os direitos de cidadania às pessoas que se sentem às margens da sociedade. Pensemos na situação de pessoas que estiveram por muito tempo sob situação de dependência química, seja por álcool ou qualquer outro tipo de droga ou substância psicoativa que as afastou do convívio social e com isso deixaram de frequentar lugares públicos nos quais poderiam vivenciar momentos de lazer desfrutando da natureza, da arte e de diversos outros bens culturais. Espera-se que o indivíduo retome suas atitudes e práticas de cidadão comum e abandone o receio de adentrar em determinados locais onde supõe que será julgado ou punido por ali estar. Apresentarei algumas reflexões acerca dos resultados obtidos com visitas e passeios realizados com pacientes do CapsAd de Maringá-PR, durante o ano de 2012, nas quais destacarei, a partir de concepções historiográficas, o sentido de territorialidade, fronteiras imaginárias, espaço público e privado, saúde mental, cultura e identidade.

Vinicius Carlos da Silva (UNESP / Assis)

A América Latina: males de origem nas páginas de Os Annaes: recepção e crítica

Esta comunicação é parte de um projeto de mestrado, vinculado ao Programa de pós-graduação em História, da Unesp/Assis. A pesquisa, em estágio inicial, é orientada pela professora Dra. Tania Regina de Luca. O objetivo é analisar a repercussão da obra *A América Latina: males de origem*, de Manoel Bomfim, nas páginas do periódico *Os Annaes*, que circulou de 1904 a 1906, no Rio de Janeiro, sob a responsabilidade de Domingos Olímpio Braga Cavalcanti. A escolha de Bomfim deu-se pelo lugar de “voz dissonante” que ele ocupa no pensamento brasileiro, seja no que se refere tanto à sua produção crítica quanto ensaísta. Já a escolha desta obra do autor justifica-se pelo fato de a mesma ser considerada um de seus principais escritos, que repercutiu de maneira particular entre seus pares, e a que tem inspirado vários estudos contemporâneos.

No que tange à fonte, deve-se assinalar a inexistência de trabalhos específicos sobre a revista *Os Annaes*, bem como o fato de que a maior polêmica a cerca de *A América Latina* ocorreu nesse periódico, tendo à frente Silvio Romero, um dos polemistas e ensaístas mais importantes da época.

Romero atacou sistematicamente as ideias de Bomfim, por meio de um conjunto de 25 artigos, posteriormente compilados em livro de título propositalmente provocativo: *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim*, lançado em uma única edição no ano de 1906. Assim, o que se busca é compreender a repercussão da obra na revista, por meio da análise sistemática dos argumentos apresentados por Romero, além de se pretender averiguar, em outras fontes, a presença de outras críticas, positivas ou negativas, sobre o livro de Bomfim. Vale lembrar que a revista deu ao autor direito de resposta, estabelecendo-se uma verdadeira guerra nas páginas da publicação.

Vinícius Liebel (USP)

Gestos, Poses e Corpos - A Performatividade do Autoritarismo nas Charges de Belmonte

Partindo do pressuposto que as charges são produções que marcam seu espaço nos campos artístico e jornalístico e que se configuram, a partir dessa característica, como representações lúdicas de temas políticos, compreendemos esses desenhos como uma produção i.e. uma ação política na esfera pública e, assim, como objetos privilegiados de memória de um grupo político-social. É a partir dessa ideia que buscaremos analisar a obra do chargista Belmonte, em especial sua produção no período do Estado Novo getulista, quando o artista e o jornal onde publicava sofriam com a censura. Produzindo em São Paulo para o jornal *Folha da Noite*, Belmonte se apresenta como um fruto persistente do ideário liberal, e suas charges refletem essa visão de mundo. É natural, portanto, que sua obra buscasse, de alguma forma, resistir à censura e ao autoritarismo vigente. Ao ser proibido de representar Getúlio Vargas e de referenciar diretamente o regime ditatorial vigente, seus desenhos passam a focar a política internacional, e é nesse campo que a crítica contra o regime brasileiro passa a ser feita através do espelho dos regimes nazi-fascistas europeus. Nessa apresentação, focaremos nossos esforços na demonstração de uma estratégia visual específica que orienta as interpretações, ainda que inconscientemente, das charges belmontinas: a representação dos corpos e a performatividade nas cenas construídas em suas obras. É através delas que Belmonte não apenas expõe suas ideias políticas de cunho liberal, mas que também mostra o habitus autoritário que essa visão de mundo é capaz de conceber; em outras palavras, as

representações que Belmonte produz são uma resistência possível à ditadura getulista, são visões específicas sobre o autoritarismo e, assim, servem a uma determinada memória desse fenômeno.

Vinícius Sales do Nascimento França (UERJ)

Mobilizações contra Collor e a opinião pública em editoriais da Folha de S. Paulo

Durante o processo de impeachment do Collor, em 1992, a intensa cobertura midiática e a mobilização de rua dos movimentos sociais foram agentes importantes que pressionaram os deputados a cassar o mandato presidencial. Nesse contexto, observamos a opinião do jornal Folha de São Paulo, expressa em editoriais publicados nos meses de agosto e setembro de 1992, questionando como um jornal de oposição ao presidente e posições liberais posicionou-se em relação aos protestos de rua, utilizando a noção de opinião pública. Partimos do conceito de Gramsci (1999) da imprensa enquanto partido político da classe dominante, com o objetivo de disseminar seus valores particulares e torná-los um consenso em uma sociedade; e da crítica de Bourdieu (1981) à visão midiática da opinião pública, como uma suposta soma de opiniões individuais prévias a notícia. Notamos que primeiramente o jornal identificou os protestos a algo particular, ao sectarismo da CUT e do PT; posteriormente, a Folha chegou a convocar protestos, narrando-os como expressão espontânea da opinião pública, cujo interesse seria maior do que qualquer posição partidária ou sindical. Nesse segundo momento, o jornal também vinculou a opinião pública à pontos da agenda liberal que defendia.

Virgílio Coelho de Oliveira Júnior (UFMG)

As representações queirosianas e o “gesto editorial”: Leituras, leitores, e práticas de publicação em Portugal, na segunda metade do século XIX

Desde a década de 1960, pesquisadores da “nova” hermenêutica e da estética da recepção, vêm formulando novas maneiras de se conceber e analisar a produção literária. Também os historiadores que trabalham com a História do livro, da leitura e das edições, têm contribuído para essa renovação. Por meio da problematização das interpretações que privilegiam a univocidade do autor, ou as estruturas linguísticas e simbólicas, foram desenvolvidos trabalhos que destacam a variedade de sujeitos, etapas criativas, escritas, e sentidos que constituem uma obra. A partir desse pressuposto, propõem-se discutir os processos editoriais dos romances de Eça de Queirós (1845-1900). Análise que parte de um trabalho feito recentemente com as correspondências que o romancista enviou aos seus editores entre 1877 - quando ele iniciou suas publicações junto à “Livraria Internacional Ernesto Chardron, editor” - a 1900 - ano de seu falecimento. O objetivo é evidenciar a importância do “ato editorial” para a elaboração estético-literária de Eça de Queirós. Para Brigitte Vial-Ouvry editar é um “gesto”, uma forma de “escrita”. Em outras palavras: a edição faria parte da criação de uma obra, não seria simplesmente uma inscrição gráfica, impressão ou reprodução. Com efeito: Qual a importância da “escrita editorial” para a configuração da narrativa queirosiana? Pode-se afirmar que essa “escrita” está relacionada com a construção das representações que escritor elaborava sobre leituras e leitores na segunda metade do

século XIX? Quais as relações entre o “gesto editorial” e a construção do próprio autor junto ao campo literário da época? Quais as possíveis conexões entre os processos editoriais das obras de Eça de Queirós e suas análises sobre a realidade político-social portuguesa?

Vítor Fonseca Figueiredo (UFJF)

Cartas na República: a utilização de correspondências nos estudos de história política do Brasil republicano (1889-1930)

A presente comunicação visa analisar a utilização de correspondências na elaboração de estudos voltados para o campo da História Política, mais especificamente sobre a política brasileira durante a Primeira República (1889-1930). A apreciação deste tipo de documentação possui denotada importância, pois permite ao pesquisador a possibilidade de produzir reflexões mais complexas do que a que se pode obter pelo estudo dos documentos oficiais. Por muito tempo, a produção historiográfica relativa à política se pautou na apreciação de documentos produzidos por órgãos e repartições públicas. Embora estes documentos constituam importante fonte de dados, eles expressam o resultado de complexas disputas de poder, em síntese, representam o discurso final e oficial acerca de determinados fatos. Como é sabido, o político é, por essência, o campo das relações de poder, de disputa e de tensões, portanto, todas as decisões, antes de se concretizarem, passam por variados níveis de discussão. Durante a Primeira República, um dos principais meios de comunicação e de discussão entre os políticos brasileiros eram as correspondências e os telegramas. Ao analisar os fundos documentais de variados políticos, como Arthur Bernardes e Getúlio Vargas, é possível analisar como as decisões acerca do futuro da nação se deram por verdadeiras conferências epistolares. O fluxo de cartas trocadas entre atores das mais variadas esferas administrativas de todas as regiões do país permite compreender tanto a rede de poder como os interesses, os receios e as vantagens influenciaram nas decisões dos homens públicos. Devido à importância das informações, muitas destas correspondências eram conduzidas ao seu destinatário por portadores de confiança do remetente ou eram cifradas. Em política, o segredo, assim como o momento correto para que as informações venham a público, é algo crucial. Embora a utilização de correspondências privadas de políticos não seja uma inovação no campo historiográfico, ela tem possibilitado análises renovadas acerca de temáticas consagradas no campo das pesquisas históricas, sendo assim, a intenção desta comunicação é refletir acerca das dificuldades e do potencial de se trabalhar com correspondências no estudo das relações políticas.

Viviane Adriana Saballa (UFPEL)

Clio no encontro com a Arte da Dança: estudos da História Cultural

A presente comunicação visa apresentar o projeto institucional “Relatos e Registros sobre a História da Dança em Pelotas,” legitimado na interface com a História Cultural. O referido projeto é uma proposta de estudo que vislumbra a possibilidade de ressignificar a história da Dança na cidade de Pelotas por meio de seus atores protagonistas vinculados à temática na relação com a história da cidade. Através de suas memórias,

consideramos que ao dar vez a pessoas detentoras de saberes tradicionais e locais, entrarão em cena novos vetores e expressões de uma narrativa urbana polifônica (ABREU; CHAGAS, 2003). Tais narrativas dialogarão com diversificadas fontes, como imagéticas, jornalísticas e documentais, na busca de acessar fragmentos de realidade no cotejo com o passado. A aproximação entre História e Arte por meio desta linguagem artística, a Dança, reforça a compreensão da importância da ampliação do fazer historiográfico, alargando fronteiras, ampliando o território da profissão, reafirmando ganhos na percepção histórica. Na proposição desta pesquisa, há o reconhecimento da necessidade de entender, a partir de novos olhares de Clio, o contexto da Dança no município pelotense. No contato com esta trajetória, será possível promover um relacionamento mais próximo entre comunidade e academia que, na interação, viabiliza a transmissão e intercâmbio de experiências. A História Cultural, que também se dispõem a analisar a realidade do passado por meio de suas *Representações* (CHARTIER, 1989) tanto pelo viés do discurso quanto imagético, busca a expressão do mundo e dos homens nesse mundo, nisso o universo das Artes apresenta-se como frutífero campo de pesquisa, na medida em que é permeado por possibilidades de reconfigurações de temporalidades através das *Sensibilidades*, objeto de captura do passado, produzindo, assim, sentidos para as suas realidades. A Dança é uma arte repleta de especificidades e é dinâmica, pois, literalmente, lida com o movimento. Sendo assim, o desafio é produzir fontes de pesquisa aos estudiosos que não considerem apenas a perspectiva estética, mas que atentem para as circunstâncias históricas, em uma dimensão coletiva, levando-nos a um “modo de pensar a dança ou as danças nas várias relações de uma sociedade” (REIS, 2009, 14). História e Artes são campos que estão continuamente repensando interpretações sobre si mesmas e é nesse exercício que novas proposições surgem e contribuem para a elaboração de novos rumos e formas de conhecimentos. Formas de dar voz a silêncios inauditos, reinterpretar a História, redescobrir agentes históricos e redimensionar caminhos de construção de saberes que as interconectem.

Viviane Azevedo de Jesus (UFF)

A metáfora no contexto eucarístico medieval: a procissão de Corpus Christi

Ao refletirmos sobre os modos analógicos de ordenação de práticas de representação através do discurso, observamos que a metáfora assume importância vital, tornando-se o recurso metafórico um recurso de presença. Tal estratégia discursiva destaca-se, no contexto do baixo medievo, no que diz respeito à eucaristia.

Portanto, partindo de tal perspectiva, propõe-se discutir um dos desdobramentos centrais do sacramento eucarístico para o mundo medieval, a procissão de *Corpus Christi*. Fixada no século XIII pelo Papa Urbano IV, a festa do Corpo de Cristo afirmou-se somente no século seguinte, quando assumiu o formato de procissão e foi rapidamente incluída nos ritos cristãos. Este processo deveu-se em grande parte a um movimento de renovação das sensibilidades que ganhava força no Ocidente medieval, levando os cristãos a desejarem uma comunicação mais próxima com Deus. A procissão de *Corpus Christi* envolvia toda a cidade, uma vez que todos os grupos procuravam ter participação, integrando a cidade, assim, na lógica da Cristandade.

Pretende-se, então, observar de que forma a analogia contribui para a produção de presença no contexto eucarístico medieval, não apenas no que se refere ao ato

sacramental, mas ainda à configuração do cortejo processional. Para desenvolver nossa análise, adotamos como documento de referência o *Regimento das Procissões da Cidade de Évora*, datando aproximadamente de 1482.

Viviane Cavalcante Pinto (UFSC)

Memórias da ditadura: Um debate a partir do filme Batismo de Sangue e Brazil : A Report on Torture

Tem sido recorrente no cinema brasileiro dos anos 2000 a abordagem de assuntos relacionados à ditadura militar brasileira. Tal percepção ocorre por meio de dados divulgados pelo Observatório Brasileiro de Cinema e Audiovisual (OCA) e Agência Nacional do Cinema (Ancine) em relação ao número de produções brasileiras e seus temas. São filmes que estão inseridos numa rede de produção social, onde suas formas de representação nos revelam aspectos relacionados à conservação de memórias. Em 2004 completou-se 40 anos do golpe militar de 1964 e 25 anos da Lei da Anistia (Lei nº 6.683/79). Discussões ideológicas e historiográficas vieram à tona, o que denunciou um momento de transição e disputas por memórias. Tais debates estiveram presentes em todo o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sobretudo a partir da data supracitada, onde permaneceram na mídia assuntos como o impasse entre governo e exército em relação à divulgação de informações e arquivos da ditadura, difusão de casos de tortura, e polêmicas como indenizações a familiares de desaparecidos, e a permanência da Lei da Anistia. A fim de verificar os elos entre a representação fílmica e a memória da ditadura militar brasileira, esta pesquisa tem por objetivo analisar alguns filmes de longa-metragem brasileiros produzidos entre 2004 a 2009 que trazem em seus conteúdos assuntos relacionados com esse contexto. O foco desta análise está no filme *Batismo de Sangue* de Helvécio Ratton (2007), produção que obteve grande público nos cinemas e grande repercussão na mídia jornalística. Pretende-se dessa forma relacionar esta representação com as novas repercussões e debates sobre a ditadura e Direitos Humanos no Brasil. Alguns apontamentos sobre o documentário *Brazil : A Report on Torture* de Hannah Eaves (1971), são colocados a fim de contextualizar determinadas questões representadas no filme. O recorte temporal (2004 a 2009) justifica-se, em decorrência de grandes agitações políticas e exposição de “feridas” sobre o passado militar brasileiro, ocorridas nesse período. O entendimento do contexto em que o filme está inserido é obtido por meio de jornais de grande circulação, como a *Folha S.Paulo* e dialogadas com pesquisadores desse período pós-ditadura, tais como Fico (2013), Teles & Safatle (2010) e Reis, Ridenti & Motta (2004).

Viviane de Souza Lima (UFC)

Juntos na luta: no rastro da trajetória de moçambicanos no Movimento Afro-Brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA) (1961 a 1974)

A década de 1960 foi de extrema efervescência nas colônias portuguesas em África. Os movimentos de libertação nacional em Angola e Moçambique iniciaram a luta armada e enfrentaram a violência do exército colonial português. Mas a perseguição de Portugal

aos chamados *subversivos* havia iniciado já na década de 1950 quando polícia política portuguesa, Pide, intensificou a perseguição a militantes ligados à luta de libertação.

Nesse mesmo período, no Brasil, o governo de Jânio Quadros (1961), dentro das ações da Política Externa Independente (PEI), criou um programa de concessão de bolsas para estudantes africanos. Foi dentro deste contexto que estudantes africanos, incluindo moçambicanos, vieram ao Brasil e aqui militaram no Movimento Afro-Brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA).

O MABLA, criado em 1961, funcionava em São Paulo e no Rio de Janeiro como uma rede de apoio à independência das colônias portuguesas. Segundo o pesquisador José Francisco dos Santos, o movimento foi diversificado, plural, sem hierarquia, composto por colaboradores e apoiadores de diversas nacionalidades. “O MABLA tornou-se uma sigla que congregou a todos que eram contrários ao jugo colonial português”. (DOS SANTOS, 2010, p. 48)

Em São Paulo, atuavam dois moçambicanos, Orlando Dourado e Soares Guedes. (Idem, op.cit., p.48-49) Dourado integrava um grupo que se reunia periodicamente para debater temas sobre a atuação do Movimento. (Idem. op.cit, p. 107) As ações do MABLA visavam convencer a opinião pública e o Estado brasileiros a apoiar a luta anticolonial e o direito à liberdade dos povos africanos sob o jugo português. (Idem, op.cit., p 47-53)

A proposta deste estudo é lançar luz sobre a atuação do MABLA no que diz respeito à luta de independência em Moçambique. Uma das frentes de ação do MABLA foi a imprensa. Os jornais “O Estado de S.Paulo” e “O Portugal - Democrático”, de São Paulo; e “Última Hora”, “Correio da Manhã” e “O GLOBO”, do Rio de Janeiro, publicaram matérias sobre o Movimento e a guerra pela independência nas colônias portuguesas, inclusive Moçambique.

Além dos periódicos, também estão sendo analisados nesta pesquisa, em andamento, documentos que registraram as atividades de integrantes do Movimento como os elaborados pela Pide; processo de expulsão do Brasil de alguns de seus integrantes; Inquérito Policial Militar; e documentos do Centro de Informação da Marinha (CENIMAR), presentes no livro *Torturas e Torturados*, do jornalista Márcio Moreira Alves.

Wagner Geminiano dos Santos (UFPE)

Discutindo com alguns “mestres de rigor” o estatuto do documento na historiografia contemporânea

Este texto procura discutir a partir e com alguns “mestres de rigor” - em especial Chartier, Ricoeur, Certeau e Foucault - o estatuto do documento na e para a produção do saber histórico na contemporaneidade. Procurando pensar como estas questões vêm sendo abordadas no campo da teoria e metodologia da história; discutindo o alcance das mesmas para a redefinição das regras, procedimentos e técnicas que definem o saber histórico como uma operação que lida com a escrita do início ao fim de seu processo de fabricação.

Wagner Pinheiro Pereira (USP/ UFRJ)

Getúlio Vargas em cena: as representações do regime varguista no cinema brasileiro (1930 - 2014)

A presente comunicação pretende realizar uma análise da construção da figura histórica do presidente Getúlio Vargas e do regime varguista (1930-1945 e 1951-1954) realizada através do cinema brasileiro em três momentos históricos distintos.

Em primeiro lugar será analisado o papel do *Cinejornal Brasileiro*, produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), durante os anos de 1939 a 1945, que tinha como objetivo a difusão da ideologia do Estado Novo e a construção de uma imagem positiva de Vargas como forma de sustentação do projeto político-ideológico de matriz autoritária através do mito de criação de um “Brasil Novo”, conduzido aos desígnios de um poder de Estado centralizado e nacionalista, responsável pelo progresso econômico, pelas conquistas sociais no campo trabalhista e pela manutenção de uma sociedade una e harmônica.

Em segundo lugar será objeto de estudo o documentário *Getúlio Vargas* (1974), dirigido pela cineasta Ana Carolina Teixeira Soares, que se utilizando de material de arquivo filmado entre as décadas de 1920 e 1950, conseguiu compor um vigoroso retrato da história brasileira e do personagem que a teria “conduzido” durante esse período: Getúlio Vargas. Produzido em plena ditadura militar, o documentário recupera Getúlio Vargas como um exemplo de resistência às “forças reacionárias” que ameaçavam o país, sem questionar o autoritarismo que caracterizou esse personagem e seus governos.

Em terceiro lugar será discutido o filme de reconstituição histórica *Getúlio* (2014), dirigido por João Jardim e lançado nos cinemas brasileiros no dia 1º de maio, dia do trabalhador – em referência às políticas trabalhistas de Getúlio –, produção que percorre a intimidade dos dezenove últimos dias da vida de Getúlio Vargas, período em que ele fica isolado no Palácio do Catete, enquanto seus opositores o acusam de ser o mandante do atentado contra o jornalista Carlos Lacerda. Produzido em homenagem aos 60 anos do suicídio do presidente, o filme sintetiza a imagem e o legado histórico de Getúlio Vargas e do regime varguista no período democrático contemporâneo.

Wagner Souza e Silva (USP)

O documento fotográfico digital: possibilidades de narrativas frente à abundância de imagens

Em sua configuração digital, a fotografia encontra outras formas de manifestação em novas possibilidades de interfaceamento, mas não somente em seus processos de construção, e sim, e principalmente, na dimensão de sua audiência, que agora é renovada em função de verdadeiros arquivos fotográficos que se estruturam na web, sobretudo nas redes sociais. Este trabalho tem o objetivo de detectar a renovação da fotografia como fonte iconográfica para a escrita da história, observando-se alguns aspectos específicos desta ainda recente configuração tecnológica.

A análise se dá em duas frentes: a primeira, no campo da produção da imagem, busca evidenciar a estruturação da fotografia digital, tanto no momento da captura da imagem

como nos processos de pós-produção, de modo a revisar sua ontologia sustentada por seu caráter documental técnico-científico, este que foi bastante valorizado em sua configuração fotoquímica; a segunda, no campo de sua audiência, tratou da nova dimensão de circulação de fotografias, tendo-se em vista a abundância de imagens e suas novas formas de disposição e acessibilidade garantidas pelo interfaceamento digital das telas. Busca-se demonstrar que, por um lado, a tecnologia digital trouxe o fortalecimento do caráter documental técnico-científico da fotografia, ao inserir a realidade dos arquivos proprietários, os arquivos RAW (ditos “negativos digitais”), além da possibilidade de embutir nas imagens os metadados digitais (informação textual complementar à fonte iconográfica). Mas, também com a tecnologia numérica, a pós-produção ganhou significativo incremento, o que vem favorecendo a renovação de estratégias e intervenções estéticas, propulsionadas sobretudo pelas interfaces das redes sociais. Tais facilidades e imediatismos do digital promovem verdadeiros inventários fotográficos, muitas vezes apresentados na tela na forma de mosaicos, que criam uma nova estética para a apresentação e percepção da fotografia, refletindo a necessidade de se atender a uma crescente abundância de imagens na web.

Assim, não só os pixels, estes que são os elementos estruturantes da imagem, são aproveitados em sua maleabilidade, mas as próprias imagens, agora abundantes e acessíveis por meio de novas interfaces, tornam-se elas mesmas também elementos estruturantes para a composição de novas formas de articular narrativas fotográficas a serviço do conhecimento. Por fim, pretende-se demonstrar como tais conclusões estão norteando os trabalhos referentes à atuação deste autor como fotógrafo documentarista no projeto *Documentamazonia*, coordenado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Wanessa Asfora Nadler (USP / UNICAMP)

O livro de cozinha de Apício e suas primeiras edições (1498-1542)

As questões alimentares estão no centro das preocupações do homem contemporâneo. Seja do ponto de vista da medicalização, seja do ponto de vista da “gastronomização” (para usar um termo inexistente na Língua Portuguesa, mas que traduz a participação igualmente hiperbólica dos assuntos gastronômicos em nosso tempo), nunca se falou tanto em comida como atualmente. Nesse cenário, o livro de cozinha atribuído a Apício têm emergido com frequência cada vez maior. Em ocasiões distintas, dentro e fora dos meios acadêmicos, seu nome é evocado com uma autorictas do mundo antigo que carrega em si a semente do que se constituirá futuramente como paradigma da arte de cozinha ocidental desenvolvida entre os séculos XVII e XIX. Uma espécie de pai da gastronomia “avant la lettre”.

Wendell Emmanuel Brito de Sousa (UEMA)

SÃO LUÍS 62: a identidade urbana em disputa nas comemorações dos 350 anos da capital maranhense

O presente trabalho tem como objetivo promover reflexões acerca das disputas pela cidade de São Luís do Maranhão nas comemorações dos 350 anos de fundação da

capital maranhense no ano de 1962. As comemorações são importantes meios de compreensão da cidade e do espaço simbólico urbano. Além do mais, são construções socioculturais estabelecidas pela tríade indivíduo/coletividade/cidade. Através do tripé exposto, entendemos a cidade como um texto a ser lido: sua paisagem, produção material, seus monumentos e espaços de inclusão e exclusão. Ora, partindo desse pressuposto, de cidade como um texto, entendemos as comemorações da fundação de São Luís como um símbolo de construção da identidade da *urbe*. Buscamos compreender os discursos e práticas comemorativas da fundação e de que forma essas narrativas de uma temporalidade já ecoada contribuíram para a sociabilização e criação de espaços públicos. As solenidades estão inseridas em um momento de disputas políticas entre o grupo liderado por Vitorino Freire e outro por Neiva Moreira. As relações de força influenciam nas evocações de memórias, no que deve ser lembrado e imagens da cidade bem como a construção de identidades para a *urbe* pelos dois grupos políticos. A partir da análise dessas festividades, encontramos um conflituoso jogo de relações e uma grande disputa em torno do que seria a cidade, pois a análise das ações e dos discursos produzidos em periódicos nos faz refletir acerca das disputas e do imaginário social na invenção de uma cidade a ser lembrada/comemorada na perspectiva desses grupos políticos que evocam identidades e espaços urbanos na cidade de São Luís.

Wesley Garcia Ribeiro Silva (UFF)

A cidade entre o real e a ficção: intelectuais, imprensa e imagens sobre o urbano

Nos anos de 1960, a cidade do Natal passou por um crescimento vertiginoso em termos do número de habitantes e ocupação dos espaços. Acompanhando as transformações urbanas, o campo midiático também sentiu intensas reformulações, não só em relação a crescente importância do Rádio, mas também com as mudanças técnicas e editoriais dos periódicos, buscando modelos mais “modernos” do fazer jornalístico. Este trabalho, parte deste contexto, refletindo especificamente sobre as crônicas publicadas na coluna “Romance Policial da Cidade”, escritas pelo poeta/ cronista Sanderson Negreiros, nas páginas da *Tribuna do Norte*. Tal coluna se coloca como elemento privilegiado para se pensar a profissionalização dos jornais/ jornalistas locais, ante a permanência dos intelectuais em algumas redações de periódicos de grande circulação. Bem como, refletir sobre a construção de imagens sobre a cidade e a produção de narrativas sobre os submundos e seus personagens marginalizados.

William Garcia dos Santos (UFRJ)

A formação dos postulados da poesia concreta: uma análise de Lygia Fingers

Neste trabalho pretendemos analisar como determinadas escolhas realizadas ao longo do processo de formação do movimento da poesia concreta brasileira levaram ao estabelecimento de um projeto no qual as possibilidades espaciais e tipográficas do poema passaram a ser exploradas. Ademais, procuramos compreender o uso de determinados procedimentos gráficos empregados pelo movimento a partir do poema *Lygia Fingers*, parte da série *poetamemos* elaborada por Augusto de Campos, em 1953.

No final da década de 1940, Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos se conheceram e publicaram seus primeiros trabalhos pelo Clube de Poesia, que reunia representantes da chamada “Geração de 45” e que possuía uma “orientação classista e gosto pelas formas regulares”, (AGUILAR, Gonzalo. *Poesia Concreta Brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 357) porém ao romperem com o esse grupo, no início dos anos 50, apontavam para uma mudança no seu procedimento.

Assim, formaram o grupo Noigandres, que editava uma publicação homônima voltada para a divulgação da sua produção. Dessa maneira, analisamos o desenvolvimento de uma estratégia de legitimação e tomada de posição no âmbito literário. Não somente rejeitavam a “Geração de 45”, como propunham outras possibilidades de criação, resultando na elaboração da categoria de “paideuma”, que consistia em um elenco de autores considerados fundamentais ao desenvolvimento da poesia moderna, como Stéphane Mallarmé, Ezra Pound, James Joyce e E.E. Cummings.

Observamos como os membros do grupo Noigandres foram estabelecendo contatos que consideravam pertinentes ao desenvolvimento do seu projeto artístico, como ocorreu na aproximação com o grupo Ruptura, formado em São Paulo por artistas plásticos ligados ao abstracionismo. Também destacamos a descoberta da música contemporânea pelos irmãos Campos, cujo impacto levou a *klangfarbenmelodie* (melodia de timbres), de Anton Webern, a ser considerada como um dos fundamentos de *poetamenos*. Para essa série, Augusto de Campos teria feito estudos a mão e depois composto os poemas na máquina de escrever utilizando papéis-carbono coloridos por sugestão de Geraldo de Barros, que era membro do grupo Ruptura, (BANDEIRA, João; BARROS, Lenora de. *Grupo Noigandres*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 16) revelando assim, como havia trocas no âmbito cultural paulistano.

Apesar de a denominação poesia concreta ter sido adotada apenas em 1955, analisaremos como em *Lygia Fingers* se dá emprego de diversos recursos que seriam fundamentais ao desenvolvimento da produção posterior do movimento. Exemplo disso é o reconhecimento da materialidade do suporte a partir da “valorização da página mediante fatores visuais e plásticos”. (PIGNATARI, Décio. In: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006, p. 260.) No poema há o emprego do tipo sem serifa *Futura Bold*, projetado em 1927 pelo designer Paul Renner, é considerado como aquele que “definiu o movimento modernista”. (GARFIELD, Simon. *Esse é o Meu Tipo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 196) Seu uso está ligado a princípios que vinham sendo forjados pelos poetas e, assim como os outros fatores abordados neste trabalho, justificava o programa da poesia concreta.

Wilson Maske (PUC/PR)

A Tradição Culinária Menonita no Sul do Brasil: Subsídios para sua História (1930-1938)

O objetivo da presente comunicação se relaciona com apresentar o arrazoado de fontes e subsídios para a construção de uma história da tradição culinária e da cultura alimentar dos imigrantes alemães menonitas no Brasil, em especial em Santa Catarina e no Paraná. O recorte temporal coincide com o período de circulação do jornal *Die Brücke*, que circulou nos citados estados entre 1930 e 1938. Neste periódico, além de notícias e

informações das mais variadas naturezas, existiam colunas para o público feminino, onde se destacavam temas, do que se considerava na época, de interesse feminino, onde as questões da alimentação, da prática alimentar e da cultura culinária se apresentavam fortemente. Nesta ótica, as receitas e propostas culinárias revelam como a tradição culinária menonita foi influenciada pela história do grupo religioso anabatista-menonita. Grupo este originado da Reforma Protestante do século XVI na Suíça e que se deslocaria, em função de perseguições religiosas, para a Alsácia, a Renânia, os Países Baixos, a Prússia e para a Rússia, antes de obter um refúgio definitivo na América, em especial no nosso caso, no Sul do Brasil. Esta grande circulação do grupo menonita resultaria numa prática alimentar bastante original, que revelaria a influência das tradições culinárias dos locais por onde passou e uma capacidade de adaptação à produção regionalizada de alimentos. Assim, faz parte de nosso propósito avaliar de que forma a prática alimentar menonita se adaptou à produção e disponibilidade de alimentos no Sul do Brasil.

Wilson Pontes Júnior (USP)

Entre influências e desdobramentos: a escola de canto de Benito Maresca à luz da história oral

Compreendendo a parca e tardia literatura acerca do canto no Brasil, (cf. COSTA, 2000; MARIZ, 2013; LENINI, 2011), esta pesquisa tem como seu principal objeto de pesquisa a escola de canto de Maresca, uma dentre as muitas formações técnico-pedagógicas a respeito do canto no país. Levando-se em conta que este tipo de ensino, anterior ao século XIX, não era institucionalizado, o resgate da obra de Maresca e de sua escola justifica-se pela sua influência na formação do cenário musical brasileiro. Assim sendo, nosso objetivo específico é compreender os elementos-chave na composição do método vocal utilizado e proposto por Maresca, e nosso objetivo geral, intenta propor subsídios teóricos e fontes primárias para a construção de uma ferramenta metodológica apta à compreensão de outras escolas, bem como a mapeamentos futuros sobre o ensino de canto no país, o que agregará valor à lacunar literatura sobre o ensino e desenvolvimento do canto no Brasil. Para isso, utilizamos a seguinte metodologia: (i) revisão bibliográfica extensiva do cenário brasileiro que se relacione ao canto e às suas técnicas de ensino; (ii) coleta de entrevista com o círculo artístico, familiar e discente de Maresca; (iii) cruzamento dos dados coletados e da bibliografia a fim de construir, a partir da fundamentação teórica da história oral (FERREIRA, 1998; MEIHY, 2005; ALBERTI, 2005), as fontes primárias que subjazem a Escola de Maresca; (iv) análise dos dados e (re) conhecimento da proposta de Maresca. Essas etapas são subsidiadas pela proposta teórico-metodológica dos seguintes autores (MILLER, 1997; JUVARRA, 2006; MARAGLIANO, 1970; WARE, 1998). Por conseguinte, este estudo tem, como princípio organizador e objeto de estudo, a Escola de Maresca e, como proposta teórica e metodológica, a compreensão da rede de relações de ensino informal de canto no Brasil.

Yara Nogueira Monteiro (LEER/USP)

Filantropia e Estado: embates entre a atuação de Alice Tibiriçá e o Departamento de Profilaxia da Lepra de São Paulo

O objetivo de nosso trabalho é estudar o papel exercido pelas instituições filantrópicas e os espaços de fricção com o Estado, para tanto analisaremos a atuação de Alice Tibiriçá frente a Sociedade Protetora dos Lázaros e Defesa contra a Lepra, no Estado de S. Paulo, sua colaboração e embates com Direção do Departamento de Profilaxia da Lepra.

Ao se estudar a relação entre instituições filantrópicas, em especial com o Serviço de Profilaxia da Lepra em São Paulo, verifica-se que até o início dos anos trinta a relação entre ambos era quase de uma complementariedade. A atuação das filantrópicas era vistas pelo Estado como aliadas em potencial, primeiro por representarem importante elo entre o Governo e a sociedade e, em segundo, devido a capacidade dessas instituições na arrecadação de fundos, o que facilitava a implantação de ações de alto custo. Entretanto, significativas mudanças ocorreriam a partir da criação da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra em 26/02/1926 por Alice Tibiriçá, acarretando significativas mudanças nas relações até então existentes. O tipo de atuação exercida e a credibilidade de Alice contribuíram para o rápido crescimento dessa instituição que, num primeiro momento se alastrou por S. Paulo e logo depois pelo Brasil. A incrível capacidade de arrecadação de fundos dessa instituição foi fator de importância que contribuiu para a construção da Rede Asilar no Estado de S. Paulo. Entretanto as concepções de Alice Tibiriçá sobre profilaxia a aproximava dos hansenólogos partidários do isolamento humanitário opondo-se, portanto ao grupo instalado no poder em S. Paulo liderado por Sales Gomes, e que defendia a política de isolamento compulsório para todos os doentes, dando origem a diferentes embates com reflexos na imprensa e instauração de processos judiciais. Como resultante verificamos o desgaste da imagem de Alice Tibiriçá, sua mudança para o Rio de Janeiro e a apropriação de seus trabalhos pelo Estado. Com isso calou-se uma das vozes mais críticas da época facilitando dessa forma o fortalecimento do poder do Serviço Profilático

Yves Samara Santana de Jesus (UNEB)

Breve histórico sobre família escrava e sociabilidades na freguesia de São José das Itaporocas, Feira de Santana, (1785-1826)

Yvone Dias Avelino (PUC/SP)

História Cultural, Espaço Urbano e Construção de uma Memória: Da Cidade do Café à Metrópole Paulistana

A presente comunicação é um ponto de partida para refletirmos novas trilhas da exploração histórica e da construção dos espaços da urbe, especificamente a cidade de São Paulo e suas transformações, objetivadas pelo contexto histórico da urbanização e industrialização global brasileira, levando-se em conta os grandes e pertinentes avanços da História Cultural, considerada como a corrente historiográfica predominante atualmente, e que agrega amplo espectro de campos temáticos e diversidade de objetos de pesquisa. Portanto, utilizaremos o recurso da memória na literatura e na historiografia para levantarmos em um curto espaço temporal a cidade que, de burgo de estudantes,

passou a ser conhecida como a metrópole do café, e posteriormente, cidade-metrópole, pelo seu desenvolvimento industrial.

Zeloi Aparecida Martins dos Santos (UNESPAR)

O inventário do acervo histórico da Faculdade de Artes do Paraná: A Academia de Música do Paraná (1931-1966) Conservatório Estadual de Canto Orfeônico do Paraná (1956-1966) e a Faculdade de Educação Musical do Paraná (1967-1991)

O trabalho constitui parte integrante de uma pesquisa docente em andamento cuja pretensão é de selecionar, catalogar e analisar o acervo documental da Faculdade de Artes do Paraná - FAP. Tal inventário tem por objetivo reunir, por meio de registro, identificação e classificação, os objetos, documentos, fotografias, encontrados no Campus Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná - UNESPAR, que se relacionam às instituições e as personalidades que fizeram parte da história da instituição. No começo do ano letivo de 2011, um grupo de professores e funcionários da FAP iniciou um inventário dos documentos históricos pertencentes às instituições das quais a Faculdade descende [a Academia de Música do Paraná (1931-1966), o Conservatório Estadual de Canto Orfeônico do Paraná (1956-1966) e a Faculdade de Educação Musical do Paraná (1967-1991)] e referentes a algumas personalidades de significância para aquelas instituições, como Antônio Melillo (1900?-1966) e Clotilde Espínola Leinig (1914-2009). Entretanto, ele visa não apenas a identificação dos documentos de interesse, mas a busca de sentidos latentes, uma ordenação histórica destes e um entendimento maior do papel que a instituição teve no contexto do ensino de música no estado do Paraná.

O interesse para a realização deste estudo emergiu da comunidade, do grupo de pessoas que está diretamente envolvido com a manutenção dos objetos e documentos. Como consequência nesse estudo, os pesquisadores, integrantes da comunidade, apesar de seus conhecimentos específicos, atuam mais como aglutinadores e ordenadores de informações. Além disso, alguns dos objetos selecionados são encontrados em uso, estão em exposição ou vêm sendo preservados há anos por membros da comunidade que clama pelo desenvolvimento do estudo. Diferente dos objetos que estão em exposição nos museus, os objetos-foco desse estudo ainda estão imbuídos da emoção e memória daqueles que os guardam, pois, apesar de serem institucionais, eles fazem parte da memória profissional daqueles que de alguma forma buscam sua preservação.

Cabe lembrar que se o trabalho de preservação de acervos de instituições de ensino muitas vezes conta favoravelmente com o apoio e memória afetiva de uma comunidade próxima, ele é, por outro lado, diretamente afetado pelos problemas existenciais das instituições, principalmente se elas são instituições públicas de ensino. O desejo comunitário de resgatar a memória e história da Faculdade de Artes do Paraná, só se estabeleceu anos após a instituição conseguir se estabelecer num grupo, e um espaço físico capaz de acolher a maioria das necessidades básicas do ensino superior em Artes.

O estudo se caracteriza numa pesquisa histórica, que busca contribuir para um melhor conhecimento da atuação da instituição, que consideramos um dos marcos do ensino das linguagens artística no Paraná.

Zueleide Casagrande de Paula (UEL)

O objetivo nessa comunicação é o de apresentar o arquiteto João Batista Vilanova Artigas e abordar sua contribuição para a constituição da plasticidade em edificações em cidades brasileiras. Ele não desconhecia a relevância dos arquitetos brasileiros na produção das paisagens urbanas nas cidades do País. Era um homem moderno, empreendedor, criativo e poético; também humilde, ao menos de acordo com algumas das pessoas com quem tinha estreita ligação de trabalho e amizade. O que pensava expôs em forma de entrevistas e publicações sobre a arquitetura brasileira e, sobretudo, em suas aulas e conferências. Os lugares onde o autor deixou a obra “misturar-se com o povo”, onde ele tentou controlá-la com sua força autoral, são questões que merecem ser discutidas.

No início de sua carreira como arquiteto, Artigas investiria numa produção continuamente caracterizada por trabalhos junto aos mestres da arquitetura modernista. Estar ligado a um escritório de arquitetura cuja representatividade, por sua própria força, significava uma marca de confiabilidade e agregação de valor à obra construída, era tudo o que almejavam estagiários e jovens recém-formados. A vinculação ao escritório de um mestre admirado por sua linguagem arquitetônica desde a graduação significava atingir um patamar inicial de aceitação, reconhecimento e informação condizentes com esses “mestres”, de maneira a elevar o jovem e privilegiado aspirante acima dos demais reivindicantes, colocando-o entre os “escolhidos”. Tal opção nos campos teórico e político-ideológico que, na condição de aluno, esse arquiteto havia escolhido punha-o nesse lugar, de modo que assim se formavam as redes de posicionamento na constituição de escritórios e de nomes fortes na condução da arquitetura brasileira. O estabelecimento desse tipo de afinidade profissional no começo carreira de um arquiteto contribuía para a constituição do seu vir a ser profissional e, acredito, até para a sua autonomia arquitetônica. Intrínseco a esse movimento “instituíva-se” a construção de uma plasticidade urbana brasileira, de um modo de “pensar e fazer” a cidade brasileira.

Painéis de Iniciação Científica

Resumos

Amanda Ferreira Paulo dos Santos (UFMT)

A questão da terra em Mato Grosso por meio de Cuia de Gedeão (1982) de Pedro Casaldáliga

Esta comunicação pretende analisar a questão da democratização da terra em Mato Grosso por meio da obra poética de Dom Pedro Casaldáliga, *Cuia de Gedeão* (1982). No período da ditadura militar Mato Grosso ganhou grande destaque, pois havia incentivos por parte do governo para ocupação destas terras. Pretendia-se a modernização e a ocupação dessa região, com o intuito de garantir a integridade nacional. Contrapondo a esse projeto Dom Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia e adepto da teologia da libertação, expõe nessa obra o desfavorecimento do índio e do pequeno produtor, que produzia para sua própria subsistência. Com a vinda de grandes empresas rurais para essa região, através do incentivo do governo, a relação de trabalho e exploração da terra teve grande modificação, exigindo assim uma maior demanda por área cultivável, desta forma indígenas, posseiros, pequenos produtores, foram perdendo o seu espaço na terra, agravando ainda mais a situação social e econômica deste estado, havendo grande extermínio da população indígena por conta de terras. Estes pequenos produtores, após perderem o direito sobre suas terras, tiveram de se deslocar atrás de novas áreas de colonização, assim várias cidades surgiram desse processo. Muitas vezes foi na igreja que estas famílias encontraram o seu principal apoio, ao lado destes, Dom Pedro Casaldáliga passou a lutar pelos direitos humanos, e buscar por mudanças desse cenário de conflitos, já que a região era considerada a mais conflituosa em âmbito nacional, por motivo da terra. Em *Cuia de Gedeão* estas lutas pela terra, são destacadas. Contudo essa discussão pela democratização da terra em Mato Grosso, as tensões entre a igreja popular e a ditadura militar, que ocorreram por causa dessa luta, serviram para uma resignificação religiosa em São Félix do Araguaia-MT e uma mudança no cenário político-social nas décadas seguintes 1980 e 1990.

Ana Claudia Gomes de Sousa (UNIVASF)

Imagens da infância na produção fotográfica de Eivaldo Macedo Filho - Juazeiro, Bahia

A pesquisa propõe a análise do tema da infância na produção fotográfica do artista baiano Eivaldo Macedo Filho, discutindo a construção de um imaginário fotográfico pautado em questões relacionadas à memória e à estética, e à sua reelaboração nas imagens cotidianas de crianças às margens do rio São Francisco. As fotografias apresentam os infantes interagindo com os espaços ribeirinhos, rurais e urbanos, das cidades Juazeiro na Bahia e Petrolina em Pernambuco. Para tanto, o corpus de fotografias analisado é oriundo do acervo particular da família e foi produzido no final da década de 1970 e começo dos anos 1980. Através das fotos, o artista se debruçava na documentação do cotidiano, a exemplo das brincadeiras infantis (pula-pula e salto sobre águas), do trabalho no carregamento de água e em uma pedreira, além de períodos de sossego, inocência e beleza. A pesquisa busca investigar essas imagens como artefatos visuais, documentais e estéticos, cuja apropriação metodológica lança mão de outros vestígios, como os escritos do fotógrafo e as entrevistas.

Ariana Bárbara de Amorim (UFVJM)

O ofício da fotografia em Diamantina e região na primeira metade do século XX (1901-1950): Os fotógrafos, seus ateliês e a itinerância fotográfica

A fotografia é uma invenção da Modernidade que tão logo foi anunciada, em 1839, na França, se disseminou rapidamente por grande parte do mundo. Como fruto de um contexto marcado pelos desdobramentos da revolução industrial, pelo crescimento das cidades, por aumento da demanda social por imagens, a fotografia foi rapidamente aceita seja como um negócio, uma forma de representação, um meio de estreitamento dos laços sociais, e exerce um importante papel na trajetória das sociedades, seja na arte, na comunicação, na política e nos estudos acadêmicos. Tal importância assumida pela fotografia é uma das motivações para a proposição do projeto de pesquisa *O ofício da fotografia em Diamantina e região na primeira metade do século XX (1901-1950): os fotógrafos, seus ateliês e a itinerância fotográfica*.

Para contemplar os objetivos propostos no projeto está sendo realizada uma pesquisa em acervos nacionais, regionais e locais, visando fazer um levantamento sobre a atuação de fotógrafos na cidade no que respeita à instalação de ateliês, propaganda de serviços fotográficos e tipos de imagens produzidas. Há, ainda, o interesse em registrar as práticas e os processos técnicos levados a efeito pelos fotógrafos que se instalaram na região e fazer um levantamento das produções fotográficas realizadas no período. O projeto está sendo executado combinando-se a pesquisa documental com a revisão bibliográfica. O acervo ora trabalhado é a coleção de jornais da Biblioteca Antônio Torres/Diamantina. Nesta instituição há uma coleção bem alentada de periódicos que fornecem dados importantes para a pesquisa, principalmente notícias sobre fotografia e fotógrafos, e também anúncios. Este material está sendo organizado por meio de anotações e transcrições, fichas digitais e fotos como forma de registro dos dados pesquisados. Verificamos que, entre os fotógrafos que passaram pela cidade no período em estudo, destaca-se Raymundo Alves Pinto, com seus trabalhos “Álbum de Minas” e “Álbum de Diamantina”. Registra-se também a itinerância na região, no início do século XX, do fotógrafo Francisco Soucasaux, que ao apresentar proposta semelhante ao fotógrafo Raymundo Pinto, ou seja, um álbum fotográfico de Minas Gerais acabou por criar um debate na imprensa em torno das duas propostas. Assim, a publicação na imprensa da cidade das propostas dos dois fotógrafos, de alguns anúncios e artigos sobre fotografia é o que será apresentado no painel aqui proposto, com o objetivo de se discutir algumas características da cultura fotografia na região.

Bárbara do Nascimento Dias (UFT)

EXPLORAÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO CAMPO E VIOLÊNCIA: a FAZENDA: Vale do Rio Cristalino e a Volkswagen- 1980-1990

Pretendemos à partir dessa pesquisa, analisar e problematizar o caso da companhia Vale do Rio Cristalino, fazenda de propriedade da transnacional Volkswagen, que teve início em 1973, quando o então presidente Emílio Garrastazu Médici facilitou a compra de terras na região amazônica, dando incentivos fiscais com o discurso de “civilizar” e trazer “progresso” à essas terras. A empresa comprou 140.000 hectares de terra em Santana do Araguaia no sul do Pará, possuindo mais de 46 mil cabeças de gado e contratando mais de 600 trabalhadores para fazer derrubada e levantar as cercas, mas a mesma não cumprira com os direitos trabalhistas, impediam os trabalhadores de irem embora, violentava-os ,além de não darem a mínima assistência médica e colocando-os sobre condições degradantes de trabalho. As primeiras

denúncias levadas a público ocorreram em 1983. Entretanto, apesar das denúncias e do acionamento da justiça, as práticas denunciadas como trabalho escravo continuaram até a década de 1990.

As relações de poder no campo, de opressão ao trabalhador pelo latifundiário e o trabalho análogo a escravidão é uma mazela de âmbito nacional. A literatura representa de forma significativa essa realidade brasileira, seja ela regional ou do todo, atuando como mediador entre as práticas culturais “reais” e a ficção. À luz das representações literárias e dos documentos, analisamos como os valores morais e os costumes presentes nos modos de viver desses trabalhadores são usados para legitimar essas práticas de violência.

Beatriz Gabrielli (UNICAMP)

Antúncios de romances no periódico Gazeta de Lisboa (1808-1840)

Este trabalho tem como objetivo identificar os romances mais anunciados no jornal diário português *Gazeta de Lisboa* no período entre 1808 e 1840. Uma vez recolhidos os anúncios, foram pesquisadas as referências completas dos livros (título em língua original e em tradução, autoria, data de publicação) e as informações foram inseridas no banco de dados do projeto temático “*A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX*”, a fim de que seja possível estabelecer uma comparação com outras pesquisas sobre o mercado livreiro e sobre o interesse por romances em Lisboa e no Rio de Janeiro no início do século XIX. A partir destas comparações, já foi possível observar semelhanças e diferenças nas obras anunciadas nestes dois locais, sendo que tanto em Portugal quanto no Brasil nota-se uma preferência pelas obras e autores franceses, o que demonstra a importância da França na circulação de romances no século XIX.

Bruna Hanime Brito Soares (UFMS)

O acervo arqueológico do sítio Alto Sucuriú 12: processamento laboratorial de patrimônio cultural

Objetivou-se, no presente trabalho, o processamento laboratorial do acervo lítico arqueológico confeccionado por caçadores-coletores há mais de 12 mil anos no sítio Alto Sucuriú 12 (AS12), município de Paraíso das Águas/MS, para contribuir no enfoque da problemática relativa ao início do povoamento humano na área estadual. As atividades abrangeram um levantamento bibliográfico acerca da Arqueologia de Mato Grosso do Sul, bem como o registro e a classificação preliminar das peças arqueológicas coletadas na escavação do sítio AS12. Foram classificadas 307 peças líticas, sendo elas identificadas por meio das características morfológicas, como lascas ou artefatos. Os resultados obtidos destacaram o potencial arqueológico desse sítio, informativo acerca de uma das primeiras manifestações da tecnologia humana já conhecidas no estado. Todo o processo de pesquisa realizado nesse sítio foi divulgado através da Educação Patrimonial junto à comunidade local no Museu de Arqueologia/CPQ/PROPP/UFMS. As atividades realizadas significaram, para a presente bolsista, um aprendizado de procedimentos de pesquisa conjugada a um aprimoramento em sua formação acadêmica.

Bruna Thalita Aquino Silva (UFU)

História e documentário: uma visão sobre Eduardo Coutinho

O século XX foi marcado por trazer inovações técnicas, estéticas e narrativas para o cinema, em especial, para o cinema documentário, que sofre mudanças nessa época ao se perceber que há mais sobre a linguagem documentária do que aquela presente na sua forma mais clássica, com presença da voz over, cuja função era, principalmente, educar.

Ao perceber que a estética e a forma de fazer cinema estão em constante mudança, nosso objetivo é compreender a relação entre televisão e cinema, especialmente no Brasil durante o século XX, visto que com o surgimento do Cinema Novo no Brasil, foram reforçados vários preconceitos entre ambos. Para tal, buscarei essa relação observando principalmente os documentários de um grande cineasta brasileiro, Eduardo Coutinho, e visando entender o lugar que este ocupa e o que o torna tão importante.

A trajetória de Coutinho se torna interessante por vários motivos. Começou sua carreira como cineasta de ficção, depois foi convidado para trabalhar em um programa de televisão da Rede Globo, o Globo Repórter. Foi após seu período trabalhando ali que se tornou documentarista. Neste caminho, é possível observar como o trabalho na TV foi importante, podendo considerá-la como uma escola para a linguagem e a narrativa presentes nas produções dele. Coutinho se destacou e durante sua carreira ganhou diversos prêmios, entre eles, o Kikito de Cristal no Festival de Gramado, e o Prêmio de Melhor Documentário – Crítica, na Mostra Internacional de São Paulo, também foi convidado a participar da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, responsável pela premiação do Oscar, tendo sido homenageado no Oscar 2014, após seu falecimento em fevereiro deste ano.

Para a construção da pesquisa se fez necessário a leitura de obras não apenas sobre Eduardo Coutinho, mas principalmente sobre a História do Cinema, sobre o Cinema Novo no Brasil e sobre linguagem e estética cinematográfica. Além de uma análise das principais obras do cineasta estudado, percebendo as inovações e o amadurecimento do mesmo na sua trajetória.

Desta forma, se torna possível perceber as contribuições de Coutinho não apenas para as inovações do cinema brasileiro, mas também para a construção do conhecimento histórico.

Caique Franchetto (UNIFESP)

Leitura sob as arcadas: a biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo no século XIX, a literatura francesa e o romantismo paulistano

Em meio às aulas da Faculdade de Direito do Largo São Francisco e durante os círculos boêmios dos românticos paulistas, os jovens autores carregavam em suas mãos as novidades oriundas da Europa, sobretudo da França. Antes de serem os escritores que fundamentaram o nosso Romantismo, eles eram assíduos leitores de literatura francesa, inglesa, dentre outras. A questão problematizada nessa pesquisa é: quais eram os autores aos quais esses estudantes tinham acesso na Biblioteca da Faculdade? Esse projeto de pesquisa tem como objetivo o levantamento e uma primeira análise no acervo da biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (século XIX) e da Biblioteca Mário de Andrade (no momento de sua criação) a fim de se constatar quais eram os títulos de livros, em francês ou traduzidos, que estavam à disposição dos estudantes românticos. Em conjunto aos estudos referentes às livrarias e gabinetes de leitura da

São Paulo Oitocentista, esse projeto pretende colaborar com as pesquisas sobre formação de público leitor, espaços de leitura e nas relações entre circulação e recepção de livros entre França e Brasil no século XIX, desenvolvidas dentro do Projeto Temático "A circulação transatlântica dos impressos - a globalização da cultura no século XIX".

Clarita Maria de Godoy Ferro (UNICAMP)

Escavando corpos: uma panorâmica sobre as abordagens do corpo humano pela Arqueologia (2002-2012)

A partir da segunda metade do século XX, tanto no Brasil, quanto no mundo, novas maneiras de se pensar a arqueologia entraram em debate. Em meio a esse contexto, questões como “O que é arqueologia e o que estuda?” tiveram suas respostas distendidas e multiplexadas. Nessa esteira, outros atores tornaram-se objeto dos estudos arqueológicos ou ganharam maior interesse, como é o caso do corpo humano. De que forma, então, o corpo vem acontecendo na última década dentro da arqueologia? Quais tipos de leituras e apropriações sobre o corpo estão sendo feitas? Dentro desse novo cenário teórico, quais novas possibilidades de estudo dessa materialidade poderiam surgir? São essas as questões que nos propusemos a pensar.

Desenvolvemos, portanto, esta pesquisa de modo a realizar uma panorâmica acerca das abordagens que a arqueologia vem reservando ao corpo humano nos últimos dez anos (2002-2012), através de uma revisão sistemática da literatura científica presente em dois importantes periódicos organizados pela *Sociedade de Arqueologia Brasileira* (SAB) e pelo *World Archaeological Congress* (WAC): a *Revista de Arqueologia* e a *Archaeologies*, respectivamente. Nessas revistas, selecionamos artigos referentes a estudos que têm o corpo como seu principal artefato de estudo, chegando a 23 estudos publicados na *Archaeologies*, de um total de 209, e a 20 estudos publicados na *Revista de Arqueologia*, de um total de 146 estudos. A partir desses resultados, analisamos as formas de pesquisa aplicadas ao corpo como discurso material na contemporaneidade.

Daiane Stefane Lima Antunes (UNICAMP)

Amarelo Manga: uma análise das relações de gênero e poder

A presente pesquisa analisa o filme brasileiro *Amarelo Manga* (2003) do diretor Claudio Assis, tendo como análise as relações sociais entre os gêneros e o poder simbólico incumbido nestas relações. *Amarelo Manga* retrata o cotidiano de uma periferia de Recife, a película retrata um dia, tendo dois locais centrais que se desenrola a história da trama, o primeiro é o Texas Hotel e o segundo local é o Bar Avenida. Texas Hotel é uma grande pensão onde moram indivíduos que não possuem nenhum vínculo familiar, mas que vivem nesse ambiente como uma grande família, sentam-se juntos a mesa para fazer as suas refeições e possuem como patriarca principal o Seu Bienor (interpretado por Cosme Soares). O Bar Avenida é um local de discussões e aflições da película, a personagem Lígia (interpretada por Leona Cavalli) é a dona do bar, essa vive angustiada na espera de um amor que lhe mereça. Os personagens da película são indivíduos percussores de práticas sexistas, buscam firmar a sua individualidade no contexto sociocultural que estão inseridos. Essas práticas perpetuam o patriarcado em suas vidas e configuram a violência de ordem patriarcal, que são visualizados na película nos dois cenários citados. Dessa forma, analisamos as relações de gênero e poder que perpassam e estruturam as

relações em *Amarelo Manga*. Para tal análise, utilizamos a teórica Joan Scott que compreende a categoria de gênero como um elemento de análise constituído de relações sociais baseada na diferença entre os sexos que resultam na significação das relações de poder. E a perspectiva do sociólogo francês Pierre Bourdieu que fornece a sua concepção de poder simbólico, um poder quase mágico, que se exerce através da cumplicidade daqueles que não sabem, mas se sujeitam à ele. Portanto, a presente pesquisa resulta da análise das relações de gênero permeadas através do poder simbólico que enquadra e condiciona esses indivíduos no nordeste de *Amarelo Manga*.

Deyse Cardoso Leite (UNISA)

A representação da feminilidade nas 'Cartas para Esther' (1908-1919)

Este trabalho de pesquisa tem como proposta o estudo da representação do feminino nas cartas de Maximiliano Medina para Esther Figueiredo. Desta maneira, o estudo problematiza como tal representação está presente na fonte em questão. Assim, nosso objetivo é estudar, a partir da história do sentimento, como a mulher é significada nas cartas, ou seja, busca compreender como a mulher era retratada por Maximiliano Medina e como os significados atribuídos a Esther se enquadrava no padrão feminino vigente na sociedade paulista da década de 1910. A metodologia utilizada compreende o levantamento de referências bibliográficas sobre a história do sentimento e das mulheres, bem como o método documental, fundado na análise da escrita epistolar. Os resultados parciais desvelam que a história do sentimento emerge com a Escola dos Annales, que propôs novos objetos, abordagens e problemáticas aos estudos históricos. Desta renovação historiográfica, surgiram novas fontes como as que esta pesquisa se serve. Deste modo, ao trabalharmos a escrita epistolar como fonte primária, buscamos identificar a representação do feminino na figura de Esther, desvendar sua personalidade, suas características enquanto mulher, noiva, esposa e mãe na época em que está inserida. Na visão de Maximiliano, a representação de Esther sugere que a mulher deveria ser dócil, frágil, compreensiva, consoladora, religiosa ao mesmo tempo em que a desvela uma mulher geniosa, ciumenta e orgulhosa, o que se coaduna com os valores característicos de uma mulher de elite. A análise da documentação permite considerar Esther como uma mulher apaixonada e, portanto, preocupada com seu noivo, explicando sua vaidade e seu profundo desejo de atenção por parte de seu amado, sempre visando ter suas cartas respondidas, se apresentando frustrada quando o mesmo não acontece.

Elvys Maikon Campelo Soares (UFT)

Acomodação, negociação e modos de viver dos trabalhadores rurais da região sudoeste do Pará, a partir da década de 70

A partir da perspectiva da história social da cultura, inspirados em teóricos como Thompson, Reymond Williams e outros, compartilhando de suas noções de acomodação, negociação, hegemonia estamos problematizando as relações de conflitos na e pela terra e as formas de resistência dos trabalhadores rurais, a partir da década de 70 na região sudoeste do Pará. A historiografia tradicional caracteriza as relações de conflitos e resistência dos trabalhadores rurais, a partir da década de 50 como sendo mediada por meio de instituições como PCB, ligas camponesas e posteriormente a Comissão Pastoral Da Terra-CPT e MST, possibilitando uma

forma de organização dos trabalhadores com vistas à resistência. Porém estes conflitos e resistência não se dão apenas dessa forma, a resistências dos trabalhadores além de se dar por meio da mediação de instituições, podemos compreendê-las por meio das práticas de negociação/acomodação conforme as entendem Thompson e Williams. Tais práticas por vezes se apresentam nas experiências desses sujeitos como estratégias de confrontação da hegemonia dos latifundiários. São também constituidoras dos modos de viver dos trabalhadores rurais.

Vemos os sujeitos se colocando nos conflitos e resistindo por meio dos seus modos de vida, numa relação de conflito quando um trabalhador é pressionado pela polícia a mando dos fazendeiros ele acaba se submetendo à certas pressões do fazendeiro, acomodando-se no início para manter sua vida e posteriormente manter sua resistência na luta pela terra, apoiando-se nas ideologias de instituições mediadoras como MST e Comissão Pastoral Da Terra-CPT. Em outros casos de exploração de trabalhadores vivendo em estado de escravidão, onde são constantemente ameaçados de morte, precisam no processo de negociação ceder aos mandos do jagunço e trabalhar em regime de escravidão para em troca manter-se vivos, devido não ter condições de manter uma resistência de enfrentamento. Entretanto, para além, dessas situações limites, os trabalhadores rurais desenvolvem várias estratégias por meio de laços de parentesco, de lealdades recíprocas, de fugas e, não raro de enfrentamentos ao latifúndio.

Portanto, as relações de conflito e resistências dos trabalhadores rurais são vistas, a partir das suas experiências, das suas ações no seu dia a dia e de como eles elaboram a compreensão dessa luta. Percebidas não somente como uma resistência organizada por meio de instituições, mas por meios dos seus modos de viver.

Everton de Souza Teixeira (UNISA)

Valores da renascença nas obras de Da Vinci

A pesquisa apresenta como tema o estudo da cultura renascentista a partir da análise de obras de Leonardo Da Vinci. Pretendemos responder como a cultura do Renascimento, caracterizada pelos valores do humanismo, racionalismo e individualismo, está representada nos trabalhos do pintor e como podemos compreender os valores culturais deste movimento em suas obras. A justificativa para o presente estudo reside na compreensão do movimento cultural renascentista, destacando suas principais características com a finalidade de entender a formação do homem e da sociedade moderna. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho se divide em duas etapas. Primeiramente, partimos do levantamento da bibliografia relacionada à temática considerando a abordagem teórico-metodológica, o que permitiu melhor domínio sobre a análise documental. Posteriormente, partimos para o estudo de três obras de Da Vinci, utilizadas como fonte primária. Dentre as obras destacamos o estudo anatômico intitulado *‘Criança no Útero’ (1510-1512)* e as pinturas *‘A Última Ceia’ (1494-1498)* e *‘Mona Lisa’ (1503-1508)*. Os resultados parciais, em relação a primeira etapa da pesquisa, nos permite compreender que a *‘Nova História’*, originada da *‘Escola dos Annales’*, em 1929, na França, por Lucien Febvre e Marc Bloch, pode ser considerada como a alvorada de uma nova abordagem historiográfica, que resultaria em estudos de *‘História Cultural’* e *‘História da Arte’* em gerações posteriores. Para tanto, leituras referentes ao conceito de cultura e iconografia se apresentaram como essenciais, cuja finalidade implicou entender os significados culturais, filosóficos e mentais implícitos nas obras analisadas. Desta maneira, na segunda etapa do estudo, nossas reflexões entendem que o humanismo, racionalismo e individualismo estão representados nas produções de Da Vinci e permitem localizar sentimentos e movimentos caracterizando as obras com espiritualidade, como se estas estivessem dotadas de vida e alma, que evidenciam os valores da

modernidade, ressaltando o humanismo e racionalidade cultural, que apelava para diferentes técnicas metódicas como seus estudos anatômicos para entender o corpo humano e desta forma como expressar emoções em suas produções artísticas, a partir das feições dos personagens retratados, permitindo-nos, assim, compreender como esta cultura renascentista se expressa nas obras do pintor.

Fernanda da Silva Passos (UFG)

Dança e poesia, relações interartísticas nas vertentes do Ballet: clássico de repertório e Ballet moderno. Estudos aplicados em O Espectro da Rosa e O Entardecer de um Fauno

Este artigo tem como objetivo identificar as relações interartísticas entre dança (ballet) e poesia, esta relação será analisada entre duas vertentes do ballet; Clássico de repertório e Ballet moderno. Os recortes pesquisados são O Espectro da rosa, poesia de Teófilo Gauthier e coreografia de Michel Fokine e O entardecer de um Fauno poema de Stéphane Mallarmé, poema sinfônico de Claude Debussy e coreografia de Vaslav Nijinski. Para uma melhor compreensão do texto ele foi dividido em partes que discutem separadamente as mídias e seus recortes, posteriormente o texto discorre sobre Vaslav Nijinski, importante bailarino na história da dança e na ruptura do ballet romântico para o ballet moderno e em ambos os recortes o bailarino é o interprete. Em uma terceira instancia disserto sobre minha referencia teórica/textual de intermidialidade que acontece através dos textos de Claus Clüver. Por fim depois de atravessarmos os recortes propostos, uma importante fonte histórica da dança e um importante referencial teórico chegaram ao sumo da pesquisa, uma análise identificando o processo que ocorre durante a transposição das mídias, sendo elas o texto e a dança e um comparativo demonstrando os pontos particulares e comuns das transposições poesia-ballet clássico de repertório e poesia-ballet moderno, como ocorrem essas relações interartísticas e como o ballet clássico de repertório e o ballet moderno executa essa transposição midiática.

Franklim Flamariom de Araújo Mata (UFRN)

Terror em João Câmara - As reações da população no terremoto de 1986

A cidade de João Câmara, no interior do estado do Rio Grande do Norte, é conhecida por uma série de terremotos que a assolaram no ano de 1986. Tendo tais eventos em mente, esse trabalho pretende problematizar as reações dos cidadãos por meio dos depoimentos orais dos que vivenciaram os terremotos na cidade. O objetivo é analisar as diferentes formas usadas pela população para lidarem com esse fenômeno natural. Será usado o método da História Oral defendida por José Carlos Sebe *Bom Meihy* e Alessandro Portelli. Tal arcabouço teórico-metodológico é imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa empírica no que diz respeito às transcrições. Os dados obtidos com a pesquisa revelaram que o povo teve que lidar com uma série de estratégias que, até então, não tinham sido usados para garantir sua segurança, além de serem usadas explicações de caráter folclóricas para tentar se compreender o evento.

Gledson Wilber de Souza (UNIVASF)

O filme Super-8 como prática de documentação – Rio São Francisco, Anos 1970

O painel pretende apresentar os resultados preliminares da pesquisa em torno da produção em super-8 do poeta e fotógrafo baiano Euvaldo Macedo Filho, no final dos anos 1970. Em particular, selecionamos para análise o filme *Curral das Barcas*, feito a partir da captação de imagens das barcas e famílias que nelas viviam enquanto esperavam a indenização oficial pelo fim de sua atividade de navegação, ocasionada por ocasião da construção da Barragem de Sobradinho, que obstruiu o rio São Francisco, no então território de Juazeiro, no sertão da Bahia. A partir das referências estéticas e da trajetória do realizador como fotógrafo documental, o filme pode ser interpretado a partir de um uso particular daquele suporte como prática de documentação, aproximando o artefato final mais do gênero do documentário do que da ficção propriamente dita, o que singularizava a produção de Euvaldo Macedo no universo da geração de superoitistas daquele período. Determinadas características do filme podem ser abordadas a partir das categorias da crítica especializada, tais como: o “flou”, a tremulação da imagem, os golpes de zoom, as rupturas brutais no desenvolvimento dos planos e no encadeamento das sequências, longos planos-sequências, iluminação deficiente, grão da película, o direcionamento para o “cameraman”. *Curral das barcas* pode ser, assim, situado como um filme de reportagem, que é um tipo de documentário, mas que guarda relações com o olhar poético desenvolvido pelo fotógrafo. Por outro lado, na medida em que o artista se deslocou para filmar nos espaços onde ocorriam as mudanças ambientais e sociais, trazendo questões de um momento, o filme se configura como documento de época, a partir de uma testemunha ocular que dava sentido aos eventos através da captação das imagens.

Iza Debohra Godoi Sepúlveda (UFMT)

Crítica ao projeto modernizador: ambiguidades na peça teatral de Zulmira Canavarros no período Vargas - 1943

De encontro com a história oficial, este trabalho propõe-se a analisar a obra teatral *Um pouco de tudo*, escrita por Zulmira D'andrade Canavarros, nos anos de 1940, em pleno regime ditatorial de Getúlio Vargas, no estado de Mato Grosso. A autora da peça, pertencente à elite matogrossense, sendo colocada pela historiografia como grande ícone e nome de referência às ações culturais do estado. Diante disso, não se quer questionar sua legitimidade, mas perceber como a peça de Zulmira se revela ambivalente ao projeto modernizador. Ao apresentar um *Caipira* como personagem principal da peça, e a partir da interação desta personagem com as personagens que representam o *moderno* no estado, percebe-se a posituação da vida rural pela autora. Acreditando ser essa uma problemática pertinente acerca de como as elites agrárias do país concebiam o projeto modernizador da Era Vargas, compreender de que forma o rural era colocado de forma hierarquizada em relação ao advento da modernidade nos remete a uma crítica ao projeto instituído pelo Governo Federal dentro da obra de Zulmira Canavarros. No entanto vale perceber que a crítica a esse processo se dá de forma mais intensa, no qual a sociedade pós guerra se colocaria contra o projeto de modernização do país diante da crise do modelo cosmopolita vigente. O que ocorre no Mato Grosso no período da Segunda Guerra Mundial, não é apenas a crise deste modelo imposto pelo moderno, mas também uma leitura de que os valores da vida rural estariam ameaçados por esses modelos.

Jônatas Lincoln Rocha Franco (UFPI)

A ação da censura e sua manifestação na produção jornalística, empreendida na capital piauiense, durante a vigência da ditadura civil militar, com foco na década de 1970

O presente artigo busca analisar a ação da censura e sua manifestação na produção jornalística, empreendida na capital piauiense, durante a vigência da ditadura civil militar, privilegiando a década de 1970. O foco principal da análise são as charges encontradas nas páginas dos jornais teresinenses e perceber como os chargistas, como Albert Piauhy e Arnaldo Albuquerque, lutavam contra a ditadura militar, criticavam de forma satírica, mesmo estando em jornais governistas, buscando assim, entender a charge como uma tática micropolítica, como um dispositivo de crítica à realidade política e cultural em Teresina no recorte temporal investigado. O presente artigo é fruto de parte da nossa experiência de pesquisa no programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV), onde nos propomos a pesquisar as produções de intelectuais que atuaram na imprensa piauiense como chargistas na década de 1970, analisando principalmente jornais como *O Dia*, *O Estado*, entre outros, para entrarmos em contato com as charges produzidas no período, e fazer uma análise das mesmas, buscando perceber a charge como um elemento político e cultural propiciador de múltiplas representações e significados.

O que nos levou a essas análises foi às diversas possibilidades de utilizar a charge como documento histórico, visando entender como a charge pode ampliar a compreensão sobre determinado período da história piauiense, e percebemos nas charges esta possibilidade de criticidade, do uso das táticas, da tentativa de driblar a censura e os agentes de repressão do Estado. Buscamos dar voz, através da narrativa histórica, a sujeitos que mesmo em um período de censuras, proibições, prisões e torturas, encontraram na charge, no cartum e na arte uma possibilidade de lutar contra o sistema político que se justificando como uma contrarrevolução contra a ameaça comunista que assolava o Brasil e os países vizinhos, produzir uma ditadura que durou 21 anos.

Trabalhamos a partir de análise de autores que já trabalham essa relação entre a história e a imprensa no período da ditadura militar no Brasil, uma relação que por muito tempo não era muito bem vista por historiadores. Buscamos perceber esta relação entre História e Imprensa, já que temos como fonte principal para a realização deste artigo que as páginas de um jornal de grande circulação na capital e nas principais cidades do interior. Tentamos compreender como se dava essa produção e consumo, se havia censura nos jornais teresinenses, e quais eram esses tipos de censura, como também analisar as possíveis construções de sentido e produção da realidade a partir da produção de charges ocorridas nesse período.

José Ribamar Vieira Maramaldo (UNISA)

Escrita epistolar: representações da masculinidade nas cartas de Maximiliano Medina (1908 - 1919)

A pesquisa ora apresentada evoca o estudo da masculinidade a partir da análise de um conjunto documental formado por cartas escritas por Maximiliano Medina destinadas a sua futura esposa Esther Figueiredo. Sua execução justifica-se por corroborar a perspectiva da história do sentimento como campo de estudo capaz de informar sobre a constituição de identidades sociais. Relativamente recente para historiografia, esse campo possibilita o uso de documentação

diversa a exemplo da correspondência como fonte histórica, a qual expande o campo historiográfico e as possibilidades de entendimento das relações que se estabelecem nos diferentes contextos, suas práticas e representações. O conjunto documental em análise oferece múltiplas questões de interesse histórico. Escritas entre 1908 e 1919, eram postadas na cidade de São Carlos, interior de São Paulo, em resposta às cartas que recebia de Esther, remetidas da cidade de São Paulo, Capital. Por se achar estudando no interior de São Paulo, possivelmente na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Maximiliano assumia um cargo na Directoria de Industria Animal, da Estação Zootechnica “Dr Padua Salles”, na cidade de São Carlos, contudo, as cartas para Esther vão além da linguagem tradicional presente em cartas de amor com frases feitas, emocionadas e apaixonadas, pois relatam acontecimentos do cotidiano, relações sociais estabelecidas no convívio com familiares e amigos, ambiente de trabalho, doenças, mortes, assim como relações de gênero, implícitas nos ajustes do relacionamento amoroso que levou ao casamento celebrado supostamente entre o ano 1916 e 1917. A análise preliminar das cartas permite considerar que Maximiliano era um homem apaixonado, elegante, dotado de um refinamento que o diferenciava, mas também revela posicionamentos que delimitavam hierarquicamente as relações de gênero implicadas na dominação do masculino, portanto, em consonância com os valores sociais vigentes à época e preconizados pela elite paulista do período, da qual era representante. A pesquisa, em desenvolvimento, partiu do levantamento bibliográfico em torno das relações de gênero, em específico, no que concerne à masculinidade, além do uso da escrita epistolar como fonte para a pesquisa em história.

Júlia Carvalho Oliveira (UFOP)

Glossário de doenças/sintomas do século XVIII

A busca pela classificação sistemática das doenças é incessante entre historiadores e agentes da cura. No século XVIII surgiu a primeira tentativa de classificação de doenças por François de Lacroix, publicada com o nome de *Nosologia Methodica*. A princípio, a classificação de doenças sempre esteve ligada às causas de morte, mas foi posteriormente reconhecido que era desejável estender o sistema de nomenclatura para doenças que não eram mortais. No século XX, Bertillon adotou uma classificação paralela, ampliando a classificação internacional de doenças em causas de mortalidade e morbidade. Tendo em vista essa busca pela classificação das doenças, este trabalho teve por objetivo realizar um levantamento das doenças e sintomas que acometiam os escravos no século XVIII, no Termo de Mariana, e descrição dos seus significados, sistematizando os dados em um glossário para posterior análise. A partir da leitura de inventários *post mortem* do acervo do Arquivo da Casa Setecentista de Mariana, referentes ao período de 1700 a 1808, foram catalogados escravos, arrolados no item de bens, com algum sintoma ou doença. Os dados foram organizados em um glossário de acometimentos de saúde relativos aos cativos. Para a descrição do significado de cada termo foram utilizados o dicionário *Vocabulário português e latino (Bluteau, 1712)* e o manual de medicina *Erário Mineral (Luís Gomes Ferreira, 1735)*. Constam nas descrições do glossário a origem etimológica do termo, a descrição física do acometimento e, em alguns casos, sua conotação social. Este cruzamento de fontes permitiu a construção de um glossário de termos referentes às doenças e/ou sintomas descritos totalizando, até o momento, 161 entradas. Embora as descrições sobre as doenças sejam muitas vezes imprecisas ou subjetivas, esse processo permitiu uma maior compreensão sobre o corpo doente dos cativos, sendo possível estabelecer correlações entre as doenças – especialmente acidentes, incapacidade/disfunção, carências nutricionais - e as precárias condições de vida, alimentação e trabalho no cenário mineiro setecentista. Todavia, este é um estudo em andamento, sendo oportuna a possibilidade de discussão do que está sendo

construído, em busca de uma compreensão mais profunda sobre as implicações sócio-político-culturais nos processos de adoecimento, destacando novas possibilidades analíticas.

Juliana de Oliveira Ferreira (UFG)

Maya Angelou: a experiência da artista e a estetização do trauma

O objetivo deste trabalho é analisar, interpretar e compreender a trajetória artística de Maya Angelou, e suas correlações com a experiência existencial, enfocando especialmente o uso dos acontecimentos e dos traumas nos processos criativos. Observando os aspectos da relação entre os planos da experiência existencial e da criação, com foco no trauma e a transformação de seus conteúdos e formas em elementos da criação. Considerando a relevância do papel social ocupado por esta artista na sociedade norte-americana, no contexto da reflexão sobre a cultura afro-americana, traçando as relações entre a experiência vital e os processos coletivos vividos por mulheres negras nos EUA. Neste domínio iremos compreender a produção da artista no contexto teórico e estético do realismo traumático. Comparar a concepção de Hal Foster do realismo traumático com a concepção de realismo intensivo de Gilles Deleuze. Contextualizando o debate da obra, e da existência no campo das relações interculturais, de etnicidade, de violência e os processos de subjetivação daí decorrentes.

Kelly Carolyne Cirqueira Alves (UFT)

História e memória do “Massacre de Eldorado do Carajás”: exploração, conflito e violência no sul do Pará - 1995 - 2010

Nossa proposta de pesquisa pretende investigar e historicizar o conflito que ocorreu entre as forças de segurança do Estado do Pará (polícia militar) e os trabalhadores rurais, ocorrido no dia 17 de Abril de 1996 na cidade de Eldorado do Carajás, onde, mais uma vez, no que se refere às questões sociais vinculadas aos trabalhadores rurais e sua luta pela terra, o uso da violência prevaleceu como “solução” encontrada pelo mando político de caráter oligárquico, quase um “poder paralelo” a um poder judicial frágil, acasalado com interesses privados, mantidos pelo uso da força, neste quadro ocorre o denominado Massacre de Eldorado do Carajás, onde culminou com a morte de 19 trabalhadores rurais integrantes do MST. Assim vemos que esse fenômeno de violência na Amazônia da luta pela terra esta relacionada a questões como a relação entre poder, dominação e espaço agrário e para entender essa violência na fronteira Amazônica é preciso entender a natureza da utilização da terra e os agentes que constituem esse espaço agrário. A utilização da terra nessa região está relacionada principalmente a pecuária e essa escolha pela pecuária serve para justificar a apropriação de grandes quantidades de terra por poucos e isso acaba gerando conflitos entre os agentes sociais que compõe esse campo que são necessariamente colonos, posseiros, caboclos e seringueiros cada um deles inseridos de forma específica na região, mas essa esse espaço não é constituído apenas desses pequenos agentes, há também os “grandes”, bem como os fazendeiros, os empresários, os coronéis, os patrões, grileiros e vários órgãos que são associados, nesse sentido nossa pesquisa se propõem a levantar e problematizar as fontes disponíveis na CPT-Xinguara - PA no que concerne aos sentidos do conflito de Eldorado do Carajás em suas relações com as lutas históricas pela terra na Região Sul do Pará dando ênfase á análise das narrativas de memória construídas acerca dessas lutas.

Kirk Patrick da Cruz Vulcão (UFT)

Navegar e emergir: as visões e vozes dos agentes ribeirinhos ao longo do rio Tocantins sob a ótica de viajantes (1848 - 1897)

O estudo apresenta uma análise histórica social da cultura no que se refere às representações e modos de vida da população ribeirinha compreendida entre Belém - PA e São Geraldo do Araguaia - PA por intermédio da revisão literária e bibliográfica de viajantes ao longo dos anos 1840 e 1900.

Os autores estudados e suas obras são: Walter Henry Bates (Um naturalista no Rio Amazonas) Alfred Russel Wallace (Viagens pelo Amazonas e Rio Negro) Ignácio Baptista de Moura (De Belém a São João do Araguaia) e Henry Coudreau (Viagem ao Tocantins - Araguaia).

Objetiva-se com tal análise propor que as vozes e manifestações das populações locais transcendam o discurso dos doutos viajantes e sua perspectiva cultural embasada muitas vezes por um viés cientificista e civilizatório. Busca-se oferecer uma análise a fim de que o mero reducionismo ou erudição não excluam a identidade cultural e produção material de diversos agentes que se inter-relacionaram com a própria natureza e entre si enquanto agentes de transformação social.

Aborda-se a legitimidade das manifestações dos agentes ribeirinhos, situados na mesorregião tocantina a fim de contrapor a nomenclatura de “notáveis” (grupo oligárquico político e intelectual) bem como uma ruptura de tradição elitista e excludente. É interesse possibilitar um exame de consciência e identidade cultural. Trata-se de uma escolha pessoal que visa legitimar saberes, práticas e costumes de populações (índios, negros e brancos), abarcando o universo cultural e de costumes da região.

Entender as práticas vigentes faz-se necessário a fim de contemplar a pluralidade cultural associada a categorizações de duração do tempo histórico. Enfatiza-se a presença de elementos que tangem à circularidade cultural e a discussão de modos de vida da população que permitiam em um contexto de exploração do trabalho, sustentadora da abundância e riqueza de poucos ante a simplicidade de muitos.

Lais Gaspar Leite (UFU)

Tempos Modernos: A visão de Chaplin sobre a Revolução Industrial

Para a realização deste painel, escolhi expor meu tema de projeto de monografia, Tempos Modernos: A visão de Chaplin sobre a Revolução Industrial, um trabalho que caminha em passos detalhados, na qual, construo um discurso a respeito do período histórico entre fins do século XVIII e início do XIX, e seus principais agentes que caracterizam a revolução, sempre tendo como preocupação principal o filme de 1936.

Na elaboração desse projeto, arquitetei uma estrutura de capítulos dividindo-os em quatro momentos, para que os caminhos percorridos pelo leitor possam levá-los a uma melhor compreensão da temática. Assim, o primeiro capítulo ressaltará o autor e seu tempo, uma descrição da vida de Charlie Chaplin, o período em que viveu e como elaborou sua obra Tempos Modernos (1936).

O segundo capítulo abordará a historiografia do tema. Trabalharemos com autores que se dedicaram à escrita crítica da sociedade fabril. Detalhando, deste modo, cenas sobre o filme, relacionando-as com os documentos sobre a Revolução Industrial;

Assim, no penúltimo capítulo, serão levantados alguns conceitos marxistas encontrados no material audiovisual, ou seja, alienação e conceito de classe, edificando uma análise interpretativa da história escrita e do cinema crítico. Portanto, diante das formulações citadas, relacionaremos em meio aos aspectos dos personagens da revolução das máquinas um contexto psicanalítico.

De tal modo, encontraremos no vagabundo, personagem principal de Chaplin, um sentimento que a psicanalista Maria Rita Kehl discutiu em seu texto *Ressentimento* 2007. Esse atributo faz parte do caráter do vagabundo e de tantos outros personagens da Revolução, homens traumatizados com as modificações tecnológicas, mas, que não reagem ao processo, apenas seguem o curso do tempo. Pois, é assim que Chaplin personifica esse operário, sem confronto com a violência da política social.

No término do projeto, há espaço para as amarras conclusivas, ou seja, especulações diante da temática nos contornos do filme, as subjetividades e desconstruções do homem e da vida operária dentro da violência social e econômica nascida nos corredores das fábricas, e que são nutridas, lamentavelmente, nos dias atuais.

Larissa de Assumpção (UNICAMP)

A presença de obras ficcionais na coleção Teresa Cristina

Este trabalho tem por objetivo analisar a presença de romances na Coleção Teresa Cristina. Essa Coleção, que atualmente faz parte do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, é composta por cerca de 20000 livros que pertenciam à antiga biblioteca do Palácio de São Cristóvão e que foram doados pelo Imperador Dom Pedro II ao Brasil após a Proclamação da República. Das 20000 obras que compõe a Coleção, cerca de 680 pertencem ao gênero prosa ficcional. Essas obras ficcionais serão analisadas a partir da quantificação das línguas, locais de edição e autores predominantes no acervo. A partir desses dados, será possível verificar semelhanças e diferenças entre os romances presentes na antiga Biblioteca Imperial e as obras que mais circulavam entre o público amplo da época e, em especial, entre a sociedade do Rio de Janeiro oitocentista. Pretende-se, com essa pesquisa, contribuir para o estudo da circulação de romances no século XIX, além de apresentar evidências sobre a presença de livros desse gênero na antiga Biblioteca Imperial brasileira.

Larissa de Souza Oliveira (UNICAMP)

Congressos de Leitura do Brasil (1978-1995): a produção de um catálogo de fontes

Este trabalho é parte integrante do esforço de constituição de arquivo histórico da Associação de Leitura do Brasil (ALB). Um dos grupos documentais da Associação é formado pelos materiais produzidos no âmbito dos Congressos de Leitura do Brasil (COLE), que a entidade passou a organizar desde 1981, data de seu nascimento, dando continuidade aos dois congressos realizados anteriormente, sob a responsabilidade do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da Unicamp. Os Congressos, em suas diferentes edições, vêm gerando uma ampla gama de materiais, muitos dos quais representam um importante repertório

de vozes acerca da leitura no país e podem oferecer uma contribuição significativa a uma história recente da leitura no Brasil. São variados materiais (escritos em linguagem verbal; visual, sonora; áudio-visual) que expressam visões, relevâncias, pontos de vista, olhares em relação a vários aspectos ligados ao tema da leitura. A organização de um catálogo responde à necessidade de dar a ver esse conjunto de documentos em sua quantidade e diversidade, no período que recobre as 10 primeiras edições do Congresso (1978-1995). O esforço para a produção desse arquivo histórico ocorre desde 2009, no âmbito do projeto “ALB: Memórias”, que se desenvolve no Grupo de Pesquisa ‘Alfabetização, Leitura e Escrita’ e tem a perspectiva de levantar, reunir e organizar os documentos da ALB para apoio à construção de suas memórias, vez que se ligam a uma memória da leitura em nosso país e transformam-se num campo de experiência prática, coletiva e formativa em que se articulam não só ações concretas e operações de levantamento, organização e ordenação, como também de reflexão sobre a importância dessa ação na contemporaneidade.

Marcella Gonçalves da Costa (UFU)

O Teatro dos Críticos: Considerações iniciais sobre o Teatro de Jefferson Del’ Rios

A proposta deste painel é decorrente do projeto de pesquisa de iniciação científica, *O Teatro dos Críticos: Politização - Estetização - Pós- Modernização [1950 - 2010]*, sobre a orientação da Prof^a. Dr^a. Rosângela Patriota e incentivo do CNPq, que possibilita um novo olhar para a historiografia do teatro brasileiro através da ótica da crítica teatral. Diante dos percursos e problematizações desta pesquisa, viu-se a necessidade de ir além, o que vem desdobrando-se em uma pesquisa de monografia desde então.

Nosso estudo se debruça sobre o crítico teatral paulista Jefferson Del’ Rios e seus registros. Principalmente seus livros publicados pela “Coleção Aplauso Teatro Brasil” com a reunião de suas críticas desde 1969 (quando o autor ocupa a crítica teatral do jornal A Folha de São Paulo) até 2009 (estando em atividade atualmente no jornal O Estado de São Paulo). Temos, assim, um compilamento de 40 anos de ofício cujas críticas foram selecionadas por ele mesmo.

Nestas páginas, Jefferson é um autor destacado pelo seu ofício. Portanto, conhecemos assim uma parte de sua vida através dos seus registros como profissional da área teatral, crítica e jornalística. Injunções de uma via de mão única que optamos por partir do seu nome e dialogar com as áreas da arte e da cultura, da história e do teatro. Buscando em outras fontes, como o seu livro “Bananas ao Vento”, registros de sua autoria para além das críticas e das questões do seu tempo que possam complementar a pesquisa. Abarcando não só o modo como o autor realiza a crítica teatral, mas também o seu papel como crítico e a sua constituição como sujeito histórico.

Ao relacionar o discurso que Del’ Rios produziu em diferentes épocas com os “homens do teatro” de seu contexto, podemos perceber as marcas de seu tempo e as memórias constituídas por sua crítica. Partindo do pressuposto da crítica teatral ser mais que um registro, ela é, também, capaz de organizar a experiência histórica. Logo, ao pensar em Jefferson Del’ Rios, entrevemos as possibilidades para ver a escrita da História não só como privilégio do historiador.

Neste painel pretendemos trazer nossas percepções iniciais quanto a como Jefferson Del’ Rios compõe o seu teatro, ou seja, o seu caráter histórico, estético, suas propostas e suas singularidades. Consonantemente com as reflexões de cotejar o ofício do crítico, o seu discurso próprio e o do historiador, assim como trazer outros autores para o diálogo.

Matheus Simonton (UFMT)

Dramaturgia e Música: O efeito do distanciamento na Ópera do Malandro (1978) de Chico Buarque

Em a *Ópera do malandro* (1978), de Chico Buarque, uma adaptação da *Ópera dos três vinténs* de Bertolt Brecht, verifica-se uma narrativa não aristotélica, constituindo por meio do recurso da música a quebra do diálogo dramático e a ideia de uma ação una. O teatro épico para Bertolt Brecht é uma forma de pensar o teatro, negando a identificação e cartarse do teatro aristotélico, fazendo com que o espectador consiga refletir as ações dos personagens por meio da encenação. O principal meio que Brecht utiliza para a reflexão tanto dos personagens como dos espectadores, é o *Verfremdung Effect* - ou Efeito de distanciamento ou estranhamento. Esse efeito é capaz de fazer com que tanto os atores como o público sejam capazes de julgarem a cena. Uma das formas de efetivar o efeito estranhamento é por meio da música, que também tem o objetivo de quebrar a ilusão da cena. De acordo com Anatol Rosenfeld a utilização da música em cena se dá fundamentalmente com função de comentar o texto. Na *Ópera dos Três Vinténs* Brecht utiliza a música como recurso para os personagens comentarem os acontecimentos. Uma presença fundamental é de um coro com uma luminosidade e letreiros especiais interrompendo a cena, aumentando a possibilidade de novos horizontes para o público. Todos esses processos no teatro não são feitos de forma natural, ao contrário, eles fazem uma mudança brusca com real nitidez, a fim de que os espectadores percebam e consigam refletir sobre a cena. A intenção desta comunicação é discutir por meio da *Ópera do Malandro* a função da música no teatro épico como forma de tomada de posição face ao texto teatral.

Nayara Cristiny de Oliveira (PUC/GO)

As imagens e os espaços poéticos em memórias do subsolo, de Fiódor Dostoievski

Nosso trabalho tem por objetivo, buscar o desenvolvimento de um estudo da obra literária, *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoievski. Buscando a partir das relações entre o Imaginário Poético, Memória e História, observar a presença do imaginário poético e da memória no texto ficcional que transmite-nos o ato memorialístico do anônimo narrador. Para tanto, buscou-se verificar a transfiguração de uma realidade em um universo ficcional, a partir dos pressupostos teóricos de Sussane Langer, através dos quais, buscaremos realizar a leituras das metáforas presentes em nossa obra *corpus*. Em Langer, temos os conceitos de “memória virtual” e “poesis” em que supõe-se que a experiência cotidiana se realiza na expressão artística ficcional e que é através da memória que podemos analisar o processo de criação artística, pois pela memória revelada, no texto ficcional e que apresentam-se as percepções do anônimo personagem. Num segundo momento, nos deteremos a análise das imagens poéticas, contidas em nossa obra *corpus*, nesse sentido o estudo ainda prevê, através da abordagem da fenomenologia da imagem que as imagens que descrevem os espaços poéticos contidos na obra podem ser abordadas pela perspectiva da imaginação poética, como nós indica a fenomenologia de Gaston Bachelard em “*A Poética do Espaço*”.

Rafael Porto Ribeiro (UFCEG)

Mulheres nas engenharias - estudo de história da ciência e tecnologia em Campina Grande (1952-1970)

O presente trabalho é resultado do projeto “**Mulheres nas Engenharias: Estudos da História, Ciência e Tecnologia**”, desenvolvido pelo PIBIC/UFCEG-2013-2014. Esse projeto teve como objetivo promover uma pesquisa para identificar mulheres que fizeram parte da Escola Politécnica como alunas, professoras e/ou. A Escola Politécnica da Paraíba foi a primeira instituição de ensino superior de Campina Grande-PB a se consolidar. Criada em 1952 com o curso de Engenharia Civil teve sua primeira expansão com a criação dos cursos de Engenharia Elétrica (1963) e Engenharia Mecânica (1966). A Politécnica foi reconhecida ainda em fins dos anos cinquenta como uma das melhores instituições de ensino superior do Nordeste, atraindo assim, o público de estudantes masculino e também o público feminino. O desafio de nossa pesquisa foi investigar a participação feminina na Politécnica, em uma época onde a mulher associada ao espaço público era uma aquisição restrita. Em nossa pesquisa utilizamos documentação da Escola Politécnica da Paraíba, localizada no Arquivo Geral da UFCEG; e, utilizamos da metodologia da História Oral para a realização de entrevistas com mulheres e homens ex-estudantes e/ou professores da Politécnica, cuja colaboração nos permite avançar no conhecimento de questões do cotidiano da Politécnica no período pesquisado, e também analisar como as mulheres eram vistas nesse espaço, e alguns aspectos sobre suas escolhas profissionais e desafios em um espaço ainda hoje tido como essencialmente masculino.

Raquel Pereira Leite (UNICAMP)

O papel dos tradutores nos teatros fluminenses do séc. XIX

O objetivo deste trabalho é mostrar o papel de mediação cultural desempenhado pelos tradutores portugueses no processo de difusão do repertório dramático francês no Brasil durante o século XIX. Dentre os tradutores lusitanos, destaca-se o trabalho de Francisco Palha que colaborou para a apropriação brasileira dos gêneros musicados de maior sucesso nos palcos parisienses, tais como as óperas-cômicas do grande compositor Jacques Offenbach. A tradução de operetas francesas para o português contribuiu para a popularização dos espetáculos antes encenados, no Rio de Janeiro, apenas em língua original no teatro Alcazar. Para demonstrar esta mediação cultural foram utilizadas fontes primárias, jornais e catálogos de livreiros, a fim de obter dados sobre a circulação das peças traduzidas por portugueses, encenadas, publicadas e comercializadas no Brasil. A pesquisa realizada até o momento permite concluir que Francisco Palha verteu para o português peças de enorme notoriedade, como *Barbe Bleue* e *La Fille de Madame Angot*, compondo o rol das operetas mais representadas em Portugal segundo *Souza Bastos*, como também no Brasil.

Samuel Fernando da Silva Junior (UFMS)

O povo vai às ruas: o movimento “Diretas Já” em Campo Grande - MS (1984)

A presente pesquisa analisa o movimento “Diretas Já” no município de Campo Grande - MS, no período de 1984. Esse movimento ocasionou grandes mobilizações de várias camadas da

sociedade brasileira em busca pela redemocratização, o descontentamento com o regime militar se agravou devido à recessão econômica no início da década de 1980, ocasionando o aumento da inflação que prejudicou a maioria dos brasileiros. O acordo firmado entre o governo e o FMI (Fundo Monetário Internacional) acabou beneficiando o capital estrangeiro acarretando na diminuição do prestígio de alguns setores da burguesia local. Como objeto de análise, será utilizado um periódico local, *Jornal da Manhã*, que nos fornece fortes indícios da mobilização que o movimento provocou na cidade de Campo Grande. Para tal pesquisa, utilizo como referencial o historiador Vanderlei Elias Nery, e o sociólogo Eder Simão Sader à cerca do movimento “Diretas Já”. Busco saber qual era o engajamento da população, e descrever quais eram os setores da sociedade que estavam participando e/ou manipulando o movimento (mídia, sindicatos, partidos políticos, etc). Portanto a presente pesquisa analisa o movimento “Diretas Já”, tendo como enfoque a participação social e política na cidade de Campo Grande.

Samuel Nogueira Mazza (UFU)

Um breve estudo sobre a Quasar Cia. de Dança

A escassa produção bibliográfica de origem acadêmica é um problema comum para todo pesquisador que se propõe investigar a dança. Como diz Daniela de Souza Reis em sua dissertação de Mestrado:

A carência de material para pesquisa, a falta de incentivo, e parceria na área, a concentração de institutos de pesquisas nos grandes centros (...) é quase uma barreira para o pesquisador. Por outro lado, torna-se também um grande estímulo quando se pensa na possibilidade e urgente necessidade de escrever sobre essa área tão carente de estudos (...). (REIS, 2005, p.6).

A pouca bibliografia produzida sobre a Quasar aponta para o espetáculo *Versus* (1994) como um grande marco. Pois, com *Versus* o grupo fez duas apresentações no exterior, uma na Alemanha outra em Israel (ROCHELLE, 2012, p.2). Através dessa pesquisa financiada pela CNPq, pretendemos fazer um movimento diferente, observando o processo de amadurecimento da companhia, sem estabelecer marcos ou personagens principais para tal.

A Quasar Cia. de Dança se formou em 1988 pela união do coreógrafo Henrique Rodovalho e pela ex-bailarina, e diretora da Quasar Vera Bicalho. Outro personagem importante para o surgimento da companhia foi Julson Henrique coreógrafo do grupo Energia Núcleo de Dança, o primeiro grupo de dança contemporânea em Goiânia, do qual Vera Bicalho também fazia parte.

Importante para compreender a Quasar é entender a formação de Henrique Rodovalho. O coreógrafo que está até hoje a frente da companhia nunca foi dançarino, ou se formou em dança. Rodovalho é formado em Educação Física e teve contato com a dança na disciplina Rítmica oferecida pela Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás (ESEFEGO).

Nessa pesquisa pretendemos compreender como a Quasar Cia. de Dança se destacou fora do eixo Rio - São Paulo. Outra questão são os temas presentes nos espetáculos da Quasar o humor dos primeiros espetáculos, que foi cedendo lugar para uma dança mais técnica nas apresentações mais recentes, o feminismo constante. Enfim, mostrar como a dança contemporânea da companhia está inserida em um processo longo do desenvolvimento da dança brasileira.

Thiago do Amaral Biazotto (UNICAMP)

A “barbarização” de Alexandre Magno na historiografia: séculos XIX, XX e XXI em contraste

A pesquisa busca refletir sobre as formas como Alexandre Magno (356 - 323 a.C.) foi representado como monarca persa em três trabalhos historiográficos: *Alexandre: o grande* (1833), de Johann Gustav Droysen (1808-1884), *El imperialismo macedonico y la helenización del oriente* (1927), de Pierre Jouguet (1869-1949) e *Alexandre, o grande* (2001), de Claude Mossé (1925-). Diante da dimensão do recorte, entende-se por barbarização o fato de o macedônio sentar-se no trono de Ciro, usar da vestimenta persa e tornar obrigatória a feitura da *proskynesis* – o ato de curvar-se perante o monarca –, de vez que tais atitudes foram classificadas pelos greco-macedônios como marcas indelévels do despotismo oriental. Escritas em momentos históricos deveras distintos, as fontes ofertam alocações distintas e peculiares. De modo esquemático, Droysen enxerga na adoção de protocolos da realeza persa por Alexandre uma perspicaz estratégia na tentativa de comandar as turbas persas, Jouguet as vê como atitudes horrendas que fizeram o conquistador se tornar um déspota da mais infame laia e Mossé, por fim, as encara de maneira ambígua, típicas de alguém cujos propósitos de campanha eram dúbios. Deste modo, espera-se que a pesquisa tenha apresentado uma visão plural de uma temática ainda pouco explorada nos estudos sobre Mundo Antigo.

Victor Henrique da Silva Menezes (UNICAMP)

Representações da Antiguidade, discursos sobre a modernidade: a chegada de Júlio César à Alexandria em fontes textuais antigas e produções midiáticas modernas

O painel apresentará a pesquisa de monografia que visa estudar as representações e os discursos, na Antiguidade e na Modernidade, da chegada de Júlio César a Alexandria em 48 a.C. A ser aceita a tradição historiográfica antiga, no enalço de seu rival político, Pompeu, Júlio César aportou às praias do Egito com recepção ambígua e lá teria demonstrado os mais distintos valores morais romanos quando confrontado com a trágica notícia do assassinato traiçoeiro de seu conterrâneo por mando dos governantes egípcios. Entende-se que esse momento de contato entre César, um representante de Roma, e a cidade de Alexandria, capital de um Egito considerado inepto, e em última instância, diferente e ardiloso, causou estranhamento e despertou alteridades não só na Antiguidade, mas também deixou marcas ressignificadas na modernidade, em especial, nas obras cinematográficas e televisivas. Com tais pressupostos, tem-se o objetivo de estudar as representações e os discursos criados acerca dessa chegada nos textos dos autores antigos e nas imagens e sons usados para representar esse mesmo momento nos filmes e seriados contemporâneos.